

Ronaldo Ribeiro Jacobina

**MEMÓRIA HISTÓRICA DO
BICENTENÁRIO DA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
(2008)**



VOLUME III

**PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS
E ESTUDANTES DA FAMEB**

2013

RONALDO RIBEIRO JACOBINA

**MEMÓRIA HISTÓRICA DO
BICENTENÁRIO DA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (2008)**

VOL. 3

**OS PROFESSORES ENCANTADOS, A
VISIBILIDADE DOS SERVIDORES
E O PROTAGONISMO DOS ESTUDANTES
DA FAMEB**

FAMEB-UFBA

MARÇO – 2013

Copyleft (C) 2013 pela humanidade

Nenhum direito reservado. Qualquer parte deste livro pode ser reproduzida ou transcrita por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação – sem necessidade de prévia autorização, para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte, inclusive a editora, sejam citados e esta nota seja incluída.

Leitores críticos:

Vera Lúcia Almeida Formigli

Fernando Martins Carvalho

Capa: Anfiteatro Prof. Alfredo Britto. Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA, Terreiro de Jesus, Salvador, Bahia ((Fonte: foto de Edmar Melo).

Esta edição é comemorativa do bicentenário da primeira Escola Médica do Brasil: Escola de Cirurgia, Colégio Médico-Cirúrgico e depois Faculdade de Medicina da Bahia (1808-2008).

UFBA/SIBI/Bibliotheca Gonçalo Moniz: Memória da Saúde Brasileira

J17 Jacobina, Ronaldo Ribeiro
Memória histórica do bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (2008):
Os Professores encantados, a visibilidade dos Servidores e o protagonismo dos
Estudantes da FAMEB.
Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA, 2013.

3 v. : il. [fotogr.; tab.; graf. diagr.] Vol.3: 538 p. (527 páginas numeradas).

Anexos.

1. Faculdade de Medicina da Bahia – História. 2. Universidade Federal da Bahia –
Faculdade de Medicina da Bahia. I. Título.

CDU – 61(813.8)(091)
CDD – 610.7098142

DEDICATÓRIA

I

Deraldo e Eunice
(In memoriam)

Um caráter sem deslizes
E a beleza em perfeição:
Raízes;

Neci
Fruta boa
Que, destino, acaso ou arte,
Fez-se parte;

André, Beatriz e Cecília

Sementes,
Um alfabeto
De Afeto.

Árvore genealógica,
JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *No Baú da Cafua.*
Salvador: Pórtico, p. 97, 2004; modificado.

II

Aos meus “eternos” **Professores** que dignificam esta prática humana, demasiado humana:

Adilson Sampaio, Álvaro Rubim de Pinho, Antônio Carlos Vieira Lopes, Gilberto Rebouças, Eliane Azevedo, Jairnilson Paim, Luiz Umberto Pinheiro, Nelson Barros, Rodolfo Teixeira, Romélio Aquino, Sônia Gumes Andrade e Zilton Andrade.

“Caros *Doutores, Livres Docentes*, imprescindíveis *Mestres* - porque, sendo exemplos, transcendem seus tempos de docência - recebam esta homenagem com júbilo, pois, como nos ensina o livro sagrado: “...verifiquei que nada há de melhor para o homem do que alegrar-se com o fruto de seus trabalhos” - *Eclesiastes*, 3:22.

Aos Meus Mestres de A até Z (Ibidem, p. 27-28, 2004)



Anfiteatro Alfredo Britto - Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA

AGRADECIMENTOS

Vera Lúcia de Almeida Formigli

Antonio Carlos Nogueira Britto

Alex Guedes

Almira Maria Junquilha Vinhaes

Antonio Nery Filho

Clara Barros de Oliveira

Cristina Maria Mascarenhas Fortuna

Denise Ramos Sapucaia

Edvaldo Pereira dos Santos Filho

Fernando Martins Carvalho

Francisca Cunha Santos

Guaraci Adeodato

Henrique Luiz dos Santos

Jose Neiva Eulálio

José Tavares Carneiro Neto

Josias Cardoso Sena

Lorene Louise Silva Pinto

Luis Bispo Almeida

Magnólia Carvalho Valverde

Marcelo Benício dos Santos

Maria das Graças Miranda Ribeiro

Paulo Novis Rocha

Roberto Lorens Marbach

Sônia Maria Ribeiro de Abreu

Sumaia Boaventura André

Tarcísio Matos de Andrade

Tripoli Francisco Britto Gandenzi

Viêma Lima Nonato de Oliveira

Uendel Dias Santos

É imperativo nomeá-los,

Tudo mais é redundância.

LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÔNIMOS E SIGLAS

ABP = Associação Brasileira de Pediatria

ACC = Atividade Curricular em Comunidade

ACPGMS = Associação da Pós-Graduação Medicina e Saúde

CAPES = Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAO = Centro de Estudos Afro-Orientais

CCGM = Colegiado de Curso de Graduação em Medicina

CEPARH = Centro de Pesquisas e Assistência em Reprodução Humana

CFM = Conselho Federal de Medicina

CI = Comunicado Interno

CINAEM = Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico

CIUCP = Centro de Integração Universidade – Comunidade do Pelourinho

CPqGM = Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz

CNRM = Comissão Nacional de Residência Médica

COM-HUPES = Complexo Hospitalar Universitário Prof. Edgard Santos

CONSEPE = Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão [da UFBA]

CONSUNI = Conselho Universitário [da UFBA]

COREME = Comissão de Residência Médica

CPD = Centro de Processamento de Dados

CPGMS = Curso de Pós-Graduação em Medicina e Saúde

CPPHO = Centro Pediátrico Prof. Hosanah de Oliveira

CREMEB = Conselho Regional de Medicina da Bahia

D.A. = Diretório Acadêmico

DAC = Departamento de Cirurgia

DAMED = Diretório Acadêmico de Medicina

DAPML = Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal

DCE = Diretório Central dos Estudantes

DE = Dedicção Exclusiva

DEGORH = Departamento de Ginecologia, Obstetrícia e Reprodução Humana

DEPMED = Departamento de Medicina

DEPPED = Departamento de Pediatria

DMP = Departamento de Medicina Preventiva

DMPS = Departamento de Medicina Preventiva e Social

ECH = Ética e Conhecimento Humanístico

ENADE = Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

EOS = Escola de Oficina de Salvador

FAMEB – Faculdade de Medicina da Bahia (acrônimo)

FAMED = Faculdade de Medicina

FAPESB = **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia**

FAPEX = Fundo de Apoio à Pesquisa e Extensão

FBC = Fundação Baiana de Cardiologia

FFCH = Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

FMB = Faculdade de Medicina da Bahia (sigla)

GMB = Gazeta Médica da Bahia; GMBahia = Gazeta Medica da Bahia

HAN = Hospital Ana Néri
HGE = Hospital Geral do Estado
HUPES = Hospital Universitário Prof. Edgard Santos

IBHMCA = Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins
IAPC = Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários
IBIT = Instituto Brasileiro para Investigação do Tórax
ICS = Instituto de Ciências da Saúde
ISC = Instituto de Saúde Coletiva
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LAC = Liga Acadêmica de Cirurgia
LAEME - Liga Acadêmica de Emergências Médicas
LAMID = Liga Acadêmica de Medicina Intensiva da Bahia
LAORT = Liga Acadêmica de Ortopedia e Traumatologia
LAPED = Liga Acadêmica de Pediatria

MAE = Museu de Arqueologia e Etnologia
MH = Memória Histórica

NACPC - Núcleo de Atendimento a Criança com Paralisia Cerebral
NEMA = Núcleo de Estudos de Medicina da Adolescência
NICSA = Núcleo de Incentivo cultural de Santo Amaro
NUPE – Núcleo de Pesquisa Experimental

ORL = Oto-Rino-Laringologia

PAD = Processo Administrativo Disciplinar
PAED = Programa de Alunos Especiais - Docentes
PET - Programa de Educação Tutorial
PMH = Projeto Memória Histórica
p.p. = próximo passado
PROAP = Programa de Apoio às Pró-Graduações
PROGRAD = Pró-Reitoria de Graduação
PRO-SAÚDE = Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde

RMPS = Residência em Medicina Preventiva e Social
RMT = Residência em Medicina do Trabalho

SAAB = Sociedade Acadêmica Alfredo Britto
SAD = Superintendência Administrativa
SAP = Serviço de Anatomia Patológica
SBA= Sociedade Beneficência Acadêmica
SBI = Sociedade Brasileira de Imunologia
SCM = Santa Casa de Misericórdia
SESAB = Secretaria da Saúde do Estado da Bahia
SINAES = Sistema Nacional de Avaliação de Educação Superior.
STA = Servidor Técnico-Administrativo
STAE – Servidor Técnico-Administrativo em Educação

UBA = Universidade da Bahia
UEFS = Universidade Estadual de Feira de Santana
UERJ = Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFS = Universidade Federal de Sergipe
UFAL = Universidade Federal de Alagoas
UFBA = Universidade Federal da Bahia
UFMG = Universidade Federal de Minas Gerais
UFRB = Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRN = Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNE = União Nacional dos Estudantes
UNIFAP = Universidade Federal do Amapá
UPL = Unidade de Pequenos Lactantes
USF= Unidade de Saúde da Família
USP = Universidade de São Paulo

VOIP = Voz sobre protocolo Internet

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Professores: Galeria dos Professores encantados da Faculdade de Medicina da Bahia 01

- 1.1. Relação nominal de professores, em especial, lentes, catedráticos e titulares da Faculdade de Medicina da Bahia, em sua maioria, falecidos após o ano de 1946 03
- 1.2. Breve biografia de professores da galeria dos encantados da Faculdade de Medicina da Bahia (1931; 1933; 1947-2011) 08

ÍNDICE – Notas Biográficas dos Professores na Galeria dos encantados (ordem crescente por data de encantamento; do mais antigo ao mais recente; 1931-2011) 09

REFERÊNCIAS- Cap. 1 277

Capítulo 2 – Servidores Técnico-Administrativos OS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS NOS 200 ANOS DA FAMEB: Alguns acontecimentos e protagonistas desta história (1808-2008) 299

- 2.1. SECRETÁRIOS E TESOUREIROS DA ESCOLA MÉDICA DA BAHIA 300
 - 2.1.1. Secretários da Escola médica 300
 - 2.1.2. Doutor Sabino: o tesoureiro da FAMEB 302
- 2.2. DE PORTEIRO E ESTUDANTE A PROFESSOR E DIRETOR DA FMB 309
- 2.3. O AMANUENSE-ARQUIVISTA ANSELMO PIRES DE ALBUQUERQUE 313
- 2.4. AS FUNCIONÁRIAS DA FAMEB 315
 - 2.4.1. As Primeiras Funcionárias da Fameb 316
 - 2.4.2. As Funcionárias da FAMEB em maioria no ano do bicentenário 317
- 2.5. O BEDEL DA FAMEB PEDRO ARCHANJO E AS QUALIDADES DO HERÓI DA FICÇÃO PRESENTES EM PESSOAS REAIS 318
 - 2.5.1. Os bedéis Evaristo Leão Veloso e João Francisco do Sacramento, o *Half Back* 321
 - 2.5.2. A funcionária Norma Murici, esse anjo de riso raro 324
 - 2.5.3. Outros Anjos servidores da Fameb 325
 - 2.5.4. Outros exemplos reais com as qualidades de Archanjo 326
- 2.6. ‘SEO’ LEVI – DEFENSOR DO ESTUDANTE - E ‘SEO’ BINA – BARBEIRO DA FAMED E GUARDIÃO PERPÉTUO DO DAMED 326
 - 2.6.1. O Barbeiro da FAMED 328
- 2.7. A CONQUISTA DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS NA FAMEB 331

2.8. BIBLIOTECÁRIOS E AUXILIARES DA BIBLIOTECA DA FAMEB	332
2.8.1. Afrânio Coutinho, médico bibliotecário da FAMEB	334
2.8.2. <i>Bibliotheca</i> Gonçalo Moniz da Memória da Saúde Brasileira	339
2.8.3. Os servidores da Biblioteca no Prédio da FAMEB do Vale do Canela	340
2.9. E O NAVE VAI: A CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO NÚCLEO AVANÇADO DE ENSINO DA FAMEB-UFBA	341
2.10. A DISTRIBUIÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS EM 2008	344
2.11. OS FUNCIONÁRIOS HOMENAGEADOS	349
CONSIDERAÇÕES FINAIS	352
FIGURAS	352
REFERÊNCIAS – Cap. 2	362
Capítulo 3 – Acadêmicos de Medicina	
O PROTAGONISMO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA	367
Da criação da Escola de Cirurgia até o Colégio Médico-Cirúrgico (1808-1831) e o 1º centenário como Faculdade de Medicina da Bahia (1832-1932)	368
3.1. OS ESTUDANTES NO PERÍODO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CIRURGIA E DO COLÉGIO MÉDICO-CIRÚRGICO (1808-1832)	369
3.1.1. Acadêmicos de Medicina na luta pela Independência do Brasil na Bahia	371
3.1.2. Outros Acadêmicos de Medicina desse período (1808-1832) que se destacaram como médicos, professores ou políticos	372
3.2. OS ACADÊMICOS NA HISTÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA NO BRASIL DA REGÊNCIA E 2º IMPÉRIO (1832-1888)	377
3.2.1. A Faculdade de Medicina da Bahia nos tempos do Cólera	378
3.2.2. Da reforma de 1854 à visita de Pedro II	380
3.2.3. Acadêmicos e Lentes da FAMEB na Guerra do Paraguai	381
3.2.4. Um acadêmico laureado na ‘Escola Tropicalista da Bahia’	396
3.2.5. A “Polícia Acadêmica” e a impetuosidade dos Acadêmicos	397
3.2.6. Reprovado pela Congregação, aprovado pela história: O discurso do orador na formatura de 1871	400
3.2.7. As primeiras estudantes de medicina e as primeiras médicas na Bahia	402
3.2.8. A Faculdade de Medicina da Bahia e a Luta Abolicionista	404
- Protagonismo acadêmico na luta Abolicionista	409
- Um acadêmico abolicionista e republicano: Sérgio Cardozo	411
3.3. ESTUDANTES DA FAMEB NO PERÍODO DA LUTA REPUBLICANA ATÉ O ANO DO CENTENÁRIO ENQUANTO FACULDADE (1932)	414
3.3.1. Acadêmicos de Medicina na luta pela proclamação da república	415
3.3.2. A brilhante tese de um formando e a vitória dos sextanistas da FMB contra o preconceito racial e em defesa do mérito acadêmico num concurso docente	420
3.3.3. Estudantes e professores da FAMEB e a guerra de Canudos	425
3.3.4. A greve estudantil no início do século XX e a renúncia do Diretor	431

3.3.5. O devastador incêndio da Fameb em 1905 e a ação solidária de sua comunidade, em especial dos acadêmicos da escola <i>mater</i>	435
3.3.6. A FAMEB e a revolução constitucionalista de 1932: uma vitória da solidariedade contra a ditadura, em 22 de agosto de 1932	436
3.4. AS ENTIDADES ESTUDANTIS NA FAMEB	445
3.4.1. Sociedade de Beneficência Acadêmica	445
3.4.2. Sociedade Acadêmica Alfredo Britto	448
3.4.3. Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia	449
3.5. UMA PESQUISA HISTÓRIA PARA SER FEITA	452
3.5.1. A luta pela criação do hospital-escola.	452
3.5.2. Os estudantes e o movimento contra o nazifascismo	453
3.5.3. As lutas estudantis no regime militar (1964-1985) e na pós-ditadura	455
- A sede do DAMED depredada em 1971	457
- As lutas estudantis no processo de redemocratização da sociedade brasileira e o protagonismo na conjuntura mais recente; uma história por fazer	458
CONSIDERAÇÃO FINAL	460
FIGURAS 1 – ALGUNS DOS ALUNOS PROTAGONISTAS	461
ANEXO I - 100 Anos de Periódicos Acadêmicos da FAMEB	467
ANEXO II - Os Prêmios da FAMEB e os Acadêmicos Laureados	473
FIGURAS 2 – ALGUNS DOS ALUNOS LAUREADOS	483
FIGURAS 3 – ALGUNS DOS COORDENADORES DO DAMED (1999 -2009)	502
REFERÊNCIAS – CAP. 3	506
PARECER DO RELATOR - DR. ANTONIO CARLOS NOGUEIRA	517
BRITTO , aprovado na Congregação da FAMEB-UFBA em 05 de Março de 2013	

CAPÍTULO 1

PROFESSORES

GALERIA DOS PROFESSORES *ENCANTADOS DA FACULDADE* DE MEDICINA DA BAHIA

“Saber e saber ensinar são cousas diferentes. O *mérito de um professor*, como tal, não está somente no que sabe, mas, também, muito especialmente, *no que ensina e na maneira porque ensina* o que sabe: aí está a principal dificuldade.”

José Adeodato de Souza

In: TEIXEIRA, Rodolfo. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)*. Salvador: Edufba, 1999, p.81, grifo nosso.

De acordo com o médico e escritor Guimarães Rosa (1984, p.469) “as pessoas não morrem, ficam encantadas”. Desse modo, nesta seção, damos continuidade à Galeria de Professores Falecidos feita pelo prof. Eduardo de Sá Oliveira de 1808 a 1946.

Essa Galeria, que apresenta breve nota biográfica, toma como referência o encantamento dos docentes a partir de 1947, mas fará registros anteriores daqueles professores que foram protagonistas na história desta Faculdade que, em geral por não serem catedráticos, não foram contemplados pela Memória Histórica de Eduardo Oliveira.

A Galeria terá também o registro de alguns dos médicos renomados que foram formados na FAMEB, muito deles protagonistas da história da Faculdade enquanto estudantes.

A sequência será feita, do mesmo modo que fez o Prof. Eduardo Oliveira, segundo a data de falecimento, ou seja, pela cronologia do encantamento.

De modo geral, para fazer a nota biográfica dos professores “encantados”, utilizamos dos dados obtidos seguindo os seguintes itens:

1. Nome completo do biografado, data e local de nascimento; nomes dos pais;
- 2 – Estudos preparatórios antes da Faculdade;
- 3 – Período na faculdade de medicina, ano de graduação, turma e tese doutoral;
- 4 – Atividades médicas, sobretudo no início da carreira;
- 5 – Casamento, com nome da (o) cônjuge e dos filhos (se houver);
- 6 – Carreira docente, com destaque para a livre docência, pós-graduação; teses de concurso;
- 7 – Participação em entidades científicas e culturais, médicas ou para além da medicina;
- 8 – Data e local do “encantamento” e formas de permanência (nomes de ruas, instituições de saúde, de premiações e outras);
- 9 – Testemunhos de parentes, colegas, alunos e pessoas beneficiadas por atos dos biografados, mas, quando obtidos, testemunhos críticos também são citados;
- 10 – Principais obras publicadas (sempre que possível);
- 11 – Sugestão de leituras específicas sobre o biografado.

I

RELAÇÃO NOMINAL DE PROFESSORES, EM ESPECIAL, LENTES, CATEDRÁTICOS E TITULARES DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, EM SUA MAIORIA FALECIDOS APÓS O ANO DE 1946.

ORGANIZADOS EM ORDEM CRESCENTE PELO ANO DE FORMATURA.

*** Compilação feita por
Antonio Carlos Nogueira Britto
e Ronaldo Ribeiro Jacobina.**

1893 – 77ª Turma

Francisca Barreto Prager – Professora de Obstetrícia (1ª Professora da FMB)

1895 - 79ª Turma

João Américo Garcez Fróes - Prof. Catedrático de Clínica Médica

1896 - 80ª Turma

Manoel Augusto Pirajá da Silva - Prof. Catedrático de História Natural e Parasitologia

1897 - 81ª Turma

Julio Afrânio Peixoto – Professor de Medicina Legal

1898 - 82ª Turma

Antônio do Amaral Ferrão Muniz - Prof. Catedrático de Química Fisiológica/Q. Clínica

Luiz Pinto de Carvalho - Prof. Catedrático de Clínica Neurológica

Menandro dos Reis Meirelles Filho - Prof. Catedrático de Clínica Obstétrica

1900 – 84ª Turma

Flaviano Innocêncio da Silva – Prof. Catedrático de Dermatologia

1902 - 86ª Turma

Eduardo Diniz Gonçalves - Prof. Catedrático da cadeira de Anatomia (1ª Cadeira).

1903 - 87ª Turma

Albino Arthur da Silva Leitão - Prof. Catedrático de Clínica Dermatológica e Sifilográfica

Clementino da Rocha Fraga - Professor Substituto (FMB) -Professor Catedrático de
Clínica Médica (FMRJ) – Professor Emérito da FMB

1906 - 90ª Turma

Agrippino Barboza – Professor Catedrático de Patologia Médica

1907 - 91ª Turma

Antonio Ignácio de Menezes - Prof. Catedrático de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental

Aristides Novis - Prof. Catedrático de Fisiologia (2ª Cadeira)

José Olympio da Silva - Prof. Catedrático de Clínica Médica (2ª Cadeira)

1908 - 92ª Turma

Joaquim Martagão Gesteira - Prof. Catedrático de Pediatria Médica e Higiene Infantil

1909 - 93ª Turma

Almir Sá Cardoso de Oliveira - Prof. Catedrático de Clínica Obstétrica

Fernando José de São Paulo - Prof. Catedrático de Terapêutica Clínica

Maria Odília Teixeira – Professora Auxiliar de Clínica Obstétrica

Octavio Torres - Prof. Catedrático de Clínica Médica

1910 - 94ª Turma

Mário Andréa dos Santos – Prof. Catedrático de Anatomia Patológica / Histologia

1911 - 95ª Turma

Euvaldo Diniz Gonçalves - Prof. Catedrático de Química Médica

1912 - 96ª Turma.

Eduardo Lins Ferreira de Araújo Prof. Catedrático de Microbiologia

1913 - 97ª Turma

João Cesário de Andrade - Prof. Catedrático de Clínica Oftalmológica

1917 - 101ª Turma

Edgard Rêgo Santos - Prof. Catedrático da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica

1919 - 103ª Turma

Francisco Peixoto de Magalhães Netto - Prof. Catedrático de Higiene

1920 - 104ª Turma

Cezar Augusto de Araujo - Prof. Catedrático de Tisiologia/Pneumologia

1921 - 105ª Turma

Estácio Luiz Valente de Lima - Prof. Catedrático de Medicina Legal

1922 - 106ª Turma

Eduardo de Sá Oliveira - Prof. Catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica

Heitor Prager Fróes - Prof. Catedrático de Doenças Tropicais e Infecciosas

Raphael de Menezes Silva - Prof. Catedrático de Anatomia Topográfica (2ª Cadeira)

1924 - 108ª Turma

Flávio de Araujo Faria - Professor catedrático de Clínica Cirúrgica

1925 - 109ª Turma

Audemaro Silvino Pinto Guimarães – Prof. Catedrático da cadeira de Anatomia

Edístio Pondé - Professor Catedrático de Neurologia

1927 - 111ª Turma

Alício Peltier de Queiroz - Professor Catedrático de Clínica Ginecológica

Carlos Rodrigues de Moraes - Professor Catedrático de Otorrinolaringologia

Hosannah de Oliveira - Professor Catedrático de Clínica Pediátrica

Jorge Valente - Professor Catedrático de Clínica Urológica

José Eugênio Mendes Figueiredo* - Professor Catedrático de Patologia Geral

José Silveira - Professor Catedrático de Tisiologia

1929 - 113ª Turma

Benjamim da Rocha Salles - Professor Catedrático de Ortopedia

José Adeodato de Souza Filho - Professor Catedrático de Obstetrícia

Lafayette Coutinho de Albuquerque - Professor Catedrático de Urologia

Rodrigo Bulcão de Argollo Ferrão - Professor Catedrático de Cirurgia

1930 - 114ª Turma

Carmen Mesquita Torres – Professora de Clínica Médica

1931 - 115ª Turma

Alexandre Leal Costa - Professor Catedrático de Parasitologia

Edgar Pires da Veiga - Professor Catedrático de Farmacologia

João José de Almeida Seabra - Professor Catedrático da FMB

Maria José Salgador Lage – Professora Assistente da FMB e Adjunta da FM-UFRJ

1933 - 117ª Turma

José Coelho dos Santos - Professor Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas

1934 - 118ª Turma

Heitor da Costa Pinto Marback - Professor Catedrático de Clínica Oftalmológica

1936 - 120ª Turma

Tripoli Francisco Gaudenzi - Professor Catedrático de Bioquímica

1937 - 121ª Turma

Fernando Freire de Carvalho Luz - Professor Catedrático de Cirurgia

1939 - 123ª Turma

Augusto da Silveira Mascarenhas - Professor Catedrático de Propedêutica Médica

Itazil Benício dos Santos - Professor Titular de Radiologia

1941 - 125ª Turma

Renato Tourinho Dantas - Prof. Titular de Cirurgia (Técnica Operatória)

1943 - 127ª Turma

Jorge Augusto Novis - Professor de Fisiologia

1945 - 129ª Turma

Álvaro Rubim de Pinho - Professor Catedrático de Psiquiatria

1947 - 131ª

Jessé Santiago Acioly Lins (Jessé Accioly) – Professor Propedêutica Médica e Psiquiatria

1948 - 132ª Turma

Annibal Muniz Silvany Filho - Professor de Anatomia Patológica, Histologia

José Maria de Magalhães Netto - Professor Titular de Obstetrícia

1949 - 133ª Turma

Fernando Visco Didier - Professor Titular de Cirurgia

Geraldo de Sá Milton da Silveira - Professor Titular de Cirurgia

Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa – Professor Titular de Fisiologia

1952 - 136ª Turma

Plínio Garcez de Senna - Professor Titular de Neurologia

1953 - 137ª Turma

Maria Theresa de Medeiros Pacheco - Professora Titular de Medicina Legal

1954 - 138ª Turma

Heonir de Jesus Pereira da Rocha - Professor Catedrático de Terapêutica Clínica / Professor Titular de Clínica Médica

1956 – 140ª Turma

Gilberto Rebouças – Professor Emérito – Professor de Clínica Médica e Gastroenterologia

1959 – 143ª Turma

José Duarte de Araújo – Professor Titular de Medicina Preventiva

Professores Catedráticos / Titulares não formados pela FMB-UFBA

Aluísio Rosa Prata - Turma de 1945

Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (RJ)

Antônio Carlos da Gama Rodrigues – Turma de 1926

Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

Mário Leal – Turma de 1902

Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (RJ)

Nelson Soares Pires – Turma de 1931

Faculdade Nacional de Medicina (depois denominada Faculdade de Medicina da UFRJ)

Túlio Miraglia*

Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

* Estes Professores não têm as breves biografias na “Galeria dos Professores Encantados”, a seguir.

Fontes principais desta relação:

TAVARES-NETO, José. *Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia*. Feira de Santana, Bahia: AMeFS - Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

Fichas biográficas dos Professores no Arquivo Geral da FMB-UFBA – Sede.

II**BREVE BIOGRAFIA DE PROFESSORES DA GALERIA DOS ENCANTADOS
DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1931; 1933; 1947-2011)**

*Ronaldo Ribeiro Jacobina**

*Antônio Carlos Nogueira Britto***

*** Professor Associado do Departamento de Medicina Preventiva e Social.
FAMEB-UFBA.**

*** Médico e Historiador da Medicina. Professor Honorário da Faculdade de
Medicina da Bahia (FMB)-UFBA**

**ÍNDICE DA GALERIA DOS PROFESSORES ENCANTADOS
(1931; 1933; 1943; 1947-2010; 2011)**

PROFESSOR (A)	ANO Nascimento-Encantamento	Pag
FRANCISCA PRAGUER FRÓES	21/10/1872 - 1931	012
JULIANO MOREIRA	06/01/1872 – 02/05/1933	016
AGRIPPINO BARBOZA	13/01/1882 – 11/03/1943	022
JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO	17/12/1876 - 12/01/1947	025
MENANDRO DOS REIS MEIRELLES FILHO	24/12/1876 – 20/03/1947	029
ALMIR DE SÁ CARDOSO DE OLIVEIRA	23/10/1887 – 02/01/1949	031
ARISTIDES NOVIS	18/06/1885 – 30/04/1953	034
ANTONIO LUÍS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE DE BARROS BARRETO	11/05/1892 – 26/06/1954	037
JOAQUIM MARTAGÃO GESTEIRA	17/05/1884 – 20/07/1954	045
MÁRIO CARVALHO DA SILVA LEAL	19/01/1878 – 1954	048
EDUARDO DINIZ GONÇALVES	21/06/1878 – 23/03/1955	051
FLAVIANO INNOCÊNCIO DA SILVA	09/09/1880 – 1956	054
EUVALDO DINIZ GONÇALVES	01/08/1887 – 10/03/1958	057
ANTONIO DO AMARAL FERRÃO MUNIZ	12/06/1872 – 23/04/1959	059
LAFAYETTE COUTINHO DE ALBUQUERQUE	12/12/1906 – 06/09/1959	061
MÁRIO ANDRÉA DOS SANTOS	09/06/1884 – 25/02/1960	064
ALBINO ARTHUR DA SILVA LEITÃO	02/09/1881 – 22/08/1960	066
MANOEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA	28/01/1873 – 1º/03/1961	068
ANTONIO IGNÁCIO DE MENEZES	1º/02/1878 – 10/05/1961	075
EDGARD RÊGO SANTOS	08/01/1894 – 03/06/1962	078
JOÃO CESÁRIO DE ANDRADE	25/02/1887 – 10/01/1963	084
OCTÁVIO TORRES	25/09/1885 – 31/05/1963	086
JOÃO AMÉRICO GARCEZ FRÓES	11/10/1874 – 17/09/1964	090
ANTÔNIO CARLOS DA GAMA RODRIGUES	16/04/1904 – 1964	092
JOSÉ OLYMPIO DA SILVA	30/06/1885 - 23/05/1965	094
LUÍS PINTO DE CARVALHO	31/03/1877 – 20/10/1965	098
FRANCISCO PEIXOTO DE MAGALHÃES NETTO	26/06/1897 – 31/03/1969	101
JORGE VALENTE	1905 – 1969	103
CÉSAR AUGUSTO DE ARAÚJO	17/05/1898 – 05/12/1969	105

EDUARDO LINS FERREIRA DE ARAÚJO	02/03/1890 – 14/11/1970	111
AUDEMARO SILVINO PINTO GUIMARÃES	21/12/1900 – 20/12/1970	114
MARIA ODILIA TEIXEIRA	05/03/1884 - 1970?	116
CLEMENTINO DA ROCHA FRAGA	15/09/1880 – 08/01/1971	120
EDÍSTIO PONDÉ	08/11/1900 – 30/04/1971	124
CARLOS RODRIGUES DE MORAES	03/03/1906 – 02/08/1971	126
FERNANDO JOSÉ DE SÃO PAULO	30/05/1887 – 12/08/1973	128
ALEXANDRE LEAL COSTA	11/04/1907 – 25/02/1976	132
BENJAMIM DA ROCHA SALLES	03/03/1904 – 09/10/1976	136
JOSÉ COELHO DOS SANTOS	30/09/1908 – 02/06/1977	140
FLÁVIO DE ARAÚJO FARIA	21/06/1900 – 11/01/1978	143
RODRIGO BULCÃO D'ARGOLLO FERRÃO	26/09/1907 – 22/12/1979	145
RAPHAEL DE MENEZES SILVA	20/01/1901 – 09/06/1982	148
ESTÁCIO LUIZ VALENTE DE LIMA	11/06/1897 – 29/05/1984	152
JOSÉ ADEODATO DE SOUZA FILHO	25/02/1907 – 07/08/1984	155
LUIZ FERNANDO SEIXAS DE MACÊDO COSTA	20/11/1925 – 31/10/1984	163
ADRIANO DE AZEVEDO PONDÉ	26/06/1901 – 04/06/1987	169
HEITOR PRAGUER FRÓES	25/09/1900 – 25/10/1987	173
JORGE AUGUSTO NOVIS	22/01/1919 - 15/11/1987	177
HEITOR DA COSTA PINTO MARBACK	27/07/1910 – 03/07/1988	181
PLÍNIO GARCEZ DE SENNA	18/11/1926 - 11/08/1989	184
CARMEM MESQUITA TORRES	18/04/1903 - 1990?	188
JOSÉ DUARTE DE ARAÚJO	20/07/1934 - 1992	191
HOSANNAH DE OLIVEIRA	22/09/1902 – 29/04/1994	194
NELSON SOARES PIRES	03/05/1910 – 1994	197
ÁLVARO RUBIM DE PINHO	22/02/1922 – 09/11/1994	202
FERNANDO FREIRE DE CARVALHO LUZ	09/11/1916 – 05/1995	206
JOÃO JOSÉ DE ALMEIDA SEABRA	19/03/1910 - 1995	208
JESSÉ SANTIAGO ACIOLY LINS (JESSÉ ACCIOLY)	21/09/1921 – 24/07/1996	210
RENATO TOURINHO DANTAS	02/11/1923 – 1996	213
AUGUSTO DA SILVEIRA MASCARENHAS	19/08/1916 – 19/05/1997	216
OPHELIA DOS SANTOS BRITTO	22/09/1912 - 1998	219

ITAZIL BENÍCIO DOS SANTOS	28/11/1917 – 14/12/1998	222
FERNANDO VISCO DIDIER	09/12/1925 – 26/10/1999	226
JOSÉ SILVEIRA	05/11/1904 – 04/04/2001	229
JOSÉ MARIA DE MAGALHÃES NETTO	16/03/1924 – 25/03/2002	234
EDGARD PIRES DA VEIGA	15/03/1909 - 2002	237
ALÍCIO PELTIER DE QUEIROZ	29/07/1906 – 09/07/2003	240
TRÍPOLI FRANCISCO GAUDENZI	14/01/1912 – 12/11/2003	243
MARIA JOSÉ SALGADO LAGES	17/06/1907 – 30/11/2003	247
HEONIR DE JESUS PEREIRA DA ROCHA	06/08/1930 – 10/10/2005	252
ANNÍBAL MUNIZ SILVANY FILHO	11/12/1924 - 23/02/2006	257
GERALDO MILTON DA SILVEIRA	15/01/1925 - 30/07/2006	260
GILBERTO REBOUÇAS	02/01/1933 – 19/10/2006	263
MARIA THERESA DE MEDEIROS PACHECO	02/09/1928 - 12/05/2010	269
<i>Post Scriptum</i>		
ALUÍZIO ROSA PRATA	01/06/1920 – 31/05/2011	273

**FRANCISCA PRAGUER FRÓES:
(21/10/1872 - 1931)**



PRIMEIRA PROFESSORA DA FAMEB. PROFESSORA DE OBSTETRÍCIA

Nasceu **Francisca Barreto Prager** em 21 de outubro de 1872, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Era filha de Francisca Rosa Barreto Prager e Henrique Prager, imigrante croata de origem judia. Teve primorosa educação e demonstrou, desde criança, uma inteligência privilegiada.

Vencendo o preconceito da época, segundo o qual era vedado às mulheres o exercício da medicina, matriculou-se aos dezesseis anos (em 1888) na Faculdade de Medicina da Bahia, colando o grau de doutora em Medicina, em 9 de dezembro de 1893 (77ª turma), defendendo a tese inaugural “Breves noções sobre a raspagem uterina” (RAGO, 2002; MEIRELLES, 2004). Foi a quinta mulher graduada pela Fameb.

Para conseguir seu intento, lutou contra a objeção da família, a qual argumentava que a “Medicina é profissão de homem, e não de mulher”. Efetivamente, a primeira médica do Brasil foi Rita Lobato Velho Lopes, gaúcha, diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887. A FAMEB, no período de 1888 a 1893, diplomou mais três médicas: Amélia Pedrosa Benebien (cearense) e Efigênia Veiga (baiana), em 1890; e Gláfira Corina de Araújo (baiana), em 1892. Francisca Barreto Prager foi a quinta médica formada pela escola médica primaz do Brasil (TAVARES NETO, 2008). Dentre seus colegas de turma destacamos Gonçalo Moniz Sodré de Aragão e João Gonçalves Martins, futuros professores da Faculdade.

Ainda estudante, em 1892, foi interna da enfermaria de partos, na Santa Casa de Misericórdia. Diplomada, exerceu a clínica obstétrica, na Maternidade Climério de

Oliveira. Foi a primeira mulher a exercer a docência na FAMEB (SILVA, 1954). Segundo Eliane Azevêdo (2008) é uma das pioneiras do ensino médico e superior brasileiro. Em 1895, com vinte e três anos de idade, apresentou à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, um trabalho fundamentado em sua própria experiência: “Observação de um caso de gravidez extra-uterina abdominal”, primeira publicação de uma mulher na *Gazeta Médica da Bahia-GMB* (PRAGUER, 1895). Na Memória Histórica 1914, Caio Octavio Ferreira de Moura destaca que Francisca Prager foi a primeira mulher a participar do corpo editorial da *Gazeta Médica* a partir de 1907 (MOURA, 1916). Redatora da *GMB*, ela publicou vários artigos científicos, abordando temas como o parto, a gravidez assistida e as doenças sexualmente transmitidas.

Casou-se com João Américo Garcês Fróes (ver também nesta galeria), médico diplomado na Faculdade de Medicina da Bahia em 1895, com quem teve dois filhos. O Dr. Garcês Fróes obteve, por concurso, em 1909, a cátedra de Clínica Médica e criou a cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias (ver nessa galeria).

Foi a primeira mulher, na Bahia, a dirigir um Serviço de Obstetrícia. Por proposta do Professor Climério de Oliveira, Catedrático de Clínica Obstétrica e Ginecológica (ver nesta galeria), em 23 de dezembro de 1893, foi designada para o cargo de “Parteira da Maternidade da FMB”, na época, uma enfermaria do Hospital da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, instalada em 1875, pelo Lente da cadeira de Partos, Prof. Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapoan, até a inauguração da Maternidade Climério de Oliveira, em 1910. Esta sim, a maternidade pública da FAMEB.

O cargo de “Parteira” da Maternidade surgiu com o Decreto n. 7.247 de 19 de abril de 1879, que diz, no parágrafo 12: “Na Clínica de Partos, além do Assistente haverá somente um Interno e uma Parteira” (AZEVEDO & FORTUNA, 2012, p.2). Ela exerceu esta função até se aposentar por motivos de saúde em novembro de 1914.

Novamente, é do seu contemporâneo, o memorialista de 1914, Prof. Caio Moura, o testemunho de sua atividade como docente: “Dra. Francisca Prager Fróes, (...) foi uma das mais distintas auxiliares que teve o ensino da nossa Faculdade” (MOURA, 1916). Para não haver dúvidas, no Decreto n. 8.659, de 5 de abril de 1911, que se refere a “Constituição dos Corpos Docentes, Professores Ordinários, Extraordinários, Effectivos e Honorários, Mestres, Livres Docentes e *Auxiliares do Ensino*”. No artigo 39 diz: “os Auxiliares de Ensino são os Preparadores, os Assistentes, *as Parteiros* e os Internos de Clínica, cujas nomeações e deveres serão1 definidos nos regulamentos específicos” (BRASIL.COLEÇÃO DAS LEIS, 1914, p.498; grifos nossos)

Uma vez casada, **Francisca Pragner Fróes**, além de exercer a especialidade obstétrica, continuou a luta contra as limitações impostas às mulheres (RAGO, 2007).

A partir de 1903, começou a defender, publicamente, a emancipação feminina. Naquele ano publicou, na *Gazeta Médica da Bahia*, um artigo, verdadeiro libelo contra o preconceito, exigindo que as mulheres tivessem o mesmo direito dos homens, nas Faculdades de Medicina. Sua luta em favor do feminismo repercutiu em todo o estado, bem como no restante do país. Nos idos de 1917, defendeu o divórcio, publicando um artigo altamente polêmico.

Ao longo de trinta anos, não mediu esforços no sentido de romper o preconceito e convencer o país sobre a necessidade da emancipação feminina. Em 1931, foi eleita presidente da União Universitária Feminina (Livro de Atas, 1931 *apud* RAGO, 2002), ligada à Federação Baiana pelo Progresso Feminino, uma filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada no Rio de Janeiro, em 1922, por Bertha Lutz, bióloga brasileira. Médica e líder feminista, Dra. Francisca Pragner Fróes ganhou fama nacional, sendo uma referência da luta pela emancipação feminina para todo o país.

Faleceu em 1931, no Rio de Janeiro, quando participava do Segundo Congresso Internacional Feminista. Francisca Pragner Fróes é nome de uma rua na Barra (CEP 40130-020), bairro encantador de Salvador. É patrona da cadeira 24 da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames), fundada em 26 de novembro de 1987.

Uma curiosa homenagem está no soneto “Página vazia” (CUNHA, 1997), que lhe dedicou Euclides da Cunha, célebre autor de *Os Sertões*, no álbum da jovem médica baiana, que ganhou o poema do então engenheiro e jornalista — de volta da "região assustadora" (leia-se: Canudos) de onde vinha, "revendo inda na mente/ Muitas cenas do drama comovente/ Da Guerra despiedada e aterradora" — no dia seguinte de seu retorno à capital baiana, conforme ele datou abaixo da assinatura: 14 de outubro de 1897:

Página vazia

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da Guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditirambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso Álbum gentil, minha Senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedestes-me esta página, a nobreza
Da vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: "Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes"?!!

Euclides da Cunha,
14 de outubro de 1897

Leitura recomendada

RAGO, Elisabeth Juliska. "Medicina e Feminismo no início do século XX: Francisca Prager Fróes (Bahia: 1872-1931)". In: *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a.163, n. 415, abr./jun. 2002.

Foto: Extraída em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Prager_Froes.jpg >. Acesso em 20 de agosto de 2012.

JULIANO MOREIRA
(06/01/1872 – 02/05/1933)



PROFESSOR SUBSTITUTO DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Juliano Moreira nasceu no dia 6 de janeiro de 1872, na Freguesia da Sé, no centro de Salvador, Bahia (MEMORIAL, 2007), filho de Galdina Joaquina do Amaral e de Manuel do Carmo Moreira Junior. Seu pai era inspetor de iluminação pública e sua mãe trabalhava como doméstica na casa do médico e Professor Adriano Lima Gordilho, o Barão de Itapuã. O Barão, catedrático de Obstetrícia da FAMEB, logo o tomou como afilhado e garantiu os seus estudos no Colégio Pedro II e depois no Liceu Provincial (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

Precoce, Juliano Moreira (JM) ingressou em 1886, extraordinariamente, aos 14 anos de idade, na Faculdade de Medicina da Bahia, da qual tornou-se, se não o mais novo, um dos mais novos professores por concurso da FAMEB, aos 23 anos de idade. Em 1887, Juliano Moreira estava matriculado no 2º ano do curso médico, com 15 anos (FMB. Memorial de Medicina, 1887). Ainda como acadêmico do 5º ano, em 1890, Juliano foi aprovado em concurso para Interno da Clínica Dermatológica e Sifilográfica. Em 1891, ele se formou e teve sua tese inaugural “*Etiologia da Syphilis Maligna Precoce*” aprovada com louvor. Essa obra é não só uma referência no campo da dermatologia, mas também um marco no estudo da questão racial dentro da ciência e um preâmbulo do constante questionamento de Juliano sobre as desigualdades raciais da época (ODA, 2000). Neste trabalho, ele questiona sobre a conceituação racial do ser humano: “Quantas são as raças? Onde termina a raça branca? Onde começa a amarela? Onde acaba? Onde começa a preta? [...]” (MOREIRA apud JACOBINA, 2007), num tempo em que muitos médicos e outros estudiosos consideravam a raça negra inferior e a miscigenação causa de variadas doenças, inclusive da loucura.

Em 1894, torna-se Assistente da cadeira de Clínica Psiquiátrica e de Doenças Nervosas, quando inicia a sua jornada pelas doenças mentais. Em 15 de setembro do mesmo ano, após concurso, é nomeado Preparador de Anatomia médico-cirúrgica da FMB e o preparo para tal concurso o levou à publicação, em 1893, de sua primeira obra fora da Bahia: “Músculo Acrômio-clavicular”, publicada na revista *Brasil Médico*. Neste mesmo ano, no mês de novembro, é um dos responsáveis pela fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

No ano seguinte, em 1895, JM participou da comissão que elaborou um relatório crítico sobre o Asilo São João de Deus, o qual, em 1936, passaria a levar o seu nome: Hospital Juliano Moreira (JACOBINA, 2001). Neste relatório, a comissão sugeriu a criação de um novo asilo concordante com a clínica psiquiátrica da época. Em meados deste ano, ele é o primeiro no país a descrever o botão endêmico ou “botão de Biskra” no Brasil, chamado hoje de leishmaniose cutâneo-mucosa (Leishmaniose Tegumentar Americana). O primeiro trabalho de JM publicado fora do Brasil também é pioneiro na Dermatologia: sua descrição de uma dermatose rara, a *Hydroa Vacciniforme*, foi publicada pelo *British Journal of Dermatology* em 1895. Foram dele também os primeiros exames microscópicos feitos entre nós de casos de Micetoma (aspergiloma pulmonar). Além disso, realizou o estudo anatomopatológico mais completo até hoje sobre *Ainhum* (Doença de Silva Lima), sendo esta monografia publicada em alemão e foi um dos trabalhos feitos por brasileiros mais citados por estrangeiros na época (JACOBINA, 2008).

Mais tarde, em 1896, Juliano se candidata a Lente Substituto da 12ª seção, a cadeira de Moléstias Mentais e Nervosas, com a tese *Discinesias arsenicaes*, e fica em 1º lugar, após a obtenção de 15 notas máximas. As provas contaram com a presença de diversos estudantes sob a liderança dos sextanistas, com destaque para Afrânio Peixoto, que temiam uma decisão tendenciosa devido à banca examinadora ter fama de racista.

Foi então, aos 23 anos, que JM tornou-se professor concursado da Faculdade de Medicina da Bahia. Esta nova atribuição de Juliano o faz viajar muito pela Europa, onde participava de importantes congressos, tanto da área de dermatologia, com a qual ainda mantinha um vínculo, como também os de psiquiatria. Em 1900, participou do Congresso Médico Internacional em Paris. Ano seguinte, mesmo ausente, foi eleito Presidente de Honra do IV Congresso Internacional de Assistência aos Alienados em Berlim. Representou a medicina brasileira no Congresso Médico de Lisboa (MEMORIAL, 2007; VENÂNCIO, 2005).

No início do século XX, ele se tornou o principal redator da Gazeta Médica da Bahia, principal publicação médica da Bahia e uma das mais importantes do Brasil, onde produziu inúmeros textos de resenha, artigos e editoriais (JACOBINA & GELMAN, 2008).

Em 1903, após muitas viagens e contatos feitos na capital federal, Rio de Janeiro, Juliano foi nomeado, em 25 de março, Diretor do Hospital Nacional de Alienados. A partir daí, sua vida passou a ser mais ativa na capital do país. Uma das suas atitudes que chamaram muito a atenção foi que, pouco depois de assumir o cargo de diretor do Hospital, ele desistiu da sala destinada à direção, no segundo andar, e fez de uma saleta no térreo o seu gabinete, à esquerda da entrada principal do prédio, sempre de portas abertas, onde atendia a todos que o procuravam, sem agendamento ou hora marcada (PASSOS, 1975).

Ele foi responsável por diversas transformações no modelo de atenção psiquiátrica da época no Brasil. Até então, o Brasil fazia uma simples reprodução da atenção psiquiátrica da escola francesa, sem levar em consideração as diferenças culturais. Juliano Moreira iniciou então uma reforma deste modelo, criando um modelo de atenção mais humano e adequado às características culturais do Brasil do início do século XX. Ele retirou as grades das janelas das enfermarias; aboliu os coletes e as camisas de força; criou o Pavilhão Seabra (amplo prédio que abrigava diversos equipamentos trazidos da Europa que auxiliavam no funcionamento de oficinas de ferreiro, bombeiro, mecânica elétrica, carpintaria, marcenaria, tipografia e encadernação, sapataria, colchoaria, vassouraria e pintura), onde os assistidos realizavam atividades que auxiliavam na recuperação e lhes traziam alguma renda; passou a implantar a música nos corredores do hospital como terapêutica; tornou o hospital um centro cultural, trazendo professores, cientistas e trabalhadores e implantou oficinas artísticas antecipando-se à, posteriormente criada, terapia ocupacional. Albert Einstein, em visita ao Brasil em 1925, quebrou o protocolo e aceitou o convite de JM, que o recebeu em discurso na Academia Brasileira de Ciências, para ir ao Hospital Nacional, e ficou impressionado com essas oficinas terapêuticas para os alienados (JACOBINA, 2008)

Em 1905, ao lado de Afrânio Peixoto e outros colegas, ele fundou os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. No ano seguinte, instalou a seção de laboratório no hospital, dando início às primeiras *punções lombares* e aos

primeiros exames *citológicos de líquido céfalo-raquidiano para fins diagnósticos* em casos de *tabes dorsalis*, demência paralítica, sífilis cerebral e meningites várias.

Em Lisboa, representou o Brasil no Congresso de Medicina de Portugal, criando amizade com o Professor Júlio Xavier de Matos, fundador do ensino oficial de Psiquiatria em Portugal. Em 1907, na cidade de Milão, no Congresso de Assistência a Alienados, foi eleito Presidente Honorário e indicado pela maioria dos congressistas para ser o orador na sessão de encerramento. Neste mesmo ano, ele também passou a fazer parte do Instituto Internacional para o Estudo da Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais. Representou, em 1909, o Brasil, no Comitê Internacional contra a Epilepsia em Viena. Logo depois, na Inglaterra, participou da Assembleia Geral da *Royal-Medical Psychological Association* de Londres, onde foi eleito um dos quinze membros correspondentes no mundo (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

A Revista *Psychiatrische, Neurologische Wochenschrift* (nº. 27), de 03 de outubro de 1910, publicou a galeria dos proeminentes psiquiatras em todo o mundo. Somente Juliano Moreira representou as Américas (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

Desde 1913, passou a representar o Brasil no Comitê Internacional da Liga Internacional contra a Epilepsia. Naquele período, foi realizado o Congresso Jubilar da *Société de Médecine Mentale* da Bélgica, em que foi aclamado juntamente com Dupré e Lepine (franceses) e Mott (inglês) membros honorários daquela Sociedade.

No ano de 1918, foi membro organizador do Congresso Internacional de Medicina em Budapeste para tratar da questão das doenças mentais e nervosas produzidas pela arteriosclerose. Participou da conferência Internacional para o estudo da Lepra na Noruega, recebendo do sábio leprólogo Hansen (que batiza o nome da doença no Brasil) a incumbência de tratar da questão das doenças mentais nos leprosos, sendo posteriormente publicados seus estudos no *Zeitschrift fur Psychiatrie* na Alemanha.

Outra realização pioneira de Juliano Moreira foi conseguir apoio do governo para implantar, em 1921, o primeiro Manicômio Judiciário do continente americano. Chegando a 1922, foi eleito membro correspondente da Liga de Higiene Mental de Paris e do Comitê Internacional de Redação da *folia neurologica*, um importante órgão de Amsterdã para estudos de biologia do sistema nervoso. Presidiu os Congressos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal de 1906 a 1922 e foi Presidente de Honra da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Medicina.

Devido a sua conduta ética, moral, seu incansável trabalho e suas associações com as diversas áreas do conhecimento, foi eleito membro de diversas organizações tais

como a *Medico-Legal Society* de Nova York; Sociedade de Neurologia de Buenos Aires; Sociedade de Psiquiatria de Buenos Aires; *Antropologische Gesellschaft* de Munich; *Société de Médecine* de Paris; *Société de Pathologie Exotique*; *Société Clinique de France*; *Société Clinique de Médecine Mentale*; Liga de Defesa Nacional; Liga de Higiene Mental; *American Academic of Political and Social Science*; *Société Medico-Psychologique* de Paris; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Academia de Letras da Bahia; Instituto Brasileiro de Ciências (VENÂNCIO, 2005;ARGOLO e cols., 2012).

Em julho de 1928, começou uma longa viagem visitando cidades do Oriente como Tóquio, Kioto, Sendai, Hokaído, Osaka e Funoko. Em solenidade no anfiteatro do Diário Nishi-Nishi, recebeu a insígnia da “Ordem do Tesouro Sagrado” entregue pelo Imperador do Japão e destinada aos “consagrados da ciência mundial”. Isto devido também à sua intensiva luta contra o preconceito e a discriminação, que a este ponto da história, era também direcionada aos imigrantes sino-japoneses que desembarcavam no Brasil, sofrendo diversos tipos de preconceitos, sendo inclusive chamados de “ameaça amarela”. Depois, seguiu para a Europa, onde se tornou membro honorário da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Berlim, da Sociedade Médica de Munique e da Cruz Vermelha Alemã. Em Hamburgo, é eleito membro da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, onde lhe é conferido, pela Universidade local, a Medalha de Ouro, a mais alta honraria prestada a professor estrangeiro.

Em 1929, já muito debilitado devido à tuberculose crônica, preside, no Rio de Janeiro, a Conferência Internacional de Psiquiatria e, em oito de dezembro de 1930, com as mudanças políticas, foi destituído da direção do hospital e aposentado.

No dia 2 de maio de 1933, num Sanatório em Correias, no interior do Rio de Janeiro, o baiano Juliano Moreira deixa escapar o último suspiro, mas, encantado, deixou para o mundo uma obra imorredoura.



Em 2002, a FAMEB criou o Prêmio Prof. Juliano Moreira para o Formando com Destaque nas atividades de Extensão Universitária.

Albert Einstein é recepcionado por Juliano Moreira e equipe no Hospital Nacional de Alienados. Rio de Janeiro, 1925. **Fonte:** Revista Pesquisa FAPESP (n.124, jun. 2006, p. 10).



Juliano Moreira é condecorado pela Universidade de Hamburgo. Alemanha, 1928.

Fotos: Acervo da Prof.^a Maria de Fátima Vianna de Vasconcelos (RJ)

Leituras recomendadas

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Da dermatologia à psiquiatria: vida e obra de Juliano Moreira na Bahia. In: PONDÉ, Milena Pereira; LIMA, Manoela Garcia; ASSIS-FILHO, Bernardo. *A Tensão na Atenção. Anais da XII Jornada Nordestina de Psiquiatria*. Salvador: Associação Psiquiátrica da Bahia, 2008.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, out.-dez. 2008.

MEMORIAL Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: Empresa Gráfica do Estado da Bahia; Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2007.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 178-9, 2000.

PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (vida e obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

PEIXOTO, Afrânio. Um sábio mestre e amigo. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, v. 23, p. 179-196, 1933.

VENANCIO, Ana Teresa A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, 2005.

AGRIPPINO BARBOZA**(13/01/1882 – 11/03/1943)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PATOLOGIA MÉDICA**

Nasceu na Bahia, em 13 de janeiro de 1882. Não temos os nomes dos pais.

Graduou-se na Fameb em 22 de dezembro de 1906. Entre seus colegas, destaca-se Januário Cicco, um dos fundadores do ensino médico de Natal, Rio Grande do Norte (TAVARES-NETO, 2008). Ambos, Agrippino e Januário, naquele ano de formatura, estavam entre os acadêmicos que velaram o corpo do Prof. Nina Rodrigues (BRITTO, s/d, art. 57).

Foi Interno de Clínica Médica, 1ª Cadeira, sendo nomeado e empossado em 15 de abril de 1905. Exonerado em 1906, quando concluiu o curso (PROFESSOR AGRIPINO, s/d).

Sua tese inaugural “Ligeiras notas sobre a peste bubônica” (BARBOZA, 1906a), consta no levantamento de Meirelles et al. (2004). Abre a tese referindo: “*Uma moléstia assás conhecida – a peste bubônica – que, depois de ter visitado vários Estados da União, domiciliou-se em nossa Capital, desde Julho de 1904, onde reina endemicamente*” (BARBOZA, 1906b; “Primeiras Palavras”, p. i). Realizou o trabalho com informações colhidas no Hospital de Isolamento de Pestosos, em *Mont-Serrat*, o atual Hospital Couto Maia. Discorreu sobre a incubação, a sintomatologia, o tratamento e apresentou dezesseis observações de pacientes, sendo sete curas e nove óbitos (Ibidem).

Com alguns meses de formado, em 13 de abril de 1907, tornou-se Preparador Interino de Bacteriologia. É bom lembrar que Preparador era um cargo docente para auxiliar nas cadeiras que tinham Laboratório. Em 01 de abril de 1909, já era Assistente Interino da 1ª cadeira de Clínica Médica, tornando-se Assistente Efetivo em 29 de maio de 1911.

Tornou-se Livre Docente de Microbiologia em 17 de agosto de 1912. A Livre Docência era um passo importante para a cátedra. Seu trabalho foi “Contribuição ao estudo diagnóstico da peste pelo desvio do complemento”.

Professor Substituto da 15ª secção, por concurso, foi nomeado e empossado em 31 de outubro de 1918. Sua tese para o concurso foi “*Em torno das adenopathias tracheo-bronchicas*” (BARBOZA, 1918). A ideia inicial era estudar sobre puberdade e glândulas endócrinas, mas por dificuldades para a realização dos experimentos, mudou para adenopatias traqueobrônquicas (Idem, p.ii). Começa a tese com uma descrição histórica dos estudos sobre adenopatias. Cita entre as causas mais comuns delas a coqueluche, o sarampo, a sífilis e principalmente a tuberculose. Refere Oswaldo Cruz, que lançou a proposta do exame sistemático das crianças para admissão nas escolas, como uma das medidas de profilaxia contra a “peste branca” - a tuberculose (Idem, p.11). E, como tinha feito na tese inaugural, apresentou 10 observações clínicas.

Em 1919, nos meses de outubro e novembro, regeu interinamente a cadeira de Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica. Em 1922, de maio a novembro esteve na Europa, em viagens de estudo, sem perda dos vencimentos (PROFESSOR AGRIPINO, s/d). Em 1923 voltou a reger interinamente a cadeira de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil, mas em 15 de setembro do mesmo ano reassumiu a cadeira de Microbiologia.

Em 1925 assumiu interinamente a cadeira de Patologia Médica e em 12 de junho de 1929 tomou posse como Professor Catedrático da cadeira de Patologia Médica. A 4ª cadeira de Clínica Médica foi transformada em Patologia Médica em 1925 e seus antecessores foram: Antônio do Prado Valladares (1914-1925) e José Olympio da Silva (1925).

No episódio de 1932 (ver cap. 3 deste volume), quando 514 estudantes da FAMEB, dos cursos de medicina, odontologia e farmácia, foram presos e levados para a penitenciária do Estado, juntamente com alguns professores da escola *mater*, o Prof. Agrippino teve uma posição discordante. Ele não aprovou a ata da Congregação que tanto condenava a ação policial como defendia a posição do professor Aristides Maltez, sobretudo no Ginásio da Bahia, e do diretor Aristides Novis (BRITTO, s/d, art.63). Em sua fala o Prof. Maltez disse: “*sobre o seu collega prof. Agrippino, em companhia do*

qual varias vezes se defrontou com o illustre interventor da Bahia, nunca lhe ouviu, nem percebeu, um acto só que traduzisse delação ou accusação aos seus collegas. É o que lhe cumpre, em consciencia, como homem de honra, declarar” (Ibidem). O professor biografado, ao que parece, não foi um delator, conforme o testemunho acima, mas constata-se que era uma pessoa da confiança do regime. Outro testemunho é de Ruy Santos, em sua memória da vida acadêmica na Fameb (de 1923 a 1928), quando afirma que o professor não respeitou o doutorando que estava arguindo (SANTOS, 1978, p.238).

Em 1937, optou pelo cargo de “Diretor Geral do Departamento de Educação” (OLIVEIRA, 1992, p.432). Seu mandato na Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública foi de 1937 a 1938 (PAIXÃO, 2008). Depois, ele não retornou à cátedra.

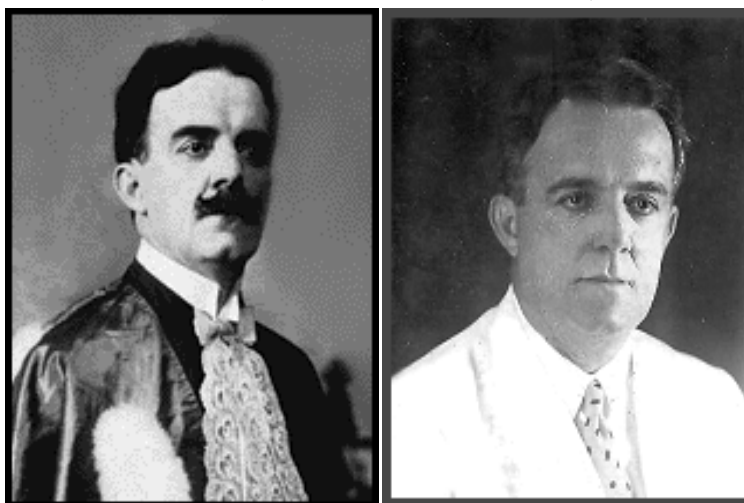
Faleceu em 11 de março de 1943.

Leituras recomendadas:

BARBOZA, Agrippino. *Ligeiras notas sobre a peste bubônica*. These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1906. 169p.

BARBOZA, Agrippino. *Em torno das adenopathias tracheo-bronchicas*. These de concurso. Bahia: Livraria Catilina, 1918.

JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO
(17/12/1876 - 12/01/1947)



PROFESSOR DE MEDICINA LEGAL

Afrânio Peixoto nasceu em Lençóis, nas Lavras Diamantinas, Bahia, em 14 de dezembro de 1876. Foram seus pais o capitão Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia de Moraes Peixoto. Criado no interior da Bahia, cujos cenários constituem a situação de muitos dos seus romances, sua formação intelectual se fez em Salvador, onde se diplomou em Medicina, em 1897 (81ª turma), como aluno laureado. Sua tese inaugural, “Epilepsia e crime” (MEIRELLES et al., 2004), despertou grande interesse nos meios científicos do país e do exterior.

Iniciou sua carreira docente como Preparador de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, quando o político baiano José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, o convidou, juntamente com Juliano Moreira, para atuar na capital federal. Ambos, que já se encontravam no Rio de Janeiro desde 1902, pediram exoneração das funções docentes na FAMEB, que foi concedida em 1903 (FACULDADE, 1903, p. 431).

O primeiro vínculo na capital federal foi o de inspetor de Saúde Pública (1902) e depois, a convite do diretor e amigo, Juliano Moreira, foi para a diretoria do Hospital Nacional de Alienados (1904). Entre 1904 e 1906, viajou por vários países da Europa, sobretudo na França, com o propósito de ali aperfeiçoar seus conhecimentos no campo de sua especialidade, aliando também a curiosidade de arte e turismo ao interesse do estudo. Nessa primeira viagem à Europa travou conhecimento, a bordo, com a família de Alberto de Faria, da qual viria a fazer parte, sete anos depois, ao casar-se com Francisca de Faria Peixoto. Sobre sua experiência de estudos no Instituto Pasteur, em

Paris, ele “sempre se referia ao que ali ganhou na força do método, como elemento fundamental na sua formação científica” (*apud* LACAZ, 1963, p.40).

Após concurso, em 1906, foi nomeado professor de Medicina Legal e Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907) e assumiu os cargos de professor extraordinário da Faculdade de Medicina (1911). Quando da morte de Euclides da Cunha (1909), foi Afrânio Peixoto quem examinou o corpo do escritor assassinado e assinou o laudo.

Alguns autores registram sua ferrenha campanha na Academia Nacional de Medicina contra a indicação de Carlos Chagas, pesquisador responsável pela descoberta do agente etiológico (*Trypanosoma cruzi*), dos vetores e de formas clínicas da Doença de Chagas, para Prêmio Nobel de Medicina de 1921. Houve a “divergência científica” de o bócio endêmico ser “assimilado à tal tripanozomiose”, (...) “para mister impatriótico de gratificar uma fama pessoal com uma calamidade pública” (PEIXOTO, 1921, f.1 e 4).

Alguns chegam a responsabilizá-lo por Chagas não ter obtido o prêmio, ante as divergências entre cientistas no próprio país do indicado (MAIO, 1994), mas deve-se ter cautela, pois foram 44 indicados e nenhum premiado. Enquanto Hilário de Gouveia indicou Chagas, outro brasileiro, C.S. de Magalhães, do Rio de Janeiro, indicou Patrick Manson, como destacou Naftale Katz em conferência no XVII Congresso Brasileiro de História da Medicina, São Luis, 9/11/2012.

Esteve em outros cargos públicos como o de diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915); diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1916); deputado federal pela Bahia (1924-1930); professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932). No magistério, chegou a reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935.

A sua estreia na literatura se deu dentro da atmosfera do simbolismo, com a publicação, em 1900, de “Rosa mística”, curioso e original drama em cinco atos, luxuosamente impresso em Leipzig, com uma cor para cada ato. O próprio autor renegou essa obra, anotando, no exemplar existente na Biblioteca da Academia, a observação: “incorrigível. Só o fogo.” Ao vir ao Rio, seu pensamento era de apenas ser médico, tanto que deixara de incursionar pela literatura após a publicação de “Rosa mística”. Sua obra médico-legal-científica avolumava-se. O romance foi uma implicação a que o autor foi levado em decorrência de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, para a qual fora eleito à revelia, em 7 de maio de 1910, para a Cadeira n. 7, na sucessão de Euclides da Cunha. Ele estava fora do país, no Egito, em

sua segunda viagem ao exterior. Começou a escrever o romance “A esfinge”, o que fez em três meses. O Egito inspirou-lhe o título e a trama novelesca, o eterno conflito entre o homem e a mulher que se querem, transposto para o ambiente requintado da sociedade carioca, com o então tradicional veraneio em Petrópolis, as conversas do mundanismo, versando sobre política, negócios da Bolsa, assuntos literários e artísticos, viagens ao exterior. Em certo momento, no capítulo “O Barro Branco”, conduz o personagem principal, Paulo, a uma cidade do interior, em visita aos familiares ali residentes. Demonstra-nos Afrânio, nessas páginas, os aspectos da força telúrica com que impregnou a sua obra novelesca.

O romance, publicado em 1911, obteve um sucesso incomum e colocou seu autor em posto de destaque na galeria dos ficcionistas brasileiros. Na trilogia de romances regionalistas “Maria Bonita” (1914), “Fruta do mato” (1920) e “Bugrinha” (1922), que foi violentamente criticada pelos modernistas, é importante a análise psicológica das personagens femininas.

Segundo o texto oficial da Academia, Afrânio Peixoto era “dotado de personalidade fascinante, irradiante, animadora, além de ser um primoroso conferencista, conquistava pessoas e auditórios pela palavra inteligente e encantadora”. “Como sucesso de crítica e prestígio popular, poucos escritores se igualaram na época a Afrânio Peixoto” (ACADEMIA, s/d). Por outro lado, o crítico literário Alfredo Bosi, autor do clássico “História Concisa da Literatura Brasileira”, fez uma análise contundente sobre algumas das obras literárias de Afrânio Peixoto: “A verdade é que nunca ultrapassaram os lugares-comuns do provincianismo cultural de festejado acadêmico”.

Afrânio Peixoto - médico legista, professor, político, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário - procurou resumir em sua biografia e o seu intenso labor intelectual exercido na cátedra e nas centenas de obras que publicou em dois versos: “Estudou e escreveu, nada mais lhe aconteceu.” Ele faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947.

Principais obras: *Rosa mística*, drama (1900); *Lufada sinistra*, novela (1900); *A esfinge*, romance (1911); *Maria Bonita*, romance (1914); *Minha terra e minha gente*, história (1915); *Poeira da estrada*, crítica (1918); *Trovas brasileiras* (1919); *José Bonifácio, o velho e o moço*, biografia (1920); *Fruta do mato*, romance (1920); *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922); *Bugrinha*, romance (1922); *Dicionário dos Lusíadas*,

filologia (1924); *Camões e o Brasil*, crítica (1926); *Arte poética*, ensaio (1925); *As razões do coração*, romance (1925); *Uma mulher como as outras*, romance (1928); *História da literatura brasileira* (1931); *Panorama da literatura brasileira* (1940); *Pepitas*, ensaio (1942); *Breviário da Bahia* (1946). Além dessas, publicou obras de outros autores e numerosos livros de medicina, história, discursos e prefácios.

Leituras recomendadas

ACADEMIA Brasileira de Letras. Afrânio Peixoto. Disponível em:<
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=44&sid=127>>.
Acesso em: 12/11/2008.

LACAZ, Carlos da Silva. “Afrânio Peixoto”. In: LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da Medicina Brasileira*. São Paulo: Editora Helicomn/Pfizer, 1963. 100p.

MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto; notas sobre uma trajetória médica. *Revista SBPC*, n. 11, p.75-81, 1994.

MENANDRO DOS REIS MEIRELLES FILHO**(24/12/1876 – 20/03/1947)****PROFESSOR DE CLÍNICA OBSTÉTRICA**

Nasceu em 24 de dezembro de 1876, filho de D. Hermelinda Isbella da Silva Meirelles e de Dr. Menandro Reis Meirelles (MEIRELLES FILHO, 1898). Está grafado “Isbella”, como não sabemos se é um erro datilográfico, optamos em registrar como está em sua tese inaugural.

Seu pai, Menandro Meirelles, formou-se em 1875, da 59ª turma, colega de Luiz Anselmo da Fonseca (TAVARES-NETO, 2008). Dr. Menandro Meirelles foi Secretário da Faculdade durante 27 anos e meio (ver cap. 2 deste volume).

Menandro Meirelles Filho diplomou-se em Medicina pela Fameb em 17 de dezembro de 1898, 82ª turma, tendo sido colega de Antonio do Amaral Ferrão Muniz, Augusto Couto Maia, Luiz Pinto de Carvalho e de Laura Amália de Souza Bahiense, a sexta mulher diplomada pela escola *mater* brasileira.

Em 1896, foi Interno da Clínica Obstétrica e Ginecológica, nomeado e empossado em 14 de novembro, ficando até 08 de dezembro de 1898, quando concluiu o curso médico (PROF. DR. MENANDRO, s/d).

Sua tese inaugural ou doutoral foi “Breves considerações sobre a Symphyseotomia”, que consta no levantamento feito por Meirelles *et al.* (2004, p.58). O estudo se refere à operação obstétrica que consistia em “Seccionar o púbis das donzellas que não tinham

regular desenvolvimento orgânico, afim de assegurar uma feliz parturição” (MEIRELLES FILHO, 1898, p.1)

Em 8 de abril de 1899 foi nomeado Assistente Interino de Clínica Obstétrica e Ginecológica. Em 1901, foi também Assistente Interino de Clínica Pediátrica.

Em 1911, entrou em vigor uma nova Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental no país. Era a Reforma Rivadávia, pois o decreto n. 8.659 de 5 de abril de 1911, assinado pelo Presidente Hermes da Fonseca, era referendado pelo Ministro Rivadávia Corrêa, da Justiça e Negócios Interiores, pasta que abarcava a Educação e a Saúde. Entre as inúmeras mudanças, esta reforma introduziu a separação em duas áreas, a da Ginecologia e a da Obstetrícia (COSTA, 2007). Desse modo, Menandro Meirelles Filho assumiu em 15 de maio o cargo de Professor Extraordinário Efetivo de Clínica Obstétrica. Em 1912 regeu interinamente a cadeira de Obstetrícia. Em 1914, com a aposentadoria do Prof. Climério de Oliveira, em maio do referido ano, o Prof. Menandro Filho se tornou Professor Efetivo (Catedrático) da referida cadeira, empossado em 4 de agosto. Regeu a cadeira até 15 de julho de 1925 (OLIVEIRA, 1992, p.434), quando foi posto em disponibilidade, assim ficando até 1945, quando se aposentou, em 20 de fevereiro (PROF. DR. MENANDRO, s/d).

Como catedrático, Prof. Menandro dos Reis Meirelles Filho assumiu a direção da Maternidade Climério de Oliveira (MCO). Como diretor da MCO, ele enfrentou “galhardamente” a falta de verbas, pois, segundo, o memorialista Eduardo de Sá Oliveira (1992), ele criou “um pensionato para senhoras, coisa de absoluta necessidade e, então, inexistente em nosso meio” (p.104). Ainda segundo Oliveira, ele foi “um eficiente continuador de seu extraordinário antecessor [Climério de Oliveira], quer na realização de obras exigidas nos pavilhões, quer no progresso do ensino clínico” (Ibidem). Com sua saída, assumiu o prof. Almir Sá Cardoso de Oliveira, também presente nesta galeria. Não encontramos nem na aula inaugural de 1942 do Prof. Estácio de Lima (1992), nem na Memória Histórica em Rodolfo Teixeira (1999), que destacam a atuação de vários professores da Fameb, qualquer referência ao prof. Menandro Filho.

Faleceu em 20 de março de 1947.

Leitura recomendada:

MEIRELLES FILHO, Menandro dos Reis. *Breves considerações sobre a symphyseotomia*. These inaugural apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1898. 89p.

ALMIR DE SÁ CARDOSO DE OLIVEIRA
(23/10/1887 – 02/01/1949)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA OBSTÉTRICA

Nasceu em 23 de outubro de 1887, em Salvador. Era filho de D. Teodolina Sá Cardoso de Oliveira e do Prof. Climério Cardoso de Oliveira (1855-1920), fundador da Maternidade que leva o seu nome e Catedrático de Clínica Obstétrica.

Após realizar o curso secundário no tradicional Ginásio da Bahia, iniciou os estudos do curso Médico na Faculdade de Medicina da Bahia, e graduou-se em Medicina na FAMEB em 14 de dezembro de 1909, 93ª turma, tendo sido colega de Durval Tavares da Gama (1886-1946), Fernando José de São Paulo e Octávio Torres - ver os dois últimos nesta galeria (TEIXEIRA, 1999; TAVARES-NETO, 2008) -, após sustentar tese inaugural intitulada *Sobre o índice endêmico da filaríase latente na Bahia*, referida por Adeodato Filho (1967). Essa tese inaugural não consta no levantamento feito por Meirelles et al. (2004). Foi Interno da 2ª cadeira de Clínica Médica de 1906 até formar em 1909 (PROFESSOR ALMIR, s/d).

Contraiu matrimônio com D. Mariá Gomes Cardoso de Oliveira, de cujo casamento teve apenas uma filha, Iolanda Oliveira de Azevedo, casada com o Dr. Milton Azevedo, médico que trabalhou na Maternidade como Assistente (ADEODATO FILHO, 1967).

Obteve em 17 de agosto de 1912 o título de Docente Livre da cadeira de Clínica Obstétrica, já então apartada da Clínica Ginecológica, tendo para tanto defendido perante a Faculdade a tese sobre *O quociente lóbulo-nuclear neutrófilo da gestante* (ADEODATO FILHO, 1967).

Foi Assistente da Maternidade Climério de Oliveira a partir de fevereiro de 1910 até novembro de 1914, quando tomou posse como Professor Extraordinário Efetivo da Cadeira de Obstetrícia (PROFESSOR ALMIR, s/d). Para obter essa nomeação de Professor Extraordinário, Prof. Almir de Oliveira apresentou, em 1914, os seguintes trabalhos: *Traquelotomia e Comentários à terapêutica da atitude distócica dos membros inferiores do feto no parto pelas nádegas* (ADEODATO FILHO, 1967).

Em 1915 passa a exercer o cargo de Professor Substituto da 12ª Seção (Clínica Obstétrica).

Ao mesmo tempo em que exercia as atividades de obstetra, atuou nas funções de Médico Legista do Estado. O Prof. Almir de Oliveira foi escolhido para substituir o Prof. Oscar Freire, quando o insigne legista afastou-se da Cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, em atenção ao convite feito pelo Governo do Estado de São Paulo para organizar e dirigir o curso de Medicina Legal da Faculdade de Medicina daquele Estado. Portanto, de 6 de julho de 1922 a 17 de agosto de 1924, ele regeu a cadeira de Medicina Legal (PROFESSOR ALMIR, s/d). Solicitou exoneração de suas antigas funções de Médico Legista do Estado, ao discordar com ordem superior de transferência do cargo.

Foi Professor catedrático da cadeira de Clínica Obstétrica, a partir de 1925, substituindo o prof. Menandro dos Reis Meirelles Filho (1876-1947), que regeu a cátedra de 1915 a 1925 (OLIVEIRA, 1992). Essa matéria era ensinada no 6º e último ano (TEIXEIRA, 1999). Prof. Almir Oliveira regeu a cadeira até 30 de dezembro de 1948.

Prof. Almir de Oliveira faleceu em 02 de janeiro de 1949 (PROFESSOR ALMIR, s/d). Em sua *Oração de Parainfo*, o prof. Alício Peltier de Queiroz, faz o seguinte registro: “é preciso que saibais, banqueiros, grandes industriais, magnatas do comércio, latifundiários, que *grandes mestres desta Casa* terminaram os seus grandes dias na pobreza extrema e irremediável: assim Valadares, Mario Leal, *Almir de Oliveira*, Barros Barreto e tantos outros” (QUEIROZ, 1959, p.9; grifos nossos). Assim como o Prof. Almir, Mário Leal e Barros Barreto também estão nesta galeria.

Segundo o testemunho do prof. José Adeodato Filho (1967, p. 144-149), era o Prof. Almir Cardoso muito teórico e pouco prático. Dono de dotes para falar em público e ministrando aulas que entusiasmavam os alunos, o Prof. Almir esteve afastado da Maternidade durante toda a gestão do Diretor Menandro dos Reis Meirelles Filho, de 1914 a 1925 (onze anos), em razão de relações pouco amigáveis com o diretor da

Maternidade. Além de não ter qualquer atividade na sua especialidade, era carente de Clínica particular. Dotado de pouca aptidão administrativa, debaixo da sua gestão a Maternidade alcançou uma situação de verdadeiro descalabro. A Instituição foi entrando numa situação de superlotação incessante, com severas consequências pelas penúrias orçamentárias.

Todavia, em virtude do afastamento do Diretor Prof. Menandro, por ter solicitado disponibilidade, assumiu o Prof. Almir a Cátedra e a Direção da Maternidade.

Desempenhou as funções de Secretário de Saúde Pública do Estado, durante as Interventorias no Estado da Bahia de Leopoldo Amaral e Artur Neiva. A partir de 1935, o governador Juracy Magalhães ofereceu recursos ao Prof. Almir de Oliveira, para a edificação de um novo Pavilhão na Maternidade, que opinou pela construção de um Pavilhão para Pensionato, aproveitando-se o antigo pavilhão utilizado, pequeno e inadequado, que seria reformado para atender às indigentes. Assim, a construção do Pensionato foi a obra mais relevante da gestão do Prof. Almir na Maternidade.

Não obstante a inauguração festiva do novo edifício em 25 de março de 1936, atuação desastrosa do Interventor Juracy Magalhães com o cerco da Faculdade de Medicina da Bahia, em 22 de agosto de 1932 (ver cap. 3, vol. III), carregou para o Interventor intensa animosidade de professores, alunos e da sociedade baiana.

Inteligência refinada, rápido raciocínio e eloquente na oratória, Prof. Almir de Oliveira arguiu importantes teses sustentadas por candidatos à Cátedra da FMB e, defesas realizadas no Salão Nobre da Faculdade, destacando-se pelo rigor na estratégia da arguição. Dentre esses concursos está o de Medicina Legal, cuja vaga foi conquistada pelo Prof. Estácio de Lima (ver nesta galeria).

Formou e moldou discípulos celebrados da *Ars obstetricia*, os quais são destacados especialistas: Eládio Lassere, Eduardo Freitas, Djalma Ramos, Diógenes Vinhaes e muitos outros Mestres na arte de partejar. O Professor Catedrático de Obstetrícia, José Adeodato Filho (também nesta galeria) foi um dos seus orientados e depois Assistente Voluntário gratuito durante três anos.

Leituras recomendadas

ADEODATO FILHO José. *O ensino da clínica obstétrica na Universidade da Bahia*. Salvador: Departamento Cultural da Reitoria/Universidade Federal da Bahia. (Composto e impresso na Fundação Gonçalo Moniz - Fiocruz), p. 146-149, 1967.

ARISTIDES NOVIS
(18/06/1885 – 30/04/1953)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE FISIOLOGIA

Nasceu em Cuiabá, em 18 de junho de 1885, sendo seu pai o Dr. Augusto Novis, médico da Armada Nacional, destacado para servir na capital do Mato Grosso. Chegou à Bahia em 1901, com 16 anos de idade, ingressando, no mesmo ano, na Faculdade de Medicina da Bahia (LEITE, 2011).

Colou o grau de doutor em Medicina, em 1907, 91ª turma (TAVARES-NETO, 2008), depois de um curso brilhante. A tese doutoral foi “Da concepção neurônica” (MEIRELLES et al., 2004). Foi aluno laureado, recebeu como Prêmio uma viagem de estudo à Europa (LEITE, 2011).

Foram seus colegas de turma: Antônio Ignácio de Menezes, Durvaltércio Bolívar de Aguiar, José Olympio da Silva e Pedro Augusto de Mello (TAVARES, 2008).

Ignácio de Menezes e José Olympio da Silva foram professores da Fameb e o último, diretor interino da Faculdade (1946-1950). Pedro Augusto de Mello foi o introdutor da identificação civil no Estado da Bahia e, em sua homenagem, o Governo estadual criou o Instituto Pedro Mello (*Ibidem*).

Em 1911, após excelente concurso, conquistou a Livre-Docência de Fisiologia. Em 1917, foi Professor Substituto de Fisiologia e, dois anos depois, Professor Catedrático da referida disciplina, ensinada no segundo ano do curso médico (*2ª série médica*).

Foi o 18º Diretor da FAMEB (1931-1932), atuando com muita dignidade e altivez no triste episódio de agressão à Faculdade, quando, em 22 de agosto de 1932, houve o cerco e invasão da Fameb, no Terreiro de Jesus, pelas tropas do interventor federal Juracy Magalhães (BRITTO, s/d).

Sobre o docente, temos o testemunho de um de seus discípulos e depois colega no ensino da disciplina de Fisiologia: “Professor de palavra límpida e fluente, as suas aulas tinham o fascínio da exposição corrente e brilhante, que revestia a doutrina com as galas do verbo inspirado e cintilante, prendendo os alunos na trama da sua oratória, sem que isso em nada prejudicasse a perfeita transmissão do conhecimento, que assim se tornava mais nítida e atraente” (MACEDO COSTA, 1978). O Prof. Macedo Costa, que depois se tornaria também Catedrático de Fisiologia, destaca que suas aulas não eram só magníficas na forma, mas também no conteúdo:

“Desse conceito, porém, resultou, por vezes, uma imerecida distorção, deixando transparecer que suas aulas eram apenas belas. Acompanhei-as, ouvi-las, anotei-as, anos a fio, sem faltar a uma sequer, já na honrosa qualidade de seu assistente. Belas aulas, sem dúvida; belas e boas. Belas na forma, boas na substância, no conteúdo, nos conceitos atualizados, na profundidade das concepções. Às vésperas do seu desaparecimento, a última lição sobre vitaminas, como de hábito grafada no quadro, revelava ideias recentes, que naquela época eram desconhecidas para nós outros, os jovens, ávidos de modernidade” (Idem, *ibidem*).

Entre seus discípulos, além do Professor Luiz Fernando Macedo Costa, que seria Professor Titular na cadeira e reitor da UFBA, foi também o seu filho Jorge Novis, sucessor imediato na cadeira (Id., *ibid.*).

Outro testemunho obtido é o da médica Margarida Valente Lobo, que também destaca as aulas magistrais do Prof. Aristides, como a aula sobre as Glândulas. “Falou sobre as Suprarrenais, o Fígado, o Pâncreas, as Salivares, as Sublinguais, a Pineal, a Tireoide, as Paratireoides. (...) Afinal falou sobre a Hipófise e declarou-a a famosa maestrina da fantástica orquestra do corpo humano!” (VALENTE, 2008, p.44). Essa turma de 1956 pediu e o Prof. Novis ministrou a última aula do curso (Idem, p.110)

Foi o diretor do antigo Hospício São João de Deus e foi graças a ele que o nosocômio foi denominado em 1936, Hospital Juliano Moreira (JACOBINA, 2001).

Foi presidente da Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia, diretor da Faculdade de Medicina e dos hospitais Juliano Moreira e Santa Izabel, membro fundador do Instituto Bahiano de História da Medicina, membro correspondente da Academia Nacional de Medicina, Diretor de Saúde e Secretário de Educação e Saúde.

Mais uma vez no testemunho de seu discípulo ilustre, Aristides Novis era um modelo pelo conhecimento e pela ética em suas ações: “ ‘Mestre’ Novis (...) – o paradigma

singular, que reunia, a um tempo, as virtudes cívicas do cidadão e as qualidades intelectuais do mestre culto (MACEDO COSTA, 1978).

Em 1952, recebeu juntamente com os colegas José Olympio da Silva, Francisco Magalhães Netto e Eduardo Lins de Araújo, uma Moção de Louvor do Reitor Prof. Edgard Santos (ver em “José Olympio da Silva” nesta galeria).

O seu encantamento se deu em Salvador, no dia 30 de abril de 1953.

Pela sua atuação na assistência psiquiátrica tem um serviço com seu nome - Centro de Saúde Mental Aristides Novis-, em Brotas. É nome de rua em Feira de Santana e em Salvador, na colina de São Lázaro, Federação.

Leituras recomendadas

LEITE, Geraldo. *Reminiscências*. Feira de Santana, BA: Gráfica Universitária. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

MACEDO COSTA, Luiz Fernando. Aristides Novis. *Sinopse Informativa*. Salvador, Universidade Federal da Bahia. v. 2, n.2, outubro de 1978.

SÁ MENEZES, Jayme de. Aristides Novis. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 6, Julho de 1985.

ANTONIO LUÍS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE DE BARROS BARRETO**(11/05/1892 – 26/06/1954)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PARASITOLOGIA**

Nasceu no "Engenho do Meio da Várzea", nas cercanias da Cidade do Recife, em 11 de maio de 1892. A criança recebeu na pia batismal o nome de Antonio Luís Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto, filho de D. Teresa Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto e Ignacio de Barros Barreto, Bacharel em Direito, Deputado imperial do Império e, no regime Republicano, Deputado federal.

Suas lições de estudos no curso primário foram ministradas por professor particular e depois, matriculou-se no Ginásio Pernambucano, de ensino oficial, onde concluiu seu tirocínio no curso secundário, diplomando-se Bacharel em Ciências e Letras, em dezembro de 1910.

Barros Barreto contraiu himeneu com D. Maria Constança Góis Calmon de Barros Barreto, descendente de conceituada família baiana, com quem teve 5 filhos, dos quais 4 eram varões.

Em 1910, matriculou-se no curso médico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1916, quando lhe foi outorgado o título de "aluno laureado", sendo afixado seu retrato no Panteon, recebendo, ademais, o "Prêmio de Viagem",

consoante o Regulamento de 1901, que confere ao melhor aluno da turma que alcançasse no curso acadêmico mais de dois terços de aprovações distintas, sem nenhum conceito "simplesmente". Recebeu apenas duas notas "plenamente", grau nove no curso de medicina, sendo todas as outras notas consignadas com "distinção" no curso acadêmico.

Concluído o segundo ano de medicina, em 1913, frequentou o Instituto Manguinhos, no Rio de Janeiro, matriculando-se no curso de "Microbiologia e Zoologia Médica", concluído em 1914. Foi convidado por Oswaldo Gonçalves Cruz para continuar laborando na seção de Zoologia, onde elaborou sua tese de doutoramento "Revisão da família Subulurinae", onde estão registrados um gênero novo e oito novas espécies de helmintos parasitos, sendo aprovada com distinção pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Foi Interno do Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, em 1914. Realizou, ainda acadêmico de medicina, concurso de provas escrita, prática e oral, para assistente do Instituto de Manguinhos, ao lado de outros cinco concorrentes, médicos, todos de notório saber e experiência no âmbito das pesquisas científicas, classificando-se entre os melhores candidatos. Foi contratado de imediato para o cargo, que desempenhou até 1921, quando se transferiu para o lugar de Inspetor Sanitário do Departamento Nacional de Saúde Pública, mediante concurso de provas escrita, oral e prática, qualificando-se em primeiro lugar, com o máximo de pontos dentre 81 candidatos inscritos.

Em 1915, quintanista de medicina, logrou conquistar perante concurso de provas escrita e prático-oral, os lugares de auxiliar-acadêmico no Serviço de Assistência Pública da Prefeitura do Distrito Federal e de interno da Clínica Dermatológica e Sifilográfica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sempre qualificando-se nos primeiros lugares.

No período de 1917 a 1920, na condição de assistente de Manguinhos, trabalhou em várias comissões científicas, entre elas a de Estudos de Biologia Marinha, na Ilha Grande, nas proximidades do Rio de Janeiro e a de Pesquisas sobre a etiologia e epidemiologia da febre amarela no Nordeste Brasileiro, quando percorreu os Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e grande parte do território baiano.

Viajou para a América do Norte em 1921, ao ser distinguido com o Prêmio de Viagem, quando frequentou a *Johns Hopkins University*, onde se diplomou "Doctor in Public Health" após sustentar tese intitulada "*The action of X-rays on basal metabolism*". Dos Estados Unidos partiu para o Velho Mundo, onde fez cursos de

especialização em Paris, no *Hôpital Saint-Louis*, e em Berlim, no *Charité Krankenhaus* e frequentou vários serviços de Saúde Pública em ambos os países, além da Bélgica, Suíça e Itália.

De volta ao Brasil no ocaso de 1923, chefiou a Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, escrevendo no Boletim Sanitário. No exercício dessas funções, fez parte da delegação brasileira ao Congresso Interamericano de Medicina Social e organizou o 1º Congresso Brasileiro de Higiene, quando foi o secretário geral da comissão executiva, sendo ambos os certames sediados na então Capital Federal, em 1924. No mesmo ano, fundou com outros colegas a Sociedade Brasileira de Higiene, quando foi indicado para secretário da sua primaz diretoria.

Logo nos albores de 1924, foi nomeado Chefe do Serviço de Saneamento Rural no Paraná, sendo, por mérito, promovido a cargo equivalente no Estado da Bahia, onde desembarcou em outubro do dito ano, e indicado depois para a direção da Saúde Pública Estadual.

Em virtude da sua multifacetada cultura e subida e proficiente atuação nos serviços sanitários, além dos relatórios técnicos circunstanciados e reformas levadas a efeito, contou com o apreço e apoio dos governadores Francisco Marques de Góis Calmon, Vital Henrique Baptista Soares e Juracy Montenegro Magalhães.

Na condição de representante oficial do Estado da Bahia, ficou à testa de sua delegação nos Congressos Brasileiros de Higiene, realizados em São Paulo e Recife.

Organizou o 4º Congresso Brasileiro de Higiene, sediado em 1928 na cidade do Salvador. Nesse certame memorável compareceram figuras exponenciais que pontificaram no mundo médico e científico nacional do seu tempo, tais como: Miguel de Oliveira Couto, Júlio Afrânio Peixoto e Clementino da Rocha Fraga Júnior.

Vocacionado ao magistério, desde quando era estudante em 1914, já ministrava lições no Curso de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Mediante concurso de provas e títulos alcançou a Docência Livre de Higiene, em 1926 e a de Parasitologia na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1934.

Conquistou a cátedra de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Bahia em 1936, da mesma forma por concurso de provas e títulos, no qual conquistou o máximo de pontos, sendo distinguido com distinção grau 10, de todos os componentes da banca examinadora, em todas as provas.

Já exercendo as funções de professor catedrático de Parasitologia, diplomou-se em Farmácia pela Escola Anexa de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1937.

Para o proveito e afamado Ginásio da Bahia foi nomeado professor catedrático de História Natural, em 1936. Todavia, por força de dispositivo constitucional que obstava acumulações remuneradas no funcionalismo público, teve de renunciar ao cargo, em 1937.

Orador oficial, eleito pela Congregação para proferir a Aula Inaugural na abertura dos cursos na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1938. Foi examinador nos concursos para professor catedrático de Higiene na Faculdade de Medicina da Bahia, e de Parasitologia, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, ambos em 1939; de Professor catedrático de Higiene, na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em 1942; de Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, em 1950 e de Clínica Dermatológica e Sifilográfica na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1952.

Examinador de Botânica aplicada à Farmácia em concurso para docente-livre na Escola de Farmácia da Bahia, em 1941 e Paraninfo dos médicos graduados pela Faculdade de Medicina da Bahia, no mesmo ano.

No auge da entrada do Brasil na segunda guerra mundial, o Prof. Barros Barreto inscreveu-se no curso de Especialização organizado pela 6ª Região Militar. No término do sobredito curso, foi nomeado pelo Governo da República, Major do Exército de 2ª linha, médico, pelo Decreto de 7 de fevereiro de 1944. Fundada a Faculdade de Filosofia da Bahia, em 1942, participou de seu corpo docente ministrando a cátedra de Geologia e Paleontologia.

Foi comissionado pelas Faculdades de Medicina e de Filosofia da Universidade da Bahia para estudar os métodos de ensino da Parasitologia e da Geologia nos EUA, onde permaneceu seis meses (fevereiro a agosto de 1951). Diplomado em "*Medical Mycology*", pela *Duke University, Durham, North Carolina*. América do Norte - Curso do Prof. N. F. Conant, em 1951.

O Prof. Barros Barreto pertenceu, entre outras, às seguintes instituições culturais e científicas: 1 – No Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Dermatologia; Sociedade de Medicina e Cirurgia; Sociedade Brasileira de Biologia; Sociedade Brasileira de Ciências; Sócio fundador e ex-secretário geral da Sociedade Brasileira de Higiene do Rio de Janeiro e Sócio correspondente da Academia Nacional de Medicina. 2 – no exterior: Membro da *American Public Health Association*; da *American Social Hygiene*

Association; Membro correspondente da *Sociedade Cirurgica del Guayas-Guayaquil* – Equador. Na Bahia: Sócio fundador e primeiro presidente da Associação dos Docentes Livres da Faculdade de Medicina da Bahia; Membro da Liga Bahiana Contra a Mortalidade Infantil; Sócio fundador da Sociedade de Pediatria da Bahia, da Liga Bahiana contra o Câncer e da Fundação Anti-tuberculosa Santa Terezinha – Bahia; Membro da Fundação Santa Luzia – Bahia; Sociedade Médica dos Hospitais; Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Sócio fundador da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos; Associação dos Professores da Bahia; da Ala das Letras e das Artes – Bahia; Associação Bahiana de Medicina; Sociedade de Medicina Social e do Trabalho; sócio da Associação Bahiana de Imprensa; Presidente do Sindicato dos Médicos da Bahia.

O professor foi o organizador dos 1º e 4º Congressos Brasileiros de Higiene - Rio de Janeiro, em 1923, e Bahia, em 1928.

Barros Barreto foi também Membro titular da cadeira nº 5 da Academia de Letras da Bahia, que tem como patrono Luís Antonio de Oliveira Mendes (natural da Bahia -1748 - ?), advogado na Bahia e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. O recipiendário Prof. Barros Barreto foi empossado solenemente no sodalício em 30 de setembro de 1948, sendo saudado pelo Prof. Francisco Peixoto de Magalhães Netto.

O Prof. Barros Barreto exerceu os seguintes cargos públicos: Chefe do Laboratório do Serviço Federal de Febre Amarela no Nordeste – 1919; Chefe do distrito do Serviço de Saneamento Rural do Estado do Paraná – 1924; Chefe do Serviço de Saneamento Rural no Estado da Bahia - 1924 a 1930; Diretor Geral de Higiene no Estado da Bahia – 1924; Diretor Geral de Saúde Pública, em substituição ao Dr. Aristides Novis, que solicitara exoneração, nomeado por Decreto de 23 de outubro de 1924; Sub-Secretário de Estado da Saúde e Assistência Pública na Bahia - 1925 a 1929; Secretário de Estado da Saúde e Assistência Pública na Bahia - 1929 a 1930; Secretário de Educação e Saúde Pública na Bahia - 1935 a 1937.

Em sua *Oração de Parainfo*, o prof. Alício Peltier de Queiroz, com indignação, registrou que o prof. Barros Barreto, assim como Mário Leal e Almir de Oliveira, entre outros professores da Fameb, “terminaram os seus grandes dias na pobreza extrema e irremediável” (QUEIROZ, 1959, p.9).

O falecimento do professor Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto ocorreu em 26 de junho de 1954, quando regressava de uma estação de cura em Caldas de Cipó. O corpo foi trasladado para a Faculdade de Medicina da Bahia, “onde

foi velado até as 16 horas de ontem em câmara ardente no salão nobre daquele estabelecimento. O enterro foi realizado ontem à tarde no cemitério do Campo Santo, com grande acompanhamento. À beira do túmulo, falaram diversos oradores." (A TARDE - 28.06.1954).

Obras do Prof. Barros Barreto.

Dentre os oitenta e três trabalhos científicos foram escolhidos os seguintes:

- Nota sobre CUCULLANIDAE nov. fam., de Nematódeos - Brasil Médico, 1916. Ano 30º, n. 45, pág. 338 - 1916.
- Notas helmintológicas - III - CUCULLANUS PULCHERRIMUS nov. sp. de Nematódeo - Brasil Médico - 1918. Ano 32, n. 18 - pág. 137.
- Sobre as espécies brasileiras da sub-família SUBULURINAE, Trav. 1914. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 1919, Tom, XI, pág. 10.
- Notas entomológicas - I - Estudos sobre a anatomia do gênero TRIATOMA - Proboscida e tubo digestivo. Brasil Médico - 1919, Ano 33, n. 21, pág. 161.
- Soroterapia na Febre Amarela (Primeiras aplicações no Brasil do Soro de Noguchi) - Folha Médica, 1920, Ano I, n. 19, pág. 152.
- Sanitary significance of mosquitoes and others insects. Lecture in Sanitary Engineering, 1922. Johns Hopkins University; Baltimore. Md. U., S. A.
- Seasonal distribution of deaths by diarrhea under two years of different latitudes in the United States of America - May - 9th. 1922. School of Hygiene and Public Health - Johns Hopkins University - Baltimore, Md. U. S. A.
- The action of X-rays on basal metabolism. Thesis for the degree of Doctor of Public Health. - May, 15th, 1922 - Johns Hopkins University Baltimore, Md. U. S. A.
- The effect of X-rays exposure on metabolism. Jour. of Metabolic Research, vol. 3, ns. 5-6 - 1923, pág. 737 - U. S. A.
- Importância da educação e propaganda sanitária na defesa da saúde coletiva. - Boletim Sanitário do D. N. S. P. - Ano 2, n. 3, agosto de 1923, pág. 29 - Arquivos Brasileiros de Medicina - Ano XIII, n. 10 - outubro de 1923, pág. 1.035.
- Relatório do Serviço de Saneamento Rural no Estado do Paraná (1º semestre) - Arquivos Paranaenses de Medicina, Ano V, n. 4 - 5 agosto - setembro, 1924, pág. III.
- Relatório da Diretoria Geral de Saúde Pública do Estado da Bahia - Ano 1924 - Mensagem do Governador do Estado - 7 de abril de 1925 - pág. 20.

- Código Sanitário do Estado da Bahia - 1925.
- Estudos epidemiológicos sobre as gastro-enterites infantis - Tese de concurso para a Docência-Livre de Higiene - Faculdade de Medicina da Bahia - 1926.
- Profilaxia do alcoolismo - Conferência na Semana anti-alcoólica - Diário Oficial do Estado da Bahia - 23 de outubro de 1927.
- Sobre o ciclo evolutivo do *Aedes aegypti* na Cidade do Salvador - Bahia (em colaboração com os Drs. A. W. Burke e Mário Bião). Memória apresentada ao 4º Congresso Brasileiro de Higiene - janeiro - 1928 - Bahia.
- Sodoco - Aspectos na Bahia e profilaxia (em colaboração com o Prof. Martagão Gesteira) - Idem - Idem - Idem.
- Riqueza bacteriana e índice cólico nas águas de abastecimento à Cidade do Salvador - Bahia (em colaboração com o Dr. Eduardo de Araújo) - Memória apresentada ao I Congresso Brasileiro de Higiene - Bahia - 1928.
- Como organizar o Ministério de Saúde Pública no Brasil - Idem - Idem - Idem.
- Novos aspectos da etiologia do Mal de Chagas - Conferência na Sociedade Acadêmica Alfredo Britto - 30 de maio de 1936.
- Radioterapia do câncer uterino - Conferência na Liga Bahiana contra o Câncer - 15 novembro 1939.
- Existe Doença de Chagas na Bahia? - "Lábaro" - Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia - 2:4:16 - março-agosto 1939.
- Caminhoá e o Herbário da Faculdade de Medicina da Bahia - Anais da Faculdade de Medicina da Bahia - 1939 - pág. 281-400.
- Em torno da radioterapia das amídalas - Palestra no Hospital Santa Izabel, nas homenagens prestadas ao radiologista uruguaio Dr. Pedro Barcia, - 22 junho 1940.
- Micoses mais comuns em tempo de guerra - Conferência no Curso de Medicina Militar, organizado pela 6ª Região Militar - 9 novembro 1942.
- Fungos produtores da Doença de Pedroso e Carrion - O Hospital - Rio de Janeiro - XXIII: 4:577-596 e XXIII: 5-743-764 - abril e maio de 1943) - Anais da Faculdade de Medicina da Bahia - 1940-1941 - págs. 89-140.
- Doença de Chagas na Bahia - Dois casos parasitologicamente confirmados - Brasil Médico - 59:46 e 47: ns. 17 e 24 novembro 1945 (em colaboração com o Dr. Adriano Pondé.
- Provas subsidiárias no Diagnóstico da Doença de Chagas - Anais da Faculdade de Medicina da Bahia - 1947.

- Compêndio de Parasitologia - 5 volumes ilustrados: Vol. I - Parte Geral; Vol. II - Protozoologia; Vol. III - Helmintologia; Vol. IV - Artropodologia e Zoologia Médica; Vol. V - Micologia e Virologia.

Leituras recomendadas

BARROS BARRETO, Antônio Luís C. de A. *Curriculum Vitae* de Antonio Luís Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto. Arquivo da Secretaria da Academia de Letras da Bahia. Salvador: Tipografia Beneditina / Bahia, 1948. 39p.

CASTRO RB. Breviário da Academia de Letras da Bahia / 7.3.1917 - 3/7.3. 1985. 1ª edição. Salvador: Bureau Gráfica e Editora Ltda., p. 25, 1985.

JOAQUIM MARTAGÃO GESTEIRA**(17/05/1884 – 20/07/1954)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PEDIATRIA E HIGIENE INFANTIL**

Nasceu Martagão Gesteira em Conceição do Almeida, no recôncavo baiano, em 17 de maio de 1884, filho de José Leonardo do Gesteira (PROF. JOAQUIM, s/d; SOUZA, 1973). Não obtivemos o nome da genitora.

Foi Interno de Clínica propedêutica a partir de 19 de dezembro de 1907 até 14 de dezembro de 1908, exonerado por ter concluído o curso médico (PROF. JOAQUIM, s/d).

Diplomou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1908, 92ª turma, a do 1º Centenário da FMB: 1808-1908 (TAVARES-NETO, 2008). Defendeu a tese inaugural “Etiologia e diagnóstico da septicemia de Bruce” (GESTEIRA, 1908), que consta no levantamento feito por Meirelles *et al.* (2004). Exerceu a clínica pediátrica e logo buscou também exercer o magistério, pois em 1909, com um ano de formado, tomou posse em 5 de junho como Assistente Efetivo da cadeira de Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica (PROF. JOAQUIM, s/d).

Em 1910, tornou-se Livre Docente para Clínica Pediátrica Médica, tomando posse em 01 de abril, regendo a cadeira até 1912, quando assumiu, em 06 de novembro desse

ano, o cargo de Professor Extraordinário Efetivo de Clínica Médica e Higiene Infantil (PROF. JOAQUIM, s/d).

Tornou-se Professor Catedrático em Clínica Pediátrica Médica em 1914, nomeado em 05 de maio e tomando posse no dia 31 do mesmo mês, ficando até 1937, portanto por mais de vinte anos.

Esteve a serviço do governo de 10 a 29 de outubro de 1917 e, no ano seguinte, representando o governo Federal, esteve em Congresso de Pediatria em Montevideu, Uruguai, de 1º de maio a 19 de junho. Em 1919, foi para a Europa para curso de aperfeiçoamento (PROF. JOAQUIM, s/d). Só na segunda metade do século passado, a maioria dos docentes vai optar pelos EUA como o local de realização dos cursos de aperfeiçoamento profissional.

Foi um dos fundadores, em 1923, da *Liga Bahiana contra a Mortalidade Infantil*, “que tantos e relevantes serviços tem prestado” (SOUZA, 1973, p.280), sendo atualmente denominada de “Liga Álvaro Bahia contra a Mortalidade Infantil”. O Dr. Álvaro Pontes Bahia é outro fundador da Liga, formado pela Fameb em 1913, foi também professor da escola *mater* da medicina brasileira (TAVARES-NETO, 2008). Em 1929, representou o país “nas jornadas médicas de Paris” (Idem, 2ª pág.). Em 1937 se afastou para servir ao governo do Rio de Janeiro (PROF. JOAQUIM, s/d).

Em 1937, portanto, já famoso e conhecido em todo o país, deixou a Fameb, pedindo transferência para a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), aceitando convite do presidente Getúlio Vargas para trabalhar na capital federal. No Rio de Janeiro teve a tarefa de organizar o Instituto de Puericultura, “trabalho ingente que executou e que se ligaria, indelevelmente, ao seu nome”, conforme palavras de Loureiro Souza no seu *Baianos Ilustres* (SOUZA, 1973). No exercício das funções públicas dirigiu o Departamento Nacional da Criança, onde ganhou prestígio como administrador.

Faleceu em 20 de junho de 1954, no Rio de Janeiro (SOUZA, 1973). Entretanto, a ficha bibliográfica do Prof. Martagão Gesteira registra que ele ‘faleceu em 30 de abril de 1954’ (PROF. JOAQUIM, s/d). Optamos pela data de Souza (1973), mas cabe verificação.

Pedro Calmon disse sobre esse mestre da Pediatria: “Raros homens terão sido mais úteis aos seus semelhantes, mais benfazejos à sociedade, mais dignos de sua carinhosa

estima do que esse grande médico que passou a vida a salvar crianças” (*apud* SOUZA, 1973, p. 279).

Um dos seus alunos, Ruy Santos (1978), formado em 1928, em suas memórias de acadêmico de Medicina, disse o seguinte sobre o seu “mais iluminado” professor:

Éramos atenciosos às suas aulas, pelo imã do seu talento, duma cultura especializada e de uma didática impressionante. Suas palestras eram, indiscutivelmente, as de maior assistência; a apresentação do doente, então, permitia-nos ver muito mais que o existente em todos os tratados (p.183). Hoje, tanto tempo decorrido, relembro os seus gestos, a sua posição frente à maca em que o doentinho, - rotina de aula, - se encontrava. (...) A sua postura. A clareza da frase. A precisão de informes (p.199).

Outro depoimento de ex-aluno que também destaca o Prof. Joaquim Martagão Gesteira, “mestiço claro”, de ‘voz metálica’ e ‘perseguido pela surdez’, não só como um grande médico, mas também como excelente e excepcional didata, é o de José Silveira: “foi ele [Martagão Gesteira] um dos nossos maiores mestres”. E chama atenção para o compromisso social de Martagão em sua área, a Pediatria. “E nem só porque sabia o que ensinava e ensinava muito bem, como igualmente pela sua extraordinária atuação social em favor de crianças abandonadas na Bahia” (SILVEIRA, 1980, p.127).

A Bahia não o esqueceu, prestando uma homenagem ao denominar um importante complexo de assistência pediátrica com o nome de **Hospital Martagão Gesteira**, no bairro do Tororó.

O professor Carlos da Silva Lacaz, ao traçar o perfil deste pediatra baiano, de origem humilde e afrodescendente disse: “Este homem, que nasceu pobre, engrandeceu a sua profissão. Tornando-se merecedor da gratidão de todos os brasileiros” (*apud* SOUZA, 1973, p.279).

Leituras recomendadas

SOUZA Antônio Loureiro de. Martagão Gesteira. In: SOUZA Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 279-280, 1973.

GESTEIRA, Joaquim Martagão. *Etiologia e diagnostico da Septicemia de Bruce*. These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Typ. do Salvador – Cathedral, 1908. 113p.

MÁRIO CARVALHO DA SILVA LEAL
(19/01/1878 – 1954)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Mário Leal nasceu em 19 de janeiro de 1878. Colou grau em medicina na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 24 de abril de 1902.

Em 1901 foi Interno da 2ª cadeira de Clínica Médica, de 1º de abril até 31 de dezembro do mesmo ano. Em 1902 faltou ao estágio de 01 de janeiro a 02 de março, tendo sido exonerado. Em 1903, já formado, tornou-se Assistente Interino de Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas, nomeado e empossado em 03 de junho, exercendo o cargo até 2 de setembro do referido ano. Em 1904 foi Preparador Interino de Anatomia Descritiva, de 13 de setembro (nomeação e posse) até 11 de dezembro. Em 1906 voltou a ser nomeado e empossado como Preparador Interino de Anatomia Descritiva, em 09 de julho, sendo dispensado em 11 de janeiro de 1907. Ainda em 1907, foi nomeado preparador Interino de Anatomia Médico-Cirúrgica, exercendo o cargo até 12 de junho.

Tornou-se Professor Substituto de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas, aprovado por concurso, sendo nomeado por Decreto de 19 de dezembro de 1907. A Clínica Psiquiátrica, quando foi criada em 1881, não abrangia “as moléstias nervosas”, cujo conteúdo ficava em Patologia Interna. Somente em 1891 as duas áreas se uniram numa única cátedra (JACOBINA, 2001).

Em 1909 regeu a cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas. Em 1911, tornou-se Professor Extraordinário Efetivo de Clínica Psiquiátrica e Moléstias

Nervosas, exercendo o cargo até 1914, quando passou a Professor Ordinário de Clínica Psiquiátrica apenas, quando a cadeira se dividiu em Psiquiatria e Neurologia.

Com a reforma de ensino médico, realizada pelo Decreto n. 11.530 de 18 de março de 1915, tornou-se professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica (PROFESSOR DR MARIO, s/d).

O catedrático assumiu a direção do Hospital São João de Deus, que só em 1933 seria denominado Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, em outubro de 1925. Formalmente interina, na prática foi uma direção efetiva do manicômio estatal da Bahia, numa gestão que durou mais de cinco anos; outubro de 1925 a dezembro de 1930 (JACOBINA, 2001). A articulação com a Fameb, iniciada na gestão anterior do também prof. Aristides Novis, foi ampliada, com a implantação de um serviço de anatomia patológica e criação de um laboratório de “Psicologia Experimental”, além da criação do Pavilhão-Colônia para pacientes crônicos. Com as mudanças de 1930, ele, que era um ativo militante do grupo liderado por Góes Calmon, foi destituído do cargo (*Ibidem*).

No cerco da Fameb em 1932 e prisão de 514 estudantes, os mesmos foram levados em “auto-ônibus” para a Penitenciária do Estado, e com a superlotação do presídio, foram distribuídos também em várias delegacias da capital (ver cap. 3 deste volume). O Prof. Mário Carvalho da Silva Leal foi preso. Ele era adversário político do *seabrismo* (grupo vinculado ao político JJ Seabra) na Bahia, grupo que era aliado de Vargas e Juracy Magalhães, seu interventor na Bahia. Além dele foram detidos também os professores Euvaldo Diniz Gonçalves, Mario Andréa dos Santos, Álvaro Campos de Carvalho, Leôncio Pinto, Eduardo Diniz Gonçalves e Adolpho Diniz

Sobre sua capacidade de prender a atenção do auditório, há um testemunho de seu colega, Prof. Estácio de Lima: “Quem duvidar [da eloquência], assista às preleções elegantes de Mário Leal, o psiquiatra insigne, que diante de um paralítico geral, arruinado em todos os processados mentais, não se transvia da trilha das expressões mais ricas, nem se descarta de tirar ilações sociais enérgicas” (1992, p.83).

O aluno Ruy Santos, formado em 1928, confirma sua cultura humanística, sua “admirável prosa”, mas, por outro lado, destacou também sua atitude irresponsável “inteiramente sem responsabilidade ou sem consciência dos seus deveres” (SANTOS, 1978, p.197). Esse médico escritor chega a escrever um capítulo em seu livro de memória descrevendo o curso de psiquiatria, que praticamente não teve. No Hospício S. João de Deus, depois Hospital Juliano Moreira, a primeira aula foi uma conversa de amenidades. “Não me lembro de ter ouvido uma só palavra da disciplina” (p.193) Na

vez seguinte não compareceu. “Voltamos lá uma semana ou duas. Desistimos. Gastávamos dinheiro no transporte e perdíamos tempo em vão: não voltamos mais. (...) foi aquilo o meu curso de clínica psiquiátrica” (p.193)

Já o prof. Rodolfo Teixeira (1999), analisando o período de 1943, quando inicia a sua memória histórica, até 1946, ele registra que o prof. Mário Leal era o responsável pela cadeira (p.151), mas silencia de qualquer avaliação, não fazendo o mesmo com tantos outros (p.158-169). Porém, no período seguinte, de 1947 a 1950, ele é implacável: “A psiquiatria, cujo ensino não existiu, praticamente durante muitos anos” (p.215) embora, a seguir, seja injusto com o Prof. Nelson Pires, quando refere que, com o concurso do novo catedrático, “teve, inicialmente, problemas, em razão das características pessoais do docente que havia ganhado a cátedra através de concurso [leia-se Prof. Nelson Pires, no concurso de 1954]. Pouco se sentiu a sua ação didática e acabou retirando-se da Faculdade e da própria cidade” (p.215). Na verdade, foi curta, mas intensa a ação do prof. Pires e ele deixou o país, não só a cidade do Salvador, perseguido pela ditadura militar (ver Nelson Soares Pires nesta galeria).

Em abril de 1945, o prof. Mário Leal retornou ao Rio de Janeiro, a serviço do governo, para participar de concurso para Professor Catedrático de Clínica Neurológica na Faculdade Nacional de Medicina (PROFESSOR DR MARIO, s/d).

Em 15 de julho de 1946 foi aposentado compulsoriamente pela idade, de acordo com o decreto de 15 de julho de 1946.

Em sua *Oração de Parainfo*, o prof. Alício Peltier de Queiroz, com indignação, registrou que o prof. Mário Leal, assim como Barros Barreto e Almir de Oliveira, presentes nesta galeria, entre outros docentes da escola *mater* da medicina brasileira, “terminaram os seus grandes dias na pobreza extrema e irremediável” (QUEIROZ, 1959, p.9).

Mário Leal faleceu em 1954. Há um Centro de Saúde Mental com seu nome no bairro do IAPI, em Salvador.

EDUARDO DINIZ GONÇALVES**(21/06/1878 – 23/03/1955)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE ANATOMIA**

Nasceu em Salvador, no dia 21 de junho de 1878, filho de Maria Brasília Albertazzi Diniz Gonçalves e Ernesto Diniz Gonçalves (VILLELA, 1978).

Concluídos os estudos preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). Coursou, primeiro, uma das escolas anexas da Fameb, a de Farmácia, diplomando-se em 1898. Depois cursou Medicina, formando-se em 1902, na 86ª turma (TAVARES-NETO, 2008). O levantamento das teses doutorais feita por Meirelles et al. (2004) não registra a tese inaugural do formando.

Foram seus colegas de turma, no curso médico: Antônio Bonfim de Andrade, Antônio do Prado Valladares, Dário José Peixoto, Heráclio Ponciano de Menezes, professores da Faculdade; e Antônio Bonfim de Andrade e José Cordeiro dos Santos Filho que participaram, ainda como estudantes, da Guerra de Canudos.

Em 3 de março de 1902 foi nomeado Interno de Clínica Cirúrgica (1ª cadeira), exercendo o cargo até 21 de dezembro do mesmo ano (PROFESSOR EDUARDO, s/d).

Iniciou sua carreira docente em 1906, como Preparador, na cadeira de Anatomia, Descritiva. Em janeiro de 1907 passou para Preparador Efetivo. Em 15 de maio de 1911 assumiu o cargo de Professor Extraordinário Efetivo de Anatomia Médica Cirúrgica, Operações e Aparelhos. Cinco anos depois, tornou-se Professor Substituto de Anatomia (4ª Secção) em 16 de fevereiro de 1916, tomando posse em 1º de abril. Graças à sua dedicação e persistente estudo, tornou-se, em 1919, após concurso de títulos e provas, Professor Catedrático de Anatomia Médica Cirúrgica e Operações. Ensinou também, durante muitos anos, na Escola de Odontologia, que era uma das escolas anexas da Fameb, no Terreiro de Jesus (PROFESSOR EDUARDO, s/d)..

Foi chefe de escola, formando numerosos discípulos e seguidores, dentre os quais se destacaram Audemário Silvino Guimarães (Bororó), João José de Almeida Seabra, presentes nesta galeria; Renato Teixeira, Milton de Uzêda Villela e outros anatomistas de elevado conceito.

O Prof. Eduardo Diniz Gonçalves, conhecido como “Biriba”, nome de guerra e que sempre se constituiu no terror dos calouros, além das atividades docentes, exerceu também a clínica médica, onde marcou presença como profissional criterioso e humanitário (LEITE, 2011; VILLELA, 1978). Foi também diretor técnico dos Hospitais Espanhol e Português, em Salvador.

No período de 1911 a 1914, foi Deputado Estadual, Senador Estadual, Vereador e exerceu também a Presidência da Câmara Municipal, portando-se sempre com dignidade nos cargos (LEITE, 2011).

Era como outros médicos e docentes da Faculdade, uma pessoa possuidora de talentos para além da medicina, com conhecidos dotes artísticos, pois foi um bom pianista e excelente artesão.

Aposentado em 30 de agosto de 1946 “por implemento de idade” ((PROFESSOR EDUARDO, s/d). Foi Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Bahia (1947) e da Escola de Odontologia (1954). Honrou as tradições da Bahia, deixando, ao fim da vida, uma legião de alunos, amigos e admiradores.

O Prof. Milton de Uzêda Villela, um dos seus sucessores na cadeira de Anatomia, em depoimento, relembra, muitos anos depois, os primeiros contatos com a matéria:

“Aqueles momentos de tão alta significação tinham como cenário principal a ampla, clara, ventilada e suntuosa *Sala de Dissecção*, onde sobre algumas de suas lindas mesas trabalhadas em mármore italiano, ficavam estendidos os cadáveres, inteiros ou mutilados, daqueles heróis anônimos que iriam servir para que nos fossem dadas as aulas práticas ou para os nossos trabalhos de dissecção. Completando o quadro, ao lado, estava o modesto, sério e respeitável *Anfiteatro Barão de Itapoã*; onde eram ministradas às manhãs de segundas, quartas e sextas, as aulas teóricas, pelo saudoso *Prof. Eduardo Diniz Gonçalves*, catedrático da 1ª Cadeira de Anatomia Humana. Dono de uma personalidade aparentemente hostil, possuía na realidade excelentes qualidades humanas e um coração muito bondoso (...). Penetrava nesse Anfiteatro, vestindo um alvo guarda-pó, tendo numa das mãos a caderneta dos alunos, fazendo-se acompanhar pelas figuras humildes e obedientes dos seus dois funcionários de Gabinete mais velhos, Crispim e Florêncio, um deles conduzindo numa grande bandeja, os ossos que serviriam de assunto para a aula do dia” (VILLELA, 1978; grifos nossos).

Depois desse cuidadoso testemunho de um colega e sucessor na cadeira, vejamos o de um ex-aluno. Em suas memórias dos tempos acadêmicos na Faculdade, no período de 1923 a 1928, Ruy Santos (1978) registra: “Sim: o Biriba. Era assim que a

estudantada o tratava. Fora de sua vista é claro. Mas ele sabia que era este o seu apelido” (p.27). Ele mesmo, vez por outra, usava o seu próprio apelido, como uma advertência: “- Aqui, se não respondeu nada, está na biriba...” (p.27). Biriba era sinônimo de reprovação.

Anatomia era uma disciplina que tinha como livro didático o *Testut*, não o pequeno traduzido, no qual este memorialista estudou com o Prof. Villela, mas o de quatro volumes em francês (SANTOS, 1978, p. 28). E como já ressaltou o Prof. Milton, apesar deste temor ao mestre, Ruy Santos (1978) também reconhecia que o Prof. Eduardo Diniz era justo: “O velho Diniz era exigente; mas não exigia mais do que ensinou. E não examinava mal. Não. Apurava de fato o conhecimento do aluno” (p.30). Entretanto, se o aluno se descuidava e era reprovado, ele era implacável: “- Até março... Biriba!” (*Ibidem*). Outro depoimento de ex-aluno é o de José Silveira: “Sua força, seu mérito real estava na grande vontade de ser útil e ensinar” (SILVEIRA, 1980, p.87). Silveira, também presente nesta galeria, destaca que o Prof. Eduardo Diniz era talentoso e bondoso, com uma ‘fabulosa memória’.

Para traçar o perfil deste mestre inesquecível e polêmico, obtivemos outros testemunhos, como o de Renato de Moraes Senna, que ingressou em 1941 e formou em 1946: “Logo no início, me deparei com o famoso e temido mestre de Anatomia Descritiva, o grande ‘Biriba’, como era conhecido o Prof. Eduardo Diniz Gonçalves. As suas aparentes rispidez e intransigência tinham por trás um magnânimo e bondoso coração” (SENNA, 1999, p.198). Calouro em 1944, o médico e jornalista José Augusto Berbert assim se refere a Eduardo Diniz Gonçalves, “o que tinha fama de mais rigoroso, de reprovador, de exigente” (...) “Com seus rompantes hilariantes e seus xingamentos, era um professor de grande coração, sabia ensinar e, com suas piadas, conseguia tornar agradável uma matéria tão árida e difícil” ((BERBERT, 1999, p. 309). E, por fim, o depoimento de Geraldo Leite, lembrando o seu 1º ano, em 1945: “O terror era o professor de anatomia, Eduardo Diniz Gonçalves, o ‘Biriba’. Nas suas aulas, sentados ao nosso lado, no anfiteatro Barão de Itapuã, (...), havia sempre um bom número de repetentes, pelo mestre pejorativamente chamados de ‘odaliscas’ ” (LEITE, 1999, p.190).

Faleceu em 23 de março de 1955 (PROFESSOR EDUARDO, s/d), vivendo, portanto, 77 anos. Mas, como constatamos acima, vive encantado nas reminiscências de muito de seus ex-alunos.

FLAVIANO INNOCÊNCIO DA SILVA**(09/09/1880 – 1956)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE DERMATOLOGIA**

Nasceu na Bahia, em 09 de setembro de 1880. Filho de D. Amélia Imbassahy da Silva e Flaviano Innocêncio da Silva (SILVA, 1900).

Ex-interno de *Clínica Syphiligraphica e dermatológica* e também “Ex-interno dos hospitaes de sangue estabelecidos nesta capital durante a quadra de Canudos. Ex-auxiliar da Pharmácia dos mesmos hospitaes” (Ibidem). Ainda como acadêmico foi sócio-fundador do Grêmio dos Internos da Bahia (Ibid.)

Graduou-se em Medicina na Fameb, em 15 de dezembro de 1900 (PROFESSOR FLAVIANO). Sua tese inaugural “*Prophylaxia Pública da Syphilis*”, consta no levantamento feito por Meirelles et al. (2004) com o nome equivocado do 1º capítulo da primeira parte: “Aleitamento e syphilis”. O capítulo 2 é sobre “Vacinação e syphiilis” e o 3º é “Syphilis e prostituição”. Na segunda parte, discute a Sífilis no mundo, no Brasil e, na Bahia. Por fim, discute as medidas de profilaxia contra a transmissão da sífilis, lém das proposições, que são feitas ao final de cada tese inaugural (SILVA, 1900). Justifica a escolha do tema, porque, dentre os problemas de higiene social “nenhum de certo é mais importante que o da prophylaxia publica da syphilis” (...), “um morbo ao qual não se liga importância, porque se está acostumado com elle” (p. i). Porém, ele adverte: “A syphilis ataca tanto o libertino, como a innocente creancinha, a esposa honesta e a nutriz

ignorante” (...) “Ela, além de causar males prepara o terreno para outras moléstias (p.II). Cita, como exemplo a tuberculose (Ibid.).

Há um trecho em sua tese doutoral que merece ser conhecida, mais de cem anos depois: “*Si de passagem tocamos em certos pontos, isto é, dizemos certas verdades duras, é que achamos que, tratando-se do bem estar publico e da sciencia, deveríamos ser francos*” (p.iv). Esta frase foi inspiradora para esta memória histórica sobre o bicentenário da Fameb

Ele já tinha se tornado farmacêutico, em 1897, pela Faculdade de Medicina e de Farmácia da Bahia, prestando assistência aos feridos de Canudos tanto como auxiliar de Farmácia quanto como Interno prestando assistência nos hospitais de sangue aos feridos de Canudos (SILVA, 1900), como já referido.

Em 29 de novembro de 1922, foi nomeado Professor da 16ª seção e empossado em 15 de dezembro. Em 1926, regeu a cadeira de Clínica Dermatológica e Sifilográfica, substituindo o prof. Albino Leitão. Em 1946, foi para o sul do país para estudar junto as Clínicas Dermatológicas das Faculdades de Medicina para estruturar o Laboratório (Museu) da cadeira (PROFESSOR FLAVIANO).

Em 1945, o seu amigo, Prof. Albino Leitão, antecipou a sua aposentadoria para permitir que o Prof. Flaviano Silva também assumisse a cátedra (GUIMARÃES, 2007). Em 1947, ele foi nomeado com decreto de 4 de março e empossado em 15 de março, como Professor Catedrático da cadeira de Clínica Dermatológica e Sifilográfica (PROFESSOR FLAVIANO).

Segundo o prof. Newton Guimarães, seu sucessor na cátedra, Flaviano Silva era um “infatigável” pesquisador. Como falava e escrevia fluentemente em vários idiomas, ele se correspondeu com respeitáveis nomes da Dermatologia internacional, além de ter publicado trabalhos que o tornaram conhecido e respeitado. Entre as contribuições originais, destaca-se primeira descrição da forma de leishmanioses difusa anérgica ou leishmaniose hansenoide, que, segundo Guimarães (2007), essa prioridade foi dada equivocadamente a Convit e colaboradores. O caso foi apresentado pelo prof. Flaviano na I Reunião dos Dermato-Sifilógrafos Brasileiros, no Rio de Janeiro, em 1948, tendo sido publicado sob o título “Forma Raríssima de Leishmanioses Tegumentar: Leishmaniose Dérmica não Ulcerada, em Nódulos e Placas Infiltradas e Hieprpigmentadas”, nos Anais do encontro (Rio de Janeiro; Tipografia do Jornal do Comércio, p. 97-103, 1948). Outro destaque foi a descrição das “Formas melanodérmicas do Lupus Eritematoso”, com lesões hiperpigmentadas no início, em

negros e mulatos com lúpus eritematoso discoide. Sua tese sobre “Notosidade de Lutz-Jeanselme” foi considerada uma das mais valiosas contribuições ao estudo dessa afecção na época.

Com mais de uma centena de publicações sobre os principais assuntos da especialidade, em especial, os temas da dermatologia tropical, honrando uma boa tradição da escola *mater* brasileira com estudos sobre leishmaniose, ainhum, boubá, esporotricose, granuloma inguinal, actinomicose, pinta, entre outras patologias, foram temas que não escaparam à curiosidade e ao sistemático estudo do Prof. Flaviano Innocêncio da Silva, que o Prof. Newton Guimarães (2007) se refere sempre como Flaviano *Imbassahy* da Silva.

Esse trabalho original e socialmente relevante o fez merecedor de numerosas distinções e honrarias. Assim, o Professor Flaviano da Silva foi membro correspondente ou honorário de várias sociedades nacionais e estrangeiras; seu nome é um dos raros de autores brasileiros e figurarem no clássico *Atlas* publicado em Budapeste quando do I Congresso Internacional de Dermatologia, o *Corpus Iconum Morborum Cutaneorum* de Nekam, como também na primeira edição do tratado de Jadassohn, considerado a “bíblia” da dermatologia alemã (Ibidem).

Entre as honrarias, recebeu a Medalha Gaspar Viana, a maior que a Sociedade Brasileira de Dermatologia concede aos médicos dermatologistas. Outra honraria foi ter sido o segundo membro dessa Sociedade de especialistas elevado a categoria de *Sócio Honorário*, tendo sido precedido apenas pelo Dr. Adolfo Lutz. Ele foi aposentado compulsoriamente ao completar 70 anos, no dia 09 de setembro de 1950 (PROFESSOR FLAVIANO).

Em novembro de 1950, recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade da Bahia, depois UFBA (Ibidem)..

O seu encantamento se deu em 1956. Não conseguimos obter o registro do dia e mês.

Leitura recomendada:

SILVA, Flaviano Innocêncio da. *Prophylaxia Pública da Syphilis*. These apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1900. 137p.

EUVALDO DINIZ GONÇALVES
(01/08/1887-10/03/1958)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE QUÍMICA MÉDICA (BIOQUÍMICA)

Natural de Salvador Bahia, nascido em 1º de agosto de 1887, era filho de D. Julieta Lídia Veloso Diniz e do Farmacêutico Henrique Diniz Gonçalves.

Sustentou tese inaugural "*Do Calcio*" em 22 de dezembro de 1911, aprovado com Distinção (dez) e graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 30 de dezembro de 1911, sendo aluno laureado, obtendo como prêmio uma “viagem ao estrangeiro”, aprovada em 2 de junho de 1913 (PROFESSOR EUVALDO, s/d.).

Foi da 95ª turma (1911), tendo sido colega de Claudelino Sepúlveda e Pery Guimarães, que se tornaram também professores da FAMEB (TAVARES-NETO, 2008). Pery Guimarães, sanitarista e gestor público, foi diretor do Hospital Juliano Moreira, de janeiro a agosto de 1938, com uma direção que, apesar de muito curta, foi significativa no hospital psiquiátrico (JACOBINA, 2001).

Em sua tese inaugural: “Do Cálcio” (MEIRELLES et al., 2004), ele já demonstrava sua vocação e paixão temática pela área de Química Médica. Iniciou sua carreira docente em 1912, como Preparador voluntário da cadeira de Química Médica, nomeado por Portaria da Diretoria de 10 de abril de 1912, tomando posse em 12 do mesmo mês.

Livre Docente de Química Médica, por resolução unânime da Congregação de 30 de julho. Apresentou como trabalho original a Monografia *Harmonização das Substâncias Minerais*; foi nomeado Docente Livre por Portaria da Diretoria de 17 de agosto. De setembro a novembro deu um curso privado de Química Inorgânica Médica.

Em 1913, foi o "Representante dos Livres Docentes" na Congregação, nela tendo assento desde a sessão de 02 de janeiro. Ensinou Química Inorgânica do curso de Farmácia, Portaria de 01 de abril, tendo tomado posse no dia seguinte. Foi aprovado unanimemente pela Congregação, em sessão de 02 de junho, no concurso de provas e títulos para Professor Extraordinário de Química Médica. Professor Extraordinário Efetivo da Cadeira de Química Médica, por Decreto do Presidente da República de 23 de julho, tomando posse e entrando em exercício em 06 de setembro. No segundo período letivo, reger aula de Química Metalúrgica do curso de Odontologia. Licenciado de 18 de setembro a 02 de outubro.

Em 1914, ensinou na cadeira de Química Médica de 15 de abril a 23 de dezembro, em substituição ao professor ordinário, Dr. Francisco da Luz Carrascosa, Professor ordinário de Química Médica no período de 1912 a 1919 (OLIVEIRA, 1992). Reger a cadeira de Química Inorgânica do curso de Farmácia e também no segundo período, a aula de Química Metalúrgica do curso de Odontologia. Em 1915, reger a aula de Química Mineral e Orgânica do curso de Farmácia. Em 13 de agosto, conforme declaração do Sr. Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, passou a *Professor Substituto* de Química Médica da 1ª sessão, de acordo com a reforma do Ensino de 18 de março. Conforme resolução do Conselho Superior do Ensino de 1916, a cadeira de Química Médica passou a Constituir a 2ª sessão.

Em 1919, tornou-se *Professor Catedrático* de Química Médica por Decreto do Presidente da República Delfim Moreira da Costa Ribeiro. Foi empossado no dia 15 de janeiro de 1920, no cargo de Professor Catedrático de "Química Médica", antes denominada "Química Fisiológica" (OLIVEIRA, 1992), e atualmente, denominada de Bioquímica, cadeira dada no 2º ano do curso (TEIXEIRA, 1999).

Em 1922, viajou para o exterior "para aperfeiçoar seus estudos no Exterior" (PROFESSOR EUVALDO, s/d.).

Ao deixar a cátedra foi substituído pelo Prof. Antônio do Amaral Ferrão Muniz (ver a seguir). Depois, já com o nome de Bioquímica, a cátedra foi regida pelo Prof. Trípoli Gaudenzi, também presente nesta galeria (TEIXEIRA, 1999, p.204). No testemunho de dois renomados ex-alunos: José Silveira (1980, p.78-79), presente nesta galeria, e Ruy Santos (1978, p.49), o Prof. Euvaldo Diniz tinha conhecimento, tinha saber, mas não sabia ensinar, não foi um bom didata.

Faleceu em 10 de março de 1958. Fica o desafio para os próximos memorialistas desenvolver este breve relato biográfico do professor de Química Médica (Bioquímica).

ANTÔNIO DO AMARAL FERRÃO MUNIZ
(12/06/1872 – 23/04/1959)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE QUÍMICA FISIOLÓGICA/ CLÍNICA

Nasceu na Bahia, em 12 de junho de 1872 (PROFESSOR ANTÔNIO, s/d). Filho de D. Margarida do Amaral Ferrão Muniz e José Egas Ferrão Muniz (MUNIZ, 1898).

Antônio do Amaral Ferrão Muniz graduou-se em Medicina pela Fameb em 17 de dezembro de 1898, 82ª turma, tendo sido colega de Augusto Couto Maia, Luiz Pinto de Carvalho, Menandro Meirelles Filho e de Laura Amália de Souza Bahiense, a sexta mulher diplomada pela escola *mater* brasileira.

Sua tese inaugural ou doutoral foi “Contribuição ao estudo da Thanatophidia e seu tratamento” e consta no levantamento feito por Meirelles *et al.* (2004, p.58). É um estudo sobre acidentes ofídicos (*phidia* = serpente) e seu tratamento fitoterápico, com um preparado alcoólico (tintura de Paracary), estudada pelo médico Francisco de Castro, feita de uma planta (*marsypiante hyptoide*). É claro que Amaral Muniz não deixa de referir o trabalho de Otto Wucherer. Outro dado interessante é que ele faz um estudo experimental com cães e no final registra uma série de correspondência de médicos e pessoas leigas que usaram a tintura com êxito no acidente ofídico (MUNIZ, 1898). Em sua tese inaugural ele já demonstra a sua vocação pela Bioquímica, na época chamada de Química Fisiológica, depois Química clínica e, atualmente, Bioquímica.

Em 1911, tornou-se Professor Extraordinário Efetivo de Química Analítica e Industrial, do curso de Farmácia, que era uma escola anexa da FAMEB, tendo sido nomeado em 4 de maio, tomando posse no dia 15 do mesmo mês. Em 18 de março de 1915, tornou-se Professor Substituto.

Em 1921, Amaral Muniz foi nomeado em 10 de março Professor Catedrático de Química Analítica, tomando posse em 26 do mesmo mês. Regeu a cadeira até 1925, quando foi transferido para a cadeira de Química Geral e Mineral, do curso médico. Em 1931, passou a reger a cadeira de Química Fisiológica, também do curso médico, de acordo com o Decreto n. 19.852, de 11 de abril de 1931 (PROFESSOR ANTÔNIO, s/d), ficando na cadeira que passou a ser chamada de Química Clínica em 1935 até 1940, quando se aposentou (Ibidem; OLIVEIRA, 1992, p.431).

Nos anos 20 foi Substituto, só depois, tornou-se Catedrático de Química. “Homem fundamentalmente político, mantinha um consultório médico popular. Gratuito, na sua própria casa, beneficiando enfermos pobres e necessitados da redondeza” (SILVEIRA, 1980, p.80). Entretanto como professor não era um bom didata: “As aulas do mestre Amaral era aulas lidas. (...) Lia mal, com uma voz roquenha, sem conseguir manter a classe atenta, aqui e ali desrespeitando a pontuação” (SANTOS, 1978, p.50). Na avaliação, era exigente e, segundo Silveira (1980), na hora da arguição, “ninguém entendia as suas perguntas e, acredito, nem ele próprio” (p.83). Silveira refere ainda que, certa vez, o Prof. Amaral Muniz chegou com um chumaço de papel e deu uma aula com mais de uma hora, pois, em geral, elas não passavam de vinte minutos. Era coisa nova. Depois, os estudantes descobriram que a fonte de inspiração era uma tese de um médico cachoeirano de sobrenome Sapucaia, aprovada com ‘simplesmente’, “na hora em que todos, nas suas monografias de doutoramento, conseguiam notas distintas” (p.82). Por outro lado, o Prof. Silveira destaca o Assistente de Química Médica, Prof. Adolpho Diniz: “Claro, metódico, assíduo, competente e interessado, não vivia a repetir compêndios, nem se perdia no mundo das doutrinas fascinantes, mas de pouco proveito prático; partia da base, dos fundamentos. De cada substância dava sua fórmula exata, suas origens, seu valor, seus efeitos sobre o organismo humano e suas possibilidades de aplicação médica” (p.83-84). Esperamos que um memorialista, no futuro, coloque com destaque o Prof. **Adolpho Diniz Gonçalves**, formado em 1923 e protagonista no episódio de 22 de agosto de 1932 (ver **cap. 3** deste volume), na galeria dos encantados.

O Prof. Antônio do Amaral Ferrão Muniz faleceu em 23 de abril de 1959.

Leitura recomendada:

MUNIZ, Antônio Amaral Ferrão. *Contribuição ao estudo de thanatophidia e seu tratamento*. These apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia. Bahia: Litho-Typ. E Enc. Wilcke, Picard & C., 1898. 155p.

LAFAYETTE COUTINHO DE ALBUQUERQUE**(12/12/1906 – 6/09/1959)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE UROLOGIA**

Nasceu em João Pessoa, Paraíba, a 12 de dezembro de 1906. Era filho de D. Dália Coutinho Albuquerque e Esmerino Coutinho de Albuquerque.

Fez seus cursos preparatorianos nos Colégios Pio X e Liceu Paraibano, em João Pessoa. Radicado em Salvador desde os tempos de estudante de medicina, formou-se em 26 de dezembro de 1929, 113ª turma da FAMEB, tendo sido colega de Benjamim Salles, José Adeodato Filho e Rodrigo Argolo (TAVARES-NETO, 2008), presentes nesta galeria, bem como Aristóteles Calasans Simões, um dos que assentaram o alicerce da Faculdade de Medicina de Alagoas, hoje da Universidade Federal de Alagoas; Oscar Velloso Gordilho, aluno laureado com o Prêmio Professor Manoel Victorino; e Ruy de Lima Maltez, 5º Presidente (1962-1971) do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA).

Lafayette Coutinho foi casado desde 1934 com a baiana Maria Francisca de Araújo Góes (Dona Chiká), falecida em 01 de novembro de 1994, com quem teve, em 1937, na capital banana, uma filha, Lenise, de quem teve dois netos, Lafayette Neto e Cristina (PREFEITURA, 2011).

Começou sua carreira profissional em Condeúba, município do Estado da Bahia.

Em 1º de agosto de 1933, exerceu as funções de Assistente do antigo e já extinto Ambulatório Augusto Vianna, até 1935. Nesse mesmo ano, em 26 de outubro, foi nomeado, mediante concurso, Docente Livre da Clínica Urológica (PROFESSOR LAFAYETTE, s/d).

Professor catedrático de Clínica Urológica da Faculdade de Medicina da Bahia, nomeado por decreto de 07 de maio de 1936, empossando-se no Rio de Janeiro (PROFESSOR LAFAYETTE, s/d, 1ª pág.) em 11 de maio, entrando em exercício no dia 15 do mesmo mês, substituindo o Prof. Caio Moura que regeu a cadeira de Urologia desde 1931, quando foi criada (OLIVEIRA, 1992). Era uma cadeira do Ciclo Clínico, sendo dada no 5º ano.

Regeu a cadeira de Urologia até 31 outubro de 1947, quando foi empossado na Assembleia Legislativa, como Deputado Estadual Constituinte, assentando-se no órgão de representação do Poder Legislativo do Estado da Bahia em 07 de março a 30 de setembro de 1947; manteve-se na Assembleia Legislativa da Bahia até 1951. Foi Deputado Federal de 1951 a 1963, mas, nesse afastamento por mandatos parlamentares, foi Secretário de Segurança Pública da Bahia, no período de 1955 a 1958; e Secretário Estadual de Agricultura Indústria e Comércio da Bahia, em 1959.

Desempenhou as funções de médico do Serviço de Pronto-Socorro da UFBA; foi Membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; da Associação de Medicina da Bahia e da Sociedade Baiana de Urologia; do Sindicato dos Médicos da Bahia; Vice-Presidente da Federação das Indústrias; Presidente do Moinho Salvador, CESMEL S.A. e do Conselho Deliberativo do Instituto de Cacau da Bahia; Participante do Projeto da Criação da Petrobras.

Sobre a cátedra de Urologia, há com seu testemunho, uma crítica sutil do Prof. Rodolfo Teixeira (1999): “A Clínica Urológica há muitos anos se arrastava. O seu titular sempre estava ausente em atividades políticas na Bahia ou em outro estado” (p.212). O Substituto era o prof. Wenceslau Pires da Veiga, que segundo Teixeira (Ibidem), era um profissional qualificado, mas não conseguia ultrapassar as dificuldades que eram impostas pela sua condição de interino. A cadeira deu um salto quando o Prof. Jorge Valente se tornou professor da cadeira.

O médico, professor e político Lafayette Coutinho faleceu inesperadamente na sua casa do bairro da Barra, em Salvador, aos 52 anos, de infarto fulminante, aos 6 dias de setembro de 1959.

Entre suas obras destacam-se: *Tratamento de Úlceras Gastro-Duodenais; Traumatismo da Uretra e seu Tratamento; Do Equilíbrio Ácido-Básico em Urologia; Da Ressecção Endoscópica do Adenoma de Próstata*

Seu nome é topônimo de uma cidade no interior da Bahia. A antiga Baixa Alegre, distrito de Maracás, teve de início seu nome mudado para Vila dos Três Morros (Morro Alto, da Cruz e do Sabino), devido a sua situação geográfica. Foi desmembrada de Maracás, emancipando-se politicamente a 20 de Fevereiro de 1962, na gestão do governador Juracy Magalhães, que prestou homenagem ao médico, professor, secretário de agricultura e depois secretário de segurança do Estado da Bahia (PREFEITURA, 2011).

MÁRIO ANDRÉA DOS SANTOS**(09/06/1884 – 25/02/1960)****PROFESSOR ANATOMIA E FISIOLOGIA PATOLÓGICAS / HISTOLOGIA**

Nasceu no estado do Amazonas, em 9 de junho de 1884, filho de D. Maria Augusta Andréa dos Santos (PROFESSOR DR. MARIO ANDRÉA, s/d).

Colou grau em Medicina na Fameb em 14 de dezembro de 1910, 94ª turma, colega de Carlos Chiachio, jornalista e crítico de arte (TAVARES-NETO, 2008), que se tornou Professor de Estética na Escola de Belas Artes da Bahia e na Escola de Filosofia (TORRES, 1955), todas as três vieram a fazer parte da Universidade da Bahia, criada pela lucidez de Edgar Santos.

Sua tese inaugural “Affecções congênitas do coração”, encontra-se no levantamento feito por Meirelles et al. (2004). Foi aluno laureado, obtendo o prêmio de viagem à Europa (PROFESSOR DR. MARIO ANDRÉA, s/d).

Casou-se com Estelita Andréa, com quem teve o filho, *Jorge Andréa dos Santos* (Salvador, Bahia, 10 de agosto de 1916), Psiquiatra, formado pela Fameb em 1938, considerado uma importante figura do Movimento Espírita no país. Sobre ele, disse o médium e orador Divaldo Pereira Franco, na Revista “Além da Vida”, n. 23: "Admiro o cientista, respeito o orador e leio com sofreguidão os seus artigos".

Em 23 de março 1912, Dr. Mário Andréa dos Santos tomou posse como Docente Livre de Anatomia Microscópica. No ano seguinte, foi nomeado Preparador Interino da

mesma cadeira e, em 1915, foi nomeado Professor substituto da 4ª sessão, ficando, portanto, a um passo da cátedra. Em 22 de novembro de 1916 foi nomeado Professor Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas.

Em 1923, publicou um livro intitulado “Patologia Geral”. “Em um informe à Faculdade, ele diz ter feito preparações histopatológicas para servir as várias clínicas, tendo examinado 85 peças cirúrgicas ao todo, entre 1920 e 1924” (ANDRADE & ANDRADE, 2007, p.96). Diante desses dados, os professores Sônia e Zilton Andrade (2007) concluíram que o “Prof. Andréa foi talvez o primeiro patologista na Bahia a fazer a prática da patologia diagnóstica” (p.95).

Regeu a cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas até 1925, quando permutou com o prof. Leôncio Pinto a cadeira de Histologia. Foi Professor Catedrático de Histologia e Microbiologia até 1931, quando passou a ser denominada de Histologia e Embriologia Geral, com o decreto n. 19.852, de 11 de abril de 1931 (PROFESSOR DR. MARIO ANDRÉA, s/d).

Entre os alunos era famoso pela sua memória prodigiosa, como a de Eduardo Diniz, o Biriba. “Arguía tese com o trabalho fechado, e ia cantando as frases e as páginas que contestava” (SANTOS, 1978, p.25-26). Rodolfo Teixeira (1999, p.149), em sua memória histórica da Fameb de 1943 a 1995, registra o Prof. Mario Andréa dos Santos no ensino de “Histologia e Embriologia Geral”, no ciclo básico, mas não fez nenhum comentário de destaque, como fez com vários outros docentes, inclusive do ciclo básico, como Eduardo Diniz Gonçalves, Raphael Menezes, João José Seabra e Aristides Novis.

A partir de 1925, passou a reger a cadeira de Histologia e Microbiologia do curso de Odontologia, que era, junto com Farmácia, duas escolas anexas da FAMEB.

O prof. Mário Andréa se aposentou em 26 de novembro de 1954.

Faleceu em 25 de fevereiro de 1960.

ALBINO ARTHUR DA SILVA LEITÃO
(02/09/1881 – 22/08/1960)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA DERMATOLÓGICA

Nasceu na Bahia em 2 de setembro de 1881. Não obtivemos o nome de sua genitora. Filho de José Martins Leitão.

Formado pela Fameb em 19 de dezembro de 1903, 87ª turma, colega de Álvaro Madureira de Pinho, pai do prof. Álvaro Rubim de Pinho, de Antônio Borja, Clementino Fraga Júnior e de Eduardo de Moraes, presentes nesta galeria; e Alvim Martins Horcades, protagonista estudantil em Canudos e na greve de 1901 (ver cap. 3, deste volume). Sua tese inaugural não consta no levantamento feito por Meirelles et al (2004).

Quando acadêmico Albino Leitão assinou o manifesto dos estudantes divulgado na imprensa da Bahia, acusando o então diretor, Dr. José Olímpio de Azevedo, de nepotismo e incapacidade administrativa. Dentre os outros signatários também os colegas de turma Clementino Fraga, Antonio Borja, Alvim Martins Horcades, Álvaro Madureira de Pinho; bem como os alunos Oscar Freire, Celestino Bourroul, Joaquim Martagão Gesteira e Antonio Ignácio de Menezes (os dois últimos estão presentes nesta galeria). Esta luta resultou na greve de 1901, que levou a demissão do diretor, José Olympio, e nomeação do prof. Alfredo Britto (BRITTO, 2004), ver **cap. 3** deste volume.

Em 1906, tornou-se Assistente interino da Clínica Dermatológica e Sifilográfica (11ª secção), nomeado em 28 de abril e empossado em 14 de maio. Em 1907, foi nomeado

Professor Substituto da mesma cadeira, em 25 de junho, tomando posse em 25 de julho. Em 1911, tornou-se Professor Extraordinário Efetivo, conforme a Reforma Rivadávia do ensino (Decreto n. 8.659, de 05 de abril de 1911). Em 1914, foi nomeado Professor ordinário na cadeira, tomando posse em 13 de abril (PROF. ALBINO, s/d).

Em 1915, Prof. Albino Leitão se tornou Professor Catedrático da Clínica Dermatológica e Sifilográfica, aprovado por concurso. Em 1926, esteve como membro do Conselho Nacional de Ensino, de 17 de setembro a 7 de novembro daquele ano. Regeu a cadeira de Dermatologia até 1947, quando se aposentou (PROF. ALBINO, s/d).

Sua aposentadoria foi um gesto de raro desprendimento, pois ele se aposentou antes da compulsória (ele fez 70 anos em 1951), para permitir ao seu amigo e colega, prof. Flaviano Innocência da Silva, que era mais idoso que ele, assumir a Cátedra por alguns anos (GUIMARÃES, 2007).

O professor Newton Guimarães dá o seguinte testemunho sobre o mestre: “Conhecido por sua irretocável integridade, embora homem de sólida cultura humanística e grande erudição, o Professor Albino Leitão não se destacou entre os especialistas da época por ser avesso a publicar, e nem mesmo ter exercido a clínica privada. Era de formação eminentemente teórica, e seu exercício da profissão limitava-se ao atendimento gratuito à população de São Sebastião de Passé, cidade vizinha a Salvador, onde passava as férias” (GUIMARÃES, 2007, p. 193).

De seu aluno, Ruy Santos, acadêmico da Faculdade no período de 1923 a 1928, tem o seguinte registro: “Albino Leitão, da Clínica Dermatológica, deu-me algumas aulas. Aulas secas, secas como ele. (...) Foi durante muito tempo, o papa sério da Congregação: à hora difícil, todos o buscavam e os seus conselhos sempre surgiam à base da decência” (SANTOS, 1978, p.26).

Prof. Albino Leitão faleceu em 27 de agosto de 1960.

Há no livro de poesia de Heitor Prager Fróes uma homenagem ao colega, que tinha sido seu professor no curso médico. Um poema chamado *Perfil* no livro “Sal e pimenta” (FRÓES, 1952, p.12):

“Em meio a tanto sábio caricato / E a tanto palrador sesquipedante /
 Conheço um mestre – professor de fato! - / Correto e sempre amigo do estudante. /
 Embora seja ALBINO desde a infância / Vendo-lhe a tez nada encontramos nela /
 Que de *albinismo* ampare a sugestão; / E note-se mais esta circunstância: /
 É que está sempre fora ... da ‘panela’, / Mau grado o sobrenome de...LEITÃO!”

MANOEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA**(28/01/1873 – 01/03/1961)****CATEDRÁTICO DE HISTÓRIA NATURAL (PARASITOLOGIA)**

Nasceu em Camamu, Bahia, em 28 de janeiro de 1873. Era o primogênito do casal Maria Veridiana da Silva Pirajá e Eduardo Augusto da Silva. Em Camamu, Manuel Augusto viveu sua infância, aprendeu a ler e escrever, mas foi enviado a Salvador para completar seus estudos nas escolas dos Padres Urbano e Loreto e do Prof. Manuel Florêncio dos Passos, fundamentais na formação humanística daquele que escreveria capítulos importantes da história da Medicina no Brasil e no mundo.

Manuel Augusto ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1891, aos 18 anos, época em que decidiu resgatar o sobrenome materno, passando a chamar-se Manuel Augusto *Pirajá* da Silva. Tal cognome, de origem indígena, foi adotado por seu avô português, José Ribeiro da Silva, natural de Vila Nova de Famalicão (PARENTE-SILVA; NOVAES, 2008). Ao chegar ao Brasil no momento da luta pela independência do país na Bahia, escolheu o nome da localidade onde se deu uma batalha decisiva para os brasileiros, deixando claro sua opção de vida, para si e para os seus descendentes.

Durante o curso de Medicina, Manoel Augusto aprendeu também alemão e violino. Ao final do curso de graduação, em 1896, elaborou a tese inaugural “Contribuição para o estudo de uma moléstia que ultimamente aqui tem reinado com os caracteres da meningite cérebro-espinhal epidêmica” (MEIRELLES et al., 2004).

Em 1898, Pirajá da Silva se casou com Elisa da Silva Rocha. Ele clinicou durante dois anos em Amargosa, interior da Bahia, e chegou a trabalhar na Amazônia por três meses, mas retornou desiludido, fixando-se então em Salvador.

Em 1902, foi nomeado assistente da 1ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia. Era um momento de intensos debates sobre as doenças tropicais na França e na Inglaterra e o Prof. Pirajá da Silva, no laboratório do hospital de ensino da FAMEB, o Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia, deu suas contribuições para o esclarecimento de algumas dessas enfermidades.

A fim de aprofundar-se no estudo da Parasitologia e Microbiologia, partiu para Paris e matriculou-se no Instituto Pasteur, concluindo um de seus cursos em 1909. Em seguida, foi para a Alemanha estudar doenças tropicais no TROPENINSTITUT de Hamburgo. Ao retornar ao Brasil, passou a ocupar o cargo de Professor Catedrático de História Natural Médica (Botânica e Zoologia, depois Parasitologia), na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1911, e de História Natural, no Ginásio Baiano (1914), onde permaneceu até sua aposentadoria (1935). Em 1921, foi nomeado inspetor sanitário rural e organizou centros de assistência e combate às doenças venéreas, com grande repercussão social (Parente-Silva; Novaes, 2008).

Em 1908, ao examinar as fezes de pacientes internados em seu serviço, Pirajá da Silva passou a observar, com certa frequência, elementos estranhos até então desconhecidos em nosso meio. Tratava-se de ovos de vermes, dotados de um espículo lateral, cuja proveniência intrigou a curiosidade do observador. Até então, a maioria dos estudiosos considerava apenas formas variantes de ovos de *Schistosoma haematobium*, verme produtor da hematúria do Egito. Alguns, porém, levantavam a hipótese de se constituir em “germes” de uma nova espécie, denominada em 1907, pelo Prof. Sambon, *Schistosoma mansoni* (*S. mansoni*). Manson, na terceira edição de sua obra *Tropical Diseases*, mostrou a possibilidade de haver duas espécies de esquistossomos de ovos espiculados, que se diferenciavam pela implantação polar ou lateral do acúleo, eliminando-se os primeiros predominantemente pela urina e os últimos, simplesmente pelas fezes. Prof. Sambon, quatro anos mais tarde, após analisar determinado material que teve em mãos, baseado mais em conjecturas do que em observação direta, propôs, perante a Sociedade de Zoologia de Londres, a criação da nova espécie, denominando-a *Schistosoma mansoni* em homenagem à clarividência do seu colega e amigo (FALCÃO, 2008).

Pirajá da Silva, ao observar os primeiros casos de esquistossomose na Bahia, tratou logo de comunicar-se com Manson, em Londres. Escreveu-lhe minuciosa carta, acompanhada de preparações microscópicas por ele feitas. Manson encaminhou-a para Robert T. Leiper, helmintologista e professor da mesma escola londrina, que vinha, então, fazendo pesquisas especiais sobre a matéria. Respondeu este último a Pirajá da Silva, felicitando-o pela importante descoberta da doença na América do Sul e solicitando-lhe a colheita de mais material para estudos anatômicos acerca da espécie americana. Ofereceu-se para levar as informações do observador brasileiro ao conhecimento da Sociedade de Medicina Tropical de Londres, da qual era presidente Patrick Manson. Datava de 24 de julho de 1908 essa primeira carta de Robert Leiper à Pirajá da Silva. Este, reunindo mais dados, ao autopsiar indivíduos que expeliam ovos de espículo lateral pelas fezes, *encontrara na veia porta e em suas primeiras ramificações, os animais adultos responsáveis pela postura dos ovos*. Examinando atentamente os parasitas hemáticos, percebeu sua não-semelhança com o seu parente próximo. Publicou esse material na imprensa médica nacional, descrevendo tudo que descobrira, inclusive as características anatômicas, e foi para a Europa (FALCÃO, 2008; SANTOS, 2008).

Em Paris, teve contato com os mais eminentes estudiosos que investigavam a esquistossomose. Com apoio do Prof. Raphael Blanchard, catedrático de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Paris, Pirajá foi pesquisar no laboratório de Maurice Letulle, sob cuja orientação procedeu a análise do material trazido da Bahia, do ponto de vista anátomo-patológico. No mês de março de 1909, Pirajá da Silva entregou a Blanchard sua monografia intitulada *La schistosomose à Bahia*. Nela estão todas as suas observações feitas no ano anterior, juntamente com desenhos elucidativos, com preparações microscópicas das características anatômicas dos vermes adultos, machos e fêmeas, e de uma nota anátomo-patológica feita por Letulle. Blanchard publicou o trabalho em seus *Archives de Parasitologie*.

A descrição completa do *S. mansoni*, feita no Brasil, estava lançada pela primeira vez e seria difundida por todo o mundo científico. A descoberta e identificação do *S. mansoni* é hoje fato incontestável e a consagração definitiva do feito se deu na comemoração do cinquentenário desta descoberta, em 1º de dezembro de 1958, pelo Instituto Brasileiro de História da Medicina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do Departamento de Higiene e Medicina Tropical da Associação Paulista de Medicina. Houve sessão solene, distribuição de medalhas comemorativas e emissão de selo (ver figura abaixo).

Este episódio ilustra uma frase atribuída ao grande cientista húngaro, de cidadania americana, Szent Gyorgyio: “Descoberta consiste em ver o que todos viram e em pensar o que ninguém pensou”. Foi exatamente isso o que fez Pirajá da Silva.

Há, do ponto de vista de Saúde Pública, uma importância muito grande pela descoberta no país de uma endemia grave, como é a esquistossomose. Na época talvez não houvesse meios de avaliar suas proporções. Mas, pouco depois, os exames anátomo-patológicos começaram a definir a magnitude do problema. Já na década de 1920, as observações de Heraldo Maciel, realizadas em marinheiros, revelaram a rapidez com que a endemia havia se alastrado. Porém, a quantificação do problema somente ocorreu em 1950, com o inquérito coprológico nacional em escolares, realizado na Divisão de Organização Sanitária, por Barca e Pellon. Calculou-se que na época, já havia cerca de 2 milhões e meio de exames de fezes positivos para ovos de *Schistosoma mansoni* no Brasil. Para 1960, a estimativa era de, pelo menos, 6 milhões de esquistossomóticos no país.

Em 1905 na Alemanha, Schaudinn e Hoffmann conseguiram evidenciar a causa de um dos mais temíveis flagelos da humanidade, a sífilis. Pirajá da Silva procurou confirmar esse achado. Utilizando a prateação do *Treponema pallidum*, ele conseguiu obter ótimas preparações do agente etiológico da sífilis, sendo um dos primeiros a confirmar no Brasil a veracidade da descoberta de Schaudinn e Hoffmann.

Em 4 de outubro de 1911, foi para a França e começou o curso sobre doenças dos países quentes, promovido pelo Instituto de Medicina Colonial da Universidade de Paris. Consagrou-se o primeiro da turma nas provas finais, com o título de Major. Fez importantes pesquisas sobre a leishmaniose tegumentar, a doença de Chagas e as miíases. Diante da estranha moléstia que se iniciava na pele e terminava acometendo as mucosas buconasofaríngeas, ulcerando-as e corroendo os tecidos subjacentes, inclusive as cartilagens, com o nome de *Botão de Brotas*, Pirajá da Silva, na cidade de Salvador (BA), esclareceu precisamente a etiologia à luz do microscópio, demonstrando a presença da *Leishmania tropica* em tais lesões. Em 1912, ele aperfeiçoou o método de cura e, quanto à transmissão da doença, fez observações valiosas em relação à propagação por intermédio dos flebótomos. É muita coincidência de datas, ou é surpreendente a atualidade do conhecimento de Pirajá sobre o tratamento da leishmaniose. "Os antimoniais trivalentes foram introduzidos no tratamento das leishmanioses cutâneas e mucocutâneas por (Gaspar) Viana no Brasil, em 1912, e da leishmaniose visceral por Di Cristina Y Caronia na Itália, em 1915" (OMS, 2012, p.2) .

Em 1910, encontrou o vetor da tripanossomose americana, o barbeiro, em localidades próximas à capital baiana. Levou o material coletado para Paris e no laboratório de Blanchard, em colaboração com E. Brumpt, infectou camundongos, deparando-se no sangue examinado com o *Schizotrypanum cruzi*.

Na platina do microscópio, estudou caso típico de amebose intestinal, confirmado depois pessoalmente por Oswaldo Cruz.

As miíases cutâneas e cavitárias também foram estudadas por Pirajá da Silva. Em 1911, criando larvas retiradas das lesões, identificou *Chrysomyia macellaria*. Em 1912, outra notável contribuição do cientista baiano: a descrição da *Cercaria blanchardi*, forma intermediária do *S. mansoni*. Somente em 1916 veio a redigir o estudo de conjunto intitulado *A Schistosomose na Bahia*, integrante do número jubilar da *Gazeta Médica da Bahia*. Com o correr dos anos, interessou-se pelos cogumelos patogênicos, outro assunto muito pouco conhecido então em nosso meio.

Pelos diversos trabalhos desenvolvidos, Pirajá da Silva recebeu a medalha Bernhard Nocht do Tropeninstitut de Hamburgo (1954) e, em 1956, foi condecorado pelo então Presidente da República, o médico Juscelino Kubitschek, com a Gran Cruz da Ordem do Mérito Médico. Recebeu também o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de São Paulo, em 1957, e da Escola de Medicina e Saúde Pública da Bahia, em 1958. Em 1958, o Ministério da Saúde criou a Medalha Pirajá da Silva para laurear os pesquisadores com trabalhos de investigação e de intervenção sobre a esquistossomose (SANTOS, 2008).

Manuel Augusto Pirajá da Silva morreu em 1º de março de 1961.

Eis o testemunho de um dos seus ex-alunos e admirador, Ruy Santos, acadêmico de 1923 a 1928:

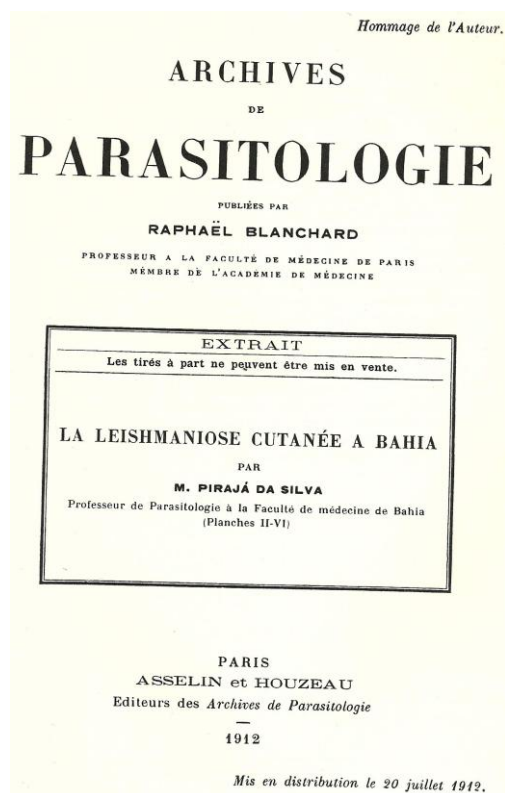
“Pirajá da Silva morreu, não faz pouco, em São Paulo (...). foi um sábio porém. Tão grande quanto Oswaldo Cruz ou Carlos Chagas. A Chagas e Cruz não faltaram recursos para o trabalho que se dedicaram; a Pirajá nada. Não tinha de certo aquele brilho e aquela capacidade de fazer discípulos dos outros dois grandes mestres brasileiros. Sob certo aspecto, entretanto, foi maior que eles” (SANTOS, 1978, p. 36)

Os estudantes da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, em homenagem ao mestre, denominaram sua entidade estudantil de Diretório Acadêmico Pirajá da Silva. Em 2008, ano do Centenário da Descoberta do *S. mansoni*, foi criada uma Comissão para laurear os pesquisadores e instituições que se destacassem na área da saúde (TAVARES-NETO, 2008).

Figura 2: Selo comemorativo do cinquentenário da Descoberta do *S. mansonii* (1908-1958) Fonte: <http://medicalstamps.blogspot.com.br/2007/04/piraj-da-silva.html>



Figura 3 – Reprodução da capa da revista *Archives de Parasitologie*
 Fonte: Bibliotheca Gonçalo Moniz. FAMEB.UFBA. Terreiro de Jesus, Salvador (BA)



Leituras recomendadas

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Pirajá da Silva: o incontestável descobridor do "Schistosoma mansoni"*. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e obra de Pirajá da Silva*. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.



Prof. Pirajá da Silva.

ANTONIO IGNÁCIO DE MENEZES
(1º/02/1878 – 10/05/1961)



**PROFESSOR CATEDRÁTICO DA CADEIRA DE TÉCNICA OPERÁTORIA E
CIRURGIA EXPERIMENTAL**

Nasceu em Salvador, no dia 1º de fevereiro de 1878 (LACAZ, 1966), filho de D. Maria Iluminada da Silva Menezes e Antônio Getúlio Telles de Menezes, em Vila de São Francisco, Bahia (SENNÁ, 1978).

Depois de concluir o curso de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, diplomando-se primeiro em Farmácia em 1902 e depois em Medicina, em 1907, a 91ª turma (TAVARES-NETO, 2008), a mesma de Aristides Novis e José Olympio da Silva que também foram catedráticos. A sua tese doutoral, feita para obter a diplomação na graduação em medicina, foi “Natureza e causas das escleroses vasculares” (MEIRELLES et al., 2004).

Em 1908, foi Preparador da cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Em 1911, conquistou a Docência-livre, por concurso, da cadeira de Anatomia Descritiva. Em 1913, foi preparador da cadeira de Higiene. Finalmente conquistou, por concurso, a cadeira de Medicina Operatória e, em 1931, passou a Professor Catedrático de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da Bahia (TAVARES-NETO, 2008).

No curso de Odontologia na FAMEB, lecionou, durante vários anos, a disciplina de Patologia Dentária. É de sua autoria o livro: *Physiologia dos dentes e da boca*, bem

como uma anatomia descritiva dos dentes humanos e uma anatomia médico-cirúrgica do antro maxilar. Ensinou também no curso de Farmácia, também localizado na Fameb no Terreiro de Jesus, onde lecionou Botânica Aplicada. Nesse campo temático, publicou: *Dicionário das Plantas da Bahia*. Depois numa edição ampliada *redenominou Flora da Bahia*, editado em 1949, pela Companhia Editora Nacional. Esse dicionário botânico trazia a descrição de numerosas plantas brasileiras, com seus nomes científicos e vulgares, características e utilidades. Foi uma referência para todos os botânicos do País e é um documento importante do ponto de vista histórico.

Prof. Ignácio de Menezes também atuou no magistério secundário, ensinando em vários estabelecimentos de Salvador, inclusive na Escola Normal da Bahia, onde conhecido como “Poço da Sabedoria” (PONDE DE SENNA, 1978).

Prof. Carlos da Silva Lacaz (1966), fundador da Sociedade de História da Medicina, registra em seu livro sobre médicos renomados no Brasil: “*Deixou-nos Ignácio de Menezes, além dos trabalhos científicos, diversas obras literárias, tais como “Na Bahia, em Boa Terra”, romance de costumes, impresso em 1934 por conta do Estado da Bahia, com prefácio de Xavier Marques; “Mocidade Vitoriosa”, também romance de costumes; “Crônicas acadêmicas”, memórias da vida baiana do seu tempo; “A Bahia entre dois séculos – 1890-1920”, crônicas da vida baiana, com prefácio do Prof. Pinto de Carvalho. Este último livro achava-se em fase de publicação quando da morte do Autor”*”.

Foi Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade da Bahia, depois Universidade Federal da Bahia. Faleceu em 10 de maio de 1961.

Obras:

IGNÁCIO DE MENEZES, Antonio. *Natureza e causas das escleroses vasculares*. Tese doutora I da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, 1907.

IGNÁCIO DE MENEZES, Antonio. *Flora da Bahia*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1949.

IGNÁCIO DE MENEZES, Antonio. *Na Bahia, em Boa Terra*. Bahia [Salvador]: 1934.

IGNÁCIO DE MENEZES, Antonio. *A Bahia entre dois séculos – 1890-1920*. Salvador, 1961.

Leituras recomendadas

LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da Medicina Brasileira*. São Paulo: Pfizer, 1966, 3v.

SENNÁ, Plínio Garcez de. Discurso comemorativo do centenário de nascimento do Prof. Antônio Ignácio de Menezes. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia. Ano II, No II, outubro. Salvador, 1978

PONDÉ DE SENNA, Consuelo. Antônio Inácio de Menezes. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia. Ano II, No II, outubro. Salvador, 1978

EDGARD RÊGO SANTOS
(08/01/1894 – 03/06/1962)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CIRURGIA

Edgard Santos nasceu em Salvador, no dia 08 de janeiro de 1894, filho de Amélia Rêgo Santos e do advogado e político João Pedro dos Santos. Fez o curso primário no Colégio Americano, na Ladeira do Aljube, e o curso secundário no Ginásio São Salvador, na Baixa dos Sapateiros (BARBOSA, 2011).

Frequentou o curso de Medicina no período da Primeira Guerra Mundial e diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 20 de dezembro de 1917 (101ª turma), tendo sido o orador da turma (SOUZA, 1973; TAVARES-NETO, 2008).

Ainda estudante foi nomeado interno da cadeira de Clínica Psiquiátrica, em 1915, cujo titular da cátedra era Mário Leal e as aulas aconteciam no Hospital São João de Deus. Em junho de 1917, deixou a Clínica Psiquiátrica e foi nomeado interno da 4ª cadeira de Clínica Médica. O catedrático de Clínica Médica era o Prof. Prado Valladares, que o influenciou tanto na formação quanto no estilo de escrita que viria a adotar. Como era regimental na época, para graduar-se defendeu publicamente, em 19 de dezembro de 1917, a tese inaugural “Um ensaio em torno de hormônios”, que não consta no levantamento de Meirelles et al. (2004). Escrito num estilo elegante, faz uma síntese do conhecimento que, à época, se tinha sobre o tema. Diz o jovem autor: “Descobriu-se que, a par do elemento nervoso, na somação dos múltiplos fatores, cuja integral é o desempenho sinérgico das funções orgânicas, há um elemento humoral que,

estimulando a atividade dos vários territórios, assegura a harmonia do conjunto” (*apud* MAGALHAES NETO, 1999, p.89)

Em 20 de setembro de 1922 casou-se com Carmem Figueira, com quem teve três filhos: Eduardo, Roberto e Fernando (BARBOSA, 2011). Seu filho Roberto Santos se tornou também professor da Fameb, reitor da UFBA e foi, entre muitos cargos públicos, governador da Bahia e ministro da Saúde.

Edgard Santos fez especialização em cirurgia em São Paulo, onde ficou por mais de quatro anos (1918-1922), tendo sido Assistente do Prof. Luiz do Rêgo (LACAZ, 1963). Empenhou-se sempre em manter-se atualizado não só em sua área de especialização, a cirurgia, mas também buscou obter um conhecimento mais abrangente da medicina e que procurava ampliar mais ainda adquirindo publicações no exterior, sobretudo na Europa, de onde vinham os conhecimentos mais emergentes naquela época (BARBOSA, 2011).

Viajou à Europa para se aprimorar em sua especialidade, frequentando as Universidades de Paris, Lion e Berlim. Quando retornou a Salvador, abriu consultório e iniciou a carreira de cirurgião. O consultório funcionou por mais de 30 anos no Palacete Catharino, na Rua Chile, prédio que foi demolido. Durante as décadas de 1920 e 1930, já professor catedrático da Fameb teve grande sucesso como cirurgião geral. Assumiu a direção do Hospital da Real Sociedade Espanhola de Beneficência (TEIXEIRA, 1999).

Com a pretensão de dedicar-se à carreira docente, Edgard Santos, ainda jovem, pleiteou uma das cátedras de Cirurgia da Fameb. Com o apoio de mestres, como Prado Valladares e Antônio Borja, ele assumiu interinamente a cátedra de Patologia Cirúrgica, em 7 de agosto de 1925. Entretanto, ele também contou com a oposição de alguns colegas, que, por motivos políticos ou mesmo por interesse no cargo, questionavam sua prematura ascensão à cátedra, tendo em vista que era muito jovem (31 anos). Por isso, doze dias depois de ter assumido o cargo, era dispensado, por manobras de seus adversários. Edgard Santos enviou petição ao Ministério da Justiça, ao qual a Fameb estava vinculada (o Ministério da Educação seria criado em 1930). O prof. Edgard justificou a legitimidade da sua assunção ao cargo, e foi nomeado novamente, em março de 1926, interinamente para a mesma cátedra, mas desta vez com a obrigação de reger também o curso da Clínica de Propedêutica Cirúrgica. Ele permaneceu nesta função até fins de 1927, quando foi efetivado por concurso público na cátedra de Patologia Cirúrgica, aos 33 anos.

No concurso eram exigidas duas teses, uma sobre tema de livre escolha do candidato e outra sobre assunto sorteado. A do ponto sorteado foi: “*Câncer na Bexiga*”, em que foi aprovado com 9,97. A outra tese, de livre escolha, “*Intervenções de Cirurgia nos Domínios do Simpático*”, abordava tema de sua preferência. As teses, na avaliação do professor Roberto Santos (2008, p. 32), são “ambas muito bem escritas, bem estruturadas, inteligentemente dispostas na apreciação do que se escreveu sobre o tema”. A profundidade é confirmada pela bibliografia utilizada. A primeira tese, sobre câncer na bexiga, listava 269 referências bibliográficas; a outra, sobre intervenções cirúrgicas relativas ao simpático, contava com 170 referências bibliográficas, sendo 50 de René Leriche, autoridade máxima sobre este assunto naquela época, que o professor baiano havia conhecido, primeiramente, na Universidade de Strasbourg e depois no *Collège de France*. Além das teses, Edgard Santos se submeteu à prova didática, no dia 30 de novembro de 1927, sobre o tema “Anúrias”.

Edgard Santos, na cátedra de Patologia Cirúrgica, em 1928, foi atuar na Enfermaria São Luiz, para homens, e na Enfermaria Santa Marta, para mulheres, do Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia, onde os serviços médicos eram precários, com ausência de serviços de enfermagem e laboratórios qualificados. Só contava com ajuda das freiras, que não eram capacitadas para o serviço (BARBOSA, 2011). Nas enfermarias de clínica médica, os pacientes levavam muito tempo internados, “sem nenhuma premência de ordem social para voltar à vida ativa” (SANTOS, 2008, p. 35), à espera de providências e procedimentos médicos elementares. Edgard Santos que “não era homem de conformar-se” (SANTOS, 2008, p. 36), sensibilizado com esta situação, criou mais tarde, quando no exercício de cargo público estadual, o hospital de pronto-socorro (ver a seguir).

Em 1933 tornou-se Professor Catedrático de Cirurgia, 3ª Cadeira, criada em 1911 (OLIVEIRA, 1992). Foram antecessores os Professores Carlos de Freitas (1911-1916) e Antônio Borja (1916-1933).

Em 1932, Prof. Edgard Santos foi convidado pelo Interventor na Bahia, Tenente Juracy Magalhães, que era aliado de Getúlio Vargas e com quem partilhou a Revolução de 1930, para dirigir a Assistência Pública de Saúde. Nesse cargo, criou o Hospital do Pronto Socorro, no Canela, depois denominado Hospital Getúlio Vargas (HGV). Segundo Teixeira (1999), a construção do Hospital do Pronto Socorro foi uma clara demonstração de competência política e administrativa, pois o Pronto Socorro foi instalado no Canela, na perspectiva de que ele também servisse de campo de prática

para os estudantes da Fameb, uma vez que a Faculdade já projetava instalar seu hospital escola neste bairro, onde havia comprado vasto terreno (TAVARES-NETO, 2008; BARBOSA, 2011). Previsto para ser inaugurado em 1937, só ficou construído e equipado em 1942.

Foi o 21º diretor da Fameb, de 1936 a 1955. E nesse cargo foi o fundador da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1º de julho de 1946, com base no Decreto-Lei de 8 de abril, tendo sido o 1º Reitor, no período de 1946-1961. Pela concomitância de reitor e diretor da Fameb, ele indicou quatro diretores interinos, José Olympio da Silva (1946-1950), Francisco Peixoto de Magalhães Neto (1950), Eduardo Lins Ferreira Araújo (1950-1953) e Hosannah de Oliveira (1953-1955). Com esse procedimento ele julgava que melhor transferia à FAMEB o papel na fundação e consolidação da UFBA (AZÊVEDO, 2008). O seu prestígio como articulador e sua habilidade política podem ser medidos, por ter ficado por quase vinte anos como diretor da Fameb, nas sucessivas eleições, e depois ainda ter sido diretor concomitante com o cargo de primeiro reitor da Universidade da Bahia por quase quinze anos.

Para o Prof. Rodolfo Teixeira a criação da UFBA se deveu ao trabalho e a visão do Prof. Edgard Santos: “são bem conhecidos seus passos - providências, obstáculos a serem vencidos, negações políticas, sabedoria administrativa, tenacidade – que resultaram em 2 de julho de 1946 na criação da Universidade Federal da Bahia” (TEIXEIRA, 1999, p. 179-180).

Um dado interessante do Prof. Edgard Santos como Reitor foi o seu compromisso com uma assistência integral ao estudante, ao proporcionar residência (feminina e masculina), alimentação, viagens de caráter cultural, atenção à saúde e fornecimento de recursos para a aquisição de material escolar (EDGARD, 1999; BARBOSA, 2011).

Contando com o apoio dos professores, servidores e, sobretudo, dos estudantes da Faculdade, criou o Hospital das Clínicas, que, depois, foi denominado, em justa homenagem, Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), atualmente denominado Complexo-HUPES. A concepção deste hospital, que escreve um “H” em concreto, foi muito cuidadosa. Contou com a colaboração do Prof. Ernesto Souza Campos, da Universidade de São Paulo, médico e engenheiro, com especialização em Medicina Preventiva, e tendo vivido nos EUA, na conceituada Universidade de John Hopkins. A pedra fundamental do hospital foi posta em outubro de 1938 e a obra se iniciou no ano seguinte (1939); no entanto, apesar da incontestável capacidade de

trabalho do idealizador e de sua luta incessante na busca de recursos junto ao governo federal para melhorar a infraestrutura de saúde na Bahia, o hospital levou mais de dez anos para ser construído e só foi inaugurado em novembro de 1948 (TEIXEIRA, 1999), pois havia a interferência de interesses políticos contrários.

Em 1961, por escolha do Conselho Universitário, seu nome era o primeiro da lista (EDGARD, 1999). Contudo, articulações políticas de seus adversários levaram Jânio Quadros a escolher outro nome (Albérico Pereira Fraga). É considerado até hoje o mais destacado Reitor da UFBA. Gilberto Freyre disse dele, numa crônica de 6 de setembro de 1958: “A Universidade da Bahia tem no médico Edgar[d] Santos um reitor ideal. A medicina deu-lhe disciplina científica à inteligência sem ter fechado a sensibilidade às artes e às letras”(FREYRE, 1999, p.21). Manuel Bandeira também, deu seu testemunho sobre “a obra admirável de Edgard Santos, o reitor da Universidade”. Depois de enumerar as inúmeras realizações do reitor, concluiu: “Aperto a mão do grande baiano Edgard Santos”(apud MAGALHÃES NETO, 1999, p.85).

Foi ministro da Educação no governo de Getúlio Vargas, em 1954. Foi por pouco tempo, devido o suicídio do presidente. Membro titular da Academia de Letras da Bahia, pela sua obra científica, tomou posse em 7 de março de 1959. Doutor *honoris causa* das Universidades de Lisboa e Coimbra, Grã-Cruz da Espanha e Comendador da Legião de Honra da França (SOUZA, 1973).

Faleceu em 03 de junho de 1962, deixando no encantamento de seu nome um imenso legado. Como visto, tem seu nome o hospital universitário, agora um grande complexo assistencial da UFBA, por iniciativa do senador sergipano Lourival Baptista (BOAVENTURA, 1999, p.25), ex-aluno da Fameb, da turma de 1942. Édgard Santos é também nome de escola de ensino médio, o Centro Educacional Edgard Santos, no bairro do Garcia, Salvador. Há uma Avenida Edgar Santos no bairro de Narandiba, Salvador e uma Avenida Prof. Edgard Santos em São Paulo, acreditamos que seja em homenagem ao mestre baiano e não um homônimo. A denominação de professor favorece ser o nosso mestre que, como visto, fez especialização em São Paulo.

Seu legado, entretanto, está na maneira como concebeu a UFBA. O projeto já previa a integração das faculdades isoladas, existentes no Estado, em uma universidade, a Universidade da Bahia, só depois denominada Universidade Federal da Bahia. De início, a Escola Politécnica, a Faculdade de Direito e a de Medicina, sua casa, faziam restrições à proposta, mas ele com firmeza e habilidade conseguiu vencer as resistências (SANTOS, 1997). Foram incorporadas também a Faculdade de Filosofia e a Faculdade

de Ciências Econômicas. E Farmácia e de Odontologia, que eram escolas anexas da Fameb, tornaram-se autônomas com a criação da universidade.

Foi criativo na área da Saúde, por exemplo, ao idealizar no *campus* do Canela, junto ao hospital-escola, outras unidades universitárias do setor, em particular a Escola de Enfermagem; na área de Artes, elaborou um projeto ambicioso, pois concebeu a UFBA como uma universidade em seu sentido amplo, ou seja, “uma instituição que integrava, numa perspectiva humanística, conhecimentos científicos, tecnológicos, políticos, econômicos, sociais, artísticos e culturais. Imbuído deste seu sentimento e com sua capacidade de realização, ele trouxe, para a Bahia, destacados intelectuais e artistas de várias partes do mundo, como o alemão Hans Joachim Koellreutter, que dirigiu a Escola de Música, os suíços Walter Smetak e Ernst Widmer, para coordenar os Seminários de Música da Bahia, Yanka Rudzka e Rolf Gelewsky, para o ensino da dança contemporânea, Eros Martim Gonçalves, para conduzir a Escola de Teatro, Valentin Calderón e outros” (BARBOSA, 2011, p.30).

No seu quarto e último mandato, intensificou o incentivo à cultura e à arte, criando, inicialmente, os Seminários Livres de Música (1955), embrião para a criação posterior da Escola de Música, e as escolas de Teatro (1956) e Dança (1956), a primeira de nível superior do país (EDGARD, 1999, p.32).

Para se conhecer com mais detalhe as realizações de sua administração na UFBA, ver o texto de Marilene Barbosa (2011), o livro organizado para o seu centenário de Edivaldo Boaventura (1999) e o de seu filho Roberto Santos (1997).



Leituras recomendadas:

BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p.308-310, 1999.

SANTOS, Roberto. *Vidas paralelas: 1894-1962*. Salvador: EDUFBA, 1997.

JOÃO CESÁRIO DE ANDRADE**(25/02/1887 – 10/01/1963)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA OFTALMOLÓGICA**

Natural de Fortaleza, Ceará, nasceu em 25 de fevereiro de 1887. Foi interno da Clínica Oftalmológica de 1912 a 1913. e a tese inaugural, “Glaucoma primitivo” (MEIRELLES et al., 2004), já indicava o seu foco de interesse no amplo campo do saber médico. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1913, 97ª turma (TAVARES-NETO, 2008).

Fez Livre Docência de Clínica Oftalmológica em 1914, tornando-se Professor extraordinário por dois anos (1914-1915). Ainda em 1915 tornou-se o Professor Catedrático de Clínica Oftalmológica da Fameb.

Em 1940, publicou o livro “Oftalmologia Tropical (Sul-Americana)” (Rio de Janeiro, Rodrigues e Companhia, Jornal do Comércio). O Professor Cesário de Andrade foi o primeiro Presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, em 1941, quando foi criada a entidade da especialidade. Ainda em 1941, foi o presidente do 4º Congresso Brasileiro de Oftalmologia.

Exerceu a docência até 1949, mas formalmente ficou na carreira até 1953, quando se aposentou. Em 1949, o Professor Cesário passou a residir no Rio de Janeiro, na época, a

capital do país, exercendo o cargo de Membro do Conselho Nacional de Educação e Cultura do MEC. Deixou o Prof. Heitor Marback como Professor Catedrático Interino (MARBACK, 2007).

As atividades de ensino de Oftalmologia na Fameb, nesse período, eram realizadas no Ambulatório Augusto Viana, o “Ambulatório do Canela”, onde é hoje o Palácio da Reitoria da UFBA; e no Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, que serviu como hospital escola até 1949, quando foi inaugurado o Hospital das Clínicas, hoje denominado Hospital Universitário Prof. Edgard Santos -HUPES (MARBACK, 2007).

O Prof. João Cesário de Andrade foi membro atuante da Comissão Organizadora da Universidade da Bahia, juntamente com o Prof. Edgard Santos, sendo este último já escolhido para ser o primeiro reitor (TORRES, 1946).

Faleceu no Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1963.

Obras do autor:

ANDRADE, João Cesário de. *Glaucoma primitivo*. [Tese inaugural]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1913.

ANDRADE, João Cesário de. *Oftalmologia Tropical (Sul-Americana)*. Rio de Janeiro: Rodrigues e Companhia; Jornal do Comércio, 1940.

OCTÁVIO TORRES
(25/09/1885 – 31/05/1963)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PATOLOGIA GERAL

Nasceu Otávio Torres em Mucugê, antiga Vila de Santa Isabel do Paraguaçu, no interior da Bahia, no dia 25 de setembro de 1885, filho de Maria da Purificação França Torres e Tranquilino Leovigildo Torres, desembargador respeitado nos meios jurídicos do estado (SOUZA; 1973; PROFESSOR DR. OCTÁVIO, s/d).

Estudou nos colégios 8 de Dezembro e depois 7 de Setembro, da capital, diplomando-se em Bacharel em Ciências e Letras (SOUZA, 1973). Frequentou o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola de Belas Artes, onde optou pelos cursos de Desenho e Escultura (LEITE, 2011).

Formado pela Fameb em 18 de dezembro de 1909, 93ª turma (TAVARES-NETO, 2008), defendendo a tese inaugural “Contribuição ao estudo dos Anquilóstomos na Bahia” (MEIRELLES et al., 2004). Foi Interno da 1ª Cadeira de Clínica Médica de 19 de dezembro de 1907 até 16 de dezembro de 1909, sendo exonerado por ter concluído o curso médico (PROFESSOR DR. OCTÁVIO, s/d). Aluno laureado com o Prêmio Manoel Victorino, juntamente com Almir Sá Cardoso de Oliveira (Ruy Santos *apud* LEITE, 2011).

Como fez os seus dois irmãos (Mário e Celso) nos cursos de Direito e Engenharia, Octávio, “na contingência da orfandade paterna, por estrita necessidade econômica,

copiava, à mão, todos os livros textos dos seus primeiros anos na faculdade de Medicina. Cadernos e mais cadernos, caprichosamente manuscritos”, inclusive com as ilustrações (Ruy Santos *apud* LEITE, 2011). Não foi por acaso que, mais tarde, ele se tornou professor de anatomia plástica e anatomia artística, na Escola de Belas Artes.

Logo depois de formado, por um breve período, serviu como médico da marinha mercante, contratado pela Companhia Lloyd Brasileiro. Ficou muito impressionado com a visita que fez aos EUA.

Sempre esteve sob a orientação do Prof. Gonçalo Moniz, que chamava de “Souzão”. Em 1910, um ano depois de formado, foi Assistente Gratuito da cadeira de Clínica Médica da FAMEB, depois em 1911, passou para Preparador de Patologia Geral, nomeado e empossado em 30 de dezembro, fazendo a Livre Docência em 1913. Ensinou Patologia Geral no curso de Odontologia, uma das escolas anexas da FAMEB, até 20 de outubro de 1917, quando passou a ser Professor-Substituto da 6ª sessão (Patologia Geral). De agosto a setembro regeu como Catedrático Interino a cadeira no curso de Odontologia (PROFESSOR DR. OCTAVIO, s/d).

Esteve a serviço do governo federal na capital da República de 06 de setembro a 6 de dezembro de 1918, no combate a Epidemia da gripe espanhola. Nesse mesmo ano tomou parte da 3ª Conferência Sul Americana de Dermatologia e Sifilografia (Ibidem).

Ensinou também a cadeira de Patologia Geral e Anatomia Patológica, no curso de Odontologia, e a de Bacteriologia, nos cursos de Odontologia e Farmácia, que eram, na época, escolas anexas da Fameb (*Ibid.*).

Em 1925 esteve em viagem de estudos nos EUA e em 15 de julho foi nomeado *Professor Catedrático*. Nesse período de sua carreira acadêmica, estagiou em universidades estadunidenses, em especial na prestigiada *Havard University*. No Instituto Rockefeller estudou como professor japonês Noguchi, radicado nos EUA, especializando-se em doenças tropicais e patologia experimental (SOUZA, 1973). Em 1926, trabalhou nos serviços de saúde de New York, do Alabama e da Georgia; na Louisiana, especializou-se em Lepra; em Washington, fez curso de Higiene; e na Universidade de Columbia, especializou-se em Química Biológica (Santos *apud* LEITE, 2011).

Em 1933, representou a Bahia na conferência nacional pela uniformização da Campanha contra a Lepra, no Rio de Janeiro (PROFESSOR DR. OCTAVIO, s/d). Instalou o ambulatório para o tratamento das leishmaníases, utilizando o tártaro emético (LEITE, 2011).

De modo concomitante, foi Professor Catedrático da Escola de Belas Artes da Bahia, da cadeira de Anatomia e Fisiologia Artísticas. Em sua aula inaugural do curso de medicina em 1942, o Prof. Estácio de Lima, Catedrático de Medicina Legal, disse: “Que mal pode haver para a ciência que Otávio Torres, o beneditino das pesquisas microscópicas, seja na Escola de Belas Artes, tão querido quanto aqui” (LIMA, 1992, p.82).

Entre suas inúmeras atividades, uma lhe perpetuou seu nome: a campanha contra a hanseníase, tendo fundado a Sociedade Baiana de Combate à Lepra. Tornou-se ao lado dos Drs. Antonio Aleixo, em Minas Gerais, e de Alfredo Augusto da Mata, no Amazonas, os precursores nos estudos e no combate ao Mal de Hansen. “O que realizou nesse campo daria para ser contado e exaltado em alguns livros” (SOUZA, 1973, p.282). Sobre esta realização enfatizou o historiador Carlos Lacaz (1966): “Que os moços saibam enaltecer a obra científica e social do Prof. Otávio Torres, brasileiros dos mais ilustres, trabalhador infatigável, o grande animador da campanha pró-lázarus em terras da Bahia”. Na Bahia, contruiu em Águas Claras o leprósario denominado Hospital D. Rodrigo Menezes (Ruy Santos *apud* LEITE, 2011). Há um busto seu, em bronze, à entrada da colônia, como gratidão da Bahia.

Ele também se incursionou para além da medicina, pela literatura e publicando mais de cem trabalhos sobre história, genealogia, geografia, folclore, sociologia. Aos 66 anos, exatamente em 1951, o prof. Octávio Torres apresentou ao I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, então capital federal, um ensaio sobre arraiais (pipas). Ele que nunca empinara uma arraia sequer, pela saúde precária na infância, condição que, conforme o testemunho de Ruy Santos, “o levou a deserdar dos folguedos de quintal, ao ar livre, principalmente no entardecer e à noite; o sol quente também não lhe era permitido e as brincadeiras e esfogueamentos de rua... nem pensar”.

Como profissional ou diletantemente, ele foi patologista, leprólogo, higienista, geógrafo, demógrafo, genealogista, folclorista, polígrafo, desenhista, escultor, professor emérito de duas faculdades, membro de academias, esteio de sociedades médicas e outras agremiações científicas (LEITE, 2011). É o autor do livro “Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)” (TORRES, 1946), alentado livro sobre a história da Fameb, bem como do livro “Biografias resumidas dos professores da Academia e da Escola de Belas Artes da Bahia. Desde a sua fundação em 1877 até hoje, 1955” (TORRES, 1955).

Casou-se em primeiras núpcias, já cinquentão, com Maria Carolina Gomes Pereira, sua ex-auxiliar no Laboratório de Patologia. Viúvo, Octávio Torres voltou a se casar, aos 65 anos, com uma ex-aluna e colega médica Carmem Mesquita, também presente nessa galeria.

Em 1941, começa o registro de seus sucessivos licenciamentos para tratamento de saúde, mas o mestre se manteve produtivo até 1953, ano de sua aposentadoria. Recebeu a medalha de ouro “Oswaldo Cruz”, que lhe outorgaram como reconhecimento nacional (Ruy Santos *apud* LEITE, 2011).

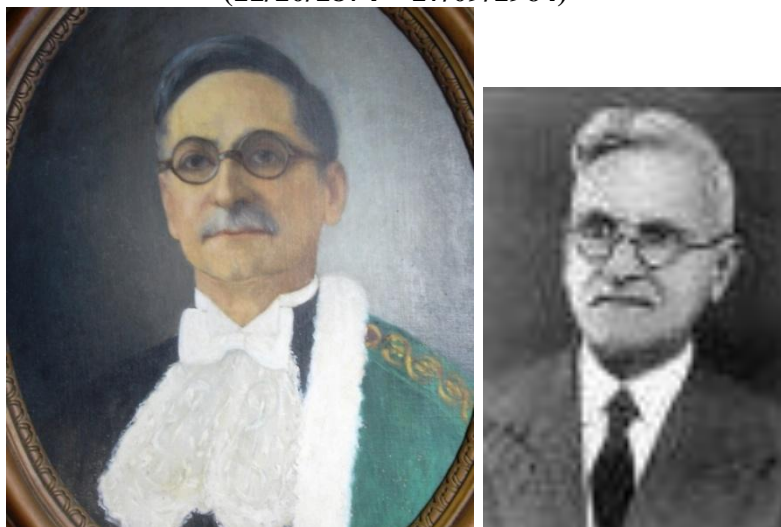
O Professor Octávio Torres foi o 2º Presidente (1960-1963) da Academia de Medicina da Bahia, num mandato interrompido pelo seu falecimento, em Salvador, no dia 31 de maio de 1963 (TAVARES-NETO, 2008, p.178, nota 539). Seu nome agora pertence à Galeria dos Professores *Encantados* da Fameb.

Leituras recomendadas

SOUZA, Antônio Loureiro de. Octávio Torres. In: SOUZA Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 281-282, 1973.

TORRES, *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)*. Ministério da Educação e Saúde. Bahia: Imprensa Vitória, 1946. 137p.

JOÃO AMÉRICO GARCEZ FRÓES
(11/10/1874 – 17/09/1964)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PROPEDÊUTICA E DE CLÍNICA MÉDICA

Nasceu João Américo Garcez Fróes no dia 11 de outubro de 1874, no Engenho Santa Cruz, na então Vila de São Francisco, município de Santo Amaro-BA. Era filho de Maria Luisa Garcez Fróes e Américo Ribeiro de Souza Fróes. Fez o primário no próprio engenho paterno e os preparativos no Colégio Sete de Setembro, em Salvador, sob a direção do Prof. Luís da França Pinto de Carvalho, tendo sido premiado com a medalha de ouro (SOUZA, 1973).

Em 1894, diplomou-se no curso de Farmácia na FAMEB (SOUZA, 1973). No ano seguinte (1895), formou-se em Medicina (79ª turma da FAMEB), tendo defendido a sua tese inaugural “*A função intellectual nos climas tropicaes*” (TAVARES-NETO, 2008; Meirelles e cols., 2004).

Foi Lente Substituto de Medicina Legal na Faculdade de Direito, a partir de 1886. Começou a carreira docente na FAMEB como assistente da cadeira de Propedêutica, do prof. Alfredo Tomé de Britto. Fez concurso em 1899 para Substituto e sucedeu ao mestre na Cátedra de Clínica Propedêutica a partir de 1909 ficando nela até 1911. Em 1911 foi nomeado Professor Catedrático para a 3ª Cadeira de Clínica Médica. Em 1931 assumiu a cátedra de Medicina Tropical, ficando até se aposentar em 1938 (TAVARES NETO, 2008; OLIVEIRA, 1992, p.434; 437). Na verdade, foi ele quem criou a disciplina “Doenças Infecciosas e Parasitárias” na FAMEB.

Garcez Fróes foi casado com a Dra. Francisca Prager Fróes, a primeira Professora da FAMEB (ver sua breve biografia nesta Galeria). Durante o magistério fez várias viagens de estudos em países europeus, em especial França, Inglaterra e Alemanha.

Deixou mais de duas centenas de publicações, destacando-se: “Manual de semiologia da urina”, “Notas de Clínica Médica”, “Embriaguês e responsabilidade”, “A vida sexual mórbida perante o Código Penal Brasileiro”, “Mortalidade do corpo humano”. Foi escolhido memorialista, tendo escrito a Memória Histórica da FAMEB de 1915.

Embora os pioneiros da transfusão sanguínea no país tenham sido Brandão Filho e Armando Aguinaga, no Rio de Janeiro, o melhor relato da época e a primeira transfusão de sangue, usando o aparelho de Agote, foi feita pelo Prof. Garcez Fróes. Catedrático de Clínica Médica, Prof. João Américo transfundiu 129 ml de sangue do doador João Cassiano Saraiva, servente do hospital-escola, em uma paciente operada de pólipo uterino com metrorragia (JUNQUEIRA; ROSENBLIT; HAMERSCHLAK, 2005, p.202).

Produziu obras também no campo literário, biográficas e de ensaios, como “O Barão de Vila Viçosa”, “O beijo na literatura, na arte e na ciência”. Foi membro titular da Academia de Letra da Bahia, tendo como patrono o prof. Antonio Januário de Faria (TAVARES-NETO, 2008).

Após a aposentadoria, foi aprovado como Professor Emérito da FAMEB, o primeiro a obter essa honrosa distinção (Souza, 1973). Em 1952, a Faculdade de Direito, já integrando a Universidade da Bahia, deu-lhe também o Título de Professor Emérito. Outro destaque foi o de ter sido o primeiro presidente (1958-1960) da Academia de Medicina da Bahia (TAVARES-NETO, 2008).

Um poeta e jornalista baiano, Sílvio Valente, foi seu contemporâneo, embora muito mais jovem. Dotado de grande mordacidade, sobretudo para com os nomes ilustres de Salvador, em relação ao Prof. Garcez Fróes, ele só encontrou grandeza: “O velho Fróes é uma instituição”. Antonio Loureiro, que narra o episódio, arrematou em seu livro *Baianos ilustres*: “Uma instituição de sabedoria científica e humanística, dessas tão escassas nos tempos que correm e a que aliava uma integridade moral admirável” (SOUZA, 1973, p.235). Em linguagem hodierna, poderia ser dito que o professor tinha um excelente currículo Lattes (vida acadêmica, produção científica), mas também um soberbo currículo Barthes (ter 20% de esforço, 30% de talento e 50 % de caráter, disse Barthes sobre o bom profissional).

ANTONIO CARLOS DA GAMA RODRIGUES**(16/04/1904 – 1964)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE NEUROLOGIA**

Nasceu em 16 de abril de 1904, na cidade do Cruzeiro no estado de São Paulo, filho de D. Leduína Braga e Antônio da Gama Rodrigues, baiano, médico e deputado estadual (PROF. ANTONIO CARLOS, s/d; ANTÔNIO, 2004).

Diplomado em medicina pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tendo defendido sua tese inaugural em 27 de março de 1926 (PROF. ANTONIO CARLOS).

Casou-se em 2 de setembro de 1935 com Simy da Costa Mesquita Alkaim, tendo dois filhos: Marita Simy Gama, 1936; e Antônio Carlos Gama Rodrigues Filho, 1938 (ANTÔNIO, 2004)

Em 1938, obteve por concurso a Livre Docência da cadeira de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo sido aprovado com distinção (*Ibidem*).

Em 27 de fevereiro de 1939, foi efetivado no cargo de 2º Assistente da 30ª cadeira (a Clínica Neurológica) da Faculdade de Medicina da USP, cargo que já vinha exercendo

desde 1º de setembro de 1938 (Ibid) Em seu estado natal criou o serviço de neurologia e neurocirurgia da Santa Casa de Misericórdia (SALES & MELO, 2007).

Em 1942, o Prof. Alfredo Couto Brito, filho de Alfredo Tomé de Britto, faleceu aos 49 anos de idade (OLIVEIRA, 1992), deixando vaga a cátedra da cadeira de Clínica Neurológica na Fameb. O prof. Carlos Gama ganhou a vaga por concurso, tendo defendido a tese “Compressões medulares por lesões sifilíticas” (SALES & MELO, 2007) e obtido a média final de 9,2 (nove vírgula dois). Foi nomeado professor Catedrático de Clínica Neurológica em 9 de novembro de 1943, tomando posse em 15 de dezembro do mesmo ano. Em 1945 esteve de licença para tratamento de saúde, de 2 de abril a 2 de maio e de 24 de julho a 11 de outubro. Em 1946, voltou a estar licenciado de 23 de março a 9 de outubro para tratar de interesses particulares. Em 28 de maio de 1947 foi dispensado do cargo (PROF. ANTONIO CARLOS, s/d).

Como se observa pelos dados acima, o professor teve uma breve passagem pela Bahia. Entretanto, mesmo breve, os professores de Neuropediatria e de Neurologia da Fameb, respectivamente Orlando Sales e Ailton Melo, afirmam que ele foi pioneiro em várias áreas da Neurologia aqui (SALES & MELO, 2007).

Foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Bordeaux, na França, foi Presidente do Colégio Internacional de Cirurgiões, tendo sido sócio fundador da Associação Paulista de Medicina e membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Em suas muitas viagens, as aulas e atividades de enfermagem ficaram a cargo do prof. Edístio Pondé, presente também nesta galeria. Com seu retorno definitivo para seu estado natal, em 1950, devido a problemas familiares, foi realizado novo concurso e o prof. Edístio Pondé conquistou a cátedra.

Em sua memória histórica, o prof. Rodolfo Teixeira nada registra sobre Carlos Gama, exceto quando enumera as cadeiras com os respectivos professores e registra o nome do professor de modo equivocado: Antônio Carlos Gama *Freitas* (TEIXEIRA, 1999, P.151), em lugar do nome correto: Antônio Carlos da Gama Rodrigues.

Faleceu em sua cidade natal, São Paulo, em 1964.

JOSÉ OLYMPIO DA SILVA
(30/06/1885 - 23/05/1965)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA MÉDICA (2ª CADEIRA)

Nasceu em Salvador, no dia 30 de junho de 1885, filho de D. Olympia Portela da Silva e Dr. Júlio Adolfo da Silva (PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d; TEIXEIRA, 1999, p.418).

José Olympio da Silva se formou em 21 de dezembro de 1907, 91ª turma, tendo como colegas Antônio Ignácio de Menezes e Aristides Novis (TAVARES-NETO, 2008), também presentes nesta Galeria. Para formar defendeu a tese inaugural ou doutoral “Insufficiencia hepática” (MEIRELLES et al., 2004).

Foi Interno Interino da 1ª Cadeira de Clínica Médica, em 17 de outubro de 1906, sendo Efetivo em 24 de dezembro do mesmo ano. Exonerado ao formar, em dezembro de 1907 (PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d).

Como docente, ensinava a 2ª Cadeira de Clínica Médica, no quinto ano de medicina, começando como Preparador Interino em 7 de julho de 1910. Em 14 de junho de 1911, tornou-se Assistente Interino, mas em 30 de junho já era nomeado Assistente Efetivo.

Livre docente nomeado e empossado em 31 de julho de 1914. Em 13 de novembro de 1915, assumiu o cargo de Professor Substituto, a classe docente anterior a de catedrático.

Em 1925 tornou-se, enfim, Professor Catedrático de Patologia Médica, nomeado em 06 de maio e tomando posse em 23 do mesmo mês. Logo, em 23 de junho ele se

transferiu para a Cadeira de Clínica Médica Propedêutica (1ª Cadeira). Em 1927 se transferiu para a 2ª Cadeira de Clínica Médica, regendo-a até 1955, quando se aposentou (PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d).

O prof. Rodolfo Teixeira dá o seu testemunho sobre seu mestre José Olympio da Silva: “cumpriu, com eficiência, serenidade, modéstia e discrição o seu papel de ensinar junto ao paciente, nas enfermarias e ambulatórios” (TEIXEIRA, 1999, p.161).

Exerceu o cargo de vice-diretor a partir de 8 de dezembro de 1930, assumindo a diretoria interinamente em 1937 e em 1938, pelo impedimento do efetivo, Prof. Edgard Rêgo dos Santos. Em 18 de junho de 1946 foi nomeado Diretor Substituto da Famed ficando até 1950 (TAVARES-NETO, 2008, p.23) ou até 1951 ((PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d;).

Em 1952, juntamente com os colegas Aristides Novis, Eduardo Lins de Araújo e Francisco de Magalhães Netto, o Professor José Olympio recebeu do Reitor Edgard Santos, ofício nº 387, datado de 1º de março, cujo teor está exarado nos seguintes termos: "Reafirmando quando deste meu louvor e cortesia se destina a cada qual dos servidores desta Faculdade, sem distinções nem hierarquias, permita-se-me, entretanto, para registro nas respectivas folhas de assentamento e prazer de todos por ser inconstante ato de justiça, citar nominalmente os Diretores, Professores, Doutores *José Olímpio da Silva*, Francisco Peixoto de Magalhães Netto, Aristides Novis e Eduardo Lins Ferreira de Araújo, o Secretário, Dr. José Pinto Soares Filho e o Chefe de Portaria, Flaviano Gregório do Nascimento, expressões mais altas das virtudes dignificantes do seu funcionalismo" (PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d; grifo nosso)

Aposentado em 12 de novembro de 1955, o seu encantamento se deu em 23 de maio de 1965 (PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d)

No centenário de nascimento do Prof. José Olímpio, em 1985, na sede da escola *mater* da medicina brasileira, o Prof. Mário Augusto de Castro Lima proferiu estas palavras: “Na época das vozes brilhantes, lúcidas, deslumbrantes, dos grandes oradores e professores que enriqueceram esta Faculdade – de Almir de Oliveira, Pinto de Carvalho, Magalhães Neto, Estácio de Lima, Aristides Novis, entre muitos – José Olímpio murmurava suas lições, principalmente suas práticas clínicas, onde sussurrava aos ouvidos dos alunos e dos pacientes, como a não querer incomodá-los ou importuná-los com as verdades de sua ciência, nem sempre alvissareira nos seus diagnósticos e previsões, buscando aveludar com sua voz a aspereza das contestações desfavoráveis aos doentes e aos discípulos, a rudeza dos prognósticos e das prescrições, que a uns e

outros o médico e especialmente o professor de Medicina é compelido a fazer.” E completava: "José Olímpio não apenas auscultava os corações com seu estetoscópio, por ele falava" (*apud* LEITE, 2011)

“Seu tempo - diz ainda o Prof. Castro Lima - perdeu-se (ou ganhou-se) nas salas de aula, nas enfermarias dos indigentes, nas ante-manhãs e nas tardes do consultório, na peregrinação incessante pelas residências dos aflitos.”(Idem).

Segundo o prof. Geraldo Leite (2011), apesar dessa discrição e talvez a contragosto, a “sua cultura, seus conhecimentos contrariaram a humildade e a modéstia e ele, para atender amigos, aceitou alguns cargos e funções os quais abrilhantou com operosidade e honradez “.

Desse modo, foi membro do Conselho Federal de Educação, do Conselho Consultivo do Estado, esteve na Presidência do Instituto de Música da Bahia e na direção do Hospital Santa Izabel. Foi diretor interino da Faculdade de Medicina da Bahia, de 1946 a 1950 (LEITE, 2011; TAVARES-NETO, 2008), quando o Prof. Edgard Santos se licenciou para exercer o seu longo período de Reitor.

Entre seus assistentes, destacou-se o seu próprio filho, Prof. Cícero Adolfo da Silva, formado pela Fameb em 1939 (123ª turma), que, nas palavras do Prof. Thomaz Cruz, era um artista da comunicação, “que nos ensinava a conversar com os pacientes e obter a história dos seus achaques – a anamnese” (*apud* LEITE, 2011). Há aqui uma clara continuidade de uma prática médica humanizada, que teve como modelo seu pai.

O professor José Olímpio - diz ainda prof. Geraldo Leite (2011) - era um homem capaz de fazer qualquer sacrifício em benefício do próximo. Nele bondade, humildade e simplicidade não tinham limites. Ele era tão modesto que seria capaz de se esconder de si mesmo, contanto que não aparecesse...

Para se ter uma ideia mais clara de sua personalidade, retornemos ao seu principal biógrafo, Prof. Mario Castro Lima, o qual, imaginando vê-lo chegar à Eternidade, disse: “Estou a vê-lo chegar às portas do Céu e ouvir a pergunta inexorável feita por João Batista: *Tu Quis Es Quid Dices De Te Ispo?* (Quem és tu? Que dizes de ti mesmo?)... E sua resposta humilde, da desvalia que injustamente a modéstia o obrigava a atribuir-se: ‘Sou um que não estava à altura de amarrar os cadarços das sandálias de meus mestres, de meus amigos, de meus discípulos, de meus pacientes, de meus colegas...’ Contra esta resposta, Mestre, insurgimo-nos seus pósteros, sua família, seus amigos, seus discípulos e mais que todos, sua Faculdade de Medicina.” (*in* LEITE, 2011).



Leituras recomendadas:

LEITE, Geraldo. José Olímpio da Silva . Salvador, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/a239-jose-olimpio-da-silva.html>. Acesso em 12.12.2012.

PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO da Silva. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d. 3p.

LUÍS PINTO DE CARVALHO
(31/03/1877 – 20/10/1965)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE NEUROLOGIA

Luís Pinto de Carvalho nasceu em Salvador, a 31 de março de 1877, sendo filho do educador Luís da França Pinto de Carvalho, fundador do famoso Colégio Sete de Setembro, por onde passaram muitos dos baianos ilustres (SOUZA, 1973).

Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 17 de dezembro de 1898, 82^a turma (TAVARES-NETO, 2008), quando defendeu a tese inaugural “*O Sobrenatural em Therapeutica*” (CARVALHO, 1898), que consta no levantamento feito por Meirelles *et al.* (2004).

Em sua tese refere que foi Interno do Hospital Santa Izabel e de Clínica Propedêutica. Refere também que foi Orador da Sociedade Beneficência Acadêmica (*Ibidem*), entidade estudantil criada ainda no século XIX. Ele teve que apresentar uma tese “simplificada” e, com esta obrigação, ele refere que “apenas conseguiu provar a evidente verdade” de que “*a intolerância religiosa domina a todos e a tudo n’esta infeliz pátria brasileira*” (*Ibid.*, p.i; grifo do autor). Refere que esta atração pelo místico tem contribuído para a “desgraça” e “bancarrota” do crédito do Brasil no exterior (*Ibid.*, p.ii). Para o autor, no Brasil, não se cultiva “a crença nos factos positivos!” (p.ii). E “no terreno da medicina, o povo também está voltado para o que é nebuloso, que encerra

mistério e é ditado pela fé” (p.ii) Critica essa “tirania” da fé sobre os atos humanos, especialmente no “*terreno sagrado da medicina!*”(p.iii). O texto é dividido em duas partes: na 1ª, discute a causa primordial de quase todas as curas sobrenaturais: a “*Sugestão*” (p.iv); na 2ª parte, discute as diversas curas fora da terapêutica comum. São quatro capítulos: 1 – generalidade das curas; 2 – estuda essas “curas” na Bahia; 3 – os milagres de Cristo; e 4 – as curas realizadas em Lourdes (p.iv). A bibliotecária da *Bibliotheca Gonçalo Moniz* disse a este memorialista que esta é uma das teses mais solicitadas, desde a reinauguração.

Com dois anos de formado (1900), Pinto de Carvalho fez concurso para Assistente de Clínica Psiquiátrica, ficando como Professor Substituto de 1903 a 1906 (SOUZA, 1973). Em 1907, foi efetivado como Professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas, que teve como antecessores os Professores Augusto Freire Maia Bittencourt, que ficou no período de 1886 a 1890, e Tillemont Fontes, de 1890 a 1907 (JACOBINA, 2001). Em 1915, com o desmembramento das duas áreas, Prof. Pinto de Carvalho ficou como o Catedrático de Clínica Neurológica até 1925 (OLIVEIRA, 1992). Ele se tornou, portanto, o primeiro Professor Catedrático de Neurologia da Bahia e o segundo do país, precedido pelo Prof. Antônio Austregésilo, que assumiu a cátedra em 1912 no Rio de Janeiro (SALES & MELO, 2007). Seu discurso inaugural na cátedra foi publicado na imprensa oficial do Estado (Ibidem) e, em maio de 1918, na Gazeta Médica da Bahia (CARVALHO, 1918). Diz o mestre; “*Pois, meus senhores, o systema nervoso e seus distúrbios – tal será o thema deste curso, para o qual espero de vós amiga atenção, possa elle fornecer-vos material bastante para vossa orientação posterior*” (CARVALHO, 1918, p.450-451). E no final, adverte: “*Terá, porém, esse estudo o seu lado triste, embora contingente. Referi-me, nas primeiras palavras desta palestra, á vossa mocidade e ás illusões que esta vos garante. Disse-vos ser a rósea illusão a ventura máxima da vida. Perdel-a-eis em parte no contato immediato com os maiores soffrimentos e também com o conhecimento*” (p.451-452)

Em 1920 foi Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina. Sobre ele, disse Estácio de Lima em sua aula inaugural de 1942, publicada na Memória Histórica de 1942, do Prof. Eduardo de Sá Oliveira: “o nosso mestre da oratória, dominando as palavras e as ideias, forte na sua inteligência fremente, como ensina com deslumbrante clareza” (LIMA, 1992, p.83).

Em 1945, aposentou-se, recebendo em 1946 o título de Professor Emérito da FAMEB. Entre suas obras científicas destacam-se: “Síndromes extra-piramidais”, “Novos conceitos da grande Histeria”, “Cholera-Morbus”, “Neurite da cauda do cavalo”.

Para além da clínica e do magistério, foi também escritor, crítico de arte e jornalista. Escreveu “Adão e Eva”, “Educação sexual”, entre outras obras. Chefiou a redação do jornal *Correio do Brasil*, *Gazeta do Povo* e foi redator-secretário de *O Norte*. Colaborou em *O Imparcial*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *A Tarde*, entre outros. Foi membro da Academia de Letras da Bahia, tendo sido presidente, e teve como patrono o Prof. Demétrio C. Tourinho (SOUZA, 1973; TAVARES-NETO, 2008).

Foi agraciado com outras honrarias como a da *Société Académique Internationale de Officier de L’Instruction Publique* e condecorado com a medalha da Ordem de Leopoldo da Bélgica (SALES & MELO, 2007).

Faleceu em 20 de outubro de 1965. Sobre o Prof. Luiz Pinto de Carvalho, escreveu o psiquiatra e catedrático da cadeira de 1954-1964, Prof. Nelson Pires: “Professor emérito, orador fluente, conferencista primoroso, jornalista e polemista de escol, membro da Academia de Letras da Bahia, paladino certo de todas as campanhas da Faculdade, o terceiro ocupante da cadeira de Psiquiatria é, talvez, a inteligência mais polimorfa, arguta e robusta de toda a série” (Pires *apud* PICCININI, 2004).

Leituras recomendadas

CARVALHO, Luís Pinto de. *O Sobrenatural em Therapeutica*. These inaugural simplificada pela Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1898. 204p.

CARVALHO, Luís Pinto de. Aula inaugural do curso de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina. *Gazeta Médica da Bahia*, v.49, n.10-11, p. 427-453, abr.-maio de 1918.

SALES, Orlando; MELO, Ailton. Ensino da Neurologia na Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p. 234-236, jul.dez. 2007.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Pinto de Carvalho. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 251-252, 1973.

FRANCISCO PEIXOTO DE MAGALHÃES NETTO
(26/06/1897 – 31/03/1969)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE HIGIENE

Francisco de Magalhães Netto nasceu em Salvador, no dia 26 de junho de 1897, filho de D. Maria Isabel Guerra Magalhães e José Maria Peixoto de Magalhães (LEITE, 2011). Realizou os cursos primário e secundário em Salvador. Concluídos os preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia.

Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1919 (103ª turma), com a tese “Sobre Etio-Pathogenia da doença Morel-Kraepelin” (MEIRELLES e cols., 2004). Em 1924, tornou-se professor de Psiquiatria e, por concurso, tornou-se, em 1937, Professor Catedrático de Higiene (OLIVEIRA, 1992; TEIXEIRA, 1999), disciplina dada no 5º ano do curso médico.

Na sua formação acadêmica, dois professores se destacaram: Clementino Fraga e Luis Pinto de Carvalho. *“De ambos guardou ele, vida fora, os ensinamentos e as lições. Não escondia, antes a miúde propalava a sua grande admiração por aqueles dois notáveis professores, aos quais se declarava grato pelo muito que de ambos recebeu”* (NOVIS, 1978).

Magalhães Netto foi Diretor Interino da FAMEB em 1950. Em 1952, recebeu um ofício com Moção de de Louvor do Reitor Edgard Santos, que era o diretor afastado da FAMEB, ocupando a Reitoria da Universidade da Bahia (ver a moção na íntegra em “José Olympio” nesta galeria). Na Faculdade de Filosofia, fundada por Isaías Alves, foi Catedrático de Biologia Educacional.

Atuou na Saúde Pública, tendo sido Diretor Geral do Departamento de Saúde do Estado e Secretário de Estado de Saúde. Foi deputado federal, no tempo do governo de

Juracy Magalhães. “Na política, foi deputado federal, revelando-se eloqüente orador, cujas intervenções, na tribuna parlamentar, exibiam sua cultura e o seu patriotismo, sempre imprimindo aos debates o cunho da elegância espiritual” (NOVIS, 1978).

Homem de Letras, poeta e epigramista, “possuía uma formação humanística das mais completas”, escreveu sobre ele Antonio Loureiro de Souza em seu livro *Baianos ilustres* (SOUZA, 1973, p.305). Magalhães Netto ocupou na Academia de Letras da Bahia (ALB) a cadeira n. 8, que tem como patrono Cipriano Barata. Seu sucessor na ALB, Adriano Pondé, disse sobre o mestre: “Era Magalhães Netto um erudito, um frequentador dos clássicos latinos e conhecendo o grego bastante para apreciar, no original, textos de Homero e Xenofonte. Afeiçoado ao espírito francês, enchia Magalhães Netto as longas noites com a prosa cintilante de Anatole [France]”, citado por Souza (1973, p.306).

Foi presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Faleceu em 31 de março de 1969. Sobre ele escreveu o Prof. Rodolfo Teixeira: “Francisco Peixoto de Magalhães Netto – uma personalidade que não pode ser esquecida pelo caráter, honradez, vigor intelectual, cultura humanística e pela soberana relação afetiva que lhe inspirava o Instituto de Ensino Médico do Terreiro de Jesus” (TEIXEIRA, 1999, p.169)

A Universidade lhe prestou uma homenagem ao denominar o ambulatório do Complexo HUPES, Ambulatório Prof. Magalhães Netto, em setembro de 1996 (HOSPITAL. s/d)



Leituras recomendadas

NOVIS, Jorge. Magalhães Netto. *Sinopse Informativa*, Universidade Federal da Bahia, vol. II, N° II. Salvador, out. 1978

SOUZA, Antônio Loureiro de. Magalhães Netto. SOUZA. In: SOUZA Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 305-306, 1973.

JORGE VALENTE
(1905 – 1969)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA UROLÓGICA.

Nasceu em 1905. Formou em Medicina em 1927, 111ª turma, tendo sido colega de Alício Peltier de Queiroz, Carlos Rodrigues de Moraes, Hosannah de Oliveira, José Eugênio Mendes Figueiredo, José Silveira, Thales Olympio Góes de Azevêdo. Essa turma foi homenageada ao completar 70 anos, em 1997, por ser considerada uma das turmas mais brilhantes da FAMEB (TAVARES-NETO, 2008).

Sua tese inaugural “Centros de Saúde” (VALENTE, 1927), consta do levantamento feito por Meirelles et al. (2004).

No final dos anos 40 do século passado, a Medicina na Bahia só tinha o curso da Faculdade de Medicina da Bahia, que oferecia 130 vagas por ano, disputadas por baianos da capital e do interior do estado e também por jovens vindos de diversos estados da União, sobretudo do Nordeste e Norte. Com a transferência das atividades práticas do curso de Medicina da Universidade da Bahia para o Hospital das Clínicas, em 1948, ficou livre o espaço para atividades acadêmicas do Hospital Santa Izabel, mantido pela Santa Casa de Misericórdia (SCM), que era o hospital-escola da Fameb desde 1896. Percebendo a oportunidade, um grupo de treze idealizadores negociou com a direção da SCM, com o objetivo de implantar um novo curso de Medicina em

Salvador. A proposta foi aceita pelo então provedor Otávio Ariani Machado. Um dos 13 fundadores foi o prof. *Jorge Valente*. Os outros foram: os médicos Antônio Simões da Silva Freitas, colega da turma de 1927; Orlando de Castro Lima, Aristides Novis Filho, Adelaido Ribeiro, Antônio Souza Lima Machado, Colombo Moreira Spínola, Urcício Santiago e André Negreiros Falcão; os religiosos Francisco Pinheiro Lima Junior e Manoel Aquino Barbosa; e o professor secundarista René Alfredo Guimarães (TAVARES-NETO, 2008)

Em 31 de maio de 1952, os 13 fundadores assinaram a ata que criava a Fundação Bahiana para Desenvolvimento da Medicina (atual Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências), com a missão de servir como mantenedora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Após a formalização de todos os trâmites, no dia 13 de novembro de 1952, foi eleita a primeira comissão executiva da Fundação, integrada por Antônio Simões da Silva Freitas (presidente), **Jorge Valente** (secretário geral), Adelaido Ribeiro (secretário de Finanças), Urcício Santiago (secretário de Cultura) e Aristides Novis Filho (secretário de Administração).

No dia 6 de dezembro de 1952, o Professor Jorge Valente foi eleito o primeiro diretor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Existe um prêmio na EBMSP com o nome do seu primeiro diretor para o aluno com melhor média final em todo o curso.

Professor Catedrático de Clínica Urológica, Jorge Valente substituiu o prof. Lafayette Coutinho que faleceu de modo súbito, em 1959 (ver nesta galeria). O professor José dos Santos Pereira Filho, da turma de 1950, diz que fez parte da equipe do Prof. Jorge Valente, que era urologista e, assim, escolheu essa especialidade (DR SANTOS, 2010). Refere que depois de trabalhar no Hospital Aristides Maltez foi convidado pelo Prof. Jorge Valente para trabalhar no Hospital das Clínicas, em 1962.

Segundo o prof. Rodolfo Teixeira, o prof. Jorge Valente “abriu largos horizontes quando se tornou o professor da disciplina. Organizou um serviço de padrão superior, contando com companheiros experimentados e sérios como serve o bom exemplo de competência de José dos Santos Pereira Filho” (TEIXEIRA, 1999, p.212)

Ele foi o 4º Presidente (1968-1970) da Academia de Medicina da Bahia (TAVARES-NETO, 2008).

Em 1970 ele veio a falecer. Seu nome está ligado a um famoso hospital privado de Salvador, localizado na Avenida Anita Garibaldi, no bairro da Federação (HOSPITAL, s/d). A Rua Professor Jorge Valente está situada no bairro dos Barris, em Salvador, Bahia.

CÉSAR AUGUSTO DE ARAÚJO**(17/05/1898 – 05/12/1969)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PNEUMOLOGIA**

Nasceu em Salvador, no dia 17 de maio de 1898, e faleceu 05 de dezembro de 1969.

Graduou-se em Medicina pela FAMEB em 1920, na 104ª turma (TAVARES-NETO, 2008), aos 22 anos. O levantamento das teses inaugurais não registra o nome de seu trabalho de conclusão do curso médico (MEIRELLES et al., 2004). Foi aluno laureado com o Prêmio Prof. Manoel Victorino Pereira, por ter obtido a maior média global das notas de todos os componentes curriculares durante todo o curso (TAVARES-NETO, 2008).

Em 1921, ano seguinte à formatura, já iniciava sua brilhante carreira docente, como Assistente Interino da 1ª Cadeira de Clínica Médica. Em 1927, defendeu tese para Livre-Docência com o estudo *Sobre a indicação e os resultados do pneumotórax artificial na Tuberculose Pulmonar*. Em 1930, assumiu interinamente a cadeira de Clínica Médica, substituindo o Prof. Armando Tavares (MACHADO, 2007).

Em 1946, com o falecimento do Prof. Sabino Silva (Oliveira, 1992), catedrático da 3ª cadeira de Clínica Médica, ele substituiu o mestre em caráter interino, tornando-se o titular da cadeira (Professor Catedrático) em 1949, por concurso, defendendo a tese *Brônquios e Tuberculose*. Exerceu durante dezoito anos a cátedra na Cadeira da 3ª Clínica Médica, ministrando aulas sobre Diabetes Mellitus, colagenoses e, em especial,

as patologias do aparelho respiratório. Com a inauguração do Hospital das Clínicas, ficaram famosas as sessões na enfermaria do hospital-escola, que tinha o predomínio das doenças respiratórias, conforme o testemunho de um dos seus alunos mais destacados (MACHADO, 2007). É considerado o iniciador da Pneumologia na Bahia, sendo o idealizador da Fundação Anti-Tuberculose Santa Terezinha, criada em 30 de abril de 1936, para prestar assistência social, sobretudo distribuição de alimentos aos doentes, sendo César Araújo o Diretor-Técnico vitalício. Dessa luta nasceu também o “Sanatório Santa Terezinha” (atual Hospital Estadual Octávio Mangabeira), concluído em 3 de janeiro de 1942, com uma maternidade anexa ao hospital e que o teve como diretor até 1946. Em 17 de maio de 1945, inaugura numa chácara, no bairro de Brotas, o Preventório Santa Terezinha, construído com apoio das senhoras das tradicionais famílias baianas e com capacidade para abrigar 100 crianças de 4 a 10 anos, filhas dos pacientes tuberculosos pobres, quando profere o discurso “Em nome dessa infância que nem sabe sorrir” (César Araújo, 1945 in MACHADO, 2007). Por essas e outras ações, é também considerado um dos pioneiros na campanha de Combate à Tuberculose no país (MACHADO, 2007; TAVARES-NETO, 2008). A sua dedicação a esse grande flagelo social que era a tuberculose, a “peste branca”, levou-o a ser vítima de preconceito pelos próprios colegas de faculdade, com medo de contágio, pois o seu grande mestre Prado Valladares foi uma das vítimas da doença (SILVEIRA, 1994).

A tuberculose era uma grande epidemia: nos anos 30, morriam em torno de 1600 pessoas por ano, em Salvador (cerca de 400 por cem mil habitantes). Em 1936, César Araújo lidera um movimento enérgico de combate ao mal, que é “uma verdadeira tragédia de infortúnio, gerado pelo conluio sinistro da doença e da miséria” (César Araújo, 1936). Nessa solenidade de criação da Fundação Santa Terezinha, denuncia o descaso da saúde pública na capital: “cidade com legenda de hospitaleira, mas, quase sem hospitais para os pobres, não dispõe nem de 50 leitos no benemérito Hospital Santa Izabel” [o hospital da Santa Casa que servia na época – década de 30 - de hospital-escola para a FAMEB] (César Araújo, 1936 in MACHADO, 2007).

Ainda em 1936, assume a Inspeção de Profilaxia da Tuberculose, convidado pelo Interventor do Estado, Juracy Magalhães. No ano seguinte, em 29 de maio de 1937, reinaugura o Dispensário Ramiro de Azevedo, que estava em ruínas, tornando-o uma referência na luta (MACHADO, 2007). Em seu discurso na solenidade de reinauguração desse local “onde, na clausura dos consultórios entre a dor e a indignação, desde a minha manhã profissional, tenho passado boa parte da vida”, termina afirmando que fala “em

nome dos que sofrem e dos que choram a tragédia da Peste Branca”; “em nome dos que da vida, só conhecem as limitações miseráveis do destino, tanta vez injusto e cruel”; (...); “em nome das vítimas das desigualdades fatais, das cegas distribuições da sorte”(…); “em nome desses todos que vivem no casario infecto urbano, suburbano e infra-urbano, sem graça, sem alegria, sem sustento”; “em nome do tuberculoso pobre, em nome do vigor e da saúde da sua gente, dizimada pelas vidas que o flagelo todos os dias, todos os meses, todos os anos, impietosamente vai ceifando, em nome, por termo, dos mais sagrados princípios de solidariedade humana” (ARAÚJO, 1937). Naquele mesmo ano organizou mais dois Dispensários, dotados de Radiologia, além de um dispensário infantil, graças ao apoio dos colegas Prof. Matargão Gesteira (ver nesta galeria) e Drs. Álvaro Rocha e Álvaro Bahia (MACHADO, 2007).

Esteve em estudos na Europa, em especial, na Alemanha, e aprimorou-se em Radiologia Clínica, de tal forma que, quando os radiologistas do Hospital das Clínicas tinham dúvidas, consultavam o Prof. César Augusto. Essa especialidade, a Radiologia, foi adotada também com brilhantismo pelo seu filho/neto César Augusto de Araújo Neto, atual professor de Radiologia e Diagnóstico por Imagem da FAMEB-UFBA. Seu vínculo ao Hospital Santa Terezinha foi mantido de tal modo que, quando os pneumologistas do hospital especializado tinham dúvidas, eles vinham buscar esclarecimentos e dirimir dúvidas com o ‘mestre’ César de Araújo, esse ‘garimpeiro de valores’, parafraseando o Prof. Clementino Fraga Filho sobre seu pai, Clementino Fraga (ver nesta galeria).

Ante a admiração dos discípulos, professores ou alunos, por ver ‘sombras’ com seu olhar sofisticadamente armado pelo conhecimento tácito, ele advertia: “Nada mais difícil de ver do que aquilo que está diante dos olhos”(in MACHADO, 2007, p. 197). O mestre sabia que, às vezes, os velhos paradigmas são como antolhos, que não permitem ver os lados, onde num deles pode estar o caminho. Outras de suas frases: “Tem muitos vírus a procura de doença” (o HIV está aí como prova); “Na Medicina como no amor, nem sempre, nem nunca”; “Nem tudo que pia é asma”. E esta que ouvi do Prof. Gilberto Rebouças, citando César, seu mestre: “Radiografia não tem frente, nem costas”.

Médico, professor, gestor público, César Augusto de Araújo foi também um membro atuante de sua categoria e de sua especialidade, sendo um dos fundadores, em 16 de setembro de 1936, da Sociedade de Tisiologia da Bahia (SILVEIRA, 1977). Em 1939, no 1º Congresso Nacional de Tuberculose, na capital federal, apresentou o trabalho “A Incidência de Tuberculose no Preto”. Não cometamos aqui o anacronismo de criticar o

uso do termo ‘preto’ pelo professor, pois naquela época não era politicamente incorreto, e e sim elogiamos a coragem do mestre de demonstrar a desigualdade da doença na população baiana. Ainda naquele ano, edita a “Revista de Tisiologia da Bahia” (MACHADO, 2007), que, como muitas revistas médicas na Bahia, vide a atual Gazeta Médica da Bahia, teve sua edição interrompida.

Em 1941, demonstrando que concilia o ponto de vista clínico com o médico-social, publica nos Arquivos de Higiene o trabalho “Tuberculose rural e nos pequenos centros urbanos” (ARAÚJO, 1941), apresentado no 2º Congresso Nacional de Tisiologia. Na abertura da III Semana Anti-tuberculose da Bahia, de 15 a 22 de setembro de 1946, disse: “a verdade dura e triste é esta: a Bahia que no Brasil, sempre tem o primado nas artes, nas letras, nas ciências e em tantas cousas mais, (...), tem hoje mais este sombrio galardão: é a cidade do Brasil em que está morrendo mais de tuberculose! Ano de 1944, por exemplo: Bahia [Salvador]– 569,6 óbitos por 100.000 habitantes, Curitiba – 126,4 (a menor do Brasil). Nos Estados Unidos: New York – 47,9 por 100.000 e Iowa – 15,0 (a menor taxa daquele país)” (César Araújo in MACHADO, 2007). E de modo enfático afirmava: “*Cura-se a tuberculose e a tuberculose se evita*” (Ibidem).

Em 1957 foi inaugurado o Centro de Pesquisa e Dispensário César de Araújo.

Havia um artigo no Regulamento das universidades federais que obrigava o Professor a se aposentar aos 65 anos, porém tinha um dispositivo que permitia permanecer por mais cinco anos, caso fosse aprovado pela Congregação da Faculdade. Em abril de 1963, ao completar os 65 anos, o Prof. César pleiteou a permanência, tendo sido aprovado por apenas um voto a mais. Isto causou uma grande mágoa no mestre, mas ele ficou.

Este homem viveu um paradoxo: pneumologista, ele foi um fumante inveterado, que lhe causou sérios problemas de saúde, inclusive um enfisema que lhe limitou, nos últimos anos, a deambulação.

Outra dimensão de sua complexa personalidade, encontramos nas palavras de um outro contemporâneo, o Prof. Magalhães Netto: “Familiarizado com as belas letras, era assídua a frequência a Machado de Assis e Anatole France. Daí a tendência ao ceticismo. Proust e Sartre lhe andavam à cabeceira do leito. Conhecia passo a passo a Comédia Humana” (in MACHADO, 2007). César Araújo foi membro da Academia de Letras da Bahia, onde ocupou a cadeira (“poltrona”, para um imperador) nº 26, a partir de 11 de outubro de 1956. Ele na verdade honrou uma longa tradição de médicos que realizam a prática médica, muitas vezes produzem ciência, mas, para além da medicina,

fazem artes, música, dança, pintura/escultura ou literatura, num recurso de resiliência (JACOBINA, 2011). Em 1967, perto do seu afastamento, ele proferiu sua “última aula” no anfiteatro do HUPES, que atualmente tem o nome de Anfiteatro Prof. Gilberto Rebouças, a primeira pessoa que falou a este memorialista sobre a genialidade do ‘mestre’ César Araújo. Era uma Sessão Anátomo-Clínica, quando se discutia um caso clínico complexo: uma paciente com grave insuficiência respiratória, decorrente de doença intersticial pulmonar difusa, de difícil diagnóstico etiológico. Após análise minuciosa da gama de patologias que levavam àquele quadro, o Prof. César Araújo fez o diagnóstico de Fibrose Intersticial Pulmonar Difusa Idiopática (doença de Hamman-Rich). O diagnóstico foi confirmado pelos dados histopatológicos apresentados pelo patologista. Todos os presentes no anfiteatro ficaram de pé e aplaudiram o mestre em sua última aula (Machado, 2007).

Dai a César o que é de César. Não terá sido por acaso que César Araújo ostentou em vida o nome de imperador. Em 21 de dezembro de 1967, ano de sua aposentadoria, ele recebeu uma singela, mas bonita homenagem: foi inaugurado um quadro com sua fotografia na Enfermaria da 3ª Clínica Médica.

Sua filha Solange Araújo se casou com o médico cearense José Aragão Araújo, formado pela Fameb em 1949. Eles tiveram quatro filhos: dois homens e duas mulheres. Um desses netos herdou do avô o nome – César Augusto de Araújo Neto – e do avô e do pai a profissão de médico e de professor, bem como a paixão pela radiologia (DR JOSÉ, 2009).

O dia do seu encantamento foi 04 de dezembro de 1969 (PROFESSOR CESAR, s/d)

Sobre ele disse o Prof. Luiz Fernando Macedo Costa: “O Mestre César convencia pela persuasão, envolvia pela bondade, conquistava pela dialética e conduzia pelo exemplo” (*apud* MACHADO, 2007). Ave, César! E, como disse Manuel Bandeira, a memória é um milagre!

Obras:

ARAÚJO, César Augusto. *Sobre a indicação e os resultados do pneumotórax artificial na Tuberculose Pulmonar*. 1927.

ARAÚJO, César Augusto. *Brônquios e Tuberculose*. [Tese de Concurso para Professor Catedrático da 3ª cadeira de Clínica Médica da FAMEB]. Salvador, 1949.

ARAÚJO, César Augusto. “*A Incidência de Tuberculose no Preto*”. 1939.

ARAÚJO, César Augusto. Tuberculose Rural e nos Pequenos Centros Urbanos. *Arquivos de Higiene*, v. 11, n. 1, jun.1941



César Augusto de Araújo, aluno laureado, 1920.

Leituras recomendadas

ARAÚJO, César Augusto. Tuberculose Rural e nos Pequenos Centros Urbanos. *Arquivos de Higiene*, v. 11, n. 1, jun.1941.

MACHADO, Almério de Souza. A História da Pneumologia na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p. 195-209, jul.-dez.2007.

SILVEIRA, José. Sombra de uma sigla (40 anos de IBIT). Salvador, 1977.

SILVEIRA, José. *Uma doença esquecida: a história da tuberculose na Bahia*. Salvador, 1994.

EDUARDO LINS FERREIRA DE ARAÚJO
(02/03/1890 – 14/11/1970)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE MICROBIOLOGIA

Natural de Salvador, Bahia, nasceu em 02 de março de 1890. Era filho de D. Virgínia Poggio de Araújo e Pedro Lins Ferreira de Araújo. Iniciou seus estudos com sua mãe, a Professora Virgínia Araújo. Concluiu o curso secundário, em 1906, no Ginásio da Bahia, tendo aprendido grego e latim e, mais profundamente, a língua portuguesa, o que poderia ser verificado posteriormente no estilo escorreito e elegante de suas aulas.

Ainda estudante do segundo ano de medicina, começou a trabalhar no Hospital de Isolamento, em Mont Serrat, para onde foi levado pelo seu Diretor, o Professor Augusto de Couto Maia (1876-1944). Ali, sob a supervisão do mestre, participou do combate e da profilaxia da peste bubônica e da febre amarela, doenças que acometiam a cidade do Salvador e várias regiões da Bahia (LEITE, 2011).

Eduardo de Araújo colou o grau de doutor em Medicina em 28 de Dezembro de 1912, fazendo parte da 96ª turma da FAMEB (TAVARES-NETO, 2008), defendendo tese sobre um assunto muito relevante na época, tanto na Bahia como no país como um todo: *Da pesquisa de anticorpos e antígeno no sôro de pestosos; valor diagnóstico* (MEIRELLES et al., 2004).

Após a formatura, atuou como médico no Estado do Espírito Santo, mas logo retornou a Salvador e foi trabalhar no Hospital de Isolamento, que depois seria denominado com o nome que tem até hoje, o de Hospital Couto Maia. Nesse nosocômio exerceu, sucessivamente, as funções de médico, chefe do Laboratório e diretor (1920).

Como diretor, deu início a uma série de reformas, e inaugurou um moderno serviço de Patologia Clínica.

Depois, foi nomeado médico do Instituto Oswaldo Cruz, atual Fundação de Pesquisa Gonçalo Moniz, FIOCRUZ. Nesta função recebeu o convite da Fundação Rockefeller, para realizar pós-graduação nos Estados Unidos.

Ao regressar à Bahia, retomou sua função no Instituto Oswaldo Cruz, alcançando vários cargos de chefia, até ser nomeado diretor geral, em 1927. Transformou o Instituto Oswaldo Cruz em uma “verdadeira escola de microbiologistas, os mais conceituados, que se projetaram na área do ensino e na área de patologia clínica” (LACAZ, 1966). Estabeleceu intenso intercâmbio com o Instituto de Manguinhos, criou a seção de B.C.G. e introduziu a referida vacina na Bahia. Com Arlindo de Assis e José Silveira, criou a chamada “Escola Brasileira do B.C.G.” (LEITE, 2011).

Iniciou sua carreira docente na Faculdade de Medicina da Bahia, como Professor Interino da cadeira de Microbiologia, em 27 de agosto de 1914. Em 1918, tornou-se Professor Extraordinário da mesma cadeira, até 1925, quando se tornou Assistente Efetivo. Fez Livre Docência em Microbiologia, que era fundamental para a carreira docente, em 1927, sendo nomeado em 04 de novembro (PROFESSOR EDUARDO LINS, s/d). Em 1928, foi Assistente Efetivo também no curso de Farmácia e, em 1930, no curso de Odontologia, ambas escolas anexas da Fameb. Foi o chefe de Laboratório da cadeira, em 16 de setembro de 1929. Em 1933 regeu interinamente a cadeira de Parasitologia (Ibidem).

Após brilhantes concursos de títulos e provas, conquistou a cátedra de Microbiologia de Medicina em 1937, sendo nomeado em 25 de janeiro de 1938. Foi também catedrático nas Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia. O mesmo aconteceu quando foi criada a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (LEITE, 2011).

Foi Vice-Diretor, em 1950, e Diretor Interino de 1950 a 1953, em virtude do Diretor efetivo, prof. Edgard Santos, ter sido nomeado para o cargo de Reitor da UBA - Universidade da Bahia. Exonerou-se do cargo de vice-diretor em 23 de fevereiro de 1953 (PROFESSOR EDUARDO LINS, s/d). Segundo Geraldo Leite (2007), o Prof. Eduardo Araújo realizou proveitosa administração.

Em 1º de março de 1952 o Professor **Eduardo Lins Ferreira de Araújo** recebeu do Reitor Edgard Santos, juntamente com os colegas Aristides Novis, Francisco de Magalhães Netto, José Olympio e os servidores José Pinto Soares Filho e Flaviano Gregório do Nascimento, respectivamente Secretário e Chefe de Portaria da FAMEB, a

Moção de “Louvor e cortesia” (of. Reitoria-UBA, nº 387 *apud* PROFESSOR EDUARDO LINS, 3ª pág., s/d).

Publicou trabalhos científicos em vários periódicos, do Brasil e do exterior. De sua autoria era o livro “Bacteriologia Geral”, que foi adotado por várias Faculdades do Brasil.

Aposentado em 1961, foi sucedido na Disciplina de Microbiologia pelo Prof. Arudy Penna Costa, Professor Titular após concurso. Homenageado por inúmeras instituições, recebeu, em 1961, o título de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia.

Em 1970, ao completar oitenta anos de idade, morreu subitamente. É reconhecido o seu papel no campo da microbiologia do país (LACAZ, 1966; LEITE, 2007).

Leituras recomendadas

LEITE, Geraldo. Eduardo Lins Ferreira de Araújo (Eduardo Araújo) Salvador, 27 de janeiro de 2011. Extraído de: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/115-eduardo-lins-ferreira-de-araujo.html>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

AUDEMARO SILVINO PINTO GUIMARÃES**(21/12/1900 – 20/12/1970)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE ANATOMIA**

Nasceu em Santarém, no Pará, em 21 de dezembro de 1900. Era descendente de família tradicional, sendo neto do Barão de Santarém, Miguel Antonio Pinto Guimarães, homem público de grande influência na Província do Grão Pará, segundo mensagem enviada ao memorialista pelo Prof. Prof. Armênio Guimarães.

Cursou o ginásio e o curso "anexo" (atual colegial) em Recife, vindo estudar medicina em Salvador, na época, a única faculdade de medicina do norte e nordeste. Formado pela FAMEB em 1925, 109ª turma, colega de Edístio Pondé, presente nesta galeria; Álvaro de Mello Dória, professor da Fameb, que depois se transferiu para a Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, onde ensinou Medicina e Odontologia Legal; Edgard de Cerqueira Falcão, historiador da medicina, grande conhecedor da vida e obra de Manuel Pirajá da Silva (TAVARES-NETO, 2008).

Casou-se com Zélia Costa Guimarães. Entre seus filhos, destaca-se o também professor Armênio Costa Guimarães, da turma de 1956, que foi Professor Titular da Fameb e é Professor Emérito da UFBA (TAVARES NETO, 2008; LEITE, 12/05/2011).

Audemaro Silvino Guimarães, chamado carinhosamente de “Bororó” foi discípulo do Prof. Eduardo Diniz Gonçalves, conhecido como “Biriba”, juntamente com outros colegas, como Renato Teixeira, da turma de 1928, João José de Almeida Seabra, da turma de 1931 (presente nesta galeria); Milton de Uzeda Villela, da turma de 1941 e vários outros anatomistas de elevado conceito.

O Prof. Rodolfo Teixeira, em sua Memória Histórica, comenta que, entre os discípulos do Prof. Eduardo Diniz, “dois outros professores se projetaram pela excelência dos trabalhos anatômicos que produziram: *Audemário Guimarães* e Aldemiro José Brochado” (TEIXEIRA, 1999, p.156; grifo nosso). Em seu livro de recordações da Fameb, Margot Lobo Valente [Margarida Maria Franco Marques Lobo, da turma de 1956], refere que o “Doutor Audemário”, juntamente com os Doutores Raphael Menezes, Vilela, Renato Teixeira e Doutora Ophelia Gaudenzi, “minha primeira professora na Universidade”, todos eles “nos ensinaram a conhecer mais profundamente o corpo humano” (VALENTE, 2008, p.37).

Enfim, o Prof. **Audemaro** Guimarães - e não *Audemário* como muitos escrevem - foi um anatomista famoso “que, ao invés da maioria dos professores da época, meros repetidores dos tratados clássicos, ensina objetivamente através de esplêndidas peças, preparadas com invulgar maestria e beneditina dedicação” (MAGALHÃES NETTO, 1987).

Faleceu no dia 20 de dezembro de 1970, um dia antes de completar setenta anos. Em mensagem enviada a este memorialista, o Prof. Armênio Guimarães confirma que seu pai era um exímio dissecador, vide a medula dissecada por ele, em 1953, quando foi premiado com uma bolsa de estudos na Faculdade de Medicina da USP, no museu de Anatomia daquela faculdade e este trabalho serve como uma das ilustrações no livro de Neuroanatomia do Dr. Eros Abrantes Ehart, professor de Anatomia daquela faculdade, na época. Diz ainda o Prof. Armênio, em seu testemunho:

Outro aspecto que vale salientar era a sua vocação para pesquisador, num ambiente em que a pesquisa não existia como atividade institucional. Assim, participou da original e pioneira tese de Adriano Pondé para provimento da Cátedra da Primeira Clínica Médica, em 1938, intitulada "Do Infarto Agudo do Miocárdio", participando do estudo das variantes anatômicas da circulação coronária e a sua importância clínica quando da trombose de um dos seus componentes. Estudou, também, as variantes anatômicas das artérias da crossa da aorta, conhecimento importante na abordagem cirúrgica e percutânea atual deste segmento arterial.

MARIA ODILIA TEIXEIRA**(05/03/1884 - ?)****PROFESSORA AUXILIAR DE ENSINO DE CLÍNICA OBSTÉTRICA**

Nasceu em São Félix do Paraguassu, Bahia, em 05 de março de 1884, filha de José Pereira Teixeira (FMB.UFBA.CAIXA N. 372, 1909; TEIXEIRA, 1909). O seu pai era médico, formado em 1879 pela FAMEB, tendo sido Professor da Faculdade (TAVARES-NETO, 2008, p. 171). Segundo Maria Luiza Heine (2010), o Dr. José Pereira Teixeira era “um homem honrado e dedicado à profissão, mas de origem pobre”.

Maria Odília Teixeira, através de uma petição de 16 de março de 1904, dirigida ao então diretor da Faculdade de Medicina, o Dr. Alfredo Thomé de Britto que a deferiu. Ela apresentou como título, o de Bacharela em Ciências e Letras pelo *Gymnasio da Bahia*. A petição foi deferida.

Graduou-se em Medicina pela FAMEB em 15 de dezembro de 1909. Para estudar ela teve ajuda de um irmão, que era bacharel em Direito. Foi a sétima mulher graduada em medicina pela Faculdade, sendo a primeira diplomada no século XX. Sua tese inaugural foi “*Algumas considerações acerca da curabilidade e do tratamento das Cirrroses Alcoólicas*” (TEIXEIRA, 1909). As outras seis mulheres formadas pela Fameb antes tiveram como tema da tese inaugural ou em toco-ginecologia ou em pediatria. Maria Odília amplia a escolha temática ao abordar a questão da cirrose alcoólica.

Foi nomeada “Parteira” da Maternidade, em 28 de novembro de 1914, por resolução da Congregação, em atenção ao pedido do Professor de Clínica Obstétrica e também diretor da Maternidade Climério de Oliveira, o Prof. Menandro dos Reis Meirelles Filho (presente nesta galeria). Em 17 de agosto de 1917, solicitou a exoneração do cargo. Sua função como membro do corpo docente foi, portanto, a de Auxiliar de Ensino da cadeira de Clínica Obstétrica, conforme citação de Anselmo Pires de Albuquerque no primeiro volume do “Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia de 1916” (ALBUQUERQUE, 1917, p.12).

Prof. Benedicto Alves de Castro Silva, professor de Odontologia e membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, afirma em artigo publicado no jornal *A Tarde* (SILVA, 2011), que a Dra. Maria Odília Teixeira foi a primeira mulher negra a se graduar na FAMEB em Medicina. Na FAMEB, além da formação médica, havia também a de farmacêuticos, de odontólogos e de “Parteiras”.

De acordo com a metodologia adotada, de sempre buscar outras fontes para confirmar a autenticidade e a veracidade dos dados, encontramos outras fontes que confirmam a afirmativa do prof. Benedicto Silva. Azevedo e Fortuna (2012, p.13) assumem a assertiva, referindo a mesma fonte. Ao escrever sobre mulheres protagonistas na história de São Jorge dos Ilhéus, Heine (2010) diz no seu artigo:

Esta semana [com o dia intercacional da mulher, 8 de março de 2010] queremos homenagear uma mulher que não tivemos a oportunidade de conhecer, mas que, temos certeza, foi extraordinária. No Brasil do início do século vinte, machista e preconceituoso, com relação à mulher e à negritude, ela conseguiu se formar em Medicina, mesmo sendo mulher e negra.

Depois de cento e um anos de criação da escola médica na Bahia (1808-1909) e trinta anos depois de ter sido aprovada a lei que garantia o direito da mulher se formar em medicina no Brasil (1879-1909), a primeira mulher negra se graduou em medicina pela FAMEB. E cinco anos depois de graduada, ela ensinou na mesma faculdade onde estudou. Desse modo, com os dados que dispomos neste momento, ela foi a primeira médica negra Professora da escola *mater* da medicina brasileira. Cabe até verificar se ela não teria sido a primeira Professora negra no ensino médico do país.

A médica Maria Odília Teixeira falava fluentemente francês e lia grego e latim. Não entendia como um professor podia ensinar sem conhecer estas línguas (SILVA, 2011). Casou-se com Eusínio Gaston Lavigne, descendente de franceses, advogado que foi intendente e prefeito de Ilhéus. Após o casamento, em 1921, o casal morou em

Salvador, mas logo depois eles se mudaram para Ilhéus. Retornaram para Salvador quando Dr. Eusínio foi destituído do mandato de prefeito, com a ditadura do Estado Novo, em 1937. Tiveram dois filhos: José Léo e Gastão. De volta a Ilheus, o casal viveu “na maior felicidade” até quando a ditadura militar de 1964 prendeu o Dr. Lavigne, “um socialista, que havia prestado inúmeros serviços ao seu estado e à sua querida Ilhéus. Ver seu marido preso, um homem já idoso, atrás das grades sem justificativa, sem apresentar ameaças a quem quer que fosse, um homem que nada fez de errado. A Dra. Odília não suportou o trauma. Adoeceu de patologia irreversível” (SILVA, 2011)

Um dos filhos de Odília e Eusínio, o médico José Leo Lavigne, também formado pela FAMEB em 1948 (TAVARES-NETO, 2008), entrevistado por Heine (2010), confirmou as dificuldades financeiras do avô materno, Dr. José Pereira Teixeira: “meu pai, depois que se casou com minha mãe teve que dar a meu avô, uma pensão generosa para ele sobreviver”.

Depois de casada, Dra. **Maria Odília Teixeira Lavigne** decidiu por abandonar a carreira para se dedicar à família. Na década de 1920, o movimento feminista estava obtendo suas primeiras conquistas, ainda não tinha obtido, por exemplo, o direito ao voto, que só seria garantido na Constituição de 1934. Eram raras as mulheres independentes, do ponto de vista profissional, principalmente no interior do país, e a Bahia não era uma exceção. Porém, é bom destacar, não foi exigência do marido. Segundo seu filho, o pai Eusínio Lavigne não queria que ela deixasse a profissão, porque era uma ótima médica ginecologista, mas, como era frequente na época, Odília escolheu a tarefa de esposa e mãe (José Leo Lavigne *apud* HEINE, 2010). Disse o filho: “passou a protetora de meu pai, que não ligava para nada, não ligava para roupa, saía de qualquer jeito. Era o anjo da guarda dele”.



Maria Odília e Eusínio Lavigne.

Antes de concluir, há um episódio que ilustra bem a personalidade desta médica protagonista. Em 1953, ela tomou conhecimento de que o médico da turma de 1928 e político Ruy Santos planejava publicar um livro, como de fato publicou, com o título “Teixeira Moleque” (Editora José Olympio, 1960), referindo-se ao Dr. José Pereira Teixeira, pai de Odília Teixeira, pessoa por quem ela tinha a maior admiração, como filha e como médica. “Ela não teve a menor dúvida, comenta seu filho, sentou-se e escreveu-lhe uma longa carta chamando-lhe atenção sobre o que tencionava fazer”. Maria Luiza Heine (2010) relata que Dr. José Leo lhe mostrou a carta. Nela, Odília, nem um pouco satisfeita com o que pretendia o então deputado federal e futuro senador da República, registra de modo firme: “como filha, sou interessada no caso, e devemos, por isto, zelar a memória, que nos é sagrada, de quem tão útil foi à sociedade”. Não tivemos acesso ao livro de Santos, autor também do livro *A Faculdade do meu tempo – memórias* (SANTOS, 1978). Seria interessante conhecer o livro para sentir o efeito desta ação de Odília em defesa da memória do pai.

Segundo o testemunho do Dr. Benedicto Silva, ela deixou expresso o desejo de ser sepultada numa cova simples, no chão, como foram os seus antepassados. Não temos a data de encantamento dessa luz negra que, com encanto, brilha no céu luminoso da Bahia de todos os santos e orixás.



Formanda Maria Odília Teixeira

Fonte das fotos: *Folha da Praia*, Ilhéus, ano XIX, n. 130, p. 26, 2010.

CLEMENTINO DA ROCHA FRAGA

(15/09/1880 – 08/01/1971)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA MÉDICA

Nasceu Clementino da Rocha Fraga em Muritiba, Bahia, a 15 de setembro de 1880, sendo seus pais D. Córdula de Magalhães Fraga e Clementino Rocha Fraga. Concluídos os seus estudos básicos em sua terra natal, veio para a capital, para os estudos preparatórios, tendo sido, em 1893, um dos “discípulos” do médico e grande educador Ernesto Carneiro Ribeiro (FRAGA, 1941, p.54).

Formou-se em 1903, na 87ª turma da 1ª escola médica do país (TAVARES-NETO, 2008), defendendo a tese inaugural “A Vontade – estudo psicofisiológico” (FRAGA, 1941), que não consta da relação publicada por Meirelles *et al.* (2004).

Recém-formado, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde fez clínica nos subúrbios de Santa Cruz e Piedade. Em 1906, fez concurso para o cargo de Inspetor Sanitário, obtendo o primeiro lugar. Foi quando trabalhou sob as ordens de Oswaldo Cruz, como “mínimo auxiliar na campanha do saneamento do Rio de Janeiro” (FRAGA, 1941, p.83).

Em 1910, retornou a Salvador e fez concurso para Professor Substituto de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1914, tomou parte no Décimo Sétimo Congresso Internacional de Medicina, em Londres.

Durante 12 anos exerceu a profissão na Bahia, ensino e clínica, tendo sido médico do seu mestre Prof. Pacífico Pereira: “Fui seu discípulo e depois, ainda que discípulo, cheguei a ser seu companheiro no professorado da velha e gloriosa Faculdade da Baía.

Por vezes, *fui também seu médico*; seu amigo fui sempre e admirador dos mais fieis” (FRAGA, 1941, p.102; grifo nosso).

Em 1921, foi eleito deputado federal pela Bahia, afastou-se do magistério para cumprir mandato parlamentar (deputado federal), deixando, no entanto, ‘uma plêiade de discípulos’, entre os quais César Augusto de Araújo, presente nesta galeria (MACHADO, 2007).

No Congresso, teve intensa participação nos problemas de saúde e educação, suas duas paixões. Em 1925, foi transferido da Faculdade de Medicina da Bahia para a do Rio de Janeiro, ocupando a cátedra até se aposentar em 1942. É dele a frase: “A Medicina não é sacerdócio: é profissão. Profissão de altruísmo” (in MACHADO, 2007, p.195).

Prof. Almério Machado (2007, p.195) refere também que ele costumava dizer: “Da Tisiologia patrícia sou veterano”. Foi o fundador do Primeiro Curso de Tisiologia no Brasil, que se realizou por onze anos sucessivos, abordando uma doença responsável pelos mais altos índices de morbidade e mortalidade à época. É considerado o precursor do ensino dessa “especialidade” no país (MACHADO, 2007). São provas de sua preocupação com essa questão sanitária os seguintes trabalhos: “Fronteiras da tuberculose” (1906), “Tuberculose Pulmonar”, “Noções atuais de tuberculose”(1932)”. Esses e outros trabalhos foram organizados em volume de Clínica Médica editado em 1918 (BOAVENTURA, 1974).

Representou o Brasil no 17º Congresso Internacional de Medicina em Londres e, em 1927, no Congresso Internacional de tuberculose, em Córdoba, Argentina. Em 1928, no governo Washington Luiz, exerceu o cargo de Diretor do Departamento Nacional de Saúde. Como delegado sanitário especial atuou na profilaxia do *cholera-morbus* e, em 1928, dirigiu na capital federal, Rio de Janeiro, a campanha contra a febre amarela, tendo destacada atuação. De 1937 a 1940 exerceu o cargo de Secretário Geral de Saúde e Assistência do Distrito Federal (SOUZA, 1973).

Nunca perdeu o vínculo com a Bahia. Um exemplo é sua publicação da década de 40 “Médicos Educadores” (FRAGA, 1941), na qual analisa não só nomes como Osvaldo Cruz, Miguel Couto, Azevedo Sodré, o baiano Francisco de Castro, que cursou na Fameb até o 2º ano, fazendo carreira no Rio de Janeiro, mas também nomes que permaneceram na Bahia, como Pacífico Pereira e Carneiro Ribeiro.

Recebeu o título de Professor Emérito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, e da Faculdade de Medicina da Bahia. Pertenceu em caráter honorífico às Academias

Nacional de Medicina, de Paris, de Buenos Aires e à Academia das Ciências de Lisboa. Membro da Academia de Letras da Bahia, foi imortal na Academia Brasileira de Letras, para onde ingressou em 1939, sucedendo a Afonso Celso.

A sua obra científica e literária é vasta. A literária, especialmente, vazada num estilo preciso, evidenciando sua intimidade com os clássicos, evidenciando o seu conhecimento, em profundidade, da língua portuguesa, lições que aprendeu com o mestre Carneiro Ribeiro (FRAGA, 1941).

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 8 de Janeiro de 1971. Existe uma estátua, na Gávea, onde residiu nos seus últimos trinta anos, em honra à sua memória. Há uma escultura de sua cabeça na FAMEB, no prédio do Canela. É mais um imortal, nessa galeria de encantados.

Obras publicadas:

A Vontade – estudo psicofisiológico (Tese inaugural, 1903); Fronteiras da tuberculose (1906); Higiene rural no Brasil (1908); Tratamento das congestões pulmonares (1912); Discursos e conferências (1912); Congestões primitivas do Pulmão (1913); *Le folie dans le paludisme chronique* (1912); *Suprarrenal syndrom in paludism* (Comunicação à *American Society of Tropical Medicine*, 1917); Beriberi ou síndrome beribérica? (Memória apresentada à Academia Nacional de Medicina, 1917); Beriberi in Brazil (Memória apresentada à *American Society of Tropical Medicine*, 1918); Clínica médica: lições e notas clínicas (1919); Orações a Mocidade (Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1923); O Ensino clínico, suas falhas e perspectivas (Conferência inaugural na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, 1927); A febre amarela no Brasil (1929); Tuberculose pulmonar (s/d, entre 1929-1931); Ceticismo em Medicina (1930); Diagnóstico das síndromes respiratórias (1931); Ensino médico e medicina social (Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1932); Noções atuais de tuberculose (1932); Orientação profissional e higiene pública (1934); Erros e preceitos de medicina social (1937); Medicina clínica (1938); Ciência e arte em medicina (1939); Elogio a Afonso Celso, in Discursos Acadêmicos XI (Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, 1939); Bovarismo antes e depois de Flaubert (1940); A Vocação de Xavier Marques, 1941; Médicos Educadores (Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1941); Medicina e Humanismo, 1942; “Vida e Obra de Antero de Quental”, 1943; Doença e gênio literário (1943); Últimas orações (1944); “Vida e Obra de Teófilo Dias”, 1946; A cadeira 36 da Academia Brasileira de letras (1946); Vocação liberal de Castro Alves; Rui Acadêmico

(1949); Medicina e médicos na vida de Rui Barbosa (1949); Afonso Celso, educador”, 1958; “Meditações”, 1965 e “Reencontros Imaginários” (memórias), 1968; Vida e obras de Oswaldo Cruz (1972).

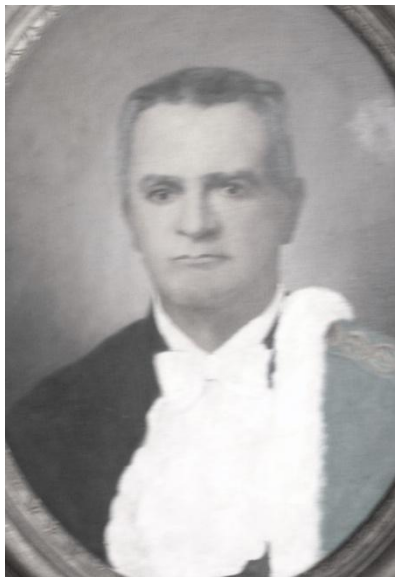
Leituras recomendadas

BOAVENTURA, E. Clementino Fraga. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, v.23, p.31-45, 1973-1974.

CLEMENTINO Fraga. Site oficial da Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=328>> Acesso em: 15 de setembro de 2012.

FRAGA, Clementino. *Médicos Educadores*. Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1941.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Clementino Fraga. In: SOUZA Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 265-266, 1973.

EDÍSTIO PONDÉ**(8/11/1900 – 30/04/1971)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE NEUROLOGIA**

Edístio Pondé nasceu na cidade de Inhambupe, BA, em 8 de novembro de 1900 (SOUZA, 1973), filho de Vitalina Mendes Pondé e Pedro Faustino de Souza Pondé (PONDÉ, 1925).

Ao concluir os estudos de humanidades, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e se formou em 26 de dezembro de 1925, que, segundo Tavares-Neto (2008), foi a 109ª turma da FAMEB. Foi Interno de Clínica Psiquiátrica de 13 de novembro de 1924 a 01 de dezembro de 1925 (PROFESSOR EDISTIO, s/d).

Sua tese inuagural foi “Ligeiras considerações em torno do Espasmo de Torção. Contribuição ao estudo das syndromes extra-piramidais” , defendida em 30 de outubro de 1925 (PONDÉ, 1925).

Dedicou-se à clínica e, logo se revelou sua vocação ao magistério, tornando-se Assistente da Clínica Neurológica da Fameb a partir de 4 de maio de 1929. Em 1940 passou a Assistente de Ensino na mesma cadeira. Em 1943, obteve a Docência Livre de Clínica Neurológica. Em 24 de setembro de 1947, tomou posse como Professor Substituto da mesma cadeira (PROFESSOR EDISTIO, s/d).

Em 1949, fez “brilhante concurso, dos mais notáveis havido na Faculdade” (SOUZA, 1973), tornando-se Professor Catedrático em 18 de julho de 1950, defendendo a tese

intitulada “Epilepsia”. Para revistas e jornais especializados publicou importantes trabalhos como: “Tratamento das Polinevrites”, “Mielite Lombar”, “Sobre um caso de Doença de Bayle”, “Sobre a terapêutica da coreia de Sydenhan”, “Meningite linfocitária de origem esquistossomática”, “Esquistossomose medular”, “Sobre um caso de afasia”, “Perturbações mentais na síndrome basedoviana” etc.

A partir de 1965, começou a obter licenças para tratamento de saúde, mas sempre reotnava ao cargo até se aposentar em 19 de fevereiro de 1970 (PROFESSOR EDISTIO, s/d).

Ao lado da sua atividade científica e docente, tendo exercido a cátedra da neurologia por vinte anos, Loureiro de Souza registra em seu livro “Baianos ilustres” (SOUZA, 1973), que o médico e professor Edístio Pondé era também um poeta, “um poeta que a ciência absorveu” (p.318). Deixou inúmeros sonetos e poemas, de sabor nitidamente parnasiano e epigramas cheios de graça e de malícia. Esta faceta foi revelada pelo escritor Lafaiete Spínola, após a morte do professor Pondé, ocorrida em Salvador, em 30 de abril de 1971 (SOUZA, 1973).

Leituras recomendadas

PONDÉ, Edístio. *Ligeiras considerações em torno do Espasmo de Torção. Contribuição ao estudo das syndromes extra-piramidais*. Bahia: Typographia Social, 1925.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Edístio Pondé. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1567-1925)*. 3 ed.rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, p. 317-318, 1979. (1 ed. Salvador: Editora Beneditina, 1949).

CARLOS RODRIGUES DE MORAES
(03/03/1906 – 02/08/1971)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE OTORRINOLARINGOLOGIA

Nasceu em Paris, em 3 de março de 1906, quando seu pai, Prof. Eduardo César Rodrigues de Moraes, Catedrático da Clínica de Otorrinolaringologia, permaneceu de 1904 a 1909 fazendo especialização tanto em Oftalmologia, quanto em Otorrinolaringologia, na Europa.

Graduou-se em 1927, a 111ª turma, a “turma de notáveis” (TAVARES-NETO, 2008). Defendeu a tese inaugural “Alguns casos de Otho-rhino-neuro-ophtalmologia” (MEIRELLES et al., 2004).

Após a formatura, foi à Europa, principalmente Paris, para especialização. Depois fez viagens também a nova meca da formação médica, os Estados Unidos.

Sua tese de Livre Docência foi sobre “Anatomia dos seios da face”, tendo como orientador o Prof. Antônio Ignácio de Menezes, Prof. Catedrático de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental (Tavares, 2008). “Assim como seu pai, era grande conhecedor de otorrinolaringologia, exímio cirurgião, realizava também cirurgia reparadora, cirurgia bucomaxilar, cirurgia de cabeça e pescoço, além de bronco-esofagologia” (LESSA & BALEIRO, 2007, p.220).

Com o falecimento de seu pai, Prof. Eduardo de Moraes, a vacância da cátedra gerou um clima competitivo na escolha do novo catedrático. Além de Carlos de Moraes havia outro ilustre candidato, Prof. Orlando Castro Lima.

Venceu o Prof. Carlos Rodrigues de Moraes, que defendeu a tese “Distúrbios Labirínticos” (Faculdade de Medicina da Bahia, 1947). Há relato que, segundo as lembranças do Prof. Hosannah de Oliveira, diretor interino na época, o que decidiu a vitória foi a prova cirúrgica no cadáver. De qualquer forma, a cadeira ficou cindida. Ficaram como assistentes os colegas Adherbal Medeiros de Almeida, da turma de 1937 e Astor Baleeiro, da turma de 1938 (LESSA & BALEEIRO, 2007).

Era um grande didata, tendo sido escolhido paraninfo da turma médica de 1947 da FAMEB. Sob sua liderança, na década de 50, a Clínica de Otorrinolaringologia, já funcionando no Hospital das Clínicas, teve uma grande produção, sendo um dos ambulatórios que mais realizava atendimentos e, durante anos, era o setor com maior número de cirurgias do hospital-escola (LESSA & BALEEIRO, 2007).

Embora tivesse muitas qualidades que herdara do pai, Prof. Carlos Moraes não tinha o talento da liderança para aglutinar os assistentes, nem a capacidade administrativa do seu antecessor. As produções científicas foram minguando, o prof. Carlos Moraes não tinha pulso administrativo, viajava muito e se ausentava do serviço, sem organizar o serviço em sua ausência (LESSA & BALEEIRO, 2007). Só na década de 70 com uma nova geração, com os Professores Eduardo Baleeiro e Hélio Lessa, entre outros, o serviço voltou a ser estruturado.

Prof. Carlos Moraes faleceu em 02 de agosto de 1971, alguns meses depois de sua aposentadoria compulsória.

Leituras recomendadas:

MORAES, Carlos Rodrigues. *Alguns casos de Otho-rhino-neuro-ophtalmologia* [Tese inaugural]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1927.

MORAES, Carlos Rodrigues. *Distúrbios Labirínticos* [Tese do Concurso de Cátedra para a Clínica de Otorrinolaringologia]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1947.

FERNANDO JOSÉ DE SÃO PAULO
(30/05/1887 – 12/08/1973)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE TERAPÊUTICA CLÍNICA

Nasceu no dia 30 de maio de 1887, no arraial de Pacatu, Santa Bárbara, na época município de Feira de Santana, filho de Joaquina Mônica de São Paulo e Patrício José de São Paulo (FERNANDES, 2004).

Concluiu os estudos iniciais em Santa Bárbara, depois se mudou para Salvador. Estudou no Ginásio São Salvador, mas concluiu os preparatórios no Liceu Alagoano, em Maceió.

Em 1904 ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e graduou-se em Medicina no ano de 1909, 93ª turma (TAVARES-NETO, 2008). Sua tese doutoral ou inaugural foi “A vida sexual dos condenados” (MEIRELLES et al., 2004).

Iniciou a vida profissional em sua terra e arredores, viajando a cavalo para visitar seus clientes. Depois, a convite do Professor Prado Valladares, retornou para Salvador onde, num humilde consultório localizado na Rua da Misericórdia (LEITE, 2007), reuniu numerosa clientela clínica, obtida com uma prática médica humanizada, feita com a complexidade da adequada relação humana e competência técnica: *“identificação acurada do cliente e uma anamnese bem conduzida, seguida de exame físico exaustivo, tudo registrado no livro, como se fora tabelião, além de, com frequência, realizar o exame microscópico da urina”* (BARROS, 1993).

Dentre seus clientes famosos, destacamos Ruy Barbosa, de quem foi fiel admirador, acompanhando-o em sua campanha de candidato à Presidência do Brasil (LEITE, 2011).

Agnóstico, converteu-se ao catolicismo, graças ao Padre Luiz Gonzaga Cabral e, como católico fervoroso, foi médico de seminaristas, padres, freiras, monges e do próprio Cardeal Dom Álvaro Augusto da Silva, depois Arcebispo Primaz, com quem dialogava em latim.

Em 1915, fez Livre Docência de Terapêutica Clínica. Em 1918, foi Professor Substituto de Farmacologia. Em 1919, foi Catedrático da cadeira de Farmacologia, depois se transferiu e foi Professor Catedrático de Terapêutica Clínica.

Seu desempenho pedagógico era pautado na experiência clínica que vivenciou não só na prática médica urbana, mas também na sua experiência em área rural (TEIXEIRA, 1999; SILVEIRA, 1978). Essa experiência vivida que ele levou para o hospital de ensino é fundamental num campo em que é imprescindível o conhecimento tácito, aquele que só se aprende fazendo; e que seria exatamente a prática que os futuros médicos teriam que fazer.

De suas numerosas publicações, destaca-se “Linguagem médica popular no Brasil” (SÃO PAULO, 1970), editada em 1970, obra pioneira que ainda hoje é referência em antropologia médica, conforme depoimento feito ao memorialista pelo historiador Cid Teixeira.

Purista da língua, com profundo conhecimento do latim, como já referido, Fernando São Paulo era amante das letras e das artes, detentor de invejável cultura geral. Foi ele que forneceu, a pedido da Academia Brasileira de Letras, valiosa contribuição para o “Dicionário Ortográfico da Língua Portuguesa”.

Foi o 3º Presidente (1964-1968) da Academia de Medicina da Bahia (TAVARES-NETO, 2008) e pertenceu à Academia Nacional de Medicina (LACAZ, 1966).

Lutou pela conclusão das obras do Hospital das Clínicas, a tal ponto que, certo dia, bateu às portas do Governo do Estado, a fim de solicitar recursos para a conclusão das obras. “À sua saída a autoridade maior comentou para um de seus auxiliares imediatos: “É a primeira vez que este professor, por todos os títulos, merecedor do nosso respeito, sobe as escadarias desse palácio para um pedido e o faz não em benefício próprio mas em favor de sua instituição de ensino” (BARROS, 1993).

Disse Sá Menezes: “Clinico à Miguel Couto – de quem foi amigo e admirador – discípulo amado de Prado Valadares – de quem foi interno e assistente -- forrado de

todas as virtudes mais próprias ao apostolado clínico. Virtudes a que juntava uma grande cultura científica, esta acompanhada de vastos conhecimentos gerais, que o tornaram um perfeito humanista, de visão global e profunda” (SÁ MENEZES , 1994).

Faleceu em 12 de agosto de 1973, com oitenta e seis anos de idade (PROF.FERNANDO JOSÉ, s/d). Após sua morte, a família doou a biblioteca do ilustre mestre à Universidade Estadual de Feira de Santana (LEITE, 2007).

Em sua Memória Histórica, o Prof. Rodolfo Teixeira (199) faz um sincero perfil do professor Fernando São Paulo: “dono de um estilo especial e próprio, embora, muitas vezes, incompreendido. Contudo, voltando o tempo, acredita o memorialista que *poucos terão exercido tanta influência na vida profissional de gerações de médicos formados na Faculdade*, como este professor, ‘pequeno e esquisito”” (p.165; grifo nosso). Teixeira faz referência a um depoimento de José Silveira, quando afirma que foi preciso ter saído da faculdade, ter abandonado ‘a Medicina sofisticada das cátedras, a prática médica instrumentada e modulada dos hospitais de ensino, para compreender o sentido real e objetivo das prescrições de Fernando São Paulo. Esse depoimento está no seu livro “Vela Acesa”:

Só o contato direto com a triste e lamentável condição sanitária do povo brasileiro, reinante em imensas regiões do país, onde continua a faltar tudo e só os remédios e as providências caseiras têm aplicação; só os que vêm como é cruel receitar medicamentos caros para os que não têm o mínimo para comer; só os que se metem por esses sertões adentro, como ele próprio fizera, poderão compreender quanto de útil, válido e oportuno havia no proceder daquele homem pequenino, empertigado, tez pálida e bigode curto, cabelos negros e repartidos ao meio; cheio de esquisitices, rigorismos e insistências nas suas dietas e nos regimes (SILVEIRA, 1980, p.110-111).

Para concluir esta breve biografia de um professor que, encantado, merece ser lembrado, ainda este comovente depoimento de seu aluno e depois colega na FAMEB, Prof. José Silveira (1978): “Lamentavelmente, depois de uma atuação respeitável e luminosa pela Faculdade, na sua vida particular e pública; após ter conquistado uma das maiores clientelas da Bahia, tão pouco ganancioso fora, a pobreza lhe bateu às portas... Seus últimos dias – ajudados por Fernanda e Ângelo, seus queridos filhos – foram passados na humildade de um Asilo, onde todos o queriam e acarinhavam... A esclerose não lhe permitiu sequer sentir as provas de apreço e admiração que lhe tributavam...”

Aqui nesta galeria, manifestamos o nosso apreço ao mestre que, pelas fontes consultadas e pelos depoimentos colhidos, era possuidor, além de uma sólida cultura médica e geral, de grande sensibilidade social.

Obras:

SÃO PAULO, Fernando. *A vida sexual dos condenados* [Tese doutoral. Cadeira de Higiene]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de outubro de 1909.

SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil*. 2 volumes. Salvador: Itapuã, 1970.

*Leituras Recomendadas*

BARROS, Nelson. Fernando José de São Paulo. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 9, setembro de 1993.

FERNANDO José de São Paulo. Médicos ilustres da Bahia. Salvador, 29 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/126-fernando-jose-de-sao-paulo-fernando.html>> Acesso em 15 de Nov. 2012

LEITE, Geraldo. Depoimento de um discípulo e admirador. *Reminiscência*. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, abril de 2007. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/126-fernando-jose-de-sao-paulo-fernando.html>> Acesso em 15 de Nov. 2012

PROF. FERNANDO JOSÉ de São Paulo. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.

SILVEIRA, José. Fernando São Paulo. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia, Vol. II, n. 2, outubro. Salvador, 1978

ALEXANDRE LEAL COSTA
(11/04/1907 – 25/02/1976)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PARASITOLOGIA

Nasceu em 11 de abril de 1907 na Vila da Conceição do Norte, no Estado de Goiás, filho de D. Anísia Leal Costa e Cassiano Costa. Numa pequenina escola, de parentes seus, na Vila de São José do Duro, foi iniciado nas primeiras letras. Por razões políticas seus pais se transferiram com os nove filhos para Barreiras, Bahia, onde completou numa escola pública o primário. Vem para Salvador e fica como interno no Colégio Antônio Vieira. Em fins de 1924, concluiu os exames preparatórios no Ginásio da Bahia. Recebe do Colégio Antônio Vieira, como prêmio, a maior distinção: uma viagem à Europa. No velho mundo visitou museus e ficou fascinado com as ciências naturais e biológicas. Retornou em 1925 (LEITE, 1999b;2011).

Diz Alexandre Leal Costa: “Chegado ao Colégio Antônio Vieira em 1920, vindo do alto sertão aos 12 anos de idade, tímido e desorientado, em ambiente estranho, tive no Padre Torrend nos cinco anos de internato, de logo como Diretor Espiritual e depois também como Professor, o amigo e o guia seguro, a quem devo o pouco que dentro de minhas limitações me foi dado assimilar de seus ensinamentos e orientação. Egresso do Colégio, jamais dele me afastei durante a vida acadêmica, nem depois na vida profissional, pois, talvez motivado pelo seu convívio, enveredara nesta pelo campo das Ciências Naturais, quer, de início como professor de Ciências Biológicas, em estabelecimentos de ensino secundário, quer dedicando-me ao estudo e ao ensino da Microbiologia, da Parasitologia e da Botânica na Universidade”(LEITE, 1999b;2011).

O Padre Camillo Torrend, jesuíta e renomado botânico, havia chegado à Bahia nos idos de 1914, seguindo logo depois, em viagem de estudo, para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, coletando material, especialmente no campo da Micologia e da Fitopatologia. Excursionou depois no Maranhão, onde se dedicou ao estudo da cultura e das doenças do algodoeiro. No ano de 1916, o padre se foi para o sudeste da Bahia, onde estudou a flora local, colhendo fungos e fazendo observações sobre o ambiente. No final de 1918 e início de 1919, o Padre Torrend viajou por terra, visitando o nordeste semiárido, de Salvador até Fortaleza, quando estudou a flora, a geologia e a biologia daquela área. Esteve em seguida na Cachoeira de Paulo Afonso, em companhia de outro sábio baiano, o Prof. Pirajá da Silva (descobridor do *Schistosoma mansoni*), quando juntos observaram a flora e a geologia da região. Alexandre, sem esquecer seus estudos, de 1925 a 1929, acompanhou com vivo interesse os passos do Pe. Camilo (LEITE, 1999b; 2011).

Ainda aluno, frequentou o Hospital do Isolamento, onde exerceu com dedicação o cargo de Interno. Graduou-se em medicina na FAMEB, em 1931, defendendo a tese “Doença de Pirajá da Silva Manson”, aprovada com distinção (LEITE, 2011). Esta tese não consta no levantamento de Meirelles *et al* (2004), que se encerra em 1928.

Casado com D. Beatriz Leal Costa, desde 1935 instalou-se no antigo prédio do jornal “A TARDE”, à praça Castro Alves, onde exerceu a Patologia Clínica durante mais de quarenta anos. O apoio que recebeu do Prof. José Silveira foi muito importante.

Em 1933, tornou-se Assistente de Microbiologia. No ano seguinte, obteve por meio de brilhante concurso, a Docência Livre de Parasitologia. No ano seguinte, conquistou a cátedra de Zoologia e Parasitologia da Escola de Farmácia. Em 1936, assumiu a Assistência e a Chefia do Laboratório de Parasitologia na FAMEB. Foi Assistente de Terapêutica Clínica, Assistente de Microbiologia, Livre Docente de Parasitologia e de Terapêutica, Professor Adjunto de Terapêutica Clínica, Catedrático (por concurso) e depois Professor Titular de Parasitologia (LEITE, 1999b; 2011).

Por indicação de seu mestre, o Padre Torrend, em 1940, lecionou Microbiologia na Escola Agrícola do Estado, onde também Torrend era professor. Alexandre Leal Costa atuou, também, como professor de Matemática e História Natural no seu antigo colégio, Antônio Vieira, e em outras importantes instituições de ensino como o Ginásio da Bahia, o Colégio do Santíssimo Sacramento e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Com o Pe. Camilo e com apoio de outros companheiros, como Jones Seabra, e Narciso Soares da Cunha, fundaram a Sociedade Baiana de História Natural.

É um exemplo do espírito universitário. Em outras unidades da Universidade Federal da Bahia desempenhou Alexandre Leal Costa a carreira docente, sempre no mais alto grau, no Instituto de Ciências da Saúde, no Instituto de Biologia, onde foi Diretor (ESCOLA, 2006), na Faculdade de Filosofia e na Escola de Enfermagem, ensinando Parasitologia em todas elas. Fora da UFBA, ensinou também na Universidade Católica do Salvador e na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (LEITE, 2011).

Sendo um docente dedicado, portanto, aos problemas educacionais, Prof. Alexandre Leal Costa foi escolhido para membro titular do Conselho Estadual de Educação, desde quando foi criada, no governo de Lomanto Júnior, ficando até o seu falecimento, quando exercia a presidência do órgão. Outros cargos foram: Secretário de Saúde do município do Salvador, Vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia, Diretor do Instituto de Biologia, Presidente do Conselho Estadual de Educação e Presidente da Câmara de Graduação (1999b).

Como cientista, desenvolveu estudos sobre esquistossomose, helmintíases, protozoários diversos e, de modo especial, *Trypanosoma cruzi*, esquizomicetos patogênicos e plantas medicinais. Sobre o cientista, disse o Padre José Pereira, seu particular amigo: “Bacteriologista por ofício, botânico e sistemata por amor. A uma e outra especialidade se dedicou com desinteresse e afinco. Deixou atrás de si o exemplo profícuo de como se deve trabalhar, em qualquer circunstância. Se encontrava um bom microscópio, iniciava a pesquisa. Caso contrário, trabalhava com outro. Se não havia pipetas de Pasteur, improvisava algumas, distendendo o vidro ao bico de Bunsen e cortando-o com um fio de algodão embebido em álcool incendiado” (apud LEITE, 2011)

Em nosso estado, foi um dos primeiros a demonstrar, por meio de inquéritos copro-parasitológicos, a elevada prevalência de portadores de esquistossomose mansônica, inclusive na região oeste (TAVARES-NETO, 2008).

Eis o testemunho de um discípulo, Prof. Galeno Magalhães: “o Professor Alexandre viu chegar a claridade da aurora, gastando horas da noite na leitura de livros escritos pelos mestres maiores da Ciência de Carolus Lineus, preferindo-os no original e para tanto se familiarizou com o latim e o alemão” (apud LEITE, 2011).

Nos seus últimos anos de vida, esteve muito ativo. Indo com a Dra. Graziela Barroso, e outros, ao interior, encontrou o fruto de um cactus que tanto procurava e uma Aracea que será descrita pela referida cientista com o nome de *Philodendron leal costae*, por expressa decisão de sua descobridora.

Membro da Academia de Medicina da Bahia, ele ocupou, desde a fundação, a cadeira cujo patrono é o Prof. Manoel Augusto Pirajá da Silva. Faleceu em 25 de fevereiro de 1976 (ESCOLA, 2006).

Em 25 de março de 1975, foi homenageado com o nome de uma escola municipal de Salvador. No blog da escola tem a seguinte frase: “sua biografia serve de exemplo de determinação em busca do conhecimento para os alunos da nossa escola” (ESCOLA, 2006).

Leitura recomendada

LEITE, Geraldo. *Alexandre Leal Costa – Avulso*. Conferência pronunciada na Academia de Medicina da Bahia. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/avulso-alexandre-leal-costa.htm>>. Acesso em: 22/11/2012.

LEITE, Geraldo. Alexandre Leal Costa: o inesquecível. *Jornal do CREMEB*. Salvador, p.15, jun.-jul. 1999.

BENJAMIM DA ROCHA SALLES**(03/03/1904 – 09/10/1976)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA CIRÚRGICA INFANTIL E ORTOPEDIA**

Nasceu em 3 de março de 1904, na cidade do Salvador, filho de Eloísa da Rocha Salles e Antônio de Seixas Salles.

Ao concluir os estudos preparatórios, em 1924, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, pela qual foi diplomado em Medicina em 1929, 113ª turma. Dentre seus numerosos colegas de turma, destacaram-se: Alfredo Bahia Monteiro, José Adeodato de Souza Filho, Lafayette Coutinho de Albuquerque e Rodrigo Bulcão de Argollo Ferrão (futuros professores da Faculdade), Aristóteles Calazans Simões, um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Alagoas; Oscar Velloso Gordilho, aluno laureado com o Prêmio Professor Manoel Victorino Pereira; e Ruy de Lima Maltez, futuro presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins e, quando estudante, presidente do Núcleo Pró-Hospital das Clínicas (TAVARES-NETO, 2008).

Benjamim Salles concluiu o curso em 1929, mas ainda não tinha defendido sua tese inaugural. Deslocou-se para a cidade de Caldas do Cipó, onde exerceu a clínica e colheu precioso material para sua tese doutoral, intitulada “*Aguas Thermo-Radioactivas de Caldas de Cipó, no Estado da Bahia*”, defendida em 1930 (LEITE, 2011; DALTRO & GUEDES, 2011b). Este tese não consta no levantamento de Meirelles et al. (2004), que só tem as teses doutorais dos titulados pela Fameb até o ano 1928.

Retornou a Salvador e logo iniciou sua carreira docente. De 1932 a 1934, foi Assistente da 2ª. Cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia; em seguida tornou-se Assistente da Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica, quando passou a interessar-se pela Ortopedia. Em 1936, estagiou, em São Paulo, no Serviço de Cirurgia Infantil e Ortopedia (Pavilhão Fernandinho Simonsen - Santa Casa de São Paulo), sob a supervisão do Professor Luiz Manoel Rezende Puech (WOLFOVITCH et al., 2007; LEITE, 2012). Em 1946, obteve o título de Docente-Livre de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia, com a tese “*Em torno das fraturas supracondilianas do úmero na criança*”.

Vale ressaltar que só em 1911, com o desdobramento da “Clínica de Moléstias Médicas e Cirúrgicas da Criança” em duas novas cátedras (“Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil” e “Clínica Pediátrica Cirúrgica e Orthopedia”), nasceu oficialmente o Ensino da Ortopedia no Brasil, tendo como pioneiros de cátedra os Professores Alfredo Ferreira de Magalhães, na Bahia e, cinco anos mais tarde, Luís do Nascimento Gurgel, no Rio de Janeiro (BRASIL, 1911; DALTRO & GUEDES, 2011b).

Em 1925, o Prof. Alfredo Ferreira de Magalhães foi sucedido na cátedra pelo Prof. Dr. Durval Tavares da Gama (1886-1946). Em 1946, em virtude de seu falecimento, o Serviço foi assumido interinamente pelo seu filho e Assistente de Cátedra, Dr. Carlos de Freitas da Gama (WOLFOVITCH et al., 2007).

Enquanto isso, o Prof. Benjamim Salles fortalecia sua liderança na Ortopedia nacionalmente. Em 1948, presidiu o VIII Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia em Salvador-BA, nas instalações da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Há registros que o Prof. Salles contribuiu para a realização deste evento com montante financeiro considerável (DALTRO & GUEDES, 2011a). Durante o Congresso, o Prof. Salles foi eleito Presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) para o biênio 1949-1950.

A Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade da Bahia (só depois UFBA, com a lei nº 4.759 de 20/08/65) abriu, em 1950, vaga de concurso para a Cátedra de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia. Disputaram Carlos de Freitas da Gama e Benjamim da Rocha Salles.

O Prof. Salles saiu vitorioso, apresentando a tese “*Do Tratamento do Pé Varo-Equino-Congênito*”, assumindo a Cátedra no mesmo ano, 1950. Àquela época, tinha como assistentes o Dr. Rodrigo Vasco da Gama, o Dr. Fernando Ribeiro Filgueiras, o Dr. Henrique Rajo e o Dr. Paulo Machado (DALTRO & GUEDES, 2011a).

No início dos anos 50, a Clínica de Cirurgia Infantil e Ortopedia do Hospital Santa Izabel foi transferida para as novas instalações, na Ala C do 4º andar do Hospital das Clínicas, depois denominado Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, que contava com duas enfermarias, 20 leitos, três quartos e um posto de enfermagem. O ambulatório passou a funcionar no subsolo, prestando atendimento a pacientes externos eletivos, quatro dias por semana (DALTRO & GUEDES, 2011a).

Durante a sua direção, o Serviço de Ortopedia do Hospital das Clínicas foi ampliado. O Prof. Salles convocou outros cirurgiões que se dedicavam à especialidade. Proporcionou a atualização e reciclagem de seus assistentes, trazendo professores de outros estados e países para seminários, simpósios e cursos de curta duração, destacando-se os Professores: Flávio Pires de Camargo (USP), Francisco Elias Godoy Moreira (USP), Manlio Mario Marco Nápoli (USP), Donato D'Angelo (Faculdade de Medicina de Petrópolis), Luiz Gustavo Wertheimer (Faculdade de Medicina de Sorocaba) e o Professor Vicente Sanchís Olmos (Hospital Provincial de Madrid) (Ibidem).

Em 1953, regressando da Alemanha, implantou a primeira oficina ortopédica na Bahia. Foi diretor do Hospital das Clínicas e, de 1960 a 1962, foi diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Em outubro de 1964, de acordo com o Regimento Interno da Faculdade, aprovado pela Congregação, a Cátedra de Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopedia passou a designar-se Clínica Ortopédica e Traumatológica. Aos 65 anos de idade, Prof. Benjamim Salles se aposentou da FAMEB, mas continuou em pleno exercício da especialidade, na Clínica de Ortopedia e Traumatologia (COT), em Salvador.

Portador de variados títulos científicos, no Brasil, Argentina, Espanha e Uruguai, presidiu o Conselho Regional de Medicina da Bahia, apresentou vários trabalhos em Congressos de sua especialidade e publicou grande número de artigos em revistas médicas.

Faleceu repentinamente, em Acapulco, no México, no dia 9 de outubro de 1976, sendo sepultado no dia 12, na cidade do Salvador.

Nas palavras de seu sucessor na cadeira, Prof. Remilson Domenech: “Como professor catedrático, reformulou o programa da cadeira, atualizando-o de acordo com o novo conceito da especialidade. (...). No exercício da cátedra, criou condições de trabalho, trouxe novos métodos de tratamento e elevou o conceito da especialidade em nosso meio. Assim atraiu vários alunos e seguidores que, de um lado, tiveram a oportunidade

de aprender os seus ensinamentos no manuseio da especialidade, e, de outro, foram agraciados com o privilégio de conviver com um homem que, pela sua maneira de proceder nos mais variados momentos da vida, foi um exemplo de dignidade. Exerceu o magistério com dedicação, competência, seriedade e humildade” (LEITE, 2011).

Leituras recomendadas

DALTRO Gildásio C, GUEDES Alex. Resgate histórico - Professor Alfredo Ferreira de Magalhães e o Centenário do Ensino Ortopédico Oficial no Brasil. *Jornal da SBOT* 101: 24, 2011.

DOMENECH, Remilson Tourinho. Benjamim da Rocha Salles. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia, v.2, n.2. Salvador, outubro de 1978.

LEITE, Geraldo. Benjamim da Rocha. Médicos Ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 20/01/2011. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/benjamim-da-rocha-salles.html>. Acesso em 21 de dezembro de 2012.

JOSÉ COELHO DOS SANTOS**(30/09/1908 – 02/06/1977)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE ANATOMIA PATOLÓGICA**

Nasceu em Picos, Maranhão, no dia 30 de setembro de 1908, filho de D. Virgulina Coelho dos Santos e Raymundo Coelho dos Santos.

Formou pela Faculdade de Medicina da Bahia em 14 de dezembro de 1933, 117^a turma, tendo sido colega de Carlos Chenaud, Edson Bezerril Fontenelle, Jorge Vidal Pessoa, professores da FAMEB; e Arnaldo Magalhães Mattos que, no período de 1956-1959, tornar-se-ia o 7º Presidente da Associação Bahiana de Medicina (TAVARES-NETO, 2008; RUBIM DE PINHO, 2012).

Foi Assistente do curso de desdobramento de Anatomia e Fisiologia Patológicas a partir de 01 de abril de 1934. No mesmo ano, foi designado para a função de Assistente do Museu, em 17 de setembro (PROF. DR. JOSÉ, s/d).

Livre Docente por concurso em 1937 e foi nomeado Chefe do Laboratório da Cadeira de Anatomia Patológica em 1940.

Com o falecimento do Professor Leôncio Pinto, Catedrático de Anatomia Patológica, em 1945, o Prof. José Coelho dos Santos se tornou Professor Substituto de Anatomia e Fisiologia Patológicas e foi nomeado Catedrático Interino em 1946 (PROF. DR. JOSÉ, s/d). Em 1950, foi aprovado por concurso para Professor Catedrático de Anatomia Patológica, concorrendo com vários outros candidatos, e em 11 de dezembro do mesmo ano entrou em exercício (PROF. DR. JOSÉ, s/d; ANDRADE & ANDRADE, 2007).

Segundo o Prof. José Tavares Neto, a história desse professor evidencia o poder do Catedrático na FAMEB “e também os malefícios do corporativismo, quando contrário ao bem comum, pois durante boa parte dos anos 50 e 60 houve várias paralisações e protestos da classe estudantil contra esse docente porque suas aulas eram proferidas com baixo tom de voz, tinham duração às vezes de duas a três horas, as quais eram meramente teóricas ou com escassas lâminas, etc. Mesmo assim, durante quase duas décadas a Congregação da FMB sempre adotou medidas protelatórias e não-resolutivas” (TAVARES-NETO, 2008, p.182-183; nota 699).

Há um testemunho no livro de reminiscência de Margot Valente (2008) sobre o seu curso na FAMEB que confirma essa crítica à didática do professor: “Doutor José

Coelho dos Santos (...) conhecia profundamente a matéria, mas sua aula não era agradável, porque falava baixo, sempre com o mesmo diapasão e assim cansava o ouvinte, chegando mesmo a dar sono” (p.63).

Outro testemunho está no artigo sobre a Anatomia Patológica da FAMEB feito pelos professores Zilton Andrade e Sonia Gumes Andrade (2007): “Tratava-se de uma pessoa honesta, com muita capacidade de trabalho, mas que era arredo, desconfiado e que se tornava muito tenso quando contrariado” (p.96). Afirmam também que ele se dedicava a dar aulas teóricas e algumas práticas de microscopia, “mas falava em tom baixo e os alunos o julgavam com capacidade didática muito pobre” (ANDRADE & ANDRADE, 2007).

Ele também não tinha hábito de fazer necrópsia e raramente examinava peças cirúrgicas e, mais raramente ainda, fornecia o laudo das mesmas. Por outro lado, ele próprio fazia as suas preparações histopatológicas trabalhando com muita meticulosidade (*Ibidem*)

Com grande dificuldade de trabalhar com outros professores, com alunos ou funcionários, trabalhou isolado num pequeno laboratório do Hospital Santa Izabel. Com a inauguração do Hospital das Clínicas (hospital universitário), em 1949, o reitor Edgard Santos não o convidou para chefiar o serviço de Anatomia Patológica, tendo optado pelo professor italiano Raphaele Stigliani e depois o prof. Franz Von Lichtenberg, um jovem patologista promissor de estadia curta, mas significativa. De início foram dois colaboradores brasileiros: Clarival Prado Valladares e Jorge Studart, depois vieram para se juntar ao serviço os professores Aníbal Silvany Filho (ver nesta galeria) e Zilton Andrade, que tinham feito cursos nos EUA (ANDRADE & ANDRADE, 2007).

Na ficha docente do Prof. Coelho há o registro de sua suspensão em janeiro de 1952, em virtude de resolução da Congregação de 28 de dezembro de 1951. Em fevereiro de 1952, voltou a reger a cadeira (PROF. DR. JOSÉ, s/d). Em 1957, viajou à Europa para estudos. A partir de 06 de junho a 05 de julho de 1959 foi novamente suspenso por 30 dias, com base no Estatuto dos funcionários públicos civis da União (item III do Artigo 210 da Lei n. 1.711) e do Regimento Interno da FMB (Art. 214 e 219). (*Ibidem*).

A participação nas atividades didáticas do grupo de patologistas no Serviço do Hospital era através de um Curso Equiparado para um grupo de alunos. A participação oficial se deu em 1963, com mais uma das inúmeras greves dos estudantes contra o professor catedrático e sua metodologia didática. Na Congregação, o Prof. José Coelho

reconheceu que o curso era mesmo ruim e justificou porque ele não dispunha do serviço do hospital. Os catedráticos votaram que o serviço fosse dirigido pelo Prof. José Coelho, o que estava de acordo com “as regras do jogo” da época. Como no ensino nada mudou para os estudantes, eles entraram em greve no início de março de 1964. O Prof. Coelho foi removido do Serviço de Patologia do Hospital na véspera do golpe militar de 1964 (ANDRADE & ANDRADE, 2007).

Outro testemunho sobre a cátedra de Anatomia Patológica é do Prof. Rodolfo Teixeira, em sua memória histórica (TEIXEIRA 1999). Ele afirma que a disciplina sempre teve problemas estruturais, sobretudo em razão das características de personalidades, tanto do Prof. José Coelho dos Santos, quanto do seu antecessor Prof. Leôncio Pinto. “O curso era irregular nas suas disposições, frequentes desavenças internas com a direção da Faculdade e com o alunado”. Mas “quando a cadeira passou a ser regida por Zilton Andrade, corrigidas as distorções e postas em prática as grandes qualidades do novo professor (...) passou a ser uma das áreas mais produtivas da Faculdade” (p.212)

Em 1970, já pertencendo ao Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal, o Prof. Coelho dos Santos trabalhava no Hospital Couto Maia, antigo Hospital do Isolamento, dedicado ao setor de doenças infecciosas e parasitárias. Ele não mostrou mais interesse em participar do ensino da graduação até a sua aposentadoria.

Ele se aposentou em 1977 e, naquele mesmo ano, faleceu em 02 de junho, na cidade de Conceição do Araguaia, Belém do Pará (PROF. DR. JOSÉ, s/d).

Leituras recomendadas

ANDRADE. Zilton; ANDRADE, Sônia G. A Anatomia Patológica na Faculdade de medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p.93-100, Jul-Dez. 2007.

PROF. DR. JOSÉ Coelho dos Santos. [Ficha do docente com dados biográficos]. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.

FLÁVIO DE ARAÚJO FARIA**(21/06/1900 – 11/01/1978)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA CIRÚRGICA**

Nasceu em Santo Antônio de Jesus, Bahia, no dia 21 de junho de 1900, filho de D. Maria Emília Araújo Faria e Álvaro Henrique Silvestre de Faria (PROFESSOR FLÁVIO, s/d).

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1924, 108ª turma, em 27 de dezembro de 1924 (TAVARES-NETO, 2008), após sustentar tese inaugural, aprovada com distinção, em 20 de dezembro de 1924, intitulada "*Considerações geraes em torno da retenção fetal ectopica*"(MEIRELLES et al., 2004).

Interno da 3ª cadeira de Clínica Cirúrgica, foi nomeado por portaria datada de 18 de outubro de 1923, sendo empossado no mesmo dia, exercendo suas funções desta data até 03 de novembro de 1924 (PROFESSOR FLÁVIO, s/d).

Teve como colega, entre outros, Alberto Alves da Silva, 2º presidente (1951-1953) do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA) e biógrafo de Rita Lobato, 1ª médica formada no Brasil pela FAMEB; André Negreiros Falcão, um dos fundadores da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; Egas Moniz Barreto de Aragão Júnior, filho do Prof. Egas Moniz Barreto de Aragão, este último o poeta *Pethion de Vilar*, formado em 1895, que Tavares-Neto (2008, nota 632, p.131) confunde com o filho; José Hygino Tavares de Macedo, também professor da Fameb; e Sebastião Vaz Pereira da Hora, um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Alagoas, atualmente da Universidade Federal de Alagoas (TAVARES-NETO, 2008).

Assistente do Ambulatório Augusto Vianna da FAMEB, nomeado por portaria de 22 de abril de 1929, desempenhou suas funções até 1935. No mesmo ano, mediante concurso da cadeira de Clínica Cirúrgica, foi nomeado Docente Livre, consoante Portaria de 31 de outubro de 1935 (PROFESSOR FLÁVIO, s/d).

Exerceu suas atribuições no Ambulatório até novembro de 1937. Em 1946, foi nomeado Professor Catedrático Interino Substituto da 2ª cadeira de Clínica Cirúrgica, por decreto de 1º de outubro de 1946. Foi empossado e entrou em exercício no dia 18 de outubro do sobredito ano.

Regeu a cadeira de 1947 até 1956. Foi licenciado por noventa dias de 09 de setembro a 07 de dezembro de 1957, consoante os termos do art. nº 97/98 da Lei nº 1.711 de 28 de novembro de 1952. Regeu a disciplina de janeiro a 08 de setembro e de 09 de dezembro ao fim do ano de 1957. Regeu a cadeira de 1958 até 14 de março de 1962. Obteve licença especial pelo espaço de seis meses a partir de 15 de março a 15 de setembro de 1962. Reassumiu a cadeira em 16 de setembro de 1962, exercendo suas funções até o final do mesmo ano.

Teve como seus Assistentes na 2ª Clínica Cirúrgica os professores e hábeis cirurgiões Antemar de Oliveira Campos, João Martins dos Santos e Augusto Márcio Coimbra Teixeira.

Faleceu em 11 de janeiro de 1978. Fica o desafio para os próximos memorialistas desenvolver este brevíssimo relato biográfico do professor de Clínica Cirúrgica.

RODRIGO BULCÃO D'ARGOLLO FERRÃO**(26/09/1907 – 22/12/1979)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CIRURGIA**

Rodrigo Argollo nasceu a 26 de setembro de 1907, na Vila de São Francisco do Conde, Bahia. Era filho de D. Alice Bulcão D'Argollo Ferrão e do engenheiro geógrafo Victor André D'Argollo Ferrão.

Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1929, compondo a 113ª Turma de formados (TAVARES-NETO, 2008), sustentando tese inaugural "*Da pielotomia posterior no tratamento da litíase renal*", aprovada com distinção e que não consta no levantamento de Meirelles et al. (2004), que se encerra em 1928.

Diretor da FAMEB nos períodos de 1955 a 1972, foi Professor Catedrático de Cirurgia da sobredita Faculdade; 6º Presidente da Associação Bahiana de Medicina (ABM) no período de 1954 a 1955; Vice-Presidente da Associação Brasileira de Escolas Médicas, em 1974; ex-médico interno do Instituto Paulista, em São Paulo, na condição de Assistente de Clínica Cirúrgica do Dr. Antonio Luís do Rego Santos (Serviço particular), de 1932 a 1936; Sócio-fundador da Associação de Medicina da Hinterlândia de São Paulo - Marília; 1º Secretário da sobredita instituição de junho de 1939 a junho de 1941; Vice-Presidente da mesma entidade; cirurgião da Casa de Saúde São Luiz - Marília, de 7 de setembro de 1936 a junho de 1943; Chefe médico do corpo clínico do Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Bancários, em Marília, durante o período de 1937 a 1943.

Em São Paulo, obteve certificado de Curso de Aperfeiçoamento de afecções hepáticas e das vias biliares, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, além de Certificado de curso prático de cirurgia geral do Departamento de Técnica Cirúrgica Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Foi Assistente de Ensino da Faculdade de Medicina da Bahia - 2ª Cadeira de Clínica Cirúrgica - 1944.

Em Salvador, em 1945, sustentou a tese "Tratamento do Coto do apêndice. Contribuição experimental e clínica", perante a Faculdade de Medicina da Bahia, para o concurso de Livre Docência da cadeira de Clínica Cirúrgica. Chefe de clínica da 2ª Cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia - 1945.

Professor Catedrático interino da 2ª Cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia - 1945.

Com a vaga da Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, com a jubilação do Prof. Ignácio de Menezes, o Dr. Rodrigo Argollo submeteu-se, em 1946, a concurso para a Livre Docência da sobredita Cadeira, apresentando prova escrita sobre "Amputações", depois publicada, e sustentou tese intitulada "Tratamento operatorio das hernias inguinais do homem. Mioplastia com o musculo costureiro" (FERRÃO, s/d).

Após a precisa aprovação, requereu e foi indicado pela Congregação para o cargo de Professor Catedrático Interino. Candidatou-se no mesmo ano a Professor Catedrático da Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental.

Em 27 de maio de 1949, concorreram ao concurso dois candidatos: o Dr. Waldeloyr Chagas, cujo nome não conta na relação de formados pela Faculdade de Medicina da Bahia, e o Dr. Rodrigo Argollo, para a Prova de Títulos do concurso. Na sexta-feira, 27 de maio de 1949, realizou-se, pela manhã, a Prova de Operação em cadáver, com o sorteio do ponto "Amputação da Perna", a qual terminou pouco após as 13 horas. No dia seguinte, sábado, às 8 horas, teve início a prova de anatomia, por ambos os candidatos, sendo sorteado o ponto "Disseção fina de uma região do cadáver". As provas de defesa de tese e didática foram realizadas na semana seguinte. O Dr. Rodrigo Argollo foi aprovado e indicado por unanimidade da banca, pelo fato de obter ampla vantagem sobre seu competidor, na realização de provas práticas de "Amputação de Perna e de Anatomia do Mediastino Posterior", sendo nomeado Professor Catedrático mediante decreto de 08 de dezembro de 1949. Entrou em exercício no dia a 16 do mesmo mês e ano.

"*Lição de abertura dos Cursos*" de 1950 foi uma magnífica obra literária de sua autoria.

Foi nomeado, a 26 de abril de 1955, Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, cujo cargo foi exercido até 1958, sendo no mesmo ano reeleito, exercendo o cargo até 1960, quando exonerou-se. Todavia, é reconduzido à Direção da Faculdade em 1968, exercendo o mandato até 1972.

Instalou e presidiu o primeiro Colegiado do Curso de Medicina e chefiou em diversas ocasiões o Departamento de Cirurgia.

Aposentou-se em 17 de junho de 1977, sendo depois designado pelo então Reitor Augusto Mascarenhas para o cargo de Assessor para Assuntos de Ensino do Magnífico Reitor.

Nomeado diretor do Hospital Prof. Edgard Santos, falecendo em pleno exercício de suas funções em 22 de dezembro de 1979, em Salvador.

Leitura recomendada

DANTAS, Renato T. "Rodrigo Bulcão d'Argollo Ferrão". *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. v. 7. , p. 146-150, Salvador, julho 1987.

RAPHAEL DE MENEZES SILVA
(20/01/1901 – 09/06/1982)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE ANATOMIA TOPOGRÁFICA

Nasceu na cidade do Salvador, Bahia, a 20 de janeiro de 1901. Contraiu himeneu* com D. Olga Selling de Menezes Silva, cujo passamento ocorreu nesta capital em 28 de março de 1993. O ilustre casal está inumado no cemitério do Campo Santo da Casa da Santa Misericórdia da Bahia.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1917 e, após sustentar tese inaugural que tem por denominação *Contribuição ao estudo da porção extra-craniana do hypoglosso*, foi aprovado com distinção. Esta tese não consta do levantamento feito por Meirelles et al. (2004).

Colou grau em Medicina pela FMB em 20 de janeiro de 1922, compondo a 105ª Turma, constituída de 32 alunos, dentre os quais Eduardo de Sá Oliveira e Heitor Prager Fróes (TAVARES-NETO, 2008), nomes de destaque na medicina nacional. Heitor Fróes está presente nesta galeria.

Em 1920, acadêmico de Medicina, exerceu as funções de auxiliar da cadeira de Anatomia Descritiva, nomeado mediante portaria de 01 de abril de 1920, empossado no mesmo dia, desempenhando suas atribuições até 13 de novembro, sendo exonerado, a pedido, em 14 do mesmo mês, por ter concluído o curso de Medicina.

O Professor Catedrático Jubilado de Anatomia Humana das faculdades de Medicina e de Odontologia iniciou sua carreira docente em 1925, quando foi nomeado Assistente Interino da 3ª cadeira de Clínica Cirúrgica por meio de portaria da Diretoria de 13 de

junho, empossado no mesmo dia, exercendo suas funções desta data até 14 de julho do mesmo ano.

Foi indicado em 1926, por portaria de 03 de agosto, Preparador Extranumerário da cadeira de Anatomia Humana. No mesmo ano, levou à estampa trabalho original de pesquisa em derredor da *Anatomia dos Músculos Radiais Externos na Raça Negra*.

Em 1927, foi Assistente Interino da cadeira de Anatomia Humana no curso de Odontologia, de 22 de abril a 15 de julho. No mesmo ano, prestou concurso para a cátedra de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Bahia, nomeado Professor Catedrático por Decreto de 12 de setembro, sendo empossado em 04 de outubro, regendo a cadeira desta data até 07 de outubro de 1935, quando tomou assento na Câmara Federal.

Ao lado do Prof. Raphael Menezes, concorreu para catedrático de Anatomia Humana da FMB o professor Evergisto Souto Maior, Docente Livre da cadeira de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No azo do concurso, o Prof. Raphael Menezes apresentou duas teses, uma de livre escolha e outra sorteada seis meses antes pela Congregação.

A tese do Prof. Raphael de Menezes Silva para professor catedrático da cadeira de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Bahia - ponto sorteado pela Congregação - é intitulada *Estudo Anatomico da rede venosa pericephalica e veias emissarias* (SILVA, 1927).

Ao ser aprovado em primeiro lugar com 28 distinções e cinco notas 9, tornou-se, aos 26 anos, o mais jovem professor catedrático concursado da Faculdade.

Em 1936, regeu a cadeira de Anatomia Humana de 01 de janeiro a 05 de maio, com assento na Câmara Federal, desta última data ao fim do ano. Em 1937, regeu a cadeira de 11 de novembro ao fim do ano. Esteve no exercício do mandato de Deputado Federal de 01 de janeiro a 11 de novembro de 1937.

Regeu a cadeira de 1938 a 1941, quando esteve licenciado de 28 de abril a 28 de maio daquele ano, para tratamento de saúde. Regeu a cadeira de 1942 a dezembro de 1945, quando novamente esteve licenciado para tratamento do seu estado valetudinário no período de 22 de setembro a 21 de outubro do dito ano. Em 1946, regeu a cadeira de 01 de janeiro a dezembro, estando licenciado mais uma vez para tratamento de saúde de 09 de abril a 04 de outubro. Regeu a cadeira em 1947 e 1948, quando passou ao padrão "O", consoante a Lei nº 488, de 15 de novembro de 1948 (PROFESSOR RAPHAEL, s/d).

Em 1949 regeu a cadeira durante todo o ano, mas, em 1950, regeu a cadeira no período de 01 de janeiro a 25 de maio, quando obteve licença para tratamento de saúde, de 26 de maio a 11 de novembro, de acordo com o Art. 164, do Decreto Lei nº 1.713, tendo interrompido a mesma em 26 de outubro, reassumindo suas funções na mesma data. De 1951 a 1960, regeu a cadeira ininterruptamente. Em 1961, regeu a cadeira de 01 de janeiro a 26 de março, quando gozou de licença para tratamento de saúde de 27 de março a 24 de junho. Solicitou prorrogação e reassumiu o exercício de suas funções em 18 de agosto. No período de 1962 a 1968 regeu ininterruptamente a cadeira de Anatomia Humana. Em 1969, regeu a cadeira de janeiro a abril. Obteve licença especial pelo período de 6 meses, de 02 de maio a 02 de novembro. Reassumiu o cargo em 03 de novembro.

O Prof. Raphael de Menezes passou a exercer suas funções docentes no Instituto de Ciências da Saúde a partir de 1970 (PROFESSOR RAPHAEL, s/d) pois, com a reforma universitária de 1968, foram criados os institutos para o ensino do ciclo básico nas diversas áreas.

Além da sua clínica particular exercida durante muitos anos, também foi chefe do serviço médico da *Esso do Brasil*. Criava gado no município de Mundo Novo, Bahia.

O Professor Raphael Menezes foi vice-presidente do Congresso Internacional de Anatomia na Argentina. Cumpriu as funções de deputado federal no período de 1925 a 1937, quando se verificou o fechamento do Congresso Nacional. Em razão da sua facúndia** na oração, foi indicado para “salvar” o reitor da Universidade de Coimbra e em outras solenizações oficiais. Por várias vezes, foi distinguido como paraninfo dos doutorandos. Lecionou Anatomia Humana, durante muitos anos, na Faculdade de Odontologia da Bahia. Examinou muitos concursos para catedráticos na Bahia e em outros estados, além de ser presidente de 27 concursos para livre-docentes, durante os seus 43 anos de exercício do cargo professor catedrático de Anatomia Humana.

Foi escolhido Patrono da 157ª Turma da FMB, no ano de 1973, pela última vez, porquanto foi aposentado da cátedra pela aposentadoria compulsória. Na sobredita turma, sobressaíram-se depois, no magistério da medicina, os doutorandos Argemiro D'Oliveira Júnior, Cláudio Soares Dias, Edgar Marcelino de Carvalho Filho, Edilson Bittencourt Martins, Edilson Carvalho Almeida, Henrique Gil da Silva Nunesmaia (na Paraíba), José Alberto Martins da Mata, Maria Conceição Marques do Nascimento, Maria da Glória Lima Cruz Teixeira, Octavio Henrique Coelho Messeder e Vera Lúcia Almeida Formigli.

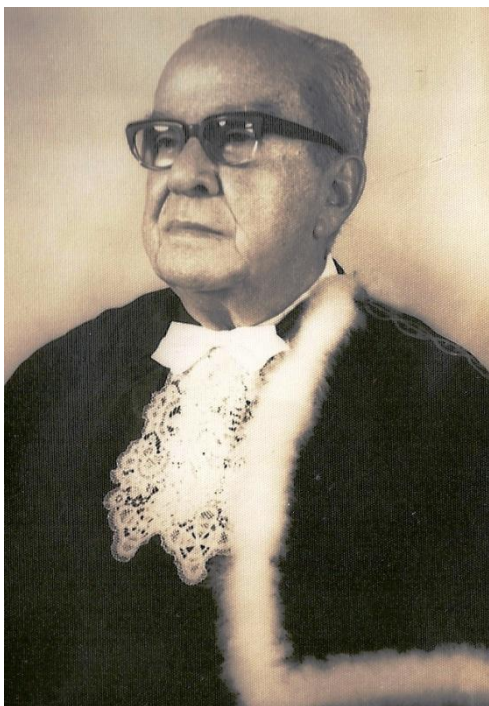
Em 23 de agosto de 1977, o Instituto de Ciências da Saúde fez a indicação e, em 6 de março de 1978, lhe foi outorgado, por unanimidade, o título de Professor Emérito da UFBA (ARAÚJO, 2004).

Faleceu em Salvador, em uma terça-feira, 09 de junho de 1982 e foi sepultado no cemitério do Campo Santo da Casa da Santa Misericórdia da Bahia.

Na sessão da Congregação da FMB, de terça-feira, 06 de julho de 1982, franqueada a palavra pelo Diretor Prof. Newton Guimarães, "... o Professor Geraldo de Sá Milton da Silveira, que propôs um voto de pesar para o Professor Raphael de Menezes Silva, voto que também foi aprovado por unanimidade" (FMB.UFBA. Ata da Congregação, 06/07/1982, p. 03v).

* Deus grego do casamento, filho de Apolo e Afrodite (NARDINI, 1982, p.159)

** Eloquência, facilidade para discursar.



Patrono da Turma de Medicina de 1973 – FAMEB-UFBA

Leituras recomendadas:

SILVA Raphael de Menezes. *Estudo Anatomico da rede venosa pericephalica e veias emissarias*. These de Concurso. Bahia: Livraria e Typographia do Commercio, 1927. 121p. (Exemplar do acervo da biblioteca particular do A. do levantamento dos dados biográficos: ACN Britto).

ESTÁCIO LUIZ VALENTE DE LIMA**(11/06/1897 – 29/05/1984)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE MEDICINA LEGAL**

Nasceu Estácio Luiz Valente de Lima a 11 de junho de 1897, na cidade de Marechal Deodoro, Alagoas. Era o 14º filho de Maria de Jesus Valente de Lima e de Luiz Monteiro de Amorim Lima (BRITTO, 2002). Fez o curso médico em Recife, mas, aos 14 anos, passou em primeiro lugar no concurso para os Correios e Telégrafos como telegrafista (PACHECO, 2007). No dia 3 de fevereiro de 1916, chegava no vapor “Bahia” a Salvador para estudar na FAMEB (BRITTO, 2002), tendo sido aprovado em primeiro lugar. Formou-se em 1921 (105ª turma), defendendo a tese “Introdução ao Estudo da Agonia”, aprovada com distinção e baseada nas cuidadosas observações feitas em pacientes internados no Hospital do Isolamento, onde era acadêmico remunerado, escolhido pelo diretor, Prof. Augusto Couto Maia, pelo seu desempenho escolar. Esta tese não está registrada no levantamento das teses inaugurais da FAMEB, feita por Meirelles e cols. (2004). O historiado médico Antônio Carlos Britto cita que a “notável obra” calou fundo em seu espírito e entre os trechos citados destaque o sobre a agonia: “Tão triste quanto a morte, tão remota quanto a vida, é a história da agonia. Triste, porque o agonizante vai morrer e remota porque a vida e a morte se confundem na história, como são inseparáveis na biologia” (Estácio de Lima *apud* BRITO, 2002, p.341).

Depois de formado, voltou a Alagoas onde exerceu a clínica médica por dois anos, obtendo recursos para realizar seu sonho de viajar para estudar nos grandes centros

européus, sobretudo Alemanha e França. Nas terras germânicas, estudou no Serviço de Tanatologia Forense, dirigido pelo Prof. Max Koch. Estudou também em Estrasburgo e no Instituto Médico Legal de Paris (PACHECO, 2007).

Aos 26 anos, dois anos depois de formado, retornou à Bahia e disputou o concurso para a Cátedra de Medicina Legal e Deontologia da FAMEB, enfrentando um professor interino da disciplina (Armando de Campos), de 45 anos, ex-deputado federal e diretor do jornal A Tarde. Foi uma vitória difícil e memorável (ver em Pacheco, 2007). Sua tese de concurso foi “Indagação da Ascendência”, uma abordagem pioneira na medicina legal brasileira.

Catedrático, talvez o mais jovem da FAMEB, em 1929 construiu o Laboratório de Criminalística “Afrânio Peixoto”, numa homenagem ao mestre baiano atuando na capital federal. Em 1932, retorna ao tema e publica “A perícia da paternidade”. Em 1934, publicou a monografia “Inversão sexual feminina”. Naquele mesmo ano, defende e convence seus pares a garantir uma vaga para o representante estudantil na Congregação. Escreveu “A Inversão dos sexos”, em 1936, antecipando-se ao relatório Kinsey. A convite de Afrânio Peixoto, que escreveu o prefácio, foi lançado no Rio de Janeiro (PACHECO, 2007).

No final de 1935, o Prof. Estácio de Lima, então catedrático de Medicina Legal e diretor do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, juntamente com o professor José Carlos Ferreira Gomes, da Escola de Farmácia da FAMEB, encontravam-se casualmente no Rio de Janeiro e foram presos. A prisão se baseava na vigência da “Lei de Segurança Nacional”, adotada sob o impacto do manifesto de Luís Carlos Prestes, de 5 de julho daquele ano, que resultou em três levantes militares (Natal, 23.11; Recife, 24.11; e Rio de Janeiro, 27.11). O bizarro foi o fundamento da prisão: as 27 armas apreendidas no Instituto Nina Rodrigues, em Salvador, tanto as que tinham sido usadas no genocídio de Canudos quanto as da Polícia Militar da Bahia, utilizadas no combate ao bando de Lampião. Ambos só foram libertados pela interferência do Governador da Bahia Juracy Magalhães (TAVARES LH, 2001, p. 406-407). Seguimos a tese de que ser preso no século XX por motivos políticos é razão para entrar no currículo, bem como ser preso por escolhas éticas, no século XXI.

Em 1942, ao proferir a aula inaugural da FAMEB, advertiu aos alunos: “A cultura intelectual verdadeira não confere sossego ao espírito” (...) “O médico, pelas razões de sua profissão há de viver entre fadigas e ingratidões, soluços e desespero”(…) “Atentai bem que a Medicina, a Odontologia e a Farmácia não foram, nem serão jamais pura

Ciência.(...) “A parte artística de cada uma é inestimável e preciosa. (...) Valores científicos iguais, (...) , nem sempre alcançam idênticos triunfos. É que, por sem dúvida, o fator individual, as habilidades naturais, o saber fazer, o dizer bem, são atributos ponderáveis, passíveis, indubitavelmente, de melhorias, porém, que não se alcançam às custas do estudo e da meditação somente” (LIMA, 1992, p.79-81)

Em 1953, obteve a cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Direito da UFBA, com a tese de concurso sobre “O Infanticídio no Brasil - aspecto médico legal”. Estácio foi também Professor Catedrático da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, bem como Professor de Odontologia Legal da Faculdade de Odontologia da Bahia.

Entre suas publicações destacam-se também: “Exercício Legal e Ilegal da medicina”, “Couto Maia, sonho e realizações”, “O mundo estranho dos Cangaceiros” (1965), “O Mundo místico dos Negros” e “Velho e Novo Nina”, lançado na inauguração do novo Instituto Médico Legal Nina Rodrigues .

Eis um testemunho de uma de suas alunas que registrou num livro de memória: “O professor Estácio de Lima era um dos professores mais queridos e admirados pelos estudantes de Medicina. Não só pela sua capacidade médica, ou sua cultura humanística, ou ainda pela inteligência fulgurante, mas também, e sobretudo, pelo trato afável, sempre sorridente e pronto para ouvir os estudantes” (VALENTE, 2008, p.72).

Faleceu aos 87 anos, em 29 de maio de 1984, em Salvador. O Instituto Médico Legal de Alagoas tem seu nome. O Museu do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina de São Paulo também. A escola de ensino fundamental para filhos de egressos da Penitenciária em Salvador chama-se Escola Estácio de Lima.

Leituras recomendadas

LIMA, Estácio de. Abertura dos cursos da Faculdade [Aula Inaugural da Faculdade de Medicina da Bahia de 1942]. In: OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p. 79-87, 1992.

PACHECO, Maria Thereza de Medeiros. A Medicina Legal na Bahia. Início e evolução do ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, 139-157, Jul.-Dez. 2007.

JOSÉ ADEODATO DE SOUZA FILHO
(25/02/1907 – 07/08/1984)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE OBSTETRÍCIA

Nasceu José Adeodato de Souza Filho em 25 de fevereiro de 1907, sendo o quinto de sete filhos de Olívia Bacelar Adeodato de Souza e José Adeodato de Souza (1873-1930). O pai, Professor José Adeodato de Souza (1873-1930), foi Professor Catedrático de Clínica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Medicina da Bahia, mas com a reforma Rivadávia de 1911, houve desdobramento da cadeira, ficando seu pai com a cátedra de Ginecologia até 1925, sendo considerado o iniciador da Ginecologia como especialidade na Bahia (OLIVEIRA, 1992).

O acadêmico José Adeodato Filho se formou em 1929, 113ª turma, tendo sido colega de Benjamim Salles, Lafayette Coutinho de Albuquerque e Rodrigo Argollo (TAVARES-NETO, 2008), presentes nesta galeria.

Casou-se em primeiras núpcias, em 1/12/1936, com Dionéa Carneiro Adeodato de Souza, que faleceu a 27/01/1980, tendo dois filhos: José Adeodato de Souza Neto e Guaraci Adeodato Alves de Souza. Em segundas núpcias, casou-se em 1981 com Celina Cerqueira Gomes (SOUZA, 2013).

Em 1945, participou do concurso para a cátedra de Ginecologia, juntamente com Antônio Maltez e Alício Peltier de Quieroz, sendo aprovado este último. Sua tese para esse concurso de Ginecologia foi sobre Tricomoníases. Há um estudo de 1938 sobre o tema que ainda é referido em revistas especializadas internacionais (ADEODATO FILHO & DOURADO, 1938).

Foi o fundador da Maternidade Pró-Mater da Bahia em meados dos anos 40, extinta nos anos 60, instituição que mantinha um serviço de Serviço de Parto a Domicílio

(TEIXEIRA, 1999), que atendia as mulheres em situação de exclusão social. Essa Maternidade cresceu e diversificou os seus serviços e chegou a ocupar um “grande” prédio, para a época, localizado na Avenida Joana Angélica, defronte do Colégio da Bahia (Central).

Esse Serviço de Parto a Domicílio (TEIXEIRA, 1999) teve impacto na Salvador da época, pois influiu muito para a redução da mortalidade materna infantil. Para o Prof. Rodolfo Teixeira (1999), uma iniciativa feliz, pois foi “uma idéia nos moldes em que ela foi posta em prática, original e apropriada, na época, às condições conhecidas das comunidades pobres” (p.216).

Esse *Sistema de Parto em Domicílio*, articulado com a maternidade *Pró-Mater da Bahia*, foi uma proposta de assistência médica com visão sistêmica inovadora, “que rompia com as práticas de atenção meramente curativa pulverizada, buscando combinar a assistência preventiva e curativa à saúde da gestante, em diversos momentos do processo de procriação – o período pré-natal (com preparação, entre outras coisas, para o parto sem dor), o parto, o puerpério –, complementado pela assistência à criança na fase neo-natal” (SOUZA, 2013, p.1). A maior parte dessas ações se dava na Maternidade, mas havia também a assistência obstétrica a domicílio, realizada por médicos, estudantes de medicina e parteiras devidamente capacitados, com o apoio inicial de “jeeps” e depois de ambulâncias equipadas, e consistia no atendimento aos partos normais no próprio domicílio da parturiente. Quando os casos requeriam procedimentos mais complexos, a ambulância transferia a paciente para a Maternidade (*Ibidem*).

Para a cátedra de Obstetrícia, escreveu sobre os princípios e desdobramentos práticos do sistema descrito acima na tese intitulada “O Parto em Domicílio”. Venceu com brilhantismo o concorrido concurso. José Adeodato Filho assumiu a cátedra em 1951. O Prof Adeodato Filho enfrentou dificuldades administrativas, pois foi negado a ele o direito estatutário que fazia do Professor Catedrático de Obstetrícia diretor da maternidade-escola, a Maternidade Climério de Oliveira. Ao superar esse impasse e ter seu direito restituído, ele organizou administrativamente a maternidade-escola e estimulou a pesquisa científica que, naquele momento era “praticamente inexistente em sua especialidade na Bahia” (TEIXEIRA, 1999, p.217).

O Prof. José Adeodato Filho criou, juntamente com o Prof. Elsimar Coutinho, da turma de 1957 da FAMEB e depois Professor Titular de Reprodução Humana, o Programa de Pesquisa em Reprodução Humana na UFBA. Estes assuntos eram

praticamente desconhecidos na Bahia até que, na década de 50, o Prof. Jorge Novis, da cátedra de Fisiologia, trouxe para Salvador o pesquisador húngaro Arpad Csapo [*Árpád Csapó*], com cidadania estadunidense e membro do Instituto Rockefeller para Pesquisa Médica de Nova Iorque, nome de prestígio internacional. Adeodato Filho atraiu para a Maternidade Climério de Oliveira, onde era diretor, o Dr. Csapo, defensor da teoria que apontava a progesterona como hormônio responsável pela imobilização do útero na gravidez. Seu propósito era criar um Instituto especializado em reprodução humana, mas que fosse institucionalizado pela, então, Universidade da Bahia, atual UFBA. Entretanto, desse modo como o mestre idealizou, nunca se viabilizou. O professor Elsimar Coutinho afirma que o sonho se concretizou, anos depois, quando fundou o CEPARH – Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana (COUTINHO, 2007). No entanto, Prof.^a Guaraci Adeodato afirma, em depoimento pessoal a este memorialista que: “O CEPARH é instituição privada, financiada por grandes empresários e instituições internacionais de Planejamento Familiar, para ser uma clínica modelo de Planejamento Familiar. É uma reorientação de Elsimar da pesquisa para outra ação social e política nesse campo. Meu pai não atuou aí, nem nesse campo de ação social médica”.

Sobre seu mestre, temos o depoimento do Prof. Elsimar Coutinho: “Conheci José Adeodato Filho no subsolo da antiga Faculdade de Medicina [sic] onde estava alojado o Biotério que servia às cadeiras básicas, notadamente de Fisiologia e Farmacologia. Recém chegado dos Estados Unidos, cheio de planos, e já definitivamente decidido à pesquisa médica, recebi naquele encontro com Adeodato a revelação de um professor de clínica que, sem ter sido pesquisador, via na pesquisa o grande instrumento de progresso da Medicina” (COUTINHO, 1985)

Inspirado no mestre José Silveira, Prof. Adeodato Filho lutou para que o deixassem realizar a obra de seus sonhos, isto é, transformar a Maternidade Climério de Oliveira em um centro de estudos. Deixou a sua vasta clínica particular, que atendia com muita competência, dedicação e ética, depois foi operado de catarata e sentiu limitações de visão que podiam lhe expor a eventuais erros médicos. E, de modo responsável, optou pela Dedicção Exclusiva na Universidade, dedicando-se de corpo e alma à Maternidade (MCO). Vale ressaltar que chegou a transformá-la, por um longo tempo, numa excelente maternidade-escola, que prestava serviços valiosos e humanizados a mães pobres.

Prof. Elsimar Coutinho, seu colaborador durante meio século na Maternidade, afirma que Adeodato Filho “foi um homem de visão que honrou a profissão de médico e de professor. Poucos fizeram tanto pela pesquisa médica em nossa terra.” (COUTINHO, 1985).

O Prof. José Maria de Magalhães Netto, também presente nesta galeria, que foi membro da equipe do prof Adeodato Filho na Maternidade Climério de Oliveira diz: “O professor José Adeodato de Souza Filho, inteligência pragmática, espírito esclarecedor, profundo conhecedor dos meandros da Toco-ginecologia, autor de muitas dezenas de excelentes trabalhos de Ginecologia e Obstetrícia, inclusive quatro teses e dois livros, incentivador desprendido e incansável da pesquisa em torno da reprodução humana na Bahia, há me incentivado e prestado grande e decisivo apoio na consumação do meu ideal – a conquista do cargo de professor titular de Obstetrícia de nossa sempre gloriosa Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia” (*apud* LEITE, 2011).

Foi autor de quase uma centena de trabalhos científicos em Ginecologia e Obstetrícia (ver alguns abaixo). Foi premiado e homenageado pelo desenvolvimento de uma vacina para tricomonas, que tinha o mérito de ser a primeira desenvolvida para protozoários. Essa pesquisa foi desenvolvida no Laboratório da Pró-Mater da Bahia e serviu de base para a elaboração de um artigo que teve grande repercussão, inclusive no exterior. Entre seus trabalhos mais importantes, encontram-se também “*Placenta Prévia*”, elaborado em co-autoria com Rui Souza, onde demonstra a técnica inovadora que criou para realizar o diagnóstico de placenta prévia, com uso de um tipo especial de raio X que não afetava o feto, diagnóstico até então desconhecido. Em outros trabalhos tratou de problemas referidos ao “*Encaixamento de Cabeça*”, à “*Eclâmpsia*” e outras complicações mais comuns do parto, visando a superação das mesmas. Em co-autoria com José Maria de Magalhães Netto escreveu “*Distócia do trajeto e desproporção céfalo-pélvica*”, um capítulo do Tratado de Obstetrícia organizado por Jorge Rezende, cuja 1ª edição veio à luz no início dos anos 60, pela Livraria Guanabara, da qual participaram vários grandes obstetras brasileiros. Esse capítulo continuou aparecendo em várias edições desse tratado (ao menos até a 3ª) e serviu de referência a algumas gerações de especialistas (SOUZA, 2013).

Orientou seus numerosos alunos e publicou mais de uma centena de trabalhos. Dois deles estão citados abaixo e ainda são referências em revistas especializadas. Destacamos também o livro sobre a história da Obstetrícia na Bahia (ADEODATO FILHO, 1967), no qual faz a periodização da especialidade médica em nosso estado. O

período de 1898 a 1915 foi considerado embrionário, pois os alunos da FAMEB eram, na realidade, praticantes da medicina “onde não houvesse médico” (formado no exterior). O primeiro período foi de 1815, quando foi criado o curso completo de cirurgia, incluindo a disciplina “Arte Obstétrica”, ministrada no 5º ano, embora só em 1818 as aulas começaram a ser dadas pelo prof. José Álvares do Amaral, até 1875, quando foi organizada a enfermaria de partos no Hospital Santa Izabel. O segundo vai de 1875 até 1910, quando foi criada a Maternidade Climério de Oliveira. O terceiro, segundo Adodato, vai de 1910 até a data de seu livro, 1967. Fica a sugestão para os obstetras fazerem uma periodização até os dias atuais.

Já na maturidade, pelo conjunto da sua obra, ganhou o Prêmio Madame Durocher da Academia Nacional de Medicina (SOUZA, 2013).

Ele faleceu em 7 de agosto de 1984. Entre as inúmeras formas de seu encantamento, está o seu legado deixado para seus inúmeros discípulos e a obra científica da Prof.^a Guaraci Adeodato Alves de Souza, sua filha, pesquisadora na área de Demografia, com ênfase em Fecundidade e Família.

Está também numa escola pública, o Centro Municipal de Educação Infantil José Adeodato de Souza Filho, na Rua dos Pirineus, em Salvador.

OBRAS

1. Histeropexia ligamentar pelo processo de Gilliam-Adeodato. Tese de doutoramento. Bahia, 1929. Aprovada com distinção.
2. Paralisia dos músculos da espádua como acidente post-operatório. Bahia Médica, fev., 1932.
3. Um caso de gravidez combinada (intra e extra-uterina) Rev. de Gin. e d'Obstr., 1932.
4. Obstetrícia e Eugenia. Conferência proferida na Sociedade Acadêmica "Alfredo Britto", em 16/9/1933. Brasil Médico, 44/4/1933.
5. Em defesa do abscesso de fixação (Anotações ao trabalho do Dr. Almeida Gouveia) - Rev. Médica da Bahia, agosto de 1933.
6. Das vantagens da extirpação das trompas em toda histerectomia. (Comentários em torno de uma operada). Comunicação feita à Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia, em 14/7/1931 - Bahia Médica, maio de 1933.
7. Tratamento das anexites, Bahia Médica, agosto de 1933.
8. Em torno da limitação da prole. Bahia Médica, nov., 1933.
9. Os direitos da mulher grávida. Conferência proferida na Sociedade dos Docentes Livres da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Publicações Médicas, outubro e novembro de 1935.
10. Ovulação. Fecundação. Menstruação (Conceito atual do ponto de vista biológico). Bahia Médica, fev., 1934.
11. A gravidez prolongada. Bahia Médica, maio de 1934.
12. Um caso de útero unicórnio. Comunicação feita à Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia, em 19/8/1934. Rev. de Gin. e d'Obstr., out., 1934.

13. Procriação consciente. (Conferência proferida no Sindicato Médico da Bahia) *Pediatria e Puericultura*, dez. 1934.
14. A propósito de um caso de tuberculose peritoneal. *Revista Médica da Bahia*, dez. 1935.
15. Manifestações atípicas da castração cirúrgica. Comunicação feita à Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia. *Bahia Médica*, dez., 1935.
16. Assistência Social às ovariectomizadas. Trabalho apresentado à I Conferência Interamericana de Higiene Mental. *Arquivo Brasileiro de Medicina*, jan., 1936.
17. Gravidez prolongada ou gravidez retardada? (comunicação apresentada ao I Congresso Regional de Medicina da Bahia, 1935) - *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, junho, 1936.
18. O Prolan nas anexites crônicas. Comunicação feita à Sociedade de Medicina da Bahia. *Rev. Terapêutica*, 7/8/, 1937.
19. A propósito de um caso de hiperinvolução puerperal. *Publicações Médicas*. Jan. 1937.
20. Um novo método de Pelvimetria. (Pelvimetria a céu aberto). *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, maio, 1937.
21. Contribuição clínica e terapêutica da tricomonose genital feminina. *Brasil Médico*, mar. 1937.
22. Contribuição à terapêutica da tricomonose genital feminina (Vacino-terapia autógena na tricomonose). *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, junho, 1938.
23. Les valeur réelles en pelvimetrie. "*Annales Médico-Cirurgicales*". Fev. 1938.
24. Fratura do osso ilíaco com luxação central do fêmur (Comunicação feita à Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia), *Bahia Médica*, junho, 1938.
25. Obstetrícia Social, especialmente na Bahia. Conferência proferida em reunião extraordinária da Secção de Ginecologia e Obstetrícia da Associação Paulista de Medicina, em 20/9/1938). - *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, dez., 1938.
26. Histeropexia pelo processo de Adeodato e seus resultados remotos. *La Semana Médica*, nº 32, 1938 (Buenos Aires).
27. Fibromioma do ovário direito e cisto coloide do ovário esquerdo. *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, julho, 1939.
28. Noções de endocrinologia sexual feminina. *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, set., 1939.
29. Aspectos da Medicina Paulista (Conferência proferida na Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia), *Bahia Médica* Jan/fev., 1939.
30. A biologia feminina e o trabalho organizado. *Publicações Médicas*. Jan/jul e agosto de 1939.
31. Câncer primitivo da glândula de Bartholin. (A propósito de um caso). Trabalho apresentado ao I Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, Rio, set., 1940. *Bahia Médica*, maio de 1941.
32. Assistência social-obstétrica na Bahia. Trabalho apresentado ao I Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, em colaboração com o Dr. Domingos Machado. *Revista Médica da Bahia*, maio de 1941.
33. Desproporção céfalo-pélvica e gravidez prolongada (cesária iterativa) - *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, julho 1940.
34. Obstetrícia social. Objetivos e diretrizes. *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, março, 1940.
35. Tratamento luteínico do aborto habitual. *Rev. de Gin. e d'Obstr.* fev., 1940.
36. Fibroma e gravidez. *Rev. de Gin. e d'Obstr.* jan., 1941.
37. Quisto interligamentar e parturição normal. *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, junho, 1941.
38. Foliculina e metabolismo (Hiperfoliculinemia e taxa de uréia sanguínea elevada) *Rev. de Gin. e d'Obstr.*, março, 1941.

39. Nova técnica de esterilização tubária (Secção, sepultamento e cruzamento dos cotos) Rev. de Gin. e Obstr., 1941 (Comunicação feita à Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia).
40. Cirurgia sincronizada sem instrumentadora. Rev. de Gin. e d'Obstr., agosto, 1941.
41. Distócia da terça (Tentativa de esquematização didática) Rev. de Gin. e d'Obstr., janeiro de 1942.
42. Ausência unilateral dos anexos. Rev. de Gin. e d'Obstr., set., 1941.
43. Anticoncepção e anomalia fetal. Rev. de Gin. e d'Obstr., jan., 1943.
44. Da orientação conservadora no tratamento do aborto. Rev. de Gin. e d'Obstr., 1943.
45. Da orientação conservadora no tratamento das anexites. Tese de concurso à Docência Livre de Clínica Ginecológica, na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Bahia, 1943.
46. Erros na interpretação das imagens na histerossalpingografia (Conferência proferida na sessão extraordinária da Seção de Ginecologia e Obstetrícia da Associação Paulista de Medicina, 1946) Rev. de Gin. e d'Obstr., jan. 1947.
47. "Colposcopia ou traqueloscopia?" Obstetricia y Ginecologia Latino-Americanas. Julho, 1946.
48. Assistência Obstétrica domiciliar (Publicação do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária da Secretaria de Educação e Saúde do Estado), 1947.
49. Tricomonose Genital Feminina. Tese de concurso para Professor Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Bahia, 1943.
50. Vacinoterapia autógena na tricomonose genital feminina. Obstetricia y Ginecologia Latino-Americanas. Jan/fev., 1947.
51. Serviço Obstétrico Domiciliar (Nossa experiência em 1 ano). Trabalho apresentado ao II Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia. S. Paulo, 1948) Rev. de Ginecologia e d'Obst., Jan., 1949.
52. Aplasia do colo e gravidez. Obstetricia y Ginecologia Latino-Americanas.
53. Ambulatório de Higiene Pré-natal (Trabalho apresentado ao Congresso Brasileiro dos Problemas Médico-Sociais de Após Guerra), Bahia, 1945.
54. Conceito atual do aborto terapêutico. Relatório oficial apresentado às IV Jornadas Brasileiras de Ginecologia e Obstetrícia. Bahia, 1946.
55. Parto em domicilio. Tese de concurso para Professor Catedrático de Clínica Obstétrica na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1951.
56. Gravidez peritoneal primitiva. An. Bras. Gin., 1954, 37:9.
57. Aspectos clínicos da cabeça alta (Distócia de encaixamento) Arquivos da Universidade da Bahia, vol. IX, 1953.
58. Indicações da via vaginal no parto operatório (Relatório oficial apresentado às VI Jornadas Brasileiras de Ginecologia e Obstetrícia). Rev. de Gin. e d'Obst., 1953, 2: (sic).
59. Cadastro pelvigráfico pela Roentgenfotografia (Aplicação da Roentgenfotografia à Clínica Obstétrica). Arquivos da Universidade da Bahia, 1953, 9:103.
60. Etiopatogenia e tratamento do abortamento. Rev. de Clin. de Gin e d'Obst., 1957, 100: 103.
61. Symptomatologie de la vaginite a trichomonas. In Infestations a Trichomonas Masson et Cie., Editeurs, Paris, 1958.
62. Frigidez sexual da mulher. Rev. de Vin. e d'Obst., 1957, 100: 735.
63. O período expulsivo das múltiparas. An. Bras. Gin., 1958, 45: 83.
64. Organização das maternidades universitárias. Rev. de Gin. e d'Obst., 1958, 102:343.
65. Conceito atual do forceps. Rev. de Gin. e d'Obst, 1954.
66. Diagnóstico e tratamento da placenta prévia. Rev. de Gin. e d'Obst. out., 1954.
67. Conceito atual do forceps. Rev. de Gin. e d'Obst., 1960, 106:99.

68. Condução do parto (Relatório oficial às XII Jornadas Brasileiras de Ginecologia e Obstetrícia, Natal, RN, 1962) Rev. de Gin. e d'Obst., 1963. Rev. de Gin. e d'Obst., 1963.
69. Assistência ao período expulsivo. (Relatório oficial apresentada às XI Jornadas Brasileiras de Ginecologia e Obstetrícia). Belém, Pará, 1961). Rev. de Gin. e d'Obst. 1962, 110:117.
70. Aspectos profiláticos da Clínica Obstétrica. Rev. de Gin. e d'Obst., 1962, 110:217.
71. Pesquisa científica nas maternidades universitárias (Trabalho apresentado ao VII Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia. Porto Alegre, 1963).
72. Mecanismo do parto. In "Jorge de Rezende - Obstetrícia. Livraria Editora Guanabara Koogan S.A., 1962".
73. Distócia do canal. In "Jorge de Rezende - Obstetrícia. Livraria Editora Guanabara Koogan S.A., 1962".
74. Desproporção céfalo-pélvica. In "Jorge de Rezende - Obstetrícia. Livraria Guanabara Koogan S. A., 1962".

Leitura recomendada

ADEODATO FILHO, José. *O ensino da clínica obstétrica na Universidade da Bahia*.
Salvador: Departamento Cultural da Reitoria / Universidade Federal da Bahia.
(Composto e impresso na Fundação Gonçalo Moniz-Fiocruz), 1967.

LUIZ FERNANDO SEIXAS DE MACÊDO COSTA
(20/11/1925 – 31/10/1984)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE FISIOLOGIA

Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa nasceu em Aracaju (SE), em 20 de novembro de 1925. Filho de Edith Seixas de Macêdo Costa e Mário de Macêdo Costa (TOUTAIN, 2011), médico com especialidade em ginecologia e obstetrícia e professor de Química da Faculdade de Medicina da Bahia: “precioso exemplar humano, médico e professor da melhor cepa, homem de inteligência e respeitáveis méritos”, de quem Luiz Fernando “seguiu a profissão e o modelo” (SÁ MENEZES, 1993).

Tinha apenas dois anos quando seus pais vieram para Salvador, onde fixariam residência definitiva. Ao longo de sua formação acadêmica, do antigo curso primário à Universidade, sempre se destacou.

Em 1944, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia. Como estudante de medicina, demonstrou rara inteligência, espírito de liderança e extraordinária aplicação, ocupando, inclusive, a presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade e a secretaria da União dos Estudantes da Bahia (RUBIM DE PINHO, 1987; LEITE, 2011). Graduou-se pela FAMEB da Universidade da Bahia em 1949, 133ª turma, tendo recebido o Prêmio Manuel Viçtorino, conferido ao aluno que obtém a melhor média ao longo de toda a graduação. Foi colega de Fernando Didier, Geraldo Milton e Roberto Santos (TAVARES-NETO, 2008), os dois primeiros presentes nesta galeria.

Casado com Maria Helena Carvalho de Macêdo Costa, Prof. Macêdo Costa teve quatro filhos: Alfredo, Angelina, Rosana e Luiz Fernando. Tinha apenas uma irmã, Leonor, casada com o jornalista e professor Jorge Calmon (TOUTAIN, 2011).

Depois de formado fez vários cursos, sobretudo na matéria que se dedicou na docência: em 1950, fez o curso de Fisiologia ministrado pelo Prof. Virgílio Foglia,

catedrático de Fisiologia da Universidade de Buenos Aires, na Argentina; em 1955, o curso sobre Condução Nervosa, ministrado pelo Prof. Carlos Chagas Filho, na Universidade do Brasil; em 1958, o sobre Fisiologia Muscular e Uterina na cátedra de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA). Em 1959, esteve no Laboratório do Dr. George W. Corner, no *Rockefeller Institute*, em Nova York, sob a orientação do Prof. Arpad Csapo, estudando a Fisiologia da Reprodução. De abril a junho de 1970, sob a orientação do Prof. Arpad Csapo, com a colaboração do Prof. Jacques Sauvage, na *Washington University*, em Saint Louis (Missouri, EUA), voltaria ao tema da Fisiologia da Reprodução, área em que faria especialização, de outubro a dezembro de 1970, com a temática “*Fisiologia da Reprodução – ciclo miometrial e prostaglandinas*”, sob a orientação do Prof. Csapo (LIMA, 2004; TOUTAIN, 2011).

Em 1955, obteve o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas na FAMEB-UFBA, ao defender tese “*Tentativa de adaptação do Teste de Thorn ao rato (ensaio crítico)*”, que foi aprovada com nota máxima e, no ano seguinte, preparando-se para a vida acadêmica, fez o concurso de Livre Docente de Fisiologia, com a tese “*Estudo sobre a motricidade dos corações linfáticos*”. Em 1958, voltou a fazer concurso para Livre Docente, dessa vez, em Terapêutica Clínica, também na Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), com a tese *Problemas terapêuticos da bartonelose* (Ibidem).

Na carreira docente, foi professor adjunto de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFBA, em 1951, sendo Professor Catedrático de Fisiologia em 1968. Foi também Assistente de Fisiologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, em 1954 e, a partir de 1958, Professor Catedrático de Terapêutica Clínica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Em 1971, tornou-se Professor Titular, por concurso, de Fisiologia, do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) (LIMA, 2004), com a tese *Influência do volume uterino sobre o ciclo miometrial* (DANTAS, 2004).

Nesses concursos que Macêdo Costa realizou - doutorado, livre-docência e cátedra -, ele sempre apresentou teses originais que “soube defendê-las com brilho invulgar, agilidade mental, palavra límpida e escorreita, argúcia didática e metodologia científica” (SÁ MENEZES, 1993).

Foi paraninfo dos médicos de 1971 da FAMEB-UFBA e da turma de médicos de 1977 da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).

Foi representante (eleito e reeleito) dos Docentes Livres da Faculdade de Medicina da UFBA na Congregação da Unidade (1959 e 1961); representante (eleito e reeleito) dos Docentes Livres da Faculdade de Medicina da UFBA no Conselho

Departamental da Unidade (1960 e 1962); representante (eleito) dos Docentes Livres da Universidade Federal da Bahia no Conselho Universitário (1968); representante (eleito) do Instituto de Ciências da Saúde no Conselho de Coordenação, atual Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFBA (1969); representante (eleito) do Conselho de Coordenação; representante (eleito) dos professores adjuntos na Congregação do ICS (Instituto de Ciências da Saúde – 1969); membro do Conselho Técnico e Administrativo da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (1958-60); presidente da Comissão do Currículo Nuclear da Câmara de Ensino de Graduação (1969-70); eleito e reeleito chefe do Departamento de Fisiologia do ICS (1973 e 1975); eleito e reeleito chefe do Departamento de Ciências da Biorregulação do ICS (1976 e 1978).

Sua atuação foi essencialmente docente, dando aulas regularmente nos cursos de Medicina da UFBA, desde 1950 e na Escola Bahiana de Medicina (EBMSP), desde 1957. Participou de vários órgãos colegiados, de cargos de chefia de departamento, até se tornar o sétimo Reitor da UFBA, de 1979 a 1983 (TAVARES-NETO, 2008).

Como Reitor, entre as suas principais realizações destacam-se: 1) a criação da FAPEX (Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão), órgão que se tornou muito útil na agilização dos procedimentos burocráticos e administrativos da UFBA; 2) Centro de Processamento de Dados (CPD), suporte cada vez mais fundamental para muitas das ações na UFBA e, sobretudo no seu início, à coletivada baiana, dando suporte ao Governo Estadual, Prefeitura de Salvador, através de múltiplos convênios; 3) o Pavilhão de Aulas da Federação, que permitiu abrigar mais de dois mil estudantes simultaneamente; 4) Restaurante Universitário, coerente com uma política de assistência estudantil; 5) o Instituto de Matemática, reunindo a maioria das disciplinas básicas da Área I; 6) O “Projeto Produtivo” de Cruz das Almas, tornando produtiva uma gleba de 1600 hectares da Escola de Agronomia, entre outras (LIMA, 2004).

Como para este memorialista o divino está *no detalhe* (e o diabólico, *no pormenor*), não nos passou despercebido o testemunho da prof^a Almira Vinhaes Dantas: “Quando Reitor, apesar dos seus pesados encargos, a convivência com o Dr. Macêdo continuou, pois ele ia ao Instituto [de Ciências da Saúde-ICS] ministrar, pelo menos, uma aula teórica por semana, e saber como estava sendo administrada academicamente a cadeira de Fisiologia” (DANTAS, 2004).

Entre suas atividades de representação fora da vida acadêmica, foi membro efetivo do Conselho Nacional de Saúde, indicado pelo ministro da Saúde (1979); presidente da

Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Fapex – 1981-83) e membro do Grande Júri do Concurso Nacional Moinho Santista (1980-83) 1983 (TOUTAIN, 2011).

Em suas atividades profissionais fora da academia, registre-se a de médico clínico do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes (IAPC), através de concurso em que foi classificado em 1º lugar e a de Diretor Médico do Sanatório Espanhol. Foi condecorado pelo governo da Espanha com a *Ordem de Isabel, a Católica*, pelos serviços médicos prestados ao Sanatório Espanhol, em 1966.

Em suas atividades de representação e atuação nas entidades médicas e científicas, destacam-se: a de representante do Brasil no IX Seminário sobre Educação Superior nas Américas, nas Universidades da Costa Rica, Novo México e Kansas (1969); sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); membro do Colégio de Cirurgiões – seção especializada de Fisiologia; “Professor Honorário” da Universidade Federal do Maranhão; condecorado pelo governo da Bahia com a Ordem do Mérito da Bahia (1980); condecorado pelo governo francês como *Chevalier de la Légion d’Honneur* (1983); condecorado com a “Medalha do Rio Branco – Chancelaria da Ordem do Rio Branco”, no Grau de Grande Oficial – pelo Ministério das Relações Exteriores, em Brasília (1982); presidente da Comissão de Intercâmbio Cultural em visita aos países africanos: Nigéria, Togo, Costa do Marfim e Senegal (1982); Membro de Honra do Conselho da Organização Universitária Interamericana (1983). Sergipano de nascimento, Luiz Fernando Macêdo Costa recebeu o título de “Cidadão de Salvador”, conferido pela Câmara Municipal de Salvador (1982) e, no ano seguinte, o de “Cidadão Baiano” conferido pela Assembleia Legislativa do Estado (LIMA, 2004).

Destacamos, entre os prêmios recebidos, o “Prêmio Arnaldo Matos” de 1978 do CREMEB – Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia, destinado ao melhor trabalho a cerca de assuntos éticos, com uma excelente monografia sobre Ética Médica e Tecnologia (MAGALHAES NETTO, 1985).

Foi o 8º Presidente eleito da Academia de Medicina da Bahia (1979) e membro da Academia de Letras da Bahia (MAGALHAES NETTO, 1985; TAVARES-NETO, 2008).

O Prof. Rodolfo Teixeira (1999), em sua memória histórica, traçou-lhe o perfil: “Talento no mais puro e correto sentido da palavra. Didata por natureza, ninguém lhe suplantava no mister de transmitir conhecimentos. Ninguém dizia melhor do que ele. Não cansava o ritmo harmonioso de suas aulas. Inclinação e gosto pela pesquisa”. E, como um lamento, prosseguiu: “No entendimento do autor, precocemente, deslocou-se

para outras tarefas, o reitorado que desempenhou, é certo, tão bem. O destino não lhe foi correto. Cedo e muito cedo, cortou as suas asas vigorosas” (p.202-203).

Outro registro está nas palavras de Lídia Maria Toutain, que teve a colaboração de Alfredo Carvalho de Macêdo Costa, filho do mestre: “Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa foi um médico (clínico geral) de renome, de expressiva clientela e um professor destacado pela extensão e profundidade de seus conhecimentos científicos, pela excelência de sua qualificação e pela didática expositiva. A medicina e a docência se imbricavam e se complementavam em sua vida profissional, da qual a UFBA foi parte integrante e irremovível. O ideal e a perseverança lhe permitiram alcançar a Reitoria, igualmente exercida com dedicação e competência” E finaliza: “Excelente orador, estudioso contumaz, inquieto pesquisador, eficiente empreendedor, homem de cultura e de fé, Macedo Costa muito teria ainda para produzir e realizar, se não tivesse morrido ainda cedo, aos 58 anos de idade, em plena maturidade profissional e intelectual.”(TOUTAIN, 2011, p. 164)

O Prof. Fernando da Rocha Peres, que foi Adjunto de Reitor para Assuntos de Extensão no Reitorado do Prof. Macêdo Costa, faz uma avaliação cuidadosa do reitorado, destacando o momento de transição da ditadura militar para o estado democrático de direito e ressaltando que, com a capacidade dele “em conciliar as diversas áreas da Universidade, dando grande ênfase à cultura, recolocou a instituição na pauta dos jornais, da televisão e também da cidade” (*in* Depoimentos, TOUTAIN, 2011, p.165).

O seu encantamento se deu em 31 de outubro de 1984, na cidade que o acolheu e o reconheceu como filho, Salvador. Em 1985, o governo Estadual construiu uma nova escola em Cajazeiras, Salvador, com o nome Colégio Estadual Luiz Fernando Macêdo Costa. Uma justa homenagem fez a Universidade Federal da Bahia: a sua principal biblioteca, no *campus* de Ondina, se chama Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa.

Entre seus trabalhos publicados, além da tese de doutoramento e as duas Livres Docências já citadas, destacam-se: *Assymetrical delivery in rabbits* (em colaboração com o Prof. Arpad Csapo e citado em diversas publicações internacionais); Fisiologia do aparelho digestivo – livro didático (1971); Temas médicos – livro editado (1978) pelo Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia (Cremeb); Ética médica e tecnologia – Prêmio Cremeb (1978); Reflexões sobre a Universidade – livro (1978); Outras reflexões sobre a Universidade – livro (1982); Novas reflexões sobre a Universidade – livro (1983); Recentes reflexões sobre a Universidade – livro (1983);

Memorial da Medicina, Arte baiana hoje e Museu-afro brasileiro – 1983 (TOUTAIN, 2011).

Em 1970, num livro didático, *Testes de Fisiologia*, Luiz Fernando Macêdo Costa demonstra uma sofisticada reflexão epistemológica, a partir do seu campo de pesquisa. Diz o mestre:

“Os fatos científicos estão sendo continuamente revistos e modificados, em face de nova metodologia e recursos mais acurados. Muitos conhecimentos ministrados nas aulas estão sofrendo contínuas e profundas modificações. *É falso acreditar que a fisiologia moderna esteja criando verdades definitivas e imutáveis.* A ciência está, sempre, em renovação, até como manifestação de vitalidade, como queria Sêneca.” (...) “Os homens de ciência não se devem deter jamais. Os fatos novos sugerem novos mundos. Algumas vezes, convém lembrar as ideias de Szent-Györgyi, prêmio Nobel de Fisiologia, porque refletem uma experiência, sintetizando uma concepção de vida produtiva, e representam conforto e estímulo para os que começam: “...e quando, afinal, depois de muitas preces, o céu se abriu, permitindo-Lhe a visão ansiada, o que o Bem-aventurado viu, num relance, ao longe, foi *um outro céu*”(In: DANTAS, 2004, p.166-167).

Para este memorialista, merece destaque o livro didático “Fisiologia do Aparelho Digestivo”, editado em 1971. Uma das aulas memoráveis que assistiu em sua graduação foi do Prof. Macêdo Costa sobre o aparelho digestório, na época ainda chamado digestivo, que me parece mais eufônico. E onde o Mestre Macêdo Costa era soberano.

Leituras recomendadas

DANTAS, Almira Vnhaes. “Testemunho”. In: ARAÚJO, Roberto Paulo Correia de (org.). *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p. 165-172, 2004.

MAGALHÃES NETO, José Maria de. Discurso. Adeus da Academia ao Presidente Luiz Fernando Macêdo Costa. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. v. 6, julho. Salvador, 1985.

RUBIM DE PINHO, Álvaro. Macêdo Costa, o Médico. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. Volume 7, julho. Salvador, 1987.

TOUTAIN, Lídia Maria. Luiz Fernando de Macêdo Costa (1979-1983). In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; VARELA, Aida Varela (orgs.). *Reitores da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2011.

ADRIANO DE AZEVEDO PONDÉ
(26/06/1901 – 04/06/1987)



**PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA PROPEDÊUTICA MÉDICA / 1ª
CADEIRA DE CLÍNICA MÉDICA**

Adriano Pondé nasceu em Salvador, Bahia, no dia 26 de junho de 1901. Era filho de D. Adriana Maria Daltro de Azevedo e Dr. João de Souza Pondé; e irmão de João, Bernadete, Francisca de Paula, Lafayette, Jayme de Azevedo Pondé, Beatriz Pondé de Castro Lima, Regina Pondé Falcão e Alberto de Azevedo Pondé. Contraiu venturoso himeneu em 30 de setembro de 1921, com D. Maria do Carmo do Amaral e Azevedo, natural do Rio de Janeiro e falecida em Salvador a 7 de março de 1990, de cujo consórcio não deixou prole.

Estudou no Colégio Antonio Vieira, quando ainda estava estabelecido no Portão da Piedade, sendo aluno laureado. Graduado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1923, compôs a 107ª Turma, quando defendeu tese inaugural intitulada *Contribuição para o Estudo das Aguas Minero-Medicinaes do Itapicurú* (MEIRELLES *et al.*, 2004). Aluno laureado com o Prêmio Professor Manoel Victorino Pereira, por ter obtido a maior média global da turma (TAVARES-NETO, 2008). Sua foto consta na galeria dos Alunos laureados na sede da FAMEB no Terreiro de Jesus (ver foto abaixo).

Foi nomeado Assistente do Prof. Prado Valladares em Clínica Propedêutica Médica, de 1925 a 1938, e, no mesmo período, Assistente do Instituto Oswaldo Cruz. De 1933 a 1938, exerceu as funções de Chefe do Serviço de Radiologia do Hospital Português; em

1928, foi Docente Livre de Clínica Propedêutica Médica, sustentando a tese *Em torno da Artéria Pulmonar*.

Em 1939, torna-se Professor Catedrático da cadeira de Clínica Propedêutica Médica, sustentando a tese *Enfarte do Miocárdio*; em 1945, submeteu-se a Concurso de Títulos com o escopo de transferir-se para a 1ª Cadeira de Clínica Médica; foi transferido, em 1948, da 1ª Clínica Médica no Hospital Santa Izabel para o recém inaugurado Hospital das Clínicas; pioneiro nas investigações sobre a doença de Chagas, em nosso meio, publicou a renomada monografia intitulada *A doença de Chagas na Bahia*, levada a lume nos "Arquivos da Universidade", além de ser mentor de outros diversos trabalhos em derredor da patologia da sobredita moléstia.

É considerado um dos precursores da Eletrocardiografia no nosso Estado; era carinhosamente chamado de "o Príncipe dos cardiologistas". Tomou parte na instituição da Escola de Enfermagem, em 1948, ao lado do Prof. Edgard Santos, reitor da Universidade da Bahia, depois UFBA. Em 1956, fundou, dirigiu e coordenou a Escola de Nutrição da UFBA. Foi também vice-reitor da mesma Universidade, membro do Conselho Universitário e membro do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Medicina da Bahia desde 1940, até a criação da Universidade da Bahia, em 1946.

Foi 2º Presidente (1944-1945) da Associação Bahiana de Medicina e um dos fundadores e presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia (1946-47); em julho de 1947, organizou e presidiu o primeiro congresso nacional de cardiologia na Bahia, tendo sido um dos criadores e primeiro Presidente da Sociedade Bahiana de Cardiologia, que funcionava nas dependências do Ambulatório do Hospital Santa Izabel, o primeiro ambulatório de cardiologia do Estado.

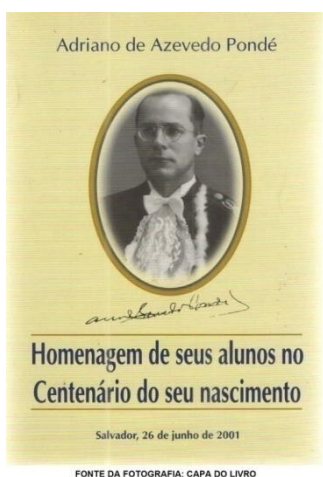
De acordo com o assistente e secretário do evento, o cardiologista Rubem Tabacof, as reuniões do Congresso foram realizadas na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus e contaram com as presenças de participantes vindos do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco. "Naquele período, a Bahia deu, possivelmente, a sua primeira contribuição científica para a cardiologia brasileira, quando a equipe do Dr. Pondé apresentou dois trabalhos: um sobre cardiopatia reumática e o outro sobre Doença de Chagas na Bahia" (Sociedade, s/d).

Prof. Adriano Pondé foi um estudioso sobre a vida e obra de Marcel Proust, tendo sido eleito membro da Academia de Letras da Bahia, em 18 de julho de 1969, com 37 votos, e empossado em 5 de maio de 1970, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina

da Bahia. Ocupou a Cadeira nº 8, a qual tem como Patrono Dr. Cipriano José Barata de Almeida, sendo o recipiendário saudado por Zitelman José Santos de Oliva. Foi também membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e um dos fundadores da Academia de Medicina da Bahia, ocupando a Cadeira 24, que tem como patrono o Prof. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão.

Em 1973, foi eleito Professor Emérito pela Faculdade de Medicina da Bahia e pela Escola de Nutrição da UFBA.

Seu passamento ocorreu em sua cidade natal, a 4 de junho de 1987. Em sua homenagem existe em Salvador um Centro de Referência em Cardiologia, o *Centro Dr Adriano Pondé* na Rua Visconde de Itaborahy, no bairro de Amaralina .



Obras:

PONDÉ, Adriano de Azevedo. *Contribuição para o Estudo das Aguas Minero-Medicinaes do Itapicurú* [Tese inaugural]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1927.

PONDÉ, Adriano de Azevedo. *Em torno da Artéria Pulmonar* [Tese de Livre Docência]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1928.

PONDÉ, Adriano de Azevedo. *Enfarte do Miocárdio* [Tese do Concurso de Cátedra para a Clínica Propedêutica Médica]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1939.

PONDÉ, Adriano de Azevedo. A doença de Chagas na Bahia: dois casos parasitologicamente confirmados. *Bras. Med.*, v. 59, p. 394-397, 1945.

PONDÉ, Adriano de Azevedo. *A doença de Chagas na Bahia*. Salvador: Imprensa Vitória, 1947.

PONDÉ, Adriano de Azevedo. Enfermedad de Chagas. *Rer. Med. Cordoba*, v.41, p.160-161, 1953.



O acadêmico Adriano de Azevedo Pondé, aluno laureado com o Prêmio Professor Manoel Victorino.

Leituras recomendadas

ADRIANO de Azevedo Pondé. Homenagem de seus alunos no Centenário do seu nascimento. Comissão organizadora: Dras. Anita Guiomar Franco Teixeira, Angelina Maria Pelosi Matos e Dr. George Barreto Oliveira. Salvador: Press Color, 150 p., 2001.

CASTRO, Renato Berbert de. Breviário da Academia de Letras da Bahia: 7. 3. 1917 - 7. 3. 1885. 1.^a ed.. Salvador: Bureau Gráfica e Editora Ltda, 1985.

HEITOR PRAGUER FRÓES**(25/09/1900 – 25/10/1987)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE DOENÇAS TROPICAIS E INFECCIOSAS**

Natural de Cachoeira, Bahia, filho de Dra. Francisca Prager Fróes e Dr. João Américo Garcez Fróes (PROF. HEITOR, s/d.; ver ambos nesta galeria). Há dois registros de datas de nascimento: 23 de julho em seus dados biográficos existente no Arquivo Geral da Fameb (PROF. HEITOR, s/d) e, o que pareceu a este memorialista mais fidedigno, de 25 de setembro (PAIXÃO, 2008); ambos os documentos registram o mesmo ano de 1900.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1917. Foi Interno na cadeira de Otorrinolaringologia, nomeado em 14 de novembro de 1919, transferindo-se em 21 de novembro de 1921 para a cadeira de Clínica Oftalmológica (PROF. HEITOR, s/d.).

Diplomado em 1922, 106ª turma, foi colega de Eduardo de Sá Oliveira e Raphael de Menezes Silva (presentes nesta galeria) e Paulo Rocha Pirajá da Silva. Com esse último, foi laureado com o Prêmio Alfredo Brito para a Pesquisa, criado naquele ano (ver cap. 3 deste volume). Sua tese inaugural, de 1922, “Autoplastias reparadoras da face”, (FRÓES, 1922) não consta no levantamento feito por Meirelles *et al.* (2004).

Em 1923, Heitor Prager Fróes se torna Assistente Interino da 3ª cadeira de Clínica Médica, demonstrando que queria seguir a carreira docente, como seus pais. Em 1924, já Assistente Efetivo, desde 9 de fevereiro, foi licenciado para tratamento de saúde, ficando de 2 de maio a 30 de novembro, reassumindo em 1º de dezembro. Em 1925, foi transferido para a cadeira de Clínica Propedêutica, mas em 21 de julho, foi nomeado

Professor Catedrático Interino da cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas. Nesse ano fez viagem de estudos, sem perda dos vencimentos, para os EUA e Europa (PROF. HEITOR, s/d.).

Em 1927, fez concurso para Livre Docente de Clínica Médica, apresentando a tese “Índice esphygmúrico. Estudo clínico-experimental” (Bahia: Ed. Autor, 1927) e, no ano seguinte, fez Livre Docência de Medicina Tropical, apresentando a tese “Nova Técnica para o cálculo da infestação pelos ancilostomídeos por meio da contagem dos ovos”, de 1928 (LEITE, 2011).

Em 1934, publica “Lições de Clínica Tropical” (Bahia: Imprensa Oficial, 1934). O Dr. Heitor Prager Fróes colocou os recursos obtidos com a venda dos livros como uma pequena, porém, simbólica verba destinada à construção do Hospital das Clínicas (TAVARES-NETO, 2008, p. 180).

Somente em 4 de maio de 1938, ele se tornou Professor Catedrático da cadeira de “*Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas*”, apresentando a tese “Contribuição ao estudo da biologia do *S. stercoralis*”, substituindo o seu pai, João Américo Fróes, que regeu a cadeira com o nome de “Medicina Tropical”, de 1931 a 1938 (ver sua biografia nesta galeria).

Em 1935, ele já tinha estado à disposição da Diretoria Geral de Educação, de 10 de maio a 9 de agosto, mas, em 12 de novembro de 1945, foi requisitado para o cargo de Secretário de Educação e Saúde pelo Interventor do Estado da Bahia, o desembargador João Vicente Bulcão Vianna, que substituiu o general Renato Onofre Pinto Aleixo, ficando no cargo até 06 de março de 1946. Em 1947 foi nomeado Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde, ficando até 1951 (PROF. HEITOR, s/d.; PAIXÃO, 2008).

Este memorialista encontrou uma portaria (Portaria DNS-MS, nº 46, de 30 de junho de 1947), publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 08 de julho de 1947, na qual o médico infectologista autoriza, como diretor do órgão de saúde pública nacional, a distribuição gratuita do medicamento - um derivado sulfônico (*Promanid*) - para o tratamento completo do doente com hanseníase (“lepra”), internado nos leprosários ou em tratamento em dispensários ou mesmo de “doentes isolados em domicílio, desde que as receitas sejam visadas pelo Serviço de Lepra do Departamento de Saúde do Estado onde o doente se encontrar” (BRASIL.MS, 1947). Por causa deste cargo federal, o Prof. Rodolfo Teixeira (1999) registra: “Esse professor vivia em outro estado e assim o

ensino era precário” (p.213). Só em 1959, quando o prof. Aluizio Prata conquistou a cátedra, a cadeira ganhou novamente destaque (ver o Prof. Prata também nesta galeria).

O Dr. Heitor foi também Professor efetivo do *Gynásio da Bahia*, ensinando francês, “onde defendeu, em festejado concurso, a tese ‘Formas divergentes da língua francesa’, no ano de 1922” (LEITE, 2011).

Foi Presidente da II Sub-Comissão do Plano da Cidade do Salvador (*Museus, archivo, bellas artes, civismo, monumentos*). Foi membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e Presidente do Rotary Club da Bahia, na gestão de 1938-1939. Publicou, em dezembro de 1940, resumo da palestra por ele pronunciada no Rotary Club sobre “Fatores de Progresso em prol da Estância Hidromineral de Caldas do Cipó” (ROTARY, 2012; PAIXÃO, s/d).

Foi membro da Academia de Letras da Bahia (FALCÃO, 2010). Publicou o livro Academia de Letras da Bahia: “Discursos pronunciados na Faculdade de Medicina. I - Discurso Acadêmico, II - discurso do acadêmico Antônio Viana” (Bahia: Imprensa Oficial, 1934).

Para além de médico e professor do ensino secundário e superior, Heitor Prager Fróes foi poeta, dicionarista e tradutor, tendo publicado inúmeros trabalhos, dos quais destacamos “Abelhas e Vespas” (1951), “Sal de Pimenta” (Bahia: Tip. Beneditina, 1952), “Poemas da Primavera” (1953), “Caretas e Sorrisos” (Rio de Janeiro: Manu, 1955), “Carícias e Piparotes” (1955), “Cara e Coroa” (1957), “Nozes e Vozes” (1958), “Às portas da Academia” (1965), “Favos e Travos” (1982), todas no gênero poético. Dos contos de sua autoria, destaquem-se “Contos e Mais”, “Contrafábulas” (1982) e “Contos para Gente Grande” (Rio de Janeiro: CBAG, 1983). Como dicionarista, o “Dicionário Internacional de Abreviaturas” (1959, reeditado em 1961). Dentre as traduções, registre “Meus poemas... dos Outros”, coletânea de poesias dos maiores vultos da literatura mundial.

Entre suas obras científicas, além das “Lições de Clínica Tropical” de 1933, enumeram-se as seguintes: 1 - “Notas de Fisiologia Geral”, livro didático publicado em 1921; 2 - “Autoplastias reparadoras da face”, tese de doutoramento, em 1922; 3 - “Índice esfigmúrico”, tese de concurso para livre-docência de Clínica Médica, em 1927; “Nova Técnica para o cálculo da infestação pelos ancilostomídeos por meio da contagem dos ovos”, tese de concurso para Medicina Tropical, em 1928; “Contribuição ao estudo da biologia do *Strongyloides stercoralis*”, tese de concurso para a cátedra de

Doenças Tropicais e Infecciosas, em 1930; “Do *Mycetoma pedis* no Brasil”, tese de concurso para a cátedra de Doenças Tropicais e Infecciosas”, em 1930 (FRÓES, 1983).

Faleceu em 25 de outubro de 1987 (LEITE, 2011).

Em seu livro *Lições de Clínica Tropical* (FRÓES, 1934), disse Heitor Fróes: “Quem escreve um livro e o revê e publica – disse ele – passa pelo paraíso e pelo inferno: Pelo paraíso, quando compõe; pelo purgatório, quando retoca; pelo inferno, quando imprime. Pelo paraíso, quando compõe, porque nada é mais agradável do que criar; pelo purgatório, quando retoca, porque nada é tão fastidioso quanto modificar; pelo inferno, quando imprime, porque nada é mais enervante que estar interminavelmente a corrigir”.



Aluno Laureado com o Prêmio Alfredo Brito para a Pesquisa – 1922

Leituras recomendadas:

FRÓES, Heitor Prager. *Autoplastias reparadoras da face*. These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1922. 229p.

FRÓES, Heitor Prager. *Lições de Clínica Tropical*. Bahia: Imprensa Oficial, 1934.

Para além da medicina:

FRÓES, Heitor Prager. *Sal de Pimenta*. Bahia: Tip. Beneditina, 1952. 60p.

FRÓES, Heitor Prager. *Contos para Gente Grande*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas- CBAG, 1983. 87p.

JORGE AUGUSTO NOVIS
(21/01/1919 - 15/11/1987)



PROFESSOR CATEDRÁTICO / TITULAR DE DE FISIOLOGIA

Nasceu em 21 de janeiro de 1919, no Vale do Iguape, Município de Cachoeira, Bahia, filho de Maria Augusta da Silva Novis e Aristides Augusto Novis.

Estudou no conceituado Colégio Antonio Vieira. Formou-se em 04 de dezembro de 1943, 127ª turma das Faculdade de Medicina da Bahia, tendo sido colega de Carlos Gentile de Mello, que, no Rio de Janeiro, se tornou importante liderança médica nas lutas pela reforma sanitária no país; e Newton Guimarães, que foi Catedrático de Dermatologia e diretor da FAMEB de 1980 a 1984 (TAVARES-NETO, 2008).

Casado com Solange Passos Novis, Dr. Jorge Novis teve oito filhos: Maria Tereza Novis Rocha, que se casou com o prof. Heonir Rocha, presente nesta galeria; Lauro Augusto Passos Novis, Maria Augusta Novis Kirchoff, Jorge Augusto Novis Filho, Roberto Augusto Passos Novis, Lelia Maria Novis Lepikson, Maria da Gloria Novis Odebrecht e Solange Maria Novis Ribeiro.

Seguindo os passos do seu pai, Prof. Aristides Novis, da 91ª turma, de 1907 e, depois, Professor catedrático da 2ª cadeira (Fisiologia), Jorge Novis iniciou cedo a carreira universitária pois, em 1944, ainda recém-formado, tornou-se Professor Assistente de Fisiologia (PROFESSOR JORGE, s/d; TEIXEIRA, 1999). Foi nomeado Chefe do Laboratório de Fisiologia (PROFESSOR JORGE, s/d). Em abril de 1947 foi nomeado Professor Adjunto (*Ibidem*).

Fez curso de especialização no Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, sob a orientação de Miguel Osório de Almeida, renomado fisiologista e pesquisador (TEIXEIRA, 1999) e, ao regressar a Salvador, submeteu-se ao concurso para Docente Livre de Fisiologia, em 1945, ocasião em que defendeu tese sobre *crioepilepsia*.

Manteve intercâmbio científico com Virgílio Foglia e Bernardo Houssay, fisiologistas argentinos, sendo, o último, prêmio Nobel de Medicina (TEIXEIRA, 1999; COUTINHO, 2007). Com a Fundação Rockefeller, instituição que, em 1957, viabilizou o seu estágio nos EUA (PROFESSOR JORGE, s/d), ele obteve recursos para montar o laboratório de fisiologia. Foi através dele que o pesquisador Arpad Csapo veio à Bahia e colaborou com o prof. José Adeodato Filho (ver nesta galeria) na criação de um centro de pesquisas na Maternidade Climério de Oliveira.

Segundo o testemunho do Prof. Luiz Fernando Macêdo Costa, Jorge Novis era um professor admirado pelos alunos: “Talentoso, eloquente, persuasivo, culto, o jovem mestre atraiu os estudantes mais ativos e cristalizou, em torno de si, o principal núcleo de investigação básica da Faculdade de Medicina” (MACÊDO COSTA, 1981).

Com esforço e determinação, o jovem professor adquiriu os equipamentos e as bolsas de estudo necessários para formar uma verdadeira “escola”. Pretendeu fundar um Instituto Experimental em Fisiologia, mas não conseguiu (TEIXEIRA, 1999), mas com “uma qualidade toda própria”, Jorge Novis “atraía e agradava a quem dele se aproximava, inspirava confiança. Sabia selecionar os melhores e, assim, um dos resultados mais importante de seu labor, foi o de ter congregado o considerável núcleo de companheiros, interessados em sua proposta de ação” (TEIXEIRA, 1999, p.,202).

Dentre os seus companheiros de trabalho e/ou discípulos destacaram-se José Simões da Silva Júnior, ressaltado pelo memorialista Rodolfo Teixeira, que também pertence a esta equipe; Heonir Rocha, Luiz Fernando Macêdo Costa, Armênio Guimarães, Waldir Medrado, Anníbal Silvany Filho, Elsimar Coutinho, Carlos Marcílio, Antônio Biscaia, Virgílio Pereira, Nestor Piva, Carlos Widmer, Almira Vinhais Dantas, Celeste Tanus, Cesar Orrico e muitos outros (TEIXEIRA, 1999; LEITE, 2011).

Obtido o título por concurso, com defesa de tese, em 1953, tornou-se Professor Catedrático de Fisiologia em 23 de março de 1954 (TEIXEIRA, 1999). Com a liderança da cátedra, o professor conquistou espaços institucionais para a realização da pesquisa básica na Bahia. Com a participação de sua operosa e dedicada equipe, foi autor de incontáveis trabalhos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Ainda com o depoimento de um de seus assistentes mais promissores, Prof. Macêdo Costa, que depois se tornaria Professor Titular de Fisiologia da FAMEB e reitor da UFBA, há uma interessante descrição de como era difícil fazer pesquisa básica naquela época.

“Todos nós, contagiados pelo entusiasmo do professor, nos dedicávamos ao trabalho, com vigor juvenil. A dedicação manifestava-se no interesse, às vezes até excessivo, para executar as tarefas. Recordo – e confesso que recordo com saudade – as inúmeras vezes em que nós próprios laçávamos gatos e cachorros vadios, ali, no Terreiro de Jesus, para realizarmos os experimentos. Relembro ainda – e aqui relembro com um meio-sorriso disfarçado no canto da boca- que deixamos de trabalhar com gato, após um grotesco e imprevisível incidente: o animal traqueostomizado por nós era bicho de estimação de uma senhora da vizinhança. Desde então, cautelosamente, transferimos aquelas técnicas para outro animal; e por esse caminho não convencional, aperfeiçoamo-nos em coelhos. Naturalmente o professor não participava, nem estimulava esses procedimentos pouco ortodoxos. Tinha notícia dos exageros e mantinha um silêncio complacente, por vezes acompanhado do sorriso compreensivo e cúmplice” (MACÊDO COSTA, 1981).

Aconselhamos ao leitor a não cometer o anacronismo de querer julgar hoje, procedimentos de ontem. Sem dúvida alguma, estas práticas não seriam possíveis com os avanços éticos e legais que foram feitos sobre a utilização de animais na pesquisa básica.

Prof. Jorge Novis foi também um dos didatas mais destacados do seu tempo. Suas aulas, testemunhadas por este memorialista, eram precisas e quase sempre belas e irretocáveis, tanto que atraía alunos de várias séries do curso médico, os quais lotavam o anfiteatro. Exerceu a clínica particular, na qual gozou de grande prestígio, quer como clínico geral quer como médico de família (TEIXEIRA, 1999; LEITE, 2011).

Foi o 29º Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, de 17 de maio de 1965 a mesma data de 1968, num momento delicado, na primeira fase da ditadura militar e no momento da implantação da reforma universitária. Até aqui, não encontramos em sua direção nenhum acontecimento que o coloque como cúmplice da violência institucional dessa conjuntura política. No entanto, em 1964, na sessão 29 de abril, o professor se mostrou, assim como o diretor, Prof. Carlos Geraldo de Oliveira, submisso às forças discricionárias, inclusive justificando a violência cometida contra o Prof. Nelson Pires, agredido pelo General Manoel Mendes Pereira, comandante da 6ª Região Militar (ver ofício anexo à ata no cap. 3), lembrando naquela sessão o episódio “da abertura dos cursos da Universidade, em que o citado professor [Nelson Pires, Catedrático de Psiquiatria, naquele momento foragido por perseguição das forças armadas pelas suas convicções políticas, ver nesta galeria] liderou movimento que foi classificado de baderna” (FMB.UFBA. Ata da Congregação, 29/04/1964).

Em 1970 passou a exercer as suas funções no Instituto de Ciência de Saúde (ICS), criado com a reforma universitária de 1968, que transferiu o ciclo básico para os institutos nas diversas áreas, inclusive a de Saúde.

Foi Secretário de Saúde do Estado da Bahia, no período de 1979 a 1983, e entre suas realizações estão a construção do ‘moderno’ Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira e a implantação da Bahiafarma – Laboratório de Produtos Farmacêuticos do Estado da Bahia (ROCHA, 2004). Como dirigente médico da Associação Bahiana de Medicina, este memorialista testemunhou a lhanza no trato e sensibilidade para com as questões da categoria e do atendimento à população pela rede de serviços estaduais de saúde, que apresentava crônicos problemas.

Nesse mesmo período (1979-1983), Prof. Jorge Novis foi do Conselho Universitário da UFBA, no reitorado de Macêdo Costa. Prof. Ruy Simões, da Faculdade de Direito, faz seu registro: “ele, representando a comunidade religiosa; eu, uma faculdade sem religião. Ele sempre formal, retórico, comedido; eu, informal, insurgente, desmedido” (SIMÕES, 1991).

Foi o 10º Presidente (1983-1985) da Academia de Medicina da Bahia e foi membro do Conselho de Cultura da Bahia de 1983 a 1987.

Seu encantamento se deu em 15 de novembro de 1987. Aqui retomamos o texto de Ruy Simões (1991) que, ao registrar a perda que ocorre quando do encantamento, dá o testemunho de mais alguns traços do perfil do biografado:

“Não direi que ele foi o homem integral – modelo sonhado por Teilhard de Chardin. Digo-o, sem exagerar, um homem íntegro e integrado; homem raro e caro. Homem que cedo traçou e trilhou o binômio da própria vida. Dois únicos caminhos, paralelos, sem acidentes de percurso que o desviassem, nem hesitações no transcurso que o retardassem. Dois primorosos discursos: o pessoal e o profissional.(...) Figurando-o melhor: homem que viveu para a Família e para a Medicina. Este, o amigo que perdi: Jorge Augusto Novis. Novembro de 1987”

Leitura recomendada

MACÊDO COSTA, Luiz Fernando de. Discurso de Saudação a Jorge Augusto Novis. *Anais Academia de Medicina da Bahia*, Salvador, v. 3, junho 1981.

HEITOR DA COSTA PINTO MARBACK**(27/07/1910 – 03/07/1988)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA OFTALMOLÓGICA**

Nasceu na Freguesia da Penha, Salvador, em 27 de julho de 1910, filho de D. Ana Meireles da Costa Pinto Marback e do Bacharel Heitor Lassance Marback. Foi Aspirante a Interno de Clínica Oftalmológica em 1931 e Interno de 1932 até início de novembro de 1934, no Hospital Santa Izabel da Santa Casa, que era o hospital-escola da FAMEB. Diplomou-se pela FAMEB, em 08 de dezembro de 1934, 118ª turma (TAVARES-NETO, 2008).

A sua carreira docente começou em 1938, quando se tornou Assistente de ensino da Clínica Oftalmológica. Docente Livre em 1939 com a tese “Sobre a Radiologia do Canal Óptico”. Com a ida do prof. João Cesário de Andrade para exercer cargo público no Ministério da Educação e Cultura, em 1949, passou a ocupar o cargo de professor Catedrático Interino até 1953.

Para acompanhar os avanços oftalmológicos clínicos e cirúrgicos na Europa e EUA, o Prof. Heitor Marback passou um período de treinamento como “Fellow” no *Wilmer Ophthalmological Institute* da *Johns Hopkins University*. Ele obteve bolsa patrocinada pela Fundação Kellog. Ao chegar, introduziu no serviço, ainda do Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, o uso rotineiro de aventais cirúrgicos, gorros, máscaras e luvas estéreis. Houve muita resistência, sobretudo para com as luvas, que “tinham a má fama de retirar o tato comprometendo as habilidades do cirurgião oftalmologista” (MARBACK, RL, 2007, p.225). Em 1949, retornou em novo estágio de seis meses ao Instituto Oftalmológico Wilmer. Esteve também no Instituto de Oftalmologia em Londres e no Instituto *Barraquer* em Barcelona, na Espanha.

Em 1953, o Serviço da Clínica Oftalmológica foi transferido para o novo Hospital das Clínicas, depois nomeado Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, que tinha sido inaugurado em 1949. A partir de então, o HC, depois HUPES, passou a ser um centro de ensino para alunos de graduação e treinamento para futuros especialistas. O serviço era bem equipado, com uma equipe de enfermagem excelente e eram realizadas as mais importantes cirurgias oftalmológicas como a de catarata, glaucoma, órbito-palpebrais, descolamento de retina e até mesmo transplante de córnea (MARBACK, RL, 2007).

Em 1954, tornou-se Professor Catedrático de Clínica Oftalmológica da FAMEB, defendendo a tese “Lesões Oculares de Leishmaniose Tegumentar Americana”. Nos anos sessenta foi organizada a Residência Médica em Oftalmologia no HUPES, substituindo o estágio pós-formatura e, em 1980, antes da aposentadoria o Prof. Heitor e sua equipe conseguiram o reconhecimento do Curso de Especialização de Oftalmologia como Curso de Pós-Graduação “senso lato” pela UFBA. O curso veio a ser credenciado também pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

Um estímulo a mais ao Prof. Heitor foi quando testemunhou, a partir de 1963, a presença de um aluno interessado, o seu filho Roberto Lorens Marback, que mais tarde faria a mesma especialidade e seguiria a carreira docente com a mesma paixão e competência. Formou quadros, Roberto Marback é um exemplo, e estimulou os jovens professores a buscar o aperfeiçoamento em outros centros, como ele tinha feito. Este memorialista praticamente não conheceu o mestre Heitor, mas vem convivendo estes últimos dez anos com o Prof. Roberto e dá o testemunho da seriedade e compromisso com a universidade e a faculdade, em particular. Eis o testemunho de Roberto Marback sobre o Professor e pai: “Os grandes méritos do Professor Heitor Marback certamente foram a educação ao lado do valor científico, capacidade de organização, assiduidade, pontualidade, cumprimento dos deveres do seu cargo e capacidade de apaziguar ânimos, colocando acima de tudo os interesses do curso de Oftalmologia” (MARBACK RL, 2007, p. 225).

Seu colega e amigo, Prof. Renato Tourinho Dantas, destaca em Heitor Marback características de seu caráter, pois “sendo absolutamente infenso ao elogio fácil e à subserviência esfuziante possuía a autoridade do exemplo pela correção de atitudes” (DANTAS, 1987, p. 164). Para além da Medicina, tinha pendor à literatura e amor à natureza, “que extravasava no seu cuidado com os jardins e acendrado amor às suas orquídeas” (*Ibidem*).

O Prof. Heitor Marback se aposentou compulsoriamente ao completar setenta anos, em 1980. Recebeu a maior homenagem da Faculdade ao ter seu nome aprovado como Professor Emérito da FAMEB. A Congregação, em julho de 1980, propôs ao Conselho Universitário que fosse concedido esse título “parâmetro honroso de honestidade, liderança, cultura, educação e bom senso, não só no exercício das inúmeras funções administrativas e didáticas que lhe foram confiadas, como, principalmente, no convívio diário com os seus colegas, discípulos e colaboradores, dos mais graduados aos mais humildes”. Com o título de professor emérito, finaliza a indicação, ele “voltará ao nosso convívio, para servir de exemplo e paradigma a todos nós” (apud DANTAS, 1987). A solenidade foi realizada em 09 de dezembro de 1984.

Além das duas obras já citadas (ver com referências abaixo), são do mestre os seguintes trabalhos: *Membrana pupilar persistente, Tuberculose Ocular, Anidria Congênita, Estudos de Semiologia óptica, Sobre Glaucoma Crônico, Manifestações Oculares da Miastenia Gravis, Cisto Espontâneo da Íris, Vitamina C e K em Oftalmologia* e inúmeros outros (DANTAS, 1987).

O seu encantamento se deu em Salvador, no dia 03 de julho de 1988.

Teses do autor citadas:

MARBACK, Heitor. *Sobre a Radiologia do Canal Óptico* [Tese de Livre Docência]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1939.

MARBACK, Heitor. *Lesões Oculares de Leishmaniose Tegumentar Americana*. [Tese do Concurso de Cátedra para a Clínica Oftalmológica]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1954.

Leituras recomendadas

DANTAS, Renato Tourinho. Heitor da Costa Pinto Marback. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, Salvador, v. 7, p.161-164, julho de 1987.

MARBACK, Roberto Lorens. História da Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA (1884-2007). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p. 223-228, Jul.-Dez. 2007.

PLÍNIO GARCEZ DE SENNA
(18/11/1926 -11/08/1989)



Professor Titular de Neurologia.

Plínio Garcez de Senna nasceu em Santo Amaro, na fazenda Triunfo, no dia 18 de novembro de 1926. Era filho de Maria Luiza Fróes Garcez e Carlos Ribeiro Senna. Iniciou os estudos primários e alfabetizou-se com sua mãe. Ainda menino, saiu de Santo Amaro e foi para Salvador dar continuidade à sua formação, onde passou pelo Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, pelo Instituto Baiano de Ensino e pelo Colégio Sophia Costa Pinto. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia em 1947, diplomou-se no dia 15 de dezembro de 1952. Médico, voltou ao interior, onde iniciou sua vida profissional, tendo clinicado na cidade de Nova Canaã e em localidades vizinhas (SENNA, 1983).

Após alguns anos, veio para Salvador trabalhar na Clínica Neurológica, aceitando convite do Professor de Neurologia, Edístio Pondé, de quem se tornou assistente e, posteriormente, genro. Casou-se com a antropóloga Consuelo Pondé de Senna (TEIXEIRA, 2001). Seu interesse pela Neurologia deve-se em grande parte à influência do renomado neurologista Edístio Pondé, seu orientador desde os primeiros trabalhos científicos, como no relato de caso “Acidente Vascular Cerebral em doente portador de Cardiopatia Chagásica Crônica” em 1956 (SENNA, 1983; SENNA, 1985).

Em 1962, iniciou a carreira acadêmica como profissional, fez concurso de Docência Livre, apresentando a tese: “*Principais formas clínicas e diagnóstico das neuromielites (Doença de Austregésilo)*”. Neste mesmo ano, tornou-se chefe da Clínica Neurológica da UFBA. Em busca de maior conhecimento e domínio da neurologia, ainda em 1962, fez curso de especialização no Instituto de Neurologia, no Rio de

Janeiro, então sob o comando do Professor Deolindo Couto. E, continuando sua formação, em 1963, frequentou o serviço de Neurologia da Universidade Estadual de São Paulo, além de fazer curso de Neuropediatria com o professor Antonio Lefèvre. Concorreu à cadeira de professor titular de Neurologia, na Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese: “*Aspectos Eletromiográficos na Hanseníase*”, apresentada em 1974, obtendo o primeiro lugar. Como não encontrou no HUPES condições para construir seu trabalho, realizou seus estudos no Hospital D. Rodrigo Menezes, em Águas Claras (SENNA, 1985). Em 1968, junto com outros eminentes professores, como Rui Machado da Silva e Geraldo Leite, Plínio Garcez de Senna preparou um projeto visando à criação de uma Faculdade de Medicina em Feira de Santana. Tentativa frustrada, devido a obstáculos financeiros, mas que depois se concretizou com o curso médico criado na Universidade Estadual de Feira de Santa (CANDEIRA DA SILVA e cols., 2012).

Foi Presidente da Academia Brasileira de Neurologia, entre 1974-1976, quando presidiu o VII Congresso Brasileiro de Neurologia, em 1976 (OLIVEIRA, 1991).

Em 1977, após nomeação pelo ministro da Educação e Cultura, Ney Braga, assumiu a direção da Faculdade de Medicina da Bahia, cargo que exerceu até 1980, com firmeza e dedicação (PINHO, 1990; TEIXEIRA, 2001). No ano seguinte publicou a “Sinopse Informativa”, série de três volumes anuais, que relatava a história da FAMEB e homenageava professores da faculdade como Juliano Moreira, César Araújo, Pirajá da Silva e Pinto de Carvalho, no aniversário de 170 anos da 1ª Faculdade de Medicina do Brasil (PINHO, 1990). Assim, sempre demonstrou preocupação com as raízes históricas do ensino médico na Bahia e lutou para a recuperação da Faculdade do Terreiro de Jesus. Sonho, hoje, em andamento. (OLIVEIRA, 1991)

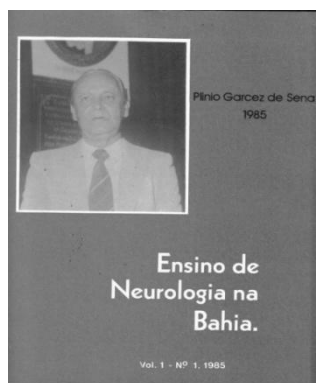
Em sua carreira acadêmica, mostrou sempre a preocupação com a formação dos alunos de Medicina e com o ensino médico na Faculdade primaz do Brasil, apontando insistentemente os erros e as lacunas a serem preenchidas nesta instituição de ensino, problemas, infelizmente, ainda contemporâneos. Eis um trecho do relatório das atividades do ano de 1975, que redigiu como professor titular em Neurologia:

Consideramos pertinente destacar a ausência de uma enfermaria exclusivamente destinada aos doentes neurológicos, além do deficiente número de pessoal docente, a quase inexistência de material didático e a indispensável aparelhagem necessária ao exame neurológico. Sem as referidas condições, torna-se evidente não ser possível obter bom rendimento pedagógico como é o desejo dos que trabalham em Neurologia. (SENNA, 1985)

Seu relacionamento com os alunos era o melhor possível: suas aulas são lembradas pela forma cativante e dedicada em que eram ministradas, além das representações de algumas patologias e das marchas neurológicas realizadas pelo professor Plínio. Foi paraninfo das turmas de 1965 e 1969 (SENN, 1983; SENNA, 1985).

Publicou muitos trabalhos e alguns livros, entre eles: *Iniciação ao exame neurológico*” junto com Dr. Alfredo Rizzo (1975); *Novas achegas sobre a epilepsia* (1980); *Através de três décadas* (1983); e *Ensino de neurologia na Bahia*” (1985). Este último faz um relato da história da Neurologia na Bahia, a partir de biografias de neurologistas que marcaram sua época. Com o livro *Iniciação ao exame neurológico*, tinha o objetivo de transmitir aos alunos os ensinamentos da semiologia neurológica, visto que ocorria um notável desenvolvimento das formas de investigação clínica dentro da sua área. Em *Novas achegas sobre a epilepsia*, obra batizada por sua esposa, Plínio chama atenção para tão importante tema na Neurologia e para seus predecessores que contribuíram para a aquisição do conhecimento, até então. Esta obra foi lançada após a produção de 27 trabalhos sobre o tema na Faculdade de Medicina da Bahia, a maioria visando à obtenção do título de Doutor nesta instituição (SENN, 1980). Em *Através de três décadas*, Prof. Plínio Garcez de Senna (1983) faz um testemunho de sua história, relata suas memórias, enfocando sua carreira médica.

Capa do livro *Ensino de Neurologia na Bahia*, 1985.



Fonte: Acervo pessoal de Consuelo Pondé de Senna.

Viveu intensamente todos os momentos de sua vida, mas precocemente, aos 57 anos, teve diagnóstico de Alzheimer. Faleceu em 11 de agosto de 1989, aos 62 anos de idade, vítima desta doença. (TEIXEIRA, 2001). Entre os colegas será sempre lembrado pelo seu senso crítico, bom-humor e ironia.

OBRAS DE PLÍNIO GARCEZ DE SENNA

TESES E LIVROS

Principais formas clínicas e diagnóstico das neuromielites. Tese para concurso de docência livre de Neurologia (1962).

Tratamento das epilepsias (1969).

Aspectos neurológicos e eletromiográficos da hanseníase. Tese para concurso de professor titular de Neurologia (1973).

Iniciação ao exame neurológico. Salvador: Artes Gráficas, 1976 (Co-autor: Prof. Alfredo Oliveira Rizzo).

Exame neurológico objetivo (1983).

Novas achegas sobre a epilepsia. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1980.

Incidência dos acidentes vasculares cerebrais no HPES. Salvador: Gráfica Trio, 1982.

Através de três décadas: memórias. Salvador: Gráfica Trio, 1983.

ARTIGOS

Acidentes vasculares cerebrais em doente portador de cardiopatia chagásica crônica. *Boletim do Hospital das Clínicas da UFBA*, Salvador, n. 1, p. 22-22, 1956.

Sobre as hemidistrofias congênitas. *Boletim do Hospital das Clínicas da UFBA*. Salvador, n. 1 p. 12-22, 1956.

Esquistossomose medular. *Arq. Neuro Psiq.*, São Paulo v. 18, n. 2, p. 160-175, 1960.

Sobre um caso de gargulismo, com estudo anátomo patológico. *Arq. NeuroPsiq.*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 40-50, 1962.

Tratamento da esquistossomose mansoni pela oxaminiquine em dose única, pela via oral. *Rev. Bras. Med. Trop.*, Uberaba-MG., v. 10, n. 3, p. 127-136, 1976.

Drogas anticonvulsivantes. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980. p. 404-414..

Síndromes isquêmicas dos principais artérias encefálicas. *Anais Acad. Méd. Bahia*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 119-128, jun.. 1981.

Acidentes vasculares encefálicos no curso da cardiopatia chagásica. *Anais Acad. Méd. Bahia*, Salvador, v. 4, n. 1, p. 101-108, jun. 1982.

Aspectos neurofisiológicos da Glia. *Anais Acad. Méd. Bahia*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 55-59, jul., 1983.

Leituras recomendadas

PINHO, Álvaro Rubim. Plínio Garcez de Senna (1926-1989) – in memoriam. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v.48, n.2, São Paulo, Jun 1990. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X1990000200022 . Acesso em : 10 de agosto de 2008.

SENNA, Plínio Garcez de. *Através de três décadas: memórias.* Salvador: Gráfica Trio, 1983.

TEIXEIRA, Luiz Carlos Calmon. Discurso proferido na solenidade de aposição do retrato de Plínio Garcez de Senna na galeria dos diretores da Faculdade de Medicina. Salvador, 2001.

CARMEM MESQUITA**(18/04/1903 - ?)****PROFESSORA ASSISTENTE DE CLÍNICA MÉDICA**

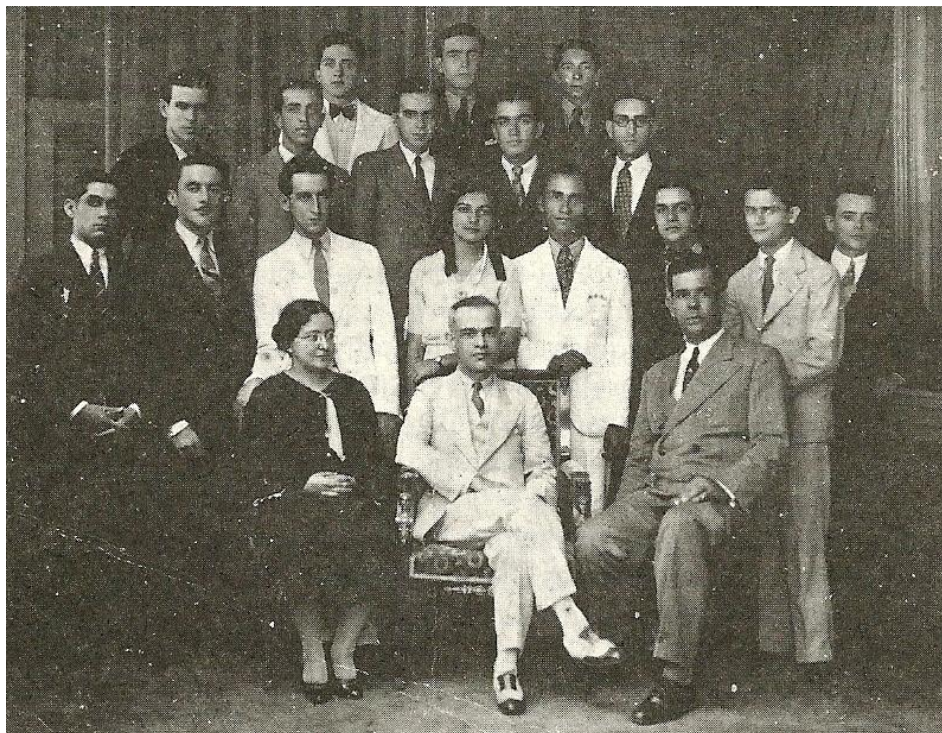
Nasceu na Bahia em 18 de abril de 1903, filha de Raymundo Eustáquio de Mesquita, formado em medicina pela Fameb em 1885, tendo sido Preparador da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica e foi também Preparador da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica (AZEVEDO & FORTUNA, 2012, p.18).

Carmem Mesquita se graduou em Medicina pela FAMEB em 20 de dezembro de 1930, tendo sido *a primeira aluna laureada com o Prêmio Prof. Manoel Victorino*, por ter obtido a maior média de todas as notas obtidas no curso de graduação. Ela é a primeira mulher (e única, até o momento) a ter o retrato colocado no *Pantheon* dos Alunos e Alunas da FAMEB (ver foto acima).

Nomeada por portaria do diretor da Faculdade, datada de 18 de abril de 1931, ou seja, quatro meses após sua graduação. O cargo inicial foi de Assistente Interina de Clínica Médica (1ª Cadeira). Em 2 de abril de 1932, por resolução do Conselho Técnico Administrativo da Fameb, foi nomeada Assistente Extranumerária de Clínica Médica (1ª Cadeira), cujo Catedrático era o Prof. Armando Tavares, que ficou na cátedra de

1929 a 1944 (ver foto abaixo). Atuou com vínculo precário, com atrasos nos pagamentos até que obteve a nomeação efetiva de Assistente, referência 27 da FAMEB da Universidade da Bahia, publicada no *Diário Oficial* de 28 de abril de 1952. Esses dados foram obtidos de sua sobrinha, Dr. Maria Mesquita (AZEVEDO & FORTUNA, 1989).

Equivocadamente, Carmem Mesquita foi considerada a primeira médica a ensinar na Faculdade de Medicina da Bahia (AZEVEDO & FORTUNA, 1989; MEIRELLES et al., 2004) ou a segunda (TAVARES-NETTO, 2008, p.182). Posteriormente, Azevêdo & Fortuna (2012) corrigiram esta informação, identificando como Professoras da FAMEB as médicas Francisca Prager Fróes (1893), Gláfira Corina de Araujo (1895), Maria Odília Teixeira (1914) e, enfim, Carmem Mesquita (1930). E, nesse levantamento acima, estamos citando apenas as professoras médicas, pois as “Parteiras” não médicas também foram Auxiliares de Ensino e, entre elas, nesse período, tivemos na FAMEB: Aurora das Dores Leitão (1900), Antônia América de Andrade (1913) Theófila Bastos da Silva (1914), Arlinda Bastos Wirz (1915), Laura Leonor Gonzaga (1916) e Noélia Sampaio Burgos (1921).



Profa. **Carmem Mesquita** sentada ao lado do Prof. Armando Tavares. Aparece ainda, como aluna, *Ophelia dos Santos Britto*, em pé, atrás do Prof. Tavares (AZEVEDO & FORTUNA, 1989, p.1089). Ambas sofreriam mudanças nos nomes ao casar: **Carmem Mesquita Torres**, depois de casar com Octávio Torres; e *Ophelia Britto Gaudenzi*, ao se casar com Prof. Trípoli Gaudenzi (presente nesta galeria). Formada em 1936, Dra. Ophelia também se tornaria professora da FAMEB.

No livro de ‘recordações da Faculdade de Medicina da Bahia’ de Margot Lobo Valente (2008), há uma referência à Doutora **Carmem Mesquita Torres**, naquele período (1951 a 1956), já casada com o Prof. Octávio Torres e exercendo a docência como Professora de Patologia Clínica. Margot registra um protagonismo feminino, para além da Medicina, da Prof.^a Carmem: ela teria escalado o pico do Everest. Margarida Maria Franco Marques Lôbo, nome de Margot Lobo Valente quando estudante, refere ainda que ela “tornou-se, além de professora, uma médica famosa” (VALENTE, 2008, p.52).

Não obtivemos a data de encantamento dessa professora encantadora.

JOSÉ DUARTE DE ARAÚJO**(20/07/1934 - 1992)****PROFESSOR TITULAR DE MEDICINA PREVENTIVA**

Nasceu em Juazeiro, Bahia, no dia 20 de julho de 1934, filho de D. Eudaria Duarte Siqueira Oliveira e Rodolpho Araújo Oliveira (PROFESSOR JOSÉ DUARTE, s/d; PRATA, 1994).

Entrou para a Faculdade de Medicina da Bahia em 1954. Em 1957 foi Interno Acadêmico de Clínica Médica (2ª Cadeira), serviço dirigido pelo Prof. Roberto Santos. Colou grau em 15 de dezembro de 1959, 143ª turma da FAMEB, tendo como colegas Andyr Nazaré Andrade, João de Souza Pondé Neto e Orlando Figueira Sales, professores da Faculdade; sendo que o último, Professor de Neuropediatria, foi Diretor Interino da Faculdade (2003) e é, atualmente, Professor Emérito da UFBA. Foi colega também de Paulo Fernando de Moraes Farias, Professor Titular de História da África, do Centro de Estudos da África Ocidental da *Birghman University*, Inglaterra (TAVARES-NETO, 2008).

José Duarte foi aluno laureado em 1959, sendo detentor do Prêmio Manoel Victorino, conferido naquele período pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade da Bahia ao aluno com a melhor média das notas obtidas em todo o curso (PROFESSOR JOSÉ DUARTE, s/d).

Fez Residência Médica no Hospital das Clínicas, criada pelo Prof. Roberto Santos, que contou com a colaboração dos professores Fernando Didier, Heonir Rocha,

presentes nesta galeria, e o prof. Waldir Medrado (TEIXEIRA, 1999, p.207-208). Essa Residência Médica no hospital universitário foi a primeira da Bahia e a terceira do país. E José Duarte foi “Chefe” dos Residentes (PROFESSOR JOSÉ DUARTE, s/d).

No início dos anos 60, ele recebeu uma Bolsa de Estudos, concedida pelo Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos, para cumprir um Curso de Especialização de 18 meses, na Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania. Na verdade, foi um grupo de ex-residentes, todos indicados pelo Prof. Roberto Santos. Agnaldo David de Souza, Almério Machado, Ernesto Simões Neto, José de Souza Costa, José Duarte de Araújo, Marco Aurélio de Barros, os quais se incorporaram aos Drs. Luciano Pedreira de Cerqueira, Álvaro Rabello Jr. e Gilberto Rebouças, que já estavam lá (MACHADO, 2007). Com isso a FAMEB incrementou a renovação de seus métodos de ensino ao criar as condições para que essa geração de jovens médicos e futuros docentes aperfeiçoassem seus conhecimentos no Exterior (PRATA, 1994).

Em 1963 já era o Assessor do Programa da Residência do HUPES. Em 1964 foi designado para ensinar na Clínica Pediátrica e Higiene Infantil, cadeira sob a regência do Prof. Hosannah de Oliveira. Foi nessa cadeira que Prof. José Duarte fez sua Livre Docência em 1965, passo importante para o título de Professor Catedrático que, logo depois, com a reforma universitária de 1968, foi transformado em “Professor Titular”. Em 1966, Prof. Duarte foi a Paris fazer o curso de Pediatria Social no *Centre International de l'Enfance* (PRATA, 1994),

Esteve a convite do Governador Luiz Viana como o titular da Secretária de Saúde Pública do Governo do Estado da Bahia, de 1967 a 1971, quando organizou a divisão do estado em Centros Executivos Regionais, realizando uma pioneira experiência de descentralização administrativa e regionalização (ARAÚJO, FERREIRA, NERY, 1973).

Em 1972 voltou aos EUA, como bolsista da OMS, para estudar Administração dos Serviços Médicos. Diplomou-se em Mestre em Saúde Pública na Universidade da Califórnia, em Berkeley (PRATA, 1994).

Em 6 de agosto de 1974, após concurso, foi nomeado Professor Titular de Medicina Preventiva (PROFESSOR JOSÉ DUARTE, s/d). Nesse mesmo ano, foi Presidente da Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa da UFBA.

Em 1975, José Duarte era Chefe do Departamento de Medicina Preventiva da FAMEB-UFBA. Em 1976, tentou a Reitoria, mas perdeu a eleição. Segundo relato do prof. Fernando Carvalho, Prof. Titular de Medicina Preventiva (Epidemiologia), após essa derrota ele, que já vinha atuando como Coordenador de Ciências da Saúde do

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), transferiu-se definitivamente para esse órgão nacional de fomento à pesquisa.

Nos anos 80 e 90 do século passado, encontramos registro do Prof. José Duarte como diretor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na gestão do presidente Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, no período do regime militar (1980-1985), ele foi Diretor de Assuntos Científicos e também Diretor de Fomento do órgão (CNPQ, 2011). Nas gestões dos presidentes Gerhard Jacob (1990-1991) e Marcos Luís dos Mares Guia (1991-1993), o Prof. José Duarte de Araújo foi Diretor de Unidades de Pesquisa (CNPQ, 2011). Prof. Aluizio Prata, também presente nesta galeria, registra numa homenagem *post mortem*, que José Duarte foi Vice-Presidente do CNPq, Assessor do Ministério de Ciências e Tecnologia e da Organização Mundial de Saúde (PRATA, 1994).

Publicou mais de 40 trabalhos sobre Saúde Pública, financiamento de pesquisas, tecnologia, desenvolvimento da pessoa (“recursos humanos”), entre outros temas. Sua grande contribuição foi como Administrador. Diz o Prof. Prata: “Ao lado de sua excelente formação profissional, o Dr. Duarte era trabalhador e inteligente. Conciliador e bem intencionado, buscava o consenso sem transgredir com os aspectos fundamentais. (...) De caráter íntegro, mas modesto, sempre me deu a impressão de acreditar que os atos que inspiram nossa conduta compensariam por eles próprios, ou, como dizia Sêneca, ‘a recompensa a uma nobre ação está em a ter realizado’ ” (PRATA, 1994, p.189).

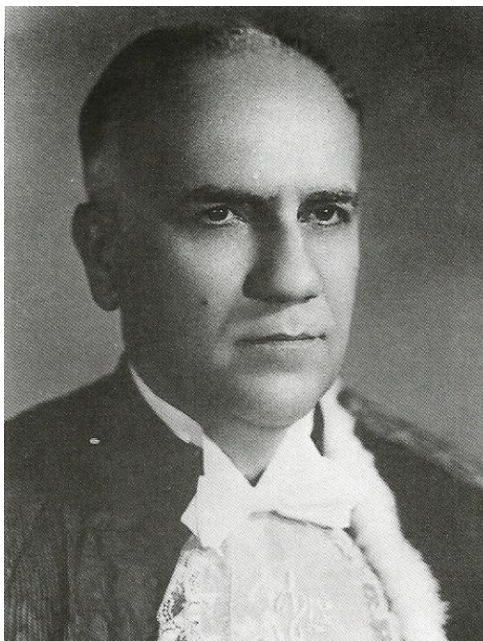
A atitude mais natural diante da morte está em, diz um sábio, “a esperar” por ela, mas não foi o que aconteceu com o Prof. José Duarte de Araújo. Em 1992, deu-se o seu encantamento por suicídio. Ele não pode esperar.

Obras do autor:

ARAÚJO, José Duarte de. A mortalidade infantil no Estado da Bahia, Brasil. *Revista de Saúde Pública de São Paulo*, v. 7, p. 29-36, 1973.

ARAÚJO, José Duarte de. O custo da doença: repercussão econômica no município de Salvador, BA, Brasil. *Rev. Saúde Pública*, v.9 n.2, São Paulo Jun. 1975. Extraído de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101975000200007>. Acesso em 13/01/2013.

ARAÚJO, José Duarte de. Polarização epidemiológica no Brasil. *Informe Epidemiológico do SUS*, v. 1, n2, 6-15, 1992.

HOSANNAH DE OLIVEIRA**(22/09/1902 – 29/04/1994)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA PEDIÁTRICA
E HIGIENE INFANTIL**

Nasceu em Belmonte, Bahia, em 22 de setembro de 1902, filho de D. Francisca Sampaio de Oliveira e do Capitão Leopoldino Ferreira de Oliveira (PROFESSOR DR. HOSANNAH, s/d). Em 1925, ainda acadêmico de Medicina, já ensinava no *Gymnásio da Bahia*. Em 1926, foi interno em Pediatria.

Defendeu a tese inaugural “*O Fígado na hypotrepisia*” (MEIRELLES et al., 2004) e diplomou-se em 27 de dezembro de 1927, na 111ª turma, a “turma dos notáveis da FAMEB” (ver **cap. 3** deste volume). Foi o orador oficial na solenidade de diplomação e aluno laureado, pois recebeu o Prêmio Prof. Manoel Victorino por ter obtido a maior média global durante todo o curso médico (TAVARES-NETO, 2008). Sua foto esta na galeria dos alunos laureados na sede da FAMEB no Terreiro de Jesus (ver abaixo).

Foi Interno da cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil a partir de 21 de dezembro de 1925, exercendo o cargo até novembro, um pouco antes de se formar (PROFESSOR DR. HOSANNAH, s/d).

Em 4 de setembro de 1935 conquistou a Livre Docência em Clínica Pediátrica. Começou sua carreira universitária em 27 de dezembro de 1938 como Assistente na FAMEB. Em 26 de março de 1947, após concurso brilhante, assumiu a Cátedra de

Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil (PROFESSOR DR. HOSANNAH, s/d; BARROS, 2007).

Foi o 4º presidente (1950-1951) da Associação Bahiana de Medicina (ABM). Foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia e superintendente do Hospital das Clínicas.

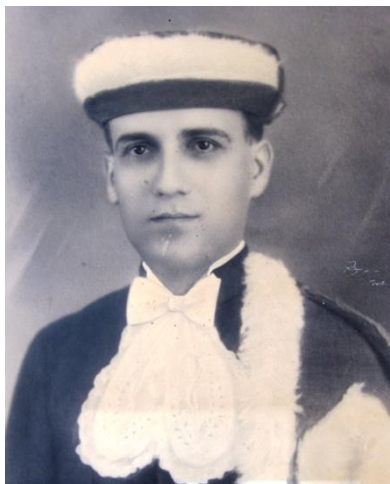
Exerceu a diretoria da FAMEB interinamente de 1953 a 30 de março de 1955. No cargo, um episódio ilustra o exemplo de dignidade e independência do prof. Hosannah. No concurso de Psiquiatria, conquistado pelo Prof. Nelson Pires, sofreu pressão do comandante da 6ª Região Militar, pois o Prof. Nelson era acusado de ser um militante comunista. Respondeu com altivez ao comandante, referindo que o candidato (Nelson Pires) só não faria concurso por desistência ou morte, até porque, um dos seus bons títulos era pertencer ao glorioso Exército Nacional e encerrou o diálogo (BARROS, 2007). Essa atitude digna, ele voltaria a tomar na sessão da Congregação de abril de 1964, quando ele relembrou mais uma vez o episódio no qual ele se recusou a dar às Forças Armadas o atestado ideológico do então candidato, Prof. Nelson Pires (FMB.UBA. Ata da Congregação, 29/04/1964). Ver **cap. 3** deste volume.

Sobre o docente, eis o testemunho do prof. Nelson Barros, um dos seus alunos e depois, como professor, seu sucessor na cadeira de Pediatria, não mais como catedrático, porém, como Professor Titular: “Às suas aulas teóricas compareciam a quase totalidade dos alunos do sexto ano médico, chegando alguns a sentarem-se no chão” (...) “Era um professor austero, sóbrio, competente e amável com os seus alunos e amigos” (BARROS, 2007, p. 104).

Em 1963, participou com brilho de Simpósio sobre Crescimento e Desenvolvimento da Criança em Roma, Itália. Em 1967, foi autorizado pelo Reitor a visitar os centros de ensino de Pediatria no México, Estados Unidos e Canadá (PROFESSOR DR. HOSANNAH, s/d).

Em 22 de setembro de 1972 foi aposentado pela compulsória, ao completar 70 anos. Em 1972 recebeu da UFBA o título de Professor Emérito.

Faleceu em 29 de abril de 1994. O Centro Pediátrico do Complexo HUPES recebeu o nome do professor Hosannah de Oliveira: *Centro Pediátrico Professor Hosannah de Oliveira – CPPHO*. Esta é apenas uma das formas de seu encantamento.



O acadêmico Hosannah de Oliveira, aluno laureado com o Prêmio Prof. Manoel Victorino e orador da famosa turma de 1927.

Leitura recomendada:

BARROS, Nelson. Histórico do ensino da Pediatria na Bahia, no século XX. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p.101-116, jul.-dez. 2007.



Centro Pediátrico Professor Hosannah de Oliveira – CPPHO

FONTE: <http://www.aratuonline.com.br/noticia/72546,pa-do-centro-pediatico-professor-hosanah-de-oliveira-fecha-para-obras.html>

NELSON SOARES PIRES**(03/05/1910 – 1994)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PSIQUIATRIA**

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1910, filho de Antonieta Soares Pires e Eugênio M. Pires. Fez os cursos primário e secundário em sua cidade natal. Graduou-se em 1931 pela Faculdade Nacional de Medicina (depois seria denominada Faculdade de Medicina da UFRJ).

Docente Livre de Clínica Psiquiátrica, em 1940, com a tese “Aspectos reflexológicos da impotência dos noivos”, pela Faculdade Fluminense de Medicina, Nelson Pires foi médico militar e, nessa condição, viveu em vários estados nordestinos. Fundamental em sua formação psiquiátrica foi o psiquiatra Ulysses Pernambucano, no tempo que trabalhou em Recife. Em 1945 chegou a Salvador onde, na companhia de Luiz Cerqueira, desenvolveu atividades clínicas no Sanatório Bahia, transformando-o num dinâmico centro de estudos e pesquisas (COUTINHO & SABACK, 2007).

Em 1947 conclui a tese “Psicoses de Reação”, com a qual participou de conturbado concurso realizado em 1953 para a cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Por suas convicções políticas, esteve preso no início dos anos 50, mas “conseguiu sair da cadeia onde estava detido por “atividades subversivas” para fazer e ganhar o concurso de professor catedrático da Universidade da Bahia” (PICCININI, 2004, p.2). Segundo o depoimento do Prof. Paulo Vaz Arruda, o

presidente da banca examinadora do concurso era o Prof. Antonio Carlos Pacheco e Silva. Ao chegar em Salvador foi informado que um dos candidatos não iria realizar a prova por estar preso. Pacheco e Silva disse que o concurso não seria realizado sem todos os candidatos. O Presidente da banca teve o apoio do Diretor Interino da FAMEB (ver Hosannah de Oliveira nesta galeria). O candidato pôde participar e ganhar o concurso. Exerceu a cátedra até 1964, quando, novamente por motivos políticos, foi afastado da vida universitária.

Uma de suas maiores realizações como Catedrático foi o inovador ensino de psiquiatria no Hospital das Clínicas da UFBA, o primeiro serviço de psiquiatria em hospital geral do país (COUTINHO & SABACK, 2007). Não por acaso, a partir de 1954, seus estudos se voltam para as doenças psicossomáticas.

Entre suas atividades políticas, presidiu a Sociedade Cultural Brasil-Cuba em Salvador. Estava em Buenos Aires, quando recebeu a notícia de sua condenação a dois anos de prisão. Refugiou-se no Chile onde era amigo de Salvador Allende, médico e presidente. Quando irrompeu o golpe militar chileno ele saiu de Santiago. Os estrangeiros que moravam no mesmo hotel e que não conseguiram fugir a tempo foram fuzilados. Do Chile foi para Lisboa, com Barahona Fernandes, e logo depois para a Espanha, e lá trabalhou como professor estrangeiro da Universidade de Madrid. Piccinini (2004) refere que foi no Serviço do Prof. Alonso Fernandes, mas Coutinho & Saback, (2007) referem o de López Ibor, com quem compartilhava as raízes alemãs. O certo é a surpreendente aceitação do governo Franco a um intelectual comunista.

Entre suas pesquisas destacam-se os estudos sobre psicoses psicogênicas e as “psicopatias”, que considerava mais um desvio do que uma patologia psiquiátrica. Era crítico em relação à psicanálise, mas Puccinini (2004) identifica a presença de algumas ideias psicanalíticas nos seus artigos sobre doença psicossomática. Isaías Paim, em “Grandes Psiquiatras Brasileiros”, destaca a análise do ponto de vista psiquiátrico de Nelson Pires sobre a tortura e torturadores pois, no exílio, ele teve oportunidade de entrevistar muitos dos torturados e, desse modo, refletir sobre os torturadores, não os reduzindo ao rótulo de psicopatia, que ele tão bem estudou em sua importante monografia “Personalidades Psicopáticas”. Este memorialista acredita que, de certo modo, ele chegou a conclusões semelhantes, com outro referencial, às de Hannah Arendt (2000) sobre os torturadores nazistas.

Foi casado com a Dra. Jurema Pires. Faleceu em 1994.

Profissional estudioso, culto, dotado de extraordinário brilho intelectual, foi um dos

maiores professores de psiquiatria do nosso país, com prestígio internacional. Tinha uma visão realista dos problemas sociais do país, o que talvez justifique a sua posição de rebeldia. “Segundo os alunos, comparando-o com Leme Lopes, diziam que, enquanto Leme Lopes dava aula sobre o que preparara na véspera, Nelson Pires dissertava *contra* o que na véspera havia lido” (PICCININI, 2004; grifo nosso).

Quando o Prof. José Tavares Neto, na época diretor da FAMEB, esteve na Espanha, encontrou na Faculdade de Medicina da Universidade Complutense de Madri uma placa em homenagem ao professor *Nélson Soares Pires*, Catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia. Ao chegar à Bahia tomou conhecimento da injustiça que a Congregação de FAMEB tinha praticado contra o professor. A direção da Faculdade tinha recebido um ofício do Comandante da 6ª Região Militar, General de Brigada Manoel Mendes Pereira, referindo-se ao Prof. Nelson Pires como “subversivo”, por suas convicções políticas, e de “baixa moral” e outros termos desabonadores. A maioria da Congregação da época, em vez de repudiar esse ato de violência da instituição militar e manifestar apoio ao Professor, agiu de modo pusilânime (FMB.UFBA. Ata da Congregação, 29/04/1964). Irônico é que, ainda nos anos 70, a própria Justiça Militar, corrigindo a injustiça, inocentou o professor de todas as acusações a ele formuladas, tendo sido, inclusive, reintegrado aos quadros do serviço público.

Em 2008, foi aprovada uma *Moção de Desagravo* elaborada pelo Professor William Azevêdo Dunningham (ver vol I, cap. 5, Departamentos: Deptº de Neuro-Psiquiatria), e aprovada, primeiro, pelo departamento herdeiro da cátedra do Prof. Nélson Pires e, depois, pela Congregação, dentro do espírito comemorativo do bicentenário da Faculdade, que celebrou os 200 anos não só exaltando os grandes acontecimentos, mas também fazendo reparação de seus erros passados. A moção foi entregue à família desse psiquiatra carioca, mas baiano por adoção.

Seu nome foi escolhido para ser o patrono do Centro de Estudos do Hospital Juliano Moreira de Salvador, Bahia.

Bibliografia de Nelson Pires

01. PIRES, Nelson. Estudo de um tipo de cidade - o malandro. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1938; 1(1): 46-59.
02. PIRES, Nelson. Manobras anticoncepcionais, as neuroses e o adultério. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1938; 1(3): 288-310.
03. PIRES, Nelson. Os mecanismos de defesa na neurose obsessional. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1939; 2(3): 213-236.

04. PIRES, Nelson. *Aspectos reflexológicos da impotência dos noivos*. Docência Livre, Tese-Fac. Fluminense de Medicina. 1940
05. PIRES, Nelson. Reflexões sobre o valor terapêutico da psicanálise. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1940; 3(1): 130-146.
06. PIRES, Nelson. Sobre o diagnóstico e a perícia dos traumatizados neuróticos. *Arq. do Manicômio Judiciário Do Rio De Janeiro*. 1940; 11(1): 13-30.
07. PIRES, Nelson. Estudo sobre a paranóia sensitiva de Kretschmer. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1941; 4(1):25-43.
08. PIRES, Nelson. Personalidade psicopática. Surtos delirantes reacionais. Comportamento anti-social e sua psicogênese. *Arq. Manicômio Judiciário do Rio De Janeiro*. 1941; 12(1-2):158-165.
09. PIRES, Nelson. Estudo do Delírio. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1942; 5(2): 49-61. Aula didático-oral. Concurso de Livre-docência na Escola Fluminense de Medicina
10. PIRES, Nelson. Manifestações psicóticas ocorridas no dia do casamento. Pedido de anulação do vínculo. O ponto de vista psiquiátrico-legal. *Arq. Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*. 1942; 13-14; 73-83.
11. PIRES, Nelson. Psicoses Psicógenas - Psicoses de Reação. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1943; 1(2):151-165.
12. Yahn, Mário; PIRES, Nelson. Sobre a erotomania. *Arq. Assist. a Psicopatas do Estado de São Paulo*. 1943; 8(1-2):3-53
13. PIRES, Nelson. Reação Delirante Induzida. Estudo de Epidemia Mental Coletiva. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1946; 4(1): 34-42.
14. PIRES, Nelson. Sobre narcoanálise (resultado de 12 casos). *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1946; 9(3):193-206.
15. PIRES, Nelson. *Psicose de Reação*. Tese Para Concurso de Cátedra; FMB-UFBA. 1947.
16. PIRES, Nelson. Contribuição ao estudo da pseudologia fantástica. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1947; 10(1):1-12.
17. PIRES, Nelson; Tavares, Dulce Sampaio. Desajustamento conjugal em psiquiatria. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1947; 10(4): 231-281.
18. PIRES, Nelson; Rubim de Pinho, Álvaro; Alakija, George; Nery, Gabriel Cedraz. Psicoses de Involução: Estudo clínico de 50 casos com vistas ao prognóstico. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1949; 7(2): 179-210.
19. PIRES, Nelson; Novaes Filho, Érico. Contribuição ao estudo das neuroses. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1949; 12(3): 211-34.
20. Pires, Nelson; Novaes Filho, Érico; Alakija, George; Guerreiro, Manoel; Nery, Gabriel Cedraz, and Coelho, Jacques. Malarioterapia com terçã maligna; estudo de 11 casos. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1950; 13(2): 103-110
21. PIRES, Nelson e col. Personalidades psicopáticas. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1950; 13(4). Sobre a base da Classificação de K.Schneider
22. PIRES, Nelson; Pinto Filho, Heitor. Psicoses Puerperais. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1950; 8(1):47-64.
23. PIRES, Nelson; Cerqueira, Luiz; Guerreiro, Manoel. Esquizofrenias influenciáveis e não influenciáveis pelas terapêuticas de prova. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1950; 8(2): 115-130.
24. PIRES, Nelson; Novaes Filho, Érico; Alakija, George et al. Distúrbios mentais concomitantes em três irmãs. *Arq. Assist. a Psicopatas da Bahia*. 1950; 1(1): 125-131.
25. PIRES, Nelson; Castelo Branco, Alípio. Hipertensão e Desordens Mentais. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1951; 14(2): 125-26
26. PIRES, Nelson. Relatório sobre o Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria. *Rev. Neurobiologia*, Recife. 1951; 14(2): 134-145
27. PIRES, Nelson; Novaes Filho, Érico; Castelo Branco, Alípio; Rubim de Pinho, Álvaro; Guerreiro, Manoel; Nery, Gabriel Cedraz; Coelho, Jacques. Subdivisão Clínica do grupo das Esquizofrenias. *Arq. de Neuro - Psiquiatria*. 1951; 9(1):56-58.
28. PIRES, Nelson. Síndromes mentais e doenças cerebrais. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1953; 11(1): 41-52.
29. PIRES, Nelson. Sintomas sem Doenças. Distúrbios da Homeostase e Surgimento de Sintomas Preferenciais. *Arq. de Neuro-Psiquiatria*. 1963; 21(1): 25-34.

30. PIRES, Nelson. *Clínica Psicossomática*. Rio De Janeiro. Gráfica Olímpica. 1965:133
31. PIRES, Nelson. *Fisiologia e terapêutica neuro-vegetativa em clínica psicossomática*. Rio de Janeiro: Grafica Olimpica - Editora Luiz Franco,1966.
32. PIRES, Nelson. Valor e limite do "compreender" em clínica psiquiátrica. *Revista de Psiquiatria*. 1966; 5(10): 117-152.
33. PIRES, Nelson. *Personalidades Psicopáticas*. Rio de Janeiro, Marcelo Gráfica e Editora. 1981.
34. PIRES, Nelson. Sobre Karl Jaspers. *Bol. Centro Estud. Pesqui. Psiquiatr.* (Santa Casa, SP.). 1983; 1(2):15-24.

Trabalhos citados sem referência pelo Prof Isaias Paim:

- “Os mecanismos de defesa na neurose obsessiva” (1939);
- “Personalidade Psicopática - Surtos Delirantes Reacionais” (1941);
- “Sintomas mentais da epilepsia” (1942); “Estudos dos Delírios” (1942);
- “Reações exógenas psicogênicas” (1945);
- “Anomalias induzidas na percepção” (1945);(1951);
- “Contribuição aos estudos das neuroses” (1949);
- “Problemática de las neuroses” (1958);
- “As psicoses nos oligofrênicos” (1959);
- “Revisão clínico-prática das depressões” (1960);
- “Clínica psicossomática” (1965);
- “Valor e limites de compreender em clínica psiquiátrica” (1966);
- “Fisiologia e terapêutica neuro-vegetativa em clínica psiquiátrica” (1966);
- “Tortura e Torturadores” (1981);
- “Sentir-se doente” (1981);
- “Clínica Psiquiátrica - debates em reuniões clínicas internas e em Congressos Nacionais e Internacionais(s/data).

Leituras recomendadas

PICCININI, Walmor. Nelson Pires (1910-1994). História da Psiquiatria. *Psychiatry on line Brasil*, v. 9, n.9, p.1-5, set. 2004.

COUTINHO, Domingos; SABACK, Eduardo. O histórico da Psiquiatria na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, p.210-218, jul.dez. 2007.

ÁLVARO RUBIM DE PINHO**(22/02/1922 – 09/11/1994)****PROFESSOR TITULAR DE PSIQUIATRIA**

Nasceu em Manaus, Amazonas, em 22 de fevereiro de 1922, filho de Mercedes Rubim de Pinho e Álvaro Madureira de Pinho, formado na Faculdade de Medicina da Bahia em 1903 (TAVARES-NETO, 2008). A tese inaugural do formando Álvaro Madureira de Pinho foi “Contribuição ao estudo clínico da Osteomyelite” (MEIRELLES, et. Al., 2004).

Formou-se em 1945 pela Faculdade de Medicina da Bahia (129ª turma). “Na casa de Manaus, a figura de meu pai, médico baiano que, no começo do século, se radicara na Amazônia. Do modelo paterno terá vindo, ainda que tacitamente, o induzimento para a escolha da profissão” (*apud* PICCININI, 2004). Ao formar dedica-se à Neurologia e, cinco anos depois, especializa-se em Psiquiatria (PINHO, 2004)

Entra para a carreira docente, em 1954, como Professor Adjunto de Clínica Psiquiátrica, logo após o famoso concurso para Catedrático e, em 1955, tornou-se Livre Docente com a tese: “Diagnóstico da psicose maníaco-depressiva”. Outro campo de sua atuação é o movimento médico, que se iniciou ao se tornar o 8º Presidente (1960-1961) da Associação Bahiana de Medicina.

Em relação à vida acadêmica, com o afastamento do Prof. Nelson Pires, em 1964, pela ditadura militar (ver nesta galeria), a cadeira de Psiquiatria ficou vaga. Desse

modo, aquele que tinha sido o aluno mais brilhante - Álvaro Rubim de Pinho - se torna, em 1966, o Professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica e depois Professor Titular de Psiquiatria da FAMEB. Sua tese de concurso foi “As funções cognitivas dos epilépticos”.

A partir daí estrutura-se mais ainda uma brilhante carreira docente e uma atuação médica participativa: em 1968, torna-se Presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, ao mesmo tempo em que assume a Presidência do Conselho Regional de Medicina da Bahia (1968-1973). Mais tarde, ele ainda seria o 12º Presidente da Academia de Medicina da Bahia, em 1987, ano em que se aposenta como Professor Titular.

Além de manter a Enfermaria no hospital universitário (ver Nelson Pires), instituiu o hospital-dia, com apoio pleno dos médicos-residentes, cujo programa de Residência Médica em psiquiatria promoveu e ampliou. “Coroou, assim, a revolução iniciada por Nelson Pires” (COUTINHO & SABACK, 2007).

Introduziu o ensino de Psicologia Médica na graduação e, na Clínica Pediátrica do HUPES, iniciou os primeiros atendimentos psiquiátricos dirigidos a crianças. Depois, sua filha, a médica Solange Rubim de Pinho, especialista em psiquiatria infanto-juvenil, deu continuidade ao programa, transformado em Setor de Saúde Mental Infanto-juvenil do Departamento de Pediatria.

Com a autoridade de Professor Catedrático e, depois, Titular, Rubim de Pinho enfrentou críticas, mas fomentou uma criativa linha de pesquisa, a da Psiquiatria Transcultural, inspirado na trilha aberta pelo trabalho de Nina Rodrigues, sem os equívocos da teoria da degenerescência da época. Diz Rubim de Pinho: “A Psiquiatria Transcultural é uma psiquiatria comparada, que estuda semelhanças e diferenças psicopatológicas entre diferentes culturas, e é uma psiquiatria específica, que estuda distúrbios mentais e os tratamentos próprios de cada área cultural” (RUBIM DE PINHO, 2007). Dessa linha resultaram os trabalhos criteriosos e, com observação participante sobre o candomblé, a organização de célebre simpósio de 1968, que divulgou uma década de estudos sobre o banzo, o calundu, a caruara, o quebranto, entre outros, ampliando e difundindo as ideias de uma psiquiatria que levasse em conta as crenças, credences e o imaginário popular (PICCININI, 2004).

Sua atividade nas áreas da psiquiatria forense e transcultural teve reconhecimento tanto nacional como internacional. Em julho de 1986, o projeto “Identidade da Psiquiatria Latinoamericana”, coordenador pelo psiquiatra peruano Renato Alarcón,

consultor da OPAS e professor em Birmingham, Alabama, ouviu Rubim de Pinho entre os 29 psiquiatras mais representativos da região (COUTINHO & SABACK, 2007).

Sob a influência de seu ecletismo, floresceram no Departamento de Neuropsiquiatria e no Serviço de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (HUPES) a psicofarmacologia, representada por Luis Meira Lessa; a psicanálise, com Adilson Sampaio, Euvaldo Mattos e Aurélio Souza; o psicodrama, com Waldeck d'Almeida; e a psiquiatria social, com Luiz Umberto Pinheiro, Naomar de Almeida Filho e Vilma Santana.

Em 1993, recebe o título de Professor Emérito. Em 9 de novembro de 1994 deu-se o seu encantamento, cercado do carinho dos familiares e amigos.

Piccinini (2004) relata que colheu inúmeros depoimentos que colocam o Prof. Rubim numa posição fundamental na revitalização da Psiquiatria Forense Brasileira. Por esse motivo, a Associação Brasileira de Psiquiatria criou o Prêmio Álvaro Rubim de Pinho, que é distribuído anualmente para o melhor trabalho dessa especialidade.

A UFBA construiu uma biblioteca para toda a área da Saúde à qual foi dado o nome de Biblioteca Universitária Prof. Álvaro Rubim de Pinho.

Bibliografia selecionada:

01. RUBIM DE PINHO, Álvaro. Contribuição para o estudo da Sintomatologia Neurológica após eletrochoque. *Rev. Neurobiologia*, Recife, v. 8, p. 19-39, 1945.
02. PIRES, Nelson; Rubim de Pinho, Álvaro; Alakija, George, and Nery, Gabriel Cedraz. Psicoses de Involução: Estudo clínico de 50 casos com vistas ao prognóstico. *Arq. de Neuro-Psiquiatria.*, v. 7(2), p. 179-210, 1949.
03. PIRES, Nelson; Novaes Filho, Érico; Castelo Branco, Alípio; Rubim de Pinho, Álvaro; Guerreiro, Manoel; Nery, Gabriel Cedraz, and Coelho, Jacques. Subdivisão Clínica do grupo das Esquizofrenias. *Arq. de Neuro-Psiquiatria.*, v. 91, p.56-58, 1951.
04. RUBIM DE PINHO, Álvaro. O diagnóstico da psicose maníaco-depressiva. Livro-docência, Tese. Salvador: Fac. Med.da Universidade da Bahia. 1955.
05. VEIGA, E. P.; RUBIM DE PINHO, Álvaro. Contribuição ao estudo do maconhismo na Bahia. *Rev. Neurobiologia*, Recife, v. 25, n. 1, p. 38-68, 1961.
06. RUBIM DE PINHO, Álvaro. "As funções cognitivas dos epiléticos". Salvador: Tese Fac. Med. da Bahia, 1965.
07. RUBIM DE PINHO, Álvaro. Tratamento Hospitalar do Paciente Internado: Terapêuticas Farmacológicas e Biológicas. *Anais do VIII Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental*, p. 93-102, 1967.

08. Garcia, J. Alves; Di Lascio, Arnaldo; Fernandes, Irmair; RUBIM DE PINHO, Álvaro; Martins, Clóvis; Santaella, Antônio. Simpósio sobre aspectos psiquiátricos e sociais da Epilepsia: III-Aspectos Psiquiátricos e Sociais. *Rev.Brasileira De Psiquiatria.*, v.1, n.2, p. 147-181, 1967.
09. RUBIM DE PINHO, Álvaro; Lessa, Luís Meira; Bloisi, Silvia; Ramos, Uraci S.; D'Almeida, Waldeck. Fatores sócio-culturais nas depressões. *Rev.Brasileira De Psiquiatria*, v. 3, n.1, p. 63-96, 1969.
10. RUBIM DE PINHO, Álvaro. A Visão Psiquiátrica do Misticismo. *Dialogo Médico: Misticismo e a Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 21-24, 1975.
11. RUBIM DE PINHO, Álvaro. Esquizofrenia hoje. *Rev. Neurobiologia*, Recife, v.39, Supl., p.9-16, 1976.
12. RUBIM DE PINHO, Álvaro. O Cultural e o Histórico no campo do Delírio. *Bol. CEPP (Boletim do Centro de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria)*, São Paulo, v.1, n.3, 1983.
13. RUBIM DE PINHO, Álvaro. O papel do psiquiatra no hospital geral. *Bol.Psiq. SP*, v. 16, n.3, p. 115-121, 1983.
14. RUBIM DE PINHO, Álvaro. O delírio depressivo. *Bol. CEPP (Centro de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria)*, São Paulo, v. 2, n.1, p. 5-12, 1984.
15. Almeida Filho, Naomar de; Santana, Vilma S.; RUBIM DE PINHO, Álvaro. Estudo Epidemiológico dos Transtornos Mentais em uma População de Idosos, Área Urbana de Salvador - BA. *J. Bras. Psiquiat.*, v.33, n. 2, p. 114-20. 1984.
16. RUBIM DE PINHO, Álvaro. Aspectos da Medicina Informal em Algumas Áreas Culturais Brasileiras. *Rev. Psiquiat. Clin. São Paulo*, v.12, n.3/4, p. 93-95, 1985.
17. RUBIM DE PINHO, Álvaro. Epilepsia e agressão: aspectos psiquiátricos e criminais. *Rev.Psiquiat. Clin. São Paulo*, v.13, n. 1-4, p. 28-32, 1986.

Leituras recomendadas

- COUTINHO, Domingos; SABACK, Eduardo. O histórico da Psiquiatria na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, p.210-218, jul.dez. 2007.
- PICCININI, Walmor. Rubim de Pinho. História da Psiquiatria. *Psychiatry on line Brasil*, v. 9, n.2, p.1-5, fev. 2004.
- RUBIM DE PINHO, Solange Tavares. Álvaro Rubim de Pinho. História da Psiquiatria. *Psychiatry on line Brasil*, v.12, n. 10, out. 2007.

FERNANDO FREIRE DE CARVALHO LUZ
(09/11/1916 – 05/1995)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CIRURGIA

Fernando Luz nasceu em Salvador, a 9 de novembro de 1916, filho de Maria Luiza Freire de Carvalho e Euvaldo Luz, desembargador.

Aprendeu as primeiras letras com sua mãe, que lhe ensinou também francês e inglês. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1932, pela qual foi diplomado em 1937, 121ª turma, colega de Jayme Vianna e Stella Medeiros, professores da Fameb (TAVARES-NETO, 2008).

Logo após a formatura deu início, com sucesso, à prática médica em consultório particular. No ano seguinte à graduação, 1938, foi exercer a prática como cirurgião no antigo Pronto Socorro da Bahia, depois Hospital Getúlio Vargas, nele permanecendo até 1953. De 1942 a 1951 foi o Cirurgião Chefe do Serviço de Cirurgia do Hospital Santa Izabel e, no Hospital Português, trabalhou por mais de cinquenta anos (LEITE, 2011).

Começou a carreira acadêmica cedo, tendo sido Assistente de Ensino da 1ª Clínica Cirúrgica nos anos de 1939 e 1940. Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, foi cirurgião da Base Baker, da Marinha dos Estados Unidos, em Salvador. Em 1943, foi para os Estados Unidos, onde estagiou no Hospital Central da marinha norte-americana. Regressando à Bahia, trouxe consigo a técnica e os reagentes necessários à identificação do fator Rh e, em colaboração com o hematologista Estácio Gonzaga, ambos realizaram a primeira transfusão sanguínea com a determinação do fator Rh.

Durante os anos de 1945 e 1946, voltou aos Estados Unidos, onde estagiou na Universidade de Columbia, Nova York. Ao concluir o estágio, inaugurou, na Bahia,

novas técnicas cirúrgicas, tais como a dissecação radical do pescoço (para o tratamento do câncer da tireoide), a esofagectomia (para tratamento do câncer do esôfago e da estenose cáustica), a mastectomia suprarradical, a gastrectomia total (para tratamento do câncer gástrico), a colectomia D e E (para tratamento do câncer do intestino grosso) e outras mais.

Em 1954 prestou concurso para Livre Docência e, em 1963, para a cátedra da 1ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da UFBA. Suas atividades na vida acadêmica foram intensas e extraordinárias: examinou vinte e cinco concursos, exerceu a cátedra com brilhantismo e publicou mais de sessenta trabalhos em periódicos científicos do Brasil e do exterior. Introduziu uma nova técnica no tratamento cirúrgico da esquistossomose grave, com filtração sanguínea extracorpórea: “injetava tártaro no sistema sanguíneo do paciente com esquistossomose e depois seccionava a veia hépato-esplênica, que leva o sangue do intestino ao fígado. O sangue era filtrado durante uma hora e depois devolvido ao corpo do paciente. O tártaro desalojava os parasitas das veias e eles eram retirados na filtragem” (FERNANDO, 2005).

Proferiu conferências, inclusive sobre o tratamento cirúrgico da esquistosomiase, em diversos centros médicos do Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Itália (SILVEIRA, 2003). Os últimos anos da sua existência foram dedicados à construção, instalação e funcionamento do Hospital Aliança, considerado, na época o melhor do Norte e Nordeste do Brasil.

Faleceu em maio de 1995, aos 79 anos de idade.



Leituras recomendadas

LEITE, Geraldo. Fernando Freire de Carvalho Luz. Médicos ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 29 de janeiro de 2011. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/125-fernandi-freire-de-carvalho-luz.html>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.

SILVEIRA, Geraldo Milton da. Quatro grandes cirurgiões, quatro diferentes personalidades. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 12, julho de 2003.

JOÃO JOSÉ DE ALMEIDA SEABRA
(19/03/1910 - 1995)



j

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA CLÍNICA PROPEDEÚTICA CIRÚRGICA

“Jones” Seabra nasceu em Salvador, no dia 19 de março de 1910, filho de D. Andreolina Patury do Couto Seabra e Caetano Emílio do Couto Seabra (PROFESSOR JOÃO, s/d).

Foi Interno da cadeira de Clínica Cirúrgica, em 1930-1931, e aluno laureado com o Prêmio Manoel Victorino Pereira, por ter obtido a maior média global nas disciplinas durante todo o curso médico. Foi também laureado, juntamente com o colega Catão Newton Costa Pinto Dias, com o Prêmio Alfredo Brito para o aluno que se destaca em Pesquisa (TAVARES-NETO, 2008).

Diplomou-se em Medicina em 24 de outubro de 1931, 115ª Turma da Faculdade de Medicina da Bahia (TAVARES-NETO, 2008), no Terreiro de Jesus, turma de mais dois catedráticos: Alexandre Leal Costa e Edgard Pires da Veiga (ver nesta galeria).

Começou sua carreira docente como Assistente Honorário (Extranumerário), sem direito a vencimentos, da cadeira de Anatomia, em 1932. Em 1935 foi nomeado Assistente para a cadeira de Microbiologia. Docente Livre em Anatomia em 10 de novembro de 1935 e em Microbiologia no ano de 1937 (PROFESSOR JOÃO, s/d). Segundo José Silveira (1980), “o hoje notável Professor João José Sebara” (p.114) foi discípulo do Prof. Antônio Ignácio de Menezes, da cadeira de Medicina Operatória, também chamada de Anatomia Topográfica.

Em 1941 foi chefe de Laboratório de Microbiologia e Docente Livre da cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental por concurso, em 1943. Nesse mesmo ano, também por concurso, obteve o título de Professor Catedrático de Clínica Propedêutica

Cirúrgica, aos 33 anos, nomeado pelo decreto de 09 de novembro de 1943. Tomou posse e assumiu em 11 de dezembro daquele ano (PROFESSOR JOÃO, s/d).

Lecionou também a cadeira de História Natural no Ginásio Nossa Senhora da Vitória. Lecionou a mesma cadeira no Liceu Salesiano de Salvador, no Instituto Sofia Costa Pinto e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, ensinando também neste último a cadeira de Higiene. Foi Professor Catedrático de Zoologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, tendo sido Chefe do Departamento de História Natural (1949-1952) (MAGALHÃES DA SILVA, 2010).

Foi, a partir de 1935, Cirurgião Honorário do Hospital Santa Izabel (*Ibidem*).

Em 1970, passou a exercer a Cátedra no Instituto de Ciência da Saúde (ICS) da Universidade Federal da Bahia, criado com base na Reforma Universitária de 1968 para assumir o ciclo básico dos cursos na área da Saúde, ficando a FAMEB apenas com o ciclo profissionalizante do curso médico. Com o fim da cátedra tornou-se Professor Titular no ICS.

Este memorialista o conheceu em 1973, tendo sido seu professor de Neuroanatomia. Brillhante, desenhava as estruturas no quadro com o talento de um artista plástico.

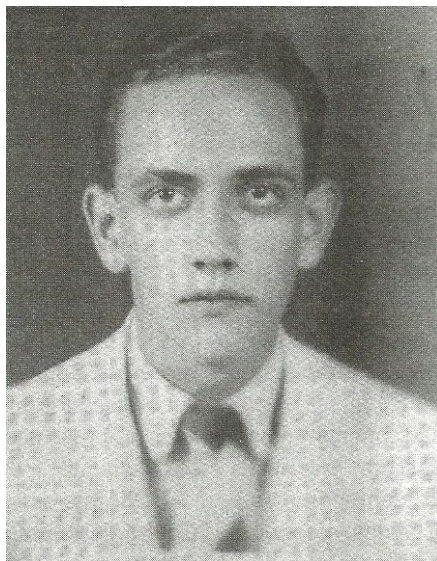
Prof. João José de Almeida Seabra ou, na linguagem do afeto, simplesmente, “Jones” Seabra, foi Professor Emérito da UFBA a partir de 1981 até seu encantamento em 1995.



Leituras recomendadas

MAGALHÃES DA SILVA, Vanessa. *No Embalo das Redes: Cultura, Intelectualidade, Política e Sociabilidades na Bahia (1941-1950)*. [Dissertação. Programa de Pós-graduação em História]. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Dissertacao_Vanessa_Magalhaes_da_Silva.pdf . Acesso em 31/12/2012.

PROFESSOR JOÃO José de Almeida Seabra. [Ficha docente com dados biográficos]. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d. 2pág.

JESSÉ SANTIAGO ACIOLY LINS (JESSÉ ACCIOLY)**(21/09/1921 – 24/07/1996)****PROFESSOR DE PROPEDÊUTICA MÉDICA**

Jessé Accioly (como ele queria seu nome grafado com dois “c”) nasceu na cidade de Porto Calvo, Alagoas, em 21 de setembro de 1921, filho de D. Julieta Santiago Acioly Lins e Professor Aristeu Acioly Correia Lins.

Em 1939, já em Salvador, onde seu pai era Inspetor Federal no Estado da Bahia, concluiu o curso secundário no Instituto Bahiano de Ensino. Em 1941 concluiu o curso complementar no Colégio da Bahia (o “Central”), atual Colégio Estadual da Bahia no bairro de Nazaré.

Em fevereiro de 1942 prestou concurso de habilitação ao curso de medicina da FAMEB e, em março de 1942, já cursava o 1º ano do curso médico.

Em 1946, quando cursava o 5º ano, Jessé Accioly fez uma surpreendente descoberta, o mecanismo da herança da anemia falciforme, tendo publicado o trabalho nos *Arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia*, também denominada como *Tertúlias Acadêmicas* (ACCIOLY, 1947). Retornaremos mais adiante a essa incrível descoberta de um acadêmico.

Na 6ª série do curso, ele optou pelo curso equiparado de Clínica Psiquiátrica, ministrado pelo Prof. Luiz Cerqueira, Docente Livre, em vez do Professor Catedrático, Mário Carvalho da Silva Leal (1878-1954). Nessa escolha, ele demonstrou um interesse pela Psiquiatria, a qual, muito depois de formado e ter se destacado na Clínica Médica, o levaria a mudar de especialidade, tornando-se um expoente da Análise Transacional,

uma teoria da personalidade e uma psicoterapia sistemática para o crescimento e a mudança pessoal, criada pelo psiquiatra canadense Eric Berne em 1958 (PASSOS, 2013; PATTO, 2009).

Colou grau em 13 de dezembro de 1947, 131ª turma da FAMEB (TAVARES-NETO, 2008). Não temos a data da entrada na carreira docente, mas o Prof. Jessé Accioly ensinou na Clínica Propedêutica. Segundo o testemunho do então aluno José Tavares Neto, Jessé Accioly foi “brilhante Professor de Semiologia, e Clínico reconhecido pelos seus pares no Hospital das Clínicas, onde por quase um quartel de século ensinou a arte da história e do exame clínico e com ávidos alunos pelos seus brilhantes ensinamentos, fui um deles” (TAVARES-NETO, 2010, p.6).

No início dos anos 60 do século passado ele se especializou em Psiquiatria, tendo estudado na Espanha. Em Buenos Aires fez curso de Análise Transacional e a introduziu aqui, sendo inclusive fundador da Associação Baiana de Análise Transacional (ASBAT).

Para além da Medicina, Jessé Accioly foi pintor, com exposição de quadros na Teresa Galeria de Arte, inaugurada em 17 de maio de 1979, com o nome “Os caminhos da Abstração” (TAVARES-NETO, 2010).

O encantamento de Jessé Accioly se deu em Salvador no dia 24 de julho de 1996, aos 75 anos incompletos.

Em 2010, o Prof. José Tavares Neto, editor da revista *Gazeta Médica da Bahia* da FAMEB, convidou o Prof. Gildásio Daltro, Chefe do Departamento de Cirurgia Experimental e Especialidades Cirúrgicas da FMB-UFBA, como Editor-convidado para prestar uma homenagem em um número especial sobre a anemia falciforme e o pioneirismo do Prof. Jessé na descoberta do mecanismo de herança dessa doença (DALTRO, 2010).

O mérito do acadêmico Jessé Accioly teria ficado invisível se não fosse a determinação e competência da Profª. Eliane Azevêdo. Renomada geneticista, de prestígio internacional, a nossa atual Professora Emérita da UFBA, quando voltou de seu doutorado nos EUA e criou o Laboratório de Genética Médica no 6º andar do Hospital das Clínicas, foi procurada pelo Prof. Jessé, que lhe deu de presente uma cópia de seu trabalho publicado na revista local, denominada *Tertúlias Acadêmicas*, como já referido. Ela constatou que “a descoberta de Jessé Accioly antecederia em mais de um ano a publicação de James Neel” (AZEVEDO, 2010, p.4). Esse famoso geneticista estadunidense, pesquisador da Universidade de Wisconsin, em Ann Arbor, Michigan,

era reconhecido como o descobridor do mecanismo de herança da anemia falciforme, com trabalho publicado na revista *Medicine* (26:115-153, 1947).

A Professora organizou todo o material que Jessé lhe tinha entregue e escreveu uma carta ao editor americano da mais conceituada revista em genética médica, o *American Journal of Human Genetics*. A carta foi publicada no volume 25, número 4, páginas 457-458, do mês de julho de 1973. Ela registra que contou na tradução para o inglês com a colaboração do prof. Gilberto Rebouças, presente nesta galeria de encantados (AZEVEDO, 2010).

A Professora Eliane diz com orgulho que, ao acompanhar a literatura internacional sobre a temática, nela aparece citado: “Neel e Accioly como descobridores do mecanismo de herança da anemia falciforme” (*Ibidem*). Oportuna foi esta publicação em 2010, como homenagem à descoberta do mecanismo de herança da anemia falciforme pelo Professor Jessé Accioly, que agora divide os louros com James Neel, pois, neste ano, foi comemorado o centenário da descoberta da doença Anemia Falciforme pelo Prof. James B. Herrick (TAVARES-NETO, 2010).

Para consagrar esse protagonismo científico do acadêmico Jessé Accioly, do 5º ano do curso médico da FAMEB, “que soube fazer da mente um laboratório de pesquisa tendo a ideia como objeto de trabalho” (AZEVEDO, 2010, p.3), por iniciativa do prof. José Tavares Neto, inspirado nessa ação de visibilidade do mérito feita pela Profª. Eliane Azevêdo, a Congregação aprovou, em 4 de setembro de 2012, o Prêmio Jessé Accioly para o melhor trabalho monográfico apresentado pelos alunos para obtenção do diploma de graduação em Medicina.

Leituras recomendadas

ACCIOLY, Jessé. Anemia falciforme – apresentação de um caso com infantilismo. *Tertúlias Acadêmicas*, 1947. 42 p. [Arquivo da Universidade da Bahia – Faculdade de medicina da Bahia 2: 169-198, 1947]

AZEVEDO, Eliane S. Historical Note on Inheritance of Sickle Cell anemia. *Am J Hum Genet*, v. 25, p. 457-458, 1973.

AZEVEDO, Eliane S. Comentários sobre a descoberta do mecanismo de herança da Anemia Falciforme. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n.3, p.3-4, Ago.-Out. 2010.

TAVARES-NETO, José. Nota histórica do Editor. Descobridor brasileiro do mecanismo de herança da anemia falciforme. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n.3, p.5-7, Ago-Out. 2010.

RENATO TOURINHO DANTAS
(02/11/1923 – 1996)



PROFESSOR TITULAR DE CIRURGIA (TÉCNICA OPERATÓRIA)

Nasceu em Salvador, no dia 2 de novembro de 1923, filho de Maria Mercedes Tourinho Dantas e João da Costa Pinto Dantas Júnior.

Completados os estudos preparatórios, em 1942, ele ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e graduou-se em 1947 (PROF. RENATO, s/d; CARREIRO, 1996).

Equivocadamente, a nosso ver, Tavares-Neto (2008, p.94) registra que o acadêmico Renato Tourinho Dantas teria se graduado em 1947 (TAVARES-NETO, 2008), com 18 anos. Se ele fosse dessa 129ª turma, ele tendo sido colega de Antonio Luiz Leal Serravalle, Durval da Gama Filho, Durval Pessoa Oliveira, Fernando Filgueiras, Miguel de Uzêda Villela e Nelson Madureira, que depois se tornaram professores da Faculdade. Colega também de Antonio Garcia Filho, um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe e José Galba de Araújo, reconhecido nacionalmente pelo trabalho de humanização na assistência obstétrica, denominando o Prêmio Galba de Araújo para laurear instituições da rede SUS que se destacam no atendimento materno-infantil (TAVARES-NETO, 2008). Sua turma, entretanto, pelos dados que dispomos, foi a 131ª, tendo sido colega de Jessé Accioli, presente nesta galeria, Dulce Sampaio Tavares e Walney Machado.

Casou-se em 9 de junho de 1956 com Maria Margarida Valente Pereira Dantas, tendo o casal quatro filhos (CARREIRO, 1996).

Em 1954, mediante concurso, Renato Tourinho Dantas se tornou Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, ocasião em que defendeu tese sobre “Estudo Anatômico-Cirúrgico do Sistema Veia Porta–Veia Renal Esquerda e Veia Cava Inferior” (LIMA, 1978; CARREIRO, 1996).

Essa tese, disse o Prof. Estácio de Lima “não se constitui uma simples revisão de assuntos, denota o equilíbrio do autor, tenacidade e comedimento. É uma contribuição ao tratamento cirúrgico da hipertensão portal, pelas anastomoses venosas” (LIMA, 1978).

Discípulo dedicado do Prof. Rodrigo Argolo, presente nesta galeria, que o estimulou em várias ocasiões de sua vida, dele diferiu em alguns aspectos. Destaca o Prof. Estácio de Lima (1978):

Argolo e Tourinho Dantas possuíam temperamentos diferentes. Aquele, maior extroversão; este, mais interiorizado. Ambos, porém síntonos com o ambiente. Um encontro de mestre e discípulo, utilíssimo. As pequenas diversidades temperamentais estimularam no aluno, depois companheiro, o prazer no estudo e a assiduidade na pesquisa.

Depois de ter sido médico estagiário, foi Diretor do Hospital de Pronto Socorro Getúlio Vargas, no Canela, em 1952, que depois foi desativado com a construção do Hospital Geral do Estado (HGE) na Avenida Vasco da Gama. Como cirurgião trabalhou no Hospital Santa Izabel, no IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (CARREIRO, 1996).

Em 1954, foi *Visiting Fellow* da Universidade da *Pennsylvania*, na Filadélfia, onde se aperfeiçoou na *Gastro Intestinal Clinic*, na *Hipertension and Adrenolectomy Clinics* e no Departamento de Cirurgia (CARREIRO, 1996).

Em 1958, prestou concurso para Livre Docência de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental. Nesse concurso defendeu a tese sobre “Dos Neuromas de Amputação” (LIMA, 1978; CARREIRO, 1996). Com a Livre Docência, foi nomeado Professor Adjunto de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental.

Em 1971 foi nomeado Vice-Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA, na gestão de seu mestre Rodrigo Argolo (1968-1972), quando se deu o desalojamento da FAMEB de seu prédio no largo do Terreiro de Jesus (TAVARES–NETO, 2008).

Em 1973, Prof. Tourinho Dantas foi nomeado Diretor da FAMEB (31º), na sucessão de seu mentor. Sua gestão foi de 1973 a 1977, quando se deu a inauguração do novo prédio da Faculdade no *campus* do Canela, importante por estar próximo do hospital universitário, mas que teve como consequência o abandono progressivo da sede da

escola no Terreiro de Jesus. A retomada da FAMEB do Terreiro de Jesus foi um processo difícil, efetivada na gestão do Prof. José Tavares Neto, quando, em 2003, obteve a aprovação da Congregação para transferir a administração da faculdade de volta para a sua sede *mater*.

Em 1980, submeteu-se ao concurso para Professor Titular de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, com a tese “Lesões Pancreáticas em Ratos Submetidos à Derivação Jejuno-Cólica” (CARREIRO, 1996).

Integrou diversas instituições científicas e culturais no país e fora dele. Foi membro da Academia de Medicina da Bahia e Presidente da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa em Cirurgia –SOBRADPEC - Regional Bahia, de 1990 a 1995 (CARREIRO, 2005). Entre as instituições do exterior, destacam-se o *American College of Surgeons*, o *International College of Surgeons in General Surgery* e muitos outros (LEITE, 2011).

Teve entre seus colaboradores o Prof. Alcílido Barretto de Carvalho, da turma de 1943 e Dr. Gilberto Argolo Abdala, de 1953. Entre seus discípulos estão dois professores da FAMEB: Mário Castro Carreiro e Ediriomar Peixoto Matos, da turma de 1977.2 (CARREIRO, 1996; TAVARES-NETO, 2008)

Faleceu em Salvador, no ano de 1996. O núcleo de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental que deixou estruturado na FAMEB, com a participação dos professores Mário Castro Carreiro e Pedro Hamilton Guimarães Macêdo, entre outros, é uma demonstração muito concreta do seu encantamento.

Leituras recomendadas

CARREIRO, Mário Castro. Homenagem Póstuma ao Prof. Renato Tourinho Dantas. *Acta Cirúrgica Brasileira*, Volume 11, número 4. São Paulo, 1996.

LIMA, Estácio de. Renato Tourinho Dantas. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, Salvador, v. 1, abr. 1978.

AUGUSTO DA SILVEIRA MASCARENHAS**(19/08/1916 – 19/05/1997)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE PROPEDEÚTICA MÉDICA**

Nasceu em 19 de agosto de 1916, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, filho de Leopoldina da Silveira Mascarenhas e Alfredo Mascarenhas, advogado, político, deputado estadual e federal.

Seus primeiros estudos foram realizados em Cachoeira, sua cidade natal. Com a mudança da família para Salvador, ele realizou o curso colegial no Colégio Estadual da Bahia.

Formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1939, 123ª turma, tendo sido colega de Cícero Adolpho da Silva, Felice Papaléo, Gerson de Barros Mascarenhas e Itazil Benício dos Santos (TAVARES-NETO, 2008), esse último presente nesta galeria.

Durante a sua vida universitária, participou da política estudantil, tendo sido um dos fundadores da União Nacional dos Estudantes (UNE). Logo após ser diplomado, continuou seus estudos, indo fazer Residência Médica em São Paulo.

Casou-se, em 1943, com Maria Jesuína Santos Mascarenhas, pianista clássica carioca. Com ela teve duas filhas: Tânia Mascarenhas Tavares, atual Professora Titular de Química Analítica da UFBA e Liana Santos Mascarenhas.

Fez sua formação em Cardiologia com o professor catedrático de Cardiologia da Escola Paulista de Medicina, Prof. Jairo Ramos. Em 1949, foi aprovado, em primeiro

lugar, no concurso para Professor Catedrático de Propedêutica Médica da UFBA, assumindo o cargo no início do ano seguinte (TEIXEIRA, 1999).

Em 1953, foi médico concursado do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários (IAPC). Conciliou as atividades universitárias com seu trabalho no consultório, onde atendia nas especialidades de Clínica Geral e de Cardiologia.

Foi muito atuante, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Presidiu o XI Congresso Brasileiro de Cardiologia, realizado em Salvador de 4 a 7 de julho de 1954. Publicou vários trabalhos sobre a sua especialidade, destacando-se, porém, os relativos à Eletrocardiografia. Participou do VI Congresso Interamericano de Cardiologia em 1960, no Rio de Janeiro.

Segundo Wolfvitch e cols. (2011), baseado em depoimento da prof^a Tânia Mascarenhas Tavares, filha de Augusto Mascarenhas, o professor foi, acima de tudo, um docente dedicado à graduação, “ao contrário do que se vê nos dias atuais, em que a grande preocupação de alguns docentes é a pesquisa e a pós-graduação” (p. 138). Por outro lado, e não significando uma contradição, ele, como Reitor, muito contribuiu para a implantação do Mestrado de Medicina Interna e de outros, na Universidade.

Como Catedrático de Propedêutica, há um testemunho crítico: “Augusto Mascarenhas acenou grandes esperanças, correspondidas no início. Reuniu uma equipe de assistentes, selecionados com especial cuidado. Na época [de 1949-1950] deu outra feição ao ensino de Propedêutica” (p.164). No período de 1951-1954, diz o memorialista Rodolfo Teixeira: “Augusto da Silveira Mascarenhas continuou a ensinar a Propedêutica Médica, sem conseguir, contudo, manter o grupo que ele havia escolhido” (TEIXEIRA, 1999, p.209). Cita, como exemplo, o Prof. Halil Medauar que, desamparado financeiramente, deixou a carreira universitária e o lugar de Assistente na Propedêutica. “Assim, a disciplina diminuiu o seu padrão de eficiência” (*Ibidem*).

Foi o 6º Reitor da Universidade Federal da Bahia, no período de 1975 a 1979. Um dos objetivos de seu reitorado foi organizar e consolidar os *campi* universitários do Canela, da Federação e de Ondina. Ele também destacou a função Planejamento, visando à modernidade da gestão acadêmica por ele implementada (*Ibid.*).

O Reitor não esqueceu sua cidade natal, pois em seu reitorado foi implementado o projeto de Desenvolvimento Integrado de Cachoeira (Integração Ensino-Serviço), oferecendo a essa cidade do Recôncavo Baiano melhores condições de educação, de preservação de seus bens culturais e estímulo às suas atividades econômicas (WOLFOVITCH et al., 2011).

Ainda como Reitor, prestou inestimáveis serviços a Feira de Santana por iniciativa própria, dando apoio logístico à Universidade Estadual de Feira de Santana durante os primeiros meses de seu funcionamento. No fim de sua gestão, o professor Mascarenhas inaugurou, no campus de Ondina, o Restaurante Universitário para todos os estudantes da UFBA, fato relevante diante do reduzido valor cobrado pelas refeições (WOLFOVITCH et al, 2011).

O Professor Edvaldo Brito, advogado, professor e reconhecido tributaristas, em artigo publicado em 03 de março de 2006 no jornal *A Tarde*, ao revelar um acontecimento de sua vida, retrata um importante traço do caráter do Prof. Augusto Mascarenhas: “Por muitos anos, dentre dezenas de professores da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, fui o único negro. O fato deve-se a falta, ao negro, de possibilidades para obter os instrumentos de ascensão social (...). No caso, qualquer motivo formal aparente, foi justificativa para o obstáculo. O sábio Orlando Gomes, meu pai intelectual, já não vive mais, senão testemunharia as agruras por que passei até o meu ingresso na faculdade. Aprovado em concurso de títulos, houve empates e desempates em favor de outrem. (...) Calmon de Passos, (...) lhe devo corajosa postura, quando, na congregação, ameaçou pedir esmolas à porta da igreja de São Francisco, pois o reitor alegava, falsamente, falta de dinheiro para as passagens dos professores [que] viriam de fora. A pressão fez realizado o certame: fui aprovado em primeiro lugar, e ele não me nomeou. *O ato ocorreu pelas mãos do vice-reitor em exercício, o intemorato Augusto Mascarenhas, por discordar da injustificável e injusta demora e, sobretudo, por conhecer os lances do concurso* (apud LEITE, 2011; grifo nosso)

O seu encantamento se deu na cidade do Salvador, Bahia, no dia 19 de maio de 1997.

Leitura recomendada:

LEITE, Geraldo. Augusto da Silveira Mascarenhas. Salvador, 20 de janeiro de 2011. Extraído de: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/augusto-da-silveira-mascarenhas.html>. Acesso em: 13/01/2013.

WOLFOVITCH, Clara; VIANA, Nadja Valverde; MARINHO, Paulo R.; VARELA, Aida Varela. Augusto Mascarenhas (1975-1979). In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; VARELA, Aida Varela (orgs.). *Reitores da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2011.

OPHELIA DOS SANTOS BRITTO
(22/09/1912 - 1998)



PROFESSORA ASSISTENTE DE ANATOMIA E ADJUNTA DE BIOQUÍMICA

Nasceu Belmonte, cidade no Sul da Bahia, em 22 de setembro de 1912, filha de Antônio Félix da Cunha Britto. Muito cedo, transferiu-se para Salvador, onde concluiu seus estudos secundários, no Instituto Bahiano de Ensino e no Ginásio S. Salvador, bacharelando-se em Ciências Físicas e Naturais (GAUDENZI, 2012).

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1931, graduando-se em Medicina no ano de 1936, 120ª Turma (TAVARES-NETO, 2008), após estágios de Clínica Médica e de Ginecologia (GAUDENZI, 2012), tendo sido colega de Carlos Alberto Passos, um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Natal, atual Famed da UFRN; Luiz Pedreira Torres, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Famed da UFRJ; Urcício Santiago, 5º Presidente da Academia de Medicina da Bahia (1970-1974) e um dos treze fundadores da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; e Trípoli Francisco Gaudenzi (TAVARES-NETO, 2008), colega e depois marido, também presente nesta galeria.

De início, clinicou no interior, em municípios do sudoeste do Estado, fixando-se em seguida, na capital, Salvador, onde ensinou Biologia em vários estabelecimentos do ensino secundário. Demonstrando, desde cedo, tendência para a clínica e o magistério, abriu consultório da especialidade e, convidada, foi servir na Faculdade de Medicina da Bahia. Em 09 de maio de 1938 foi aprovada como Assistente na cadeira de Química

Orgânica do 1º e 2º ano do Curso Complementar da FAMEB. Em 9 de maio de 1939 foi *Assistente da cadeira de Anatomia*. Em 3 de julho de 1956 foi Assistente de Química Fisiológica, que, em 1968, passou a ser denominada de Bioquímica. Tornou-se *Professora Adjunta de Bioquímica* em 1982, já lecionando no Instituto de Ciência da Saúde (AZEVEDO & FORTUNA, 2012).

Tavares-Neto (2008) refere à Professora Ophelia Gaudenzi como a terceira professora da FAMEB (p.183), no entanto, entre as médicas docentes ela é a nona, pois, se levarmos em conta as “Parteiras” que foram também Auxiliares de Ensino, ela seria a décima quinta (FORTUNA & AZEVEDO, 2011). Foram professoras as seguintes médicas, com o respectivo ano de entrada como docente na Faculdade: Francisca Barreto Prager (1893), Gláfira Corina de Araújo (1895), Maria Odília Teixeira (1914), Carmem Mesquita (1931), Maria José Salgado Lages (1932), a primeira mulher Livre Docente da FAMEB, Angélica de Almeida Monteiro (1933), Cleonice Assumpção Alakija (1933), Noélia Augusta da Silva (1934) e Ophelia dos Santos Britto (1938). Carmen Mesquita, Maria José e Maria Odília também estão presentes nesta galeria.

Ophelia se casou em 1939, com o Prof. Trípoli Francisco Gaudenzi, passando a chamar-se **Ophelia Britto Gaudenzi**. Em suas ‘recordações’ da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, Margot Lobo Valente (2008), assim refere a sua Professora de Anatomia, naquele momento (1951-1956): “Doutora Ophelia Gaudenzi. Morena, bonita, sorriso doce, tão delicada e feminina, marcou minha formação médica com sua presença encantadora” (VALENTE, 2008, p. 37).

Ela, como já referido, transferindo-se da Cadeira de Anatomia, veio a ser Assistente e, por fim, Professora-Adjunta de Bioquímica já no Instituto de Ciências da Saúde (ICS), criado com a reforma universitária de 1968.

Juntamente com o Prof. Trípoli Gaudenzi, usufruiu de bolsas de estudo em Paris e em Madri, voltadas tanto para o setor de Bioquímica Médica, que se tornou sua área de docência, mas também para a Clínica Ginecológica, especialidade que exerceu por muitos anos em sua clínica particular (GAUDENZI, 2012).

No ICS da Universidade Federal da Bahia, ensinou por longos anos, acumulando, com as atividades de ensino, eficientes e um exemplo de pontualidade e dedicação em sala de aula, a responsabilidade da Chefia do Departamento de Biofunção e outras funções administrativas, que exerceu com equilíbrio e competência, em várias

oportunidades (*Ibidem*). Estas qualidades foram testemunhadas por este memorialista como aluno da Prof.^a Ophélia.

Seus colegas e a diretoria do ICS lhe prestaram uma justa homenagem após sua aposentadoria, em 1982, apondo o seu nome a um novo auditório, recém-inaugurado, dentro de um plano de remodelação do Instituto.

Seu encantamento se deu em 1998. “Após 60 anos juntos, numa feliz e abençoada união, deixou Dra. Ofélia Gaudenzi seu companheiro de todas as horas e quatro filhos: Trípoli Francisco, Sérgio Mauricio, Carlos Alberto e Eliana Maria”. Deixou também “o exemplo a ser seguido: de uma vida toda dedicada ao bem e ao exato cumprimento do dever” (GAUDENZI. 2012).

ITAZIL BENÍCIO DOS SANTOS**(28/11/1917 – 14/12/1998)****PROFESSOR TITULAR DE RADIOLOGIA**

Itazil Benício nasceu em Itabuna, Bahia, no dia 28 de novembro de 1917, filho de D. Adelaide Silva Santos e Francisco Benício dos Santos, que, em companhia de outros sergipanos, deixou Vila Cristina, para fundar na Bahia a cidade de Itabuna (LEITE, 2011). O filho de Francisco, com orgulho, em 1987, declarou: “É um privilégio viver em Salvador, mas privilégio maior, verdadeira prerrogativa, é ter Itabuna como berço estremecido e amável” (BENÍCIO DOS SANTOS, 1987).

Ainda estudante, Itazil foi auxiliar do serviço de Raio X da FAMEB, sob a direção do Prof. José Silveira (BARP, 2006). Formou-se em 1939, ano da 123ª turma da FAMEB (TAVARES-NETO, 2008). Especializou-se em Radiologia na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, no curso ministrado pelo Prof. Duque Estrada (BARP, 2006). Fez doutorado na FAMEB, em 1945 e a Livre Docência de Radiologia Clínica na Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1950.

Em 1972, por concurso, tornou-se Auxiliar de Ensino na disciplina Biofísica do Instituto de Ciências da Saúde (ICS)-UFBA. Com a extinção das Cátedras pelo Decreto Lei n. 53, de 18/11/1965, e a criação dos Departamentos, o topo da carreira docente tornou-se o cargo de Professor Titular. Desse modo, também por concurso, Itazil

Benício foi aprovado como Professor Titular de Radiologia Clínica da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, em 1974, com nota dez (10) em todas as provas. Foi o primeiro Titular de Radiologia em universidades federais no país (COSTA, 1999).

No seu campo, produziu vários trabalhos, com ênfase no diagnóstico por imagem de patologias do aparelho respiratório e depois dos sistemas digestório e cardiovascular, apresentados em congressos nacionais e internacionais, com destaque aos seguintes trabalhos: Radio-semiologia da cisura oblíqua do pulmão, em 1942; Exploração radiográfica das áreas pneumáticas da pirâmide pétérea, em 1945 [Tese de Doutorado - FAMEB]; Bases anátomo-técnicas de simples projeção radiológica do rochedo, em 1949; Contribuição à propedêutica fisiorradiológica intestinal, em 1951; Roentgen-diagnóstico dos colos – Colopatias clínicas, em 1958; Lições de radiologia cardiovascular, em 1961; e Radiologia dos tumores abdominais na infância [Tese do Concurso para Professor Titular] (NOTA, 2008; BARP, 2006).

O Prof. Itazil foi Presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem, no biênio 1975-1977 (CBR, 2010). Foi Presidente da Delegação Brasileira no XVI Congresso Internacional de Radiologia, realizado em Honolulu e orador oficial da Delegação Brasileira, no II Congresso Luso-Brasileiro de Radiologia, em Lisboa (LEITE, 2011).

Seu filho com D. Adilza Pinto Benício dos Santos, Marcelo Benício dos Santos, seguiu a carreira do pai, inclusive no magistério, tendo assumido por concurso o cargo de Professor Titular com Dedicção Exclusiva (DE) da FAMEB-UFBA.

Dentro de uma tradição raramente interrompida na Bahia, o Prof. Itazil Benício se dedicou tanto às ciências quanto às letras, em particular à biografia, forma de conciliação entre a medicina e literatura. Seu primeiro trabalho foi “Vida e obra de Manoel de Abreu – o criador da Abreugrafia”, de 1963. Manuel de Abreu teve outros biógrafos, mas “o Prof. Itazil Benício dos Santos saiu na frente dir-se-ia, ao ser inovador em livro (...). O primeiro biógrafo é o desbravador dessa selva intrincada e misteriosa que é sempre a vida dos gênios” (AZEVEDO, 2012, p.122). Em 1968, escreveu “Vultos e fatos da medicina brasileira”. Em 1972, foi eleito por unanimidade de votos para a Academia de Letras da Bahia.

Em 1977, escreveu um livro “que faltava publicar” (Ernani Menezes in BENÍCIO DOS SANTOS, 2008), sobre a “Vida e Obra de Pirajá da Silva”, de 1977. Além de obra biográfica, é, ao mesmo tempo, um trabalho com informação histórica e divulgação

científica. O livro foi reeditado pelo Ministério da Saúde em 2008, na comemoração do centenário da descoberta do *Schistosoma mansoni*.

Em 1993, lançou o livro mais afastado da medicina, porém dentro de sua paixão pelo texto biográfico: “Jorge Amado — Retrato Incompleto” (BENÍCIO DOS SANTOS, 1993). O também médico Aramis Ribeiro Costa, no discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, destacou: “A biografia e o ensaio eram a sua especialidade nesta área.” E em particular sobre a biografia do nosso amado escritor, registrou: “Itazil deixa-nos, ao final da leitura do seu livro, a admirada sensação de uma difícil tarefa bem executada. Num estilo cativante e fluente, que nada recorda um sisudo cientista da radiologia, passeia pela vida, pelos romances, pelos personagens, pelas entrevistas de Jorge Amado, coloca-o inteiro e vivo nas suas páginas, traçando-lhe, na verdade, num primoroso ensaio biobibliográfico, um dos mais completos retratos do nosso maior escritor. Itazil Benício dos Santos, em tudo que fez, em tudo que escreveu, deixou-nos um legado de dedicação, integridade e competência” (COSTA, 1999).

O mestre Itazil Benício ficou encantado em 14 de dezembro de 1998. Há uma rua em Mata Escura, em Salvador, iluminada pelo seu nome.

Obras:

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Radio-semiologia da cisura oblíqua do pulmão*. Salvador: Edição da Imprensa Regina, 1942.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Exploração radiográfica das áreas pneumáticas da pirâmide pétreia*. [Tese de Doutorado. FAMEB] Salvador: Livraria Científica, 1945.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Bases anátomo-técnicas de simples projeção radiológica do rochedo*. Salvador: Livraria Científica, 1949.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Contribuição à propedêutica fisiorradiológica intestinal*. Salvador: Tipografia Beditina, 1951.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Roentgendiagnóstico dos colos – Colopatias clínicas*. Rio de Janeiro, 1958.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Lições de radiologia cardiovascular* (Coleção Medicina didática, direção do Prof. José Silveira). Salvador: Livraria Progresso, 1961.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Radiologia dos tumores abdominais na infância*. [Tese do Concurso para Professor Titular de Radiologia Clínica – FAMEB-UFBA] Salvador: Gráfica da Fundação Gonçalo Muniz, 1973.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil.. *Vida e obra de Manoel de Abreu – o criador da Abreugrafia*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1963.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Vultos e fatos da medicina brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1968.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Vida e Obra de Pirajá da Silva*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Através do tempo* [Coletânea de artigos e crônicas]. Salvador, 1979.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Jorge Amado. Retrato incompleto*. São Paulo: Record, 1993.

Leituras recomendadas

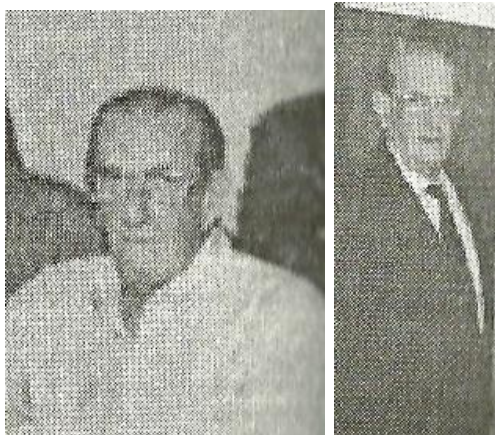
BARP, Ediana. *Introdução da Radiologia na Bahia: das primeiras lições na Faculdade de Medicina à criação de uma disciplina (1897-1974)*. [Mestrado em História da Ciência. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. São Paulo, 2006.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Jorge Amado. Retrato incompleto*. São Paulo: Record, 1993.

BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Vida e Obra de Pirajá da Silva*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

FERNANDO VISCO DIDIER

(09/12/1925 – 26/10/1999)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA CIRÚRGICA (2ª CADEIRA)

Nasceu em Salvador, Bahia, em 9 de dezembro de 1925, filho de D. Helenita da Silva Visco Didier e Dr. Fernando Didier (PROF. FERNANDO, s/d), médico formado em 1912.

Colou grau em Medicina na FAMEB em 15 de dezembro de 1949, 133ª turma, colega de Anita Guiomar Franco, professora da Fameb, iniciadora da Endocrinologia na Bahia; Maria da Piedade Pinto de Mello e Silva, professora da FAMEB; Heriberto Ferreira Bezerra, fundador da cadeira de Pediatria na Famed da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; João Miguel Mohana, médico, padre e escritor; Norival Sampaio, psiquiatra e professor da Fameb; Roberto Santos, professor catedrático de clínica Médica, 4º Reitor da UFBA (1967-1971), Governador da Bahia no regime militar (1975-1979), e Ministro da Saúde do governo Sarney (1986-1987); Geraldo de Sá Milton da Silveira e Luiz Fernando Macedo Costa (TAVARES-NETO, 2008), os dois últimos presentes nesta galeria.

Foi Interno da cadeira de Clínica Cirúrgica, nomeado em 10 de abril de 1949 até 14 de dezembro, pois se formou no dia seguinte (PROF. FERNANDO, s/d).

A partir de 1º de agosto de 1953 foi Médico Cirurgião contratado do Hospital das Clínicas. Sua ficha biográfica no Arquivo Geral da Fameb diz que foi em 1960 que ele se tornou Docente Livre para a cadeira de Clínica Cirúrgica, mas o Prof. Thomaz Cruz afirma que ele “era docente-livre desde 1957 – sua tese de então versou sobre colecistite aguda” (CRUZ, 2007, p. 300). Tornou-se Assistente e depois Professor de Ensino Superior em 20 de dezembro de 1960 (*Ibidem*).

Como refere o prof. Thomaz Cruz: “Mestre Didier tornou-se professor catedrático por concurso e com mérito em 1963, tendo defendido tese sobre o tratamento cirúrgico da hipertensão portal” (CRUZ, 2007, p. 300). Em 3 de fevereiro de 1964 foi nomeado Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica (2ª cadeira). Tomou posse em 25 de fevereiro do mesmo mês e ano.

Foi diretor do Hospital Espanhol, “hábil e íntegro” em todas as atividades administrativas que assumia (*Ibid.*). Segundo Thomaz Cruz, em três artigos que dedicou ao Prof. Fernando Didier e estão presentes no seu livro “Perfis do meu apreço” (CRUZ, 2007), o Mestre do bisturi criou uma verdadeira escola na cirurgia: “alunos e contemporâneos aprendiam com ele, seguiam-lhe o exemplo, beneficiavam-se de sua liderança”. Os professores mais próximos foram: *Augusto Márcio Coimbra Teixeira*, da turma de 1954; *Ernesto Simões da Silva Freitas Neto* e *Luiz Carlos Medrado Sampaio*, da turma de 1958; *Fernando Kleber da Silva Coelho*, de 1960; mas também, *Jehorvan Lisboa Carvalho*, de 1966; *Heitor Carvalho Guimarães* e *Jorge Luiz de Andrade Bastos*, de 1980.2, entre outros. Como refere o prof. Thomaz Cruz, são pessoas que, mesmo tendo luz e brilho próprios, reconhecem e agradecem a energia inicial que o Prof. Didier “gerou nelas” (*Ibid.*, p.295).

Prof. Rodolfo Teixeira, em sua memória histórica, destaca o papel do Prof. Didier na criação da Residência Médica, juntamente com os Professores Roberto Santos, Heonir Rocha e Waldir Medrado (TEIXEIRA, 1999, p.207-208). Esse devotamento à Residência Médica no Hospital das Clínicas é ressaltado também pelo Prof. Thomaz Cruz (2007, p.294).

Sobre a Cirurgia, tanto Teixeira quanto Cruz também destacam o papel do Prof. Fernando Visco Didier. Para o Prof. Rodolfo Teixeira (1999, p.210), a cirurgia evoluiu nos anos 50-60 como nunca havia acontecido antes na FAMEB. E isto se deveu em parte às condições que o Hospital das Clínicas proporcionava. Com a grave e crônica crise atual do hospital universitário, talvez para as gerações atuais fique muito difícil compreender isso, porém podemos dar um parâmetro para entender a importância do hospital em meados dos anos 60 do século passado: o HUPES era o hospital destacado para atender o Marechal Castelo Branco, em visita à Bahia, caso ele tivesse que ser internado por algum problema de saúde.

Mas o hospital somente não era suficiente para essa evolução da Cirurgia, se não fosse a ascensão de duas disciplinas da Clínica Cirúrgica, sob a responsabilidade de dois professores de Cirurgia de larga experiência, com clara inclinação para o magistério e

dotados de qualidades de liderança: os dois Fernandos, Fernando Visco Didier e Fernando Freire de Carvalho Luz, também presente nesta galeria. “Organizaram as suas unidades dando-lhes disciplina de trabalho, hierarquia funcional, programas e projetos, presença diária, vigilância sobre o que se fazia, agudo sentimento de responsabilidade e de respeito aos pacientes. Reuniram assistentes devotados e competentes. Criaram condições para que se constituíssem escolas cirúrgicas de excelência, introduziram novas técnicas cirúrgicas e procuraram novos horizontes” (TEIXEIRA, 1999, p, 210-211). Sobre o cirurgião Didier, diz Thomaz: “Cirurgião, foi um grande clínico. Corajoso, temerário, podem dizer, enfrentava casos aparentemente perdidos recusados por outros tão capazes. E venciam embates que beiravam a derrota. Cirurgião geral, digestivo, o cirurgião endócrino por excelência – nódulos e cânceres da tireoide, adenomas das paratireoides, das suprarrenais, do pâncreas, quantas alegrias usufruímos juntos localizando e retirando tumores ocultos para colegas de escol” (CRUZ, 2007, p.297-298).

Foi uma referência na Cirurgia Endócrina, tendo recebido da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia – Regional da Bahia e Sergipe uma merecida homenagem em outubro de 1998 (CRUZ, 2007, p.301-302)

Em 1968, de acordo com a reforma universitária, passou a ser Professor Titular (*Ibid.*). Em 1987-1988, foi Chefe do Departamento de Cirurgia, tendo respondido, como Substituto do Vice-diretor, pela direção da FAMEB em 1987. Em 1990, foi Vice-Diretor da Faculdade.

Aposentado em 14 de novembro de 1995, logo depois, recebeu o título de Professor Emérito da UFBA, aprovada a indicação pela Congregação por unanimidade (TAVARES-NETO, 2008; CRUZ, 2007).

Faleceu em 26 de outubro de 1999, ano que faria 50 anos de formado no dia 15 de março. Seu nome encanta uma rua no bairro da Federação, Salvador, Bahia.

Leitura recomendada:

CRUZ, Thomaz. Didier: sua ausência é uma grande perda e um enorme desafio. In: CRUZ, Thomaz. *Perfis do meu apreço*. Salvador, Edição do autor, p.299-302, 2007. 732p.

JOSÉ SILVEIRA
(5/11/1904 – 4/04/2001)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE TISIOLOGIA

Nasceu José Silveira em Santo Amaro da Purificação, BA, onde passou sua infância. Continuou os estudos em Feira de Santana e, depois, Salvador. Era filho de Maria Amália Silveira e Aprígio José da Silveira. Formou-se em 1927 pela Faculdade de Medicina da Bahia (111ª turma, a “turma dos notáveis da FAMEB”) e, no ano seguinte, defendeu a tese inaugural “Radiologia da Descendente” (TAVARES-NETO, 2008; MEIRELLES e cols., 2004), aprovada com distinção, sendo ele premiado com Medalha de Ouro por ser considerada a melhor monografia do ano.

Como Juliano Moreira, outro baiano, foi grande admirador da cultura germânica. O também tisiologista Aloysio de Paula ressaltou na solenidade de entrega da medalha “Cardoso Fontes” a Silveira que ele “sonhou em fazer uma Nuremberg na Bahia” (*apud* FERNANDES, 2009). Não por acaso, este homem alto e louro, assíduo, disciplinado, respeitador de horários e cumpridor de compromissos, ganhou o apelido de “Alemão do Canela”, nome de um de seus livros de memórias. Mas ele era “visceralmente baiano”, como gostava de dizer e esta foi a principal razão que o levou a recusar convites para trabalhar no Rio de Janeiro e até mesmo na Alemanha.

A radiologia foi o campo de inspiração de sua tese doutoral em 1927. Em sua primeira viagem à Alemanha, aprofundou seus conhecimentos tanto em radiologia quanto na disciplina que estudava um dos maiores flagelos da humanidade na época, a Tisiologia. Esta última transformou-se em sua opção profissional. Em 1928 iniciou sua

atuação prática como assistente dos professores Prado Valladares e Armando Sampaio e no Ambulatório Augusto Viana, da FAMEB.

Em 21 de fevereiro de 1937, criou em Salvador o Instituto Brasileiro de Investigação da Tuberculose (IBIT). Nele, desenvolveu a maior parte de suas atividades em Tisiologia. Essa instituição simbolizou sua concepção de que não se podia progredir sem que fosse criada uma base científica, seguindo as ideias do professor Ludolf Brauer, médico alemão, que muito o influenciou. Essa base científica, segundo ele, concretizava-se em institutos de pesquisa, em vez de sanatórios, para a institucionalização do controle da tuberculose. Pelo IBIT circulavam vários pesquisadores estrangeiros, organizando cursos e implantando setores de pesquisa e serviços no próprio Instituto, favorecendo o intercâmbio científico-cultural de outros países com a Bahia e outros estados brasileiros. Essa relação institucional permitiu ao IBIT a constituição de uma das mais completas bibliotecas do Brasil, especializada, principalmente, em tisiologia e pneumologia.

Em abril de 1947, iniciou um curto período, de menos de um ano, como Diretor do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Educação e Saúde do Governo do Estado da Bahia. Octávio Mangabeira, governador, e Anísio Teixeira, Secretário de Educação e Saúde, impressionados com os trabalhos do IBIT, convenceram Silveira a assumir aquele cargo. Em sua curta gestão na Saúde Pública, começou a estruturar o programa estatal de controle da Tuberculose, tendo sido depois Superintendente Regional da Campanha Nacional Contra a Tuberculose no estado. Uma de suas realizações mais relevantes, nesse curto tempo de direção da Saúde Pública na Bahia, foi a decisão de realizar a intervenção no único manicômio estatal existente até aquele momento em todo o estado, o Hospital Juliano Moreira. Convidou uma equipe de profissionais da capital federal, coordenada pelo Dr. Oswaldo Camargo, contando também com a presença do competente médico psiquiatra Elso Arruda (JACOBINA, 2010).

Quando, em 1990, aos 86 anos, foi indagado se criaria novamente uma instituição como o IBIT, de modo enfático e visivelmente orgulhoso, respondeu que não, por considerá-la "o desafio de um louco". Explicou que, na ocasião, era uma pessoa pobre, que não tinha prestígio social e ainda não pertencia ao quadro acadêmico da universidade, requisitos importantes, segundo ele, para a realização de tal empreendimento em nosso país (FERNANDES, 2009).

Além do IBIT, manteve a sua carreira docente. A partir de 1950, passou, por concurso de provas e títulos, a professor catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia. Ensinou também na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, onde foi também professor catedrático de Tisiopneumologia. Ensinou na Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia. Com a aposentadoria, a Congregação da FAMEB indicou e o Conselho Universitário aprovou seu nome como Professor Emérito da UFBA.

Além das atividades no IBIT e da atuação acadêmica, José Silveira dedicou-se também ao atendimento em seu consultório particular, onde atuou durante toda a sua vida profissional. Foi dirigente médico, tendo sido um dos fundadores e 3º Presidente (1946-1949) da Associação Bahiana de Medicina (ABM). Foi o 7º Presidente (1975 - 1979) da Academia de Medicina da Bahia. Organizou e participou de inúmeros congressos e seminários nacionais e internacionais, apresentando trabalhos em Tisiologia. Seus contatos com as instituições médicas internacionais consolidaram-se, principalmente, por meio de assinatura de periódicos e filiação a essas instituições.

Adepto da BCG, Prof. Silveira desenvolveu no IBIT pesquisas sobre o uso da vacina juntamente com Arlindo de Assis, grande difusor e pesquisador dessa vacina no Brasil. Defendeu o uso da abreugrafia para a busca ativa de casos de tuberculose, dado o grave quadro epidemiológico da doença no país. Com certo saudosismo, questionou até o fim de sua vida o desaparecimento da figura do Tisiólogo, como profissional especialista no controle da tuberculose, doença que pareceu perder a importância naquele momento, com a introdução da quimioterapia antibiótica e a simplificação do tratamento da doença.

Na década de 1980 foi criado o Hospital do Tórax, anexo ao prédio do IBIT. Esse hospital foi, posteriormente, transformado no Hospital Santo Amaro, dedicado ao atendimento materno-infantil. Ainda nos anos 80, o IBIT foi incorporado à então recém-criada Fundação José Silveira, financiada pela iniciativa privada. Esta fundação é hoje composta pelo Hospital Santo Amaro, pelo Laboratório Ludolf Brauer, pelo Núcleo de Toxicologia e Ambientes e pelo Centro de Saúde Ocupacional, cabendo ao IBIT a atuação de cunho filantrópico.

A literatura constituiu-se também uma de suas atividades e, como escritor, dedicou-se a retratar em suas publicações, geralmente autobiográficas, seus sonhos, realizações e sua compreensão de vida. Como memorialista, produziu 15 livros, com destaque para a trilogia autobiográfica - *Vela Acesas*, de 1980, seguida de *O Neto de Dona Sinhá*, 1985, e concluída com *O Alemão do Canela*, em 1988.

“Vela acesa” transcende os limites de um livro de memória para ser um testemunho de uma época. O escritor e amigo Jorge Amado, no prefácio, afirmou: “O livro de Mestre Silveira narra memórias, não reinventa uma realidade, não é ficção, é testemunho, documento a marcar uma época vivida em constante luta por um dos homens que a construíram no que ela tem de mais permanente” (AMADO, 1980, p. 12). Outro destaque é “No Caminho da Redenção”, de 1988. Nele, o memorialista descreve vários acontecimentos ocorridos no prédio da escola *mater* do país, no Terreiro de Jesus, e representou ‘um grito em defesa deste patrimônio brasileiro’, como afirmou o Professor José Calasans (SILVEIRA, 1988). Em 1994, Silveira publicou seu último livro: “Uma Doença Esquecida: A História da Tuberculose na Bahia”. Com méritos, portanto, foi membro titular da Academia de Letras da Bahia (JACOBINA, 2011).

Sua esposa, de origem grega, esteve sempre ao seu lado no IBIT, trabalhando junto às famílias dos tuberculosos pobres. Ela criou a Escola do Menino Jesus, inicialmente voltada para o atendimento aos filhos de tuberculosos e que hoje atende a crianças pobres da redondeza. Em Santo Amaro, cristalizou sua trajetória de menino pobre a médico renomado com a criação de um centro cultural, o NICSA – Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro, instalado no sobrado onde passou sua infância, voltado para o desenvolvimento cultural das crianças. Para lá levou as medalhas e os símbolos que significam para ele a possibilidade de ascensão social do indivíduo que nasceu pobre.

O Prof. José Silveira faleceu em 4 de abril de 2001, mas continua encantado nas suas obras de memorialista e, sobretudo, nas instituições que criou ou inspirou, em sua maioria sob a administração da Fundação José Silveira.



José Silveira na formatura em 1927. Medalha de Ouro.

Leituras recomendadas

FERNANDES, Tânia Maria Dias. José Silveira. Resenha Biográfica. *Memória da Tuberculose*. COC/Fiocruz, 1990. Extraído em: <http://www.coc.fiocruz.br/tuberculose/josesilveira.htm#resenha>. Acesso em 30 de abril de 2009.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. A Intervenção no Hospital Juliano Moreira em 1947: Entrevista com o Prof. José Silveira. *Revista Baiana de Saúde Pública*. Salvador, v. 34, n. 1, p. 175-186, 2010.

SILVEIRA, José. *Vela acesa. Memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1980.

SILVEIRA, José. *No Caminho da redenção. Retrato de uma época*. Salvador: Edição do Autor, 1988.

JOSÉ MARIA DE MAGALHÃES NETTO**(16/03/1924 – 25/03/2002)****PROFESSOR TITULAR DE OBSTETRÍCIA**

Nasceu em 16 de março de 1924 em Salvador, filho de Helena Celestino de Magalhães e de Francisco Peixoto de Magalhães Neto (PROF. JOSÉ MARIA, s/d), Catedrático da cadeira de Higiene, presente nesta galeria.

Realizou os estudos preparatórios no Colégio da Bahia, onde foi contemporâneo do colega e amigo Humberto de Castro Lima. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1943. Foi Interno de fevereiro de 1946 a 15 de dezembro de 1948 (*Ibidem*)

Formou-se na FAMEB em 16 de dezembro de 1948, 132ª turma, tendo sido colega de Anníbal Silvany Filho, Humberto de Castro Lima, Mario Augusto Castro Lima e Penildon Silva, entre outros (PROF. JOSÉ MARIA, s/d; TAVARES-NETO, 2008).

Foi Assistente de Ensino a partir de 1951, servindo na Clínica Obstétrica. Docente Livre, tornou-se Assistente de Ensino Superior em 1960 e Professor Adjunto em 1968. Professor Titular de Obstetrícia, defendeu no concurso do título máximo da carreira docente a tese “Contribuição ao Estudo da Hemocoagulação no Ciclo Gravídico-Puerperal Normal”. Sobre esse trabalho, disse o prof. Geraldo Milton da Silveira: “foi o primeiro e mais completo trabalho brasileiro sobre o assunto, citado obrigatoriamente nas melhores publicações internacionais” (SILVEIRA, 1993).

Participou, inclusive pronunciando conferências ou ministrando aulas, em vários congressos em diversos estados da Federação e países das Américas e da Europa.

Participou de comissões examinadoras em concursos para professores de medicina em diversas universidades brasileiras (LEITE, 2011).

Vice-diretor da FAMEB em 1980-84. Foi Diretor da Maternidade Tsyla Balbino e depois da Maternidade Climério de Oliveira (MCO), de 1988 a 1991. Na direção da MCO realizou excelente administração, transformando-a “no mais completo centro obstétrico público da Bahia” (SILVEIRA, 1993).

Foi o 34º Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) da Universidade Federal da Bahia de 10 de agosto de 1984 a 09 de agosto de 1988 (PROF. JOSÉ MARIA, s/d; TAVARES-NETO, 2008). Nesse cargo, devemos destacar “seus esforços em prol da reforma física da vetusta sede do Terreiro” à qual ele deu o impulso inicial, que depois não parou mais (CRUZ, 2007, p.338). A transformação do prédio em Memorial da Medicina Brasileira foi ideia sua, conforme declaração do também ex-diretor da FAMEB, Prof. Thomaz Cruz (2007).

Este memorialista concorda com o autor referido: Conservador que era, foi um dos mais liberais diretores da instituição. Conservador, ao ponto de não aceitar presidir como diretor a solenidade de formatura de 1987, por este memorialista não estar de gravata, embora tenha colocado um paletó. Aceitou que a Vice-Reitora, Profa. Eliane Azevêdo, “superior na hierarquia universitária”, presidisse a solenidade, mas ficou no ato por admiração ao paraninfo e respeito aos formandos. Ainda sobre seu perfil, diz Thomaz: “Em controvérsias, sempre ouvia, (...), sempre soube voltar atrás quando reconhecia a razão de quem não concordava. Vi-o desculpar-se. Sincero. Um destes homens que se admirava por ser todo em cada coisa. (...) Solícito e disponível para atender aos seus pares, professores, bom com o mais humilde funcionário ao mais tímido estudante” (CRUZ, 2007, p.338-339)

Foi membro da Academia de Medicina da Bahia (MAGALHÃES NETTO, 1993) e Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia e da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (das quais foi professor titular de Obstetrícia). Aposentado em 14 de abril de 1992 (PROF. JOSÉ MARIA, s/d), seu nome aparece na lista dos Professores Eméritos da Congregação da FAMEB a partir de novembro de 1992.

Seu compromisso universitário pode ser ilustrado num episódio narrado pelo Prof. Thomaz Cruz (2007): “Nunca o olvidarei em pleno telhado do Pavilhão [Ambulatório]

Magalhães Netto, cumprindo seu dever de componente de uma comissão de averiguação dos reparos necessários à abertura do prédio de ambulatórios especializados” (p.338).

Foi Secretário de Saúde do Estado da Bahia por duas gestões sucessivas 1995-1998, sendo a primeira no governo de Paulo Souto.

Faleceu em sua cidade natal, em 25 de março de 2002 (LEITE, 2011). Está encantado, dando nome à “Mansão Prof. José Maria de Magalhães Netto”, no bairro da Graça e, sobretudo, à “Maternidade de Referência Prof. José Maria de Magalhães Netto”, na Rua Marquês de Maricá, em Pau Miúdo, Salvador-BA - em Salvador, Bahia.

Leituras recomendadas

CRUZ, Thomaz. Mensagem de despedida a Zezito. In: CRUZ, Thomaz Rodrigues da. *Perfis do Meu Apreço*. Salvador, Edição do Autor, p.337-340, 2007.

MAGALHÃES NETTO, José Maria de. Discurso de Agradecimento. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v.9, p. 47-50. Salvador, 1993.

SILVEIRA, Geraldo Milton da. Discurso Proferido em Homenagem ao Prof. José Maria de Magalhães Netto. *Anais da Faculdade de Medicina da Bahia*, v. 9, p. 43-46. Salvador, 1993.

EDGARD PIRES DA VEIGA**(15/03/1909 - 2002)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE FARMACOLOGIA**

Nasceu em Salvador em 15 de março de 1909, filho de D. Ana Pires Veiga e João Portela da Veiga (PROFESSOR DR EDGARD, s/d).

Diplomou-se em Medicina em 24 de outubro de 1931, 115^a turma, colega de Afrânio Coutinho, bibliotecário da *Bibliotheca Gonçalo Moniz* (ver cap. 2 deste volume); José Lages Filho, um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Alagoas, hoje unidade da UFAL; Alexandre Leal Costa, Aristides Novis e João José de Almeida Seabra, presentes nesta galeria (TAVARES-NETO, 2008). Foi Interno do Ambulatório Augusto Vianna, nomeado em 1929 e ficou no cargo até 23 de outubro de 1931 (PROFESSOR DR EDGARD, s/d).

Em 3 de novembro de 1931 foi nomeado Assistente da cadeira de Farmacologia, no curso de Enfermagem (VEIGA, 2004). Nesse ano publicou “Considerações em torno da Pharmacodynâmica da Glycose” (VEIGA, 1931). Em 1932 assumiu o cargo de Assistente de Farmácia Galênica e Farmácia Química na Escola anexa de Farmácia, que exerceu até 1935.

Docente Livre da cadeira de Farmacologia, a partir de 9 de setembro de 1935 (PROFESSOR DR EDGARD, s/d), em 1936 ensinou também Química. No ano seguinte, em 9 de abril, foi nomeado Chefe do Laboratório. Em 1938 foi nomeado Professor Catedrático Interino da cadeira de Farmacologia. É desse ano a publicação “Farmacologia do soro fisiológico” (VEIGA, 1938).

Em 1º de agosto de 1939, depois de precoce e eficiente carreira docente, alcançou na Faculdade de Medicina da Bahia a Cátedra de Farmacologia (PROFESSOR DR EDGARD, s/d; VEIGA, 2004). Como catedrático sua atuação se estendeu até o Rio Grande do Norte, onde organizou o curso de Farmacologia na Faculdade daquele estado, nela lecionando por quatro anos (VEIGA, 2004).

Em 1854, a cadeira Farmacologia e Matéria Médica, Terapêutica e Arte de Formular, foi desdobrada em duas: Matéria Médica e Terapêutica. Trinta anos depois, em 1884, foi criada a cadeira de Farmacologia, ocupada, sucessivamente, pelos Professores Rosendo Guimarães (1884-1890), Antônio Vitório Falcão (1891-1917), Frederico Koch (1917-1919), Fernando São Paulo (1919-1925) e Antonio Bezerra Rodrigues Lopes (1925 a 1937), como registra Eduardo Oliveira (1992, p.433). Vaga a cadeira, em 1937, foi aberto concurso, ao qual concorreu Edgard Pires da Veiga. Aprovado, passou a ser o sexto ocupante da referida cátedra.

Inteligente, conhecedor da especialidade e, sobretudo, dotado de extraordinária capacidade de comunicação, proferia aulas agradáveis, muito elogiadas pelos estudantes. Para as aulas teóricas, preferia o Anfiteatro Braga. As teóricas, a cargo de seu assistente, Professor José Luiz Pinto, eram ministradas no gabinete de Farmacologia. O Professor Edgard Pires da Veiga era membro de várias instituições culturais e científicas (LEITE, 2011). Entre seus trabalhos publicados, destaquem-se: “*Ação Farmacodinâmica da quinina sobre o coração*” (1939) e “*Da influência das modificações da tensão superficial sobre o preparo e a estabilidade das emulsões*”(1940). Em 1947, fez a “Oração de abertura dos cursos” da Faculdade de Medicina da Bahia. Outras publicações: “O homem endócrino”; “Sistema retículo endotelial e farmacodinâmica”; “Estudo sobre o maconhismo na Bahia”, em colaboração com o Prof. Alvaro Rubim de Pinho (ver também nesta galeria); “Estudo químico e farmacodinâmico do *Cannabis indica*” (VEIGA, 2004).

Major do Exército Brasileiro, foi condecorado como Oficial da Ordem do Rio Branco e Comendador da Ordem do Mérito do Estado da Bahia (VEIGA, 2004).

Ocupou, a convite do Professor Jorge Valente, a cátedra de Farmacologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, onde foi substituído, anos depois, pelo Prof. Penildon Silva, formado em 1948. Em 1966, fez viagem de estudo com bolsa oferecida pelo Instituto de Cultura Hispânica para a Universidade de Madri, Espanha. Foi Diretor em exercício de maio a junho de 1968, voltou a ser em 1970, quando passou a exercer o cargo de professor titular no Instituto de Ciências da Saúde.

Na vida pública, além de outros cargos, foi Secretário de Saúde, no Governo Juracy Montenegro Magalhães (1959-1963), substituindo o Professor Jayme Sá Menezes.

Um fato curioso de sua vida é narrado por Odorico Tavares, escritor, poeta, em sua obra “Bahia, Imagens da Terra e do Povo” (livro premiado na Bienal de São Paulo, em 1961), na qual afirma que era na residência do Professor Edgard Pires da Veiga o mais famoso de todos os almoços oferecidos aos gêmeos Cosme e Damião. Santos e médicos, no sincretismo religioso são também celebrados na Bahia pelos cultos de origem africana:

*“Sua esposa, d. **Haydée Pires da Veiga**, apresenta dezenas de pratos de pura culinária afro-brasileira, que são a delícia dos convidados. Regados de vinhos franceses, precedidos de licores de jenipapo da terra. Os seus almoços de festejo dos dois santos constituem um prazer dos seus amigos, que os aguardam com ansiedade. É que o casal rende sincera homenagem a São Cosme e São Damião, já que tem duas belíssimas mabaças [gêmeas], devotas que são dos seus divinos protetores” (TAVARES, 1951 apud LEITE, 2011).*

Foi Professor Emérito da UFBA, título proposto pelo Instituto de Ciências da Saúde, que teve como relator o Prof. Cláudio Veiga, que redigiu um sucinto mas preciso parecer, aprovado em 27 de maio de 1980 (VEIGA, 2004). O parecer está transcrito no livro “ICS: Emérita Memória”, de Roberto Paulo de Araújo (2004).

Em sua memória histórica, o professor Rodolfo Teixeira refere de modo conciso o Prof. Edgard Pires da Veiga como “Um bom didata” (TEIXEIRA, 1999, p.157).

Só temos o ano do encantamento do Prof. Pires da Veiga em 2002. Há um Centro de Saúde com seu nome no bairro de Pau da Lima, em Salvador.

ALÍCIO PELTIER DE QUEIROZ**(29/07/1906 – 09/07/2003)****PROFESSOR CATEDRÁTICO DE GINECOLOGIA**

Nasceu em Valença, Bahia, em 29 de julho de 1906, filho de D. Eugênia Peltier de Queiroz e do fazendeiro Eunápio Rosa de Queiroz. Depois dos estudos básicos em sua terra natal, veio para Salvador para os estudos preparatórios e, desse modo, ingressou na Faculdade.

Graduou-se em Medicina aos 21 anos, em 1927, na “turma dos notáveis da FAMEB”, da qual fizeram parte também os professores catedráticos Carlos Rodrigues de Moraes (Otorrinolaringologia), Hosannah de Oliveira (Pediatria), Jorge Valente (Urologia), José Silveira (Tisiologia) e o Professor Catedrático Thales de Azevedo da cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH-UFBA). Fazem parte dessa turma também José Eugênio Mendes Figueiredo, professor de Patologia Geral e Dr. Diógenes Vinhaes (TAVARES-NETO, 2008).

Sua tese inaugural foi “*Breves considerações sobre a fisiologia da puberdade na mulher*” (QUEIROZ, 1927), que consta do levantamento feito por Meirelles et al. (2004).

Após formatura, por motivos pessoais, mudou-se para Vitória do Espírito Santo, onde exerceu a prática médica (COSTA, 2007). Retornou a Salvador, casando-se com Sra. Luzia Queiroz. Mudou-se para Itabuna, onde além de exercer as atividades clínicas, criou, em 01 de dezembro de 1935, provavelmente a primeira revista médica do interior do Estado da Bahia, os *Anaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Itabuna* (TAVARES-NETO, 2008; COSTA, 2007).

Com o falecimento da esposa, casou-se novamente com Maria Dalva Soares. Em 1945 fez o concurso para Cátedra de Clínica Ginecológica da FAMEB, antes ocupada pelo Prof. Aristides Pereira Maltez.

“A primeira cirurgia tinha de começar exatamente às 7 horas, mesmo quando os canhões do golpe de 64 invadiram as ruas e praças da cidade. Rotina que mantinha graças à eficiência da enfermeira Hyeda Rigaud e a fiel dedicação da senhora D. Antônia sua ajudante-secretária-assistente-ecônoma” (COSTA, 2007, p.122).

Atuou também no Hospital Português. Foi compulsoriamente aposentado da FAMEB em 1976. Continuou a exercer a medicina no Hospital Jorge Valente a convite de Jorge Valente Filho, filho do colega de turma.

Foi várias vezes paraninfo dos formandos da Fameb. Em 1959 agradeceu à turma pelo critério da escolha: “caros amigos, elegendo mestre humilde, sem prestígio e sem força, sem dinheiro e sem poderes, concorrestes para restaurar o significado do instituto da paraninfia” (QUEIROZ, 1959, p. 4). E “nesta hora calamitosa, em que tudo, por aí a fora, se trafica e se barganha, no mercado do interesse e dos acolitismos!” (ibidem). Acólito aqui, no sentido daquele que, na academia, ao chefe “pede licença [até] para pensar” (Poema *A Porta*, de RR Jacobina). Nessa *Oração de Paraninfo*, que o conselho universitário proibiu de ser transmitida pelo rádio, ele faz um autorretrato: “Homem supinadamente livre, desatado e livre; médico e professor por impulsão profunda do espírito, profunda e incoercível;” (...), que entrou na Faculdade “por concurso de títulos e provas, sem muletas e sem conchavos, abrindo caminho entre duas instituições, em prélio inolvidado. No exercício da cátedra, há 14 anos ininterruptos, hei mantidos, como constantes da vida, a crença no trabalho, a fidelidade à medicina e a fé inabalável na força e nos destinos da mocidade” (QUEIROZ, 1959, p.4). Sobre a Faculdade de Medicina da Bahia diz: “Há 150 anos, forma médicos para o Brasil. E que médicos! Há 150 anos, dá ao Brasil homens de ciência, técnicos, tribunos, publicistas, revolucionários, soldados, até, heróis! (...) em todas as nossas horas críticas e difíceis, ela respondeu: Presente!: na Independência; no Paraguai; em Canudos; nas epidemias e calamidades públicas; na revolução de 32” (QUEIROZ, 1959, p.8).

Na Oração de paraninfo de 1948, ele faz uma reflexão sobre a medicina: “Sabeis que a medicina é *ciência*, pelos métodos de estudo e observação; e que é *arte*, pelo papel que nela desempenha a personalidade do médico. Esta influência pessoal jamais desaparecerá da medicina e, por isso, (...) *ela estará sempre acima do tecnicismo bitolado* e das formações em massa. Mas saibei, também, que, além de ciência e arte, ela

é, essencialmente, uma *filosofia*. A concepção que o médico tenha da vida e do mundo, no sentido filosófico, terá um valor considerável no exercício da profissão” (QUEIROZ, 1948, p.8; grifos nossos).

Faleceu em 9 de julho de 2003. Recebeu em vida várias honrarias, como a colocação do seu retrato na Santa Casa de Misericórdia em Itabuna, em expressiva cerimônia; a homenagem no HUPES, quando foi fixado o retrato na sala da chefia da clínica e recebeu uma placa com os dizeres: ‘Mestre e Modelo de incontáveis gerações de Ginecologistas’. Em agosto de 2003, o CREMEB publicou o texto do Prof. José de Souza Costa, de onde foram extraídos esses trechos: “Falar do homem Alício é reconhecer o caráter ímpoluto, a operosidade como médico inteligente e capaz, a firmeza das posições e princípios na vida profissional, social e familiar” (...) “Falar do professor é discorrer sobre a capacidade de liderança e organização, o entusiasmo no desempenho das atividades de ensino, calcadas em apreciada eloquência bem cuidada didática e exemplar desempenho técnico” (COSTA, 2007, 123).

Em sua Memória Histórica da FAMEB de 1943 a 1995, Prof. Rodolfo Teixeira também dá seu testemunho: “Alício Peltier de Queiroz (...) [na Cátedra de Ginecologia] é, acima de todas as dúvidas, uma afirmativa de valor. Deu um sentido próprio ao ensino e à prática da especialidade. Atraiu assistentes de valor, com os quais criou um centro de ensino da especialidade. (...) Lembra o redator desta memória, da sua enfermagem bem organizada, do ambulatório, das sessões de discussão de casos clínicos, da sua elegância e precisão no ato cirúrgico, nos cursos de pós-graduação que criou e, mais que tudo, na sua vivacidade e inteligência” (TEIXEIRA, 1999, p.167-168).

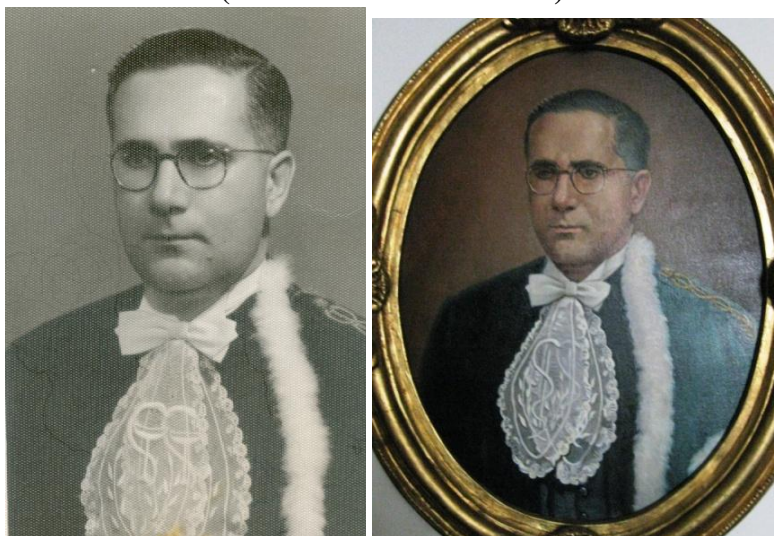
Leituras recomendadas

COSTA, José de Souza. Histórico da Ginecologia na Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p. 117-124, jul.-dez. 2007.

QUEIROZ, Alício Peltier de. Oração de Paraninfo proferida na solenidade da colação de grau dos Doutorandos em Medicina a 15 de dezembro de 1945. Salvador: Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1948. 17 p.

QUEIROZ, Alício Peltier de. Oração de Paraninfo proferida na solenidade da colação de grau dos Médicos pela Faculdade de Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, dezembro de 1959. 14 p.

TRÍPOLI FRANCISCO GAUDENZI
(14/01/1912 – 12/11/2003)



PROFESSOR CATEDRÁTICO E DEPOIS TITULAR DE BIOQUÍMICA

Nasceu na cidade de São Paulo, no dia 14 de janeiro de 1912, filho de Cesarina Avanzi e Nazareno Gaudenzi, originários da cidade de Spoleto, na Úmbria, Itália central (GAUDENZI, 2012). Um convite para reorganização contábil do Instituto do Cacau da Bahia trouxe a família a este Estado de onde nunca mais saiu, iniciando aqui Tripoli Francisco os seus estudos em medicina na veneranda Faculdade do Terreiro de Jesus, no ano de 1931 tendo feito estágios nas cadeiras de clínica médica e cirúrgica (Ibidem).

Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 05 de dezembro de 1936, 120ª turma (TAVARES-NETO, 2008). Tinha sido, desde 1º de julho de 1931, Aspirante a Interno (ROCHA, 2004). Quatro anos depois de formado, “obteve brilhante aprovação em concurso para Livre Docente de Bioquímica Clínica” (ROCHA, 2004, p.57).

Foi também diplomado em Farmácia pela Escola Anexa de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1943. Fez Especialização em Química Fisiológica, Endocrinologia e Nutrição, na condição de Bolsista do Governo Francês, em Paris, no período de 1947 a 1949. Lá, trabalhou com o prof. Polonovski, e obteve o título de “Assistente Estrangeiro” na Faculdade de Medicina da Universidade de Paris (SILVA, 2010), título obtido após defesa de tese (ROCHA, 2004).

Sua experiência na França foi muito rica. Fez estágio de doze meses no Serviço de Endocrinologia e Nutrição do professor A. Lichtwitz, Hospital Lariboisière (1947-1948) e também, pelo mesmo período, no Serviço de Endocrinologia do professor Lucien de Gennes, Hospital Broussais, Paris (1948-1949). Participou do Curso de Morfogênese

Química, ministrado pelo professor René Moricard, na Escola Prática de Altos Estudos, Paris (1948).

Começou sua carreira docente em 1937, como Assistente Honorário de Técnica Operatória e também do Curso Complementar da cadeira de Química Mineral da FAMEB. No ano seguinte tornou-se Professor de Química Orgânica no Curso Complementar da FAMEB (1938) e Assistente de Anatomia até 1940.

Em 1940 fez concurso para Livre Docência de Química Aplicada à Medicina da Faculdade, defendendo a tese “*Metabolismo básico e alimentação nos adolescentes da Bahia*”. Em 1944, voltou a defender em concurso tese de Livre Docência na antiga Escola de Farmácia (hoje Faculdade de Farmácia da UFBA), com o trabalho “*Obtenção e estudo do carvão para uso medicinal*”.

Com a carência de professores de Química na Bahia, ele ensinou em, pelo menos, seis estabelecimentos de ensino médio da capital (ROCHA, 2004). As matérias e os colégios foram: Química Mineral e Orgânica, Física e História Natural do Curso Secundário Fundamental do Ginásio Nossa Senhora da Vitória (1930-1936); Química Orgânica e Mineral do Curso Secundário Complementar do Ginásio Nossa Senhora da Vitória (1936-1943); Química Mineral e Orgânica no Instituto Baiano de Ensino (1936-1942) e do Ginásio Ipiranga (1937-1941); Química, Física e História Natural da Escola Comercial Feminina da Bahia (1941-1947); e Química Mineral, Orgânica e História Natural no Colégio S. S. Sacramento (1944-1945).

Viveu uma experiência verdadeiramente universitária, atuando em seis unidades da Universidade da Bahia, depois UFBA, e duas da Universidade Católica de Salvador. Foi Professor contratado de Nutrição e Química da Nutrição (1946) e de Química Orgânica e Biológica da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia (a partir de 1947) e Professor catedrático de Química Biológica na Faculdade de Farmácia da Universidade da Bahia (1957). Foi também catedrático de Química Geral e Inorgânica na Faculdade de Filosofia da Bahia (atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FFCH-UFBA), tendo sido um dos seus fundadores (ROCHA, 2004) e Chefe do Departamento de Química e Física daquela unidade (SILVA, 2010). Participou da criação do Instituto de Química e depois do programa de Pós-graduação de Química, tendo sido o Vice-presidente da comissão organizadora do curso (FASCIO & MARTINS, s/d).

Além da UFBA, foi Professor Catedrático de Química Orgânica e Biológica da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia (1951) e da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, a partir de 1953.

Teve atuação nas entidades profissionais, com destaque para as de Farmácia e de Química: Membro fundador da Seção Regional da Bahia da Associação de Química do Brasil, da qual foi presidente em 1946; Membro da Sociedade Brasileira de Química; Membro da Sociedade de Farmácia da Bahia; Membro da Associação Brasileira de Farmacêuticos; Membro da *Société de Chimie Biologique* (1948); Membro titular da *Société Scientifique d'Hygiène Alimentaire e d'Alimentation Rationnelle*, Paris (1950); e Membro da Sociedade Farmacêutica e Química de São Paulo (1954).

Em 1964 e 1965, realizou uma viagem à Europa, a convite dos Governos dos países onde estagiou com bolsa de estudos: Espanha, Itália e Inglaterra. Na Espanha, trabalhou com os professores Maranon e Jimenez Dias, renomados na área. Na Itália, com o Prof. Rossi-Fanello, do Instituto Bioquímico de Roma. E na Inglaterra estagiou com o Prof. Himsworth (ROCHA, 2004). Fez viagem também aos Estados Unidos, tendo participado do VI Congresso Internacional de Bioquímica, realizado em Nova York.

Teve uma intensa produção acadêmica: “Índice leucocitário médio na adolescência”, 1939; “Sobre dois casos de heterotaxia total”, 1939; “Novos aspectos da Nutrologia”, 1940; “Esboço histórico sobre metabolismo basal”, 1940; “Endocrinologia e Bioquímica”, 1940; “Metabolismo básico e alimentação nos adolescentes da Bahia”, tese de concurso para Docência Livre na Faculdade de Medicina da Bahia, 1940; “Bioquimismo do câncer”, 1940; “Índice de acidez renal urinária”, 1940; “Mais um caso de heterotaxia total”, 1940; “Da ação protetora dos aminoácidos hepáticos num caso de antimônio-intolerância”, 1941; “Química do carbono - algumas considerações de ordem geral e sobre a função do éter”, 1943; “Obtenção e estudo do carvão para uso medicinal”, tese de concurso para Docência Livre na Escola de Farmácia, 1944 (SILVA, 2010). Infelizmente não obtivemos trabalhos mais recentes. O Prof. Nilmar Rocha, do Instituto de Química, em seu parecer para o Título de Emérito, destacou os seguintes trabalhos: “Modificação do aparelho de Walburg para estudos do efeito da corrente elétrica sobre a atividade dos sistemas enzimáticos”; “O método de determinação do glutamato descarboxilase”; e dois trabalhos sobre a Bioquímica da Esquistossomose Mansônica hepática, além de suas cinco teses (ROCHA, 2004).

Foi membro efetivo em vários congressos de Química, de Farmácia, locais, nacionais e internacionais, notadamente na Europa, em particular na França. Uma curiosidade: apresentou trabalho no 1º Congresso Brasileiro dos Problemas Médico-Sociais de Após Guerra, Bahia, em 1945. Foi vice-presidente da Comissão Executiva do XIII Congresso Brasileiro de Química, em 1958.

Foi um dos colaboradores mais desprendidos e eficientes que o prof. José Silveira (presente nesta galeria) teve no IBIT - Instituto Brasileiro de Investigação da Tuberculose (SILVA, 2004).

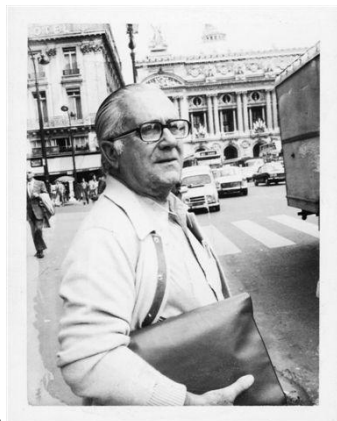
Como administrador, foi chefe de departamento na Fameb e no ICS, com vários mandatos; Presidente da Câmara de Extensão e da Câmara de Graduação do antigo Conselho de Coordenação e Assessor do Reitor Luiz Fernando Macedo Costa, na UFBA (SILVA, 2004).

Tornou-se Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia em 21 de outubro de 1983, quando já ensinava no Instituto de Ciências da Saúde desde o início da década de 70 (ROCHA, 2004; SILVA, 2010).

Faleceu nesta cidade no dia 12 de novembro de 2003. Seu filho com a também Prof^a. Ophélia dos Santos Britto Gaudenzi, a nona médica professora da FAMEB (ver nesta galeria), tornou-se professor. Além de médico e docente, Trípoli Francisco Britto Gaudenzi é um talentoso pintor, autor do memorável “Memorial de Canudos” (GAUDENZI, 1993), que deu o seguinte testemunho de seu pai: “Um homem que traçou o caminho da sua vida dentro de parâmetros rígidos de justiça, de ética, de retidão de caráter. Um exemplo a ser seguido de uma vida toda dedicado ao bem comum e ao exato sentido do cumprimento do dever” (GAUDENZI, 2012, p.2).

Sobre sua forma de trabalhar, disse o Prof. Nilmar Rocha em seu parecer: “Organizado, metódico, rigoroso na medida do necessário, o Prof. Trípoli procurava colher aquilo que plantou. Mas sempre o fazia com justiça” (ROCHA, 2004, p.58).

O Prof. Trípoli Gaudenzi é nome de uma rua no bairro de Cajazeiras, em Salvador. Pela sua atuação no Hospital San Raphael há uma homenagem ao mestre: o Centro de Estudos e Documentação Científica Prof. Trípoli Gaudenzi.



MARIA JOSÉ SALGADO LAGES
(17/06/1907 – 30/11/2003)



PROFESSORA ASSISTENTE DE CLÍNICA OTORRINOLARINGOLÓGICA

Nasceu em 17 de junho de 1907, em Maceió, Estado de Alagoas, filha da pernambucana D. Maria Salgado Lages e do comerciante alagoano José Gonçalves Lages (AZEVEDO & FORTUNA, 2012; CHALITA & MEIRELLES, s/d).

Iniciou seus estudos, junto com os irmãos Abeillard, José, Afrânio e Armando, no Colégio Coração de Jesus em sua cidade natal. Posteriormente estudou na Academia Santa Gertrudes, em Olinda, Pernambuco, instituição religiosa fundada em 1912 por beneditinas alemãs. Nessa época ganhou o apelido de Lily, que ficou para toda a vida (CHALITA & MEIRELLES, s/d). Na escolha da profissão enfrentou o preconceito da época contra as mulheres cursar e depois exercer a medicina. Um amigo da família chegou a dizer aos pais de Lily Lages: “Compadre, não consinta esta menina seguir Medicina. Materializa muito a mulher. Tive três colegas que até paletó usavam”. (in CHALITA & MEIRELLES, s/d, p.1). Ela prestou os exames preparatórios no Liceu Alagoano, matriculando-se em 1925 na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), “centro polarizador das vocações médicas do Nordeste” (*Ibidem*).

Graduou-se em Medicina pela Fameb em 31 de março de 1931, 115ª turma, colega de Afrânio Coutinho, bibliotecário da *Bibliotheca Gonçalo Moniz* (ver **cap. 2** deste volume); Alexandre Costa, Aristides Novis, Edgard Pires da Veiga e João José Almeida Seabra, presentes nesta galeria; e *José Lages Filho*, seu irmão e um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Alagoas, hoje unidade da UFAL (TAVARES-NETO, 2008).

Essa turma teve para a época um número expressivo de mulheres. Foram seis: Angélica de Almeida Monteiro, Cleonice Assumpção Alakija, Maria José da Silva, Noélia Augusta da Silva, Olga Lydia da Conceição, além de Maria José. Em 1932, como veremos a seguir, Maria José se tornou professora e, nos anos seguintes, três colegas se tornaram também docentes da Fameb: Angélica Monteiro, na cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, e Cleonice Alakija, professora da mesma cadeira de Maria José, em 1933; e Noélia Silva, em 1934, também na cadeira de Otorrinolaringologia (AZEVEDO & FORTUNA, 2012). Diante desses dados, constatamos que esta turma de 1931 se rivaliza, pela excelência, com a turma de 1927.

Azevêdo & Fortuna (2012) registram que Maria José Lages foi aluna laureada, sem dizer a láurea. Entretanto, no estudo de Solange Chalita e Roberto Meirelles (s/d, p.2), encontramos o registro do parecer da comissão que julgou sua tese inaugural, intitulada *Infeção Focal e Surdez* (LAGES, 1931), com 255 páginas, nas quais se discute detalhadamente a “infecção focal” dos dentes e das cavidades nasais e a complicação otológica da surdez. Este trabalho recebeu o *Prêmio Alfredo Britto* (medalha de ouro). Neste documento, assinado por Eduardo Rodrigues de Moraes, Álvaro de Carvalho e Edgard Santos, em 21 de junho de 1931, os professores elogiaram não só a originalidade da tese e o seu valor como pesquisa científica como também o brilho da defesa. A tese foi enviada pela autora a especialistas brasileiros, franceses e americanos, e ao grande Mestre de Viena, Hajeck, tendo recebido dos mesmos elogios encorajadores (*Ibidem*). Esse prêmio cabe uma verificação mais rigorosa. Caso se confirme, ela teria dividido o prêmio com Catão Dias e João José Seabra e teria sido a primeira mulher a obtê-lo e a segunda aluna a ser laureada, pois Carmem Mesquita obteve o Prêmio Manoel Victorino no ano anterior (ver **cap. 3** deste volume).

Após formar, exerceu a clínica de Otorrinolaringologia (ORL) em Maceió que, aos poucos, foi aumentando. No ano seguinte a formatura, em 1932, por proposta aprovada do Prof. Eduardo Rodrigues de Moraes, Professor Catedrático de Clínica Otorrinolaringológica, tornou-se *Assistente Extranumerária* desta cadeira, na qual atuou por três anos e cinco meses (AZEVEDO & FORTUNA, 2012).

Prof.^a Maria José Salgador Lages (*Lily Lages*) é protagonista na história da FAMEB, pois foi *a primeira mulher a obter o título de Livre Docência*, em 22 de julho de 1936 na especialidade de Otorrinolaringologia. Até hoje é pequeno o número de mulheres com Livre Docência. De 1936 até o momento atual (2012), foram apenas nove mulheres (PACHECO, 2007, p.155; FORTUNA & AZEVEDO, 2011, p.13).

Ainda em 1936, participou do III Congresso Internacional de Otorrinolaringologia realizado em Berlim, em agosto daquele ano, tendo sido escolhida como Delegada do Brasil ao Congresso. Com 29 anos, a médica alagoana graduada na Fameb, onde também fez a Docência Livre, ingressava nos quadros da medicina mundial, Seu discurso, transmitido pela rádio de Berlim, retransmitido ao Brasil e publicado no *Jornal de Alagoas*, no dia 29 de setembro de 1936, contém uma descrição resumida do conclave. Encerrado o Congresso foi à Áustria a fim de estagiar na clínica do Prof. Dr. H. Neumann. Na Universidade de Viena, seguiu com o docente Dr. Karl Eisinger um curso teórico-prático sobre Patologia Geral e Terapia das Doenças de Ouvido, Exame Funcional e Otorinolaringológico no cadáver. Acompanhou com o Prof. Franz Hasslinger um curso prático e teórico sobre Broncoscopia e Esofagoscopia. No final de 1936, viajou para França, participando em Paris de “Reuniões médico-cirúrgicas de morfologia”, sob a orientação do Dr. Claoué (CHALITA & MEIRELLES, s/d, p.1).

Em 1938, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Em 1942 ingressou no corpo docente da Faculdade Nacional de Medicina (atual Faculdade de Medicina da UFRJ), como professora da cadeira de Anatomia, ensinando Neuroanatomia e Anatomia dos órgãos dos sentidos até 1962. Em 1950, obtendo o 1º lugar no concurso, tornou-se Médica no Distrito Federal na especialidade de Clínica Otorrinolaringológica - ORL (*Ibidem*). Foi também Docente Livre em ORL pela Faculdade de Medicina da UFRJ, em 3 de março de 1975 (AZEVEDO & FORTUNA, 2012).

Em julho de 1973, recebeu, em Berlim, uma homenagem em que o Prof. Mielke destacou a participação da cientista brasileira no intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha.

Há referência no texto de Fortuna e Azevêdo (2011) de mais uma atuação destacada de Maria José, como militante e líder feminista (p.13), porém, não traz mais nenhum detalhe sobre tal protagonismo nesse movimento social que se consolidou a partir da segunda metade do século XX. No entanto, no estudo de Chalita & Meirelles (s/d) há referência a sua atuação de liderança na Federação Alagoana pelo Progresso Feminino, pois, no dia 13 de maio de 1932, quando tomou posse a 1ª Diretoria da Federação no estado, Lily Lages foi eleita Presidente. A médica se lançava no movimento social em defesa da capacitação feminina e no combate às injustiças milenares contra as mulheres. Em 12 de outubro de 1933, Dra. Lily foi recepcionada pelas correligionárias na sede da Federação Brasileira, por ocasião das eleições da Diretoria Central. Os trabalhos foram abertos pela líder feminista Bertha Lutz (CHALITA & MEIRELLES, s/d).

Ao organizar um ciclo de palestras abertas à comunidade sobre a questão feminina, Dra. Maria José mostrou que não perdeu o vínculo com a faculdade onde se formou e ensinou. Nesse ciclo, destacou-se a exposição proferida pelo docente de Psiquiatria da FAMEB, Prof. Arthur Ramos, em 20 de abril de 1933, intitulada “A mulher em face da ciência contemporânea”. Na oportunidade o orador buscou demonstrar cientificamente que a mulher não era superior nem inferior ao homem, apenas diferente. Nesse evento, Arthur Ramos foi o primeiro a lançar a candidatura da médica a um posto na Assembleia Legislativa de Alagoas. Lily Lages foi sufragada com 13.891 votos, tornando-se a 1ª Deputada à Assembleia Legislativa (Constituinte) do Estado de Alagoas. O fato foi noticiado pela imprensa nacional. No parlamento, como na escolha da profissão, ela enfrentou preconceitos, sendo que, na política, foram as dificuldades criadas pela oposição, “mas nunca fraquejou”. Lutou pela liberdade de expressão e, ao ser indagada pelo repórter da *Gazeta de Alagoas*, em 21 de fevereiro de 1935, sobre a Lei de Segurança e, de modo mais preciso, sobre o questionamento se essa lei atingia sua profissão, disse com lucidez e ironia: – *A minha especialidade? Sim. Será de certo menor o número de clientes... Sob a pressão de tal lei haverá talvez vantagem em ser cego e surdo. De que nos serve ver e ouvir, se não nos é permitido falar?* (In: CHALITA & MEIRELLES, s/d, p.5).

Publicou ensaios sobre temas diversos, ligados à Medicina, e escreveu livros, com destaque para “Beethoven no mundo do Silêncio” e “Otologia Legal e do Trabalho”. Em 1997, recebeu o título de membro honorário da Academia Alagoana de Medicina e autografou o livro “Arthur Ramos e sua luta contra a discriminação racial” (*Ibid.*, p.6).

O encantamento de Maria José Salgado Lages se deu em 30 de novembro de 2003. É uma breve biografia que convida futuros estudiosos ou futuras estudiosas ampliar detalhar e possivelmente retificar os dados até aqui obtidos.

Numa carta que escreveu ao pai em 1926, no 1º ano do curso de medicina, sobre o seu estudo de Anatomia, comentou: “Continuo a ser trunfo na aula de anatomia; às 7:30 da manhã estou lá, pois, quem primeiro chegar tem direito de escolher articulações para estudar. Anteontem, estava a dar minhas costumadas preleções das 7:30 às 9h. (intervalo de aula, aproveitamos para estudar anatomia em cadáver fresco), quando Dr. Diniz, que estava atrás a ouvir-me disse: ‘que excelente catedrática !’(...) Essas duas palavras *excelente catedrática* me sugeriram o desejo de algum dia chegar a sê-lo” (*Ibid.*, p.1). Esperamos que um dia a Fameb-Ufba dê o título de Professora Emérita *post mortem*, que corresponde ao de Catedrático/Titular, que ela tanto desejou e mereceu.



Com o irmão *José Lages Filho*, também estudante de Medicina na Fameb (1927).



Ao lado do Prof. *Sir Saint Clair Thonson*, orador oficial do Congresso Internacional de Otorrinolaringologia em Berlim, em 1936.



Na Alemanha como convidada do Prof. Dr. Neumann, da Universidade de Würzburg. Congresso em Freudenstadt , 29 e 30 de setembro de 1961. Fonte das fotos: CHALITA & MEIRELLES, s/d.

HEONIR DE JESUS PEREIRA DA ROCHA
(06/08/1930 – 10/10/2005)



PROFESSOR CATEDRÁTICO E TITULAR DE TERAPÊUTICA CLÍNICA

Heonir Rocha foi um baiano de coração, nascido em Floriano, Piauí, em 6 de agosto de 1930, filho de Iracy Moreira da Rocha e Raimundo Alves Pereira Rocha, farmacêutico.

Estudou no Colégio Irmãos Maristas e Nossa Senhora da Vitória. Entrou na Faculdade de Medicina da Bahia no final da década de 40 do século passado e, ao final do curso, foi um aluno laureado, conquistando o Prêmio Professor Manoel Victorino por ter obtido a maior média global nas disciplinas e atividades (ANDRADE, 2006).

Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, em 15 de dezembro de 1954 (138ª Turma), tendo como colegas Antônio Biscaia, Araken Freitas, Augusto Teixeira, Dilson Fernandes, Gustavo da Silveira, Luiz Carlos Calmon Teixeira, Moysés Wolfovitch, Sérgio Santana, que foram também professores da Fameb (TAVARES-NETO, 2008).

Casado com Maria Tereza Novis Rocha, com quem teve os seguintes filhos: Fernanda Rocha Darzé, Paulo Novis Rocha (médico e professor da Fameb) e Patrícia Novis Rocha Lessa.

Vale registrar também que dois irmãos do Prof. Heonir Rocha também foram professores da UFBA: Noris Rocha, na Escola de Nutrição, e Nilmar Rocha, Professor Titular no Instituto de Química.

Após formar-se, realizou estágio no Serviço de Moléstias Infecciosas do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Nos anos de 1955-1957 realizou estágio nos

EUA, no *Cornell University Medical College*, no serviço do Prof. Thomas Almy e também na *Yale University Medical School*, do Prof. Paul Beeson.

Em 1958, iniciou brilhante carreira universitária na UFBA, como Assistente de Ensino na Clínica Propedêutica. Ainda naquele ano, obteve o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas pela FAMEB e Livre Docente de Propedêutica Médica. Em 1959, tem a progressão por título para Professor Adjunto de Clínica Propedêutica Médica. Em 1960, obtém por concurso a Livre Docência em Terapêutica Clínica e, em 1962, aos 32 anos, torna-se o mais jovem catedrático da universidade, como Professor Catedrático de Terapêutica Clínica, sendo a Tese do concurso “*Contribuição ao Estudo do Tratamento da Pielonefrite*” (CRUZ, 2007). Essa pesquisa é baseada em aspectos etiopatogênicos, experimentais e clínicos, com dados obtidos nas suas atividades nas enfermarias e no laboratório experimental. Neste campo de pesquisa, ele já havia feito contribuição original ao trabalhar com um novo método para a produção de pielonefrite em ratos, com o que obteve o seu Doutorado em 1958 (ANDRADE, 2006).

Conquistada a cátedra, regressou aos Estados Unidos, onde fez o pós-doutorado na Escola de Medicina da Universidade de John Hopkins (1963), tornou-se Professor Visitante da *Cornell University* (1968) e do *Medical College of Pennsylvania* (1973). Trabalhos sobre a Doença de Chagas e sobre Pielonefrite o credenciaram a escrever dois capítulos no livro de Cecil e Loeb (1967, 1970 e 1975), um dos livros de medicina mais lidos no mundo ocidental.

Após a Reforma Universitária de 1968, torna-se Professor Titular de Clínica Médica (LEITE, 2011; TAVARES-NETO, 2008).

Seu espírito empreendedor e sua capacidade de agregação o levaram a se tornar um elemento-chave no estabelecimento de programas de cooperação, como o Programa Bahia-Cornell, que trouxe grandes benefícios a todos os envolvidos, por meio de intenso intercâmbio de médicos, estudantes e pesquisadores, entre a FAMEB e do *New York Hospital* da Universidade de Cornell nos EUA.

Outra contribuição foi sua atuação decisiva na implantação da Residência Médica no Hospital Universitário Prof. Edgar Santos, uma atividade de tal forma por ele orientada, que veio a dar um impulso extraordinário às atividades do Hospital-Escola, influenciando decisivamente no aprimoramento dos médicos, portanto um estímulo para o progresso de várias unidades do Hospital (ANDRADE, 2006). Um dos criadores da Clínica São Lucas, em 1969, atuou também como Diretor Científico do Hospital San Raphael, a partir de 1992.

A contribuição de Heonir Rocha foi também extraordinária no setor da Infectologia, onde fez estudos pioneiros no tratamento das doenças infecciosas. Usou a antibioticoterapia com o rigor científico adquirido nos seus estudos experimentais, tendo firmado conceitos básicos sobre uso de antibióticos no pré-operatório.

Na gestão universitária, onde teve *o mérito de subir e subir com mérito*, foi Chefe do Departamento de Nefrologia e Urologia, Chefe do Departamento de Medicina, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação no reitorado de Macedo Costa (1979-1983) e o 35º Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia (1988-1992). Como diretor da Fameb, entre suas inúmeras realizações, destaca-se o Ambulatório Prof. Francisco Magalhães Netto, vinculado ao Complexo HUPES (CRUZ, 2007). É um edifício de ambulatórios especializados, oferecendo conforto, dignidade e padrão para os usuários no atendimento da clínica externa do hospital universitário.

De 1998 a 2002, coroando 22 anos de vida administrativa nos setores mais importantes da UFBA, o Prof. Heonir Rocha assumiu a Reitoria, sendo o 12º Reitor da UFBA (1998-2002), cargo que exerceu com responsabilidade, retidão de caráter e clarividência.

O Professor Heonir Rocha recebeu o título de Professor Emérito da UFBA. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Nefrologia (1966-1968) e foi membro titular da Academia Brasileira de Ciência.

Além de ser agraciado com a medalha Emílio Ribas em 1993, foi Membro de Conselhos Consultivos da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), da *National Academy of Sciences* (USA), da FIOCRUZ e do Ministério da Saúde, entre outros. Publicou mais de 200 trabalhos, em revistas nacionais e estrangeiras, com temática muito variada, pois além da infecção urinária superior, pesquisou sobre o envolvimento renal na esquistossomose, morte por estrogiloidíase no uso de corticóides, desnutrição e suas relações com a infecção, repercussões renais nas leishmanioses, entre outros (CRUZ, 2007). Participou de numerosos Congressos de Nefrologia, Medicina Tropical, Infectologia e Quimioterapia em várias partes do mundo, sendo sua participação sempre marcada pela clareza da sua exposição e pela originalidade da sua contribuição.

Prof. Heonir Rocha era uma referência nacional em Nefrologia, sua especialidade, mas o seu interesse em Medicina era bem amplo, incluindo principalmente o estudo das doenças regionais, como a esquistossomose, a leishmaniose, a estrogiloidíase, etc., algumas delas denominadas de negligenciáveis, porque acometem em geral as pessoas oriundas dos segmentos socialmente excluídos de nossa sociedade. Seu estudo sobre o

surgimento de estrogiloidíase grave em portadores de síndrome nefrótica, tratados com corticóides, tornou-se uma referência clássica na literatura internacional. Suas contribuições sobre a glomerulopatia esquistossomótica foram decisivas para firmar conceitos sobre a frequência desta condição, sobre suas apresentações clínico-patológicas, evolução e aspectos patogênicos, afirma o professor e pesquisador Zilton Andrade em seu depoimento-homenagem (ANDRADE, 2006).

Durante sua fulgurante trajetória, o Prof. Heonir Rocha sempre foi considerado um excelente didata, possuidor de incomparável poder de síntese, sendo muito admirado pelos seus estudantes, sendo presença constante nos quadros de formatura, seja como Paraninfo, seja como Patrono ou Professor Homenageado.

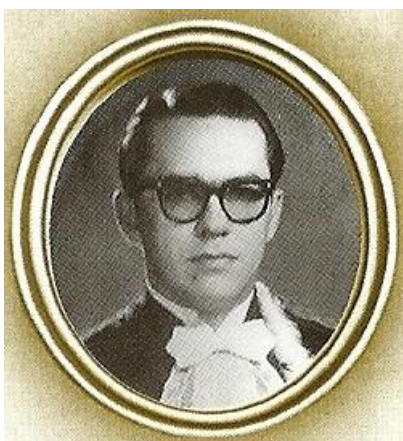
O Prof. Heonir Rocha incentivava o autoaprendizado, estimulando a leitura de revisões e de artigos científicos, como ferramenta essencial para o médico se manter atualizado. No ambulatório, nas visitas às enfermarias e na discussão de casos clínicos, ele sempre demonstrou raciocínio rápido, objetivo e baseado em princípios fisiopatológicos. Sua participação foi fundamental para a consolidação dos programas de Internato e de Residência Médica do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, os quais ele coordenou até o seu afastamento para assumir o cargo de Reitor da Universidade Federal da Bahia (LEITE, 2011; CRUZ, 2007).

O Prof. Luiz Fernando Macedo Costa, de cuja gestão Heonir Rocha foi Pró-Reitor, traçou com o mestre ainda em vida o seu perfil: “Heonir Rocha é um generalista, dotado daqueles requisitos pedidos ao clínico integral. Médico criterioso, compreensivo e dedicado, [que] inspira, a um tempo, confiança e respeito. Atribuo essas características à inspiração quase mística e a motivos quase telúricos. De uma parte, a conduta apostólica do médico é justificada pela espiritualidade do homem impregnado de fé cristã. Por outro lado, contribuiu para a formação da sua personalidade profissional, a vivência da infância, que ainda hoje atua, na evocação afetiva do farmacêutico Dr. Raimundo Rocha, que, ao lado da esposa, lá em Floriano, no saudoso Piauí, ministrava cuidados de saúde ao povo e lições de solidariedade aos três filhos, então esperanças nascentes de um bom pai, hoje filhos bons de um pai estremecido” (MACEDO COSTA, 1979).

O ano de seu encantamento foi 2005, em 10 de outubro, aos 75 anos de idade. O Pavilhão de Aulas do Canela (PAC) Prof. Heonir Rocha é apenas uma das manifestações concretas do seu encantamento. A Sociedade Brasileira de Nefrologia e, em particular, o corpo editorial do Jornal Brasileiro de Nefrologia (JBN) criaram o Prêmio Heonir Rocha com o objetivo de incentivar os nefrologistas brasileiros a

enviarem os seus melhores trabalhos para publicação no JBN. Além da distinção, o prêmio consiste também no financiamento completo (passagens aéreas, inscrição e estadia) da ida do autor principal do artigo ao Congresso Americano de Nefrologia (BASTOS & ABENSUR, 2008).

O Prof. Zilton Andrade, colega na FAMEB e de pesquisas importantes no campo da “medicina tropical”, na verdade, dois legítimos herdeiros da Escola Tropicalista da Bahia, escreveu a homenagem pelo seu encantamento em nome da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT): A SBMT “presta aqui uma homenagem à memória do Professor Heonir Rocha pela sua extraordinária contribuição à medicina brasileira, como professor universitário, médico clínico, cientista e como administrador universitário. Em cada uma destas atividades, ele deixou marcadas suas características como um homem inteligente, um arguto observador, excelente didata, entusiasta trabalhador, mantendo sempre alto grau de senso ético” (ANDRADE, 2006).



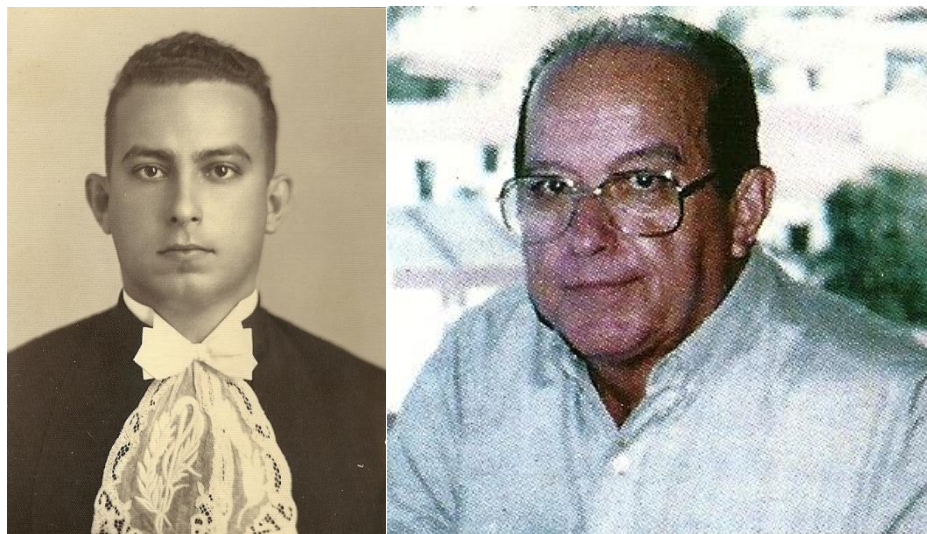
Acadêmico **Heonir Rocha**, Prêmio Manoel Victorino, 1954.

Leituras recomendadas

ANDRADE, Zilton. Depoimento de Zilton Andrade. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* V..39, n..4, Uberaba, July/Aug. 2006.

CRUZ, Thomaz Rodrigues da. O Legado de Heonir Rocha. In: CRUZ, Thomaz Rodrigues da. *Perfis do Meu Apreço*. Salvador, p. 281-284, 2007.

MACEDO COSTA, Luiz. Heonir Rocha. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. Volume 2, junho de 1979.

ANNÍBAL MUNIZ SILVANY FILHO**(11/12/1924 - 23/02/2006)****PROFESSOR DE ANATOMIA PATOLÓGICA E HISTOLOGIA**

Nasceu em Salvador, a 11 de dezembro de 1924, filho de D. Antonieta Cachoeira Silvany e Annibal Muniz Silvany, médico clínico que atendia a população pobre gratuitamente, em seu consultório na Baixa do Sapateiro. É membro de uma família de médico, pois além do pai, tem um irmão médico, o pediatra Antonio Fernando da Silva Silvany e um dos filhos, Aníbal Muniz Silvany Neto, Professor de Epidemiologia no Departamento de Medicina Preventiva e Social da FAMEB-UFBA.

Ingressou na FAMEB em 1942 e formou-se em 1948, na 132ª turma (TAVARES-NETO, 2008). Ainda estudante, foi interno do Serviço Cirúrgico do Hospital Santa Izabel, sob a chefia do Prof. Eduardo de Sá Oliveira, onde praticou clínica cirúrgica e patologia externa. No 5º ano, dedicou-se também à Oncologia (LIMA, 2006). Junto com outros colegas, como Carlos Aristides Maltez, Luiz de Oliveira Neves, Alexnaldo Pelágio Gonçalves Portela, entre outros, fundaram a Liga Bahiana contra o Câncer. Em 1946, ainda estudantes, obtiveram a antiga chácara Boa Sorte, doada pelo interventor federal, Landulpho Alves de Almeida e, seis anos depois, em 1952, nascia o hospital Aristides Maltez, referência para o tratamento de Câncer na Bahia (*Ibidem*).

Com o Prof. José Coelho dos Santos, catedrático, começou a trabalhar no serviço de Anatomia Patológica. Depois de formado, em 1948, foi para os EUA, fazendo pós-graduação em Patologia na Clínica Mayo (Fundação Rockefeller). Ao retornar, por concurso, fez a Livre Docência de Anatomia Patológica, Histologia e Embriologia e tornou-se responsável pelo Curso Equiparado de Anatomia Patológica (ANDRADE &

ANDRADE, 2007). Esse Curso equiparado, adotado pela maioria dos alunos, resolveu em parte a contínua crise nessa cadeira, em decorrência do “peculiar estilo do professor catedrático José Coelho dos Santos” (TAVARES-NETO, 2008, p.185).

Nomeado Professor Assistente da disciplina foi dirigir o Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas, inaugurado em 1949, depois denominado Hospital Universitário Prof. Edgard Santos.

Ao participar do concurso para Professor Catedrático de Histologia e Embriologia da Fameb, encontrou oposição do reitor, Prof. Edgard Santos, 1º reitor da então Universidade da Bahia, criada em 1946, e também diretor licenciado da FAMEB. Este fizera vir um docente titulado de São Paulo para, sob sua proteção, obter a cátedra. Aníbal não se intimidou e fez o concurso. “O certame foi suspenso justamente quando as provas práticas de Aníbal Silvano mostravam-se magníficas” (LIMA, 2006). Ainda registrando esse testemunho qualificado da época, o do Professor Honorário Lamartine Lima: [Prof. Annibal] “Foi vítima de seu bom caráter: recusou-se a concorrer uma segunda vez quando reaberto o concurso” (*Ibidem*). A Fameb perdeu um grande professor, muito querido pelos estudantes; magistral expositor, didata por excelência.

Como atualmente faz seu filho, Prof. Annibal Neto, dezenas de alunos de graduação e de pós-graduação, muitos professores, devem-lhe gratidão “por críticas construtivas, explicações e esquemas de preparo” para suas monografias, dissertações, teses e artigos científicos (LIMA, 2006). Era um pescador que não apenas dava o peixe, mas ensinava o aprendiz a obter os frutos desse imenso mar da ciência e prática médicas (JACOBINA, 2006).

Em 1955, Annibal e o também patologista Jorge Pereira Studart abriram o Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital Português, instituição com a qual teve um vínculo profundo (ANÍBAL, 1986).

Um acontecimento significativo foi o de 1958. Pela primeira vez na Bahia, um professor não catedrático foi homenageado como Paraninfo da turma dos formandos da Faculdade de Medicina da Bahia. Era o reconhecimento dos alunos à firmeza de quem não cedeu às pressões da diretoria da escola (e da reitoria) e se recusou a assinar um manifesto contra a greve dos estudantes, que pediam a substituição de um professor incompetente. “A defesa da sua consciência valeu a Aníbal Silvano o emprego da Faculdade de Medicina” (ANÍBAL, 1986).

Naquele mesmo ano, ele foi convidado e aceitou o cargo de Professor Catedrático de Histologia e Embriologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP),

onde lecionou por muitos anos e fez inúmeros discípulos. Este memorialista, embora da FAMEB-UFBA, nos anos 70, estudou no Laboratório de Histologia da EBMSP, com aulas aos sábados, que o mestre generosamente dava para alunos de medicina sem distinção de escola. Criou-se uma relação muito fraterna entre os alunos das duas escolas médicas.

Convidado pelo prof. Estácio de Lima, catedrático de Medicina Legal da FAMEB e da EBMSP e, então, diretor do Instituto Nina Rodrigues, foi nomeado Médico-legista, notabilizando-se “pelas excelentes demonstrações periciais” em vítimas de mortes violentas. Ele realizava o ensino pelo conhecimento tácito, com aulas práticas de perinecropsia, anatomia e macropatologia e suas relações com a medicina forense, referidas por Lima (2006) e também testemunhadas por este memorialista.

Com sua aposentadoria, o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, além de prestar uma homenagem festiva, denominou a biblioteca com o nome “Biblioteca Annibal Silvany Filho”. Naquele ano, o mestre pensou em estudar filosofia. Disse na época: “A sabedoria está em se conhecer o pensamento dos outros e manter o senso crítico” (In: ANÍBAL, 1986).

Em 1998, com o cinquentenário de sua diplomação, recebeu do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia a medalha de Alto Mérito Médico.

No momento de seu encantamento, em 23 de fevereiro de 2006, no Jardim da Saudade, por sugestão de um dos seus netos, que conhecia bem a alma do avô, o chapéu de palha do pescador foi colocado sobre o “esquife”, que significa *barco* na raiz etimológica (JACOBINA, 2006). Desse modo, seguiu o pescador para a eternidade. E deixou um exemplo do que para Roland Barthes, já referido antes, é o de um excelente profissional: o de ter *talento*, que, nas palavras de um discípulo, o Professor Honorário da FAMEB Lamartine Lima (2006), significa: “especialista brilhante, mestre insigne da embriologia, da histologia, da patologia e da medicina legal”; e *caráter* (“a dignidade de um homem bom”).

Leituras recomendadas

ANÍBAL Silvany Filho. Um caso de amor antigo com o hospital. *Imagem Real* - Jornal do Hospital Português da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, ano. 4, n.27, abril de 1986.

LIMA, Lamartine. Professor Dr. Aníbal Muniz Silvany Filho. *Jornal A Tarde*, 01 de março de 2006.

GERALDO MILTON DA SILVEIRA**(15/01/1925 - 30/07/2006)****PROFESSOR TITULAR DE CIRURGIA**

Nasceu em Salvador, no dia 15 de janeiro de 1925, filho de D. Elvira de Sá Milton da Silveira e de Aristides Milton da Silveira, engenheiro (PROF GERALDO, s/d). Começou a trabalhar muito jovem, pois aos 14 anos de idade foi contratado pela Prefeitura de Salvador, sua cidade natal, como fiscal de iluminação pública.

Em 1944, após ter ingressado na Faculdade de Medicina da Bahia, foi “transferido para o Serviço Médico, onde fazia curativos, dava injeções, constatava o peso, altura, pulso e pressão arterial dos submetidos a exames” (SILVEIRA, 1998). De 1947 a 1949 foi Interno da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica. Graduou-se em 1949, 133ª turma, tendo como colegas Fernando Didier e Luiz Fernando Macedo Costa, que se tornariam também Professores Titulares da Fameb (TAVARES-NETO, 2008).

Casou-se com a Sra. Lígia Milton, destacada artista plástica baiana, com trabalhos expostos em diversas galerias de arte baianas, brasileiras e internacionais (DIAS, 2006).

Foi Assistente Voluntário em 1950, depois Assistente de Ensino em 1952 na cadeira de Cirurgia (PROF GERALDO, s/d).

Em 1959, obteve o título de doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, defendendo tese sobre “Estudo Anátomo-Cirúrgico do colédoco terminal e condutos pancreáticos” (LEITE, 2011).

Fora da Academia, presidiu a “Junta Médica” da Prefeitura de Salvador e, por duas vezes, a Fundação de Assistência Médica do Servidor Público Municipal. Realizou vários cursos de especialização, em áreas como Anatomia Cirúrgica, Doenças Renais, Doenças da Nutrição, Patologia Psicossomática, Radiologia Clínica, Doenças Proctológicas, Hepatologia e História da Medicina (SÁ MENEZES, 1979; LEITE, 2011).

Fez a carreira docente, primeiro como Professor Assistente, depois Professor Adjunto e, finalmente, Professor Titular de Cirurgia, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, sucedendo, após concurso, o Prof. Fernando Freire de Carvalho Luz.

Participou de mais de trezentos e cinquenta congressos médicos, no Brasil e no exterior.

Foi membro atuante de inúmeras instituições científicas e culturais, nacionais e internacionais, recebendo títulos e homenagens, tanto na Bahia quanto em outros estados, tais como Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe e Pará. Na Bahia, por exemplo, recebeu da Câmara Municipal de Salvador a medalha Thomé de Souza (SILVEIRA, 1998).

Geraldo Milton da Silveira e Clarival Prado Valladares são os fundadores da Sociedade de Colo-Proctologia da Bahia (SILVEIRA, 2004), tendo Geraldo Milton sido presidente. O mesmo ocorreu quanto ao Capítulo baiano do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e à Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva (LEITE, 2011). Durante várias ocasiões, exerceu, na Bahia, a função de Mestre do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Foi o 13º Presidente (1991-1995) da Academia de Medicina da Bahia e estimulou a criação das Academias de Medicina de Sergipe, Rio Grande do Norte e Pará. Pertenceu à Academia Nacional de Medicina e à Federação das Academias de Medicina do Brasil. Foi membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina, tendo presidido “com brilhantismo o congresso da entidade em Salvador” (DIAS, 2006).

Publicou trabalhos científicos sobre temas os mais variados, nas áreas de Gastroenterologia, Colo-proctologia e Cirurgia.

Em 1992 conseguiu a publicação da Memória Histórica da FAMEB concernente ao ano de 1942, do Prof. Eduardo de Sá Oliveira, tendo feito uma breve biografia do autor (SILVEIRA, 1992, p.7-9).

Encontramos um testemunho sobre o Prof. Geraldo Milton do médico sergipano Luiz Antônio Prado Dias: “De temperamento afirmativo e rígido defensor de suas teses e princípios, Geraldo Milton da Silveira esteve, ao longo de sua vida, sempre à frente das lutas e iniciativas das entidades médicas associativas, científicas e culturais da Bahia. Seu exemplo de vida permanecerá sempre presente para todos os que tiveram o privilégio de conhecê-lo” (DIAS, 2006).

Foi um lutador pela recuperação da sede da escola *mater* da medicina brasileira, como registra mais uma vez Luiz Dias: “um dos mais atuantes e ferrenhos defensores da vetusta Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, lutando pela sua recuperação e preservação” (DIAS, 2006).

Recebeu o Título de Professor Emérito. Verificamos que a partir de agosto de 1995 seu nome aparece na lista dos Eméritos da Congregação.

Faleceu em Salvador, no dia 30 de julho de 2006.

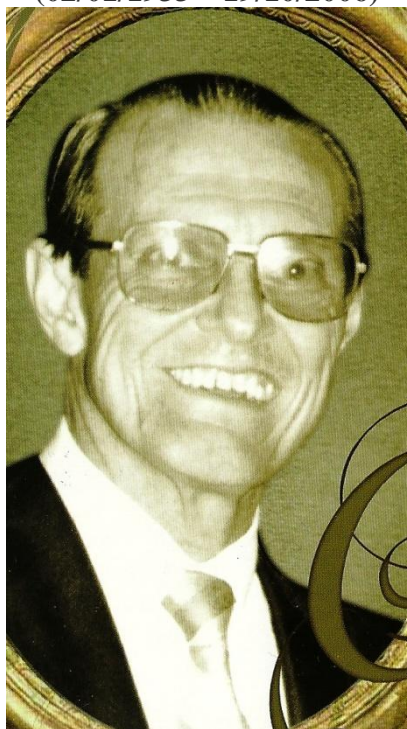
Leituras recomendadas

DIAS, Lúcio Antonio Prado. A Imortalidade de Geraldo Milton da Silveira. Salvador, 10 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/lucio Prado/ler.asp?id=49712&titulo=Lucio>. Acesso em 15 de março de 2009.

SÁ MENEZES, Jayme de. Geraldo Milton da Silveira. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v.2, junho 1979.

SILVEIRA, Geraldo Milton da. Discurso pronunciado na sessão solene da Câmara Municipal de Salvador, quando lhe foi outorgada a medalha Thomé de Souza. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v.11, dez. 1998.

GILBERTO REBOUÇAS
(02/01/1933 – 19/10/2006)



PROFESSOR EMÉRITO – PROFESSOR DE GASTROENTEROLOGIA

Gilberto Reboúças nasceu em Itabuna, Bahia, no dia 02 de janeiro de 1933, filho de Adelita de Oliveira Reboúças e Abílio Reboúças Filho.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia em 1951 e graduou-se em 15 de dezembro de 1956, 140ª turma (TAVARES-NETO, 2008).

Tem um homônimo na turma de 1943, pai da médica Adelina Maria Abade Reboúças e autor, quando aluno, em 31 de outubro de 1942, de uma homenagem, o poema “O Mestre e a Ciência”, ao Prof. Fernando São Paulo. O professor Gilberto Reboúças bem poderia ter feito tal homenagem, mas ele só entrou no curso médico uma década depois.

Em 1957, foi Estagiário do Serviço de Gastroenterologia no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e Médico Residente (Residente-Chefe) do Hospital das Clínicas (atual HUPES) em 1958. De 1958 a 1960, fez cursos e estágios nos EUA: no *Bellevue Hospital da Cornell University* (1958); foi “*Fellowship*” do *American College of Physicians* (1959-1960) e Instrutor em Medicina da *Harvard University School of Medicine* (1959-1960) e “*Senior Resident*” do *Vanderbilt University Hospital* (Nashville, Tenn., EUA, 1960). Gilberto Reboúças especializou-se em

Gastroenterologia, com Kurt Isselbach (*Massachusetts General Hospital*), em Boston, EUA, nos anos de 1959 e 1960. Em 1984, recebeu o título de “Fellow in Hepatology”, pela Fundação Kellogg e depois, em 1986, o de “Fellow of the *American College of Physicians (Filadélfia, EUA)*. Foi Professor Visitante no *Lemuel Shattuck Hospital, Tufts Gastroenterology Unit*, de 01 de julho a 30 de setembro de 1966; e da Universidade da Califórnia, Los Angeles (*UCLA School of Medicine*), de 01 de setembro a 30 de novembro de 1984.

Concluiu o Doutorado em Ciências Médico-Cirúrgicas em 1961, com a tese “*Patogênese do Fígado Gorduroso na Intoxicação Alcoólica Aguda Experimental*” (Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1961). Livre Docência, em 1964, com a Tese de concurso “*Prova de tolerância a Amônia na Esquistomose Hepato-Esplênica*” (Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1964).

Iniciou sua carreira docente em 1961, como Auxiliar de Ensino Contratado e, a partir de 1968, tornou-se Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA (LEITE, 2011). Foi coordenador da disciplina de Gastroenterologia de 1972 a 1977. Aposentou-se em 1998.

Em suas atividades profissionais fora da docência foi médico do HUPES, sendo Supervisor do Ambulatório e Chefe do Serviço de Gastroenterologia, em 1972 e Chefe da Divisão Médica, em 1984. Foi fundador e Diretor Científico do ATEMDE – Atendimento Médico de Emergência, a partir de 1965, e depois, de 1978 até 2003, sócio fundador do Instituto de Gastroenterologia e Hepatologia, ambos em Salvador. Foi membro da Comissão Técnica de Alto Nível da SESAB no Hospital Central Roberto Santos, em 1987; e do Conselho Técnico Científico do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz-FIOCRUZ, em 1989.

Como administrador acadêmico, foi um exemplo. Sua gestão na Divisão Médica do Hospital Universitário da UFBA é sempre lembrada, graças ao equilíbrio, competência e seriedade que imprimiu ao trabalho. Em 1992-1993, foi Assessor para Assuntos de Saúde no Reitorado da Prof.^a Eliane Azevêdo, sendo também o representante do Reitor no Conselho Deliberativo do HUPES e na MCO.

Com o seu compromisso social, participou do envio de documento ao Ministro da Saúde com tomada de posição dos pesquisadores da UFBA em relação ao tratamento em massa da Esquistossomose, em 17 de agosto de 1976. Foi expositor na Sessão Especial da Assembleia Legislativa da Bahia sobre o tema “Pesquisa Médica em Seres Humanos”, em 8 de julho de 1983 e coordenador do Seminário sobre o Direito à Saúde,

promovido pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Salvador, em 1987. Recebeu da Associação Bahiana de Medicina (ABM) uma *Homenagem Especial* feita pelos médicos gastroenterologistas, membros da Sessão Científica da ABM, concedida pela competência e dedicação no exercício profissional e a preocupação com a humanização dos serviços de saúde, em 10 de agosto de 1987, além de um diploma de Honra ao Mérito, em 28 de outubro de 1989. Ao se aposentar, recebeu homenagem do Departamento de Medicina e uma Moção de Louvor da Congregação da FAMEB pela seriedade, espírito ético e respeitabilidade, em 12 de outubro de 1988.

Mesmo não sendo formalmente Professor Titular, era um Titular na prática, assim como o Prof. Adilson Sampaio, tendo sido indicado pela unanimidade dos professores presentes na reunião de 24 de março de 2004 da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, para o título de Professor Emérito. Os estudantes na reunião não o conheceram pessoalmente, mas através dos inúmeros docentes que o reverenciam, disseram num documento lúcido: “entendemos que sua dedicação à assistência e à formação de profissionais socialmente comprometidos e eticamente embasados nos remete a um docente que deve ter seu papel reconhecido perante a academia e a sociedade. Por isso, o DAMED posiciona-se favoravelmente para a concessão do título”. Assina o documento o Acadêmico Marcos Antônio Trajano Ferreira, Coordenador Geral (FMB.UFBA, 2003, fl. 136).

Depois de muita resistência, pois “repetindo a opinião e o direito daqueles que gostam e se sentem gratificados pelo reconhecimento público e pelo Título em si, em minha humilde interpretação o Título de Professor Emérito deveria ser reservado para aqueles que, pelo seu esforço, deram algo de mais pelo engrandecimento da Instituição e dever-lhes-ia ser ofertado de preferência *post mortem*, para preservar a sua memória, não a sua vaidade” (REBOUÇAS, 2003). Aceitou receber em 22 de setembro de 2006, numa cerimônia feita sem divulgação a pedido do homenageado, restrita a apenas poucas pessoas (este memorialista é uma delas), sem a leitura do termo, apenas com assinatura no livro.

Habilidoso clínico, com raciocínio rápido e cultura enciclopédica, foi Gilberto Rebouças um dos professores mais admirados do seu tempo. Um dos seus discípulos e depois colega na FAMEB, Prof. Tomaz Cruz, dá seu testemunho:

“Ele era, (...), um artífice da Semiologia, ensinava como examinar os pacientes de uma maneira minuciosa, inteira e cuidadosa. Da abordagem inicial ao último detalhe, um ás da didática prática. Aliás, assim continuou pela trajetória

acadêmica afora – rígido mas pragmático, completo, um modelo” (...). “Fora da enfermagem, esmerava-se no atendimento ambulatorial, reluzia nas sessões clínicas, nas revisões de óbitos, nas sessões de Radiologia, de Cirurgia e, mais ainda, nas sessões anatomoclínicas – discussões corretas, limpas, enxutas” (CRUZ, 2007, p.310-311).

Outro testemunho, o do professor José Tavares Neto, fortalece esse perfil de competência e brilho do Prof. Rebouças: “Durante os anos 60 a 80 do século XX, brilhava nas sessões anatomoclínicas do Hospital Universitário por conta do seu esmerado diagnóstico diferencial, bem como pelos elegantes e criteriosos comentários” (TAVARES-NETO, 2008, p. 187).

É considerado o introdutor do ensino da moderna Gastroenterologia na Bahia. Clínico admirável foi, de igual modo, grande pesquisador. Seus estudos sobre a esquistossomíase mansônica são clássicos.

Na conclusão do seu currículo apresentado à Congregação, há uma síntese muito precisa sobre o mestre:

“O Prof. Gilberto Rebouças participou ativamente do ensino de Clínica Médica e de Gastroenterologia durante quase quatro décadas, com habilidade, integridade e dedicação, tanto na graduação como na pós-graduação. Sua didática foi rica e fértil, tendo ele preparado dezenas de gastroenterologistas e hepatologistas e influenciado direta e indiretamente no aprendizado de centenas de médicos em todos os ramos da profissão. Sua contribuição ao desenvolvimento da especialidade foi fundamental, sua colaboração na melhoria do ensino foi relevante, inclusive porque multiplicadora. Profissionalmente bem sucedido, preocupou-se sempre em se associar a colegas de alto padrão e a jovens promissores. Foi um investigador cuidadoso e crítico, seletivo – o que pesquisou fê-lo bem, com profundidade, mas também com pragmatismo. Tornou-se não só um paradigma, mas fez parte do que houve de melhor na UFBA nos últimos quarenta anos e dela se tornou inclusive participante de sua consciência crítica” (FMB.UFBA, 2003, fl. 25)

Um traço da sua personalidade era a aversão à egolatria, conforme o testemunho de um discípulo mais recente, o Prof. Jorge Guedes: “Era avesso a tudo que, de longe, lembrasse o culto da personalidade” (GUEDES, 2006). Outra característica do “Mestre” era o cuidado que dispensava aos pacientes em estado crítico, ditos “terminais”: Rebouças “nos preparava para a morte dos nossos pacientes – diz Jorge Guedes – e nos preparou para a sua própria morte. A conversa foi direta: ‘Estou com câncer de próstata,

o diagnóstico é de doença avançada e vou morrer dentro de quatro anos. Vou me afastar da Medicina e do Ensino' (*Ibidem*).

Ao contrário do que ele afirmou, o *Senhor* Rebouças não se afastou do Ensino. Continuou o mesmo mestre dedicado até os últimos dias. Seria recebido em qualquer dos hospitais de Salvador, como o Hospital Aliança, Português, Espanhol ou o San Raphael, mas escolheu o hospital universitário, o seu querido Hospital das Clínicas (HUPES).

Faleceu em 19 de outubro de 2006, no hospital cercado de carinho pelos alunos de graduação, residentes, funcionários e colegas, testemunhado por este memorialista.

O *Auditório Professor Gilberto Rebouças do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos*, um dos lugares onde sua inteligência médica e humana brilhou intensamente, é uma das homenagens para lembrar o seu encantamento. Para ilustrar, eis um episódio paradigmático narrado pelo prof. Thomaz Cruz em um artigo que descreve uma dessas famosas sessões anatomoclínicas, “onde se fazia a correlação das suspeitas diagnósticas com a verdade das autópsias”. Foi discutido o caso e foram expostas as alternativas. O mestre Gilberto fez a sua aguardada intervenção. Formulou seu diagnóstico, baseado nos dados da anamnese e do exame físico do paciente, feitos pelo residente, e dos exames laboratoriais realizados. Fez uma pausa e disse: “Minha impressão é esta. *Mas como nem tudo é como Dr. Rebouças quer*” (CRUZ, 2007, p. 311; grifos do autor), ele passou a discorrer sobre mais duas doenças como suspeitas diagnósticas.

Como o resultado da autópsia não foi a sua hipótese principal (erro), mas uma das duas suspeitas (acerto), a discussão foi uma brilhante aula sobre o diagnóstico diferencial, um método sistemático usado para identificar doenças, feito essencialmente por um processo de eliminação. “Como ouvi Ronaldo Jacobina, professor e poeta, comentar: Até quando ele erra, Rebouças acerta” (*Ibidem*).

Outra possível homenagem é de uma rua na cidade de Jaguaquara, Bahia. Se não for para seu homônimo, é muito justa para o mestre, pois ele esteve em inúmeros seminários promovidos para os médicos no interior do estado, seja pela Associação Bahiana de Medicina, seja pela Secretaria Estadual de Saúde, participando sempre de modo solidário e competente, como testemunhou muitas vezes este memorialista. Quando ele não estava no *staff*, os colegas – em geral ex-alunos - participantes do evento sempre perguntavam: “Cadê o Professor Rebouças? Ele está bem?” Sim, ele está encantado.

Obras

- REBOUÇAS, G, ISSELBACHER KJ.** Effects of alcohol on the liver; studies on the mechanism of fat accumulation. *Clin. Research*, 81: 204, 1960.
- REBOUÇAS, Gilberto.** *Patogênese do Fígado Gorduroso na Intoxicação Alcoólica Aguda Experimental*. [Tese de Doutorado em Ciências Médico-Cirúrgicas]. Salvador: Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1961.
- REBOUÇAS, Gilberto.** “*Prova de tolerância a Amônia na Esquistomose Hepato-Esplênica*” [Tese de concurso de Livre-docência]. Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1964.
- WARREN KS, REBOUÇAS G.** Blood ammonia during bleeding from esophageal varices in patients with hepatosplenic schistosomiasis. *N. Engl. J. Med*, 271:921, 1964.
- WARREN KS, REBOUÇAS G.** Ammonia tolerance in compensated and decompensated hepatosplenic schistosomiasis. *Am. J. Trop. Med. Hyg.*, 15: 32, 1966
- CRUZ T, REBOUÇAS G, ROCHA H.** Fatal strongyloidiasis in patients receiving corticosteroids. *N. Engl. J. Med*, 275: 1093, 1966.
- REBOUÇAS G.** Clinical aspects of hepatic schistosomiasis: a contrast with cirrhosis. *Yale J. Biol. Med.*, 48:369, 1975.
- LYRA LGC, REBOUÇAS G, ANDRADE Z.** Hepatitis B surface antigen Carrier state in hepatosplenic schistosomiasis, *Gastroenterology*, 71: 641, 1976.
- CRUZ T, GOMES, MC, REBOUÇAS G, ROCHA H.** Agravamento da Estrongiloidose com o uso de corticosteroide: apresentação de 10 casos e Revisão de Literatura. *Rev Med. Bahia*, n. 24, p. 27, 1978.
- BITTENCOURT H, REBOUÇAS G.** Síndrome de mal-absorção. In: *Manual Médico*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- REBOUÇAS G, WARREN KS.** Metabolismo da Amônia e Coma hepático na Esquistossomose Mansônica. In: AMADO ES, **REBOUÇAS G, ROCHA H, LYRA LGC, TEIXEIRA RS, ANDRADE S, ANDRADE Z** (Org.) Aspectos Peculiares da Infecção por *Schistosoma mansoni*. Salvador: Centro Editorial e didático da UFBA, cap. 7, p.161, 1984.

Leituras recomendadas

- CRUZ, Thomaz.** Gilberto Rebouças: Meritória emergência. In: **CRUZ, Thomaz Rodrigues da.** *Perfis do Meu Apreço*. Salvador: Edição do Autor, p. 309-312, 2007.
- CRUZ, Thomaz.** Justiça seja feita: um tributo a Gilberto Rebouças. *ABM Notícias*, n. 268, abril de 2002 [In: **CRUZ, Thomaz Rodrigues da.** *Perfis do Meu Apreço*. Salvador: Edição do Autor, p. 303-308, 2007].
- GUEDES, Jorge.** Prof. Gilberto Rebouças. *e-fameb – Boletim informativo da Faculdade de Medicina da Bahia-FAMEB-UFBA*, ano 5, n. 13, 2 de dezembro de 2006.

MARIA THERESA DE MEDEIROS PACHECO
(02/09/1928-12/05/2010)



PROFESSORA TITULAR DE MEDICINA LEGAL E DEONTOLOGIA MÉDICA
1ª PROFESSORA TITULAR DA FAMEB E 1ª MÉDICA LEGISTA DO BRASIL

Maria Theresa de Medeiros Pacheco nasceu no dia 02 de setembro de 1928, em Atalaia, no sertão do Estado de Alagoas. Era filha de D. Carolina de Medeiros Pacheco e José Pacheco Filho (PROFª MARIA, s/d). Concluiu os cursos secundário, científico e pedagógico em São Miguel dos Campos, Penedo e Alagoas. Faleceu na cidade do Salvador no dia 12 de maio de 2010, sendo seu corpo velado no Salão Nobre da Faculdade de Medicina Bahia, da Universidade Federal da Bahia. No dia seguinte, foi cremado no Cemitério Jardim da Saudade, em Salvador.

Em 18 de dezembro de 1947, aos 19 anos de idade, vinda de Maceió, desembarcou do vapor "Itaimbé" nesta capital, para estudar Medicina. Venceu obstáculos, inclusive na família pra realizar o seu sonho de ser médica: “Nascida e criada como fui, filha de fazendeiros, com as tradições junto aos pais, minha mãe, contrária à minha viagem, meu pai somente acreditava na Medicina da Bahia!” (PACHECO, 1999, p.269).

Estudante de Medicina, foi Aspirante, Interna por concurso e Assistente voluntária da Maternidade Climério de Oliveira, Interna da Maternidade “Nita Costa” e do serviço de Ginecologia do Prof. Carlos Aristides Maltez, no Hospital Santa Izabel e Interna-residente do Hospital Aristides Maltez.

Diplomou-se em Medicina em 15 de dezembro de 1953, 137ª Turma da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, da então Universidade da Bahia. Em 1954, ingressou no Instituto Médico-Legal “Nina Rodrigues”. Mediante concurso, postulou a Docência Livre da Faculdade de Medicina da Bahia da então Universidade da Bahia,

defendendo tese intitulada “Aspectos médico-legais da sexualidade feminina”. Foi a primeira mulher médica-legista do Brasil.

Foi Assistente extranumerária, em 1956, da cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, até 1964.

Mediante apreciação de títulos, foi indicada Professora Catedrática interina de Medicina Legal para a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; Regente interina de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em 1966; Diretora interina do Instituto Médico-Legal “Nina Rodrigues”.

Assistente de Ginecologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, no período de 1957 a 1963, docente da Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar, em 1967 e Professora da Faculdade Ruy Barbosa e Unime.

Após submeter-se a concurso público em 1965, foi aprovada e obteve o Título de Livre Docente da Faculdade de Medicina da Bahia.

Bolsista do CAPES, em 1968, estagiou, por seis meses, no Instituto Médico Legal de Lisboa e no Laboratório de Toxicologia Forense. Estagiou também na Espanha nos serviços dos Profs. Vallejo y Vallejo, Villa Nueva e Lopez Ibor.

Esteve em Paris, em 1969, onde trabalhou no serviço do prof. Lion Dérobert, no Instituto da Rive Gauche, sustentando Tese para obter o título de “Assistente Estrangeira”, quando estudou as “*alterações dos grupos sanguíneos em sangue de cadáveres putrefeitos e congelados*”. Em 1969 foi Membro correspondente da “*Société de Médecine Légale et de Criminologie de France*”. Concluiu o Doutorado em Medicina Legal pela *Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne)*, em 1970.

Em 1974, já na direção do Instituto Médico Legal “Nina Rodrigues”, na Bahia, sustentou Tese para concorrer à Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, intitulada “A Ética e a Medicina Legal”, que não está entre os melhores trabalhos da docente. Ainda assim, conquistou o honroso título de primeira mulher no Brasil Professora Titular de Medicina Legal e Deontologia Médica da Faculdade de Medicina da Bahia, por meio da Portaria de n.º 52 de 02.09 1975, mediante concurso em 01.07.1975.

Aposentou-se em 04.02.2002. (Fonte: Secretaria Administrativa da FMB-UFBA).

Foi diretora do Departamento de Polícia Técnica - ou Perícias Técnicas, como gostaria de assim ser denominado: DPT. Conselheira Efetiva do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia, 16ª Presidente (1999-2003) da Academia de Medicina da Bahia e Presidente da Comissão de Acompanhamento da Reforma, Reconstrução,

Restauração e Manutenção da Faculdade de Medicina da Bahia no Terreiro de Jesus, no período de 1997 a 2006. Presidente do Conselho de Curadores da Fundação José Silveira, em 2007, e da Fundação José Silveira, em 31 de março de 2009. Membro da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia da Bahia.

No Dia Internacional da Mulher, em março de 2009, em sessão solene no Centro Cultural da Câmara Municipal de Salvador, foi distinguida com a placa Jean Thompson Harris, outorgada pelo Rotary Club Salvador Santo Antonio.

Foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Bioética e da Sociedade Brasileira de Medicina Legal.

A Assembleia Legislativa da Bahia a ela outorgou o Título de Cidadã Baiana. A Câmara Municipal de Salvador conferiu-lhe o Título de Cidadã Soteropolitana e a distinguiu com a Medalha “Maria Quitéria”. Dá nome ao auditório do Departamento de Polícia Técnica da Bahia.

Membro efetivo do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins - IBHMCA – onde exerceu vários cargos na diretoria do venerando sodalício, ocupando a Cadeira n.º 31, a qual tem como patrono Raymundo Nina Rodrigues. Foi Tesoureira-Adjunto em atividade no corrente ano de 2010, quando faleceu.

Recebeu o Título de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia – UFBA, em 15 de dezembro de 2008.

Leituras recomendadas

BRITTO Antônio Carlos Nogueira. Pesquisa historiográfica inédita sobre a chegada à Bahia da jovem Maria Theresa para estudar medicina. Fonte Original: Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), Seção Republicana; Inspeção da Polícia Marítima, Aérea e Fluvial; Registro de Entrada de Passageiros. Livro n.º 14, p. 147-147v. (Pesquisa inédita – Não publicada).

PACHECO, Maria Thereza de Medeiros. A Medicina Legal na Bahia. Início e evolução do ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, 139-157, jul.dez. 2007.

Fontes eletrônicas disponíveis em:

<http://www.medicina.ufba.br/noticias>

<http://www.cremeb.org.br/cremeb.php?m=site.item&item=4588idioma=br>

<http://www.abml-medicinalegal.org.br/informativo/noticias.php2id/=86>

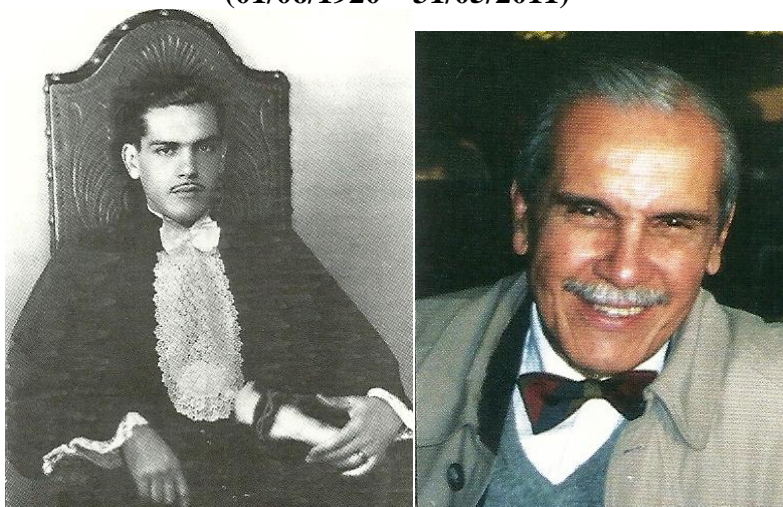
<http://www.abmnet.org.br/conteudo.php?ID=312>

<http://www.dpt.ba.gov.br/index.php?site=modulo>

Testemunho: BRITTO ACN. Reminiscências de longa e fraternal convivência com a Prof.^a Maria Theresa.

POST SCRIPTUM

ALUÍZIO ROSA PRATA
(01/06/1920 – 31/05/2011)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS

Nasceu Aluizio Prata na Fazenda Capivara, em Uberaba, Minas Gerais, em 01 de junho de 1920, filho de D. Delia Rosa Prata e João Prata Junior, *Nonô Prata*. Tinha cinco irmãos e um deles foi também médico, o João Antônio. Depois de aprender o alfabeto na fazenda, foi levado para o colégio da Congregação Mariana de Uberaba. Depois, aos 16 anos, ele deixou a cidade mineira e concluiu seus estudos preparatórios no Rio de Janeiro.

Em 1945, ele completou sua formação médica na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, depois denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro. No ano seguinte à formatura, foi admitido como oficial médico na Marinha, indo trabalhar em Corumbá, Mato Grosso do Sul, sendo transferido para Salvador em 1952, lugar que viveria até 1973. Em 1953 Aluizio se casou com uma conterrânea de Uberaba, Martha Toubes Alonso (PRATA AT, 2012).

Seu primeiro trabalho foi “Estudo clínico da acromegalia” (PRATA, 1948). No ano seguinte publica um estudo sobre a sífilis na flotilha de Mato Grosso (PRATA, 1949), que era prevalente na região (TEIXEIRA, 2012). Em Salvador, no início da década de 50, com o trabalho no Hospital Naval (1952-1955), amplia o seu interesse pela pesquisa médica, estudando a esquistossomose, a doença de Chagas e o calazar. Segundo o Prof. Rodolfo Teixeira, o Dr. Aluizio Prata ampliou seus horizontes quando organizou um simpósio sobre esquistossomose, em 1957, que publicou como livro (PRATA &

ABOIM, 1957). Em 1970, já como professor catedrático, ele organizaria outro simpósio sobre o mesmo tema (PRATA & ABOIM, 1970).

Um acontecimento importante para garantir o sucesso das pesquisas do Prof. Prata foi a criação da Fundação Gonçalo Moniz (FGM). Outra instituição fundamental para seus estudos foi o Hospital das Clínicas, o novo hospital-escola da Faculdade de Medicina da Bahia. Ele atendia voluntariamente na 3ª Clínica Médica, dirigida pelo prof. José Olympio da Silva (TEIXEIRA, 2012).

No simpósio de 1957, ele teve contato com o Prof. José Rodrigues da Silva, que o levou a fazer estágio na Faculdade de Medicina da USP e o estimulou a participar da vida acadêmica. Os seus estudos sobre o calazar serviram de material para a sua tese de Livre Docência: *Estudo Clínico e Laboratorial do Calazar*. (PRATA, 1957).

Depois, houve o concurso para a Cátedra de Doenças Infecciosas e Parasitárias que estava vaga na Fameb. Ele vinha estudando esquistossomose desde 1951 e apresentou a tese *Biopsia retal em Esquistossomose mansoni. Bases e aplicação no diagnóstico e tratamento*, sendo aprovado para Professor Catedrático em 1959.

Como Professor Catedrático, ele pôde organizar no hospital universitário a Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias, com enfermaria, ambulatório, laboratório, biblioteca e pessoal altamente qualificado, com destaque para os professores Rodolfo Teixeira e Ruy Machado da Silva e depois José Carlos Bina e José Fernando Montenegro Figueiredo. No início dos anos 60, o Prof. Aluizio Prata estimulou as atividades de campo em áreas de elevadas prevalências: esquistossomose em Caatinga do Moura, Calazar em Jacobina e doença de Chagas em São Felipe (TEIXEIRA, 1999; 2012).

Como diretor da Fundação Gonçalo Moniz (FGM), de 1961 a 1972, o prof. Aluizio Prata estabeleceu intercâmbio com várias instituições nacionais e internacionais, como o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, a *Cornell University (New York)*, onde foi professor visitante de 1965-1966; o *London School of Tropical Medicine and Hygiene* (Londres), o Instituto Pasteur (Paris) e a Organização Mundial de Saúde, entre outras. A influência benéfica da FGM sobre a Fameb pode ser medida pelo estímulo à pesquisa e à qualificação do ensino na faculdade (TEIXEIRA, 1999).

Uma de suas realizações foi retomar, em 1966, a publicação da revista *Gazeta Médica da Bahia* (TEIXEIRA, 2012), reavivando os ideais da Escola Tropicalista Bahiana que, infelizmente, após sua saída da Bahia, foi interrompida, sendo retomada depois por um de seus discípulos, o Prof. Tavares Neto, quando diretor da FAMEB. Com o fim da gestão deste último, também foi interrompida a edição desta importante

revista para a medicina brasileira. O prof. Prata foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina Tropical, tendo sido seu presidente em duas ocasiões.

No Hospital das Clínicas, estabeleceu uma articulação entre a Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas, o grupo de Anatomia Patológica, sob a liderança do prof. Zilton Andrade, e as Clínicas Cirúrgicas, com os professores Luiz Fernando Carvalho Luz e Fernando Didier. Foram desenvolvidos métodos para tratamento cirúrgico de megaesôfago e megacólon, em pacientes chagásicos e o tratamento cirúrgico da hipertensão portal na esquistossomose e na filtração dos vermes adultos do *S. mansoni* que se alojavam no sistema porta (ANDRADE, 2007).

Em 1972, Prof. Prata se transferiu para a Universidade de Brasília, tendo sido Professor Titular de 1972 a 1990. Em 1987, novamente ele se deslocou, desta vez como Professor Visitante, para a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, atualmente Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em sua terra natal, Uberaba. Apesar dessa saída, sempre manteve “estreitos laços acadêmicos com a Faculdade de Medicina da Bahia, da qual é Professor Emérito” (TAVARES-NETO, 2008, p. 188), título obtido em 1992, mesmo ano em que obteve o título na Universidade de Brasília.

Faleceu em Uberaba no dia 31 de maio de 2011. Pelos seus estudos no município, tem nome de rua em São Felipe, Bahia.

Entre seus títulos e prêmios destacam-se: em 1958, a Medalha Pirajá da Silva do Ministério da Saúde; em 1959, a Medalha Carlos Chagas, da UFMG; em 1980, Prêmio Alfred Jurzykowski, da Academia Nacional de Medicina; 1983, Professor Honorário da Universidade Peruana Cayetano Heredia; 1991, *Honorary Fellow, The Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*; 1995, Melhor Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Oftalmologia; 1996, membro Titular da Academia Nacional de Medicina; 1998, Membro Honorário da Sociedade Americana de Medicina Tropical e Higiene; 2000, Medalha do Centenário – Um século de ciência do Instituto Oswaldo Cruz-FIOCRUZ; 2002, Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências; 2002, Grã-Cruz da Medalha da Ordem Nacional do Mérito Científico do Ministério de Ciência e Tecnologia; 2005, Pesquisador Emérito do CNPq; 2007, Prêmio Scopus 2007, Elsevier e CAPES.

Obras:

PRATA, A Esquistossomose mansoni – Doença de Chagas – Megaesôfago – Calazar na

Bahia. Arq. Bras. Med. naval, v.16, p.4029-4034, 1955.

PRATA, A. *Estudo Clínico e Laboratorial do Calazar*. [Tese de Livre Docência] Salvador, 1957.

PRATA, A. *Biopsia retal em Esquistossomose mansoni. Bases e aplicação no diagnóstico e tratamento*. [Tese de Concurso para Professor Catedrático] Salvador: Universidade da Bahia, 1958.

PRATA, A. *Reunião sobre diferenças geográficas na doença de Chagas*. Brasília: Brasília: Escopo, 1975.

PRATA, A. *Situação e perspectivas do controle das doenças infecciosas e parasitárias*. Brasília: Editora da UnB, 1981.

Bina, JC.; Prata, A. Regression of hepatosplenomegaly by specific treatment of schistosomiasis. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, v. 16, p.213-218, 1983.

PRATA, A. Clinical and epidemiological aspects of Chagas disease. *Lancet Infect. Dis.*, New York, USA, v. 7, n.1, p. 92-100, 2001.

PRATA, A. *Bibliografia brasileira sobre doença de chagas*. Uberaba, MG: Gráfica/FMTM, 1999. 776p.

Leituras recomendadas

ANDRADE, Sonia. G. Evolução dos estudos experimentais na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, 245-254, jul.-dez. 2007.

PRATA, Aluízio. Estudo clínico da acromegalia. *O Hospital*, v. 134, n.2, p. 243-292, 1948.

PRATA, A. & ABOIM, E. *Simpósio sobre Esquistossomose*. Salvador, 1957.

PRATA, A. *Estudo Clínico e Laboratorial do Calazar*. Salvador; UFBA, 1957.

PRATA, A. & ABOIM, E. (Org.). *II Simpósio sobre Esquistossomose*. Salvador: Ministério da Marinha e Universidade Federal da Bahia, 1970.

PRATA, Álvaro Troubes. Origins: a short biography of Aluízio Rosa Prata and his family heritage. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, v.45. Supl. 1, p.5-8, 2012.

TAVARES NETO, José. *Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia*. Feira de Santana: AMeFS, 2008.

TEIXEIRA, Rodolfo. Biographical data of Professor Prata at Universidade Federal da Bahia, Brazil. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, v.45. Supl. 1, p.9-11, 2012.

TEIXEIRA, Rodolfo. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)*. Salvador: Edufba, 1999.

REFERÊNCIAS – CAPÍTULO 1

- ACADEMIA Brasileira de Letras. Afrânio Peixoto. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=44&sid=127>>. Acesso em: 12/11/2008.
- ACCIOLY, Jessé. Anemia falciforme – apresentação de um caso com infantilismo. *Tertúlias Acadêmicas*, 1947. 42 p. [Arquivo da Universidade da Bahia – Faculdade de medicina da Bahia, v. 2, p. 169-198, 1947]
- ADEODATO FILHO, José. *O ensino da clínica obstétrica na Universidade da Bahia*. Salvador: Departamento Cultural da Reitoria/ Universidade Federal da Bahia. (Composto e impresso na Fundação Gonçalo Moniz - Fiocruz), 1967.
- ADEODATO FILHO, José; DOURADO, A. *Trichomoniasis in female*. *Rev de gyneec. e d'obst.*, v. 1, p.680-691, June 18, 1938.
- ADEODATO FILHO, José; MELO, A. O estágio expulsivo do trabalho de parto em múltiparas: análise de 1000 histórias clínicas [The expulsive stage of labor in multiparas; analysis of 1000 clinical histories]. *Anais brasileiros de ginecologia*. MEDLINE Abstracts – Feb 1, 1958.
- ADRIANO de Azevedo Pondé. *Homenagem de seus alunos no Centenário do seu nascimento*. Comissão organizadora: Dras. Anita Guiomar Franco Teixeira, Angelina Maria Pelosi Matos e Dr. George Barreto Oliveira. Salvador: Press Color, 2001. 150 p.
- ALBUQUERQUE, Anselmo Pires. Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia de 1916. Salvador, BA: Livraria Catilina, 1917.
- AMADO, Jorge. Prefácio. In: SILVEIRA, José. *Vela acesa. Memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1980.
- ANDRADE, Sonia. G. Evolução dos estudos experimentais na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, 245-254, jul.-dez. 2007.
- ANDRADE. Zilton; ANDRADE, Sônia. A Anatomia Patológica na Faculdade de medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p.93-100, Jul-Dez. 2007.
- ANDRADE, Zilton. Depoimento de Zilton Andrade. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* vol.39 no.4, Uberaba, July/Aug. 2006.
- ANÍBAL Silvano Filho. Um caso de amor antigo com o hospital. *Imagem Real - Jornal do Hospital Português da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência*, ano. 4, n.27, abril de 1986.

ANTONIO Carlos da Gama Rodrigues. *Anuário Genealógico Brasileiro* - Vol.IX - 1947 - Pág 151, Edição da Revista Genealógica Brasileira. São Paulo: Guarda-Mór. Edição de Publicações Multimídia. 2004. Extraído de: < [http://pagfam.geneall.net / 2762/ pessoas. php?id=1078641](http://pagfam.geneall.net/2762/pessoas.php?id=1078641)>. Acesso em: 13/01/2013.

ANTONIO Ignácio de Menezes. Médicos ilustres da Bahia e de Sergipe. Salvador, 16 de janeiro de 2011. Disponível em:< [http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/ 2011/01/antonio-ignacio-de-menezes.html](http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/antonio-ignacio-de-menezes.html)>. Acesso em: 21 de novembro de 2012.

ARAÚJO, César Augusto. Tuberculose Rural e nos Pequenos Centros urbanos. *Arquivos de Higiene*, v. 11, n. 1, jun.1941.

ARAÚJO, José Duarte de. A mortalidade infantil no Estado da Bahia, Brasil. *Revista de Saúde Pública de São Paulo*, v. 7, p. 29-36, 1973.

ARAÚJO, José Duarte de. O custo da doença: repercussão econômica no município de Salvador, BA, Brasil. *Rev. Saúde Pública*, v.9 n.2, São Paulo Jun. 1975. Extraído de: <[http://dx.doi.org/10.1590/ S0034-89101975000200007](http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101975000200007)> . Acesso em 13/01/2013.

ARAÚJO, José Duarte de. Polarização epidemiológica no Brasil. *Informe Epidemiológico do SUS*, v. 1, n2, 6-15, 1992.

ARAÚJO, José Duarte de; FERREIRA, Emerson S.M.; NERY, Gabriel Cedraz. Regionalização Dos Serviços De Saúde Pública:A Experiência Do Estado Da Bahia, Brasil. *Revista de Saúde Pública de São Paulo*, v. 7, p. 1-19, 1973.

ARAÚJO, Roberto Paulo Correia de (org.). *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, 2004. 172 p.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARGOLO, Lucas Santos; ALMEIDA, Daniel Gomes; MELLO, Rodrigo Paixão; LUESKA, Átila; LEITE, Sérgio Roberto Santiago. “Juliano Moreira”. In: MATUTINO, Adriana Reis Brandão; CORREIA, Fernanda Ramos; JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Faculdade de Medicina da Bahia: 200 anos de Pioneirismo*. Salvador, Edufba, 2012 (no prelo)

AZEVÊDO, Eliane Elisa de Souza e. *Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia - Terreiro de Jesus: Memória Histórica 1996-2007*. Feira de Santana-BA: Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

AZEVÊDO, Eliane S. Comentários sobre a descoberta do mecanismo de herança da Anemia Falciforme. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n.3, p.3-4, Ago.-Out. 2010.

AZEVÊDO Eliane S. Historical Note on Inheritance of Sickle Cell anemia. *Am J Hum Genet.*, v. 25, p. 457-458, 1973.

AZEVÊDO, Eliane Elisa de Souza e; FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. “Exercício de docência por mulheres na FMB – Curso de Medicina (1893-1938)”. Salvador: FMB-UFBA, 2012. 27p. (manuscrito entregue pelas autoras)

AZEVEDO, Gerson Augusto Paes de. A minha homenagem ao cinquentenário de morte do médico e cientista Manoel de Abreu. *Jamb Cultural*, v. 4, n. 16, p. 122-124, jul.-ago. 2012.

BAHIA. Governo do Estado. Mensagem apresentada pelo Exm. Snr. Dr. Francisco Marques de Góes Calmon/ Governador do Estado da Bahia/ Assembleia Geral Legislativa / Por ocasião da abertura da reunião ordinária da 18ª legislatura, em 7 de abril de 1925. Bahia: Imprensa Oficial do Estado / Rua da Misericórdia n. 1, p. 20-54, 1925.

BARBOSA, Agrippino. *Em torno das adenopathias tracheo-bronchicas*. These de concurso. Bahia: Livraria Catilina, 1918.

BARBOZA, Agrippino. *Ligeiras notas sobre a peste bubônica*. These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1906a. 169p.

BARBOZA, Agrippino. “Primeiras Palavras”. In: BARBOZA, Agrippino. *Ligeiras notas sobre a peste bubônica*. These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, p. i-ii, 1906b. 169p.

BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Edgard Santos (1946-1961). TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; VARELA, Aida Varela (orgs.). *Reitores da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2011.

BARROS BARRETO, Antônio Luís C. de A. *Curriculum Vitae* de Antonio Luís Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto. Arquivo da Secretaria da Academia de Letras da Bahia. Salvador: Tipografia Beneditina / Bahia, 1948. 39p.

BARROS, Nelson. Fernando José de São Paulo. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 9, setembro de 1993.

BARROS, Nelson. Histórico do ensino da Pediatria na Bahia, no século XX. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p.101-116, jul.-dez. 2007.

BARP, Ediana. *Introdução da Radiologia na Bahia: das primeiras lições na Faculdade de Medicina à criação de uma disciplina (1897-1974)*. [Mestrado em História da Ciência. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. São Paulo, 2006.

- BASTOS, Marcos G; ABENSUR H. JBN institui o Prêmio Professor Heonir Rocha. *J. Bras Nefrol*, v.30, n.4, p. 231, 2008.
- BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Itinerário de Ideais e Compromissos*. Salvador, 1987.
- BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Jorge Amado. Retrato incompleto*. São Paulo: Record, 1993.
- BENÍCIO DOS SANTOS, Itazil. *Vida e Obra de Pirajá da Silva*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BERBERT, José Augusto. Minhas lembranças da Faculdade. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p.308-310, 1999.
- BOAVENTURA, Edvaldo. Clementino Fraga. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, v.23, p.31-45, 1973-1974.
- BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, 1999. 392p.
- BRASIL. COLEÇÃO DAS LEIS da República dos Estados Unidos do Brasil de 1911. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.
- BRASIL. Decreto nº 8705 de 04/05/1911. Diário Oficial da União, Seção 1: 8371. Edição de 5 de maio de 1911.,
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Departamento Nacional de Saúde. Portaria Nº. 46, de 30 de Junho de 1947. Diário Oficial (Seção I) de 08 de julho de 1947. Transcrição direta do original, conservando-se grafia da época, realizada por Luiza Cláudia Bernardo Abreu, em abril de 2008-PNCH/DEVEP/MS. Extraído de: <portal.saude.gov.br/portal/arquivos/doc/portaria46_30_junho_1947-1.doc>. Acesso em 13 de janeiro de 2013.
- BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. José Adeodato de Souza Filho. Salvador, 2013 (impresso).
- BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. O falecimento do Professor Doutor Raymundo Nina Rodrigues, em Paris, a 17 de Julho de 1906. História da Medicina: artigo 57. Salvador, s/d. Extraído de: < http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art61.htm>. Acesso em: 12/12/2012.
- BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. O cerco e invasão da Faculdade de Medicina da Bahia em 22 de agosto de 1932 pelas tropas do interventor Federal Juracy Montenegro Magalhães. História da Medicina: artigo 63. Salvador, s/d. Disponível em:

<http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art71.htm>. Acesso em: 12 de dezembro de 2012.

BRITTO Antônio Carlos Nogueira. Pesquisa historiográfica inédita sobre a chegada à Bahia da jovem Maria Theresa para estudar medicina. Fonte Original: Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) – Seção Republicana – Inspetoria da Polícia Marítima, Aérea e Fluvial – Registro de Entrada de Passageiros. Livro n.º 14, p. 147-147v. (Pesquisa inédita – Não publicada).

BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. Quebra de boas relações entre notáveis lentes da Faculdade de Medicina da Bahia no dealbar do ano de 1905. IX Congresso Brasileiro de História da Medicina - 8 a 10 de novembro de 2004, Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro. Extraído em:< http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art39.htm >. Acesso em 12/12/2012.

CANDEIAS DA SILVA, Carolina et al. Plínio Garcez de Senna. In: MATUTINO, Adriana Reis B.; CORREIA, Fernanda R.; JACOBINA, Ronaldo Ribeiro (Org.) *Faculdade de Medicina da Bahia: 200 anos de Pioneirismo*. Salvador: Edufba, 2012 (no prelo).

CARREIRO, Mário Castro. Homenagem Póstuma ao Prof. Renato Tourinho Dantas. *Acta Cirúrgica Brasileira*, Volume 11, número 4. São Paulo, 1996.

CARREIRO, Mário Castro. SOBRADPEC - A porta aberta da Cirurgia Experimental.. Salvador, Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa em Cirurgia - SOBRADPEC-Regional Bahia, 2005. Extraído de: < <http://www.sobradpec.org.br/regional.php?idRegional=2> >. Acesso em 13/01/2013.

CASTRO Renato B. Breviário da Academia de Letras da Bahia. 7. 3. 1917 - 7. 3. 1885. 1ª edição. Salvador: Bureau Gráfica e Editora Ltda, p. 37, 1985.

CBR – COLÉGIO BRASILEIRO DE RADIALOGIA E DIAGNÓSTICO POR Imagem. Galeria Ex-Presidente. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.unimagem-net.com.br/cbrportal/publico/?ex-presidentes>>, Acesso em: 20/11/2012.

CHALITA, Solange Lages; MEIRELLES, Roberto Campos. Maria José Salgado Lages (Lily Lages). Maceió-AL, s/d. 12p

CLEMENTINO Fraga. Site oficial da Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=328>> Acesso em: 15 de setembro de 2012.

CNPQ. Centro de Memória. *Dirigentes de 1951-2011*. Brasília: 2011. Extraído de: <http://centrodememoria.cnpq.br/Dirigente81.html> . Acesso em 13/01/2013.

COSTA, Aramis Ribeiro. Discurso de Posse na Academia de Letras da Bahia. Salvador, 25.11.1999.

COSTA, José de Souza. Histórico da Ginecologia na Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p. 117-124, jul.-dez. 2007.

COUTINHO, Elzimar Metzker. Contribuição à História da pesquisa Gineco-Obstétrica e da Reprodução Humana na Bahia: Relato pessoal. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p.125-138, ago-dez.2007.

COUTINHO, Elzimar Metzker. Discurso de Posse. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 6, julho 1985.

COUTINHO, Domingos; SABACK, Eduardo. O histórico da Psiquiatria na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, p.210-218, jul.dez. 2007.

CRUZ, Thomaz. Gilberto Rebouças: Meritória emergência. In: CRUZ, Thomaz Rodrigues da. *Perfis do Meu Apreço*. Salvador, Edição do Autor, p. 309-312, 2007.

CRUZ, Thomaz. Justiça seja feita: um tributo a Gilberto Rebouças. *ABM Notícias*, n. 268, abril de 2002 [In: CRUZ, Thomaz Rodrigues da. *Perfis do Meu Apreço*. Salvador, Edição do Autor, p. 303-308, 2007].

CRUZ, Thomaz. Mensagem de despedida a Zezito. In: CRUZ, Thomaz Rodrigues da. *Perfis do Meu Apreço*. Salvador, Edição do Autor, p.337-340, 2007.

CRUZ, Thomaz. O Legado de Heonir Rocha. In: CRUZ, Thomaz Rodrigues da. *Perfis do Meu Apreço*. Salvador, p. 281-284, 2007.

CUNHA, Euclides da. *Página Vazia*. Salvador, Bahia, 14/10/1897. Extraído de <http://www.releituras.com/edacunha_pagina.asp> Acesso em 15 de outubro de 2012.

DALTRO, Gildásio. Editorial. Descoberta do mecanismo da Herança da anemia Falciforme. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n.3 , p.1-2, Ago.-Out. 2010.

DALTRO, Gildásio GUEDES Alex. Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES). In: Lech O, Ribak S, Santos JBG. *Serviços Credenciados de Residência em Ortopedia*. São Paulo: Palavra Impressa Editora, 2011a.

- DALTRO, Gildásio; GUEDES Alex. Resgate histórico - Professor Alfredo Ferreira de Magalhães e o Centenário do Ensino Ortopédico Oficial no Brasil. *Jornal da SBOT* 101: 24, 2011b.
- DANTAS, Almira Vnhaes. “Testemunho”. In: ARAÚJO, Roberto Paulo Correia de (org.). *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p. 165-172, 2004.
- DANTAS, Renato Tourinho. Heitor da Costa Pinto Marback. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, Salvador, v. 7, p.161-164, julho de 1987.
- DANTAS, Renato Tourinho. Rodrigo Bulcão d'Argollo Ferrão. *Anais da Academia de Medicina da Bahia.*, v. 7 , p. 146-150, Salvador, julho 1987.
- DIAS, Lúcio Antonio Prado. A Imortalidade de Geraldo Milton da Silveira. Salvador, 10 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/lucioprado/ler.asp?id=49712&titulo=Lucio>>. Acesso em 15 de março de 2009.
- DOMENECH, Remilson Tourinho. Benjamim da Rocha Salles. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia, v.2, n.2. Salvador, outubro de 1978.
- DR. JOSÉ Aragão Araújo, um exemplo a ser seguido. Perfil. *Revista ABM*, n.02, p.06-07, mar. 2009.
- EDGARD Santos. O centenário de um mestre. Entrevista do Prof. Roberto Santos à jornalista Simone Ribeiro. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p.32-37, 1999.
- ESCOLA Municipal Alexandre Leal Costa. Salvador, 17 de outubro de 2006. Disponível em: <<http://alexandrelealcosta.blogspot.com.br/>>. Acesso em 21/11/2012.
- FACULDADE de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 34, n.9, mar. 1903.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Pirajá da Silva: o incontestável descobridor do “Schistosoma mansoni”*. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- FALCÃO, João da Costa. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia. Salvador; 09 de setembro de 2010. Extraído de:< <http://www.academiadeletrasdabahia.org.br/Discursos/Joao%20Falcao%20-%20discurso.pdf>>. Acesso em 12.12.2012.
- FASCIO, Miguel; MARTINS, Dirceu. *Breve História do Instituto de Química*. Salvador, s/d. Extraído em:<<http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Quimica/WebHistorico>>. Acesso em 31/12/2012..
- FERNANDES, Lélia. *Homens que fizeram História*. Feira de Santana, 2004.

FERNANDES, Tânia Maria Dias. José Silveira. Resenha Biográfica. *Memória da Tuberculose*. COC/Fiocruz, 1990. Extraído em: <<http://www.coc.fiocruz.br/tuberculose/josesilveira.htm#resenha>>. Acesso em 30 de abril de 2009.

FERNANDO Freire de Carvalho Luz. Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.hportugues.com.br/noticias/outras_edicoes/profissionais/docimagebig.2005-05-06.1426144660>. Acesso em 4 de fevereiro de 2009.

FERRÃO Rodrigo BA. *Tratamento operatório das hernias inguinais do homem / Mioplastia com o musculo costureiro*. [Tese de Livre Docência]. Rio de Janeiro: Tipografia Baptista de Souza, 111p., s/d.

FMB.UFBA. Ata da Sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Salvador, 29 de abril de 1964.

FMB. UFBA. CAIXA N. 340 – Matrículas. Salvador, 1887.

FMB.UFBA.CAIXA N. 372. Fichas de matrículas no 1º ano do curso de Medicina. Salvador, 1909.

FMB.UFBA.Título de Prof. Emérito. Processo n. 23066.019850/03-93. Salvador, 2003. 144 fl.

FORTUNA, Cristina. Acontecimentos notáveis do ano de 1935. In: FORTUNA, Cristina. *Memórias Históricas da FMB – 1925 a 1941. Volume II*. Salvador, 2013 (no prelo).

FORTUNA, Cristina M.; AZEVÊDO, Eliane S. Anotações sobre a história da Livre Docência na Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA. Salvador, 2011 (impresso).

FRAGA, Clementino. *Médicos Educadores*. Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1941.

FREYRE, Gilberto. Universidade viva. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p.308-310, 1999.

FRÓES, Heitor Prager. *Autoplastias reparadoras da face* These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1922. 229p.

FRÓES, Heitor Prager. *Contos para Gente Grande*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas- CBAG, 1983. 87p.

FRÓES, Heitor Prager. *Lições de Clínica Tropical*. Bahia: Imprensa Oficial, 1934. 1952,. 60p.

FRÓES, Heitor Prager. *Sal de Pimenta*. Salvador, Bahia: Tipografia Beneditina, 1952. 60p.

- GAUDENZI, Tripoli Francisco Brito. *Memorial de Canudos - The Canudos Memorial*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993. 251 p.
- GAUDENZI, Tripoli Francisco Brito. “Prof. Dr. Trípoli Francisco Gaudenzi”. Salvador, 2012 . 2p. (Impresso)
- GOLDENSTEIN, Lipe. Posse na Academia de Medicina da Bahia. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 12, jul. 2003
- GUEDES, Jorge. Prof. Gilberto Rebouças. *e-fameb – Boletim informativo da Faculdade de Medicina da Bahia-FAMEB-UFBA*, ano 5, n. 13, 2 de dezembro de 2006.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. [O autor e sua obra] São Paulo: Círculo do Livro/ Nova Fronteira, p.467-469, 1984.
- GUIMARÃES, Newton A. Notas sobre o ensino e os professores de Dermatologia na Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p.193-194, jul.-Dez. 2007.
- HEINE, Maria Luiza. Dra. Odilia Lavigne, uma mulher para ser lembrada. In: HEINE, Maria Luiza. *Ilhéus... Com amor! A história de São Jorge dos Ilhéus*. Ilheus-BA, 25/03/2010. Extraído em: <<http://ilheuscomamor.wordpress.com/2010/03/25/dra-odilia-lavigne-uma-mulher-para-ser-lembrada/>>. Acesso Em: 12.12.2012
- HEINE, Maria Luiza. Uma Mulher especial. *Folha da Praia*, seção Nossa História, Ilhéus, ano 19, n. 130, p. 26, , 2010.
- HOSPITAL Universitário prof. Edgard Santos. Portal MEC. Brasília: s/d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br /sesu/arquivos/pdf/husantos.pdf>>. Acesso em
- IHGB. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Dicionário Biográfico: Consuelo Pondé de Senna*. 2005. Disponível em:<<http://www.ihgb.org.br /dicbio.php?id=00025>>. Acesso em 15 de agosto de 2008.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. A Intervenção no Hospital Juliano Moreira em 1947: Entrevista com o Prof. José Silveira. *Revista Baiana de Saúde Pública*. Salvador, v. 34, n. 1, p. 175-186, 2010.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. 481f.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a “Sífilis maligna precoce” em sua tese inaugural na FMB. Salvador, 2007 (mimeo).

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Da dermatologia à psiquiatria: vida e obra de Juliano Moreira na Bahia. In: PONDÉ, Milena Pereira; LIMA, Manoela Garcia; ASSIS-FILHO, Bernardo. *A Tensão na Atenção. Anais da XII Jornada Nordestina de Psiquiatria*. Salvador: Associação Psiquiátrica da Bahia, 2008.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, out.-dez. 2008.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Aníbal - o pescador professor. *ABM-Notícias*. Salvador, v. 35, n. 285, p. 4, ago. 2006.

JACOBINA, Ronaldo R. “Médicos para além da medicina: Causalidade ou casualidade”. Colóquio Internacional MEDINFOR II – A medicina na Era da Informação, promoção da Universidade do Porto, representada pelas Faculdades de Letras e de Medicina, e da Universidade Federal da Bahia. Expositor principal (*Keynote speaker*) do painel, 23 de novembro de 2011. Cidade do Porto, Portugal, 21-23/11/2011.

JUNQUEIRA, Pedro C; ROSENBLIT, Jacob; HAMERSCHLAK, Nelson. História da hemoterapia no Brasil. *Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia*; 27(3): 201-7; 2005.

LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da Medicina Brasileira*. [Volume único]. São Paulo: Helicon, 1963; 4 volumes. São Paulo: Helicon, 1966.

LAGES, Maria José S. *Infecção focal e surdez*. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1931. 255p.

LEITE, Geraldo. Os primeiros passos. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p. 190-192, 1999. 392p.

LEITE, Geraldo. Alexandre Leal Costa: o inesquecível. *Jornal do CREMEB*. Salvador, p.15, jun.-jul. 1999b.

LEITE, Geraldo. *Alexandre Leal Costa – Avulso*. Conferência pronunciada na Academia de Medicina da Bahia. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/avulso-alexandre-leal-costa.htm>>. Acesso em: 22/11/2012.

LEITE, Geraldo. *Aristides Novis*. Médicos ilustres da Bahia e de Sergipe. Salvador, 19 de janeiro de 2011. Disponível em:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/aristides-novis.html>>. Acesso em 13 de novembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Benjamim da Rocha*. Médicos Ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 20/01/2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/benjamim-da-rocha-salles.html>>. Acesso em 21 de dezembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Edgard Pires da Veiga (Pires da Veiga)*. Médicos da Bahia e de Sergipe. Salvador, 25 de janeiro de 2011. Extraído de: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/108-edgard-pires-da-veiga-pires-da.html>>. Acesso em; 13 de março de 2013.

LEITE, Geraldo. *Eduardo Diniz Gonçalves ("Biriba")*. Médicos ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 27 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/113-eduardo-diniz-goncalves-biriba.html>>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Eduardo Lins Ferreira de Araújo (Eduardo Araújo)*. Salvador, 27 de janeiro de 2011. Extraído de: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/115-eduardo-lins-ferreira-de-araujo.html>>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Fernando Freire de Carvalho Luz*. Médicos ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 29 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/125-fernandi-freire-de-carvalho-luz.html>>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Fernando José de São Paulo*. Médicos ilustres da Bahia. Salvador, 29 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/126-fernando-jose-de-sao-paulo-fernando.html>> Acesso em 15 de Nov. 2012.

LEITE, Geraldo. *Francisco Peixoto de Magalhães Neto (Magalhães Neto)*. Salvador, 31 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/142-francisco-peixoto-de-magalhaes-neto.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Geraldo Milton da Silveira*. Salvador, 01 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/151-geraldo-milton-da-silveira.html>>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Gilberto Rebouças*. Médicos ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 01 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/155-gilberto-reboucas.html>>. Acesso em 21. Dez. 2012.

LEITE, Geraldo. *Heitor Prager Fróes*. Médicos Ilustres da Bahia e de Sergipe. Salvador: 2 de fevereiro de 2011. Extraído de: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/160-heitor-prager-froes.html>>. Acesso em 13/01/2013.

LEITE, Geraldo. *Heonir de Jesus Pereira da Rocha*. Salvador, 3 de fevereiro de 2011. Extraído de:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/162-heonir-de-jesus-pereira-da-rocha.html>>. Acesso em 12/12/2012.

LEITE, Geraldo. *Itazil Benício dos Santos*. Médicos Ilustres da Bahia e Sergipe. Salvador, 04/02/2011. Disponível: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/167-itazil-benicio-dos-santos.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2012.

LEITE, Geraldo. *Jorge Augusto Novis (Jorge Novis)*. Salvador, 7 de fevereiro de 2011. Extraído de:< <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/195-jorge-augusto-novis-jorge-novis.html>>. Acesso em 13 de janeiro de 2013.

LEITE, Geraldo. *José Adeodato de Souza Filho (Adeodato Filho)*. Salvador, 9 de fevereiro de 2011. Disponível em:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/213-jose-adeodato-de-souza-filho.html>>. Acesso em 12/12/2012.

LEITE, Geraldo. *José Maria de Magalhães Neto*. Salvador, 6 de fevereiro de 2011. Extraído de:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/180-jose-maria-de-magalhaes-neto.html>>. Acesso em 12/12/2012.

LEITE, Geraldo. *José Olímpio da Silva*. Salvador, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/a239-jose-olimpio-da-silva.html>>. Acesso em 12.12.2012.

LEITE, Geraldo. *Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa*. Salvador, 3 de fevereiro de 2011. Extraído em:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/247-luiz-fernando-seixas-de-macedo.html>>. Acesso em 12/12/2012.

LEITE, Geraldo. *Octávio Torres*. Médicos Ilustres da Bahia e de Sergipe. Salvador, 17/02/2011. Extraído de:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/277-octavio-torres.html>>. Acesso: 12/12/2012.

LEITE, Geraldo. *Reminiscências*. Feira de Santana, BA: Gráfica Universitária. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

LEITE, Geraldo. *Renato Tourinho Dantas*. Médicos ilustres da Bahia e de Sergipe. Salvador, 19 de fevereiro de 2011. Extraído de:<<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/294-renato-tourinho-dantas.html>>. Acesso em 15 de novembro de 2012.

LESSA, Hélio Andrade; BALEEIRO, Eduardo Moraes. A História da Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p. 219-222, jul.-Dez. 2007.

LIMA, Estácio de. Abertura dos cursos da Faculdade [Aula Inaugural da Faculdade de Medicina da Bahia de 1942]. In: OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória Histórica da*

Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p. 79-87, 1992.

LIMA, Estácio de. Renato Tourinho Dantas. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, Volume 1, abril. Salvador, 1978.

LIMA, Jutorib de Oliveira. Proposta do ICS para concessão do Título de Professor Emérito *post mortem* ao Prof. Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa. In: ARAÚJO, Roberto Paulo C. de (org.). *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p. 161-164, 2004.

LIMA, Lamartine. “Professor Dr. Aníbal Muniz Silvany Filho”. *Jornal A Tarde*, 01 de março de 2006.

MACEDO COSTA, Luiz Fernando de. Aristides Novis. *Sinopse Informativa*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, v. 2, n.2, outubro de 1978.

MACEDO COSTA, Luiz Fernando de. “Heonir Rocha”. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. Volume 2, junho, 1979.

MACEDO COSTA, Luiz Fernando de. “Discurso de Saudação a Jorge Augusto Novis”. *Anais Academia de Medicina da Bahia*, Salvador, v. 3, junho 1981.

MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto; notas sobre uma trajetória médica. *Revista SBPC*, n. 11, p.75-81, 1994.

MACHADO, Almério de Souza. A História da Pneumologia na Bahia: Tributo ao Professor César Augusto de Araújo. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p. 195-209, jul-dez.2007.

MAGALHÃES DA SILVA, Vanessa. *No Embalo das Redes: Cultura, Intelectualidade, Política e Sociabilidades na Bahia (1941-1950)*. [Dissertação. Programa de Pós-graduação em História]. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: < http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Dissertacao_Vanessa_Magalhaes_da_Silva.pdf >. Acesso em 31/12/2012.

MAGALHÃES NETO, Francisco. Discurso de saudação. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p. 84-89, 1999.

MAGALHÃES NETO, José Maria de. Discurso. Adeus da Academia ao Presidente Luiz Fernando Macedo Costa. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. v. 6, julho. Salvador, 1985.

MAGALHÃES NETO, José Maria de. Discurso de Agradecimento. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 9, p. 47-50. Salvador, 1993.

- MAGALHÃES NETO, José Maria de. Discurso de Saudação ao Prof. Armênio Guimarães. *Anais da Faculdade de Medicina da Bahia*, v. 7, julho de 1987.
- MANUEL Augusto Pirajá da Silva [Biografia]. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biografia/manuel-augusto-piraja-da-silva.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2008.
- MARBACK, Roberto Lorens. História da Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA (1884-2007). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p. 223-228, Jul.-Dez. 2007.
- MEIRELLES FILHO, Menandro dos Reis. *Breves considerações sobre a symphyseotomia*. These inaugural apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1898. 89p
- MEIRELLES, Nevolanda Sampaio; Santos, Francisca da Cunha; Oliveira, Vilma Lima Nonato de; Lemos-Júnior, Laudenor P.; Tavares-Neto, José. Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. *Gazeta Médica da Bahia*, v.74, n.1, p. 9-101, jan.-jun. 2004.
- MEMORIAL Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: Empresa Gráfica do Estado da Bahia; Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2007.
- MOURA, Caio Octávio Ferreira de. *Memória Histórica dos acontecimentos mais notáveis relativos ao ano de 1914*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1914.
- MUNIZ, Antônio Amaral Ferrão. *Contribuição ao estudo de thanatophidia e seu tratamento*. These apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia. Bahia: Litho-Typ. E Enc. Wilcke, Picard & C., 1898. 155p.
- NARDINI, Bruno. *Mitologia: o primeiro encontro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- NOTA da Editora. Dados bibliográficos do Autor. In: SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e Obra de Pirajá da Silva*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- NOVIS, Jorge. Magalhães Neto. *Sinopse Informativa*, Universidade Federal da Bahia, vol. II, N° II. Salvador, out. 1978
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 178-9, 2000.
- OLIVEIRA, Clóvis. In memoriam-1926-Prof. Plínio Garcez de Senna-1989. *Rev. Bras. Neurol.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 3-4, 1991.
- OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.441p.

- OMS. *Control de la leishmaniasis*. Serie de Informes Tecnicos, n. 949, Geneva: OMS, 2012.
- PACHECO, Maria Thereza de Medeiros. A Medicina Legal na Bahia. Início e evolução do ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, 139-157, Jul.-Dez. 2007.
- PACHECO, Maria Tereza de Medeiros. Lembranças da Faculdade do Terreiro. In: BOAVENTURA, Edivaldo M. (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p. 267-270, 1999. 392p.
- PAIXÃO, Fernando. Heitor Prager Fróes. Educação em destaque. *História da Educação na Bahia*. Salvador, 2 de abril de 2009. Extraído de: <<http://secbahia.blogspot.com.br/2009/04/heitor-prager-froes.html>>. Acesso em 12.12. 2012.
- PARENTE SILVA, Lara; NOVAES, Maryana Dias. Pirajá da Silva. In: MATUTINO, Adriana Reis Brandão; CORREIA, Fernanda Ramos; JACOBINA, Ronaldo Ribeiro (Org.). *Faculdade de Medicina da Bahia: 200 Anos de Pioneirismo*. Salvador: Edufba, 2012 (in press).
- PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (vida e obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.
- PASSOS, José Silveira. O que é Análise Transacional? PortalBrAT, 2013. Extraído de: <http://www.josesilveira.com/novosite/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=33>. Acesso em 13/01/2013.
- PATTO, Sabrina. O que é Análise Transacional. Linhas Psicoterápicas, 07/10/2009. Extraído de: < <http://www.psicologasabrinapatto.com/wordpress/o-que-e-analise-transacional/>>. Acesso em 13/01/2013.
- PEIXOTO, Afrânio. Um sábio mestre e amigo. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, v. 23, p. 179-196, 1933.
- PICCININI, Walmor. Nelson Pires (1910-1994). História da Psiquiatria. *Psychiatry on line Brasil*, v. 9, n.9, p.1-5, set. 2004.
- PONDÉ DE SENNA, Consuelo. Antônio Inácio de Menezes. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia. Ano II, No II, outubro. Salvador, 1978.
- PONDÉ, Edístio. *Ligeiras considerações em torno do Espasmo de Torção. Contribuição ao estudo das syndromes extra-piramidais*. Bahia: Typographia Social, 1925.
- PRAGUER, Francisca. B. Observação de um caso de gravidez extra-uterina abdominal. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 27, p. 206-210, 1895.

- PRATA, Aluizio. Comemoração do centenário da descoberta do *Schistosoma mansoni* no Brasil. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 41, n. 6, p. 689-691, nov-dez, 2008.
- PRATA, Aluizio. Estudo clínico da acromegalia. *O Hospital*, v.134, n.2, p.243-292, 1948.
- PRATA, Aluizio. *Estudo Clínico e Laboratorial do Calazar*. Salvador; UFBA, 1957.
- PRATA, Aluizio. “José Duarte de Araújo (1934-1992)”. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 27, n. 3, p.189, jul.-set. 1994.
- PRATA, Aluizio & ABOIM, E. *Simpósio sobre Esquistossomose*. Salvador, 1957.
- PRATA, Aluizio & ABOIM, E. (Org.). *II Simpósio sobre Esquistossomose*. Salvador: Ministério da Marinha e Universidade Federal da Bahia, 1970.
- PRATA, Álvaro Troubes. Origins: a short biography of Aluizio Rosa Prata and his family heritage. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, v.45. Supl. 1, p.5-8, 2012.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAFAIETE COUTINHO - ESTADO DA BAHIA. História. Lafaiete Coutinho, BA, 2011. Extraído de: <<http://www.pmlafaietecoutinho.ba.ipmbrasil.org.br/Artigo.aspx?idArtigo=416>>. Acesso em 13/01/2013.
- PROF^a MARIA Thereza de Medeiros Pacheco. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia - Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.
- PROF. DR. JOSÉ Coelho dos Santos. [Ficha do docente com dados biográficos]. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.
- PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO da Silva. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d. 3p.
- PROF. DR. MENANDRO DOS REIS MEIRELLES FILHO. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d. 3p.
- PROF. FERNANDO JOSÉ de São Paulo. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.
- PROF. FERNANDO Visco Didier. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.
- PROF. GERALDO de Sá Milton da Silveira. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.
- PROF. JOSÉ Adeodato de Souza Filho. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROF. JOSÉ MARIA de Magalhães Neto. Arquivo geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) – UFBA. Salvador, s/d. 3p., s/d
- PROF. RENATO TOURINHO DANTAS. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.

- PROFESSOR ALMIR Sá Cardoso de Oliveira. Matrícula 1.212.200. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), s/d.
- PROFESSOR ANTONIO do Amaral Ferrão Muniz. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR EDÍSTIO Pondé. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR CESAR Augusto de Araujo. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR EDUARDO Diniz Gonçalves. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR EDUARDO LINS Ferreira de Araújo. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d. 3p.
- PROFESSOR EUVALDO Diniz Gonçalves. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d. 2p.
- PROFESSOR DR.HOSANNAH de Oliveira. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR DR. OCTAVIO Torres. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d. 3p.
- PROFESSOR FLAVIANO Innocência da Silva. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR FLÁVIO de Araújo Faria. Matrícula 1.619.023 [Ficha de docente com dados biográficos]. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.
- PROFESSOR JOÃO José de Almeida Seabra. [Ficha docente com dados biográficos]. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d. 2pág.
- PROFESSOR JORGE Augusto Novis. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) - UFBA. Salvador, s/d.
- PROFESSOR LAFAYETTE Coutinho Albuquerque. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d. 2p.
- PROFESSOR RAPHAEL de Menezes Silva. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Documentação do registro das atividades dos docentes da FMB. Salvador, s/d.
- QUEIROZ, Alicia Peltier de. Oração de Paraninfo proferida na solenidade da colação de grau dos Doutorandos em Medicina a 15 de dezembro de 1945. Salvador: Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1948. 17 p.

- QUEIROZ, Alicia Peltier de. Oração de Paraninfo proferida na solenidade da colação de grau dos Médicos pela Faculdade de Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, dezembro de 1959. 14 p.
- RAGO, Elisabeth Juliska. “Medicina e Feminismo no início do século XX: Francisca Prager Fróes (Bahia: 1872-1931)”. In: *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a.163, n. 415, abr./jun. 2002.
- REBOUÇAS, Gilberto. [Carta ao] Dr. André Villa Serra. In: FMB.UFBA.Título de Prof. Emérito. Processo n. 23066.019850/03-93. Salvador, fl. 135, 2003.
- ROCHA, Nilmar Vicente Pereira da. “Jorge Augusto Novis (Parecer). In: ARAÚJO, Roberto Paulo C. de. *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p.43-46, 2004.
- ROCHA, Nilmar Vicente Pereira da. “Trípoli Francisco Gaudenzi” (Parecer). In: ARAÚJO, Roberto Paulo C. de. *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p.57-59, 2004.
- ROTARY Club da Bahia. Presidentes – 1933-2012. Salvador: 2012. Extraído de: <<http://www.rotaryclubdabahia.com.br/o-rotary-da-bahia/presidentes-1933-2007>>. Acesso em 13/01/2013.
- RUBIM DE PINHO, Álvaro. Associação Baiana de Medicina: Meio século de existência. In: GUSMÃO, Ernane. *ABM: Setenta anos de glória (1942-2012)*. Salvador, ABM - Associação Bahiana de Medicina, p. p.25-66, 2012.
- RUBIM DE PINHO, Álvaro. Macedo Costa, o Médico. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*. Volume 7, julho. Salvador, 1987.
- RUBIM DE PINHO, Álvaro. Plínio Garcez de Senna (1926-1989) – in memoriam. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v.48, n.2, São Paulo, Jun 1990. Disponível em: <[www.scielo.br /scielo.php?pid=S0004-282X1990000200022](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X1990000200022) >. Acesso em: 10 de agosto de 2008.
- RUBIM DE PINHO, Solange Tavares. Álvaro Rubim de Pinho. História da Psiquiatria. *Psychiatry on line Brasil*, v.12, n. 10, out. 2007.
- SALES, Orlando; MELO, Ailton. Ensino da Neurologia na Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p. 234-236, jul.dez. 2007.
- SÁ MENEZES, Jayme de. Aristides Novis. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 6, julho de 1985.
- SÁ MENEZES, Jayme de. Geraldo Milton da Silveira. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 2, junho 1979.
- SÁ MENEZES, Jayme de. *Na Senda da História e das Letras*. Salvador, 1994.
- SÁ MENEZES, Jayme de. *Palavras de Ontem e de Hoje*. Salvador, 1993.

- SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e obra de Pirajá da Silva*. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- SANTOS, Roberto. *Vidas paralelas: 1894-1962*. Salvador: EDUFBA, 1997.
- SANTOS, Ruy. *A Faculdade do meu tempo. Memória-2º volume*. Brasília: Senado Federal, 1978. 248p.
- SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil*. 2 volumes. Salvador: Itapuã, 1970.
- SENNA, Plínio Garcez de. *Através de três décadas: memórias*. Salvador: Gráfica Trio, 1983.
- SENNA, Plínio Garcez de. Discurso comemorativo do centenário de nascimento do Prof. Antônio Ignácio de Menezes. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia. Ano II, No II, outubro. Salvador, 1978
- SENNA, Plínio Garcez de. *Ensino de neurologia na Bahia*. Vol. 1, nº 1. Salvador, 1985. 144p.
- SENNA, Plínio Garcez de. *Novas achegas sobre a epilepsia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1980.
- SENNA, Plínio Garcez de; RIZZO, Alfredo O. *Iniciação ao exame neurológico*. Salvador, 1975.
- SENNA, Renato de Moraes. Reminiscências da FAMED. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p. 198-199, 1999. 392p.
- SILVA, Alberto. *A Primeira Médica do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Pongetti, 1954.
- SILVA, Benedicto Alves de Castro. “A Cachoeirana Doutora Odília Teixeira Lavigne”. Salvador, *A Tarde*, Gente Memória, , p.06, 21 de outubro de 2011.
- SILVA, Flaviano Innocência da. *Prophylaxia Pública da Syphilis*. These apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia. Bahia: Imprensa Popular, 1900. 137p.
- SILVA, Penildon. “Saudação ao Prof. Jorge Novis por ocasião de posse como Professor Emérito da UFBA, em 17 de outubro de 1983”. In: ARAÚJO, Roberto Paulo Correia de (org.). *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p. 47-49, 2004.
- SILVA, Penildon. “Saudação ao Professor Trípole Francisco Gaudenzi por ocasião de sua posse como professor Emérito da UFBA em 13.12.1984”. In: ARAÚJO, Roberto Paulo C. de. *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p.60-61, 2004.

- SILVA Raphael de Menezes. *Estudo Anatomico da rede venosa pericephalica e veias emissarias*. These de Concurso. Bahia: Livraria e Typographia do Commercio, 1927. 121p. (Exemplar do acervo da biblioteca particular de Antônio Carlos N. Britto).
- SILVA, Vanessa Magalhães da. *No Embalo das Redes: Cultura, Intelectualidade, Política e Sociabilidades na Bahia (1941-1950)*. [Dissertação. Programa de Pós-graduação em História]. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Dissertacao_Vanessa_Magalhaes_da_Silva.pdf >. Acesso em 31 de dezembro de 2012.
- SILVEIRA, Geraldo Milton da. Discurso Proferido em Homenagem ao Prof. José Maria de Magalhães Netto. *Anais da Faculdade de Medicina da Bahia*, v. 9, p.43-46. Salvador, 1993.
- SILVEIRA, Geraldo Milton da. Discurso pronunciado na sessão solene da Câmara Municipal de Salvador, quando lhe foi outorgada a medalha Thomé de Souza. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v.11, dez. 1998.
- SILVEIRA, Geraldo Milton da. Dr. Eduardo de Sá Oliveira. In: OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p. 7-9, 1992.
- SILVEIRA Geraldo Milton da.. História da Coloproctologia na Bahia. *Rev bras Coloproct*, 2004; 24(1):75-77.
- SILVEIRA, Geraldo Milton da. Quatro grandes cirurgiões, quatro diferentes personalidades. *Anais da Academia de Medicina da Bahia*, v. 12, julho de 2003.
- SILVEIRA, José. Fernando São Paulo. *Sinopse Informativa*. Universidade Federal da Bahia, Vol. II, n. 2, outubro. Salvador, 1978
- SILVEIRA, José. *No Caminho da redenção. Retrato de uma época*. Salvador: Edição do Autor, 1988.
- SILVEIRA, José. *Sombra de uma sigla (40 anos de IBIT)*. Salvador, 1977.
- SILVEIRA, José. *Uma doença esquecida: a história da tuberculose na Bahia*. Salvador, 1994.
- SILVEIRA, José. *Vela acesa. Memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1980.
- SIMÕES, Ruy. *Retratos*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1991.

SOCIEDADE Brasileira de Cardiologia – Seção Bahia. Galeria de Ex-Presidentes: Adriano Pondé. Salvador: SBC-Ba, 2006. Disponível em: <<http://sociedades.cardiol.br/ba/ex-presidentes/ponde.asp>>. Acesso em 21 de novembro de 2012.

SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, 1973. [1 ed. Salvador: Editora Beneditina, 1949; ou 3 ed.rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, 1979]

SOUZA, Antônio Loureiro de. Clementino Fraga. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 265-266, 1973.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Edgard Santos. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 299-300, 1973.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Edístio Pondé. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1567-1925)*. 3 ed.rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, p. 317-318, 1979.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Garcez Fróes. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 235-236, 1973.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Magalhães Neto. SOUZA. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 305-306, 1973.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Octávio Torres. In: SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, p. 281-282, 1973.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Pinto de Carvalho. In: SOUZA, op cit., p. 251-252, 1973.

SOUZA, Guaraci Adeodato Alves. Alguns dados biográficos de José Adeodato de Souza Filho. Salvador, 2013 (impresso).

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: UNESP; Salvador: EDUFBA, 2001.

TAVARES-NETO, José. *Formandos de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia*. Feira de Santana-BA: Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008. 331p.

- TAVARES-NETO, José. Nota histórica do Editor. Descobridor brasileiro do mecanismo de herança da anemia falciforme. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n.3 , p.5-7, Ago.-Out. 2010.
- TAVARES, Odorico. *Bahia, imagens da Terra e do Povo*. São Paulo, 1951.
- TEIXEIRA, Luiz Carlos Calmon. Discurso proferido na solenidade de aposição do retrato de Plínio Garcez de Senna na galeria dos diretores da Faculdade de Medicina. Salvador, 2001.
- TEIXEIRA, Maria Odília. *Algumas considerações acerca da curabilidade e do tratamento das cirroses alcoólicas*. Cachoeira-BA: Typographia d'A Ordem, 1909. 22p.
- TEIXEIRA, Rodolfo. Biographical data of Professor Prata at Universidade Federal da Bahia, Brazil. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, v.45. Supl. 1, p.9-11, 2012.
- TEIXEIRA, Rodolfo. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)*. Salvador: Edufba, 1999.
- TORRES, Octávio. *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)*. Salvador: Imprensa Vitória, 1946. 137p.
- TORRES, Octávio. *Biografias resumidas dos professores da Academia e da Escola de Belas Artes da Bahia. Desde a sua fundação em 1877 até hoje, 1955*. Arquivo da Escola de Belas Artes, Salvador, 1955 [impresso].
- TOUTAIN, Lúcia Maria. Luiz Fernando de Macêdo Costa (1979-1983). In: TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; VARELA, Aida Varela (orgs.). *Reitores da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- VALENTE, Margot Lobo. *Recordações da Faculdade de Medicina da Bahia: Terreiro de Jesus*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2008.
- VEIGA, Cláudio. “Edgard Pires da Veiga” (Parecer 1-01333/80). In: ARAÚJO, Roberto Paulo C. de. *ICS: Emérita memória*. Salvador: ICS, p.37-39, 2004.
- VILLELA, Milton de Uzêda. Depoimento. *Sinópsse Informativa*. Universidade Federal da Bahia, v 2, n.2, outubro. Salvador, 1978.
- WITTGENSTEIN , L. Aforismo 7. Tratado Lógico-Filosófico (*Tractatus Logico-Philosophicus*). São Paulo: Companhia Editora Nacional-Editora da USP, 1968.
- WOLFOVITCH, Moysés; SCHIPER, Luis; WOLFOVITCH, Luiz. A História da Ortopedia no Estado da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n.2, p. 229-233, Jul.-Dez. 2007.

CAPÍTULO 2

SERVIDORES TÉCNICO- ADMINISTRATIVOS

“- Se você não estivesse em Anatomia, Half ,
onde você gostaria de estar?”

“- Onde eu pudesse *ter liberdade e adquirir conhecimento*”.

João Francisco do Sacramento,
bedel de Anatomia da FAMEB.

In: Entrevista com Half: “Half é quem fala”,
pasquim estudantil *Capuco*, ano 1, n.2, outubro de 1971; grifo nosso.

OS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS NOS 200 ANOS DA FAMEB: ALGUNS ACONTECIMENTOS E PROTAGONISTAS DESTA HISTÓRIA (1808-2008)

A relação fundamental numa instituição de ensino é a relação professor-aluno. Todavia, há um agente no processo educacional muito relevante para que esta relação se dê de modo favorável. Este agente que, ao realizar competentemente seu trabalho, fica praticamente invisível e quase nunca recebe o merecido reconhecimento pela qualidade de seu desempenho. Ao contrário, ele recebe frequentemente críticas, quando apresenta algum problema na realização de sua prática. São os servidores técnico-administrativos. Nos momentos de paralisação exclusiva deste segmento da comunidade acadêmica, os outros componentes da instituição - dirigentes, professores e alunos - sentem a relevância de suas atividades no dia-a-dia da instituição acadêmica.

Para romper com uma tradição histórica, vamos tentar neste capítulo começar um esforço para dar maior visibilidade a este sujeito – o Servidor Técnico-Administrativo em Educação (STAE) - na vida bicentenária da Faculdade de Medicina da Bahia.

Não conseguimos registros sobre os servidores nos primeiros períodos, quando o curso funcionou de modo muito precário, com poucos docentes, em péssimas condições tanto no antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, de 1808 a 1816, quanto na Misericórdia, junto ao Hospital de Caridade. Este Hospital denominado a partir de 2 de julho de 1833 de Hospital São Cristóvão pertencia à Santa Casa de Misericórdia (SCM) e foi campo de prática do ensino médico na Bahia até 1896, quando a SCM construiu o Hospital Santa Isabel e fechou o Hospital da Caridade (Costa, 2000).

2.1. SECRETÁRIOS E TESOUREIROS DA ESCOLA MÉDICA DA BAHIA

Ficaram sem identificação para a memória histórica muitas das pessoas que auxiliavam os médicos nos hospitais e os lentes no ensino médico. Malaquias Santos (1905), na primeira memória histórica, em 1854, relata que o Lente **José Álvares do Amaral**, além de Professor Substituto dos dois primeiros anos, era o Secretário do Colégio (p.05).

2.1.1. Secretários do Colégio Médico-Cirúrgico e da Faculdade de Medicina da Bahia

O Secretário “da Schola” existiu na Fameb por mais de cem anos (1816-1948). A grande maioria deles era formada em medicina e, quase todos, eram docentes da faculdade. Sendo médicos, muitas vezes também professores e realizando suas funções diretamente vinculadas ao Diretor do colégio (depois, faculdade), os Secretários tinham

muita influência na gestão. Esse empoderamento, sobretudo no período do Colégio Médico Cirúrgico (1816-1832), pode ser ilustrado pelo fato de que, dos quatro primeiros secretários desse período, dois deles foram Diretores da Fameb, algum tempo depois de ter exercido o cargo de Secretário (Ver **Quadro 1** abaixo). E dos oito citados, teve mais um, no período imediato à mudança de colégio para faculdade.

Quadro 1 – SECRETÁRIO E OFICIAL DE SECRETARIA DA FAMEB – 1816-1918

Nº	PERÍODO	NOME DO SECRETÁRIO / OFICIAL DE SECRETARIA	OBSERVAÇÕES
1	17/03/1816 07/07/1825	José Álvares do Amaral	Médico não diplomado pela Fameb
2	07/07/1825 24/05/1826	Francisco de Paula de Araújo e Almeida	Formado pela Fameb em 1819. 3º diretor da FMB (1836-1844)
3	24/05/1826 04/09/1829	Francisco Marcellino Gesteira	Formado pela Fameb em 1819 Secretário interino
4	04/09/1829 06/03/1833	Vicente Ferreira de Magalhães	Formado pela Fameb em 1827 7º diretor da FMB (1871-1874)
5	06/03/1833 27/03/1833	João Baptista dos Anjos	Formado pela Fameb em 1827 6º diretor da FMB (1857-1871) Foi de curta interinidade
6	27/03/1833 25/11/1862	Prudêncio José de Souza Britto Cotegipe Secretário da Faculdade	Formado pela Universidade de Coimbra
	03/07/1855 1890	Thomaz Aquino Gaspar Oficial de Secretaria	Formado pela Fameb em 1852
7	12/02/1863 1890	Cincinato Pinto da Silva Secretário	Formado pela Fameb em 1857
	1864-1881	José Theotonio Martins Oficial de Secretaria	Formado pela Fameb em 1845
	1881-1890	João Gualberto de Souza Gouveia Oficial de Secretaria	Formado pela Fameb em 1877
8	1890-1918	Menandro Reis Meirelles Secretário	Formado pela Fameb em 1875

Fonte: FORTUNA & TAVARES-NETO, 2010.

Tavares-Neto (2008) cita também os secretários **Matheus Vaz de Oliveira** (formado em 1875) e **Agenor de Souza Bonfim** (turma de 1917). Dr. Matheus escreveu, em 1890, o *Índice Geral dos Graduandos da Faculdade de Medicina da Bahia*, começando a partir de 1819, e também o *Registro do Exercício do Pessoal Docente*, infelizmente, com destino desconhecido. Dr. Agenor foi também professor e escreveu o texto *A Faculdade de Medicina da Bahia* em 1923, no ano do centenário do Dois de Julho. No livro de memórias sobre a Faculdade de seu tempo (1923-1928), Ruy Santos registra que o ‘velho’ **Anselmo Pires de Albuquerque** (ver adiante) foi Secretário Interino em substituição ao Agenor Bonfim, “que vivia clinicando em Recife” (SANTOS, 1978, p.103).

Em consulta às teses doutorais, encontramos que Agenor Bonfim ficou como Secretário, pelo menos, no período de 1921 a 1926, sendo que, em 1928, constava como Secretario Dr. **José Pinto Soares Filho**. Formado em 1916, foi Professor da Fameb (TAVARES-NETO, 2008) e, como Secretário da Faculdade, recebeu em 1952, juntamente com o chefe de Portaria **Flaviano Gregório do Nascimento** e alguns professores, uma moção de Louvor do Reitor, através de ofício dirigido à direção da FAMEB (Ofício da Reitoria nº 387, 01/03/1952), nos seguintes termos: "Reafirmando quando deste *meu louvor* e cortesia se destina a cada qual dos servidores desta Faculdade, sem distinções nem hierarquias, permita-se-me, entretanto, para registro nas respectivas folhas de assentamento e prazer de todos por ser inconstante ato de justiça, citar nominalmente (...) o *Secretário*, Dr. José Pinto Soares Filho e o *Chefe de Portaria*, Flaviano Gregório do Nascimento, expressões mais altas das virtudes dignificantes do seu funcionalismo" (PROF. DR. JOSÉ OLYMPIO, s/d; grifo nosso).

Embora o Secretário e o Oficial de Secretaria sejam funcionários, com suas funções administrativas, por serem médicos e muitas vezes docentes, Fortuna e Tavares-Neto (2010) não os computam dentro do corpo técnico-administrativo da Faculdade. Para este memorialista, eles devem estar aqui, neste capítulo na função de secretário, oficial de secretaria, bem como os amanuenses e/ou demografistas.

2.1.2. Doutor Sabino: o Tesoureiro da FAMEB

A Lei de 3 de Outubro de 1832 da Regência Trina, que transformou o Colégio e a Academia Médicos-cirúrgicos em Faculdades de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, estabeleceu que o cargo de Tesoureiro deveria ser ocupado por um Professor

Substituto. Em 9 de maio de 1933 foi nomeado o primeiro Tesoureiro da Fameb, Dr. **João Antunes de Azevedo Chaves** (1805-1873). Cirurgião não diplomado pela Fameb, Prof. Azevedo Chaves participou da campanha pela independência do Brasil na Bahia, tendo sido condecorado. Foi Lente de Clínica Externa (Clínica Cirúrgica) de 1833 a 1861 (OLIVEIRA, 1992).

Em 12 de agosto de 1833 foi substituído pelo Dr. **Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira** (1797-1846). Não encontramos o registro do tempo que ficou no cargo. Com 26 anos, em 1823, ele já era Cirurgião-mor do exército (VIANNA FILHO, 1938). No levantamento nominal dos formandos da FAMEB, Tavares-Neto (2008), baseado em Santos (1905) e Albuquerque (1917), cita cinco nomes de formandos no período de 1812-1818 e comenta que não é possível dizer o ano com precisão deles, pois os autores referidos citam os cinco e dizem “e outros”. Lente Substituto da Seção de Ciências Cirúrgicas, ele foi nomeado em 15 de junho de 1833 e empossado em 12 de agosto do mesmo ano.

Dr. Sabino Vieira é um protagonista polêmico na história da Bahia e do Brasil. Participou também das lutas pela independência do Brasil na Bahia. Por outro lado, foi preso depois pelo comandante do “Exército pacificador” General Labatut, sob acusação de “subversivo” e “traidor” (VIANNA FILHO, s/d; Idem, 1938). Supõe-se que ele estava na posição daqueles que lutaram pela independência e se recusavam a dar o título de Imperador ao príncipe Dom Pedro só depois de uma Constituição feita numa Assembleia Constituinte (TAVARES LH, 2001).

Em 1924, Doutor Sabino apoiou o levante dos Periquitos (3º Batalhão dos Caçadores), que recusaram a substituição do comandante José Antônio da Silva Castro pelo coronel Francisco Gomes Caldeira, que, na revolta, foi morto. O levante foi reprimido.

Em 1833, já então docente e Tesoureiro da Fameb, o Prof. Sabino Vieira começou a editar o jornal *O Investigador Brasileiro*, com críticas ao poder local e central. Um episódio familiar ocorreu neste ano. Ele foi julgado pela morte da esposa Joaquina, embora tenha sido absolvido por unanimidade. No ano seguinte, no entanto, ele se envolveu em outro acontecimento que resultou em óbito. Em luta com o alferes José Joaquim, irmão do editor Vicente Ribeiro Moreira, de um jornal adversário do *Investigador Brasileiro*, Doutor Sabino o matou. O brilhante e turbulento Francisco Sabino foi condenado a seis anos, porém recebeu indulto imperial depois de um ano de

cumprimento da pena (PUPO, s/d). De qualquer modo, ele não ficou no cargo de Tesoureiro da Fameb, não há certeza se foi demitido ou demitiu-se. Quatro anos depois, o cirurgião Francisco Sabino liderou um movimento revolucionário batizado com seu nome, a *Sabinada*, ocorrido em Salvador e iniciado em 7 de novembro de 1837. Defendia o ideário federalista e, para alguns historiadores, republicano, além de exigir a convocação da Assembleia Constituinte para rever a Constituição de 1824 e dar maior autonomia às províncias. A revolta foi sufocada em março de 1838. Em 1840, com Dom Pedro II, aos 14 anos, no trono, a pena de morte foi comutada para degredo e Doutor Sabino foi para Goiás. Acusado de subversão em Goiás, o presidente da província obteve autorização e o desterro foi feito para o interior de Mato Grosso. Ele fugiu e passou a viver na clandestinidade até morrer em 1846 (TAVARES LH, 2001; PUPO, s/d).

Em 1836, o Dr. **Joaquim de Sousa Velho** assumiu o cargo de Tesoureiro. Não diplomado pela Fameb, ele foi Lente de Farmácia de 1845 a 1854; e de Matéria Médica de 1854-1861 (OLIVEIRA, 1992). Não temos a data até quando ele ficou no cargo.

Os tesoureiros também não são computados dentro do corpo técnico-administrativo da Faculdade por Fortuna e Tavares-Neto (2010). Embora houvesse a exigência de ser docente, no caso de Lente Substituto, os tesoureiros da Fameb também merecem o registro como funcionários pela função administrativa que exerceram.

Elias José Pedrosa, em sua memória referente ao ano de 1871, registrou a criação da função de “conservador” para o gabinete de Botânica e Zoologia, sendo nomeado para o cargo **Carlos Paraguassu de Sá**, além do servente para o mesmo gabinete, Sr. **Manoel do Bomfim Freitas** (PEDROSA, 1872, p.66). O *conservador* era o funcionário responsável pela organização do Gabinete, ou laboratório, destinado às aulas práticas e também do escritório do Lente ou Catedrático, geralmente em sala anexa ao gabinete (FORTUNA & TAVARES-NETO, 2010).

Era assim, nas memórias históricas, o enfoque sobre os servidores: informações eventuais, breves e dispersas. No entanto, com um trabalho muito cuidadoso, os autores acima citados levantaram os funcionários da Fameb dos cem primeiros anos da escola (1808-1908), que apresentamos no **Quadro 2**, excluídos os secretários, oficiais da secretaria e tesoureiros, pelas razões já expostas.

Quadro 2 – FUNCIONÁRIOS DA FAMEB (EXCETOS SECRETÁRIO, OFICIAL DE SECRETARIA E TESOUREIRO) – 1808-1908

Nº	Período	Nome do Funcionário / Cargo	Observações
1	17/03/1816 1821	Manoel Antônio Pires Porteiro-contínuo	Foi também aluno laureado em 1817 e 1818 e formado pela Fameb em 1820
2	1821 03/1824	Joaquim Pereira Borba Porteiro interino	Soldado de “batalhão de linha”
3	07/03/1824 12/1827	João Baptista dos Anjos Porteiro	Formado pela Fameb em 1827 6º diretor da FMB (1857-1871)
4	1833	Joaquim Coelho do Amaral Ajudante de Biblioteca (1º)	Falecido em 1858
5	1833	Hermenegildo José Fernandes Contínuo	Demitido por envolvimento na Sabinada.
6	?	Joaquim Antonio de Oliveira Guarda do Anfiteatro	Suspensão e readmitido das funções por envolvimento na Sabinada.
7	20/07/1855	Antonio José do Valle Guarda do Anfiteatro Conservador (1856)	
8	1855	Fiel José de Carvalho Ajudante de Biblioteca	
9	1855	José Ribeiro Soares da Rocha Porteiro	Falecido em 1878
10	1855	Justino Alves Sanctos Contínuo	Falecido em 1867
11	1855	Manoel José de Freitas Passos Contínuo, depois Ajudante de Bibliotecário	
12	1855	Ricardo João de Bittencourt Leite Bedel (Talvez o 1º da Fameb)	Bedel era o funcionário da disciplina e responsável por serviços nos gabinetes/laboratórios
13	1856	Leopoldo Florindo de Albuquerque Mello Conservador	Gabinete de Física. Falecido em 1858.
14	1858	José Viríssimo de Almeida Bedel	
15		Publio Constancio de Albuquerque Mello Bedel depois Conservador	Gabinete de Física, Fisiologia e Patologia Interna Aposentado em 1892
16	1865	José Leandro Gomes Contínuo	Aposentado em 1892
17	1867	José Aurélio da Silva Contínuo	
18	1871	Carlos Paraguassu de Sá Conservador	Gabinete de Botânica e Zoologia Pedeu exoneração em 1881

19	1871	Manoel do Bomfim Freitas Servente	
20	1876 1882	Manoel José de Araújo Ajudante de biblioteca	Lente de Fisiologia (1885-1912) Vice-Diretor 1905
21	1877	Prudêncio José dos Santos Conservador	Gabinete de Matéria Médica - Oficina Farmacêutica
22	1878*	Carlos Augusto de Barros Palácio Conservador	Gabinete de Química Mineral, Orgânica e Medicina Legal
23	1878	Damásio Daniel de Moura Brasão Bedel	Aposentado em 1892
24	1878	Guilherme Borges de Castro Porteiro	Falecido em 1884
25	1878*	José Almeida da Silva Contínuo	
26	1878*	José Nunes Monteiro Bedel	
27	1878*	Valeriano Lázaro Tourinho Contínuo	
28	1879 1883	Antônio Vítório de Araújo Falcão Conservador (Preparador) - Farmacêutico	Gabinete de Matéria Médica - Oficina Farmacêutica. Médico em 1883. Lente de Farmacologia e Arte de Formular (1891-1917)
29	1881	Carlos Augusto Freire de Carvalho Conservador	Gabinete de Botânica e Zoologia Médica
30	1881	Gustavo Martins Leite Conservador	Gabinete de Botânica e Zoologia Médica
31	1883	José Antonio de Almeida Araújo Conservador - Farmacêutico	Gabinete de Farmácia
32	- 1883**	José Joaquim Queiróz Contínuo	Era o funcionário mais antigo da Fameb em 1883
33	1883	Manoel Ignácio Penna Conservador - Farmacêutico	Gabinete de Fisiologia
34	1884	Bernardo Francisco de Araújo Servente de Biblioteca	
35	1884 1891	José Nunes Monteiro Porteiro	Aposentadoria em 1891
36	1890 1918	Eudócio Aureliano de Oliveira Amanuense (Substituto do Secretário)	Médico formado 1887. Amanuense / Demografista
37	1890	João Antonio Ferreira Amanuense	
38	1890	Leônidas José de Castro Conservador interino	
39	1891	Antônio Diniz Gonçalves Conservador	Gabinete de Odontologia - Curso anexo criado em 1884
40	1891	Antônio Martins de Oliveira Bedel	
41	1891	Antônio Soares Falcão Conservador	Gabinete de Operações

42	1891 1907	Eduardo Vaz de Carvalho Conservador	Museu de Anatomia Patológica
43	1891	Francisco Hermelino Ribeiro Conservador	Gabinete de Medicina Legal. Farmacêutico
44	1891	Francisco José Pereira de Carvalho Conservador	Gabinete de Medicina Legal
45	1891	João Augusto de Mattos Moura Conservador	Gabinete de Química Analítica
46	1891	João da Costa Cirne Amanuense	
47	1891	João Pereira Oliveira Conservador	Gabinete de Química Inorgânica
48	1891	Manuel José de Figueredo Menezes Conservador	Gabinete de Anatomia Médico- cirúrgica e Comparada
49	1891	Marinho Moreira Sergio Porteiro	
50	1891	Philadelfo Henrique Lucas Bedel	
51	1891	Romualdo Affonso Monteiro Conservador	Gabinete de Matéria Médica e Terapêutica
52	- 1892***	João Ferreira de Oliveira Conservador	Laboratório de Química Inorgânica
53	1892	Perpedigno Antonio de Mesquita Conservador	Gabinete de Fisiologia
54	05/1896 1934	Anselmo Pires de Albuquerque Amanuense	
55	1896	Carlos Brazilio da Silva Amanuense	
56	06/04/1907	Aurora das Dores Leitão **** Parteira Interina da maternidade	É provável ter sido a primeira funcionária da Fameb
57	1907	Antônio de Souza Guimarães Bedel	
58	1907	Fernando Reginaldo Teixeira Amanuense interino	Dentista
59	1907	Marcelino da Rocha Lima Bedel	
60	1908	Manoel Pereira Maia Bedel	
61	1909***	Esmerado Carneiro das Virgens Conservador	Gabinete de Clínicas Era Major.
62	1911***	Manoel do Nascimento Bessa	Decano dos empregados em 1911

* Ano que é citado em artigo de Manoel José de Araújo e não de nomeação.

** Ano de aposentadoria e não de entrada; *** Ano de falecimento. **** Tavares-Neto (2008) registra Aurora das Dores *Leite*. Adotaremos Leitão, conforme pesquisa de Maria Renilda Barreto (2008) sobre as parteiras na Bahia oitocentista.

Fonte: FORTUNA & TAVARES-NETO, 2010.

Nesses primeiros momentos da escola médica na Bahia, de escassos registros sobre seus servidores, citemos dois deles: Jonathas Abbott e **João Baptista dos Anjos**. Sobre o primeiro, será uma abordagem breve, pois, num estudo minucioso feito por Fernando Abbott Galvão, a informação da tradição oral, segundo a qual o seu trisavô teria sido bedel ou servente do Colégio, ele não encontrou testemunhos conclusivos. De qualquer modo, vale conhecer, mesmo de modo breve, este aluno e professor da FAMEB. Quem sabe a tradição oral esteja certa e, no futuro, tenhamos documentos provando o seu protagonismo como servidor do antigo Colégio Médico-Cirúrgico.

Jonathas Abbott nasceu em Kennington, Londres, em 6 de agosto de 1796. Chegou à Bahia em 1812, aos 16 anos, como *groom* (cavaliariço, pagem) do Prof. José Álvares do Amaral. Em 1816, ingressou no Colégio Médico Cirúrgico da Bahia, com 20 anos de idade. A tradição oral, registrada por José Valladares, em seu livro “Galeria Abbott”, publicado em 1951 (*apud* GALVÃO, 2007), refere que, de modo semelhante ao acadêmico João Baptista (ver a seguir), ao tempo em que estudava, ele teria trabalhado como bedel da instituição. Fernando Abbott contra-argumenta, pois “se ele tivesse sido bedel do Colégio Médico-cirúrgico, como constava, por tradição oral, certamente não haveria ele omitido tal circunstância” (GALVÃO, 2007, p.341).

Enquanto aluno, foi laureado no 2º e 3º ano do curso (ver **cap. 3**). Cirurgião-aprovado, em 1820 e cirurgião-formado, em 1821, quando se naturalizou brasileiro. De Lente Substituto de Anatomia, em 1825, chegou a Lente Proprietário de Anatomia Descritiva, em 1828, na vaga de Dr. José Soares de Castro. Em 1830, esteve para estudos na Europa, em Londres, Paris e Itália, tendo recebido, em 26 de agosto de 1831, o título de Doutor em Cirurgia, na Universidade de Palermo. Retornou à Bahia em 18 de agosto de 1832. Em 9 de dezembro de 1848, foi honrado com a Ordem da Rosa, no grau de Cavaleiro e, no ano seguinte, passou a Oficial.

Foi Vice-Diretor e Diretor interino da Fameb várias vezes, entre 1855 e 1857. Fundou um gabinete de Anatomia que, pela valiosa realização, a direção da, já então, Faculdade de Medicina da Bahia, deu ao “museu” o nome dele: *Gabinete Abbott* (OLIVEIRA, 1992). Sobre ele, diz Eduardo Sá de Oliveira (1992): “Tão interessado pela ciência quanto pela arte, o cons. Abbott foi um apaixonado colecionador (...) e organizou, além do referido museu anatômico, o mais importante do país, em seu tempo, uma preciosa coleção de quadros – a conhecida galeria Abbott, ‘estabelecida no Liceu’, com 391 peças, discriminadas em catálogo publicado graças aos esforços do sábio Prof. Pirajá da Silva” (p.148-149).

Sobre o outro registro ainda no Colégio Médico-cirúrgico, o porteiro, **João Baptista dos Anjos**, sua trajetória será descrita a seguir com mais detalhe.

2.2. DE PORTEIRO E ESTUDANTE A PROFESSOR E DIRETOR DA FAMEB

A seguir, faremos uma breve narrativa deste protagonista exemplar nos 200 anos da Faculdade, sendo referências as Memórias Históricas de Malaquias Álvares dos Santos de 1855 (SANTOS, 1905) e a de Eduardo de Sá Oliveira de 1942 (OLIVEIRA, 1992), além do minucioso e documental estudo de Antônio Carlos Nogueira Britto (2002b), Professor Honorário da FMB, em 2008. Este último trabalho foi apresentado quando da posse de ACN Britto como membro titular do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, em 11 de maio de 1995, na cadeira que tem como patrono o estudante, porteiro, professor e diretor da bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia.

João Baptista dos Anjos (Fig. 1) era de origem humilde, filho de Thomazia Leonel dos Anjos e Pedro de Jesus (BRITTO, 2002b), e não de pai homônimo, como refere seu primeiro biógrafo, Prof. Domingos Rodrigues Seixas (1871), que definiu João Baptista como “*um dos raros cidadãos, que se pode considerar feituuras de si próprios*” (p.50).

Homem rude, seu pai se opôs ao desejo do filho de estudar humanidades, que era um passo importante para a formação acadêmica. Coagiu o filho a entrar no comércio e este ainda muito jovem embarcou para a África, mais precisamente para a região do golfo de Benin, provavelmente para o tráfico de escravos, conforme os estudos de Verger (1987). Lá, foi preso e quase executado por ter transgredido um interdito local ao matar um abutre (urubu). Preso por membros de uma tribo local, Baptista dos Anjos foi solto pouco antes da execução, graças à cotização de seus conterrâneos, que pagaram a fiança, libertando-o.

Ao retornar a Bahia, ingressou como sacristão da Catedral, logo deixando a função, por não ter vocação. O acadêmico João Baptista se matriculou no Colégio Médico-cirúrgico em 1822, sendo aprovado plenamente ao final do ano. Interrompeu os estudos para lutar como Voluntário no Recôncavo, ingressando na luta pela independência do Brasil na Bahia, conforme atestado do Lente do 1º ano, José Soares de Castro. Este documento, transcrito por Britto (2002b), em rigoroso levantamento histórico, é datado de 12 de setembro de 1823, logo, o estudante ainda não tinha dado baixa, que ocorreria em 22 de outubro daquele ano, mais de três meses depois da expulsão, em 2 de julho de 1823, do exército do general Madeira de Mello.

Para obter rendimentos que aplicaria aos estudos no curso médico, que retornou a fazer, pleiteou a vaga de Porteiro no antigo Colégio Médico-cirúrgico. Cabe aqui esclarecer o significado da época de “Porteiro”, diferente do atual agente de portaria. O porteiro tinha entre suas funções a de apontar as faltas dos estudantes, quinze minutos depois de iniciada a aula, sendo a falta registrada num livro chamado “Porta” (presumimos que daí vem o nome *porteiro*), no qual diariamente eram lançadas as faltas (ALBUQUERQUE, 1919). Outras tarefas eram a de conservar as salas limpas, abrir às 7 horas, ser guardião dos bens da escola. Em geral, contava com a ajuda do “Contínuo”, que ficava disponível na escola, sendo o correio nela, dando avisos aos Lentes da direção e entre si, além de examinar a disponibilidade dos cadáveres e cuidados com os mesmos. Um servia para apontar as faltas do outro e ambos ficavam próximos às aulas, a fim de servir aos Lentes e Secretário (Idem, 1920). O cargo de Contínuo foi extinto em 1882.

O primeiro a ocupar o cargo de porteiro e, concomitantemente, contínuo foi o português **Manoel Antônio Pires**, nomeado, segundo Fortuna & Tavares-Neto (2010), em 17 de março de 1816. Ainda segundo os autores citados, além de porteiro e contínuo, Manoel Pires foi também estudante da escola médica. Pois, seis dias após a nomeação, ele teria se matriculado no curso do Colégio Médico-cirúrgico, ficando nessas múltiplas atividades de funcionário e estudante até 1820. Fortuna & Tavares-Neto (2010) destacam o claro conflito de interesses com essa duplicidade de atribuições, pois, como porteiro ele fazia a chamada dos alunos, seus colegas, e em suas possíveis faltas como porteiro ele não tinha o contínuo para fazer o devido registro, já que ele acumulava as funções.

O estudante Manoel Antonio Pires é um dos primeiros alunos laureados (ver cap. 3), tanto em 1817, quando estava no segundo ano do curso, quanto no terceiro ano, em 1818. Ele, junto com os colegas Fortunato Candido da Costa Dormund, Francisco de Paula e Araújo e Almeida, Francisco Marcelino Gesteira e Jonathas Abbott, em solenidade pública, receberam a doação de livros entregues pelo lente Jozé Avelino Barbosa (AZEVEDO, 2008).

O criterioso pesquisador em história da medicina baiana, Prof. Antônio Carlos Nogueira Britto, Professor Honorário da Faculdade, em mensagem eletrônica enviada em 24 de janeiro de 2013, afirma: “O manuscrito primário e original atinente ao ‘desleixado’ porteiro da Faculdade de Medicina da Bahia, MANUEL ANTONIO PIRES, data de 24 de Fevr.º de 1824. O Dr. MANOEL ANTONIO PIRES graduou-se

em Medicina em 1820. As fontes por mim consultadas estão custodiadas no Arquivo Público do Estado da Bahia (Guia do Império da Seção Colonial Colonial e Provincial - Caixa 1649 - maço nº 4046 - Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia 1824/1832)". Portanto, Manuel Antonio Pires estudou no Colégio Médico-cirúrgico de 1816 a 1820, diplomando-se como Cirurgião-titulado, pois vigia a duração do curso em quatro anos para Cirurgião-diplomado e cinco para titulado.

Seja em 1816, seja em 1824, o registro de **Manoel Antonio Pires** como funcionário da Fameb é, até o momento, o mais antigo. Tavares-Neto (2008), de modo prudente, diz: “É o mais antigo funcionário técnico-administrativo da FMB, sobre o qual se tem notícia; mas, *para a história da FMB ser mais completa, há necessidade de levantamentos sobre esse importante segmento*” (p.163; nota 109; grifo nosso).

Assim que se forma, o esperado é o diplomado deixar a função de funcionário, mas Manoel Osório continuou porteiro até 1824. Pensamos, inicialmente, na possibilidade de o estudante e o porteiro-contínuo serem homônimos, pois, a partir do levantamento apenas entre os alunos da Fameb de 1812 a 2008, feito por Tavares-Neto (2008), computamos, entre “homônimos” e “aparentes homônimos”, 66 (sessenta e seis) casos. O curioso é a grande frequência deles no século XIX, permanecendo alto até os anos 40 do século XX, sendo que, só depois dos anos 70 é que, praticamente, desaparecem os alunos com o mesmo nome. Por outro lado, como vamos ver a seguir, a Fameb tem o registro de um aluno que também foi porteiro.

Segundo Britto (2002b), o servidor Manoel Antônio Pires obteve afastamento por licença médica e retornou à sua terra natal. Foi nomeado porteiro interino o Sr. **Joaquim Pereira Borba**, que teve ativa participação nas lutas na Bahia pela Independência do Brasil (FORTUNA & TAVARES-NETO, 2010). Após a independência, vencido o prazo da licença, o porteiro Manoel Pires não mais retornou ao seu antigo posto, que tinha deixado sob a responsabilidade do cunhado, Joaquim Borba, que era praça do Batalhão de Caçadores e tinha suas obrigações militares (BRITTO, 2002b). Essa licença e a interinidade ocupada pelo cunhado talvez explique o fato do Dr. Manoel Antônio Osório ter ficado como servidor por mais quatro anos depois de formado. E talvez explique também o seu desleixo, constatado por Britto (ver acima).

O jovem estudante **João Baptista dos Anjos** conseguiu o posto de Porteiro em 07 de março de 1824 e nele ficou até ser “aprovado” em Cirurgia, na 13ª turma da escola *mater*, em 18 de dezembro de 1827 (BRITTO, 2002b; TAVARES-NETO, 2008).

Sua trajetória acadêmica foi a seguinte: cursou o 1º ano de disciplinas teóricas, como Anatomia, em 1822, sendo seus examinadores os lentes Manuel da Silveira Rodrigues e José Avelino Barboza. Este último viria a ser o primeiro Diretor da FAMEB, indicado pela Congregação, em 1829 (TAVARES-NETO, 2008). Em 1823, como já referido, ele suspendeu o curso para lutar como voluntário na guerra da independência do Brasil na Bahia. Retornou ao curso em 1824, tendo feito os exames do 2º ano e sido aprovado, em maio de 1825. No 3º ano, cursou ‘Higiene, Etiologia, Patologia e Terapêutica’ e Química. Em dezembro daquele mesmo ano, foi examinado e aprovado pelos Lentes Antônio Ferreira França, Manuel Estrela e José Avelino Barboza. No 4º ano, em 1826, cursou a cadeira de ‘Partos’, com o Lente Antonio Torquato Pires de Figueiredo e ‘Matéria Médica e Farmácia’, com Francisco de Paula de Araujo e Almeida. No 5º ano, tendo feito os exames práticos de ‘Anatomia’ e de ‘Operações’ (em cadáver), foi aprovado em Cirurgia. Para obter o grau de ‘Cirurgião Formado’, ele cursou um 6º ano, em 1828. Nele apresentou os ‘Diários de cinco doentes’ e defendeu uma dissertação. Obteve o grau em 20 de dezembro de 1828, tornando-se Opositor, por ter feito esse ano adicional, na época. Desse modo, ele foi Lente Examinador de dois alunos que tinham sido seus colegas em algumas matérias, o compadre Elias José Pedroza, que seria depois Lente de Anatomia Geral e Patológica, e Vicente Ferreira de Magalhães, mais tarde Lente de Física Médica, cadeira criada em 1833.

Assim Seixas (1871) se expressa sobre esta conquista deste zeloso funcionário da FAMEB:

Sem pertencer por tanto o jovem aspirante à essa raça privilegiada da sociedade, a orgulhosa aristocracia, que firma nos foros da nobreza o grande futuro, que a sociedade viciosa lhe aponta com segurança, sabia elle marchar corajoso na mesma senda, até que por fim, (...) alcançou o diploma de Cirurgião formado, título tanto mais honroso, quanto foi conquistado com os olhos fitos no quadro pungente das privações e dos trabalhos (SEIXAS, 1871, p.51; grifo nosso)

Prof. Batista dos Anjos se tornou Lente da cadeira de Higiene em 1839. Foi o 1º Presidente da *Academia de Sciencias Medicas da Bahia*, fundada em 5 de abril de 1848 (BRITTO, 1994). Em 1857, foi escolhido para Diretor da já então nomeada Faculdade de Medicina da Bahia (OLIVEIRA, 1992). No cargo, ele ficou quinze anos, de 1857 a 1871, sendo o diretor da Faculdade no momento da visita do Imperador Pedro II, em 1859. Teve alguns encontros com o imperador e num deles, em 6 de outubro daquele ano, reclamou do Estatuto das Faculdades de Medicina do Império, “principalmente nas penas de prisão e repreensão” dos alunos. Pedro II referiu, no seu diário de viagem, que,

numa das visitas à FAMEB, Batista dos Anjos se queixou das instalações, destacando que “o laboratório de química estava mal acomodado” (PEDRO II, 2003).

O protagonismo de **João Baptista dos Anjos** na história da Faculdade de Medicina da Bahia se dá integralmente, como servidor, ao atuar como Porteiro para custear seus estudos, como estudante, ao suspender os estudos para participar da luta pela libertação do país do jugo lusitano e na condição de professor, como Lente de Higiene e Diretor.

2. 3. O AMANUENSE – ARQUIVISTA ANSELMO PIRES DE ALBUQUERQUE

Do final do século XIX às duas primeiras décadas do século XX, destacou-se um amanuense na Faculdade de Medicina da Bahia. Amanuense era o funcionário em repartição pública que, em geral, fazia os registros, as cópias de documentos e cuidava da correspondência da instituição. O servidor **Anselmo Pires de Albuquerque** escreveu, a partir de 1896, cinco volumes com os arquivos da FAMEB, quatro datados de 1916 a 1919, e um sem especificação, mas referente ao ano de 1920. Ele também deixou registrados dados biográficos de 32 antigos professores da Fameb (BRITTO, 2002b, p. 63).

Um desses registros foi do Prof. Juliano Moreira. A Gazeta Médica da Bahia publicou uma matéria biográfica sobre o psiquiatra baiano, no ano de seu falecimento e registrou que as notas biográficas eram do “*archivo do Snr. Anselmo Pires de Albuquerque, zeloso e exemplar amanuense da Faculdade de Medicina*” (PROF. JULIANO, 1933, p.817; grifo nosso).

É um registro importante, pois há nele o reconhecimento das qualidades do funcionário da escola – *zelo e exemplo* -, feito por um órgão que, naquele momento, era externo a FAMEB, a Gazeta Médica da Bahia. Esta importante revista médica do país reproduziu um dos seus textos biográficos.

Há também o testemunho de um contemporâneo, o Prof. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, que, na Memória Histórica da FAMEB de 1924, comenta:

O lugar de archivista   desempenhado, com zelo e competência desde maio de 1896 pelo Sr. Anselmo Pires de Albuquerque cumulativamente com o de amanuense. Esse distinto funcionário tem prestado, além de outros relevantes serviços ao nosso Instituto com a elabora o do Archivo da Faculdade de Medicina da Bahia – preciosos repositórios de documentos, factos, ocorrências, informa o, das mais curiosas, úteis e importantes relativas a história e vida do nosso velho estabelecimento de ensino (ARAGÃO, 1924).

Outro testemunho é o do prof. Eduardo de S  Oliveira, também memorialista. De início ele faz referência indireta ao arquivista quando diz: “Um dedicado arquivista da

nossa Faculdade de Medicina,(...) registrou: em 1830 ‘a matrícula ascendeu a 21 alunos. Pela primeira vez houve um preparatoriano reprovado – por não saber ler e escrever’(Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, 1919-1920)” (OLIVEIRA, 1992, p.28). O registro citado de Pires de Albuquerque é precioso. Fica claro que, nos primeiros 22 anos da escola médica na Bahia praticamente não havia nenhum critério de seleção e só em 1830, próximo do momento do Colégio médico-cirúrgico se tornar Faculdade de Medicina, um candidato ao curso médico foi reprovado por ser analfabeto.

De retorno à memória histórica de 1942 do memorialista Sá Oliveira, quando ele faz a introdução da ‘Galeria dos Retratos dos Professores Falecidos’, que inspirou este memorialista a fazer a “Galeria dos Professores Encantados” (**vol. III, cap. 1**), ele registra entre as principais fontes de seu trabalho, o dicionário de Black [Augusto Vitorino Alves Sacramento Black: *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro Typ. Nacional, 1883-1902, 7v. (SOUZA, 1973)], a Memória de Gonçalo [Moniz Sodré de Aragão: Memória Histórica da Fameb – 1924] e o **Arquivo de Anselmo** [Arquivo da Fameb de Anselmo Pires de Albuquerque]. De modo muito explícito, ao apresentar os dados biográficos dos dois primeiros professores da Escola de Cirurgia da Bahia, Manoel José Estrela e José Soares de Castro, diz que transcrevia na íntegra os dados biobibliográficos organizados pelo “antigo Amanuense – Arquivista da Faculdade Snr. Anselmo Pires de Albuquerque”. E prossegue: “Presto, assim, uma justa homenagem à memória desse modesto, operoso e inteligente colaborador espontâneo da História tão brilhante do nosso Instituto. Além disso, trata-se de um trabalho digno de ser mais divulgado, como outros de sua autoria, sobre a evolução dos estudos médicos na Bahia, e é bem elaborado” (OLIVEIRA, 1992, p. 114). Aqui, o registro é também no sentido de uma homenagem neste capítulo sobre o protagonismo dos funcionários da Fameb.

Um ponto de consenso sobre Pires de Albuquerque é que ele é um dos pioneiros da Arquivologia ou Arquivística do Estado da Bahia (TAVARES-NETO, 2007). Entre 1916 e 1920, ele produziu e organizou os Arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia.

Sabe-se também que ele, em diferentes períodos, foi Secretário da Fameb e assumiu a Tesouraria, interinamente, quando houve um furto na faculdade (FORTUNA & TAVARES-NETO, 2010), demonstrando, com o episódio, o grau de confiança da direção da Fameb com o servidor.

A qualidade da escrita de Pires Albuquerque, destacada por Eduardo de Sá Oliveira (ver acima), pode ser constatada no seu papel de revisor. Há o registro que ele revisou a peça “O Bicho” do prof. Climério Cardoso de Oliveira, sendo suas sugestões críticas

acatadas pelo professor catedrático de Clínica Obstétrica. O Prof. Climério, para além da medicina, era autor de poesias, inclusive com sentido didático, e peças: “O bicho”, já referida, e “A Maternidade”, representada no Politeama Baiano, em Salvador, com a finalidade de ‘angariar donativo’ para a construção da maternidade-escola, que, depois de construída, recebeu o nome de Maternidade Climério de Oliveira (OLIVEIRA, 1992), em justa homenagem.

É de autoria desse arquivista da Fameb o artigo “Para a história do teatro da Bahia”, publicado em 1936 na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* (p. 169-183). Pires de Albuquerque se aposentou em 1934, conforme registro na ata da Congregação, de 25 de outubro do mesmo ano. Não temos a data do seu encantamento. Uma descrição dele está nas memórias de Ruy Santos (1978), do seu período de acadêmico, do ano de 1923 a 1928:

Um bom velho o Anselmo. Um aluno se aproximava, e, sem levantar a vista do papel, a cabeça quase tocando a mesa, de corcunda que era, perguntava de que se tratava. (...) Não ria pra ninguém, mas por sua vez, não tratava mal a ninguém. Era discreto com os professores, apesar da atenção que muitos lhe dispensavam. Não se metria em conversas, não tomava partido por candidato em concurso, não dava palpite a examinador (p.103).

Enfim, não conseguimos obter mais informações sobre a vida desse importante amanuense-arquivista, que, mais que copiar, produzia informações relevantes para a história da bicentenária faculdade. Este trabalho é exploratório e desse modo, está lançado o desafio de, em futuro próximo, construirmos coletivamente a biografia desse biógrafo.

2.4. AS FUNCIONÁRIAS DA FAMEB

A Memória Histórica de 1854 registra a existência de um Curso de Obstetrícia instituído desde 1832 para mulheres, com duração de dois anos de frequência às aulas de Partos, exigindo como preparatório das candidatas saber ler e escrever (SANTOS, 1854).

Na Memória Histórica de 1871, Elias Pedrosa (1872) registra que, desde a promulgação da lei (em 1832), só duas alunas frequentaram o curso. A primeira, Joana Maria Vieira, em 1843, mas que faleceu pouco depois de começar a exercer o ofício; e a segunda, Maria Leopoldina de Souza Pitanga, de 1847, que nem ao menos iniciou o exercício da profissão.

A pesquisadora Maria Renilda Barreto (2008), em seu estudo sobre a assistência ao nascimento na Bahia oitocentista, afirma que o memorialista Elias José Pedrosa desconheceu a trajetória dessas duas mulheres que partejaram várias décadas após a conclusão de seu curso, como ela demonstra em seu estudo, apresentando documentos de anúncios de ambas no *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Bahia* (BARRETO, 2008). Ela ainda critica Elias Pedrosa por ter deixado de considerar aspectos importantes para entender a pouca adesão das baianas ao curso de parteiras. Entre eles, o domínio da escrita e da leitura em língua vernácula; a opção por literatura didática em língua estrangeira, o que requeria das candidatas a habilidade de ler em francês e inglês; e o custo da formação. Essas exigências deixaram de fora muitas parteiras práticas, oriundas das camadas populares, que não possuíam recursos financeiros para arcar com as despesas que eram realizadas na formação (Ibidem).

A cadeira de Partos (1819), depois denominada de Clínica Obstétrica (1885), era ensinada numa enfermaria da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, inicialmente no prédio da Rua da Misericórdia, depois, em 1833, no Hospital São Cristovão no Terreiro de Jesus. A partir de 30 de julho de 1893, o ensino prático de Obstetrícia passou a ser feito na *Enfermaria Santa Izabel* do Hospital Santa Izabel (COSTA, 2000).

2.4.1. As Primeiras Funcionárias da Fameb

Um ano antes, em 1892, a aluna Francisca Barreto Prager (como não era casada ainda, não tinha o Fróes), foi interna da enfermaria de partos da Santa Casa de Misericórdia e, em 9 de dezembro de 1893 foi diplomada em Medicina. Como já referido antes (ver Francisca Prager Fróes na galeria dos encantados, v. 3, cap. 1), em “23 do mesmo mez e anno por espontanea proposta do Professor de Clinica Obstetrica e Gynecologica foi designada para desempenhar o cargo de Parteira da Maternidade da Faculdade de Medicina vago até então e que exerceu até 14 de novembro de 1914” (MOURA, 1914). Vale novamente ressaltar que, apesar de o memorialista Caio Moura usar o termo *parteira*, então em voga, a Dra. **Francisca Barreto Prager** pode ter sido absorvida inicialmente como uma funcionária, mas exerceu efetivamente a função de Docente de Obstetrícia.

Já a parteira interina, contratada em 6 de abril de 1907, Sra. Aurora das Dores *Leite* exerceu a função como funcionária da FAMEB, provavelmente a primeira em quase cem anos de existência da escola *mater* (FORTUNA &TAVARES-NETO, 2010). Se

não for quase homônima, a funcionária parece ser na verdade a parteira **Aurora das Dores Leitão**, portuguesa, nascida em Lisboa, a 10 de junho de 1874 (BARRETO, 2008). Ela estudou na capital portuguesa, na Escola Médico-Cirúrgica e validou seu diploma de parteira na Fameb, em 1898, submetendo-se a cinco avaliações de 27 de abril a 01 de agosto do referido ano, quando foi plenamente aprovada. Aurora Leitão exerceu sua prática inicialmente na enfermaria do Hospital Santa Izabel, posteriormente, passou a trabalhar na maternidade escola, com a inauguração da Maternidade Climério de Oliveira, em 19 de outubro de 1910.

Nesse mesmo ano, com a nova maternidade, foram contratados vários funcionários, sendo a maioria de mulheres:

- uma Ecônoma¹: Miss **Ellen Small** (de origem anglo-saxônica);
- uma Parteira: **Eufrosina Vasconcelos**;
- seis Vigilantes: **Anna Trindade Mello, Francisca Erondina de Mello, Maria Laudelina Brazão, Maria José de Barros, Julieta Almeida Azedo e Theophila Barbosa da Silva**;
- e um Jardineiro: **Antonio Teodoro dos Santos** (FORTUNA & TAVARES-NETO, 2010). Portanto, dos primeiros nove funcionários da Maternidade Climério de Oliveira, nomeados em 1910 pela Direção da Fameb, oito eram mulheres.

É possível que, antes de assumir a função docente, a Dra. Francisca Prager tenha sido servidora (Médica “Parteira”) da Fameb. Depois, como visto, tivemos a parteira Aurora Leite e, depois, as oito servidoras da Maternidade Climério de Oliveira. Com humor podemos dizer que a chegada da mulher na escola *mater* foi um parto. Segundo os registros até agora disponíveis, a Fameb contou com dez funcionárias nos seus 102 primeiros anos.

2.4.2. As Funcionárias da FAMEB em maioria no ano do bicentenário

Foi crescente o número de mulheres entre os funcionários, no centenário seguinte (1908-2008) da Fameb. Em 2008, ano do bicentenário, a Fameb tinha um total de 58 funcionários (ver **Quadro 4**), sendo 41 do gênero feminino (70,7%) e 17 do masculino (29,3%). Mais de dois terços dos funcionários são mulheres nesse simbólico ano. Entre professores, até 1930, só duas mulheres foram docentes (Francisca Prager Fróes e Carmem Mesquita).

¹ Ecônomo / ecônoma: aquele/aquela que se encarrega da administração de uma casa, de um internato, hotel; ou, como no caso, uma instituição de assistência médica; despenseiro) (HOUAISS,2001)

Em 2008, dos 171 docentes (CORPO DOCENTE, 2008), 67 (sessenta e dois), ou seja, 39,2% eram do gênero feminino: raras na Cirurgia (2 para 49), as mulheres são maioria na Ginecologia e Obstetrícia (10 para 8; 55.6%) e, sobretudo, na Pediatria (18 para 5, ou seja, 78%).

Até 1908, ano de seu centenário, a Fameb só havia formado seis mulheres. Pelo estudo do acadêmico Gualter Alencar (2012), houve um crescimento discreto a partir de da década de 30 até meados da década de 60 do século XX, quando o aumento ficou evidente. Na década de 80, as alunas chegaram a ultrapassar o número de alunos. De lá até o momento atual, o número está mais ou menos equilibrado, com leve predomínio masculino (ALENCAR, 2012).

Este memorialista presta uma homenagem a todas as funcionárias da FAMEB, e destaca a restauradora **Clara Barros de Oliveira**, formada em Artes Plásticas na Escola de Belas Artes da UFBA com Especialização em Restauração de Obras de Artes. Ela realiza um importante trabalho pela manutenção e restauração das obras existentes na sede da escola *mater* da medicina brasileira no Terreiro de Jesus. A servidora **Clara Barros** foi quem possibilitou a maioria das imagens dos professores na galeria dos encantados no **cap. 1** deste volume e dos alunos laureados no **cap. 3**.

2.5. O BEDEL DA FAMEB PEDRO ARCHANJO E AS QUALIDADES DO HERÓI DA FICÇÃO PRESENTES EM PESSOAS REAIS

No início do século XX, há um curioso destaque: o bedel mais famoso da faculdade é uma personagem de ficção, *Pedro Archanjo*, da obra “Tenda dos Milagres”, de Jorge Amado, escrita em 1969, na qual o escritor, ao defender a mestiçagem, homenageia todos os bedéis e contínuos negros e mulatos que trabalharam na Faculdade de Medicina da Bahia. Desde 1958, com o romance “Gabriela, Cravo e Canela”, o escritor começou a escrever obras de ambientação regional, “num estilo marcado por traços sensuais e românticos, com intrigas de leves conotações políticas” (Amado, 1993, p. 330). Entre as inúmeras honrarias, recebeu do candomblé o título de Obá Otum Arolo de Axé do Opô Afonja. “Tenda dos Milagres” é um dos romances que ele aborda a cultura de origem africana na Bahia.

Neste romance, Amado (1993; 2008) toma como cenário o amplo território do Pelourinho. Nele, homens e mulheres ensinam e estudam tanto na ‘universidade popular’, da música, dança, escultura, poesia, culinária e medicina, baseada na cultura

de origem africana, quanto na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se ensina a arte de cuidar do enfermo e curar doenças. Naquele início do século, havia também outras matérias, ‘da retórica ao soneto e suspeitas teorias’. Aqui, o autor critica o racismo que se apresentava como conhecimento científico na teoria da degenerescência das raças, que tinha a mestiçagem como o fator determinante.

O elo entre aqueles dois cenários do Pelourinho é a personagem Pedro Archanjo. Na Tenda dos Milagres, ele era o escritor de livros sobre o viver baiano, a cultura negra e mestiça; e, na Faculdade, era o bedel da secretaria. Bedel era o funcionário subalterno encarregado de tarefas administrativas, responsável, por exemplo, pela organização de atividades do cotidiano letivo, como a chamada de alunos, a pauta das provas etc. (FERREIRA, 1986, p. 194; HOUAISS, 2001)

Embora seja um nome da ficção, ele é “muita gente misturada”, como Miguel Santana, que inspira o lado mulhengo e o vínculo com o candomblé (REIS, 2008); e, sobretudo, Manoel Quirino, autodidata que escreveu importantes trabalhos de grande valor antropológico sobre a cultura baiana. Pedro Archanjo, embora inspirado em pessoas reais que não foram da FAMEB, serve de símbolo para várias gerações de servidores, sobretudo negros e mestiços que trabalharam, trabalham e trabalharão na escola *mater* da medicina brasileira. Uma demonstração da força e atualidade desta personagem é o seu nome numa das praças culturais do Pelourinho.

Assim como foi feito antes com os dois funcionários reais, protagonistas nesta trajetória bicentenária, apresentaremos os dados biográficos de Pedro Archanjo, pois são dados verdadeiros de inúmeros bedéis, contínuos e outros servidores. Sua mãe D. Noêmia de Tal (Noca), grávida, viu seu marido Antonio Archanjo, ser recrutado e levado a pulso para a guerra do Paraguai. Lá, na travessia dos pântanos do Charco, ele morreu (AMADO, 2008, p.159). Órfão, Pedro Archanjo, nascido em 18 de dezembro de 1868, fez uma série de pequenos serviços, foi marinheiro (grumete em navio de carga), tipógrafo, mas estudando de modo autodidata e depois no Liceu de Artes e Ofícios, em 1900, aos 32 anos, conseguiu ser nomeado bedel da Faculdade de Medicina da Bahia (AMADO, 2008, p. 90). Faleceu em 1943, aos 75 anos.

Se o livro traz a imagem pernóstica de alguns professores e suas teorias racistas, como o “seco e brusco’ Nilo Argolo Araújo, “de olhos hostis”, que na verdade é uma caricatura, parcialmente injusta do prof. Raymundo Nina Rodrigues, e o jocosos e também preconceituoso Dr. Osvaldo Fontes, da cadeira de Psiquiatria (Ibidem, p.124); nesta obra também está presente a imagem vigorosa de Silva Virajá, em clara

homenagem ao prof. Pirajá da Silva (Ibid., p. 166) e do discípulo na cadeira de Parasitologia, o Dr. Fraga Neto (p.227).

O catedrático de medicina legal Nilo Argolo é o principal alvo da crítica de Amado. Com o apelido de ‘Monstro’, dado pelos acadêmicos, tanto por ser um homem de aridez de sentimentos, que tinha prazer em arguir sem compaixão e reprovar (p. 133), quanto pela sua imensa cultura - lia e falava sete línguas -, embora a usasse a serviço da intolerância. Ao interpelar o bedel Archanjo pela primeira vez, trazia os braços atrás das costas para impedir qualquer tentativa de aperto de mão (p.134). Esta descrição não está de acordo com a postura de Nina Rodrigues, pois, apesar de seu racismo científico e acreditar na miscigenação como fator de degeneração, teorias pretensamente científicas na época, ele tinha relações cordiais com afrodescendentes. Talvez pelo interesse de seus estudos, ele se relacionou com lideranças religiosas do candomblé, tendo sido, segundo reza a tradição oral, ogã honorífico no terreiro do Gantois, além de ter combatido a repressão policial ao candomblé (REIS, 2008, p. 297).

Como contraponto, o escritor enaltece o eminente professor Silva Virajá, “de real presença no mundo da ciência médica, pesquisador do esquistossoma” (p.166). Na fala desse catedrático, profere-se, a nosso ver, um dos melhores momentos do livro: “*Desconfiem e se afastem dos indivíduos que adulam os poderosos e pisoteiam os desprotegidos*”, recomendava aos acadêmicos, “*são de ruim caráter, falsos e mesquinhos, faltos de grandeza*” (AMADO, 2008, p. 167).

Há no livro alguns perfis de acadêmicos, desde uns poucos seguidores das teorias racistas dos professores Argolo e Fontes e outros, a maioria, descritos com simpatia pelo autor, como o irônico Mundinho Carvalho (p.134), poeta no estilo Gregório de Matos e o acadêmico Ju, *um tal de Ju*, brilhante aluno, que chegou a ser suspenso por desafiar o Lente de Medicina Legal (p.133).

O bedel Pedro Archanjo é descrito como um mulato pardo, forte, posudo (p. 20). Era sério de retidão, não era de cara fechada (p. 41). Nas cerimônias, ele se vestia “nos trinquês” (p. 42). Com professores, altos funcionários e alunos da FAMEB, Archanjo era solícito e gentil, jamais humilde, reverente ou adulator (p. 93). Amado construiu seu personagem como uma homenagem à simpatia e altivez do povo mestiço da Bahia. Como funcionário da Faculdade, ele ressalta a boa relação do bedel com os alunos de medicina: “*prestativo, atento, jovial, o bedel da Secretaria [da Faculdade] não se furtava nunca de ajudar os rapazes em suas dificuldades de presença e faltas; guardava-lhes livros, cadernetas, notas*” (p. 93). Era desde o início da carreira de

bedel, na prática, um verdadeiro mestre: “*Logo popular entre os estudantes, em breves lhas ensinava rudimentos das matérias*” (p. 90-91).

Exemplo desta solidariedade, que lhe rendia uma grande simpatia da maioria dos acadêmicos, foi o seu depoimento decisivo que salvou o estudante, ameaçado de expulsão no 6º ano, devido a uma denúncia que supostamente afetava a honra familiar de um professor. O testemunho de Archanjo, que estava na secretaria de plantão, inocentara o jovem. Embora recém-admitido, o jovem bedel não se deixou intimidar, com as sutis ameaças do Lente, e deu seu testemunho (p. 93). No candomblé ele é Ojuobá, os olhos de Xangô. *Não quis subir, quis andar para a frente e andou* (p. 176).

Numa leitura atenta, veremos que a vida imita a arte e este trabalho de ficção inspirou o memorialista a encontrar muitas destas características do bedel Pedro Archanjo em pessoas reais, servidores técnico-administrativos, que agiram, como veremos a seguir, com elegância, solidariedade, inteligência, altivez e caráter.

2.5.1. Os bedéis Evaristo Leão Veloso e João Francisco do Sacramento, o *Half-Back*

Para citar alguns exemplos, comecemos com o de um servidor já encantado, **Evaristo Leão Veloso**, bedel de Medicina Legal desde a época do Prof. Nina Rodrigues, mas serviu também ao Prof. Octávio Freire e, por fim, ao Prof. Estácio de Lima.

Há um testemunho de sua habilidade relatado em artigo pelo médico Ib Gatto Falcão (2007), ao recordar seu tempo de estudante na Fameb nos anos 30 do século XX: “O Professor Estácio de Lima tinha um servente, **Evaristo Leão Veloso**, que (...) *conhecia muito de dissecação do corpo humano*, e falavam que havia trabalhado com o Professor Oscar Freire de Carvalho. Diziam, até, que *ele já discutira a matéria com outros professores da cadeira*” (FALCÃO, 2007, p.39; grifos nossos). Falcão relata ainda que, junto com outros acadêmicos, inclusive um colega suíço-francês, Charles René Pitex, pediram autorização ao Professor Estácio para, “no ‘Nina Rodrigues’, usar o cadáver de um indigente e fazer todas as práticas exigidas, *devidamente orientados por Evaristo*, a quem gratificamos com uma pequena gorjeta. *Isto nos possibilitou passar com segurança nos exames de Anatomia*”(Idem; grifos nossos).

O Prof. Lamartine de Andrade Lima, Professor Honorário da FAMEB, afirmou a este memorialista que o servidor Evaristo foi uma das fontes de inspiração de Jorge Amado para o personagem Pedro Archanjo. Esta mesma afirmativa está nas memórias de

acadêmico da Fameb de 1923 a 1928, de Ruy Santos, médico, professor e docente livre da Fameb, e também político e escritor:

O Evaristo era um *mulato forte* hoje aposentado [1978], mas indo diariamente ao [Instituto] Nina Rodrigues. *Dava cursos de Anatomia a estudantes*; arranjava cadáveres formalizados para os trabalhos que não puderam ser feitos a tempo. Porém, mais que isso: chegava a *dar cursos a candidatos à cátedra*. Ele nunca fez segredo de que foi utilíssimo não somente a Estácio de Lima quanto a Rafael Menezes. (...) *É personagem de um dos romances do Jorge Amado* (SANTOS, 1978, p.65; grifos nossos).

Outro bedel habilidoso da mesma cadeira, nos anos 50-60 do século XX, foi o *Half-Back*, **João Francisco do Sacramento**, auxiliar nas aulas práticas de Anatomia, que apresentava um perfil de elegância, pois ele se vestia “nos trinques”, com uma memória prodigiosa, capaz de reproduzir todas as características de um osso ou músculo estudado. Logo, *Half* era muito popular entre os estudantes, por ensinar não os rudimentos, mas, com precisão, as sutilezas das peças anatômicas. Esta referência foi obtida em várias fontes: o depoimento pessoal dado pelos colegas Vera Formigli e Fernando Carvalho, o memorável relato da Profa. Helenemarie Shaer Barbosa, Coordenadora do Colegiado do Curso de Medicina (ver **vol. I, cap. 3**) e um documento dos estudantes de 1971 (ENTREVISTA, 1971).

Em seu livro de recordações da Fameb no Terreiro de Jesus. Margot Lobo Valente (2008) responde sobre Half indagando: “Qual o estudante que passou pela Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jeuss que não se lembra daquele homem alto, magro, cabeça raspada, voz rouca, olhos negros e vivos e pele linda, negra? Sempre sorridente e irônico, aprendera Anatomia de tanto ouvir as aulas” (p.36)

Reproduzimos aqui a “Entrevista com Half”, com o sugestivo subtítulo: “Half é quem fala”, ao pasquim estudantil Capuco (C), ano 1, n.2, de outubro de 1971:

C – Half, como é seu verdadeiro nome?

H – João Francisco do Sacramento. O popular Half surgiu do futebol.

C – Você é casado? Tem quantos filhos?

H – Sou. Tenho três filhos [Um deles, Albano, é motorista do Prof. Modesto Jacobino, aposentado e atuante Vice-diretor da Fameb na gestão com o prof. José Tavares Neto].

C – Onde [você] nasceu?

H – Nasci no Matatu Grande, que hoje é Luis Anselmo

[O nome desse bairro de Salvador é uma homenagem ao professor Luis Anselmo da Fonseca, lente catedrático de Higiene da Fameb (OLIVEIRA, 1992)].

C – Que você acha da reforma (Reforma universitária de 1968)?

H – Só respondo até onde posso, eu tenho de estar de acordo porque sou dependente. Vocês é que podem achar o que está sendo suficiente. A Universidade está diferente, o ensino era mais longo, agora está mais curto.

C – De que assunto [de Anatomia] você gosta mais?

H – Estudei da cabeça aos pés, gosto de tudo.

C – Tem Doutor a quem você ensinou e hoje não fala com você?

H – Não dou trégua a essas coisas, às vezes a pessoa passa e não fala... mas aqui é HALF.

C – Você é bem remunerado?

H – Não sou, ganhava quando entrei na escola 140 mil réis.

C – Se você não estivesse em anatomia, onde você gostaria de estar?

H – **Onde eu pudesse ter liberdade e adquirir conhecimento** [grifo nosso].

C – Ô Half!

H – Venha!

C – Que línguas que você fala?

H – Inglês, francês, espanhol e por último alemão.

C – E o Brasil?

H – Oh, meu Brasil, otimamente. Está melhor desde quando a população aumentou.

C – Você se vestia melhor trinta anos atrás? [Half se vestia com esmero]

H – Sim, naquele tempo as roupas eram mais baratas e eu era um solteirão. Daqui quem fala é Half.

C – E quantas mulheres?

H – Isto está fora da jogada.

C – Você era namorado?

H – Por que não?

C – Qual o futuro do Brasil?

H – Imagine vocês. Como é que eu vou lhe projetar esta palavra? Não sei o futuro do Brasil não.

C – Diga um amigo seu na Faculdade?

H – Essa palavra é muito fina. É uma palavra muito difícil pra lhe responder. Aqui eu tenho tantos. Aloísio, eu gosto muito dele. Dra. Stella é minha fã, o gabinete quase em peso [O gabinete é o de anatomia; Dra. Stella é a Professora de Anatomia Stella Medeiros; e Aloísio e possivelmente um colega servidor, também bedel].

C – Dê uma mensagem.

H – Posso falar de vocês, por gozar a simpatia de minha presença no seu jornal.

A entrevista dá uma dimensão clara da inteligência e sagacidade de Half. Confirma que ele era o *mestre* em anatomia, ‘dos pés a cabeça’ para os estudantes; era querido pelos colegas servidores, alunos e professores. Bem sensato foi o Half em responder *até*

onde ele podia, pois, citando um humorista na época da ditadura militar, Chico Anísio, perguntaram a ele também o que achava e ele disse: “Não *acho* nada, Tenho um amigo que *achou* e até hoje não *acharam* ele”. Foi mulherengo, pelo menos no passado, e ganhava mal, mas mesmo assim se vestia bem. E, com a lucidez que inspirou o Pedro Archanjo, ao ser indagado se não tivesse em Anatomia, onde gostaria de estar, ele nos ensinou com uma frase atemporal: “Onde eu pudesse ter liberdade e adquirir conhecimento”. Quem falou foi João Francisco Sacramento, ou melhor, foi o *Half*.

2.5.2. A funcionária Norma Murici, esse anjo de riso raro.

Para simbolizar as funcionárias, narraremos um episódio que envolve um comportamento de coragem que lembra o testemunho de Pedro Archanjo, descrito acima. É uma atitude exemplar da funcionária **Norma Murici de Jesus**, do Colegiado de Graduação do curso de Medicina, que honra a boa tradição desta escola.

Ela se recusou a oferecer o histórico escolar do acadêmico Sílvio Medina, solicitado por outra funcionária, que agia a serviço de membros dirigentes da Fundação Baiana de Cardiologia - FBC, entidade privada que funcionava no espaço público do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos. A obtenção do histórico do aluno era uma tentativa para desqualificar a corajosa crítica estudantil a essa entidade privada. O movimento desencadeado pelos estudantes, escrevendo uma bela página de seu protagonismo, tinha feito críticas contra a FBC, tanto de natureza político-institucional, quanto no campo da ética, relativas ao atendimento com discriminação de pacientes do sistema único de Saúde em relação aos de convênio privado. E, o mais grave, essa discriminação ocorreu num espaço público de uma instituição federal de ensino, como expressa com clareza a memorialista Eliane Azevedo:

“Não fossem eles [os alunos], as maiores vítimas e não tivessem eles o destemor da denúncia, o efeito destrutivo de convênios negociantes de atividades fins e acobertadores de práticas irregulares, continuaria, aos poucos, minando a Universidade na mais sagrada de suas atribuições: o cumprimento de atividades fins [ensino, pesquisa e extensão] e a preservação da integridade moral ao fazê-lo” (AZEVEDO, 2008, p. 40).

A servidora **Norma Murici**, com altivez e destemor, recusou entregar o histórico escolar do líder estudantil ao preposto da FBC, afirmando que o histórico pertencia ao próprio aluno e, para obtê-lo pela via institucional, os professores deveriam fazer o

pedido por escrito e submetê-lo ao Colegiado. Como era um pedido vil, o escrito nunca veio e o aluno teve seu direito individual preservado. Para este memorialista, ela sabia que enfrentava um grupo de docentes poderosos, como fez na ficção o bedel Pedro Archanjo.

Quando o Prof. Heonir Rocha assumiu a direção da Fameb, constituiu uma Comissão de Assuntos Estudantis (CAE). Um dos membros era este memorialista. Ao indagar ao diretor empossado quais eram as funções da CAE, ele disse que cabia a comissão definir as suas funções. Uma das nossas invenções foi o Núcleo de Orientação Estudantil (NOÉ), com acento no E para ser uma barca segura ao alunado no dilúvio de um curso longo e duro. Depois, foi renomeada para Núcleo de Orientação Acadêmica, NOÁ, também com acento no A, para flutuarmos ante o vendaval. As funcionárias **Norma Murici de Jesus** e **Marita Graciela Ventura** eram verdadeiros anjos da guarda dos estudantes de medicina com alguma dificuldade no curso ou mesmo na vida. Elas eram os sensores precoces para avisar a este memorialista, coordenador do NOÉ, depois NOÁ e, mais recentemente, POE (Programa de Orientação Estudantil), identificando os alunos que precisam do apoio psicopedagógico. Cabe registrar também o NAPS – Núcleo de Apoio Psicológico e Social, na gestão do Prof. José Antônio de Almeida Souza (1996-2001), sob a coordenação da professora Solange Rubim de Pinho.

Norma de Jesus e **Marita Ventura** passavam os telefones e, mais recentemente, o endereço eletrônico do coordenador (com autorização dele) aos alunos que apresentavam dificuldades no desempenho do curso, mas, em geral, eles não ligavam, nem mandavam mensagem. Elas também entravam em contato com o professor-orientador e passava o contato com o estudante. Então o professor-orientador, ao ligar para a residência e falar diretamente com o acadêmico ou, quando era o caso, conversar com o pai e/ou a mãe, obtinha o compromisso do diálogo e, na maioria das vezes, ganhava a adesão da família no apoio psicossocial.

2.5.3. Outros Anjos servidores da Fameb

Nesses vinte anos (1988-2008) mais de duzentos alunos que estiveram sob as asas de **Norma Murici de Jesus**, **Marita Graciela Ventura** (recentemente aposentada) e **Elsa Bahiense** (aposentada em 1984 e já encantada). Elas encaminhavam os estudantes ao coordenador do núcleo ou programa de apoio que, desse modo, recebiam a devida orientação psicopedagógica. Fica aqui a homenagem deste memorialista aos professores

que colaboraram nesses núcleos, aqui representados por Déa Mascarenhas, Adilson Sampaio, Tarcísio Andrade, Solange Rubim de Pinho; e, de modo muito especial, à servidora Dra. **Luisa Aurora Vilas Boas**, médica e psicanalista, Servidora Técnico-Administrativa (aposentada) do Departamento de Medicina Preventiva e Social.

Dr^a. **Luisa Aurora Vilas Boas** chegou a colocar seu consultório particular a serviço desse apoio psicopedagógico. Com sua atuação na Atividade Curricular em Comunidade ACC-MED-459: Educação em Saúde na Região de Subaúma, esse apoio ultrapassou a Fameb, sendo oferecido a alunas e alunos de diversos cursos de praticamente todas as áreas da Universidade. Esse registro é o agradecimento em nome da Fameb e uma homenagem ao seu protagonismo.

2.5.4. Outros exemplos reais com as qualidades de Archanjo

Há outros exemplos reais das virtudes do Pedro Archanjo, onde a vida imita a arte, do mesmo modo como a arte se inspirou na vida, como confessou o próprio Jorge Amado. Um dos protagonistas destacados entre os que “servem” à FAMEB é o de ‘**Seo Bina**’, pois, independente de vínculo formal com a FAMEB, este barbeiro pertence à nossa faculdade, e foi sempre corajoso e solidário com os estudantes, em especial no período do regime militar, como detalharemos mais adiante.

Outro exemplo, também digno de registro, vem de um homem simples e inteligente, o Sr. **Antônio Damasceno Machado da Cunha**, porteiro, terceirizado (e precarizado nas condições de trabalho). Muito além de suas funções, que ele faz com competência e cordialidade, ele limpa os equipamentos da instituição pública, recupera outros, sem *monetarizar* o gesto, gesto de compromisso com a Faculdade de Medicina da Bahia – FAMEB-UFBA, célula *mater* de nossa universidade pública, a querida UFBA.

2.6. ‘SEO’ LEVI – DEFENSOR DO ESTUDANTE - E ‘SEO’ BINA - BARBEIRO DA FAMED E GUARDIÃO PERPÉTUO DO DAMED

Na parede externa do DAMED, no Pavilhão de Aulas da FAMEB, Vale do Canela, em 2008, encontram-se algumas placas, de repúdio a estudantes ‘traidores da classe’ ou em memória de colega falecido precocemente. Mas, destacam-se, sobretudo, as feitas pelos estudantes em homenagem a dois servidores da Faculdade de Medicina da Bahia.

A primeira placa, datada de 1980, tem os seguintes dizeres: “*Nosso reconhecimento a ‘Seo’ Levi. Companheiro e Defensor da Luta estudantil. DAMED.*” (**Fig. 2**). A outra, já

no novo milênio, de 26 de junho de 2001, registra: “*Nosso reconhecimento a ‘Seo’ Bina, guardião Perpétuo do DAMED. Gestão Construção Coletiva.*” (Fig. 3).

De *Seo Levi Joaquim França*, falecido, temos algumas poucas informações por testemunhos de contemporâneos; poucas, mas preciosas. Em seu depoimento ao memorialista, *Seo Bina* faz muitas referências, que justificam os termos de ‘companheiro’ e de ‘defensor’ do movimento estudantil, ao seu amigo Levi, do qual ele nunca aprendeu o nome completo, mas nunca esqueceu seus atos de coragem. Quando Pedro Benedito chegou para ser barbeiro da FAMEB, no Terreiro de Jesus, em 1962, constatou que: “Quem comandava era Seu Levi. Ele era o funcionário que tomava conta dos estudantes. Ele era o ‘Inspetor de alunos’. Ele tomava conta do Diretório” (Depoimento de ‘Seo’ Bina a RR Jacobina, em 05.06.2009). O dicionário confirma o sentido de *Inspetor* para o ‘funcionário que atua como auxiliar de disciplina nos colégios’ (HOUAISS, 2001).

Os estudantes o chamavam de **Dr. Levi**, em homenagem a sua elegância, pois ele estava sempre vestido de paletó e gravata. Quando os estudantes receitavam, sob supervisão, eles recomendavam ao paciente ir buscar gratuitamente na “Farmácia” do DAMED, no Terreiro de Jesus, abastecida com as amostras grátis que eles obtinham dos laboratórios farmacêuticos. Segundo Bina, eles diziam: ‘Vá buscar o remédio com Dr. Levi’. Era ‘Seo’ Levi, elegante como Archanjo, que os atendia e entregava o medicamento, olhando com cuidado a receita.

Na ditadura militar pós-64, Sr. Levi agiu com destemor na defesa dos estudantes, inclusive nos momentos em que as forças repressivas daquele regime discricionário invadiam o prédio da Faculdade, no Terreiro de Jesus, na praça que tem o nome 15 de novembro, em homenagem à proclamação da república no Brasil. Ouçamos mais uma vez este testemunho do ‘Seo’ Bina:

Bina: *Ah, Levi é quem dava testa. Ele dizia pra os policiais. Não adianta vocês invadirem aqui. Um dia os estudantes pegam vocês e quebra mesmo. Vocês têm que tratar os estudantes bem. Quando vocês chegarem lá quebrados no Pronto Socorro, quem vai atender vocês, serão eles.* (Risos)

RRJ: Ele era corajoso.

Bina: *Ele era. Naquele tempo tinha muito espião na escola. E Levi dizia, se a gente souber quem é espião, os estudantes vão quebrar no pau... Tinha até uma marreta escondida e tudo* (risos) [Grifo nosso].

Com os dois depoimentos acima, verifica-se o destemor desse funcionário, que se irmana com os estudantes, numa solidariedade que se traduz em linguagem (*a gente*). Este é mais um exemplo de que Pedro Archanjo é real, na pele e alma de muita **gente** de carne e osso.

2.6.1. O Barbeiro da FAMED

Pedro Benedito de São José nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 28 de junho de 1938, filho de Cristina Pereira de São José, que cuidava da casa, e Valdomiro de São José, que trabalhava numa Usina de Açúcar. Era o quarto filho numa prole de vinte. Atualmente, próximo de completar 71 anos, é o mais velho entre os vivos.

Estudou apenas o primeiro ano primário, ainda em Santo Amaro. Nos jogos de futebol, ganhou o apelido de *Bina*. De família humilde e numerosa, teve de começar cedo a laborar, fazendo pequenos serviços. Crescido, nos anos de 1958 e 1959, trabalhou na Usina de Açúcar Aliança. Não se adaptou ao trabalho, como fez seu pai, então aprendeu o ofício de Barbeiro. Trabalhou uns dois meses nesse ofício, mas resolveu migrar, ainda no ano de 1959. Veio para “a Bahia”, que era como o interiorano chamava (e muitos ainda chamam) a capital, Salvador.

Voltou a fazer biscates, com empregos temporários como ajudante de pedreiro e garçom. Em 1962, encontrou um colega de profissão, **Lino Silva de Alcântara**, já falecido, que tinha aprendido o ofício na mesma época, em Santo Amaro, e trabalhava na barbearia localizada dentro da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Eram duas cadeiras, mas o irmão de Lino, **José do Patrocínio Alcântara**, havia estudado no colégio Central e foi ser bancário, abrindo vaga no serviço, que ficava sob a responsabilidade do DAMED. Seo Bina destaca que Lino também era amigo dos estudantes (JACOBINA; BOMFIM; DULTRA, 2010).

Ele não tinha um vínculo formal com a faculdade e não pagava nenhuma taxa ao Diretório Acadêmico. Pelo contrário, nos meses de férias, o DAMED dava uma ajuda de custo e até 1968, ajudava na compra dos instrumentos e material (Idem, ibidem).

No período do regime militar, *Seo Bina* também se arriscou, ajudando os estudantes, sobretudo quando as forças policiais invadiam a Faculdade para agredir e prender os alunos que desafiavam a repressão. Mais uma vez, ouçamos o seu testemunho:

Bina: Quando veio a ditadura, a Polícia invadiu lá. (...) Sim, foi no tempo da ‘Revolução’. Muitos correram. Eu disse, entra aqui e muitos entraram na

barbearia. Eu fechei a porta, apaguei a luz e eles passaram direto. Eu disse baixinho, cala a boca, ninguém fala. Eu e o outro barbeiro, o Lino. Ele também era muito amigo dos estudantes.

RRJ: Quantos estudantes ficaram escondidos na barbearia?

Bina: *Tinha mais de dez. Sempre que invadia, a gente escondia ou corria. Eu desci muito ali pelo Pelourinho, ali, no Terreiro tem um caminho que vai dar no Comércio, perto do Plano [Inclinado Gonçalves]. Descia eu, os estudantes, todo mundo correndo (Risos). Naquele tempo, Ave Maria, ninguém podia ficar depois de dez horas da noite, não.*

Encontramos registros dessas invasões à FAMEB. Como na greve de junho-agosto de 1968, num processo iniciado com a morte do estudante carioca Edson Luís, em 25 de março daquele ano, que se desdobrou numa luta em várias capitais do país, contra a política educacional do regime militar (BUENO, 2003, p.372).

Na Bahia, os estudantes ocuparam as faculdades a partir de junho, tendo a ocupação na Fameb começado no dia 7 daquele mês. Na noite do dia 16 de junho a polícia invadiu a Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus:

De todas unidades da UFBA, a Faculdade de Medicina foi a última a ser invadida e a mais agredida. Segundo um jornal [Jornal da Bahia], “tropas da polícia utilizando uma escada do corpo de bombeiros, penetraram pela porta da frente, quebrando ainda duas janelas laterais com coronhadas de rifle (BRITO, 2009, p.100).

O jornal referido diz também que o DAMED elaborou um relatório e nele constava que a polícia consumou “o mais lamentável ato de vandalismo, pilhagem e estupidez que a Faculdade foi alvo durante seus 160 anos de autonomia” (BRITO, 2009). Segundo os estudantes, entre os danos causados pelo aparato repressivo, encontravam-se: o arrombamento e a destruição parcial do gabinete do Diretor e das salas da Congregação, da Secretaria, do Conselho Departamental e do DA, destruição da porta do Salão Nobre, das máquinas de escrever, telefones e material literário, desaparecimento de alimentos destinados aos estudantes que se encontravam no local. Naquele momento, ao menos, o estudo do historiador Antônio Maurício Freitas Brito (2009) não registra prisões nem espancamentos de estudantes de Medicina.

Um importante acontecimento testemunhado pelo Seo Bina foi a transferência da Faculdade de Medicina da Bahia de sua sede no Terreiro de Jesus para o Vale do Canela. Intencional ou não, esta transferência isolava os estudantes, retirando-os do centro histórico da cidade, local dos acontecimentos naquele período.

Bina: *A mudança foi em 1971. O reitor era o Prof. Roberto Santos e o diretor era Tourinho Dantas. Cortei muito o cabelo dele. Esse pavilhão [Pavilhão de aulas da FAMEB no Vale do Canela] não estava ainda concluído, então uma parte ficou no pavilhão que hoje é o CHR [Centro de Hidratação e Reidratação, antiga Clínica Tisiológica]. O restante ficou ali, onde é hoje o Magalhães Neto [Ambulatório], num barracão todo de tábuas. Foi lá que eu fiquei, junto com o Diretório. Pelo que me disseram, antes a Petrobrás usou uma área pra fazer pesquisa que a Universidade cedeu emprestado e a Petrobrás montou um barracão bonito, todo de madeira. Quando terminou a pesquisa, entregou de volta a Universidade.*

RRJ: Você ficou lá até quando?

Bina: *No barracão de tábuas? Fiquei de 71... em 82 vim pra aqui, pois já tava caindo aos pedaços, não tinha manutenção.*

Ainda no Anexo II da FAMEB, no barracão, por conflitos entre funcionários e estudantes do DAMED, quanto ao uso do espaço, Seu Levi nomeou **Pedro Benedito de São José** o responsável da Faculdade junto ao Diretório Acadêmico. Os conflitos acabaram, mas Seo Bina refere que, muitas vezes, para honrar seu compromisso, saía da Faculdade onze horas da noite. Ressalta que, em algumas ocasiões, recebeu carona de alunos para sua casa e, nas outras vezes, recebia ajuda de custo para o transporte.

Entre os clientes, falecidos ou vivos, o barbeiro cortou e, em alguns casos, ainda corta o cabelo de muitos professores, como José Silveira, Zezito Magalhães, Rodrigo Argolo, Zilton Andrade, entre outros; mas também de funcionários e de estudantes, dentre os quais muitos que depois entraram na carreira docente: Antônio Natalino Dantas, Luiz Umberto Pinheiro, Naomar de Almeida Filho e outros.

Ele relata também que foi vítima de preconceito, como, por exemplo, a calúnia de uma funcionária ao dizer que ele só cortava cabelo de ladrão ou vagabundo. O servidor **Josias Cardoso de Sena**, ao visitar a barbearia e presenciar o Prof. Rodolfo Teixeira, Professor Emérito da FAMEB, cortando o cabelo, como sempre fazia, do mesmo modo que também fazia o prof. José Maria de Magalhães, ou o Prof. José Silveira, entre tantos outros, Josias subiu as escadas correndo. Na secretaria da Fameb, falou aos colegas funcionários, inclusive com a presença da responsável pela calúnia, que fossem testemunhar quem são os clientes de Seo Bina. (Depoimento de 'Seo' Bina, 2009). Era um preconceito, possivelmente racial e social, porque Seo Bina, com qualidade e preço

acessível, cortava o cabelo dos professores, mas também dos funcionários, inclusive os mais humildes, além de todas as *peessoas* de qualquer cor, raça ou credo, que apareciam para utilizar o seu bom serviço.

Para concluir o registro desse protagonismo de 50 anos na FAMEB (1962-2012), ressaltamos um trecho do documento cuja cópia nos foi dada por Bina (FMB. Diretoria. Portaria n. 38, de 20/10/2003), no qual o diretor, Prof. José Tavares Neto, determinava, entre outras coisas, que, nos fins de semana e feriados, “a porta do fundo da área de convivência deve ficar sob a responsabilidade do Sr. **Pedro Benedito de São José** (Bina), Barbeiro da FAMED”. Estava escrito: *Seo* Bina é o ‘Barbeiro da FAMED’, pois este ainda era o acrônimo usado para nomear a Faculdade de Medicina da Bahia (**Fig.4**).

Enfim, observamos que, numa coincidência, provavelmente não prevista por Jorge Amado, um afrodescendente, também de nome **Pedro** e servidor da FAMEB, embora tivesse apenas um vínculo informal, agiu com a mesma coragem de seu Pedro Archanjo, em solidariedade aos estudantes. Além de Levi, o ‘Seo’ defensor, os estudantes de medicina têm também o ‘Seo’ guardião perpétuo: Seo Bina, **Pedro Benedito de São José**.

2.7. A CONQUISTA DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS NA FAMEB

Na conjuntura republicana mais recente, após a redemocratização do país, com o fim da ditadura militar, em 1985, um marco importante para os Servidores Técnico-Administrativos em Educação (STAE) foi a conquista de diferentes formas de participação dos STAE nas instâncias deliberativas da UFBA.

O movimento dos servidores conquistou a representação com direito a voz e voto nos Conselhos Superiores, tanto no antigo Conselho de Coordenação, atual Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão – CONSEPE, quanto no Conselho Universitário, junto aos diretores de Unidades de Ensino e dirigentes da Administração Central.

Nada mais lógico que os servidores técnicos administrativos também passassem a ter representação nas Congregações das Unidades. Este memorialista, representante do Departamento de Medicina Preventiva na Congregação, no período de 1995-96, propôs que aquele colegiado principal da Faculdade, com a conquista dos servidores nos Conselhos Superiores, incorporasse de imediato um representante dos STAE com direito a voto, até que os regimentos fossem modificados e aprovados. A plenária, em

sua maioria, adotou uma posição conservadora e não aprovou a participação dos funcionários, nem mesmo com o simples direito a voz. Essa incipiente participação, que iniciaria o reconhecimento e visibilidade dessa categoria e não tornaria vulnerável a legalidade de suas decisões, foi barrada na FAMEB da época. Enquanto isso, o Instituto de Física, para citar um bom exemplo, aprovou naquele momento a representação do Servidor em sua instância maior na Unidade, com direito a voz e voto.

Em 1999, a Congregação foi obrigada, por Decreto Superior, a inserir a representação dos STAE. Os Representantes eleitos pelos seus pares para representar a categoria na Congregação foram: **Alfredo de Carvalho Macedo Costa**; **Maralba Oliveira dos Santos Jordão**; **Josias Cardoso de Sena**; e **Edvaldo Pereira dos Santos Filho** (Ver quadro 3 abaixo).

Quadro 3 – REPRESENTANTES ELEITOS DOS FUNCIONÁRIOS NA CONGREGAÇÃO – FAMEB-UFBA (1999-2009)

Representantes na Congregação	Período	Observação
Alfredo de Carvalho Macedo Costa	1999-2001 2001-2003	Técnico, formado em Engenharia.
Maralba Oliveira dos Santos Jordão	2003-2005	Secretária do Deptº de Cirurgia
Josias Cardoso de Sena	2005-2007	Secretário da Diretoria na sede da FMB no Terreiro de Jesus
Edvaldo Pereira dos Santos Filho	2007-2009	Secretário do Pavilhão de Aulas da FMB no Vale do Canela

2.8. BIBLIOTECÁRIOS E AUXILIARES DA BIBLIOTECA DA FAMEB

A biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia foi criada em 1836, na gestão do primeiro diretor oficial da Faculdade de Medicina da Bahia, Prof. José Lino Coutinho. O acervo inicial foi proveniente da renda de matrículas estudantis ou das taxas advindas da verificação de títulos acadêmicos e de doações importantes de particulares ou de entidades oficiais durante o Segundo Império (FREITAS, 1999, p.275).

O primeiro servidor foi **Joaquim Coelho do Amaral**, “Ajudante de Biblioteca”, que trabalhou de 1836 até 1846. O primeiro com o cargo de Bibliotecário foi o Dr. **Manoel Feliciano Ribeiro Diniz**, no período de 1841 a 1843. Pela consulta ao levantamento dos alunos da Fameb, feito por Tavares-Neto (2008), constatamos que, muito provavelmente, ele não foi formado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

O bibliotecário de 1843 a 1846 foi o Dr. **Antônio José Osório** (1816-1868), formado pela Fameb em 1839, 23ª turma, a mesma de Malaquias Alves dos Santos, Lente de Medicina Legal e 1º memorialista da Fameb (TAVARES-NETO, 2008). Depois de deixar de exercer a função de bibliotecário, **Antônio José Osório** ainda em 1846, assumiu o cargo de Lente Substituto da Seção de Ciências Médicas. Em 1855, ele se torna Lente de Farmácia, função que exerceu até 1868. Foi o 13º memorialista da faculdade, do ano de 1866. Oliveira (1992) afirma que o Dr. Antônio Osório teria sido bibliotecário da FAMEB no ano de 1839 (**Fig. 5**). Apesar da divergência de períodos, as fontes afirmam que ele foi bibliotecário da faculdade, talvez o primeiro.

O Dr. **Pedro Rodrigues Guimarães**, da turma de 1888, não sabemos o início, mas ficou no cargo de bibliotecário da FAMEB pelo menos até 1896. Em 1897 ele editou um Catálogo com dois volumes dos livros e teses existentes na biblioteca da Faculdade. No primeiro volume estão, em ordem alfabética, as listas de obras científicas e didáticas, os dicionários, enciclopédias, revistas e publicações periódicas; no segundo volume, as teses da FAMEB e de outras instituições, e, principalmente, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Universidade de Paris. Ele, ao levantar o acervo, destacou que “muitas das quais” são “raríssimas” (*apud* TAVARES-NETO, 2008, p.175).

Em 02 de março de 1905, numa quinta feira próxima ao Carnaval, ocorreu o incêndio mais devastador no prédio da Fameb, no Terreiro de Jesus. O diretor, Prof. Alfredo Thomé de Britto, formado em 1885, agiu com presteza e decisão, mobilizando as autoridades e instituições públicas e da sociedade civil da Bahia e do país, pois a escola *mater* brasileira é um patrimônio no mínimo nacional. O arquiteto franco-argentino Victor Dubugras, um dos precursores da arquitetura modernista no Brasil, radicado em São Paulo, foi o responsável pelo projeto de recuperação desse patrimônio valioso. Houve também a participação decisiva do engenheiro baiano Teodoro Fernandes Sampaio, responsável pela construção original e bela do Anfiteatro Professor Alfredo Britto (**Figura da Capa**). Outra reconstrução foi a da biblioteca da faculdade. Com a perda de livros, periódicos, teses doutorais e de concursos, houve uma grande mobilização, com grande número de doações dos exemplares particulares, que compensou a expressiva perda do patrimônio intelectual.

Em 1908, foi formada uma Comissão para organizar a nova biblioteca. O membro mais destacado foi o prof. **Gonçalo Muniz Sodrê de Aragão** (1870-1939), como está grafado em seu diploma de 1893 (TAVARES-NETO, 2008). Esse papel de organizador

da biblioteca é ressaltado também pelo memorialista Prof. Rodolfo Teixeira, responsável pela MH dos anos de 1943 a 1995 (TEIXEIRA, 1999). A reconstituição da nova Biblioteca, inaugurada em 1909, já tinha um acervo de doze mil volumes, conforme registro no catálogo de 1910 (FREITAS, 1999, p. 276).

Nesse acervo constam obras raras e obras representativas da Medicina baiana dos séculos XIX ao início do século XX. Das obras raras, destacam-se, segundo a Profa. Maria José Rabello de Freitas (1999), as obras de Johannis Arculain, *Practica veronensis particularium morborum omnium...*, datada de 1557, como a publicação mais antiga; e *Flora brasiliensis* de von Martius. Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), médico, botânico e naturalista bávaro que, acompanhado de Spix, outro botânico, durante três anos percorreu quase todo o território do país, palmilhando-o de norte a sul, realizando um dos mais notáveis trabalhos de estudos e de pesquisa que registra a História das expedições científicas. O material coligido totalizava trezentos mil exemplares, em que figurou uma coleção de sete mil espécies e variedades vegetais, com indicações exatas e desenhos feitos *in loco* pelos dois naturalistas. A obra foi publicada em cento e trinta fascículos. Levou sessenta e seis anos até ser publicada. A coleção compreende quarenta volumes *in-folio*, ilustrados com três mil estampas, vinte mil espécies brasileiras descritas, das quais nada menos de cinco mil novecentos e trinta e nove eram novas para a ciência.

O prof. Adriano Pondé (1978) comenta que, quando se deu o encantamento do Prof. Gonçalo Moniz, o jornal *A Tarde* dedicou-lhe um primoroso artigo intitulado “Uma vida toda dedicada aos livros”. No solar da Santa Clara do Desterro, sua residência, estava a selecionada biblioteca do Mestre. Eram dezesseis mil volumes, sem incluir monografias, separatas, revistas científicas, coleções de jornais, recortes e folhetos, tudo isso catalogado e anotado. Havia também uma preciosa coleção de dicionários.

Com essa paixão pelos livros e pelo trabalho de organização, a homenagem feita pela Faculdade, com o encantamento do professor em 1939, foi justa, ao denominar a nova biblioteca de *Bibliotheca Professor Gonçalo Moniz*.

2.8.1. Afrânio Coutinho, médico bibliotecário da FAMEB

Entre os médicos bibliotecários da Fameb, o mais célebre foi, sem dúvida, o Dr. **Afrânio dos Santos Coutinho (Fig. 6)**. Nasceu no dia 15 de março de 1911, em

Salvador, Bahia. Filho de D. Adalgisa Pinheiro dos Santos Coutinho e Eurico da Costa Coutinho, engenheiro.

Entre 1917 e 1922 realizou o curso primário em escola pública, depois completado no Ginásio Nossa Senhora da Vitória (Irmãos Maristas), de Salvador, Bahia. O curso secundário foi realizado no Ginásio Nossa Senhora da Vitória, em regime de preparatórios, com exames finais no Ginásio da Bahia, entre 1923 e 1925.

Cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, de 1926 a 1931, tendo sido o orador oficial dos doutorandos numa homenagem ao emérito Professor Euvaldo Diniz Gonçalves (ver na galeria dos encantados, cap. 1, deste vol.3). Sobre esse discurso o crítico baiano Carlos Chiacchio publicou, ainda em 1931, um ensaio crítico. Durante a fase acadêmica, Afrânio Coutinho já produzia trabalhos literários e pronunciava conferências.

Entre os colegas da 115ª turma (1931), estão os professores Alexandre da Costa Leal, Aristides Augusto Novis, Edgar Pires da Veiga e João José de Almeida Seabra (TAVARES-NETO, 2008), presentes também na galeria (cap. 1, deste III volume).

Foi Interno do Hospital da Força Pública da Central da Polícia e Segurança Pública da Bahia, em 1930. No último ano do curso médico foi Interno Acadêmico de Clínica Médica Propedêutica, da Faculdade de Medicina da Bahia, Serviço do Professor Prado Valladares.

Com um ano de formado, foi o *Bibliotecário da Faculdade de Medicina da Bahia*, exercendo o cargo de 1932 a 1934. Essa experiência serviu de inspiração por toda a sua vida. O abandono do edifício sede da Fameb nos anos 70 e 80 atingiu a Biblioteca Gonçalo Moniz. **Afrânio Coutinho**, que foi um dos responsáveis pela sua organização e gestão, escreveu um artigo no jornal *A Tarde*, “Salvem esta biblioteca” (COUTINHO, 1984), num apelo de quem conhecia o valor do acervo ameaçado. Ver **figuras 7 e 8** da Biblioteca da Fameb no Terreiro de Jesus.

Casou-se, em 1935, com Vanda Sena de Faria, com quem teve dois filhos: Eduardo de Faria Coutinho, professor catedrático de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Maria da Graça Coutinho de Góes, escultora.

Em 1937, tornou-se colaborador do jornal *A Tarde*, de Salvador, Bahia, onde publicava, semanalmente, artigos literários e outros; e, no ano seguinte, Professor de História Geral e História da Filosofia do Curso Complementar do Ginásio Nossa Senhora da Vitória, de Salvador, Bahia. Nesse mesmo ano é designado para, em

comissão, proceder à avaliação dos bens patrimoniais da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi Membro das Comissões Examinadoras do Concurso de Habilitação da Faculdade de Medicina da Bahia, entre 1938 e 1939. Portanto, ele manteve um vínculo com a FAMEB, pelo menos, por quase uma década e meia (1926-1939).

Em 1941, Afrânio Coutinho se tornou Professor Catedrático de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da Bahia, dando continuidade a uma carreira acadêmica no campo da Filosofia e, sobretudo, da Literatura e Crítica literária, tornando-se um dos nomes mais respeitados nacional e, como veremos a seguir, internacionalmente. Em 1942, viajou aos Estados Unidos como Professor visitante do curso intensivo de Português e Literatura Brasileira, patrocinado pela Fundação Rockefeller e mantido pelo *American Council of Learned Societies*, Universidade de Vermont, Burlington, EUA. Nesse país, além de redator-secretário da revista *Seleções do Reader's Digest*, exerceu intensa atividade intelectual, quer como conferencista quer realizando estudos. Assim, manteve contato com numerosos intelectuais, críticos literários e professores da literatura. Permaneceu nos Estados Unidos até 1947, tendo realizado diversos cursos e publicado em revistas americanas (*Commonweal*, *Free World*, *New Leader*), bem como organizado as versões de obras brasileiras como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *Angústia*, de Graciliano Ramos, *Terra do Sem Fim*, de Jorge Amado.

Em 1947 regressa ao Brasil e, desde então, influenciado pelos estudos realizados nos Estados Unidos, imprimiu nova orientação à sua atividade intelectual, de que dão testemunho os trabalhos que publicou na imprensa. Essa orientação é marcadamente literária, no sentido de incentivar a melhora de nossa cultura literária através do ensino "científico" ou técnico da literatura. A crítica literária se tornou o centro de suas preocupações, como norma do espírito e da Literatura.

Foi Professor Catedrático de Literatura Interino, no Colégio Pedro II (1947-1951); e depois, Efetivo (1951-1969), após concurso de provas e títulos, tendo apresentado a tese *Aspectos da literatura barroca*. Professor do curso de extensão universitária "Introdução à crítica literária" da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil (1950); Professor contratado do curso de Literatura Geral, da Rádio Ministério da Educação (1950); e Professor da Faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro (1951). Secretário Particular do então Ministro da Educação e Cultura, o baiano Ernesto Simões Filho (1951-1953) e Redator-Chefe da revista *Coletânea*, do Rio de Janeiro (1951-1958). Entre os anos de 1952 e 1955, organizou e dirigiu a publicação

de uma nova história literária brasileira: a obra, intitulada *A literatura no Brasil*, teve na 1ª edição quatro volumes. Na 2ª edição, foram seis volumes, que saíram entre 1968-1971. De 1953 a 1965, foi Professor de História do Livro e das Bibliotecas do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, e entre 1953 e 1963 colaborou na confecção e redação da revista *Bibliografia Brasileira de Educação*, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), do Ministério da Educação e Cultura.

No dia 17 de abril de 1962, Afrânio Coutinho foi eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Luís Edmundo, cujo patrono é Raul Pompéia, sendo empossado em 20 de julho do mesmo ano. Neste mesmo ano viajou pela Europa, percorrendo França, Holanda, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha, Portugal e Inglaterra, onde foi hóspede oficial do *British Council*.

Em 1965, tornou-se Professor Catedrático de Literatura Brasileira, por concurso de títulos e provas, da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil. Antes, em 1958, já havia feito concurso de Livre-Docência para a mesma cadeira.

Professor visitante da Universidade de Columbia, *New York*, ministrando curso de Literatura Brasileira, foi convidado pelo Departamento de Estado para visitar universidades, tendo, então, percorrido o país, realizando palestras sobre o Brasil e sua literatura e participando em Nashville, Tennessee, de um congresso de professores de português.

Primeiro Diretor Pró-Tempore da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1967-1975); Diretor efetivo da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975-1979).

Em 7 de maio de 1969, o Instituto Nacional do Livro do Ministério da Educação e Cultura conferiu-lhe o Prêmio “Instituto Nacional do Livro de Ensaio Literário, Crítica Literária e Lingüística”, por sua obra *Tradição afortunado (O espírito de Nacionalidade na Crítica Brasileira)*. Em 1969, produziu o estudo intitulado "A crítica literária de Machado de Assis".

Em fevereiro de 1970, tornou-se Professor Visitante da Universidade de Colônia, Alemanha Ocidental, onde, durante os meses de janeiro e fevereiro, ministrou curso sobre a ‘evolução do conto brasileiro’. Realizou ainda conferências sobre Literatura Brasileira nos Seminários das Universidades de Bonn e Erlanger-Nuremberg.

Sempre que podia retornava à sua cidade natal. Em junho de 1971 participou da "Conferência Nacional sobre a Universidade Brasileira e a Comunidade", realizada em Salvador, Bahia, em comemoração ao 25º aniversário da Fundação da Universidade

Federal da Bahia, tendo pronunciado, a convite do Reitor Prof. Roberto Santos, a conferência "As Letras e a Universidade"

Professor-visitante, a convite do Ministério das Relações Exteriores da França (*Quai d'Orsay*), para pronunciar conferências sobre Literatura Brasileira nas Universidades daquele país onde eram ensinados Português e Literatura Brasileira, em janeiro de 1974.

Entre 1978 e 1982, foi indicado pelo Conselho Deliberativo da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), do Ministério da Educação e Cultura, para Presidente da Comissão de Consultores da área de Letras e Linguística.

Em 1979, Coutinho construiu uma vasta biblioteca particular, que se tornou a base para a criação, da **Oficina Literária Afrânio Coutinho (OLAC)**, destinada a promover estudos na área da literatura, ministrar cursos e conferências, e receber escritores nacionais e estrangeiros. Também publicou livros, com destaque para a *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Sua biblioteca, com cerca de 80.000 volumes, organizada ao longo de sua vida, foi socializada ao público estudioso. Aqui fica evidente o papel que teve o seu cargo de bibliotecário na FAMEB, experiência que o marcou por toda a vida.

Em 1978, embora afastado de sua formação médica, mas demonstrando um vínculo permanente, pronunciou conferência com o tema "Papel da Literatura Médica na Cultura Brasileira" na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 1979, tornou-se Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em maio de 1979, participou da programação do Sesquicentenário de José de Alencar, promovido pela Universidade Federal do Ceará, sendo agraciado com o "Diploma Sesquicentenário de Alencar", por seu devotamento à causa da cultura brasileira.

A convite do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), viajou para a República Federal da Alemanha, para ministrar seminários nas Universidades de Heidelberg, Erlangen e Koeln e para participar da inauguração do Instituto Teuto-Brasileiro na República Federal da Alemanha. Nesta visita, representou o Ministério da Educação e Cultura do Brasil junto às referidas Universidades e outras instituições da Alemanha, com as quais manteve contatos e relações culturais. Visitou ainda a França e os Estados Unidos.

Doutor Honoris-causa da Universidade Federal da Bahia. Ao receber o título em 26 de março de 1981, Afrânio Coutinho pronunciou discurso de agradecimento (Doutor honoris causa. Salvador, UFBA, 1981; Col. *Honoris causa*, 2). Ainda na Bahia, em 27

de março, proferiu a Aula Magna da Universidade Estadual de Feira de Santana, quando discorreu sobre "Que é Literatura Brasileira".

É possuidor do "Diploma União Brasileira de Escritores 1981. Prêmio Fernando Chinaglia", que lhe confere, pelo seu trabalho frente à OLAC, o diploma de "Personalidade Cultural". Mais uma vez os livros e a biblioteca em sua vida.

Em agosto de 1981, participou do Colóquio sobre Literatura Baiana, promovido pela Fundação Cultural do Estado, em Salvador.

Ao longo de sua vida recebeu diversas homenagens. Continuou atuando ativamente até o fim de sua vida.

O seu encantamento se deu em 05 de agosto de 2000, no Rio de Janeiro.

Os dados sobre o professor Afrânio Coutinho foram extraídos do sítio no endereço eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM, s/d). Eles foram produzidos por uma equipe da UFRJ responsável pelo projeto "Crítica Literária Brasileira - Pólo de Pesquisa & Informação", sob a coordenação do Prof. João Cezar de Castro Rocha e dos pesquisadores Marcos Antonio de Moraes, Rachel Esteves Lima e Regina Lúcia de Faria, além de inúmeros pesquisadores associados.

2.8.2. Bibliotheca Gonçalo Moniz da Memória da Saúde Brasileira.

Nessa primeira metade do século XX, a ***Bibliotheca*** teve um significado especial para a cultura médica brasileira, com um acervo de 12.000 volumes, em 1909. Em 1946, possuía 18.756 teses, 16.280 obras e 35.849 volumes. Posteriormente, informações existentes dão conta de um acervo, em 1970, com cerca de 100.000 volumes, entre obras raras, publicações do século XVIII e XIX e teses dos doutores de medicina formados na Bahia. Entre 1970 e 2003, com a transferência da Faculdade de Medicina para o Campus Canela, este acervo ficou praticamente esquecido, encerrado nas ruínas de um imóvel histórico em adiantado processo de degradação (SIBI, 2010).

Em 19 de dezembro de 2003, a UFBA e o Ministério da Saúde assinaram um convênio para o financiamento da restauração não só do prédio da ***Bibliotheca***, mas também do seu precioso acervo (ver **figuras 9 e 10**). Este trabalho esteve sob a coordenação de Maria das Graças Ribeiro e Leonor Halla, respectivamente Diretora e Vice da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa da UFBA e contou com a colaboração da Ex-Diretora da Escola de Biblioteconomia da UFBA, Prof.^a Maria José Rabello de Freitas, Professora Honorária da FMEB-UFBA, que foi responsável técnica pelo

Arquivo Geral da FMB-UFBA a partir de 1981. Com parecer do prof. Geraldo de Sá Milton da Silveira, a Congregação da FAMEB-UFBA aprovou a denominação de *Bibliotheca Gonçalo Moniz da Memória da Saúde Brasileira*.

Ao terminar a gestão na Biblioteca Central, a bibliotecária **Maria das Graças Miranda Ribeiro** assumiu a coordenação *Bibliotheca Gonçalo Moniz*, contando com a colaboração das também bibliotecárias **Leonor Dantas Halla** e **Sônia Maria Ribeiro de Abreu**. A equipe conta com a colaboração de **Edvaldo Pereira dos Santos Filho** e **Henrique Luiz dos Santos**, que estão realizando um produtivo trabalho de organização e reprodução por meios eletrônicos das teses inaugurais, de concursos e das memórias históricas da faculdade. Merece registro, para que seu efetivo trabalho não fique invisível por ser terceirizado, **José Paulino da Silva**, Atendente do setor administrativo da biblioteca, desde 2004, e **Aginaldo Carmo dos Santos**, da limpeza.

2.8.3. Os servidores da Biblioteca no Prédio da FAMEB do Vale do Canela

No período desta Memória Histórica (2007-2008), a “Biblioteca do Pavilhão de Aulas da Faculdade de Medicina da Bahia” funcionava no 4º andar do Prédio da FAMEB-Canela (**Fig. 11 e 12**), sob a coordenação da Bibliotecária **Maria de Fátima Mendes Martinelli** (UFBA.FAMEB, 2008), contando também com a Bibliotecária **Delba Santos Barros**. A equipe de apoio era formada pelas auxiliares **Roquelina Conceição dos Santos** (como servidora era assistente em administração, mas é bibliotecária com formação universitária), **Cristina Maria Gomes Muniz**, **Rosineide Souza da Silva**; os auxiliares e encadernadores **Carlos Alberto Teixeira Góes** e **José Augusto dos Santos Filho**; e as Assistentes responsáveis pela BIREME **Derlita Machado Silva** e **Maria Auxiliadora Fonseca Barreto**. São nove funcionários, com claro predomínio do gênero feminino (sete mulheres e dois homens).

Como a Biblioteca da Fameb tinha duas funcionárias dedicadas ao apoio de pesquisadores que necessitavam de informações científicas na área da saúde, e, em particular, de medicina, cabe explicar um pouco mais sobre esse serviço. O Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, também conhecido pelo seu nome original **Biblioteca Regional de Medicina (BIREME)**, é um centro especializado da Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), orientado à cooperação técnica em informação científica em saúde. A sede da BIREME está localizada no Brasil, no campus central da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), desde a sua criação, em 1967, conforme acordo entre

a OPAS e o Governo do Brasil (BIREME.OPAS.OMS, 2012). E, como vimos, tem centros de apoio em bibliotecas, inclusive em unidades universitárias como a nossa.

Com a criação da Biblioteca Universitária de Saúde Prof. Álvaro Rubim de Pinho (*Campus Canela*, UFBA-Rua Basílio da Gama, s/n, Canela – Salvador, Bahia), sete dos nove servidores foram transferidos para o novo órgão, pois os outros dois se aposentaram. Vale ressaltar que o professor homenageado no nome da Biblioteca encontra-se na galeria dos encantados, no **cap. 1** deste **vol. III**. Este memorialista reconhece que essa unificação das bibliotecas nas unidades universitárias em uma só biblioteca (a BUS) tem argumentos lógicos favoráveis, mas para nós, sem dúvida, haverá uma relativa perda, pois uma das vantagens de uma biblioteca é a sua proximidade. Levou vantagem Enfermagem, ao lado da BUS, e perdeu muito Farmácia, no *campus* de Ondina.

Fica aqui um agradecimento pelos serviços prestados em todos esses anos, inclusive os de 2007 e 2008, pelos Funcionários que atuavam na Biblioteca do Pavilhão de Aulas da FAMEB no Vale do Canela. Dois servidores se aposentaram, mas sete deles estão trabalhando na Biblioteca Universitária de Saúde (BUS), que, embora não seja mais diretamente vinculada à escola *mater* da Medicina brasileira, ao menos é nomeada com um dos nossos professores encantados (ver **cap. 1, vol. III**), uma das pessoas mais inteligentes e democráticas que este memorialista conheceu. Assim como a Biblioteca Central da UFBA (Reitor Macedo Costa), a **BUS Prof. Álvaro Rubim de Pinho** é mais um exemplo que a FAMEB é a grande mãe da Universidade da Bahia.

2.9. E O NAVE VAI: A CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO NÚCLEO AVANÇADO DE ENSINO DA FAMEB-UFBA.

O prof. Thomas Cruz, primeiro diretor escolhido por eleição direta, manteve parcialmente a organização criada pelo Prof. Heonir Rocha, que criou quase uma dezena de comissões de assessoria à Direção. Entre essas comissões, destaque-se a Comissão de Ensino. Essa Comissão constituiu um grupo que, em 1994, elaborou o Projeto denominado **NAVE - Núcleo Avançado de Ensino** – que tinha como objetivo principal a modernização do ensino médico, por meio da utilização de recursos de informática e com o uso de tecnologia avançada. A melhora na organização deveria, consequentemente, tornar mais produtivo o trabalho intelectual da FAMEB.

Entre os objetivos secundários estavam o de melhorar a infraestrutura de funcionamento das Disciplinas e Departamentos da Unidade Universitária, o de permitir o acesso a bibliotecas do mundo inteiro, possibilitar aos professores o preparo de material didático e permitir ao estudante uma autoavaliação de seus conhecimentos.

O Presidente da Comissão de Ensino, Prof. Francisco Peltier de Queiroz, tinha um privilegiado relacionamento com uma poderosa empresa de construção civil (Odebrecht S.A), em especial com a sua Fundação. Desse modo, demonstrou à Fundação daquela empresa o esforço que a nossa Escola estava realizando em prol da melhoria do ensino médico e o significado que a mudança curricular com o novo modelo pedagógico, em implantação na época, poderia trazer para a sociedade. O Prof. Peltier obteve a doação de todo o equipamento solicitado (dez microcomputadores de última geração, inclusive um *notebook*, *scanner*, impressoras *laser* e matricial, videocâmara, *data show* e demais equipamentos periféricos), permitindo assim a concretização do Projeto.

Houve outros apoios externos: o Projeto UNI fez doação dos aparelhos de ar condicionado; a Microsoft dos *softs* solicitados; a PEVAL S.A. das bancadas de granito; e o JCL Laboratório de Patologia Clínica, dos estabilizadores.

Além do diretor, Prof. Thomaz Cruz, do Presidente da Comissão Prof. Peltier de Queiroz, participaram da implantação do Projeto outros professores, como o Prof. Antonio Alberto Lopes, estudantes do Diretório Acadêmico e servidores técnico-administrativos da FAMED, com destaque ao Dr. **Márcio Alírio Silveira**, “médico assessor”, que participou da idealização do projeto e coordena até hoje este Núcleo de absoluta relevância na Faculdade. O projeto conta com a participação decisiva da servidora da Fameb **Márcia Magalhães Guimarães**.

Arquiteta, em 1995, **Márcia Guimarães** veio do Serviço Médico da UFBA e se incorporou ao NAVE. Fez vários cursos no Centro de Processamento de Dados – CPD e, em 2008, começou o Curso de Pós-Graduação *lato senso* “Engenharia e Gestão da Informação” do Instituto de Ciências da Informação (ICI) da UFBA. Além do apoio aos usuários, esta Servidora é responsável pela manutenção do site da FAMEB-UFBA (<http://www.fameb.ufba.br>), do boletim (*e-fameb*) e outros instrumentos de divulgação eletrônica da Faculdade.

Em 18 de agosto de 1995, o NAVE começou a navegar. A solenidade de inauguração se deu às 9.30h, com a presença do Reitor, Prof. Felipe Serpa, e do Diretor, Prof. Thomaz Cruz, em sala própria da Faculdade de Medicina da Bahia, no Pavilhão da FAMEB, no Vale do Canela.

Além de professores, estudantes e funcionários da UFBA, participou do evento como convidado especial, o Prof. Daniel Sigulem, responsável pelo Centro de Informática em Saúde da Escola Paulista de Medicina, que fez duas palestras: “O Computador na Prática Clínica” e “O Médico e a Internet”.

A implantação do Currículo por Competência na FAMEB, a partir de 1991, exigia novas capacitações, tanto dos estudantes quanto dos professores. A concepção curricular que se introduzia no início da última década do século XX, já buscava redefinir o papel do estudante. Ele teria de sair do papel passivo de receptor de informações da educação tradicional e passar a conhecer as competências mínimas necessárias para a formação de um profissional médico. Obter conhecimentos, habilidades e valores eram assuntos de sua responsabilidade. Cabia ao professor, mais do que nunca, a orientação e a supervisão para que o estudante alcançasse seus objetivos educacionais.

O avanço tecnológico da Medicina trouxe uma massa de conhecimentos de tal grandeza, que não conseguiremos transmitir ou colocar ao alcance dos nossos estudantes, com a metodologia arcaica de que dispomos. A oferta atual de recursos modernos de informática, a custos bastante acessíveis, especialmente na área de multimídia, nos permite antever a possibilidade de uma mudança revolucionária em nosso ensino. Na Medicina, onde as informações que resultam na formulação diagnóstica e orientação terapêutica são bastante diversificadas, envolvendo dados descritivos e numéricos, sons e imagens os mais variados, o aprendizado da manipulação de toda essa massa de conhecimentos exige certamente recursos tecnológicos e metodologia de ensino adequados. A Universidade de *Illinois* foi pioneira no desenvolvimento de um sistema muito importante de avaliação, objetivando assegurar de que o estudante está capaz de lidar com problemas básicos e práticos da Medicina. Nesse contexto, a autoavaliação é fundamental, e programas foram introduzidos via computação e recursos audiovisuais, permitindo que o estudante enfrente situações clínicas diversas, de forma simulada, e identifique suas eventuais deficiências, procurando a partir daí, com o apoio dos professores colocados à sua disposição, meios para superá-las.

A mudança curricular não atingiu todos os seus objetivos, tanto que estamos culminando o processo de implantação de uma nova mudança curricular (a *Transformação Curricular*), mas o Projeto NAVE contribuiu e, agora, mais do nunca, contribui para este novo perfil do aluno, ao desenvolver e possibilitar o uso democrático de sistemas informatizados com recursos multimídia.

Outra justificativa de criação do **Núcleo Avançado de Ensino** foi a de permitir aos Departamentos incorporar uma tecnologia atualizada para acompanhar e registrar as atividades e os resultados obtidos pelos seus Docentes. E também a de criar condições para que os mesmos disponham de recursos básicos e fundamentais para a elaboração de Testes e Exames, registro dos resultados das avaliações estudantis, preparo de aulas, contato via computação com outras Instituições de Ensino, com Bibliotecas etc.

O Núcleo conta hoje com uma equipe mínima, mas dedicada, com a presença do Dr. **Márcio Alírio Silveira**, da arquiteta **Márcia Magalhães Guimarães** e, a partir de 2007, do servidor **Jonas Rodrigues Santos**, Técnico em Administração, que tem Curso técnico de “Manutenção e Montagem de Microcomputadores”. Dispondo de conhecimentos de informática esses servidores garantem o funcionamento do NAVE e o apoio aos usuários. Outros funcionários, como os Técnicos em Informática **Fernando Luiz Pinheiro de Amorim** (exonerado a pedido em 20.09.1999) e **Patrícia Araujo Alves** (removida para o HUPES), também trabalharam no Núcleo. Desde 1995 até hoje, o NAVE, que é uma realidade, navega com asas de ave no universo virtual.

Esse destaque ao **Núcleo Avançado de Ensino – NAVE** da Fameb, aqui neste capítulo, deve-se ao fato de que, embora tenha tido uma importante participação docente na elaboração e implantação do Núcleo, ele tem sido dirigido e suas atividades são realizadas por funcionários, em especial os três servidores técnico-administrativos citados acima: **Márcio Alírio Silveira**, **Márcia Magalhães Guimarães** e **Jonas Rodrigues Santos**.

2.10. A DISTRIBUIÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS EM 2008

A distribuição dos **58** funcionários em 2008, conforme a apresentação no **Quadro 3**, foi a seguinte: **20** servidores no edifício sede no Terreiro de Jesus, que depois recebeu mais cinco secretários dos departamentos. No prédio do Vale do Canela eram **23**, incluindo cinco dos departamentos, três do NAVE, dois do NUPE e nove da biblioteca., sendo que dois se aposentaram e sete foram transferidos para a Biblioteca Universitária de Saúde (BUS) Prof. Álvaro Rubim de Pinho, como já registrado antes. Outros **6** (seis) funcionários estão no Complexo-Hupes (três) e no Cetad (três), e **9** (nove) cedidos à Fiocruz.

Cabe aqui um registro especial ao servidor **Edelson Aurélio de Assis**, um exemplo de servidor público para esse memorialista, no compromisso, dedicação, zelo e no trato com colegas, alunos, docentes e o público em geral. Embora formalmente ainda não

constasse entre os funcionários da FAMEB (TAVARES-NETO, 2008, p.20), ele passou a servir à FAMEB, em fevereiro de 2007, com destacada atuação como gestor administrativo no PRÓ-SAÚDE (Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde), um projeto muito importante no processo de transformação curricular (sobre Pró-Saúde, ver **cap.II** do **vol. I**).

De modo acertado, o Prof. José Tavares Neto, Diretor da Fameb, solicitou à Administração Central da UFBA a remoção do corpo técnico-administrativo da FAMEB dos servidores cedidos à Fiocruz, ficando então o número de servidores da Fameb reduzido a 49. Com as aposentadorias e a criação da BUS, os STAE na Fameb foram depois reduzidos para menos de quarenta funcionários. Com o novo reitorado, da Prof.^a Dora Leal Rosa, o quadro de funcionários tem ficado em número mais adequado às necessidades da unidade.

Outro acontecimento que tem repercutido entre os servidores tem sido a natural renovação, com as aposentadorias e, desse modo, com a chegada dos novos funcionários. Logo depois do ano do Bicentenário (2008), aposentaram-se: **Eliane Santiago** (08.01.2009), **Sonia Felzemburg** (06.05.2009), **Sabino Mota** (23.06.2010), **Marita Graciela Ventura** (21.03.2011), **Cristina Muniz** (29.03.2011), **Roquelina dos Santos** (08.04.2011) e **Ana Cristina Guimarães** (2012), cujos registros aqui destacados ficam como uma homenagem.

Depois do Bicentenário são bem-vindos os novos servidores: **Beloianes Ribeiro Brandão**, **Felipe Santos Estrela de Carvalho**, **Luis Bispo Almeida**, **Patrícia Castro dos Anjos**, **Poliana Everlen Silva Brito**, **Priscila Silveira Brasil Freitas**, **Roberta de Araújo e Silva**, **Uendel Dias Santos**, e, muito recentemente, **André Simas Sacramento**.

Entre os terceirizados, que costumam ficar invisíveis, apesar de suas valiosas contribuições, destacamos a atuação da Secretária **Amanda Regina de Mello Oliveira** do DCEC (Deptº. de Cirurgia Experimental e Especialidades Cirúrgicas). São destaques também **Marivalda Umbelino França Pereira**, na linguagem do afeto pronuncia-se “*Inha*”, **William Farias Conceição** e **Apolônio Arcanjo de Almeida**, agentes de Higienização; a simpática **Adenildes dos Santos Nascimento**, exercendo um protagonismo feminino como Vigilante Patrimonial na sede da Fameb no Terreiro de Jesus, e os porteiros **Luciano Gonzaga Teixeira** e **Wellington de Jesus Santana** (na sede da Fameb no Terreiro de Jesus). Por fim, no Prédio do Canela, destacamos os vigilantes **Augusto Cesar de Jesus Garcia** e **André Pirangi**, e os porteiros **Ademar**

Maia Leite e Antônio Damasceno Machado da Cunha (sobre este último ver adiante).

Ao registrar o nome do nosso atual servidor terceirizado *Apolônio*, que é também “Arcanjo” no nome (ver acima), cabe aqui uma evocação. Apolônio era arredio ao seu nome, até que lhe foi explicada a origem deste prenome, vindo de *Apolo*, um deus grego das artes (música, poesia), mas também, de certa forma, vinculado àquela casa em que ele trabalha, pois era o pai de *Asclépio*, em latim *Esculápio*, o deus da Medicina (BULFINCH, 1965; NARDINI, 1982).

Muito mais arredio ao nome era “Índio”, já falecido. **Saturnino Pinheiro dos Santos**, que atuava como Agente de Portaria, não gostava de seu prenome. Quando este memorialista foi pedir o consentimento para usá-lo, bem como a descrição de suas características pessoais numa personagem - o bedel *José Saturnino dos Santos* - de seu conto “O Sábio e o Verme” (JACOBINA, 2008), constatou aquela insatisfação. Porém, ante o desconhecimento da origem do nome pelo nomeado, explicou que Saturnino vinha de *Saturno*, deus romano, identificado com o deus grego *Cronos*. Era o deus em cujo reinado os bens da terra eram comuns a todos. Tanto assim que, nas “festas saturnais”, eram suspensas as declarações de guerra, as execuções dos criminosos eram adiadas, bem como os negócios públicos. Os escravos adquiriam liberdades momentâneas, sendo oferecida uma festa, na qual eles se sentavam à mesa, servidos por seus senhores (BULFINCH, 1965, p.14-15). Ante estas informações, ele autorizou o uso do nome, confessando que passava a ter até certo carinho, mas que gostaria de continuar a ser chamado de *Índio*. O apelido não era por acaso: “O bedel era um homem forte, apesar de seus sessenta anos, de baixa estatura e, como quase todos os descendentes de escravos cabo-verdianos, tinha a tez marrom e cabelo liso” (JACOBINA, 2008, p.26).

**Quadro 4 – FUNCIONÁRIOS DA FAMEB NO ANO DO BICENTENÁRIO - 2008
FAMEB – Sede (Terreiro de Jesus) e FAMEB-Canela**

Nº	Nome do Funcionário	SETOR
1	Ademário Rocha Dos Santos	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Pedagogo
2	Ademir Silva	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Geólogo - Pedagogo
3	Amaro Nunes Da Silva	Cedido – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Motorista
4	Ana Cibele de Oliveira Barbosa	Programa de Pós-Graduação Ciências da Saúde Secretária Executiva do PPGCS

Nº	Nome do Funcionário	SETOR
5	Ana Cristina de Oliveira Gonzalez	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Bióloga
6	Ana Cristina Guimarães Mussi	Dept.º de Medicina Preventiva e Social (DMPS) Secretária
7	Ariane Ramos Pimentel Pena	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Bióloga
8	Carlos Alberto Teixeira Góes	Biblioteca da FAMEB-Canela Auxiliar de biblioteca - Encadernador
9	Clara Barros de Oliveira *	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Artes Plásticas - Restauradora
10	Cristina Maria Gomes Muniz	Biblioteca da FAMEB – Canela Assistente em Administração
11	Delba Santos Barros	Biblioteca da FAMEB – Canela Bibliotecária
12	Derlita Machado Silva	Biblioteca da FAMEB – Canela Assistente em Administração - BIREME
13	Denise Ramos Sapucaia	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Secretária da Congregação
14	Dinalva França de Jesus	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Técnica
15	Edilene Ângela de Assis	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Contadora
16	Edite Maria Requião da Silva	Departamento de Pediatria Secretária
17	Edvaldo Pereira dos Santos Filho	Administração - FAMEB-Canela Geólogo
18	Eliane da Cruz Santiago	Arquivo da FAMEB – Terreiro de Jesus Assistente em Administração
19	Eneida Maria de Assis França	Departamento de Medicina Secretária
20	Francisca da Cunha Santos	Arquivo da FAMEB– Terreiro de Jesus Assistente em Administração
21	George Hamilton Gusmão Soares	Centro de Estudos em Terapia de Abuso de Drogas (CETAD) – Médico Psiquiatra
22	Gildete Bulcão	Protocolo da FAMEB - Canela Assistente em Administração
23	Izabel Cristina Liberal Vieira Ottoni	Centro de Estudos em Terapia de Abuso de Drogas (CETAD) - Secretária
24	Jonas Rodrigues Santos	Núcleo Avançado de Ensino (NAVE) -FAMEB- Canela – Técnico em Informática
25	José Augusto dos Santos Filho	Biblioteca da FAMEB-Canela Auxiliar de biblioteca - Encadernador
26	José Humberto Viana	Deptº de Anatomia Patológica e Medicina Legal Secretário
27	José Miranda Ribeiro	Colegiado de Graduação – FAMEB - Terreiro de Jesus - Secretário
28	Josias Cardoso de Sena	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Secretário Administrativo- Licenciatura C. Sociais

Nº	Nome do Funcionário	SETOR
29	Jundiára da Paz Paim	Assessoria da Direção Fameb-Terreiro de Jesus Bióloga
30	Juracy Barbosa Magalhães	Cedido – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Biólogo
31	Maria Auxiliadora Fonseca Barreto	Biblioteca da FAMEB – Canela Assistente em Administração - BIREME
32	Maria da Conceição dos Santos Pereira	Deptº de Ginecologia Obstetrícia e Reprodução Humana - Secretária
33	Maria de Fátima Anunciação Magalhães	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Técnica de Laboratório
34	Maria de Fátima Mendes Martinelli	Biblioteca da FAMEB – Canela Bibliotecária
35	Maria Verônica Abu Chacra Câmara	Programa de Pós-Graduação Medicina e Saúde Secretária Executiva do PPGMS
36	Marcelo Chastinet de Carvalho	Setor de Manutenção Predial – Fameb-Canela Arquiteto
37	Márcia Magalhães Guimarães	Núcleo Avançado de Ensino (NAVE) – FAMEB - Canela - Arquiteta
38	Márcio Alírio Silveira	Núcleo Avançado de Ensino (NAVE) – FAMEB - Canela – Coordenação - Médico
39	Marco Manso Cerqueira Silva	Aliança de Redução de Danos- Fameb-T. de Jesus Motorista
40	Marinalva Almeida Oliveira	Protocolo da FAMEB - Terreiro de Jesus Assistente em Administração
41	Marita Graciela Ventura	Colegiado de Graduação – FAMEB - Terreiro de Jesus – Secretária
42	Maura da Cruz Souza	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Auxiliar de Laboratório
43	Nevolanda Sampaio Meirelles	Núcleo de Pesquisa Experimental (NUPE) – Fameb-Canela - Secretária
44	Norma Murici de Jesus	Colegiado de Graduação – FAMEB - Terreiro de Jesus – Secretária Didática
45	Rita de Cássia Palma Cunha	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Bióloga
46	Rita Maria Mac Allister Mosquera	Departamento de Cirurgia/Internato (Com. Hupes) Secretária
47	Ronaldo Ribeiro Jacobina	Deptº de Medicina Preventiva e Social Médico Sanitarista
48	Roquelina Conceição dos Santos	Biblioteca da FAMEB – Canela Assistente (Bibliotecária)
49	Rosineide Souza da Silva	Biblioteca da FAMEB – Canela Auxiliar de Biblioteca
50	Rutinéa Costa Barbosa	NUPE – Núcleo de Pesquisa Experimental Técnica de Laboratório
51	Sabino dos Anjos Mota	Departamento de NeuroPsiquiatria Secretário (Pedagogo)
52	Solange de Jesus Xavier	Programa de Pós-Graduação Saúde Ambiente e Trabalho (PPGSAT) - Secretária

Nº	Nome do Funcionário	SETOR
53	Solange Santos Sena	Centro de Estudos em Terapia de Abuso de Drogas (CETAD) – Assistente Social
54	Sonia Maria Martins Felzemburg	Assessoria da Direção Fameb - Canela Enfermeira
55	Sonia Tereza Celino de Souza	Secretaria Geral da FAMEB – Terreiro de Jesus Secretária da Direção
56	Telmira Mauadie de Azevedo	Cedida – Convênio Fameb-Ufba /Fiocruz-BA Farmacêutica
57	Vanda Maria Mota de Miranda	Departamento de Pediatria Médica Pediatra
58	Vilma Lima Nonato de Oliveira	Arquivo da FAMEB– Terreiro de Jesus Assistente em Administração

* Tavares-Neto (2008) registra, de modo equivocado, o nome Clara Barros Santos Rosa.

Fonte: Informações prestadas pelo Sr. Josias Cardoso de Sena, Secretário administrativo da Fameb.

As **figuras 13, 14, 15 e 16** são de alguns dos funcionários presentes na comemoração do bicentenário da Fameb. A **fig. 17** é da servidora **Clara Barros de Oliveira** restaurando o retrato do Prof. Alfredo Britto.

2.11. OS FUNCIONÁRIOS HOMENAGEADOS

Antes de finalizar este capítulo, tentamos identificar as diferentes maneiras que os funcionários conseguiram sair pelo mérito da invisibilidade e foram homenageados de alguma forma pela instituição ou pelos outros componentes da comunidade acadêmica. Já citamos algumas homenagens, mas agora fazemos de modo cronológico pelos diferentes tipos de homenagem e reconhecimento pelo serviço prestado à instituição (Ver **Quadro 5**).

2.11. 1 - **PLACAS DE HOMENAGEM** a funcionários e afixadas nas instalações da FAMEB-UFBA:

2.11.1.1 – **Placas com o Servidor padrão** no *Hall* do 2º andar do Prédio da FAMEB do Canela. Na segunda metade dos anos 90 do século passado, foram escolhidos os servidores: **Josias Cardoso de Sena** (1996); **Marlene da Conceição Lima Sacramento** (1997); e **Marita Graciela Batista Ventura** (Servidora Padrão - 1998).

A servidora **Márcia Magalhães Guimarães** foi eleita por seus pares, em 1999, “Servidora Padrão” e, após convite formal à sua família, pelo então diretor, na hora da solenidade o mesmo pediu desculpas para que a decisão da categoria fosse apreciada na

Congregação, porém essa homenagem nunca foi à pauta daquele plenário. Esta Memória cobra uma reparação desta injustiça histórica.

2.11.1.2 – **Placas de mármore** no Prédio da FAMEB-Vale do Canela: Na parede do corredor para o Espaço Cultural, as já comentadas homenagens com Placas feitas pelo Diretório Acadêmico de Medicina ao: Sr. **Levi Joaquim França**: “*Nosso reconhecimento a ‘Seo’ Levi. Companheiro e Defensor da Luta estudantil. DAMED. 1980*”; Sr. **Pedro Benedito de São José**: “*Nosso reconhecimento a ‘Seo’ Bina, Guardiã Perpétua do DAMED. Gestão Construção Coletiva. 26 de junho de 2001*;

2.11.1.3 - Placa alusiva ao Bicentenário da FAMEB na Sala dos Lentes da Sede no Terreiro de Jesus: **Edvaldo Pereira dos Santos Filho** (representante dos Servidores Técnico-administrativos da Fameb-Ufba).

2.11.2 - **MOÇÃO DE LOUVOR: Ademário Rocha dos Santos, Denise Ramos Sapucaia e Josias Cardoso de Sena**, pelos trabalhos desenvolvidos durante a realização do concurso para Professor Titular (1999/2000); e **Alfredo Macedo Costa**, pelo zelo e assiduidade nas sessões da Congregação (em 2003).

2.11.3 – **FUNCIONÁRIOS HOMENAGEADOS NA SOLENIDADE DE FORMATURA PELOS ACADÊMICOS.**

Na Solenidade de Formatura, os acadêmicos que vão colar grau escolhem, além, do Paraninfo e Patrono e Professores homenageados, o Funcionário ou a Funcionária Homenageado (a). Nos períodos mais recentes, estes reconhecimentos por parte do corpo discente têm recaído predominantemente nos funcionários do Colegiado de Curso, que tem uma relação direta com os alunos durante todo o currículo, em especial no último ano, quando se organiza a solenidade de formatura (ver **Quadro 5**). Destacamos o nome de D. **Elza Bahiense (Fig. 18 e 19)**, que serviu no órgão nos anos 70-80; e no período desta Memória Histórica o de **Marita Graciela Ventura Cezarini (Fig. 20)**.

Um dado interessante é a homenagem que vem recebendo o Sr. **Antônio Damasceno Machado da Cunha (Fig. 21)**, Porteiro do Prédio da FAMEB, no Vale do Canela, que, pela sua comunicação, além das qualidades já referidas acima, vem obtendo do conjunto dos estudantes essa justa homenagem.

Quadro 5 – FUNCIONÁRIOS HOMENAGEADOS DA FAMEB – 1996-2009

SERVIDOR TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	DATA	OBSERVAÇÃO
1 – SERVIDOR PADRÃO		
Josias Cardoso de Sena	1996	Placa no Pavilhão de Aulas
Marlene da Conceição Lima Sacramento	1997	Placa no Pavilhão de Aulas
Marita Graciela Batista Ventura	1998	Placa no Pavilhão de Aulas
Márcia Magalhães Guimarães	1999	Não afixada
2 – HOMENAGEM COM PLACA NA FAMEB		
Levi Joaquim França (Seo Levi)	1980	Homenagem do DAMED - Placa no corredor do Espaço Cultural
Pedro Benedito de São José (Seo Bina)	26/06/2001	Homenagem do DAMED - Guardião Placa no corredor do Espaço Cultural.
Edvaldo Pereira dos Santos Filho	2008	Placa alusiva ao Bicentenário da FAMEB (Sala dos Lentes / Terreiro de Jesus) –Representante dos STAE.
3 - MOÇÃO DE LOUVOR		
Ademário Rocha dos Santos	1999/ 2000	Desempenho no processo de realização dos concursos para Professor Titular
Denise Ramos Sapucaia	1999/ 2000	Idem
Josias Cardoso de Sena	1999/ 2000	Idem
Alfredo Macedo Costa	2003	Assiduidade nas sessões da Congregação
4 - Homenageados em Solenidade de Formatura*		
Marita Graciela Batista Ventura	1999.2	Secretária do Colegiado de Curso de Graduação
(...)		
Marita Graciela Batista Ventura	2001.1	Ver acima.
José Miranda Ribeiro	2001.2	Secretário do Colegiado de Curso de Graduação
José Miranda Ribeiro e Marita Graciela Batista Ventura	2002.1	Secretários do Colegiado de Curso de Graduação
Marita Graciela Batista Ventura	2002.2	Ver acima.
Marita Graciela Batista Ventura	2003.1	Ver acima.
Marita Graciela Batista Ventura	2003.2	Ver acima.

Marita Graciela Batista Ventura	2004.2	Ver acima.
Marita Graciela Batista Ventura Cezarini	2005.2	Ver acima.
Marita Graciela Batista Ventura Cezarini	2006.2	Ver acima.
Antonio Damasceno Machado da Cunha	2007.2	Porteiro do Prédio FAMEB-Canela
Marita Graciela Batista Ventura Cezarini	2008.2	Ver acima.
Antonio Damasceno Machado da Cunha	2009.1	Porteiro do Prédio FAMEB-Canela

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este capítulo destacando um porteiro que foi estudante, professor e diretor; e estamos concluindo com outro porteiro, que, apesar de ter um vínculo frágil com a escola, como trabalhador terceirizado, tem obtido o justo reconhecimento pelo seu trabalho.

João Baptista dos Anjos abriu a porta deste capítulo e **Antônio Damasceno Machado da Cunha** não vai fechá-la. Ela ficará aberta para que o visitante, em geral, possa conhecer os professores, os alunos e também os servidores técnico-administrativos que são protagonistas desta história bicentenária.

FIGURAS – CAPÍTULO 2 – VOLUME III

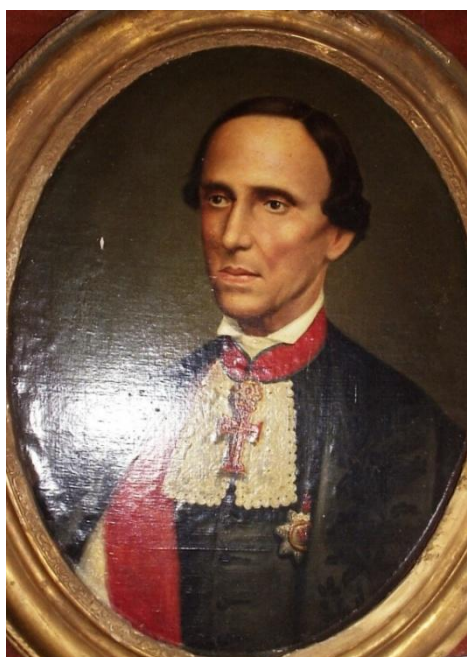


Fig. 1 – **João Baptista dos Anjos** (1803 - 1871). Porteiro, estudante, professor e diretor da FAMEB.



Fig. 2– Placa de reconhecimento a *Seo Levi Joaquim França*. Funcionário da FAMEB.



Fig. 3 – Placa de reconhecimento a *Seo Bina (Pedro Benedito de São José)*, Barbeiro da FAMEB.



Fig. 4 – **Seo Bina** ao lado de sua cadeira na Barbearia no Prédio da FAMEB no Vale do Canela.



Fig. 5 – **Antônio José Osório** (1816-1868). Bibliotecário da Fameb, médico e professor (Lente de Farmácia)



Fig. 6 – **Afrânio dos Santos Coutinho**. Bibliotecário da Fameb, médico e Professor de Filosofia e de Literatura e Crítica Literária (Faculdade de Filosofia da Bahia; Biblioteca Nacional; Universidade do Brasil, depois Universidade Federal do Rio de Janeiro).



Fig. 7 – Biblioteca da Fameb – Terreiro de Jesus (Bibliotheca Gonçalo Moniz)



Fig. 8 – Parte do acervo da Biblioteca da Fameb – Terreiro de Jesus (Biblioteca Gonçalo Moniz)



Fig. 9.1 – Biblioteca da Fameb – Terreiro de Jesus (Biblioteca Gonçalo Moniz)



Fig. 9.2 – Biblioteca da Fameb – Terreiro de Jesus (*Bibliotheca Gonçalo Moniz*) - 2012



Fig. 9.3 – Biblioteca da Fameb – Terreiro de Jesus (*Bibliotheca Gonçalo Moniz*) - 2012



Fig. 10 – Faculdade de Medicina da Bahia em restauração.



Fig. 11 – Prédio da FAMEB no Vale do Canela, onde ficava a Biblioteca do Pavilhão de aulas da FAMEB-UFBA.



Fig. 12 – Entrada do Prédio da FAMEB no Vale do Canela. Na placa à esquerda está o Juramento de Hipócrates, com linguagem atualizada.



Fig. 13 - **Solange Xavier**, Secretária do PPGSAT e **José Humberto Viana**, Secretário do DPML, entre Prof. Marco Rêgo, chefe do DMPS em 2008 e **Ronaldo Ribeiro Jacobina**, servidor e professor, memorialista de 2008, na solenidade do Bicentenário da Fameb, 18 de fevereiro de 2008.



Fig. 14 - **Edvaldo Pereira dos Santos Filho**, representante dos STAE na solenidade do Bicentenário da Fameb-Ufba.



Fig. 15 – O servidor **Ademário Rocha dos Santos** na solenidade dos 200 anos (18/02/2008).



Fig. 16– Os servidores **Jonas Rodrigues Santos**, **Josias Cardoso de Sena** e **Marinalva Almeida Oliveira**, na solenidade do Bicentenário da Fameb, 18 de fevereiro de 2008.



Fig. 17 – A restauradora **Clara Barros de Oliveira** recuperando o retrato do Prof. Alfredo Britto, na Sala de restauração do FAMEB -Terreiro de Jesus, 2010.



Figuras 18 e 19 - **Dona Elza Bahiense**, Secretária do Colegiado de Curso da FAMEB, Funcionária homenageada em 1986 e 1987.



Fig 20 – **Marita Graciela Ventura**, Secretária do Colegiado de Curso da FAMEB, Funcionária homenageada em 2001.1

Fig. 21 - **Antônio Damasceno Machado da Cunha**, Porteiro da FAMEB-Prédio do Vale do Canela - 2012.

REFERÊNCIAS – CAPÍTULO 2

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. Notas Bigraphicas. Juliano Moreira. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 63, p.817-820, abr.-jun. 1933.

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. *Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, anno 1920* . Salvador, s/d.

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. *Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, anno 1919. Salvador-Bahia: Livraria Catilina, 1923.*

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. *Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, anno 1918. Salvador-Bahia: Livraria Catilina, 1919.*

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. *Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, anno 1917. Salvador-Bahia: Livraria Catilina, 1918.*

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. *Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, anno 1916. Salvador-Bahia: Livraria Catilina, 1917.*

ALENCAR, Gualter Martiniano Pereira da. O protagonismo feminino na Faculdade de Medicina da Bahia. [Monografia de conclusão de curso]. Salvador: FMB-UFBA, 2012.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Círculo do Livro, [1993]. 330p.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008. 320p.

ARAGÃO, Gonçalo Moniz Sodré de. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia*. Salvador –Bahia: FMB, 1924.

AZEVEDO, Eliane. *Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia. Terreiro de Jesus: Memória Histórica 1996-2007*. Feira de Santana: Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

BARRETO, Maria Renilda N. Assistência ao nascimento na Bahia oitocentista. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro; v.1(15): 901-925, 2008.

BIREME.OPAS.OMS. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Área de Gestão do Conhecimento e Comunicação (KMC). São Paulo, 2012. Extraído de: http://new.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=37&Itemid=55&lang=pt. Acesso em 13/01/2013.

BRITO, Antônio Maurício Freitas. Salvador em 1968: um breve repertório de lutas estudantis universitárias. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.) *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador, EDUFBA, 2009.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. De Porteiro a Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. In: BRITTO, Antônio Carlos N. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, p. 63-138, 2002.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2003.

BULFINCH, Thomas. O Livro de ouro da mitologia: Histórias de Deuses e Heróis. São Paulo: Editora Tecnoprint; Ediouro, 1965. 303p.

CORPO DOCENTE da Faculdade de Medicina da Bahia segundo a unidade departamental. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 78, n. 2, p.iii-v, Jul.-dez. 2008.

COSTA, Paulo Segundo da. *Hospital de Caridade São Cristovão / Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia: 450 anos de funcionamento: 1549-1999*. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000.

COUTINHO, Afrânio. Salvem esta biblioteca! Salvador, Bahia, *A Tarde*, 05 de julho de 1984.

ENTREVISTA com Half. *Capuco* (Jornal estudantil), ano 1, n.2, p.1-2, out. de 1971.

FALCÃO, Ib Gatto. A FAMEB na década de 30. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 1, p.37-49, Jan.-Jul.2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio* 2 ed. Rio de Janeiro, 1986.

FORTUNA, Cristina. M.; TAVARES-NETO, José. Funcionários nos primeiros 100 anos (1808-1908) da Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n. 1, p.52-59, Jan.-Abr. 2010.

FREITAS, Maria José Rebello de. Memorial de Medicina In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Ed. do Autor, p.271-280, 1999.

GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Luzes Negras: O Sábio e o Verme e outras histórias-estórias*. Salvador: Hetera, 2008. 120p

JACOBINA, Ronaldo R.; BOMFIM, Diego E.; DULTRA, Lua S. O Guardião Perpétuo do diretório Acadêmico de Medicina da Bahia, Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 80, n.1, p.74-82, 2010.

MOURA, Caio Octávio F. de. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia*. Salvador-Bahia: FMB, 1914.

NARDINI, Bruno. *Mitologia: primeiro encontro*. São Paulo: Círculo do Liro, 1982.

PEDRO II. Imperador do Brasil. *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas [Diário da Viagem ao norte do Brasil]*. Rio de Janeiro: Bom Tempo; Letras& Expressões, 2003.

- PROF. JULIANO Moreira. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 63, p.815-817, abr.-jun. 1933.
- PUPO, Débora. Doutor Sabino. Baiano, período de ação: 1797-1846. In: JANCSÓ, István; ARBEX JR, José; VESPUCCI, Ricardo; SOUZA, Sérgio de (org.). *Rebeldes Brasileiros*. São Paulo: Casa Amarela Ed; Caros Amigos, p.144-159, s/d.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico de Língua Portuguesa*. 2001.
- OLIVEIRA, Eduardo S. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
- PEDROSA, Elias José. Memória histórica do anno de 1871 apresentada à respectiva Congregação. *Gazeta Médica da Bahia*, v.6, n124 (30 de set.), p. 49-54; n.125 (15 de out.), p.65-69; n.126 (31 de out.), p. 81-83, 1872.
- PONDÉ, Adriano de Azevedo – Gonçalo Moniz. Sinopse Informativa, Ano II, N° II. Outubro. Salvador, 1978.
- REIS, João José. Posfácio. In: AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.
- SANTOS, Malaquias A. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao anno de 1854*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
- SBHM.SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA. Afrânio dos Santos Coutinho (Seção Médicos do Brasil). São Paulo, s/d. Extraído em: http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=medicos_view&codigo=25. Acesso em 13/01/2013.
- SIBI-Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIBI). *Bibliotheca Gonçalo Moniz - Memorial da Saúde Brasileira*. . Salvador, 10/12/2010. Extraído de: <http://www.sibi.ufba.br/bibliotecas/bibliotheca-gon%C3%A7alo-moniz-memorial-sa%C3%BAde-brasileira>. Acesso em: 13/01/2013.
- SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1567-1925)*. 2 ed.rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, 1973. (1 ed. Salvador: Editora Beneditina, 1949).
- SEIXAS, Domingos Rodrigues. Biographia do Conselheiro Dr. João Baptista dos Anjos, Director da Faculdade de Medicina da Bahia (I e II). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 5, n.100 (30 de set.), p. 50-52; n. 101 (15 de out.), p. 68-70, 1871.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Editora Unesp; Salvador: EDUFBA, 2001.

TAVARES-NETO, José; OLIVEIRA, Vilma L.N.; SANTIAGO, Eliane da C.; SANTOS, Francisca da C.; FORTUNA, Cristina Maria M. Levantamento Nominal dos formandos de 1812 a 2008. In: TAVARES-NETO, José. Formandos de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana: Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

TAVARES-NETO, José. Formandos de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana: Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

TAVARES-NETO, José. Editorial. *Gazeta Médica da Bahia*, v.77, n. 2, p.74-76, Jul.-dez. 2007.

UFBA.FAMEB. Biblioteca do Pavilhão de Aulas da FMB. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 78, n 2, 1ª página, não numerada, Jul.-dez. 2008.

VERGER, Pierre. *Fluxos e refluxos do tráfico de negros, sec. XVII*. Salvador: Ed. Corrupio, 1987.

VIANA FILHO, Luís. *A Sabinada*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938.

VIANA FILHO, Luís. O Doutor Sabino. In: A revolução de 7 de Novembro de 1837 / A Sabinada. Salvador: Arquivo Público da Bahia, v. 4, p.128, s/d.

CAPÍTULO 3

ACADÊMICOS DE MEDICINA

“Estudante é para estudar”,
mas é também “verdade histórica de que é uma tradição,
no Brasil, a participação dos estudantes na vida pública.
Para constatar essa verdade, basta que se atente para alguns
episódios omitidos pela maior parte dos nossos historiadores,
como, por exemplo, *a fundação, por um grupo de acadêmicos
na Faculdade de Medicina da Bahia, da primeira
associação brasileira, a Sociedade Dois de Julho,*
criada com o fim específico de alforriar negros”

Renato Bahia, *O estudante na história nacional.*

In: POERNER, Arthur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros.* 5ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004, p.46; grifo nosso.

O PROTAGONISMO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Da criação da Escola de Cirurgia até o Colégio Médico-Cirúrgico (1808-1831) e o 1º centenário como Faculdade de Medicina da Bahia (1832-1932) e registros avulsos de 1932 até o bicentenário da FAMEB (2008)

O registro anual dos principais fatos da Faculdade de Medicina da Bahia, seguindo uma tradição nas análises históricas das instituições de ensino, faz-se com um enfoque predominante, quando não exclusivo, para os acontecimentos protagonizados pelos dirigentes e seus agentes mais renomados, no caso de uma escola de ensino superior, os diretores e os professores mais titulados, como os lentes, catedráticos ou professores titulares.

A memorialista Eliane Azevedo (2008, p.137), ao fazer uma releitura das memórias históricas da FAMEB precedentes, observou que as referências ao alunado ocorrem de forma dispersa, sem enfoque específico. Neste capítulo, adotaremos como objetivo geral fazer um caminho mais árduo, ao buscar descrever e analisar o papel do Acadêmico de Medicina como sujeito na história da Faculdade de Medicina da Bahia, escola médica primaz do Brasil. Ou seja, o nosso desafio aqui será descrever o protagonismo do estudante, não depois de formado como médico, professor ou homem público, mas no tempo de sua vida estudantil, nos quatro, cinco ou seis anos que esteve na FAMEB.

A ênfase será dada aos processos de atuação coletiva dos estudantes na trajetória bicentenária da instituição, pois desde cedo os alunos, em especial os do ensino superior, desenvolveram formas organizadas de atuação na sociedade civil brasileira, tanto no período monarquista quanto no republicano. Entretanto, buscaremos também identificar as individualidades, desde as lideranças - o cidadão / a cidadã - que atuaram nas lutas coletivas, mas também as pessoas que se destacaram no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, bem como as que agiram de modo exemplar no campo da ética.

Os nomes dos protagonistas (pessoas, turmas ou entidades estudantis) aparecem neste capítulo destacados em negrito.

3.1. OS ESTUDANTES NO PERÍODO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CIRURGIA E DO COLÉGIO MÉDICO-CIRÚRGICO (1808-1832).

A Escola de Cirurgia, criada em 18 de fevereiro de 1808, funcionou de modo muito rudimentar nos seus primeiros anos, segundo Malaquias Álvares dos Santos (1810-1856), autor da Memória Histórica referente ao ano de 1854 (SANTOS, 1905).

Na Bahia, mesmo sendo criada a Escola de Cirurgia, lideranças representativas da capitania defendiam a criação de uma universidade, como demonstra a petição de 29 de setembro de 1809 encaminhada ao Príncipe-Regente D. João. Através desta, eram oferecidas as rendas do subsídio literário da capitania e a contribuição pessoal de moradores, incluindo entre eles comerciantes, membros do Exército, cônegos, brigadeiros e bacharéis, para a instalação da universidade (TORRES, 1946).

A ideia na Bahia de se ter uma universidade vem desde o século XVI, quando a medicina e a farmácia no Brasil colonial vinham sendo praticadas e estudadas principalmente pelos jesuítas no próprio Colégio dos Jesuítas. Entre os anos de 1654 e 1681, houve várias tentativas por parte dos religiosos e das autoridades locais de transformar o Colégio dos Jesuítas da Bahia em universidade. O propósito foi negado pela Coroa portuguesa, que agiu de modo muito diferente do Reino Espanhol e Anglo-saxônico, pois as colônias espanholas e inglesas nas Américas criaram universidades desde o século XVI. A recusa não impediu os jesuítas de fazer do Colégio dos Jesuítas da Bahia uma casa de estudos gerais comparável à Universidade de Évora, em Portugal (TORRES, 1946). Portanto, a escolha do prédio do antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, em 1803, para ser sede da Escola de Cirurgia tem um significado simbólico.

Com menos de oito anos, a Escola já necessitou de sua primeira reforma, como comprova a carta régia de 29 de dezembro de 1815. Até 1815 o corpo da Escola era constituído basicamente por dois professores e um porteiro, obedecendo aos estatutos da Universidade de Coimbra. Em março de 1816, a instituição baiana teve ampliados tanto seu corpo de professores quanto o número de cadeiras, instalando-se na Santa Casa de Misericórdia (SCM), cujo Provedor era o Tenente-coronel Antônio da Silva Paranhos e que tinha um hospital, o Hospital da Caridade, depois, em 1833, denominado de Hospital São Cristovão (COSTA, 2000).

Nessa reforma, o sistema de ensino médico mudou, aumentando o curso de quatro para cinco anos de duração e de três para cinco cadeiras (OLIVEIRA, 1992). O

principal responsável pelas mudanças foi o Conselheiro Manuel Luiz Álvares de Carvalho, baiano, físico-mor e Diretor Geral dos estudos médico-cirúrgicos do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve (SANTOS, 1905).

Em relação aos estudantes, a matrícula no curso passou a exigir o saber ler e escrever, ficando implícito que, nos primeiros oito anos, era possível um analfabeto fazer o curso médico. Foram introduzidas outras exigências: conhecer línguas estrangeiras, em especial francês e inglês; e os que sabiam latim e geometria podiam ir direto para o 2º ano.

Esse primeiro período da Escola de Cirurgia (1808-1815) foi tão crítico para os acadêmicos de medicina que alguns deles tornaram a se matricular em 1816, quando começou a funcionar o Colégio Médico-Cirúrgico, com as mudanças da carta régia do final de 1815.

No levantamento nominal dos formandos da escola *mater* da medicina brasileira, feito por Tavares-Neto (2008), baseado no “Índice Geral dos Graduandos” de Matheus Vaz de Oliveira (Secretário da Fameb), ambos inspirados em Malaquias Alves dos Santos (1905), primeiro memorialista, do período de 1812 a 1818, são listados apenas cinco alunos, embora ele registre a expressão “e outros”. Os nomeados são:

1 - **Antônio de Souza e Aguiar** que, formado, fez parte do Serviço Médico do Exército Libertador, comandado pelo Coronel José Joaquim Lima e Silva, cirurgião-mor do Hospital Militar da Bahia, na luta pela independência do Brasil na Bahia;

2 – **Francisco Gomes Brandão**, futuro Visconde de Jequitinhonha;

3 – **Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira**, já formado, lutou como cirurgião-mor na Guerra da Independência e, posteriormente, ganhou notoriedade com a Sabinada, um movimento federalista que levou seu nome e que, para alguns, foi também republicano. Como professor da Fameb, talvez tenha sido o primeiro docente afrodescendente da escola. Ele foi também funcionário (ver adiante e também no **cap. 2** deste volume);

4 – **José Álvares do Amaral**, o primeiro aluno baiano formado no país a se tornar professor da escola e, segundo Tavares-Neto (2008), a ocupar no Brasil a classe de Lente Proprietário (Catedrático) de Cirurgia, Operações e Partos. Em dezembro de 1815, foi nomeado Lente Substituto. Foi também Secretário do Colégio Médico-Cirúrgico, desde sua instalação (1816) até 1825, Lente Interino (1816-1817) e depois Lente Proprietário (1824-1825 ou 1826), pois há dúvidas quanto ao ano de seu falecimento (OLIVEIRA, 1992);

5 – **Manoel José Bahia** que, formado, fez parte também do Serviço Médico do Exército Libertador, na luta pela independência do Brasil na Bahia.

O segundo período dessa conjuntura inicial do ensino médico na Bahia começou em 1816, após a reforma de dezembro de 1815, e terminou com a reforma de 1832. É o período do Colégio (ou Academia) Médico-Cirúrgico(a). Houve melhora com a reforma, demonstrada com o fato de alguns alunos terem novamente se matriculado no curso desde o início, pois passou a contar com a dissecação de cadáveres, prática essencial para o método anátomo-patológico, inovador e científico, graças ao empréstimo dos instrumentos pelo Hospital Real Militar, em maio de 1816.

As condições de ensino, contudo, eram ainda muito precárias, pois os estudantes tinham aulas não mais no antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, mas no Hospital de Caridade, pertencente à Santa Casa de Misericórdia. Conforme descrição do professor Malaquias Santos, o Colégio “se achava em um corredor da casa da Santa Misericórdia dividido em 3 pequenas salas, das quais uma inutilizada por servir de passagem para outras repartições da mesma Santa Casa, e tendo por anfiteatro de dissecações e operações 1 pequeno quarto escuro compreendido na enfermaria mais baixa do mesmo hospital” (SANTOS, 1905, p.7). Não pode passar despercebido que o mesmo local para dissecação de cadáveres, esse pequeno quarto escuro na enfermaria mais baixa, era o local de operações.

3.1.1. Acadêmicos de Medicina na luta pela Independência do Brasil na Bahia (1822-1823)

Para o memorialista Malaquias Santos, houve “uma palma de glória” para a Escola e depois Colégio, nesses dois períodos iniciais. Segundo esse primeiro memorialista da FAMEB, a Escola preparou os seus acadêmicos para que servissem “na gloriosa luta da independência”, como “médicos e publicistas” (SANTOS, 1905, p.5). ‘Publicista’ aqui significa aquele que escrevia para a imprensa, como um jornalista na prática. Muito mais que o grito de D. Pedro I no Ipiranga, a independência do Brasil foi conquistada numa guerra com um heroísmo memorável, travada principalmente na Bahia, simbolizada no dia 2 de Julho de 1823 (TAVARES, 2005).

Apesar das dificuldades de identificar os estudantes nessa luta devido à inexistência de registro dos alunos matriculados, como lamenta o primeiro memorialista Malaquias dos Santos (1905), encontram-se referências na memória histórica de 1942, escrita por Eduardo de Sá Oliveira (1992), da participação de dois lentes. Participação, fique claro,

antes da docência: Manuel Maurício Rebouças (1800-1862), “na qualidade de cidadão, sobretudo nas lutas da Independência, [quando] mostrou-se de um heroísmo extraordinário”(p.138) e João Antunes de Azevedo Chaves (1805-1873), condecorado na campanha da Independência (OLIVEIRA, 1992, p.160).

O historiador João Reis (1991), em seu cuidadoso estudo “A morte é uma festa”, cita fontes que garantem a condecoração de Manuel Maurício por bravura nas lutas da Independência. Rebouças, com 24 anos foi para França, onde passou sete anos e se formou pela Faculdade de Medicina de Paris. Ao retornar, tornou-se professor de Botânica da FAMEB, em 1831.

Se Rebouças, na luta da independência, era um escrevente de cartório, **João de Azevedo Chaves**, pela idade, tinha 18 anos em 1823, se destacou muito provavelmente na condição de estudante, pois só em 1829 ele se tornaria Lente Substituto de Clínica Externa (OLIVEIRA, 1992).

Conforme pesquisa de Britto (2002c), o acadêmico **João Baptista dos Anjos** também foi protagonista como estudante naquele momento histórico. O acadêmico se matriculou no Colégio em 1822, mas interrompeu os estudos para lutar pela independência do Brasil na Bahia, conforme atestado do Lente do 1º ano, José Soares de Castro, transcrito por Britto (2002c). Ele retornou ao curso em outubro de 1823, quando deu baixa no exército, assumindo concomitantemente a função de porteiro do Colégio Médico-Cirúrgico, pois, sem o soldo de soldado, ele que era de origem humilde, precisava de dinheiro para manter-se nos estudos. Embora a trajetória seja analisada com mais detalhes no **capítulo 3**, sobre os servidores da FAMEB, registremos aqui que João Baptista se tornou Lente de Higiene e diretor da Faculdade.

Pelo menos estes dois estudantes - **João Antunes de Azevedo Chaves** e **João Baptista dos Anjos** - exemplificam o protagonismo dos acadêmicos de medicina na luta pela independência do Brasil na Bahia, uma vez que a Fameb, como foi referido pelo seu primeiro memorialista, praticamente não tem registros dos primeiros anos, sobretudo, dos estudantes.

3.1.2. Outros Acadêmicos de Medicina desse período (1808-1832) que se destacaram como médicos, professores ou políticos

Ainda tendo como fonte a primeira memória histórica de Malaquias Santos, há o esforço do memorialista em identificar alunos que fizeram o curso na Bahia, de 1808 a

1832. Ele constatou que alguns dos médicos formados aqui buscaram se aperfeiçoar na Europa. Dos alunos desses primeiros anos (1812-1818), como já referido, o primeiro memorialista cita os seguintes nomes: **Antônio José de Souza e Aguiar**, **Francisco Gomes Brandão**, **Francisco Sabino Alves da Rocha**, **José Alves do Amaral** e **Manoel José Bahia** (SANTOS, 1905). O memorialista Eduardo Oliveira (1992) registra José *Álvares* do Amaral e não Alves.

Dentre os nomes citados, já destacamos o primeiro e último, **Antônio de Souza e Aguiar** e **Manoel Bahia**, pois fizeram parte da primeira organização do serviço médico do Exército brasileiro na campanha da Independência, feita pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva, ao substituir o General Labatut no comando geral. O coronel Lima e Silva nomeou os médicos *Antônio de Souza e Aguiar* para cirurgião-mor da 3ª Brigada e *Manuel Bahia*, da 4ª. O serviço ficou sob o comando de Antônio Policarpo Cabral, nomeado 1º médico do Exército (TAVARES, 2005). Formado na Universidade de Coimbra, Cabral foi o primeiro Lente aprovado por concurso da FAMEB, em 1831, para a cadeira de Química, sendo nomeado e transferido para a de Clínica Interna em 1833. “Graças à orientação progressista do Dr. Policarpo Cabral”, a Congregação aprovou o seu requerimento, em 28 de fevereiro de 1849, que determinou a proibição do uso de apostilas nas aulas (OLIVEIRA, 1992, p.139).

O segundo nome, **Francisco Gomes Brandão**, tornou-se o Visconde de Jequitinhonha. Nascido em Salvador em 1794, ele adotou um cognome, **Francisco Gê Acaiaba Montezuma**, com sobrenomes de origem indígena, africana e asteca. Filho de uma ex-escrava e de um comerciante português, quando criança, devido à difícil situação econômica da família, foi encaminhado à vida religiosa, no Convento de São Francisco. Adulto, ele se formou em Medicina pela Escola de Cirurgia da Bahia ou já o Colégio Médico-Cirúrgico, numa data entre 1812 e 1818, conforme a citação do primeiro memorialista Malaquias dos Santos (1905), em sua memória de 1854. Depois, viajou para Portugal, onde se formou em Leis pela Universidade de Coimbra, em 1821 (CARVALHO FILHO, 2008). De volta à Bahia, Montezuma fundou a sociedade maçom *Jardineiros*, defensora do constitucionalismo, e o jornal *Diário Constitucional*, instrumento importante na luta pela Independência do Brasil na Bahia. Aloisio de Carvalho Filho chega a dizer que “os baianos Montezuma e Silva Lisboa, com a pena de jornalista, prestaram à causa da Independência os mais intrépidos serviços” (Ibidem, p.96). Ele teve uma brilhante carreira política, começando como deputado constituinte, em 1823. Quando Pedro I dissolveu a Assembleia, Montezuma se exilou na Europa,

mas retornou ao Brasil em 1830. Em 1837 foi Ministro da Justiça e, em 1851, foi eleito senador. Segundo o Barão do Rio Branco, Montezuma foi o primeiro parlamentar brasileiro a atacar abertamente os importadores de escravos, além de ter sido um dos precursores da propaganda abolicionista (Lello & Lello, *Dicionário prático ilustrado*, Porto, 1967, *apud* TAVARES, 2008, nota 12, p.99-100).

O terceiro nome da lista feita pelo memorialista Malaquias Santos, **Francisco Sabino**, como já referido no **cap. 2** deste volume, foi um rebelde de muitas lutas, uma delas batizada com seu nome. Doutor Sabino (1797-1846), com três anos de formado e na condição de cirurgião-mor do Exército, participou na luta da Independência, na batalha de Itaparica em janeiro de 1823. Logo após a Independência, foi acusado de insubordinação e preso por ordem do próprio General Pedro Labatut. Defendeu a convocação de uma Assembleia Constituinte para elaborar uma Constituição (TAVARES, 2005). Rebelde desde os tempos escolares, em fevereiro de 1822 ele se uniu aos oficiais brasileiros que se opuseram à entrega do comando das armas ao brigadeiro português Madeira de Melo, em substituição ao brasileiro Pedro de Freitas Guimarães. Em 1824, apoiou a revolta dos Periquitos, um famoso batalhão de mulatos que se recusou a reprimir o movimento federalista de Pernambuco (PUPO, s/d). Em 1833, como publicista, escrevia no ‘*Novo Diário da Bahia*’ e chegou a editar o jornal ‘*O Investigador Brasileiro*’, com críticas ao poder local e central. Seu nome se destacou, sobretudo, pela sua liderança no movimento armado de 1837 em Salvador.

Os historiadores consideram a “Sabinada” uma das revoltas separatistas do período da Regência. Para o historiador Luis Henrique Dias Tavares (2005), esta revolta, ocorrida na Província da Bahia de 6 de Setembro de 1837 a 16 de Março de 1838, foi uma luta em defesa do sistema federalista, que buscava a maior autonomia das províncias. Com a derrota militar, em março de 1838, Doutor Sabino foi preso e condenado ao desterro, tendo morrido no interior de Mato Grosso. Bissexual, mulato e com vida pessoal tumultuada, que envolve a morte da esposa e de um adversário, em alguns estudos a sua vida pessoal ganha mais destaque que sua ação como um constitucionalista em defesa do ideal federalista.

O quarto aluno citado por Malaquias dos Santos, **José Álvares do Amaral** (1771-1825), foi o primeiro médico formado na Escola de Cirurgia da Bahia a se tornar lente da escola *mater* brasileira. Ele foi Lente de “Operações e Partos” (OLIVEIRA, 1992). Tavares-Neto (2008), como já referido, afirma que ele foi o primeiro médico formado no Brasil a ocupar a classe de Lente Proprietário. Lente Substituto, em 1815, **José**

Álvares foi o primeiro Secretário do já então Colégio Médico-Cirúrgico, em 1816, até 1825, quando faleceu (OLIVEIRA, 1992)

Entre os docentes que lutaram na luta da independência, emboa não tenha sido nem sequer estudantes da escola médica baiana, merece registro os dois primeiros diretores da Fameb: José Avelino Barbosa (1768-1838), Lente de Higiene, desde 1816, “partidário ardoroso da Independência, desempenhando papel relevante nas terríveis lutas que se travaram neste estado, pela liberdade do povo brasileiro” (OLIVEIRA, 1992, p.391) e José Lino Coutinho (1784-1836), deputado às Cortes de Lisboa e depois Lente de Patologia Externa (p.389).

No período do Colégio Médico-Cirúrgico (1816-1831), os alunos formados que se destacaram como médicos e professores foram:

- **Antônio Torquato Pires**, formado em 1819, foi Lente da cadeira de Cirurgia, Operações e Parto, atuando, em substituição a José Álvares do Amaral, que havia falecido, de 1826 até 1829, quando se exonerou;
- **Fortunato Cândido da Costa Dormund**, aluno laureado², foi cirurgião-aprovado em 1819 e cirurgião-formado em 1820, quando iniciou a carreira docente como Opositor, foi Lente da “Matéria Médica e Farmácia” de 1829 a 1845; para além da medicina, tinha vocação para pintura e desenho (OLIVEIRA, 1992);
- **Francisco de Paula de Araújo e Almeida**, estudante laureado, foi um dos primeiros alunos a se instalar no Hospital da Caridade da SCM, foi cirurgião-aprovado em 1819 e formado em 1820, fez doutorado em medicina pela Academia de Bolonha, Itália, a primeira universidade do mundo. Lente Substituto em 1824, Lente de Fisiologia a partir de 1829. Foi o terceiro diretor da Fameb (1836-1844), mas foi *o primeiro aluno da escola médica da Bahia a ser diretor* dela, pois José Lino Coutinho era formado pela Universidade de Coimbra, Portugal, e José Avelino Barbosa, pela Universidade de Edimburgo, Escócia, Reino Unido;
- **Francisco Marcellino Gesteira**, aluno laureado, cirurgião-aprovado em 1819 e formado em 1820, foi Lente Substituto em 1826, Lente de Cirurgia, Operações e Partos: “consumado parteiro, habilíssimo professor e excelente companheiro”, diz o memorialista de 1855 (Aranha Dantas *apud* OLIVEIRA, 1992);
- **Jonathas Abbott**, inglês, chegou à Bahia em 1812, aos 16 anos, como *groom* (cavaliário, pagem) do Prof. José Álvares do Amaral. Aluno laureado, foi Cirurgião-

² Em 1817, foi instituída uma premiação no Colégio para os alunos com melhor rendimento por ano do curso. Ver a seguir em item específico ao final deste capítulo.

aprovado em 1820 e formado em 1821, ano em que se naturalizou brasileiro. Lente Substituto de Anatomia, em 1825, e Lente Proprietário de Anatomia Descritiva, em 1828 (OLIVEIRA, 1992). Fundou o Gabinete de Anatomia (Ibidem), o primeiro no Brasil destinado ao ensino médico, segundo Tavares-Neto (2008). Doutor pela Universidade de Palermo, em 1835. Foi Vice-Diretor e Diretor interino da Fameb várias vezes, entre 1855 e 1857. Para além da medicina, com sua paixão pelas artes plásticas, deixou um legado como colecionador de mais de 391 obras de arte (*Galeria Abbott*), catalogadas pelo prof. Manoel Augusto Pirajá da Silva (ver Pirajá na galeria dos encantados, **cap. 1.**). Abbott foi protagonista como aluno, servidor e professor;

- **Manoel Antônio Pires**, aluno laureado, foi Cirurgião-aprovado em 1820 e formado em 1821. Em 1816, quando ingressou no curso médico, foi também porteiro do Colégio Médico-Cirúrgico (ver **cap.2**);

- **João Antunes de Azevedo Chaves**, baiano, como já destacado antes, provavelmente protagonista como aluno na guerra da independência do Brasil na Bahia. Formado pelo Colégio Médico-Cirúrgico. Lente Substituto, em 1829, e Lente Proprietário de Clínica Externa de 1833 a 1861. Seu nome não consta no levantamento dos formandos, feito por Tavares-Neto (2008), mas o registro de João Antunes *Ferreira*, na turma de 1825, talvez seja um erro e o correto seria o João Antunes *de Azevedo Chaves*, ano compatível com a condição de Lente em 1829;

- **João Baptista dos Anjos**, ainda aluno, lutou na guerra da independência do Brasil na Bahia. Como Manoel Pires, foi porteiro e, concomitantemente, estudante (ver **cap. 2**). Cirurgião-aprovado em 1827 e formado em 1828. Lente Substituto, em 1829, Lente de Anatomia, em 1833, e Lente Proprietário de Higiene, a partir de 1839 até 1858. Diretor da Fameb de 1857 a 1871. É um dos raros sujeitos da Fameb protagonista nos três segmentos (de alunos, funcionários e professores);

- **Elias José Pedrosa**, Cirurgião-aprovado em 1828 e formado em 1829. Substituto em 1839 e Lente em 1855 de Anatomia Geral e Patológica;

- **Vicente Ferreira Magalhães**, Cirurgião-aprovado em 1828 e formado em 1829. Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra. Lente em Física Médica (1833), o primeiro nessa matéria, foi jubulado em 1876. Esteve envolvido no inquérito político-militar aberto depois da revolta da Sabinada, em 1837, como simpatizante do movimento, mas foi inocentado e retornou em 1838 às suas funções. O *Língua de prata*, apelido dado pela sua correta dicção (FONSECA, 1893), impressionou o Imperador Pedro II em 1859, quando este, em visita à Bahia, assistiu sua aula sobre a 'unidade das

forças físicas’, entre as várias aulas que assistiu na Fameb (PEDRO II, 2003). Vice-Diretor e Diretor interino em 1871-1875.

O primeiro memorialista, Malaquias Santos, em seu trabalho de 1854, no qual fez um balanço desde a criação da escola até aquele ano, considerou que o surgimento das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro teve como significado maior a oficialização pelo Reino de Portugal do ensino superior no Brasil. E diz mais: essa criação do ensino superior no Brasil, juntamente com a abertura dos Portos e “a libertação da indústria”, concorreram para “dar aos Brasileiros o conhecimento de sua soberania e para dar a uma nação o reconhecimento de sua nacionalidade” (SANTOS, 1905, p. 5).

3.2. OS ACADÊMICOS NA HISTÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA NO BRASIL DA REGÊNCIA E 2º IMPÉRIO (1832-1889)

Esse terceiro período da escola, já numa nova conjuntura, começou com a lei de 3 de outubro de 1832, que transformou o Colégio Médico-Cirúrgico em **Faculdade de Medicina da Bahia** e ampliou o curso para seis (6) anos (SANTOS, 1905); e termina com a derrubada do regime monárquico no Brasil em 15 de novembro de 1889.

Um registro faz referência a um episódio envolvendo a comemoração de 2 de Julho e o lente memorialista citado, Malaquias dos Santos, egresso da Fameb, formado em 1839, com a tese inaugural intitulada “O estudo da física, quer experimental, quer analítica, é essencial à instrução médica” (OLIVEIRA, 1992, p.131). Na véspera do Dois de Julho, à noite, em 1855, “quando entusiasmados pela recordação das glórias da pátria, atravessavam o Terreiro os batalhões patrióticos em marcha para a Lapinha, de uma das janelas da Escola deu o digno lente Sr. Dr. Malaquias o magnífico espetáculo da luz elétrica, admirável fenômeno, cujo ensaio, não me consta, já fosse feito por alguém no Brasil” (DANTAS, 1856, p. 10). Estudos históricos sobre a energia elétrica confirmam este fato (ENERGIA, 2000; TEIXEIRA, 2005). O historiador Cid Teixeira (2005) o destaca como precursor, mesmo considerando equivocadamente que o fato aconteceu em 1885 e não em **1855**, trinta anos antes, como pode ser verificado na memória histórica de Manoel Dantas de 1855, referida acima.

Malaquias Álvares dos Santos (1810-1856) foi aluno da FAMEB, tendo se formado em 1839. Dois anos depois, ele se tornou docente: Lente Substituto de Ciências

Acessórias (1841-1855), entre as quais a Física, daí seu conhecimento da energia elétrica; e Lente Proprietário de Medicina Legal, a partir de 1855 (OLIVEIRA, 1992).

3.2.1. A Faculdade de Medicina da Bahia nos tempos do Cólera

Esta foi uma pandemia que chegou à Bahia em julho de 1855. Começando pelo bairro do Rio Vermelho em Salvador, espalhou-se pelos outros bairros e atingiu vários municípios, principalmente do Recôncavo, em especial as cidades de Cachoeira e Santo Amaro, diminuindo sua intensidade no ano seguinte, em 1856 (DAVID, 1996).

A Fameb, por meio de sua Congregação, já vinha discutindo medidas, como o uso da quarentena, a remoção do lixo na cidade, entre outras, a pedido do governo provincial. Quando a epidemia eclodiu, a instituição suspendeu suas atividades de ensino, em 4 de setembro de 1855, assumiu a direção de muitos postos sanitários na capital e enviou professores e **estudantes** para cidades do interior. As atividades acadêmicas foram retomadas em 14 de novembro do mesmo ano. Nesse combate à epidemia morreram dois professores e **onze acadêmicos** (SANTOS, 1905).

As tarefas eram a de socorrer os doentes e fazer a inumação dos cadáveres. Levavam remédios e substâncias para desinfetar as casas onde ocorriam óbitos. Uma dessas comissões partiu em 14 de agosto de 1855 para Cachoeira, composta de três médicos e **quatorze alunos**, pois os médicos e as autoridades do município haviam abandonado seus postos e funções. Um dos médicos adoeceu e quatro dias depois, junto com ele os outros dois médicos e os alunos se retiraram da cidade. Uma nova comissão veio com dois professores da Fameb, Pedro da Fonseca Mello e Justino José Soares. Foram eles que faleceram nesse combate à epidemia de cólera (DAVID, 1996).

Outro município do recôncavo baiano flagelado pela epidemia foi Santo Amaro, onde se destacou a atuação do médico e ex-aluno da FAMEB **Cypriano Barbosa Bettamio**, formado na 31ª turma, em 1847. Enquanto as autoridades abandonaram com temor o município, ele com destemor ficou e tomou uma série de medidas para a desinfecção da cidade. Cypriano Bettamio, cujo desempenho está descrito no trabalho de Wanderley de Araújo Pinho (1964), faleceu em 1855, nesse combate à epidemia de cólera.

Seguindo o objetivo deste capítulo, de dar os nomes daqueles membros da Fameb, principalmente os estudantes, que foram protagonistas ou sujeitos nos acontecimentos históricos, destacamos entre os docentes no combate à epidemia: José de Góes Siqueira (1816-1874), que atuou como inspetor de saúde pública, e, em 1855, tornou-se lente de

Patologia Geral; Antônio de Cerqueira Pinto (1820-1895), professor substituto em 1855, depois lente de Química Orgânica; e Joaquim Antônio de Oliveira Botelho (1827-1869) que prestou, como médico enviado pela Comissão de Higiene Pública, serviços em Cachoeira (OLIVEIRA, 1992; DAVID, 1996). Depois, ele também se tornaria lente de Matéria Médica e Terapêutica (de 1861 a 1869) e teria participação destacada na guerra do Paraguai, como será visto adiante. Segundo Oliveira (1992), o Dr. Botelho recebeu da população de Cachoeira, agradecida, uma medalha de ouro pela sua dedicação no combate à epidemia. Já o Dr. Siqueira recebeu do governo imperial a Comenda da Ordem da Rosa. Antônio Pinto foi diretor de 1891 a 1895 e 11º memorialista da Fameb (1864).

Os três lentes foram alunos da FAMEB: **José de Góes Siqueira** se formou em 1840, **Antônio de Cerqueira Pinto** em 1842 e **Joaquim Antônio de Oliveira Botelho** em 1850.

Nesse episódio, merece destaque a crítica de acadêmicos que estavam na linha de frente. Um **grupo de doze alunos de Medicina** que trabalhava em Cachoeira, censurou o governo provincial pela demora na ajuda e pela falta de autoridade no município. Eles consideraram “falta de energia” nos homens “*que mais alto estão collocados*”. Criticavam sob a forma de indagação o porquê de o governo não se apressar em levar o socorro a todas as cidades e vilas, em especial no litoral, que poderiam ser também atacadas pela epidemia. Este registro é importante, pois eram críticas daqueles que estavam no cenário da trágica epidemia que ceifou muitas vidas, inclusive de dois mestres e de pelo menos **quatorze estudantes** que atuavam no combate da epidemia. Mas também porque a fonte é um documento primoroso de um estudante da FAMEB, o paraibano **Antônio da Cruz Cordeiro**, que escreveu provavelmente o primeiro trabalho sobre aquela epidemia de cólera na Bahia, com o título “Impressões da Epidemia”, publicado logo depois desse trágico acontecimento, em 1856.

David (1996) destaca um pensamento elitista do acadêmico, citando sua confissão no livro, quando, aliviado com o recuo da epidemia em novembro de 1855, disse Cordeiro: “e nós ficamos livres do fardo, que nos humilhava perante essa gente ignorante” (*apud* DAVID, 1996, p.18). Porém, através desta obra, constatamos a relevância deste testemunho, pois foi a de quem se engajou na luta, correu riscos e registrou, como estudante, suas impressões de uma epidemia que adoeceu e matou muitas pessoas.

O historiador Antônio Loureiro de Souza, em seu livro “Baianos ilustres” (SOUZA, 1979), destacou o nome de **Alexandre José de Barros Bittencourt** (1831-1911) no

combate à epidemia de cólera. Ele atuou no combate à epidemia como acadêmico, tendo defendido sua tese inaugural – *Do contágio da infecção e sua diferença* - em 1856.

3.2.2. Da reforma de 1854 à visita de Pedro II

Santos (1905) e Fonseca (1893) consideram um marco na história da FAMEB a reforma no ensino médico de 1854 que, entre outras medidas, instituiu a elaboração anual das memórias históricas das faculdades de medicina do Império. Para Santos, o ano de 1854 encerra a terceira fase da escola médica. Para Fonseca, essa fase basicamente de ensino teórico iria até a reforma de 1882, onde, segundo ele, o ensino médico ganha com o Decreto de 19 de abril de 1879, tornado Lei em 30 de outubro de 1882, as bases legais para o desenvolvimento de um ensino mais prático.

Nesse período anterior à campanha no Paraguai, registre-se a visita do Imperador Pedro II à Bahia, em 1859, pois há um testemunho do monarca erudito, relatado no seu diário, sobre as aulas que assistiu na Fameb, nos dias 10 e 11 de outubro. Era diretor da Faculdade, no momento da visita, João Batista dos Anjos, já referido anteriormente, na luta pela independência. Como já dito, o ex-porteiro se formou em 1827 e tornou-se Lente de Higiene em 1839 e sua gestão como diretor foi de 1857 a 1871 (OLIVEIRA, 1992).

Teixeira (2002) afirma que o Imperador não merece crédito em matéria de medicina, embora reconheça a sutileza e a propriedade de seus comentários (p.98). Ora, nos seus registros (PEDRO II, 2003), fica claro seu domínio não só no campo das ciências naturais em geral, como botânica, zoologia, astronomia, mas também de anatomia e outros saberes biomédicos.

O imperador Pedro II (2003) tem uma apreciação crítica dos vários docentes da escola (p.84-94). Chegou mesmo a considerar muitos dos expositores como medíocres, mas também fez elogios para alguns lentes, como ao sergipano Manuel Ladislau Aranha Dantas (1817-1875), de Patologia Externa; ao jovem Francisco Rodrigues da Silva (1830-1886), de Química Orgânica e depois de Medicina Legal; Vicente Ferreira de Magalhães (1799-1876), de Física Médica; Salustiano Ferreira Souto (1814-1887), de Medicina Legal; e Jonathan Abbott (1797-1868), inglês de origem, Lente de Anatomia Descritiva. O imperador ficou admirado com o gabinete anatômico de Abbott, concedendo-lhe a comenda de Cristo, no final da viagem.

Fiel ao nosso objetivo de identificar o papel de sujeito do acadêmico nesses 200 anos da FAMEB, cabe aqui registrar que um aluno impressionou o visitante ilustre. “O sextanista Joaquim Andrade Muniz Barreto foi o estudante que me pareceu ter respondido melhor à cabeceira do seu doente” (PEDRO II, 2003, p.86). Uma nota de pé de página retifica o nome do acadêmico baiano: **Joaquim Augusto Muniz Barreto** e não Andrade, nascido em 1834. Ele formou em 1859, com a tese doutoral “*Regras Práticas acerca da anesthesia na therapêutica cirúrgica*” (MEIRELLES et al., 2004).

Depois desse registro de mérito acadêmico, retomemos a cronologia dos principais acontecimentos históricos para descrever e analisar o papel da Fameb, e dos estudantes em especial, em uma das mais sangrentas guerras no continente americano que, juntamente com a guerra civil nos EUA, foram as duas maiores guerras no continente americano (MAGNOLI, 2006).

3.2.3. Acadêmicos e Lentas da FAMEB na Guerra do Paraguai

A guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, foi o mais sangrento conflito no continente sul-americano. Morreram aproximadamente 130 mil pessoas dos quatro países envolvidos (Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai). O Brasil enterrou nos campos de batalha um total de 614 mil contos de réis, equivalente a onze anos do orçamento imperial, resultando num déficit público que se arrastaria pelos vinte anos seguintes.

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, ganhou espaço a interpretação de que a causa da Guerra do Paraguai foi o imperialismo inglês, que teria utilizado o Segundo Império do Brasil e as Repúblicas da Argentina e do Uruguai para destruir um modelo de desenvolvimento autônomo do Paraguai. Ver, por exemplo, Chiavennato (1979). Segundo o escritor paraguaio Guido Alcalá (2004), cientistas sociais vinculados à teoria da dependência viram no general Solano López um herói antiimperialista. Estudos desenvolvidos a partir de 1980, entretanto, revelaram que os conflitos na área tinham raízes no processo de construção e consolidação dos Estados nacionais, onde os determinantes internos foram tão importantes quanto os externos (DORATIOTO, 2006). O Paraguai tinha uma economia agrícola, atrasada, e López estava longe desse herói antiimperialista, sendo um ditador animado pela sede do poder e havia, por outro lado, os interesses expansionistas na área, não só do Paraguai, mas também do Brasil e da Argentina, além de um Uruguai politicamente dividido. Para se obter um pouco mais de detalhes desses determinantes ver o texto de Jacobina (2008).

Os estudiosos dividem a guerra do Paraguai em quatro etapas. Adotamos aqui uma divisão que mescla informações presentes nos textos de Bueno (2003) e de Bonalume Neto (2004):

1ª – a ofensiva paraguaia: começou em novembro de 1864, com a apreensão de um vapor brasileiro em Assunção. Em dezembro, ocorreu a invasão de Mato Grosso, depois, em janeiro de 1865, a invasão na província de Corrientes, Argentina, onde Solano López esperava ser apoiado pelos dissidentes argentinos (o que não ocorreu); e, por fim, a invasão do Rio Grande do Sul (São Borja e Uruguaiana), em junho de 1865;

2ª – A reação dos aliados: começou em maio de 1865 com a formação da Tríplice Aliança. Em junho, deu-se a Batalha de Riachuelo, quando a esquadra brasileira derrotou a paraguaia. Começou então a invasão do Paraguai, com destaque para a batalha de Tuiuti, em maio de 1866, onde o exército paraguaio perdeu 12 mil homens. Em contrapartida, em Curupaiti, os aliados sofreram uma derrota ao tentar tomar essa fortaleza que tinha sido equipada por engenheiros do exército brasileiro, com grandes perdas entre os argentinos e uruguaios. A epidemia de cólera de 1866 a 1867 assolou o exército aliado, matando, somente entre os brasileiros, em torno de 4 mil soldados;

3ª – O comando de Caxias no final de 1866: a tentativa de retomada do Mato Grosso, em maio-junho de 1867, resultou numa derrota do exército brasileiro, sendo forçada a “retirada de Laguna”. Caxias reorganizou o exército e retomou a ofensiva, conseguindo vencer o epicentro defensivo do exército paraguaio, simbolizado na fortaleza de Humaitá. Em dezembro de 1868, ocorreu a “dezembrada”, uma sucessão de vitórias de Caxias: de 4 de dezembro com Itororó, depois Avaí, Lomas Valentinas e, por fim, em 30 daquele mês, a tomada de Angostura. Em janeiro de 1869, Caxias entrou em Assunção, mas, em março, doente, retirou-se da guerra, já praticamente ganha;

4ª – O comando do Conde d’Eu, a partir de março de 1869: ocorreu a batalha de Acosta Ñu ou a Batalha de Campo Grande, com o exército paraguaio, composto já por jovens e até crianças. A luta de guerrilhas continuou até a morte de Solano López em Cerro Corá, em março de 1870.

Profeticamente, o Barão de Mauá disse: “a maldita guerra será a ruína do vencedor e a destruição do vencido” (*apud* BUENO, 2003, p.217). Em relação aos vencedores, o Brasil e a Argentina saíram da guerra endividados aos bancos ingleses, com milhares de soldados mortos e outros milhares de feridos e sem grandes conquistas territoriais. O Uruguai não contraiu dívidas, mas perdeu mais de mil homens e não teve nenhum ganho territorial. Por fim, em relação ao vencido, estudos contemporâneos feitos nos

EUA e Alemanha calculam que o Paraguai perdeu 70% da população na guerra, não só nas batalhas, mas também de doenças e fome (BONALUME NETO, 2004, p.27). A nação foi destruída, perdeu mais da metade da população masculina adulta, calculada em torno de 90 mil mortos. Sem dúvida teve heroísmo dos dois lados, mas foi uma guerra trágica, “maldita”.

Como parte desse heroísmo, entre nós, registre-se, primeiramente, a participação dos escravos e libertos, entre os “voluntários da Pátria”, geralmente colocados na frente de batalha, para realizar as piores tarefas (BUENO, 2003; SALLES, 2004).

O ataque ao território brasileiro sem prévia declaração de guerra gerou indignação e forte sentimento de patriotismo. O recrutamento, que era difícil, passou a ser intenso depois da invasão às províncias de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. Um decreto imperial de 7 de janeiro de 1865 criou o Corpo de Voluntários da Pátria (IZECKSOHN, 2004) que, junto com o Exército de linha e a Guarda Nacional, formaram uma poderosa força nacional.

Uma pequena mas significativa colaboração foi a dos professores e **estudantes da FAMEB** entre os “voluntários da pátria”. Conforme registro da Memória Histórica de 1865, do professor Jerônimo Sodré Pereira, que, no ano seguinte, também seria voluntário na guerra, naquele ano de 1865, “ávidos de prestar socorros de sua profissão aos nossos irmãos, que defendem no sul do Império nossa integridade e honra nacionais” (PEREIRA, s/d, p.4), partiram para a guerra **dezesseis acadêmicos de Medicina**, do 4º, 5º e 6º anos, três estudantes farmacêuticos (2º e 3º anos) e dois lentes – Luiz Álvares dos Santos e Francisco Rodrigues da Silva.

Na *Gazeta Médica da Bahia*, em julho de 1866, há também o registro dessa participação, na primeira página, com o título “Partida de médicos para o exército”. Confirmando os dados acima, refere-se aos professores e seus **briosos discípulos** que, desde o início do conflito, foram prestar serviços médicos no Paraguai, “*em socorro dos seus compatriotas afflictos, ou pela moléstia, ou com os membros dilacerados em defeza da honra nacional*” (PARTIDA, 1866, p.13). Entre esses primeiros voluntários de 1865, como dito acima, estavam Francisco Rodrigues da Silva, Lente de Química Mineral (1858) e Luiz Álvares dos Santos, Opositor da Seção Médica (1861). A *Gazeta* citava também os professores Joaquim Antônio de Oliveira Botelho, Lente de Matéria Médica e Terapêutica (1861); e Antônio Mariano do Bonfim, Lente de Botânica e Zoologia (1862). O memorialista Eduardo de Sá Oliveira, citando a Memória Histórica de 1914 do Prof. Caio Moura, registra que foi o professor Joaquim Botelho quem

concebeu a ideia e promoveu a criação dos hospitais flutuantes na guerra, fundamental para uma luta num território cortado por caudalosos rios (OLIVEIRA, 1992).

Em meados de 1866, novos docentes e estudantes responderam ao apelo feito pelo governo imperial, representado pelo professor Antônio Bonfim, que veio do ‘teatro da guerra’ pedir auxílio diante do agravamento do estado sanitário das tropas (PARTIDA, 1866), assolado pela epidemia de cólera. Entre os novos voluntários destacaram-se os professores: o Conselheiro e Cirurgião Manoel Aranha Dantas, Lente de Patologia Externa (1837); Rozendo Aprígio Pereira Guimarães, Opositor de Ciências Acessórias (1859); Domingos Rodrigues Seixas, Lente Proprietário de Higiene e História da Medicina (1858); Antônio Januário de Faria, Lente de Clínica Interna (1864); Jerônimo Sodré Pereira, Lente de Fisiologia (1865); e os Opositores Augusto Gonçalves Martins, Pedro Ribeiro d’Araújo e Domingos Carlos Silva. No **Quadro 1**, a seguir, são citados os professores da FAMEB participantes da campanha. Observa-se que, exceto José Antônio Freitas, formado em 1847 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todos os outros professores foram também alunos da escola *mater* da medicina brasileira. Vale aqui uma correção, pois Tavares-Neto (2008, p.168), na nota 244, refere que o Prof. José Antônio, como estudante, participou da guerra do Paraguai (1864-1870). Pelo ano de sua formatura (1847), constata-se que há aqui um equívoco. Sua participação na guerra foi como um dos lentes da Fameb que atuou no Corpo de Saúde do país.

Depois de citar nominalmente os docentes, o artigo da Gazeta acrescentava entre os novos voluntários, “*além de outros facultativos*”, a “*numerosa plêiade de **alunos do 4º 5º e 6º ano do curso medico***” (PARTIDA, 1866, p.13; grifo nosso). Parecia que mais uma vez teríamos os nomes dos docentes (lentes e opositores), mas não teríamos os nomes dos acadêmicos, sempre referidos de modo coletivo e não identificados pelos nomes.

Seguindo a orientação de que é sempre mais árdua a tarefa de homenagear aqueles que não estão entre os renomados, sabíamos que, na história de uma escola, a ênfase seria nos professores, sobretudo os dirigentes e titulados, nem sempre merecedores do renome. Entretanto, sob a óptica de que, numa escola, o educando é não só objeto, ele é também o sujeito da prática educacional, persistimos e conseguimos dar o nome de, pelo menos, alguns acadêmicos de medicina que, ainda muito jovens, foram voluntariamente para os serviços médicos nos campos de batalha, inclusive nos hospitais flutuantes.

Nessa busca encontramos dois documentos valiosos. O primeiro, a Memória Histórica de 1866 (OSÓRIO, s/d), com uma listagem com os nomes de **vinte e seis (26) alunos** do 3º ao 6º ano, que foram prestar serviços médicos na guerra (**Quadro 2**). Nessa lista constatamos os nomes de **Quintino Alves Marinho** e **Sátiro de Oliveira Dias**, que comentaremos mais adiante.

No recente levantamento dos formandos da Fameb, desde sua criação até o ano do seu bicentenário, Tavares-Neto (2008) cita quarenta (40) acadêmicos que foram à guerra do Paraguai e retornaram, formando em Medicina de 1867 a 1871 (**Quadro 3**).

O segundo documento, no qual o chefe interino do “Corpo de Saúde” do Exército em operações no Paraguai, Coronel Dr. Francisco Bonifácio de Abreu, buscava refutar duas acusações: 1ª – o corpo de saúde (médicos, farmacêuticos e estudantes de medicina) não enfrentava os riscos da guerra: “os médicos não morrem”; 2ª – o serviço hospitalar nos campos de operações era deficiente: “a mortalidade nos hospitais de campanha tem sido horrorosa” (CORPO DE SAÚDE, 1868 a, p. 247).

Para refutar a primeira acusação, o coronel médico sustentou que os profissionais e estudantes tinham a seu cargo um serviço descomunal, cheio de perigo e de grande responsabilidade. Para demonstrar sua afirmativa, apresentou uma listagem com 26 nomes de médicos, estudantes de medicina das duas faculdades do Império e farmacêuticos falecidos nos campos de batalha ao cuidar dos feridos e doentes, ou por ter adquirido doenças na Campanha, como cólera e febre amarela, na época muito frequentes no teatro das guerras. A lista incluía três cirurgiões-mores, sete primeiros-cirurgiões e sete acadêmicos. Por enfermidade adquirida, foram um conselheiro, dois acadêmicos e seis farmacêuticos (**Quadro 4**). Dr. Abreu acreditava que havia outros falecidos na província do Mato Grosso, na desastrosa expedição em maio de 1867. Segundo o relato do Visconde de Taunay (2005), a expedição contou apenas com dois médicos, que sobreviveram a essa “retirada da Laguna”, e nenhum aluno (p.177).

Em relação à mortalidade nos hospitais de Campanha, o oficial médico reconheceu erros administrativos no Corpo de Saúde e apresentou dados estatísticos em comparação com outros exércitos, em outras guerras, como os exércitos inglês e francês na guerra da Criméia e o americano na guerra civil. Apesar disso tudo, os resultados não eram desfavoráveis, pois com uma mortalidade de 13,6%, embora mais alta que a dos EUA (6,5%), era apenas um pouco acima do percentual de óbitos do exército inglês (11,9%) e abaixo da mortalidade do francês (19,57%)(CORPO DE SAÚDE, 1868 a). No segundo

trimestre de 1868, segundo os dados que constam em outro documento, a mortalidade foi de 8% (CORPO DE SAÚDE, 1868b).

A identificação nominal dos **nove acadêmicos** das duas faculdades de medicina do Império, listados no **Quadro 4**, serve como uma homenagem aos jovens que, por razões diversas, do amor à pátria ao cálculo de garantias de privilégios prometidos pelo governo imperial, perderam a própria vida, cuidando da doença e do sofrimento de outras pessoas. Mesmo antes de formar, eles, independentemente da motivação guardada no foro íntimo, atualizavam na prática o que há de mais vigoroso no juramento hipocrático (JACOBINA, 2008). E, de acordo com um dos objetivos deste capítulo, destacamos entre os nove acadêmicos falecidos, citados na lista parcial do Coronel Abreu, o nome do aluno da FAMEB **Quintino Alves Marinho**, que está na lista dos estudantes baianos que foram à guerra, feita pelo memorialista Antônio José Osório (s/d). Espera-se, por questão de justiça, que nós, responsáveis pela memória, sejamos capazes de identificar os demais alunos da FAMEB nesta e em outras listas, para a justa homenagem póstuma, pois para a História só o esquecimento é a morte.

Para não ficarmos apenas no registro necessário da memória dos mortos, encontramos outro documento precioso que foi publicado numa nota na *Gazeta Médica da Bahia* de setembro de 1866, onde constam as condecorações (Ordem da Rosa e Ordem de Cristo) para médicos e acadêmicos de medicina por serviços prestados na guerra com o Paraguai (CONDECORAÇÕES, 1866, p.62). Para esta identificação dos estudantes condecorados, utilizamos também de modo complementar e como fontes secundárias a Memória Histórica da FAMEB de Eduardo de Sá Oliveira (1992), referente ao ano de 1942, através da leitura sistemática da 2ª parte - Galeria dos Retratos dos Professores Falecidos; e o livro “Baianos Ilustres” de Souza (1979), publicado pela primeira vez em 1949. Com essas três fontes de dados, construímos a listagem abaixo, seguramente incompleta das condecorações de estudantes de medicina da FAMEB na guerra do Paraguai até o ano de 1866:

I - ORDEM DA ROSA - *Cavaleiros*

- **Arthur Cezar Rios** (estudante do 4º ano da FAMEB);
- **José de Teive Argollo** (estudante do 4º ano da FAMEB);
- **José Alves de Melo** (acadêmico voluntário condecorado na Guerra do Paraguai).

II - ORDEM DE CRISTO - *Cavaleiros*:

- **José de Teive Argollo** (Estudante do 4º ano da FAMEB);
- **Arthur César Rios** (idem);
- **Sátiro de Oliveira Dias** (idem);
- **Raymundo Caetano da Cunha** (Estudante do 5º ano da FAMEB);
- **Izidoro Antonino Nery** (Estudante do 6º ano da FAMEB);
- **Pedro Gomes de Argollo Ferrão** (idem);

Como se observa na listagem acima, entre os nomes que se destacam está o de **José de Teive Argollo**, estudante do 4º ano da FAMEB, condecorado tanto com a Ordem da Rosa quanto com a Ordem de Cristo. Depois de formado, Teive Argollo teve uma experiência administrativa no campo da Psiquiatria, pois foi o segundo diretor médico do Asilo São João de Deus, no período de 1877 a 1879, tendo infelizmente adoecido e morrido precocemente, em dezembro de 1879. Como administrador do manicômio ele enfrentou dificuldades financeiras, mas tomou medidas racionalizadoras (JACOBINA, 2001). Foi substituído pelo também jovem médico Anísio Circundes de Carvalho, em 1879, o qual se tornaria Lente de Patologia Médica e depois de Clínica Médica.

Outro destaque é o nome do acadêmico **José Alves de Melo**, afrodescendente. Num cenário ainda sob o regime escravista. O jovem estudante negro, voluntariamente, foi servir nos campos de batalha daquela guerra “maldita”. Depois da guerra, ele retornou à FAMEB, formando-se em 1871. Logo em seguida, fez concurso para Opositor na Seção de Ciências Acessórias (1873). Com o Decreto de 22 de setembro de 1875, foi transformado de Opositor na classe de Lente Substituto e, em 1877, tornou-se Lente de Física Médica. O Governo republicano Provisório privou a “Faculdade do seu concurso, fulminando-o com um decreto de jubilação forçada, cuja clamorosa injustiça não podia deixar de abater-lhe profundamente o moral, concorrendo para adensar as trevas em se mergulhou mais tarde o seu espírito” (Alfredo Brito. MH de 1900 *apud* OLIVEIRA, 1992, p. 218). O Prof. Alves de Melo, ao ser jubilado da Faculdade, foi obrigado a procurar trabalho para subsistir. Voltou a clinicar, fora da Bahia, terra natal à qual não mais retornou. A FAMEB, como um ato de desagravo pela injustiça governamental, colocou solenemente o seu retrato na Galeria dos Lentes e Catedráticos, em sua sede no Terreiro de Jesus (**Figura 1**).

Entre os “baianos ilustres” do século XIX, Souza (1979) cita os médicos **Arthur Cézar Rios** (16/07/1876 – 25/08/1906) e **Sátiro de Oliveira Dias** (12/01/1844 – 18/08/1913), que ainda cursando medicina ofereceram seus serviços, “num exemplo grandioso que a história não olvidará” (SOUZA, 1979, p.165).

Arthur Cezar Rios estava 4º ano do curso médico quando correu como voluntário ao Corpo de Saúde do país na guerra do Paraguai. Recebeu várias condecorações pois, além da Ordem da Rosa e a Ordem do Cristo, recebeu também o “Hábito de Aviz” e medalhas de campanha. Ingressou na carreira política, como deputado provincial (1872; 1874; 1878). Afastou-se por um tempo, retornando em 1888. Assumiu o ideário republicano, foi membro da Assembleia Constituinte. Foi Deputado sucessivamente até 1899, tendo sido Presidente da Câmara Federal. Entrou para o Senado em 1899, ficando até 1904, quando adoeceu, vindo a falecer em 1906. Sobre ele, disse Ruy Barbosa: “Intervindo sempre com utilidade, com oportunidade, com o valor que era peculiar ao seu temperamento, em todas as questões patrióticas e, principalmente, quando algum sentimento grande, algum interesse do país anunciava o nosso debate” (*apud* SOUZA, 1973, p.165).

Sátiro de Oliveira Dias, “*ainda estudante* quando eclodiu a Guerra do Paraguai, ofereceu seus serviços ao Governo” (SOUZA, 1973, p.155; grifo nosso), tendo sido agraciado com a medalha da Campanha e a de Cavaleiro da Ordem do Cristo. Graduado em 1870, tinha como sua maior referência política o Prof. José Luiz de Almeida Couto, Presidente da Província da Bahia por duas vezes e protagonista na luta abolicionista desde estudante, como analisaremos no próximo item deste capítulo. O Dr. Sátiro Dias (**Fig. 2**), que, nos Arquivos da Faculdade está grafado *Sátyro*, começou a carreira política como Deputado Provincial (1878-1879), tornando-se um político influente: em 1880-1881, foi presidente da província do Amazonas; em 1881-1882, do Rio Grande do Norte. Voltou à Assembleia Provincial baiana. De agosto de 1883 a maio de 1884, foi Presidente da **Província do Ceará**, no momento que aquela província do Império, de modo precursor, fez a emancipação completa de seus escravos, em 25 de abril de 1884 (BEVILAQUA, 2004, p.21), quatro anos antes da abolição. Foi corajoso, mas não parece ter sido difícil este gesto político, feito pelo afrodescendente e abolicionista Sátiro Dias, sobretudo porque foi apoiado por um forte movimento abolicionista, em especial, pela ação destemida dos jangadeiros, com lideranças como Francisco José do Nascimento, o *Chico da Matilde*, depois denominado “Dragão do Mar” que, a partir de

1881, recusaram-se a transportar os escravos dos navios negreiros, tanto os que vinham para o Ceará, quanto os que eram vendidos para o Sul do País. Após o Ceará, a Província do Amazonas também decretou a abolição da escravatura em seu território (talvez seja coincidência, mas essa província, como visto acima, também foi presidida por Sático Dias). Em 1889 foi secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, secretaria onde, na época, ficavam as ações e serviços de Saúde, na gestão de seu mestre, Prof. José Luiz de Almeida Couto (SOUZA, 1973; TAVARES-NETO, 2008).

Na listagem dos formandos que participaram, como estudantes, do Corpo de Saúde do exército brasileiro (TAVARES-NETO, 2008), além dos referidos acima, destaca-se também **Francisco dos Santos Pereira**, formado em 1868, tendo defendido a tese inaugural: *Aneurysmas espontaneos e seu tratamento* (MEIRELLES et al., 2004). Segundo Oliveira (1992), foi proclamado, pelos seus próprios colegas, como o iniciador do ensino de Oftalmologia na Bahia. Lente da cadeira de Clínica Oftalmológica a partir de 1886, mas “já exercia gratuitamente a cátedra” (Ibid., p.255). Memorialista da Fameb de 1897 (44°).

Encontramos também registro de um recém-formado (em 1864), o médico Manuel Joaquim Saraiva, que fez toda a campanha do Paraguai, tendo sido obtido várias condecorações: Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, da Ordem do Cristo e da Ordem da Rosa e recebeu medalhas por várias batalhas (Riachuelo, Humaitá, Corrientes), “mostrando-se sempre um bravo nos momentos mais decisivos das batalhas” (OLIVEIRA, 1992, p.216). Como se observa no **Quadro 1**, Saraiva tornou-se professor Opositor em 1872 e Lente de Higiene em 1883.

Outro médico, Dr. Cezar Zama, formado na Fameb em 1858, destacou-se também lutando como voluntário nos “hospitais de sangue” até o fim da guerra (SOUZA, 1979), tendo sido incluído por Antônio Loureiro de Souza (1979) entre os “baianos ilustres” do século XIX. No **Quadro 5** estão outros médicos egressos da FAMEB que se destacaram no período histórico de 1808-1870.

Esse grande envolvimento não só de professores, mas também de estudantes e médicos, onde alguns deles se tornariam posteriormente também docentes da FAMEB, trouxe consequências institucionais e acadêmicas para a primeira faculdade de medicina do país. Uma das consequências, muito criticada pelo corpo docente da FAMEB e pela direção da *Gazeta Médica da Bahia*, foi interferência do governo imperial na autonomia

da escola médica, com medidas como: o abono das faltas dos acadêmicos voluntários na guerra, a concessão de matrícula no ano seguinte e a aprovação sem a frequência regular. Para os professores foram suspensos os concursos e o serviço na guerra serviu como critério de desempate (CONCESSÕES, 1866).

Em editorial, a *Gazeta Médica*, ao analisar as memórias históricas da Bahia e do Rio de Janeiro, concorda com o memorialista da faculdade na sede do Império, Antônio Teixeira da Rocha que, embora julgasse louváveis e relevantes os serviços prestados pelos acadêmicos na guerra, não aceitava que eles fossem por isso dispensados do estudo e da frequência dos cursos e dos exames (MEMÓRIAS, 1869). A *Gazeta* refere que um aluno foi reprovado e o governo imperial obrigou a faculdade a submetê-lo a um novo exame (Ibid., p. 278).

Assim como na epidemia de cólera, em 1855, o governo imperial interferiu na autonomia da escola médica, quando suspendeu as atividades da Faculdade de 4 de setembro a 14 de novembro de 1855 (DAVID, 1996). Novamente ferindo a autonomia acadêmica com a resolução referida, pois o estatuto da FAMEB determinava que 40 faltas, mesmo justificadas, equivaleriam à perda do ano letivo (RIBEIRO, 1997).

Outra consequência da participação de membros da comunidade da FAMEB na guerra, desta vez positiva, relaciona-se ao ensino prático na Faculdade. Como muitos outros memorialistas já tinham feito – Siqueira, na Memória Histórica (MH) de 1858, Freitas, na MH de 1863 e Souto, na de 1869 (RIBEIRO, 1997) -, Demetrio Cyriaco Tourinho, memorialista de 1870, criticava a falta de ensino prático, sentida pelos membros da FAMEB na guerra, chegando a indagar: “Onde está nosso ensino prático? Nossos laboratórios? Nossos exercícios práticos?” (TOURINHO, s/d, p.15). Ele reconhecia que o nosso modelo médico tinha um atraso de trinta anos em relação à Europa, em especial à Alemanha, que, para esse professor, já superava o modelo francês.

O Prof. Luiz Anselmo da Fonseca (1893), memorialista de 1891, considerou que a guerra do Paraguai teve um efeito positivo para a FAMEB, pois o exercício da medicina na campanha em condições adversas despertou o interesse pelos estudos práticos nos professores, estudantes e egressos da faculdade que depois se tornaram docentes.

Quadro 3.1. Professores da Faculdade de Medicina da Bahia Participantes e Condecorados na Guerra do Paraguai (1865-1870).

PROFESSOR / CARREIRA DOCENTE	FM - ANO DE FORMATURA	CONDECORAÇÃO
1. SALUSTIANO FERREIRA SOUTO (1814-1887) Substituto (1845) e Lente proprietário de Química (1855) e de Medicina Legal (1857)	FMB-1840	Comendador da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo
2. MANOEL L. ARANHA DANTAS (1817-1875) Lente de Patologia Externa (1837)	FMB-1835	Comendador da Ordem da Rosa e de Cristo
3. ANTONIO MARIANO BONFIM (1820-1875) Lente de Botânica e Zoologia (1862)	FMB-1850	Comendador da Ordem de Cristo
4. ANTONIO JANUÁRIO DE FARIA (1822-1883) Lente de Clínica Interna (1864)	FMB-1845	*referido na <i>Gazeta Médica</i> , sem especificá-la
5. LUIS ÁLVARES DOS SANTOS (1825-1886) Opositor e Lente de Matéria Médica e Terapêutica (1871)	FMB-1849	Oficial da Ordem da Rosa
6. ROSENDO APRÍGIO PEREIRA GUIMARÃES (1826-1907) Opositor de Ciências Acessórias (1859) e Lente de Farmácia (1871)	FMB-1849	Cavaleiro de Aviz (*referido por Oliveira, 1992)
7. JOAQUIM ANTONIO DE OLIVEIRA BOTELHO (1827-1869) Lente de Matéria Médica e Terapêutica, 1861.	FMB-1850	Oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo
8. FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA (1830-1886) Lente de Química Mineral (1858) e depois Lente de Medicina Legal (1875)	FMB-1853	Comendador da Ordem de Cristo
9. DOMINGOS RODRIGUES SEIXAS (1830-1890) Lente Proprietário de Higiene e História da Medicina (1858)	FMB-1851	Cavaleiro da Ordem de Cristo
10. JOSÉ ANTÔNIO DE FREITAS (1830-1894) Lente de Anatomia topográfica/Med. Operatória (1862)	FM-RJ-1847	* referido por Eduardo de Oliveira (1992)
11. PEDRO RIBEIRO DE ARAÚJO (1831-1912) Opositor (Lente Botânica e Zoologia, 1875)	FMB-1857	* referido por Eduardo de Oliveira (1992)
12. AUGUSTO GONÇALVES MARTINS (1836-1903) Opositor (Lente Anatomia Descritiva, 1876)	FMB-1857	Cavaleiro da Ordem da Rosa
13. DOMINGOS CARLOS DA SILVA (1837-1906) Opositor (Lente Patologia Externa, 1874)	FMB-1859	* referido por Eduardo de Oliveira (1992)
14. JERÔNIMO SODRÉ PEREIRA (1839-1909) Opositor (1863) e Lente de Fisiologia (1865)	FMB-1861	Cavaleiro da Ordem da Rosa
15. MANOEL JOAQUIM SARAIVA (1840-1899) Médico em 1864. Opositor de Ciências Médicas (1872) e Lente de Higiene (1883-1899).	FMB-1864	Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, da Ordem do Cristo e da Ordem da Rosa ** Medalhas por várias batalhas (Riachuelo, Humaitá, Corrientes)

Fonte: Jacobina *et al.*, , 2008

Quadro 3.2. Acadêmicos de Medicina do 3º ao 6º ano da FAMEB que foram prestar serviços médicos nos hospitais nos campos de batalha do Paraguai - até dezembro de 1866.

Nº	FORMANDO	
2	Antonio Pedro da Silva Castro	Formou em 1870
3	Aprígio Martins de Menezes	Formou em 1867
4	Archimimo Jose Corrêa	Formou em 1870
5	Aristides Felinto de Alpedriz	Formou em 1868
6	Arsênio de Souza Marques	Formou em 1869
7	Cyro da Silveira Bastos Varella	Formou em 1871
8	Elpidio Joaquim Baraúna	Formou em 1868
9	Francisco João Fernandes	Formou em 1871
10	Francisco Lino Soares de Andrade	Formou em 1870
11	Francisco Dos Santos Silva ¹	Formou em 1868
12	João José De Faria	Formou em 1869
13	João Sergio Celestino ²	-
14	Joaquim Januário dos Santos Pereira	Formou em 1869
15	Joaquim Manoel Rodrigues Lima	Formou em 1868
16	Joaquim Manoel de Almeida Vieira	Formou em 1868
17	José Marianno Barroso	Formou em 1870
18	José Pinto da Silva	Formou em 1869
19	José Porfírio de Mello e Mattos	Formou em 1869
20	Ladisláo Ribeiro de Novaes ³	Ver nota
21	Manoel Ignácio Lisboa	Formou em 1867
22	Paulino Pires da Costa Chastinet	Formou em 1869
23	Pedro Borges Leitão	Formou em 1871
24	Quintino Alves Marinho ⁴	Ver nota
25	Rosendo Adolpho Moniz Barreto ²	-
26	Satyro de Oliveira Dias ⁵	Formou em 1870

FONTE: Memória Histórica de Antônio de 1866 (Osório, s/d.)

¹ No levantamento de Tavares-Neto (2008) não consta seu nome, com a hipótese de ter obtido o grau de médico no exterior. Não procede. Seu nome está aqui nessa listagem de acadêmicos de Osório (MH de 1866) e, no levantamento das teses doutorais (MEIRELLES et al., 2004), está seu nome abaixo do de Francisco dos Santos Pereira, com a tese: *No Tratamento da Hydrocele a injeção de tinctura d'iodo deve ser preferida a injeção vinosa.* ² João Celestino e Rosendo Barreto não constam no levantamento de formandos. Não formaram, faleceram na guerra ou não consta por erro. ³ No levantamento de Tavares-Neto (2008) consta o nome de Ladislau José de Carvalho Araújo (formado em 1870). ⁴ Faleceu na província argentina de Corrientes (CORPO DE SAÚDE, 1868a). ⁵ Citado também no livro *Baianos Ilustres* (SOUZA, 1979).

Quadro 3.3. Formandos da FAMEB de 1867-1871 que, como alunos, foram prestar serviços médicos nos hospitais nos campos de batalha do Paraguai.

Nº	NOME DO FORMANDO	ANO DE FORMATURA*
1	Augusto César Torres Barrense	1867
2	Aprígio Martins Menezes	
3	Antônio Celestino Sampaio	
4	Jayme Soares Serva	
5	Manoel Ignácio Lisboa	
6	Ulysses Leonésio Pontes	
7	Aristides Filinto de Alpedriz	1868
8	Elpídio Joaquim Baraúna	
9	Eugênio Marcelino Guimarães Rebello	
10	Francisco dos Santos Pereira	
11	Joaquim Manoel d'Almeida Vieira	
12	Joaquim Manoel Rodrigues Lima	
13	Raymundo Caetano da Cunha	
14	Antonio Augusto Barbosa de Oliveira	1869
15	Arsênio de Souza Marques	
16	Joaquim Januário dos Santos Pereira	
17	José Pinto da Silva	
18	José Pórfiro de Mello Mattos	
19	Luiz Terêncio de Carvalho	
20	Paulino Pires da Costa Chastinet	
21	Antônio Pedro da Silva Castro	1870
22	Archimino José Correia	
23	Arthur Cezar Rios	
24	Augusto José de Lemos Júnior	
25	Francisco Lino Soares de Andrade	
26	Geraldo Francisco da Cunha	
27	Isidoro Antônio Nery	
28	João Christovão da Matta Bacellar	
29	João Telles de Menezes	
30	José Theodosio de Sousa Dantas	
31	Satyro de Oliveira Dias	
32	Virgílio Pires de Carvalho Albuquerque	
33	Caetano Agrippino de Faria Castro	1871
34	Cyro da Silveira Bastos Varella	
35	Francisco João Fernandes	
36	José Alves de Mello	
37	José de Teive e Argôllo	
38	José Dias de Almeida Pires	
39	Pedro Borges Leitão	
40	Pedro Gomes de Argollo Ferrão	

* **Voluntários na guerra do Paraguai cursando do 3º ao 6º ano do curso.**

Obs. Os nomes em negritos se destacaram e estão analisados no corpo do trabalho

Quadro 3.4 - Membros do Corpo de Saúde do Exército falecidos (médicos, estudantes de medicina e farmacêuticos) em campanha no Paraguai – até dezembro de 1867.

Membros do Corpo de Saúde falecidos até Dez. 1867		Cargo no Corpo de Saúde
Mortos nas batalhas		
1	Dr. José Sérgio Ferreira	Cirurgião-mor de divisão
2	Dr. Pedro Tito Regis	Cirurgião-mor de brigada
3	Dr. Antônio de Jesus e Souza	Cirurgião-mor de brigada
4	Bemvenuto Pereira do Lago	1º Cirurgião
5	Francisco Mendes d'Amorim	1º Cirurgião
6	José Augusto de Souza Pitanga	1º Cirurgião
7	Cícero Alvares dos Santos	1º Cirurgião
8	João Vicente Morenelly	1º Cirurgião
9	Manoel Alves Tojal	1º Cirurgião
10	José Joaquim Rodrigues de Macedo	1º Cirurgião
11	Jesuíno Borges	Acadêmico de Medicina*
12	José Cândido Ferreira	Acadêmico de Medicina*
13	José Tavares Campos	Acadêmico de Medicina*
14	Manoel de Aguiar Freire	Acadêmico de Medicina*
15	Quintino Alves Marinho **	Acadêmico de Medicina*
16	Thomaz Chaves de Mello Ratisbona	Acadêmico de Medicina*
17	Ulysses da Silveira Bastos Varella	Acadêmico de Medicina*
Mortos por doenças adquiridas na campanha		
18	Manoel Feliciano Pereira de Carvalho	Conselheiro
19	Antônio Joaquim de Camargo e Souza	Acadêmico de Medicina*
20	Estevão José Barbosa de Moura	Acadêmico de Medicina*
21	Manoel Feliciano da Costa	Farmacêutico
22	Joaquim Cajueiro de Campos	Farmacêutico
23	Honório Fernandes Torres	Farmacêutico
24	João Francisco dos Santos Peçanha	Farmacêutico
25	Tobias Alvim do Amaral	Farmacêutico
26	Francisco de Paula da Silveira Sales Riera	Farmacêutico

FONTE: Corpo de Saúde, 1868a, p. 247

* Não foi possível estabelecer a Faculdade de Medicina (Bahia ou Rio de Janeiro) à qual os acadêmicos pertenciam, exceto Quintino Alves Marinho **, que está na listagem dos estudantes baianos que foram à guerra, feita pelo memorialista Antônio José Osório.

Quadro 3.5 - Médicos egressos da FAMEB que se destacaram no período histórico analisado (1808-1870)

I - Luta da Independência do Brasil na Bahia (1823)

Antônio José de Souza e Aguiar - Cirurgião-mor da 3ª Brigada do Exército Brasileiro e **Manoel José Bahia** - Cirurgião-mor da 4ª Brigada, formados antes de 1832.

II - Luta pela Independência e do Movimento Federalista da Bahia de 1837

Francisco Sabino Alves da Rocha – Cirurgião-mor do exército e líder do Movimento Federalista (“Sabinada”).

III - Precursor da iluminação por energia elétrica no Brasil

Malaquias Álvares dos Santos – Iluminação por algumas horas de uma instituição pública (FAMEB) em 1855 (1ª vez no Brasil). Formado em 1839, foi o 1º memorialista da faculdade.

IV - Combate à epidemia de cólera morbo (1855-56)

José de Góes Siqueira - inspetor de saúde pública em 1855. Colou grau em 1840 e tornou-se lente de Patologia Geral da FAMEB;

Antônio de Cerqueira Pinto – Formou em 1842, lente substituto em 1855 e depois lente de Química Orgânica em 1858. Foi diretor da FAMEB de 1891 a 1895.

Joaquim Antônio de Oliveira Botelho - médico enviado pela Comissão de Higiene Pública para Cachoeira-BA, condecorado pela população com medalha de ouro.

V - Servidores que estudaram na FAMEB e se tornaram professores.

Jonathan Abbott – servente e estudante do Colégio Médico-Cirúrgico de 1816-1820. Lente proprietário de Anatomia Descritiva em 1828. Fundador do Gabinete de Anatomia.

João Batista dos Anjos – porteiro e estudante, tendo se formado em 1828. Diretor da FAMEB de 1857 a 1871.

VI - Médicos voluntários condecorados na guerra do Paraguai (1865-70)

Aristides César Spínola Zama – formado em 1858, trabalhou nos “hospitais de sangue” até o fim da guerra.

Manoel Joaquim Saraiva - Formado em 1864, condecorado na guerra como médico. Como docente, foi opositor de Ciências Médicas (1872) e lente de Higiene (1883)

VII - Membro fundador da ‘escola tropicalista baiana’ e da *Gazeta Médica da Bahia*.

José Francisco da Silva Lima – formado em 1851, um dos fundadores da escola tropicalista, principal colaborador da *Gazeta*. Estudioso do ainhum e do beribéri.

3.2.4. Um acadêmico laureado na ‘Escola Tropicalista da Bahia’

Nesse período da guerra do Paraguai, surgiu na Bahia uma “associação de facultativos”, denominada pelo memorialista Pedro Nava, em 1948, quase um século mais tarde (NAVA, 2003, p.126), como “Escola Parasitológica e Tropicalista da Bahia”, depois simplificada por Antonio Caldas Coni (1952) para *Escola Tropicalista da Bahia* (JACOBINA et al., 2008). Ela foi criada por três médicos estrangeiros: John Paterson, Otto Wücherer e Silva Lima, mas alguns docentes da faculdade estavam também entre os fundadores da “escola tropicalista”: Antonio José Alves, formado pela Fameb em 1841; Antônio Januário de Faria, em 1845; e Virgílio Damásio, em 1859.

Por sugestão do Prof. Antônio Januário de Faria (1822-1883), essa associação criou a *Gazeta Médica da Bahia*, em 1866, uma das primeiras revistas médicas e científicas do país e de longa existência, que serviu de veículo para as pesquisas originais, sobretudo no campo da “medicina tropical”. Ela foi editada fora da academia até 1934, quando passou para a FAMEB a responsabilidade por sua editoração. A revista passa períodos sem ser editada, mas, qual fênix, sempre renasce (JACOBINA et al., 2008). Recentemente renascida, apresentou entre 2004 e 2008 importantes publicações relacionadas às comemorações no ano do bicentenário.

Em sua história, destacam-se dois médicos, ambos formados pela FAMEB, que foram verdadeiros pilares de sustentação da revista. O primeiro pilar foi **José Francisco da Silva Lima**, que, embora português de nascimento, formou-se pela Fameb, em 1851.

Uma constatação importante para o nosso objetivo neste capítulo foi a presença de **um acadêmico** entre os fundadores da *Gazeta Médica da Bahia*: **Antônio Pacífico Pereira**, “já ligado ao grupo desde os tempos acadêmicos” (VALLE, 1974, p.12).

John Paterson (1867), um dos fundadores da associação e da revista, num artigo que descreve a ligadura da artéria femoral num caso de elefantíase, cita nominalmente entre os que o ajudaram os alunos de medicina **A. Pacífico Pereira** e **Gentil Pedreira**. Gentil Augusto Gonçalves Pedreira estava no 4º ano, tendo se formado em 1869 (TAVARES-NETO, 2008). O sextanista **Antônio Pacífico Pereira** foi o estudante laureado pela FAMEB em 1867. Conforme testemunho de Luís Anselmo da Fonseca (1898), assim que deixou “os bancos escolares” (p. 253), em novembro de 1867, foi escolhido para dirigir a *Gazeta Médica*, uma das mais importantes revistas médicas do país, substituindo o Prof. Virgílio Damásio, a partir de janeiro de 1868 (dois meses depois de formado).

Em editorial, o Prof. Virgílio Damázio (1867) ressaltou as qualidades do ‘jovem colega’ - Pacífico Pereira acabava de formar - e deu um importante testemunho do papel do acadêmico na revista: “*A redacção da Gazeta Medica encontrou sempre n’elle um prestimoso auxiliar e um activo collaborador*” (p.133). O novo editor dirigiu a *Gazeta* até 1870, quando se afastou a fim de se preparar para o concurso de opositor na seção de Cirurgia na FAMEB e, em seguida, viajou à Europa para estudos. Valle (1974) garante que, pela mediação de Paterson, foi a Europa e recebeu lições sobre antissepsia cirúrgica do próprio Joseph Lister (1827-1912), em Edimburgo.

Em 1876, depois de duas interrupções da revista, reassumiu a direção e a manteve sem interrupções até 1920, quando adoeceu, vindo a falecer dois anos depois. Professor desde 1871, Antônio Pacífico Pereira foi catedrático de Histologia de 1883 até 1912, quando se aposentou (**Figura 3**).

Entre os seus inúmeros méritos, o Prof. Pacífico Pereira, que recebeu o título de *Praeceptor Brasiliae* (OLIVEIRA, 1992; VALLE, 1974) tem também o de ter pertencido **desde acadêmico** à geração dos fundadores da chamada “escola tropicalista baiana” (provavelmente o único acadêmico com destaque nessa primeira geração) e tido a competência de dirigir, por quase 50 anos (1868-1870; 1876-1920), a *Gazeta Médica da Bahia*, considerada como um dos patrimônios culturais da história da medicina brasileira.

Enfim, consta também que, entre os principais protagonistas na sustentação da *Gazeta Médica da Bahia*, pelo menos, dois foram alunos da Faculdade de Medicina da Bahia e um começou a sua participação ainda estudante.

3.2.5. A “Polícia Acadêmica” e a impetuosidade dos Acadêmicos

Um achado curioso foi o capítulo da “Polícia Acadêmica”, obtido com a contribuição da sempre atenta Dra. Cristina Fortuna, uma das memorialistas da Fameb. Segundo esta servidora, em depoimento pessoal a este memorialista, desde 1835 a Regência estabeleceu este capítulo no regulamento das Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro que, entre outras recomendações, previa um lugar no interior do edifício das duas Faculdades para a detenção dos alunos penalizados ante alguma infração mais grave prevista nele. Se eles estavam detidos, só podiam sair do local para assistir as aulas.

No Decreto n. 1764, de 14 de maio de 1856, no 2º Império, assinado por Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, Secretário d’Estado, traz um regulamento complementar aos Estatutos

das Faculdades de Medicina. O capítulo XIV tratava “Da polícia acadêmica”. Nele havia recomendações de decoro e as penalidades ante as possíveis infrações cometidas pelos Lentes (secção I) e pelos “estudantes, empregados e pessoas alheias à Faculdade” (secção II).

Entre as normas estavam, além das mais comuns, as proibições ao ato de fumar, ao de usar chapéu dentro do edifício, ao de riscar ou escrever nas portas ou paredes, manchar os móveis, entre outras (BRASIL. DECRETO, 1856, p.22-23). Entre as penas previstas estava a de “prisão por hum a oito dias, segundo for o caso, ou si este for tão grave que mereça maior pena, levando-o ao conhecimento da Congregação, a qual poderá impor até quinze dias de prisão” (Ibidem, p.23).

No decreto n. 8.024, de 12 de março de 1881, também do 2º Império, assinado pelo Barão Homem de Melo, Secretário d’Estado, que traz o regulamento para os exames das Faculdades de Medicina, tem o capítulo VI, “Da polícia acadêmica” (BRASIL. DECRETO, 1881. É minucioso, com vinte e quatro artigos (do n. 102 ao 126) e voltado apenas para as infrações *dos alunos*. Vale relatar que neste decreto desapareceu a pena de prisão, sendo as mais duras a perda da inscrição de exames até a pena de exclusão de todos os cursos das escolas superiores do Império (Art. 116). Os lentes exerceriam “a polícia dentro das respectivas aulas, e nos actos acadêmicos que presidirem” (art. 124).

Ainda no 2º Império, um novo decreto n. 9.311, de 25 de outubro de 1884, com os Estatutos das Faculdades de Medicina, apresentava também o capítulo VII, “Da Polícia Acadêmica” (BRASIL. DECRETO, 1884). Parecido com o capítulo de 1881, e também detalhado (artigos n. 511 a 536). Na exclusão, estabeleceu uma temporalidade, pois poderia ser de um a dois anos, podendo voltar a estudar em escola superior do Império (art. 513; 521). Aparece nesta uma preocupação com o desaparecimento de material e livros (Art. 522). Se o diretor requisitasse autoridade policial e houvesse ato de resistência, a pena poderia chegar a expulsão e impedimento permanente em escolas superiores (Art. 528).

Com a República, a lei n. 23, de 30 de outubro de 1891 reorganizou os serviços da Administração federal, entre os quais, o Ministério da Justiça e Negócios Interiores, onde ficava a Educação e a Saúde. Em seu capítulo XV, “Da Polícia Acadêmica”, praticamente reiterou os artigos que estavam nos decretos do império, já citados, em especial o de 1884. A pena de expulsão subiu de dois para três anos (Art. 262). Em 1º de janeiro de 1901, o decreto n. 3.890, aprovava o Código dos Institutos Oficiais de

Ensino Superior e Secundário que repetia as normas da lei de 1891. As penas de expulsão voltaram a ser de um a dois anos e houve uma maior explicitação do direito ao recurso ao Governo (Art. 320), que poderia modificar a decisão da Congregação (art. 321).

Nessas normas observa-se uma evolução civilizatória, quando foi retirada a pena de prisão na própria Academia, diminuição das penalidades e a garantia do cidadão recorrer à justiça sempre que se sentisse prejudicado. No entanto, ficaram normas que, até hoje, garantem o estabelecimento da ordem e de civilidade no ambiente acadêmico. Um grupo musical contemporâneo, os *Titãs*, cantou que “Polícia!/Para quem precisa/De polícia” (*Polícia*, de Tony Bellotto). Infelizmente, houve casos em que foram aplicadas as penalidades previstas na “polícia acadêmica”. Como ilustração, citaremos dois episódios de desentendimento entre alunos e lentes no século XIX, descritos com precisão e beleza poética pelo Professor Honorário Dr. Antônio Carlos Nogueira Britto (2002a).

O primeiro episódio envolveu o estudante do 3º ano José Cardoso Oliveira Guimarães Júnior e o professor Antônio José Alves (1818-1866). Prof. Antônio Alves, um dos mais hábeis cirurgiões de sua época, foi Lente catedrático de Clínica Externa (Cirurgia) de 1862 a 1866. Em 8 de novembro de 1858, o diretor da Fameb, prof. João Baptista dos Anjos oficiou ao presidente da Província noticiando o fato. O estudante José Guimarães Jr., que tinha feito o exame no dia anterior, voltou no dia seguinte e obteve do Secretário a certidão do predito exame. Ao constatar sua reprovação, estando no local o Prof. Antonio Alves que, naquele momento, era Substituto da Seção Cirúrgica, estava nesse cargo docente desde 1855. Ele tinha sido um dos seus examinadores, então o aluno reprovado o agrediu, amassando a certidão e atirando na face do mestre, “insultando-o com palavras desrespeitosas”, segundo relato do diretor. Chegou a passar “á vias de facto”, (...) “pondo-lhe mãos violentas” sendo contido pelos servidores e professores presentes ao ato. Um policial, o cadete Francisco Luis de Magalhães Fontoura, que comandava a guarda da enfermaria dos presos da justiça do Hospital da Misericórdia (o hospital-escola da época) ficou de conduzir o preso, mas o deixou evadir, inclusive com suspeita de cumplicidade (BRITTO, 2002a, p.276-277).

A Congregação foi convocada em caráter extraordinário no dia seguinte (09/11/1858) e, por unanimidade, puniu o aluno com exclusão dos estudos de qualquer das Faculdades do Império, não excluindo a possibilidade de também receber penas da

legislação geral (Ibidem, 278). Em 5 de abril de 1859, o governo imperial aprovou a decisão da Congregação da Fameb (p.279).

O diretor chegou a requisitar de modo permanente força policial no edifício da Fameb, no Terreiro de Jesus, mas, em 21 de dezembro daquele mesmo ano, dispensou a força policial (Ibidem, p.277).

O segundo episódio foi em 11 de novembro de 1871, quando o estudante do 1º ano Affonso Lustosa teria desrespeitado o Prof. Francisco Rodrigues da Silva que, ao sair da Faculdade, foi ameaçado com um “chapéu de sol” pelo aluno, tendo sido contido por vários colegas, entre eles “os sextanistas **Argollo** [José de Teive e *Argollo*, protagonista na guerra do Paraguai; ou Manuel Gomes de *Argollo* Ferrão ou Pedro Gomes de *Argollo* Ferrão] e **Cysneiro**” [Affonso Arthur Cysneiro de Albuquerque].

Na Congregação, reunida em 13 de novembro, o professor agredido relatou que no dia 9 de novembro já tinha sido desrespeitado pelo senhor de nome Manoel Carigé Baraúna, irmão de um estudante que tinha sido reprovado. E, no sábado, fora agredido pelo estudante Lustosa que o ameaçou com o “chapéu de sol” (possivelmente um guarda-chuva). O Vice-diretor, Prof. Vicente Ferreira de Magalhães, relatou que foi vítima de ameaças por um grupo, no qual estava o mesmo parente do estudante Carigé. Chegou a pedir e obteve proteção policial do Chefe de Polícia (p.280). A Congregação aplicou a mesma pena do caso anterior.

3.2.6. Reprovado pela Congregação, aprovado pela história: O discurso do orador na formatura de 1871.

Na solenidade de formatura dos formandos de 1871, turma que tem, pelo menos, oito estudantes que serviram à pátria no Corpo de Saúde na guerra do Paraguai, com destaque para José Alves de Mello e José de Teive Argollo (**Quadro 3**), o orador, acadêmico **Eutychio Soledade**, apresentou previamente o discurso manuscrito ao Prof. Vicente Ferreira de Magalhães, vice-diretor. Como referiu estar “*muito atarefado com trabalhos da faculdade – perguntara ao doutorando se havia alguma coisa menos conveniente, e respondendo elle que não, dispensara aquela formalidade, já por conhecer o estudante, já por elle até então muito abonado pelos seus precedentes e mostrado sempre muito respeito para com seus Mestres*” (FMB.Actas da Congregação, 18/12/1871).

Para ter uma ideia de toda a pompa e circunstâncias da solenidade, recomendamos o artigo do prof. Antonio Carlos Nogueira Britto (2002b), que fez um levantamento minucioso através dos jornais da época (*Jornal da Bahia e Diário da Bahia*).

Na manhã do dia 15 de dezembro, num dos salões da FAMEB no Terreiro de Jesus, os formandos prestaram uma homenagem, inclusive oferecendo os retratos a óleo dos Professores Antônio Januário de Faria e Domingos Rodrigues Seixas, tendo discursado o formando **Pedro Borges Leitão**, protagonista como voluntário no serviço médico que atuou na guerra do Paraguai.

No dia seguinte, 16 de dezembro, houve a colação de grau, com a cerimônia de costume. Depois do discurso do Prof. Vicente de Magalhães, Diretor em exercício e Vice-Diretor da escola, foi o momento do orador eleito, **Eutychio Soledade**, recitar o seu. Mas o discurso do orador não agradou a maioria dos membros da Congregação. Dois dias depois, 18 de dezembro, a Congregação se reuniu e houve o questionamento inicial do Prof. José de Goes Siqueira, segundo o qual o discurso tinha trechos “*assas inconvenientes*”, querendo saber se ele foi lido previamente. Foi então que o Vice-diretor desculpou-se de não ter lido, como já referido antes. A Congregação deliberou um voto de reprovação “*a semelhante discurso*” (FMB. Actas da Congregação, 18/12/1871, p.60-V) e, na sessão de 1º de março de 1872, há referência que a deliberação foi publicada na imprensa (FMB. Actas da Congregação, 01/03/1872, p.61-V). Sua publicação foi no dia 22 de dezembro.

Os trechos ‘*assas inconvenientes*’ se referiam à crítica do orador, em seu nome e dos colegas formandos, ao Decreto n. 4.675, de 14 de janeiro de 1871, que instituiu a prova escrita eliminatória (BRITTO, 2002b). Os jovens doutores reagiram com firmeza ante a atitude da Congregação, inclusive na imprensa. No dia 31 de dezembro de 1871, o já então Dr. Eutychio Soledade escreveu no *Diário da Bahia*: “*Se a illustrada congregação allude áquelles trechos, em que me refiro ao celebre decreto de 14 de janeiro, permittam-me que lhe responda que as minhas palavras estão apoiadas na opinião do paiz inteiro, e nas reclamações e representações que surgirão de todas as faculdades do império*” (apud BRITTO, 2002b, p.293). Disse também, como já referido, que antes de imprimir tinha apresentado ao Vice-diretor, que se recusou a lê-lo. Eis alguns trechos do discurso: “Agora, depois de nos submetermos ao decreto de 14 de janeiro, depois que ainda uma vez *demos uma prova de que somos moderados e de que não recuamos diante dos obstáculos*, (...), porque exigir de nós rigorosas provas de habilitação, ainda acima de nossas forças, é de certo um acto de vassalagem, mas não

uma barreira insuperável, pois *tudo se vence, até a propria tyrannia*”(…) “Agora sim, e ocasião de dizer; a lei de 14 de janeiro, (...), tem uma máscara que encobre talvez um pensamento nefando de sujeição”(…) “é obrigação de todo governo livre animar as vocações, provocar as aptidões, facilitar todos os meios de instrução pública”(…) “Instruir é construir, dizia Victor Hugo; mas, ao contrário de tudo isto, parecem querer proclamar o domínio das trevas no século do pensamento, do desespero no meio da esperança, da imobilidade no meio do progresso” (Ibidem; grifos nossos).

A tese inaugural de **Eutychio Soledade** foi “Febre amarela” e a de **Pedro Borges Leitão** foi “Glycosuria” (MEIRELLES et al., 2004).

O Prof. Antônio Carlos Britto (2002b) registra que o Governo modificou a norma jurídica com o novo decreto n. 4.806, de 22 de outubro de 1871. Na época não havia a facilidade e rapidez dos meios de comunicação, pois dois meses antes do discurso de formatura, o governo já tinha retrocedido, ouvindo os **clamores estudantis**.

A história é a ciência das sociedades humanas *no tempo* (BLOCH, 1997) e não só a ciência que estuda o passado. Ilustra esse conceito o comentário do prof. Tavares-Neto (2008): “não é de hoje que os estudantes reclamam do crônico vício dos governos de pretenderem fazer distorcida avaliação do ensino médico, sem considerar outros componentes da avaliação de um médico, a qual também envolve a avaliação dos docentes e dos campos de prática” (nota 303, p. 170). É uma clara alusão ao boicote dos alunos da FAMEB ao Enade de 2007 e à crise que se seguiu (ver **cap. 2 e 3** do volume 1 desta Memória).

Sobre esta reprovação de 1871 talvez tenha sido a única vez que, pelo menos publicamente, a Congregação tenha reprovado o discurso do orador de uma turma de formando.

3.2.7. As primeiras estudantes de medicina e as primeiras médicas na Bahia

O ensino superior no Brasil, iniciado em 1808, proibia a admissão de mulheres e assim foi mantido por cerca de 70 anos. A reforma Leôncio de Carvalho (Decreto n. 7.247, de 19/04/1879) trazia de modo inovador o Art. 24 que proclamava “a liberdade e o direito da mulher freqüentar os cursos das Faculdades e obter um título acadêmico” (SILVA, 1954, p.52, grifo nosso).

A primeira brasileira médica que se tem registro até o momento foi Maria Augusta Generoso Estrela. Nascida no Rio de Janeiro em 1861, formou-se nos EUA, em 29 de

março de 1881, tendo se matriculado na escola médica estadunidense, antes da reforma Leôncio de Carvalho, que garantiu o direito da mulher estudar medicina no Brasil.

Com a reforma, a paraibana Ambrosina Magalhães e a carioca Augusta Castelões Fernandes foram as primeiras estudantes a ingressar numa escola médica brasileira, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1881. O pai de Ambrosina Magalhães alforriou um escravo para celebrar o fato de sua filha ter sido matriculada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nenhuma das duas concluiu o curso médico (SILVA, 1954).

Em 1884, três gaúchas se matricularam na Faculdade de Medicina da Corte e estavam determinadas a disputar o título da 1ª médica formada no Brasil: Antonieta César Dias, Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Rita Lobato Velho Lopes.

Em 1885, porém, a gaúcha **Rita Lobato Velho Lopes**, na 2ª série, transferiu-se da Corte para Salvador. Ela, juntamente com a cearense **Amélia Pedroso Benezien** e a baiana **Efigênia Veiga**, matriculadas na primeira série, são as três primeiras alunas da Faculdade de Medicina da Bahia (Ibidem).

A primeira estudante a se formar em Medicina na Fameb foi **Rita Lobato Velho Lopes**, com a tese inaugural *Paralelo entre os Métodos preconizados na Operação Cesariana* (MEIRELLES *et al.*, 2004, p.45). Ela recebeu o diploma em 10 de dezembro de 1887, o que lhe conferiu um título maior, o da “primeira médica” formada numa Faculdade de Medicina do país (**Fig. 4.1**). Ermelinda e Antonieta se formaram só em 1888 no Rio de Janeiro. Rita Lobato foi a segunda médica formada na América Latina, depois da chilena Eloiza Dias Inzunza, diplomada em 29 de novembro de 1886 (SILVA, 1954, p.42).

A segunda estudante a se formar na FAMEB foi a cearense **Amélia Pedroso Benezien**, em 28 de março de 1890, com a tese inaugural *Disposições anômalas do cordão umbilical* (Ibidem, p. 215).

Efigênia Veiga foi a terceira da FAMEB e a primeira estudante de medicina baiana, sendo a primeira médica baiana, formada em 4 de dezembro de 1890, com a tese *Os métodos anti-sépticos em Obstetrícia* (MEIRELLES *et al.*, 2004, p.50). **Glafira Corina de Araújo** foi a quarta, em 1892, com a tese *Hemorragias puerperais*. A quinta, a acadêmica baiana **Francisca Barreto Prager**, formada em 1893, com a tese *Breves noções sobre a raspagem uterina*, tornou-se a primeira professora de medicina da Fameb (ver **cap.1** deste volume). Observe-se que os temas dessas cinco primeiras formandas eram todos no campo da Ginecologia-Obstetrícia mas, em 1898, **Laura**

Amélia de Souza Bahiense escolheu o tema pediátrico *Da alimentação das crianças na primeira infância* (MEIRELLES *et al.*, 2004, p.58).

A sétima formanda e primeira no século XX foi **Maria Odilia Teixeira**, em 1909, com a tese inaugural: *Algumas considerações acerca da curabilidade e do tratamento das cirroses alcoólicas* (MEIRELLES *et al.*, 2004), com tema fora da tocoginecologia e da pediatria. Em 1890, defendendo a tese doutoral “A ovariectomia e suas indicações” (Ibidem), a médica Anna Machado Marinho Falcão validou seu diploma obtido no exterior, no *New York Medical College* (SILVA, 1954). Com mais de uma fonte, como referido no **cap. 1** deste volume, podemos afirmar que **Maria Odilia Teixeira (Fig. 4.2)** foi a primeira aluna negra a se graduar em medicina pela FAMEB (AZEVEDO & FORTUNA, 2012, p.13; HEINE, 2010a; HEINE 2010b).

Portanto, até 1908, no primeiro centenário da escola *mater*, tinham se formado apenas as seis primeiras mulheres das sete referidas acima. Depois, no período republicano, foi se ampliando a presença feminina no curso médico do estado e de todo o país. Pelo estudo do acadêmico **Gualter Martiniano Pereira de Alencar** (2012), houve um crescimento discreto a partir de 1930 até meados da década de 60, quando ocorreu uma clara curva ascendente (Ibid., gráfico 3, p. 19), porém, em vários anos da década de 80 do século XX, as alunas chegaram a ter um número maior que os alunos. Em 2008, no entanto, dos 169 discentes, embora com o expressivo número de 77 (45,6%), as alunas não foram maioria, mas em 2006.2 elas tinham sido em número maior, 43 dos 82 discentes (52,4%) (ALENCAR, 2012).

A força dessa conquista pode ser medida pela presença da mulher no corpo discente, docente e técnico-administrativo da Fameb, mas, sobretudo, na categoria profissional de medicina na Bahia e em todo o país, ou melhor, em todo o mundo.

3.2.8. A Faculdade de Medicina da Bahia e a Luta Abolicionista

A abolição da escravatura no país foi uma das lutas sociais mais longas e complexas de toda sua história. O Brasil foi a última nação independente a abolir o trabalho escravo. Embora os historiadores tenham superado uma série de abordagens simplistas – como a que depositava na monarquia o crédito da abolição como um ato esclarecido e magnânimo ou a que ressaltava o papel dos abolicionistas “legalistas” – ainda há uma grande polêmica entre esses estudiosos. Cresce o consenso de que os determinantes desse fenômeno social são múltiplos, de caráter econômico, político e cultural.

Estudos ressaltam o papel dos cafeicultores do oeste de São Paulo, que estavam dispostos a usar o trabalho livre nas fazendas. É sempre lembrada a pressão externa, sobretudo dos ingleses, dirigida também pelos seus interesses econômicos, revestida por um discurso humanitário que ganhava a solidariedade de vozes sinceras nas metrópoles europeias. Outros destacam os movimentos sociais, não só dos “legalistas”, onde se destacaram José do Patrocínio, André Rebouças e Joaquim Nabuco, mas também do abolicionismo radical e republicano representado por Luís Gama e Silva Jardim (CONSEGLIERE, s/d; BUENO, 2003).

A lei foi enxuta, com dois artigos, e o principal dizia: “É declarada extinta a escravidão no Brasil”. Naquele momento de regência da Princesa Isabel, em que ela assinou a Lei Áurea, o Barão de Cotegipe, cujo ministério tinha caído no início de 1888, foi cumprimentá-la e disse uma frase que ficou famosa: ‘Vossa Majestade redimiu uma raça, mas acaba de perder o trono’. A frase se revelou profética (BUENO, 2003, p.227; CARVALHO, 2007, p. 191).

Era a conclusão de um caminho complexo e tortuoso, mas que significava a vitória do movimento abolicionista. E deveria ser o começo de outro, que deveria envolver a inserção dos libertos no mundo do trabalho e integrá-los numa sociedade moderna e democrática, que abrangeria uma reforma agrária, uma “democracia rural”, segundo expressão do abolicionista baiano André Rebouças. A abolição se deu de modo restrito, deixando uma imensa dívida social para com os afrodescendentes brasileiros.

Sabe-se que toda a ideologia forma seus seguidores, os apoloéticos, mas ela acaba também produzindo seus opositores, os críticos. Havia na FAMEB, como em qualquer outra comunidade institucional, seguidores da mentalidade escravista, mas também, destacados opositores ao sistema escravista e à discriminação racial. Por outro lado, eram poucos afrodescendentes estudantes e menos ainda professores, mas eles existiram nesse período anterior à abolição.

Entre os docentes que se destacaram como abolicionistas, temos:

– Antônio Ferreira França (1771-1848), médico, matemático, filósofo e político. Lente de Higiene desde 1815, foi ele que *apresentou o primeiro projeto de lei para a extinção da escravidão*, na Câmara de Deputados, em 16 de junho de 1831. O memorialista Caio Moura, baseado na obra de Luis Anselmo da Fonseca, diz: “na noite escura da moral e da economia política, que reinava naquela época em que *a nação*, como diz Joaquim Nabuco, *estava ainda á mercê dos agentes do tráfico*”. Desse modo o projeto não foi objeto de deliberação (MOURA, 1916, s/p [381]).

- Joaquim Antonio de Oliveira Botelho (1827-1869), formado pela Fameb em 1850; como médico e professor da Fameb já tinha se destacado tanto no combate à epidemia de cólera, tendo sido condecorado pela população de Cachoeira, quanto na guerra do Paraguai. Foi um dos precursores na luta contra a escravidão, desde estudante (MOURA, 1916, s/p [382-383]), como veremos adiante.

- Luis Álvares dos Santos (1829-1886). Formado pela FMB em 1849, com a tese em latim "*Scientiis Medicis*". Lente de Matéria Médica e Terapêutica, por concurso, em 1871. Condecorado na guerra do Paraguai (OLIVEIRA, 1992, p.181-182), foi membro fundador da Sociedade Libertadora Bahiana (RIBEIRO, 1997), uma organização abolicionista criada na década de 80, como será visto a seguir.

- José Luis Almeida Couto (1833-1895), baiano da Freguesia de Pirajá, formou-se pela Fameb em 1857. Opositor por concurso da Seção de Ciências Médicas (1873), foi Lente de Clínica médica em 1883 (TORRES, 1980, p.712; OLIVEIRA, 1992, p. 205). Ele teve uma destacada carreira política, tendo sido Deputado Provincial em várias legislaturas e Deputado Geral de 1879 a 1881, sempre vinculado ao Partido Liberal. Foi presidente da Província de São Paulo em 1884 e duas vezes presidente da Bahia (TAVARES, 2001; MATTOSO, 1992). Ele ocupava este cargo quando se deu a proclamação da República, sendo, portanto, o último presidente da Província da Bahia no Império (SOUZA, 1973). Destacado abolicionista, desde sua atuação estudantil (ver seu protagonismo acadêmico adiante);

- Jerônimo Sodré Pereira (1839-1909). Foi deputado provincial e geral. É citado pelos memorialistas como um dos maiores abolicionistas do Brasil: Coube a ele, com efeito, a glória de ter iniciado na Câmara, em 15 de março de 1879, quando Deputado Geral, em memorável e incisivo pronunciamento, o grande movimento de libertação dos escravos (MOURA, 1916, p.384; OLIVEIRA, 1992, p. 248). O testemunho de Joaquim Nabuco, em seu livro de memória "Minha Formação", ressalta o papel precursor na luta parlamentar do político e professor da Fameb: "foi quem pronunciou *o fiat*"(...) "o pronunciamento de Jerônimo Sodré em 1879 na Câmara... vem resolvido da Bahia e rebenta na Câmara como uma manga de água" (NABUCO, 2005, p. 145);

- Luis Anselmo da Fonseca (1842-1929), formado pela Fameb em 1875. Lente de Física e depois de Higiene. Era reconhecido pela sua cultura médica e um "polemista notável" (OLIVEIRA, 1992, p. 310). Abolicionista, escreveu o livro "A escravidão, o clero e o abolicionismo", publicado em 1887 (MOURA, 1916).

- Manoel Vitorino Pereira (1853-1902). Lente de Clínica Cirúrgica, tendo sido um dos primeiros médicos no Brasil a aplicar o método de antissepsia que seu irmão Pacífico Pereira, como já referido, aprendeu diretamente de Lister, em Edimburgo na Escócia (OLIVEIRA, 1992, p.225). Foi um liberal e abolicionista no período monárquico e, na República, foi o vice-presidente de Rodrigues Alves.

Os docentes acima foram citados de modo cronológico pelo ano de nascimento. Vale agora destacar dois deles pelo protagonismo ainda como acadêmicos nessa luta, e um terceiro, já formado, pelo seu protagonismo abolicionista como docente da Fameb.

O primeiro é o concluinte **Joaquim Antonio de Oliveira Botelho** que, na sua tese inaugural de 1850, com o título “*A Escravidão que condenou perante a Sciencia Medica*”, fez um importante manifesto contra o escravismo. Esta tese não se encontra no acervo da FAMEB e precisa retornar para a *Bibliotheca* Gonçalo Moniz, que é seu lugar. Segundo Sacramento Black (*apud* FORTUNA, 2011), o título da tese é “A Escravidão”, tinha 38 páginas, começava pela origem da escravidão, os diferentes tipos de escravismos e os inconvenientes e perigos da escravidão perante a medicina. Luis Anselmo da Fonseca, em seu livro de 1887, citado por Caio Moura (1916) diz: “Em sua these de doutoramento, em 1850, elle [Joaquim Antonio de Oliveira Botelho], firmado na autoridade da observação médica e manifestando possuir a intuição da medicina social, condemnou a instituição servil por sua influencia nefasta na educação da criança, na moralidade da família, nos costumes nacionais e na saúde da raça” (MOURA, 1916, s/p [382]).

A importância dessa obra está presente numa outra tese inaugural, a do formando **Manoel Victorino Pereira**, “*Molestias parasitárias mais frequentes nos climas intertropicaes*”, de 1876. O acadêmico **Manoel Victorino** defendeu, de início, a realização da tese doutoral, ao comentar que “*os prólogos das theses são commumente o libello accusatorio á lei que exige. Affasto-me d’esse estylo, não julgo do mesmo modo*” (PEREIRA, 1876, p. I). Argumenta a pouca produção em ciência no país, “*so encontro estas contribuições annuas[sic], nada mais*”(Ibidem). Depois ele coloca a questão do escravismo, que está presente também no seu tema (as doenças parasitárias). Situa historicamente a tese inaugural de Botelho: “há tempos agitou-se uma questão política, social, humanitária, que dominou o espírito público, tornou-se o assumpto dos artigos de jornaes, dos discursos do parlamento, das manifestações populares, e *vinte annos antes fora atirada como um repto generoso por um bello talento em uma das*

theses d'esta Faculdade” (Ibidem, p.IV; grifo nosso). Segue seu argumento, marcando o tempo: “Em 1850 partia das bancadas d’esta Academia um protesto enérgico e solenne contra a nefanda usurpação, contra essa miséria social – a condição servil” (Ibid.). Enfim, identifica o autor do libelo: “Joaquim Antonio de Oliveira Botelho empenhava os recursos de sua intelligencia, os thesouros de sua illustração, e, mais do que tudo, o poder invencível da sciencia em prol de uma causa santa” (Idem, p.IV-V).

Abolicionista, o acadêmico **Manoel Victorino** referia que era a favor da lei do Ventre Livre, mas queria uma “*mais perfeita, mais completa, mais extensiva, e quem o quer não sou eu, é a sciencia, é a dignidade social, são os direitos da civilização*” (Ibid., p. VI).

Sobre seu tema – as moléstias parasitárias mais frequentes nos climas intertropicais, como filariose, ancilostomíase, tênias etc. - usou argumentos sanitários e médico-sociais, como a importância da qualidade tanto da água quanto da alimentação, que, conforme sua argumentação, água e alimentos deveriam ser como a mulher de César: “nem a mais leve suspeita há de pairar sobre elles” (Idem, p. VIII).

A tese foi aprovada por unanimidade, sendo examinadores os professores Manoel Ladislao Aranha Dantas, Lente de Patologia Externa, que escreveu uma obra de sua matéria para seus alunos, fato raro em seu tempo; Eduardo Freire França, Lente de Química; e Justiniano da Silva Gomes, Lente de Fisiologia (PEREIRA, 1876).

Outro destaque, não como aluno, mas como *lente* e político, é o Prof. Jerônimo Sodré, pelo papel na luta abolicionista nacional, com seu famoso pronunciamento na Câmara, em 1879. Seu pioneirismo na luta abolicionista está registrado nos anais da Fameb, quando na sessão de abertura da Congregação, em 15 de março de 1865, disse:

“Nós que representamos as idéias democráticas, que queremos libertar o cidadão por meio da eleição, pelo voto e pela instrução, nós deveríamos anunciar à Pátria: - neste país todos os brasileiros são cidadãos, *todos são livres*” (Luiz Anselmo da Fonseca, *A escravidão, o clero e o abolicionismo*, 1887, apud MOURA, 1916, P.384; SODRÉ, s/d, p.40; grifo nosso).

Para se ter uma ideia de sua convicção abolicionista, o Prof. Jerônimo Sodré se recusou a receber uma herança não só porque nela constavam escravos, mas também porque os próprios bens, segundo sua avaliação, teriam sido acumulados com o trabalho escravo. Este gesto teve grande repercussão, tanto no Parlamento na sede do Império, como na imprensa dos principais centros urbanos do país (MAGALHÃES, 1969, p.76).

- Protagonismo acadêmico na luta abolicionista

Outro destaque na luta abolicionista que envolve a FAMEB fica por conta de três sujeitos coletivos: a **Sociedade 2 de Julho**, a **Sociedade Libertadora Sete de Setembro** e a **Sociedade Libertadora Bahiana**.

A *Sociedade Abolicionista Dois de Julho*, criada por estudantes de medicina, em 1852 (Luis Anselmo da Fonseca: *A escravidão, o clero e o abolicionismo* (Bahia, 1887) *apud* MOURA, 1916, p.382), é considerada um dos embriões do movimento estudantil no Brasil. Com essa entidade estudantil, também chamada *Sociedade Libertadora Dois de Julho* (Ibidem), surgiu uma imprensa acadêmica. A campanha abolicionista teve sua expressão inicial no campo literário, com uma produção socialmente engajada, como foram os poemas de Castro Alves e os escritos de Tobias Barreto. É uma curiosidade que os dois grandes abolicionistas, um baiano e outro sergipano, tiveram direta ou indiretamente um pequeno vínculo com a Faculdade de Medicina da Bahia.

Castro Alves era filho de Antônio José Alves, catedrático de Cirurgia e um dos membros fundadores da ‘*associação de facultativos*’ que criou a *Gazeta Médica da Bahia*. Este grupo, que posteriormente foi denominado de ‘*escola tropicalista baiana*’, teve como uma de suas características dessa fase inicial a clara e firme posição antiescravista (JACOBINA, 2008).

O sergipano Tobias Barreto veio a Salvador para estudar na Faculdade de Medicina da Bahia. É pouco conhecido esse período, de março a dezembro de 1861, que ele viveu na capital baiana. Outro vínculo dele com a Fameb está no manifesto que escreveu já em dezembro de 1882: “Aos moços sergipanos, estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia” (BARRETO, 1994, p. 299).

Essa luta, exemplificada pelos dois escritores abolicionistas, passou do campo da difusão de ideias para o campo prático, com a organização de associações, como a **Sociedade Dois de Julho**, que arrecadavam fundos para alforriar os escravos ou chegavam mesmo a auxiliar a fuga deles (POERNER, 1968). O acadêmico **Almeida Couto**, com já referido, tomou parte ativa nessa entidade abolicionista (SOUZA, 1973, p. 125), tendo sido o primeiro presidente. Além desse trabalho, o memorialista Eduardo de Sá Oliveira e Lemos Torres, estudioso de história da medicina, afirmam também que o estudante **José Luís de Almeida Couto**, no segundo ano do curso, teria sido um dos criadores da também denominada “*Sociedade Abolicionista Dois de Julho*” (OLIVEIRA, 1992:205; TORRES, 1980, p.712). Este estudo não obteve fonte primária

para este fato, mas a confirmação da criação da Sociedade 2 de Julho no âmbito da Fameb, pelos estudos sobre o movimento estudantil, e a trajetória política de Almeida Couto dão sustentação a estas afirmativas de seu papel como um dos fundadores desta entidade pioneira no movimento estudantil e na luta abolicionista.

Dois outros alunos também referidos como fundadores da *Sociedade Abolicionista Dois de Julho* foram **Virgílio Clímaco Damazio**, formado em 1859, que depois se tornou grande liderança republicana, e **Cincinato Pinto da Silva**, formado de 1857, colega de turma de José Luís de Almeida Couto. Como médico ele também foi Secretário da Faculdade (MOURA, 1916, p.382-383).

A segunda entidade é a *Sociedade Libertadora Sete de Setembro*, criada em 1869, sendo um dos sócios fundadores o Prof. Salustiano Ferreira Souto, afrodescendente, e presidida pelo conhecido educador e médico Abílio Cezar Borges, o Barão de Macaúbas. Essa Sociedade, segundo o prof. Luiz Anselmo da Fonseca, outro docente afrodescendente da faculdade, “prestou á causa da redempção os mais assignalados serviços” (apud MOURA, 1916, p. 383).

A terceira entidade abolicionista, a *Sociedade Libertadora Bahiana*, foi criada na etapa final da luta abolicionista, em 1883, para lutar pela libertação dos escravos e pela extinção da escravidão. Sua congênere na Corte tinha sido criada desde 1870 (CARVALHO, 2007, p.253). Em sua Memória Histórica, Caio Otávio Ferreira de Moura (1914) afirmou que a *Sociedade Libertadora Bahiana*, “a todos excedeu na abundância e no valor dos serviços prestados ao abolicionismo”.

Na Bahia, ela teve, entre os seus fundadores, o professor Luis Álvares da Cruz Santos (RIBEIRO, 1997, p.104), “um dos mais terríveis adversários da escravocracia” (MOURA, 1914) e, um ano depois, em 1884, o acadêmico de medicina **Sérgio Cardozo** que, enquanto aluno, praticou ousadas ações abolicionistas (JACOBINA, 2008), descritas a seguir.

Antes de analisar com mais detalhe a atuação abolicionista do acadêmico **Sérgio Cardozo**, há alguns registros de outros estudantes de medicina que merecem destaque neste capítulo.

O primeiro registro é do acadêmico **Tiburtino Moreira Prates**, formado em 1846 que, ainda estudante, foi ativo militante do movimento contra a Escravidão no Brasil. Suas convicções abolicionistas estão expressas na sua tese inaugural “*Identidade da Espécie Humana*” desde o prólogo, quando lamentava que se eternizasse no Brasil o

“uso desumano e cruel de submeter os povos infelizes da África ao jugo da escravidão a mais aviltante...” (*apud* LIMA JÚNIOR & CASTRO, 2006). Diz ainda: “Como cristãos não podemos duvidar da unidade da espécie humana, como médico cremos ter demonstrado sua identidade” (*Ibidem*). Para essa demonstração da identidade, o acadêmico recorreu a dados, como este: “mais de cem estudantes frequentam a Escola de Medicina desta cidade [Salvador]; metade são incontestavelmente mulatos; dos outros sabemos, que muitos são quintões, ou desertores (brancos da terra); e assim os que são incontestavelmente da raça caucásea pura não passam de vinte” (*apud* LIMA JÚNIOR & CASTRO, 2006). “Branco da terra” são filhos de lusitanos com mulheres indígenas (RIBEIRO & MOREIRA NETO, 1993), logo, o doutorando afirmava que a grande maioria dos estudantes de medicina é de mestiços, de brancos com africanos e seus descendentes ou com indígenas. Esta tese doutoral de 1846 não consta no levantamento feito na Fameb por Meirelles *et al.* (2004).

Outro registro ilustra um tipo de ação prática de muitos abolicionistas no período anterior ao fim da escravidão. O acadêmico **João Martins da Silva** (1860-1929), no ano de formatura, em 1886, “passou a carta de liberdade a um escravo de nome Miguel, que seu pai havia lhe dado” (OLIVEIRA, 1992, p. 310). Abolicionista, ele foi também republicano, tendo sido membro da Assembleia Constituinte de 1891. Em 1915, tornou-se catedrático de Física Médica na Fameb.

Na biografia de Rita Lobato por Silva (1954), encontramos dois registros que vincula a estudante **Rita Lobato** ao abolicionismo. O primeiro é a participação num comício de Rui Barbosa em favor da campanha abolicionista, no ano de 1885, no Largo do Teatro (p.144), atualmente Praça Castro Alves. O outro ocorreu na ocasião de sua formatura, em 10 de dezembro de 1887, quando Rita Lobato, como fez no ano anterior o formando João Martins da Silva, pediu a seu pai e ele entregou a carta de alforria à escrava Clarinda, que tinha vindo com a família Lopes do Rio Grande do Sul (p. 190). Este gesto remete a um mais antigo, o de Ambrosina Magalhães, uma das primeiras estudantes de medicina do país, se não a primeira, cujo pai também alforriou um escravo, quando sua filha foi matriculada na FMRJ, em 1881 (SILVA, 1954, p.129).

- Um acadêmico abolicionista e republicano: Sérgio Cardozo

A análise da atuação do abolicionista Sérgio Cardozo, pelo seu caráter modelar, merece um estudo mais detalhado. **Sérgio Cardozo Afonso de Carvalho** nasceu em 7 de outubro de 1858 na Fazenda Salgado, no município de Santo Amaro da Purificação,

Bahia. Sua mãe chamava-se Alexandrina Francisca de Moraes Cardozo e seu pai, um negociante de pedras preciosas das Lavras Diamantinas, José Joaquim Cardozo (FMB. Caixa 326, 1876). Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) em 1876 e cursou até o 5º ano, quando teve que abandonar o curso de medicina por um acontecimento relacionado com suas convicções abolicionistas.

Desde cedo, o acadêmico **Sérgio Cardozo (Fig. 5)** assumiu a sua identidade afrodescendente, herdada do avô. Ainda estudante, ele se engajou de modo destemido na luta abolicionista, chegando a resgatar escravos das senzalas do Recôncavo baiano (CHIACCHIO, 1936).

O episódio que resultou no seu afastamento do curso médico é descrito do seguinte modo: João Maurício Wanderley (1815-1889), o Barão de Cotegipe, era Ministro da Justiça de Pedro II e, numa visita à Bahia, sua terra natal, em meados de abril de 1883, resolveu levar para a Corte um ‘moleque escravo’, chamado Lino Caboto. Já estava a bordo do navio inglês ‘Trent’, ancorado no porto de Salvador, quando, na hora do embarque, o acadêmico **Sérgio Cardozo** conseguiu arrebatá-lo e devolvê-lo a seus pais (CHIACCHIO, 1936).

Este fato agitou a opinião pública, influenciando de modo decisivo na vida do acadêmico, pois o Barão de Cotegipe contou com o apoio de professores na Faculdade de Medicina, em especial o influente Adriano Alves Lima Gordilho (1830-1892), Lente na cátedra de Partos (Obstetrícia, na terminologia atual). Adriano Gordilho, formado em 1851, tinha já recebido o título de Barão de Itapoã, desde 1872 e, além de catedrático da cadeira de Obstetrícia oferecida no 5º ano, fora nomeado para ser o examinador das teses dos formandos na reunião da Congregação em 16 de novembro de 1882 (FMB. Actas da Congregação, 1882-1888). Não há um registro direto, mas os dados encontrados apontam para uma desistência de Sérgio Cardozo, provavelmente para evitar sua reprovação. A possível reprovação é só uma hipótese, não temos fonte.

Ele não viajou imediatamente para o Rio de Janeiro, para um exílio voluntário, tendo continuado sua militância abolicionista na Bahia, como prova o seu diploma de sócio efetivo da *Sociedade Libertadora Baiana*, datado de 3 de maio de 1884 (NICSA. Arquivo da Biblioteca, 2007).

O médico e jornalista Carlos Chiacchio, formado em 1910, 94ª turma da Fameb (TAVARES-NETO, 2008; grafado Chiacchio), descreve o vínculo de Cardozo com esta entidade abolicionista:

O movimento abolicionista que tanta personagem criou, depois de vitorioso, como acontece com todos os movimentos políticos, teve em Sérgio Cardozo um expoente de primeira plana. Armou-se cavalheiro de rosetas de ouro na Sociedade Libertadora Bahiana, ao lado de Luís Álvares dos Santos, Marcelino José Dias e Manoel Roque da Purificação, campeões celebrados daquela associação, cuja bandeira de guerra, com sua jangada cearense em campo de cetim, descreve Sérgio Cardozo num belo artigo da *Gazeta da Tarde* (CHIACCHIO, 1936:3).

Aqui temos mais um testemunho do papel relevante do professor Luís Álvares dos Santos como destacado abolicionista, como ressalta o texto. Outro aspecto relevante no texto acima é a referência à *Gazeta da Tarde*, jornal abolicionista com o mesmo nome do jornal carioca de José do Patrocínio, que tinha entre seus colaboradores, além do estudante de medicina e jornalista Sérgio Cardozo, o professor Luís Anselmo da Fonseca.

Em relação à *Sociedade Libertadora Bahiana*, foi atuando nela que Sérgio Cardozo conheceu o líder abolicionista José do Patrocínio. Cardozo foi seu companheiro inseparável na sua visita à Bahia, criando entre ambos um forte vínculo de amizade (CHIACCHIO, 1936). Essa amizade teve uma importância muito grande na vida de Sérgio Cardozo, pois, com as portas fechadas para ele na Província da Bahia, encontrava, entretanto, na sede do Império, um aliado de muito prestígio para a luta que tinha abraçado e que lhe custou ter de deixar o curso médico.

A celebração na Bahia da aprovação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, foi intensa. Sérgio Cardozo ainda estava na Bahia, pois Chiacchio (1936) refere que, no momento da vitória da causa, ele escreveu na *Gazeta da Tarde* o seguinte texto:

“Temos o justo orgulho de dizer a esta terra, do alto das ameias deste baluarte que não se rendeu na luta, estas palavras que ficarão aqui gravadas como por ‘um buril de fogo sobre uma lâmina de bronze: Lutamos e vencemos!’” (p.3).

Nos primeiros anos da República, o ex-estudante e jornalista se transferiu com a família para o Rio de Janeiro e lá dedicou-se às atividades de imprensa. Trabalhou em vários jornais, como *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *A Democracia* e, principalmente, o novo jornal de Patrocínio, *A Cidade do Rio*. Nele, tornou-se secretário de redação do jornal, tendo seu nome no cabeçalho do jornal, ao lado de Olavo Bilac (NICSA. Arquivo da Biblioteca, 2007). Com a república, o jornal fez oposição ao regime militar de Floriano Peixoto, tendo sido fechado e Patrocínio preso. Com a morte de Floriano, o jornal continuou crítico ao florianismo.

No início do novo século, em 1902, o jornal *A Cidade do Rio* foi definitivamente fechado, desta vez por falência. Patrocínio, em ostracismo político, contraiu uma enorme dívida e, de modo surpreendente, dedicou-se a um projeto delirante: construir um dirigível. O balão dirigível jamais saiu do chão. O “Tigre da Abolição” foi enterrado em 1905, desamparado e imerso em dívidas.

É nesse momento, com a morte do amigo, que Sérgio Cardozo resolveu voltar à Bahia, à sua terra natal, o município de Santo Amaro. Mas ele não foi desamparado. Uma resolução do Presidente Rodrigues Alves, datada de 22 de maio de 1905, através de seu ministro do Interior e Justiça, o baiano José Joaquim Seabra, nomeava Sérgio Cardozo terceiro suplente para Juiz federal do município de Santo Amaro (DESAPARECERAM, 1971, p.17), no distrito de Berimbau, hoje o município de Conceição de Jacuípe. Embora não fosse formado em Direito, esse republicano assumiu as funções de juiz, inclusive as novas tarefas jurídicas de um Estado que, formalmente, se separou da Igreja.

Ao se fixar em Berimbau, distrito de Santo Amaro, para exercer sua atividade como juiz federal, Sérgio Cardozo retomou duas vocações: a de médico e a de jornalista. Abriu uma botica e exerceu a medicina prática, na época tolerada socialmente, sobretudo em áreas como aquela, pois os Conselhos de Medicina, Federal e Estaduais, só se formalizaram e baniram a prática sem diploma nos anos quarenta do século XX. Em sua farmácia, ele medicava os humildes, atendendo-os gratuitamente pela tarde, pois a manhã ele passava no fórum, na sua função de juiz (PASTORA, 1999; SANTANA, 2002).

Com 75 anos, Sérgio Cardozo faleceu em 4 de julho de 1933. Entre as homenagens que recebeu, uma tem grande valor simbólico. Foi o seu nome dado, em 9 de setembro de 1934, a uma pequena rua no bairro da “Liberdade”, identificado desde aquela época com a população afrodescendente. Não poderia ter um local melhor para homenagear este abolicionista de raiz e republicano convicto (JACOBINA, 2008).

3.3. ESTUDANTES DA FAMEB NO PERÍODO DA LUTA REPUBLICANA ATÉ O ANO DO CENTENÁRIO ENQUANTO FACULDADE (1932)

A guerra do Paraguai representou um marco na história política e social do Brasil. Se, de início, o Estado monárquico mostrou-se poderoso, com a vitória militar, as dificuldades econômicas e as mudanças culturais, ou seja, na mentalidade das forças

sociais brasileiras, resultaram no seu enfraquecimento e posterior derrocada, com a crise do sistema escravocrata, o abolicionismo e o desenvolvimento do republicanismo. Em especial, resultou numa imagem fortalecida e com identidade própria das Forças Armadas, desvinculada da Monarquia que, não por acaso, foram protagonistas do golpe que instaurou a República no Brasil (DORATIOTO, 2006, p.282).

Nesse item o objetivo será descrever e analisar o papel dos acadêmicos de medicina no período republicano, desde o marco de sua instalação, numa ação predominantemente militar, até o centenário da escola *mater* enquanto “Faculdade de Medicina da Bahia” (1932).

3.3.1. Acadêmicos de Medicina na luta pela proclamação da república

Há pouco registro de estudantes como protagonistas, enquanto estudantes, na luta pela proclamação da república. O historiador Luis Henrique Dias Tavares (2001) comenta que, com menor influência do que Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas, a Bahia também se organizou em clubes e jornais republicanos. “Eram professores e *estudantes da Escola de Medicina*, médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, professores do Liceu Provincial, oficiais militares de baixa patente, comerciários, tipógrafos, alfaiates, panificadores, carpinteiros, pedreiros e pintores de parede” (TAVARES, 2001, p. 294; grifo nosso).

Esses segmentos sociais organizaram, no período de 6 a 8 de junho de 1889, o I Congresso Republicano da Bahia, quando foi aprovado o modelo da bandeira do estado, que foi adotado quando houve a proclamação da República, no final do segundo semestre daquele ano. São quatro faixas, duas brancas e duas vermelhas intercaladas, em homenagem à república dos EUA e no ângulo superior esquerdo (de quem olha) um quadrado azul com um triângulo branco, em homenagem à “Inconfidência Mineira” (TAVARES, 2001).

Uma das possíveis razões do destaque dado pelo historiador aos “**estudantes**” da Fameb pode ser pelas ações públicas organizadas por esse segmento da sociedade civil baiana, articulados com docentes, que estavam entre as mais importantes lideranças republicanas no estado.

O primeiro destaque nessa luta não é cronológico, mas pelo caráter simbólico. O estudante abolicionista **Virgílio Clímaco Damásio** (1838-1913), formado pela FAMEB em 1859, foi também republicano de primeira hora, porém sua atuação de destaque foi

depois, como médico, professor e político. Seu prestígio pode ser medido pelo convite feito pela associação de facultativos, que criou a *Gazeta Médica da Bahia*, para ser o primeiro Diretor da revista, ficando desde a fundação em julho de 1866 a dezembro de 1867 (JACOBINA et al., 2008). Como professor foi Opositor de Ciências Acessórias (1862), Lente de Química (1876) e Catedrático de Medicina Legal (1882), criando nessa matéria uma tradição que teve como seguidores Nina Rodrigues e Oscar Freire (OLIVEIRA, 1992, p. 258).

Como político, Virgílio Damásio foi presidente do partido republicano. Seu destemor pode ser ilustrado no episódio da visita do “agitador republicano” Antônio da Silva Jardim a Salvador, em 15 de junho de 1889. Com a visita do Conde D’Eu ao nordeste e norte do país, o tribuno paulista resolveu seguir no mesmo navio. Enquanto o marido da Princesa Isabel conversava com as autoridades locais, Silva Jardim, com o apoio dos clubes republicanos locais, fazia propaganda pela causa (TAVARES, 2001, p. 277).

Monarquistas, inclusive com apoio de setores da polícia, organizaram uma provocação, despejando pedras e lenha do alto da ladeira do Taboão, no centro de Salvador, caminho escolhido pela comitiva, liderada por Virgílio Damásio. Ele, com outros docentes, como Deocleciano Ramos, da turma de 1881, e alguns **estudantes**, acompanhavam Silva Jardim para chegar à Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, onde o convidado faria um discurso em prol dos ideais republicanos. Enquanto diziam *Viva a República!*, os provocadores gritavam: “*Morra a República!*”.

Os **estudantes de medicina republicanos**, que acompanhavam o Prof. Virgílio Damásio nessa comitiva, empunhavam o Estandarte da Faculdade de Medicina da Bahia, quando foram agredidos no Taboão (OLIVEIRA, 1942, p.104), atualmente Rua Silva Jardim, por arruaceiros como *Vintém Dobrado* (desordeiro com cicatriz na testa do tamanho de 20 réis), Manuel Benicio dos Passos, o *Macaco Beleza*, entre outros (Hildegardes Vianna *apud* TAVARES, 2001, p.279). No futuro, esperamos que pesquisas possam dar os nomes e trajetórias desses jovens protagonistas na luta republicana.

Naquele dia, 15 de junho de 1889, cinco meses antes da proclamação, os provocadores fizeram circular boatos que os republicanos da FAMEB tinham retirado a bandeira do Império hasteada na frente do prédio e, usando os paus e as pedras, arruaceiros agrediram a comitiva. Tavares (2001) e Oliveira (1992) afirmam que essas agressões no Taboão atingiram inclusive o Prof. Virgílio Damásio “que, com o próprio

sangue, escreveu um cartão de protesto ao então Presidente da Província” (OLIVEIRA, 1992, p.258), que era o também Professor da FAMEB, José Luis de Almeida Couto.

Tavares (2001) afirma ainda que os desordeiros e agentes das forças repressivas infiltrados apedrejaram a própria sede da Faculdade de Medicina da Bahia. Esse incidente causou revolta, tornou mais impopular ainda o regime monárquico e afetou a popularidade de Almeida Couto, que tanto se destacara como abolicionista, desde sua atuação como estudante.

Embora por pouquíssimo tempo, Virgílio Damásio foi o primeiro Governador do Estado da Bahia, de 18 a 23 de novembro de 1889. Ele transmitiu o cargo a outro professor da FAMEB, Manoel Victorino, que era um liberal, indicado por Ruy Barbosa, por sua posição federalista e presidencialista (TAVARES, 2001).

Um segundo destaque dessa conjuntura é mais uma vez o acadêmico **Sérgio Cardozo**, já referido como abolicionista de primeira hora. Como republicano, temos um importante registro. Ainda estudante, Cardozo foi trabalhar no jornal abolicionista *Gazeta da Tarde* de Pamphilo da Santa Cruz. Com o fim da escravatura, em 1888, Sérgio deixou a função de redator, por ser contrário à posição monarquista que o dono assumiu, depois da Lei Áurea. Foi para o Rio de Janeiro, onde atuou como jornalista. Com o clima patriótico que se criou com a “guerra de Canudos”, no sertão baiano, fomentado principalmente pelos florianistas, o republicano Sérgio Cardozo não se omitiu. Escreveu ao governador Luís Viana, da Bahia, se oferecendo para lutar pela legalidade e pela república. Por intermédio de seu auxiliar, Arlindo Fragoso, que era amigo e primo de Cardozo, o governador agradeceu os serviços, mas recusou, salientando que ele prestaria melhores serviços à Bahia com sua atuação na imprensa do Rio de Janeiro, capital da República (SOUZA, 1969).

Mais adiante, destacaremos a atuação dos estudantes de medicina nessa guerra civil nos sertões da Bahia.

Um terceiro destaque é sobre uma tese inaugural ou doutoral reprovada. Em 1875, o formando **Domingos Guedes Cabral**, já num contexto de crítica ao regime monárquico, que, entre outras características, estabelecia constitucionalmente a união do trono com o altar, apresentou a tese “*Funções do cérebro*”, que foi reprovada pela Congregação “por conter doutrinas contrárias à religião oficial do Estado” e pelo seu “materialismo”, inclusive preconizando que o interesse deveria ser só científico e livre das pregações bíblicas (LIMA JÚNIOR & CASTRO, 2006).

Para o diretor da Fameb, Prof. José Tavares-Neto (2008), “pelo que se tem notícias foi a primeira e a única tese doutoral reprovada pela Congregação da FMB” (nota 315, p.170). Na Bibliotheca Prof. Gonçalo Moniz, encontramos a tese inaugural “*Qual o tratamento da Febre Amarela?*” de **Domingos Guedes Cabral** (1875), apresentada para obter o grau de “Doutor em Medicina”.

Em 29 de setembro de 1875, a tese acima referida foi remetida à Comissão revisora e recebeu como parecer o seguinte: “Esta these está conforme os Estatutos. Bahia, Faculdade de Medicina, 30 de setembro de 1875”. E o diretor, Conselheiro Antônio Januário de Faria, um dos membros fundadores da “Associação de facultativos” que veio a ser denominada Escola Tropicalista da Bahia, escreveu: “Imprima-se. Bahia, Faculdade de Medicina, 12 de outubro de 1875” (CABRAL, 1875).

Fica claro que o acadêmico, com sua tese reprovada, apresentou outra para cumprir a exigência legal e colar grau: “uma satisfação apenas á lei regulamentar da Escola; (...) e que fica satisfeita não rara vez, (...), com a cópia banal de meia dúzia de páginas de diversos auctores, uma vez que se tenha o cuidado de *gisal-a canonicamente*, pois só assim merecerá as honras de ser uma – these inaugural” (CABRAL, 1875, página inicial, frente; grifo nosso). Nessa página inicial não numerada, que corresponde à Apresentação, o “auctor destas linhas julga-se dispensado,(...) d’uma explicação que tenda a attenuar a exiguidade do presente trabalho” (Ibidem). Ele explica a razão de uma tese feita às pressas: “Acham-se em pleno domínio publico os motivos que o forçaram a dar proporções tão acanhadas a isso que se deve chamar sua última prova acadêmica” (Ibid.).

No verso da página, **Domingos Cabral** se defende de apresentar uma tese diminuta, pois, “não é a largueza do espaço o que imprime o valor ao trabalho” (Idem, no verso), além de ser um assunto que ele está familiarizado. O formando criticou muitas das teses feitas na Faculdade quando diz, que, mesmo diminuta, sua tese é produto “d’aquelles um pouco mais exigentes, que entendem dever ser o esforço pessoal o caminho do mérito”. E aludiu à tese reprovada: “sua ex-these vae assumir o caráter e as proporções de livro popular, devido ao grande e geral interesse que se tem despertado – acolhimento que o auctor estava longe de esperar” (no verso). E de modo inteligente, colocou na contracapa da publicação de sua tese inaugural os seguintes dizeres: “DO MESMOAUCTOR: /(Nos Prelos) / FUNCÇÕES DO CEREBRO”.

Sua crítica à posição conservadora da Congregação é contundente: “O que o auctor vem fazer aqui, portanto, não é explicação e menos ainda será uma supplica. Ele obedece a lei que quer uma qualquer cousa, que ella *não approva nem reprova*” [grifo do autor para ironizar frase da instituição colocada no verso da capa: *A Faculdade não approva, nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas*]; e prossegue: “comtanto que não contrarie, de qualquer modo que seja, os poderes constituídos e a religião do estado” (Idem, no verso). E concluiu essa apresentação, que é um desabafo pela reprovação da sua *ex-tese*, com muita lucidez: “Ao que o auctor vem aqui apenas é – como vítima que se julga de uma lei que escravisa o talento, insulta a consciência e declara guerra ao progresso scientifico, - usando do direito que é de todas as victimas, - lançar um protesto solemne contra semelhante instituição, que deve sem dúvida desaparecer, para desaforo da própria sciencia e honra do progresso”.

Com esse argumento laico, diria mesmo, republicano, Domingos Cabral teve o mérito de defender a diferenciação do conhecimento científico do religioso e buscar fazer ciência sem “gisá-la” - isto é, sem circundá-la, cingi-la, emoldurá-la – com o pensamento religioso.

Atualmente, os epistemólogos distinguem o conhecimento científico de outros diferentes saberes: o popular (senso comum), o religioso, o artístico e o filosófico. Sobre o conhecimento religioso ou teológico, ele é caracterizado por se apoiar em doutrinas com proposições sagradas (valorativos), por terem sido revelados pelo sobrenatural (inspiracional) e, desse modo, serem infalíveis e indiscutíveis. Suas evidências não são verificadas. É um conhecimento sistemático do mundo como obra de um criador divino (MARCONI & LAKATOS, 2000).

O conhecimento científico, que o acadêmico Domingos Cabral ousou expressar de modo autêntico, sem estar cingido pelo religioso, é factual (real), pois lida com fatos. É um conhecimento contingente, pois suas proposições têm a veracidade ou falsidade conhecida através da experiência. É também sistemático, ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teoria), mas uma de suas características mais importante é a verificabilidade. As afirmações que não podem ser comprovadas não pertencem à ciência. É exato por aproximação.

Não tivemos acesso a sua *ex-tese* reprovada e transformada em livro, mas é possível que alguns dos conhecimentos lá apresentados tenham sido modificados porque não foram comprovados. Isso só iria valorizar mais ainda a tese defendida pelo aluno, pois em vez das verdades eternas, ele defendia a verdade por aproximação do mundo real.

A seguir, temos o registro de um estudante excepcional, em muitos aspectos: origem, entrada no curso e sua tese doutoral de formatura. Depois, já formado e ensinando como Preparador de Anatomia, o docente recebeu um decisivo apoio dos alunos no concurso para Professor Substituto em Clínica Psiquiátrica e Doenças Nervosas da Fameb.

3.3.2. A tese de um formando e a vitória dos sextanistas da FMB contra o preconceito racial e em defesa do mérito acadêmico num concurso docente.

Como nos ensina a historiografia contemporânea, as mentalidades não mudam por decretos. Os processos ideológicos ou culturais têm sua própria dinâmica. Assim, mesmo depois da Lei Áurea e da Proclamação da República, ainda havia uma mentalidade monarquista e escravocrata, inclusive de pessoas que ocupavam posições de prestígio nas instituições daquela época. A Bahia não era exceção e a Faculdade de Medicina da Bahia era um bom exemplo dessa permanência.

Foi nesse cenário que se realizou um dos concursos mais memoráveis na primeira instituição de ensino médico do país. Era a vaga para professor Substituto da cadeira de moléstias mentais e nervosas, que tinha como catedrático João Tillemont Fontes (JACOBINA & GELMAN, 2008). Três candidatos se inscreveram para o concurso, sendo Juliano Moreira um deles.

- A brilhante tese inaugural do acadêmico Juliano Moreira

Cabe aqui, coerente com o objetivo deste capítulo, destacar o estudante **Juliano Moreira (Fig. 6)**, um acadêmico que entrou na faculdade com apenas 14 anos de idade. Filho de uma empregada doméstica, Galdina Joaquina do Amaral, e de um funcionário municipal (inspetor dos acendedores de lampiões), Manuel do Carmo Moreira Junior, Juliano nasceu em 6 de janeiro de 1872, na Freguesia da Sé, no centro de Salvador, Bahia. Ao terminar o ensino fundamental, fez no Liceu de sua terra natal os exames preparatórios necessários para sua matrícula na FMB, realizada em 11 de março de 1886 (ALBUQUERQUE, 1933, p. 817). Encontramos a matrícula do 2º ano do curso médico (FMB. Arquivo Geral da FMB, Caixa n. 338, 1887).

Ainda como acadêmico do 5º ano, em 1890, **Juliano Moreira** foi aprovado em concurso para Interno da Clínica Dermatológica e Sifilográfica. Em 1891, ele se formou e teve sua tese inaugural “*Etiologia da Syphilis Maligna Precoce*” aprovada com *Distinção* (ALBUQUERQUE, 1933, p. 817; PASSOS, 1975, p.10), recebendo não só o título de Bacharel de Medicina, mas também o de Doutor.

Nessa tese inaugural, o acadêmico fez uma revisão exaustiva sobre a sífilis, estudando mais de uma centena de autores, realizando citações em sete línguas, além da ilustração feita com uma dezena de casos clínicos observados diretamente. No prólogo, avisou que as citações originais não eram por erudição, mas por honestidade intelectual (MOREIRA, 1891, p. VII). Como o agente etiológico da sífilis não era ainda conhecido, o estudo centra-se nos determinantes da maior frequência e gravidade da sífilis, examinando duas teses hegemônicas na época: o clima quente e a determinação racial.

O jovem formando **Juliano Moreira**, que escreveu sua tese doutoral aos 18 anos, enfatizou o “terreno”, desde as doenças debilitantes associadas à sífilis, as idades e puerpério, bem como determinantes sociais, como higiene, condições de trabalho e acesso precoce ao tratamento. Em relação ao clima, faz uma minuciosa análise das zonas isotérmicas (frio, temperado, quente, tórrido), encontrando variações que a temperatura não explica. Enfrenta o preconceito na época, caucionado no discurso científico, da inferioridade biológica da raça negra, identificando a maior frequência e “malignidade” nas questões relacionados às diferentes classes sociais, mediadoras inclusive das características naturais. Constata-se o cuidado metodológico, a revisão detalhada e crítica, mas, sobretudo, a originalidade na discussão dos estudos realizados e dos casos clínicos observados (JACOBINA, 2008a; JACOBINA, 2013).

Este trabalho do jovem acadêmico, formado aos 19 anos, foi citado com destaque pelo Prof. Alexandre Cerqueira, Lente catedrático da cadeira de “Moléstias de Pele e Sifilíticas”, no relatório que enviou ao memorialista de 1891, Luis Anselmo da Fonseca (1893, anexos, p. LXXXIII). Segundo seu discípulo Afrânio Peixoto, mereceu referências elogiosas de estudiosos estrangeiros, como as do sifilógrafo Buret, no *Journal des Maladies Cutanées et Siphylitiques*, e do Prof. Raymond nos *Annales de Dermatologie et Syphiligraphie*, passando a ser citada em todas as monografias produzidas sobre o tema naquela época (PEIXOTO, 1933, p.183).

- A ação decisiva dos sextanistas de Medicina na vitória de um jovem mestre

Depois de formado, Dr. Juliano Moreira foi Professor Assistente da Cadeira de Doenças Mentais e Nervosas (1893/94) e, logo depois, Preparador da Cadeira de Anatomia Médico-Cirúrgica (1894-1896). Em 1896, ele se matriculou, aos 23 anos, no concurso de Lente Substituto.

Quando a Congregação designou os cinco membros da banca examinadora, correu pelos corredores da Faculdade a notícia que um dos candidatos contava com a simpatia de três professores conhecidos pelas suas posições escravistas (PASSOS, 1975, p.16).

Além de Juliano Moreira, os outros dois candidatos inscritos eram: Josino Correia Cotias e Deolindo Octaviano da Fonseca e Galvão (ALBUQUERQUE, 1933, p.818). Deolindo Galvão se formou pela Fameb em 1884, com sua tese doutoral intitulada “Coração e seus nervos” (MEIRELLES *et al.*, 2004:35). Josino Cotias nasceu em Sergipe, em 1850. Foi Farmacêutico, cirurgião-dentista e, por fim, médico pela Faculdade, em 1881, quando defendeu sua tese inaugural “Eletroterapia”. No momento em que fez o concurso ele era Preparador de Física Médica, concursado desde 1893 (OLIVEIRA, 1992, p. 307), ou seja, estava, como Moreira, há três anos na carreira docente.

O concurso para Lente Substituto da 12ª seção se iniciou em abril de 1896. Naquele momento, destacou-se **o papel da força coletiva dos acadêmicos de medicina**, pois eles decidiram zelar pela lisura do concurso, que era público. Os **acadêmicos**, sobretudo os **sextanistas**, sob a liderança de **Afrânio Peixoto**, acompanharam de perto os exames: prova oral (aula), prova escrita com leitura pública, prova prática e defesa de tese.

O desempenho de Juliano Moreira foi brilhante: na prova oral “foi aula, não discurso decorado” (PASSOS, 1975); na leitura do ponto da prova escrita, ele dissertou sobre “Miopatias progressivas”; na prova prática foi outra aula para estudantes e leigos. Ao concluir sua defesa da tese de concurso - “*Discinesias arsenicais (Nova contribuição, estado atual da questão)*” (MOREIRA, 1896) – foi calorosamente aplaudido, como nas provas anteriores (PASSOS, 1975, p.16).

Na seção inicial desta tese em que Moreira se dirigia “Ao Leitor”, ele afirmou que sua experiência como Assistente da Clínica de Moléstias Mentais e Nervosas o animou a pretender conquistar o cargo de Lente Substituto e, com consciência das dificuldades que iria enfrentar, além de uma dose certa de ironia, disse: “*por isso que me reconhecendo disprovido dos indispensáveis **dots exteriores** que attraem os favores do acaso, nunca passarei tranquillo pelos tramites emocionantes e por vezes espectaculosos de um concurso*” (MOREIRA, 1896, p. I; grifo no original). E, nessa seção, o jovem professor de 23 anos conclui: “*Para terminar sinto-me obrigado a pedir aos distintos professores da Faculdade da Bahia que não vejam (como assoalhado já foi uma vez) no facto de não lhes pedir eu o voto, direta ou indiretamente, uma prova de orgulho meu, mas sim uma manifestação cabal de que lhes vejo **na investidura***

magistral a inviolabilidade de um juizado que não se pode enleiar nas teias de um suborno que não sei com que força deva ser repellido” (Ibidem, p. IV; grifo nosso).

Os estudantes tinham como paradigma não só um professor com raro dote intelectual, mas uma pessoa de consistente senso moral e elevada consciência ética.

Em 9 de maio, foi divulgado o resultado: um candidato foi reprovado com média três; outro foi aprovado, mas não selecionado para a vaga, com média oito, e Juliano Moreira aprovado (PASSOS, 1975, p. 16). Em Oliveira (1992, p.307) encontramos o registro que o Dr. Josino Cotias, que se tornou depois Professor catedrático de Medicina Legal e, mais tarde, se transferiu para a cadeira de Higiene, foi candidato aprovado – e não selecionado - para Lente Substituto. “Teoria mecânica das vibrações cerebrais em sua relação com a alienação mental”, de 1896 foi a sua tese de concurso para Lente Substituto da 12ª Seção (p.308). Foi ele, portanto, o candidato aprovado com a média oito, embora não selecionado, e Deolindo Galvão, o reprovado.

Justiça se faça aos docentes envolvidos no processo de seleção, pois todos deram a nota máxima ao candidato afrodescendente, reconhecendo o seu mérito. Com quatro tipos de verificação por cinco examinadores, o jovem professor Juliano Moreira, de 23 anos (ver **cap.1** deste volume), obteve a média dez (10). Sua tese de concurso foi considerada um trabalho perfeito e defendido cabalmente (ALBUQUERQUE, 1933).

Juliano Moreira foi nomeado em 10 de junho de 1896 e, no seu discurso de posse, destacou o seu próprio esforço e dedicação ao trabalho e ironizou mais uma vez o preconceito racial, desqualificando-o com argumento de cientista:

A quem se arreceie de que a *pigmentação* seja nuvem capaz de marear o brilho desta Faculdade, me parece estar vendo a imagem fulgurante da Pátria brasileira (...) Em dias de mais luz e hombridade o embaçamento externo deixará de vir à linha de conta. Ver-se-á então que só o vício, a subserviência e a ignorância são que tismam a pasta humana quando a ela se misturam ganhando-lhe o íntimo e aí inviscerando o mal(...) (grifo no original).

E não deixou de registrar o seu agradecimento aos estudantes da FAMEB, de quem buscou o testemunho:

Mocidade ativa desta escola: eu tenho em vosso seio as testemunhas de que jamais faltei aos deveres dos cargos que me têm sido confiados. A vós, que sereis no futuro a tradição vivaz do presente, a vós, nessa terra de amnésicos, eu tomo por testemunha do modo por que transpus os humbrais desta Faculdade (*apud* PASSOS, 1975, p.17-18).

O principal líder dessa “**mocidade ativa**”, que zelou pela lisura do concurso, o acadêmico **Júlio Afrânio Peixoto** se formou em 1897, com a tese “*Epilepsia e crime*” (MEIRELLES et al., 2004), quase tão famosa quanto a de seu mestre. Assim que

formou, tornou-se professor da FAMEB, mas logo ele se transferiu para a sede da república, de onde acabou atraindo também seu colega e antigo mestre Juliano Moreira. É um nome respeitado na Medicina Legal e Psiquiatria forense, bem como na Saúde Pública. Escreveu uma importante obra de geografia médica: *Clima e Saúde. Introdução Bio-geográfica à Civilização Brasileira*. Foi Professor Catedrático das Faculdades de Medicina e de Direito do Rio de Janeiro. Foi um renomado escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, com obras como: *Fruta do Mato* (1920), romance; *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922), ensaio biográfico; *Bugrinha* (1922), romance; *Breviário da Bahia* (1946), crônicas (ver também na “galeria dos encantados”, **cap. 1** deste **3º volume**).

Assim comenta **Afrânio Peixoto**, protagonista desse grande momento da força estudantil, sobre o acontecimento descrito acima que significou a vitória do talento de um candidato, mas também da ação lúcida dos **acadêmicos de medicina da FAMEB** contra o preconceito racial:

a) na comemoração dos 20 anos de Juliano Moreira à frente da Assistência aos Alienados do Distrito Federal, disse Afrânio Peixoto ao mestre:

“Conheci-te fazendo um concurso na Bahia tão brilhante, que *a grande congregação dos estudantes, a que pertencia*, te consagrou, e antes da pequena congregação dos professores” (PEIXOTO, 1923, p.17; grifo nosso);

b) numa homenagem póstuma ao sábio e amigo:

“Depois de memorável concurso na Faculdade da Bahia, sagrado mestre pela congregação, *nós, os estudantes do sexto-anno da ocasião*, respeitosa e o elegemos sexta-anista honorário e o convidamos para uma festa de estudantes; elle aceitava título e convite” (PEIXOTO, 1933, p. 180; grifo nosso).

Seguindo a orientação metodológica da historiografia moderna (BLOCH, 1997), o Dr. Afrânio Peixoto teve muitos méritos, mas alguns críticos registram também sua ferrenha campanha na Academia Nacional de Medicina contra as descobertas feitas pelo Prof. Carlos Chagas do agente (*Trypanosoma cruzi*), do vetor e das formas clínicas da enfermidade (TAVARES-NETO, 2008). Para alguns, este questionamento teria sido o principal motivo pela não láurea desse pesquisador com o Prêmio Nobel (MAIO, 1994).

De qualquer forma, ficou um exemplo: os estudantes não foram meros expectadores, foram também sujeitos naquele memorável concurso docente desta que é a escola *mater* da medicina brasileira.

3.3.3 Estudantes e professores da FAMEB e a guerra de Canudos

O acontecimento histórico de *Canudos* deve ser estudado em toda a sua complexidade de um fenômeno social - político, econômico e cultural, e não apenas como uma guerra civil. Euclides da Cunha deu um testemunho valioso: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (CUNHA, 1982, p. 8).

A obra euclidiana revelou a truculência imposta aos sertanejos de Canudos como uma sórdida expressão de barbárie praticada pela jovem república. Grande número de prisioneiros - homens, mulheres e crianças - foi degolado (TAVARES, 2001; ABREU, 2009). Ao testemunhar o massacre, o jornalista e autor de *Os sertões* lamentou o governo não ter enviado professores (“mestres-escolas”) em lugar de soldados.

Freyre (1987) comentou que, apesar das explicações deterministas que enfatizavam o clima e os componentes raciais, Euclides da Cunha conseguiu vislumbrar outros horizontes. Lastimou apenas a oposição rígida entre o litoral e o sertão que Cunha utilizou na abordagem do tema.

O beato cearense Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro (1830-1897) peregrinou pelos sertões de Sergipe e Bahia, desde 1874, até se fixar, em junho de 1893, no vale do rio Vasa-Barris, na área da antiga fazenda chamada Canudos. Ali foi construído Belo Monte, um arraial que cresceu, atraindo uma multidão de sertanejos, com cerca de 25 mil habitantes. Tornou-se a localidade com maior população da Bahia depois da capital (CALASANS, 1993). Os proprietários de terras denunciaram que Conselheiro desorganizava o trabalho, atraindo lavradores e vaqueiros, com toda a família para o arraial.

O médico Joaquim Manuel Rodrigues Lima, governador da Bahia, solicitou a intermediação da Igreja Católica, que enviou uma missão com dois frades e um vigário da região, mas não tiveram êxito. Pelo contrário, os religiosos voltaram reforçando a imagem do beato como rebelde antirrepublicano.

Em 1896, houve mudanças na conjuntura política nacional e estadual. Prudente de Moraes se afastou por licença médica, assumindo o vice, Manuel Vitorino, formado na

Fameb em 1876 e Lente de Clínica Cirúrgica da Faculdade. Na Bahia, o governador Luís Vianna, acusado de monarquista, autorizou, em novembro de 1896, a 1ª Expedição militar, sob o comando do Tenente Pires Ferreira. O pretexto para o ataque foi o boato de que os *conselhistas* invadiriam Juazeiro, inconformados com o atraso do taboado encomendado para a capela nova pelo beato aos comerciantes locais. O magistrado local solicitou a força para proteger a cidade, mas o tenente marchou contra Canudos. No caminho, em Uauá, foi atacado e teve que recuar (CUNHA, 1982; CALASANS, 1993). Era o início de um conflito sangrento e fratricida.

Como Canudos continuava sendo considerado pelas elites como uma ameaça, o governador, com apoio do governo federal, autorizou em janeiro de 1897, a 2ª Expedição, sob o comando do Major Febrônio de Brito, para atacar Belo Monte. Foi um desastre. Os florianistas, que confiavam em Manuel Vitorino, cobraram uma lição exemplar naquele “centro monarquista”. O governo organizou, em fevereiro de 1897, a 3ª Expedição, sob o comando do Coronel Antônio Moreira César, e, como se observa no crescimento das patentes, aumentaram também as tropas e os tipos de armamento. Com desconhecimento das características da região e uma estratégia mal planejada, a expedição foi outro desastre e dessa vez, mais grave, com a morte do comandante, que era muito respeitado entre os pares.

Houve nas grandes capitais, principalmente na capital da República, manifestações exaltadas, além do exército ter tomado como uma ofensa grave à instituição. Foi organizada em meados de 1897 a 4ª Expedição, com três generais, sendo o comandante geral o general Artur Oscar de Andrade Guimarães, com uma tropa de mais de 5 mil homens e armamento pesado. Canudos resistiu por alguns meses. Além das tropas baianas, exército e Polícia Militar, vieram tropas do Rio de Janeiro, São Paulo e Pará. Em 22 de setembro de 1897 morreu Antônio Conselheiro e, em 1º de outubro, o Batalhão da PM da Bahia entrou no Arraial. Foi um massacre, mas Canudos resistiu por mais quatro dias. Assim concluiu Euclides da Cunha: “*Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo*” (CUNHA, 1982, p. 433). Restaram um velho, dois adultos e uma criança na frente de cinco mil soldados (Ibidem).

A principal participação da Faculdade de Medicina da Bahia nesta guerra de violência deu-se por meio de dois grupos de estudantes de Medicina e do curso de Farmácia, sediado na Faculdade na época (OLIVEIRA, 1942; BRITTO, 2002, p.242; TAVARES-NETO, 2008, p.174). No primeiro grupo, foram **vinte e sete estudantes** e, no segundo,

quatorze acadêmicos e quatro médicos recém-formados (**Quadro 3.6**), segundo o testemunho do ‘então acadêmico’ **Francisco Xavier de Oliveira**, predominando, segundo nossa dedução, os alunos do 3º e, sobretudo, do 5º ano.

Esta participação se deu por um pedido de auxílio para o tratamento dos feridos, por parte do Coronel-médico José Leôncio de Medeiros, baiano formado pela FAMEB em 1871 (MEIRELLES et al., 2004). O diretor da Faculdade, Prof. Antônio Pacífico Pereira, irmão do vice-presidente, Dr. Manoel Vitorino, no mesmo dia, 8 de julho de 1897, fez uma convocação ampliada para o dia seguinte, não só da Congregação (na época restrita aos Professores catedráticos e substitutos), mas de toda a comunidade envolvendo Medicina e Farmácia. Essa assembleia aprovou por unanimidade o pedido de auxílio, nos seguintes termos:

“Todos os Sns. Médicos e Farmacêuticos que compõem o pessoal da Faculdade de Medicina, sem exceção de um só, estão prontos a prestar todos os serviços que deles sejam reclamados em favor dos nossos irmãos, os bravos militares que se recolhem a esta capital para tratamento dos ferimentos recebidos nos combates de Canudos” (OLIVEIRA, 1942, p.103; SILVA, 2009, p. 5).

Os estudantes se ofereceram para auxiliar os professores, como o Prof. João Agrippino da Costa Dórea (formado em 1877, Substituto em 1891 e Lente de Patologia Cirúrgica, em 1898), que chefiava o serviço no Arsenal da Guerra em Água de Meninos, aqui em Salvador. Mas, eles constataram que pouco podiam fazer com os doentes “que tinham a infelicidade de ser atingidos por balas dos fanáticos” (OLIVEIRA, 1942, p.103). Eram ferimentos que não seriam graves se tivessem sido tratados a tempo. “Uma resolução como que explodiu do ânimo dos acadêmicos de medicina e farmácia. *Um bom número de alunos* se apresentou ao governo se oferecendo para seguir a Canudos” (Ibidem, p.104; grifo nosso).

A primeira partida se deu em **27 de julho de 1897**, debaixo de calorosa manifestação, foi documentado pelo estudante **Alvim Martins Horcades**, que se formou em 1903. *“Foi assim que, às duas horas da tarde do dia 27 de Julho de 1897, debaixo dos mais entusiasticos vivas da mocidade de todas as escolas superiores d’esta capital e aclamações do povo, embarcamos em um carro de primeira ordem”* (...) *“com destino á cidade de Alagoinhas”* (HORCADES, 1996[1899], p.7).

O registro da saída do 2º grupo “para o socorro aos feridos em Canudos”, em **3 de agosto de 1897**, foi documentado pelo acadêmico **Francisco Xavier de Oliveira**

(OLIVEIRA, 1942 [1920]), formado em 1899. O grupo saiu da sede da FAMEB, no Largo do Terreiro de Jesus, em direção à Estação da Calçada para pegar o trem, tendo à frente o Dr. Bráulio Pereira, Professor da 2ª cadeira de Clínica Médica, que empunhava o estandarte da Faculdade, seguido pelos **catorze alunos**. Houve uma manifestação solene, com presença de autoridades (o secretário da Fazenda, Rodrigo Brandão, foi em nome do governador Luiz Vianna), representantes do comércio, populares, estudantes, entre outros (OLIVEIRA, 1942[1920], p.104).

Há um registro precioso de Manuel de Figueiredo, correspondente do jornal carioca *A Notícia*, que, na frente de batalha, visitou o hospital e encontrou o serviço desdobrado em quatro seções pelo “cuidadoso e inteligente Chefe do Corpo Sanitário, Major Médico José de Miranda Cúrio”, da seguinte forma:

“1ª Mesa, sob a direção do ativo, zeloso e caridoso sextanista **João Pondé**, auxiliado pelos estudantes **Adolfo Viana** e **Aristarco Dantas**, este do 2º ano e aquele do 5º; a 2ª Mesa, sob a direção do Dr. Jacob Gayoso, médico que muito se tem distinguido, auxiliado pelos estudantes **Pedro de Barros Albernaz** e **Josefino Moreira de Castro**, este do 3º ano e aquele do 5º; 3ª Mesa, sob a direção do Dr. João Luciano da Rocha, auxiliado pelos estudantes **Armando Apio de Moura** e **Miguel de Lima Mendes**, este do 3º e aquele do 4º ano; Seção dos ferimentos, Drs. Gouveia Freire e João Câmara e estudantes **Joaquim José Xavier**, **Francisco Mangabeira**, **Ernesto Pereira Teixeira** e **Alvim Martins Horcades**, este do 1º e os outros do 3º ano; Sala das operações a cargo do Sr. Dr. Miranda Cúrio, auxiliado pelos Srs. Drs. Gouveia Freire e João Pondé.” (SILVA, 2009, p.17; grifos nossos).

Entre os 39 alunos levantados, um faleceu, **Joaquim Afonso Pedreira** (Ver quadro 3.6 e Fig. 7). Ele foi da primeira turma e estava na região de Canudos quando apresentou uma “moléstia grave”, não especificada. Na segunda turma, além de **João de Souza Pondé**, destacado pelo jornalista acima, e **Xavier de Oliveira**, que deixou um testemunho de sua participação, referência neste trabalho, destacou-se também **Caio Octávio Ferreira de Moura** (1878-1932), formado em 1899. Entrou para a carreira docente em 1902, como Preparador Interino de Anatomia Médico-Cirúrgica. Com a reforma de 1915, foi efetivado catedrático na cadeira de Cirurgia. Por fim, transferiu-se para a Cadeira de Urologia (1931). Escreveu a memória histórica de 1914 (OLIVEIRA, 1992). A fim de aperfeiçoar seus conhecimentos e habilidades na área da Cirurgia Geral, empreendeu viagem não só à Europa, como até então fizeram a maioria dos docentes da Fameb, mas também foi aos Estados Unidos (Ibidem), antecipando uma

nova tendência, que passaria a acontecer, principalmente, após a 2ª Guerra Mundial (ver a ‘galeria dos encantados’, no **cap. 1** deste volume).

Cabe aqui uma observação: tanto Eduardo Oliveira (1992), quanto Tavares-Neto (2008, nota 475, p.176) referem que José de Souza Pondé, irmão de João Pondé, participou da assistência aos feridos em Canudos. No levantamento de Silva (2009) não consta o nome de José Pondé, formado em 1900, mas o do “sextanista João Pondé”, formado em 1897.

Um registro importante para a história da medicina na Bahia está vinculado a essa participação de membros da Fameb na assistência aos feridos de Canudos. O Prof. Alfredo Tomé de Brito, na época Lente catedrático de Clínica Propedêutica, foi o introdutor do Raio X na Bahia, em maio de 1897. Essa descoberta revolucionária foi feita por Röntgen em 1895. Prof. Alfredo Brito, que dá o nome ao prêmio estudantil de destaque na pesquisa, começou a empregar de modo sistemático esse recurso propedêutico em Cirurgia de Guerra. Ele fez o exame radioscópico do soldado do 5º batalhão de polícia da Bahia, Manoel Bertolino dos Santos, ferido em Canudos em 27 de julho de 1897 e o exame revelou as dimensões e posição de uma bala localizada no primeiro intercostal esquerdo (OLIVEIRA, 1942).

Na listagem apresentada a seguir (**Quadro 3.6**), com 39 nomes de alunos, os sete “não diplomados” são alunos dos outros cursos, principalmente de Farmácia, sediados também na Fameb, logo, são não diplomados no curso médico. Dos 32 acadêmicos de medicina, um faleceu (**Joaquim Afonso Pedreira**, que mais uma vez merece a nossa homenagem). Fazendo a distribuição por anos, os alunos que se formaram pela Famed nos anos de 1897, 1899 e 1900, corresponderam a 75% dos participantes na campanha de Canudos, com oito alunos de cada uma dessas turmas tendo participado no auxílio e assistência às vítimas dessa guerra.

Além dos alunos já referidos, destacam-se também:

- **Francisco Cavalcanti Mangabeira**, irmão dos políticos Octávio e João Mangabeira, formado em 1900. Foi médico na revolução acreana e, para além da medicina, era poeta, tendo sido o autor da letra do hino do Acre. É patrono da cadeira número 40 da Academia de Letras da Bahia (TAVARES-NETO, 2008);
- **Alvim Martins Horcades (Fig. 8)**, participante nessa guerra civil nos sertões da Bahia já no primeiro grupo de acadêmicos que prestaram assistência aos feridos em Canudos (HORCADES, 1996). Ele formou na Fameb em 1903.

Quadro 3.6- ACADÊMICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA PARTICIPANTES DA ASSISTÊNCIA AOS FERIDOS NA GUERRA DE CANUDOS -1897

	NOME DO ACADÊMICO	ANO DE FORMATURA
1º GRUPO		
1	Adolpho Vianna	1898
2	Antônio Bonfim de Almeida	1902
3	Aristarcho Dantas	1900
4	Alvim Martins Horcades	1903
4	Aprígio Batista dos Anjos	Não diplomado*
5	Benício Rodrigues Chaves	1897
6	Cícero Barros Corrêa	Não diplomado*
7	Francisco Cavalcanti Mangabeira	1900
8	Francisco Eduardo Cox	Não diplomado*
9	Francisco Romão Cavalcante	Não diplomado*
10	Hebrelino Maurício Wanderley	1909
11	João Silvério da Costa Oliveira	1900
12	Joaquim Afonso Pedreira	Falecido**
13	José Cordeiro dos Santos Filho	1902
14	João Sabino de Lima Pinho filho	1903
15	João das Virgens Lima	Não diplomado*
16	Pio Arthur de Souza	Não diplomado*
17	Sebastião Ivo Soares	1900
18	Theophilo de Holanda Cavalcante	1900
19	Theotônio Martins de Almeida	1899
20	Victor Francisco Gonçalves	1898
2º GRUPO – 3 de agosto de 1897		
1	Agostinho de Araújo Jorge	1899
2	Antônio Nicanor Martins Barbosa	1897
3	Caio Octavio Ferreira de Moura	1899
4	Christiano Sellmann Júnior	1897
5	Domingos Martins Pereira Monteiro	1897
6	Eduardo Britto	1897
7	Ernesto Pereira Teixeira	1900
8	Emílio de Castro Britto	1899
9	Fausto de Araújo Gallo	Não diplomado*
10	Francisco Xavier de Oliveira	1899
11	Jerônimo Fernandes Gesteira	1899
12	Josephino Moreira de Castro	1900
13	João de Souza Pondé	1897
14	Joaquim José Xavier	1900
15	Miguel de Lima Mendes	1899
16	Pedro Barros Albernaz	1898
17	Tranquilino Hugo de Oliveira	1897
18	Virgílio do Rego Motta	1897
19	Armando Appio de Moura Medrado	1899

* alunos não diplomados em Medicina ou, mais provavelmente, do curso de Farmácia, outro curso que funcionava junto com a FAMEB; ** Falecido durante a guerra de Canudos (1897) por “moléstia grave”.

No livro *Descrição de uma viagem a Canudos*, publicado pela primeira vez em 1899, o acadêmico **Alvim Martins Horcades** (1996), que foi protagonista também do acontecimento narrado a seguir, deu seu testemunho desse extermínio fratricida:

"Se não o visse, talvez duvidasse a principio esperando que provas cabaes surdissem para minha desillusão ser completa; mas feliz ou infelizmente *eu vi e assisti a sacrificar-se todos aqueles miseráveis*, (...). E com sinceridade o digo: *em Canudos foram degolados quase todos os prisioneiros*' (p.102-103).(...) "Levar-se homens de braços atados para traz como criminosos de lesa-majestade, indefesos e perto mesmo de seus companheiros, para maior escarneio, levantar-se pelo nariz a cabeça, como se fora o de uma ave, e cortar com o assassino ferro o pescoço, deixando cair a cabeça sobre o sólo - é o cumulo do banditismo praticado a sangue-frio como se fora uma acção nobilitante! (...) *Assassinar-se uma mulher* pelo simples facto de ser o seu companheiro connivente com o que se dava - é o auge da miséria! *Arrancar-se a vida a creancinhas*" (...) "- é o maior dos barbarismos e dos crimes monstruosos que o homem póde praticar" (Horcades, p.104-105;grifos nossos).

3.3.4. A greve estudantil no início do século XX e a renúncia do Diretor

Um momento de protagonismo dos estudantes foi a greve estudantil de 4 de junho de 1901 a 19 de janeiro de 1902, obrigando nesse longo período de quase oito meses a FAMEB a fechar suas portas, por determinação do Ministro da Justiça, Epitácio da Silva Pessoa, que depois seria presidente da República. A greve só foi encerrada depois da demissão do então diretor, Prof. José Olympio de Azevedo e a nomeação do Prof. Alfredo Thomé de Britto.

Segundo a versão do diretor José Olympio, apresentada na Congregação de 7 de junho de 1901, a greve foi iniciada em decorrência da sua recusa em aprovar a pretensão dos acadêmicos de lhes ser concedida "umas férias, como costumavam fazer nos anos anteriores" (FMB.UFBA, Ata da Congregação, 7/06/1901). Para Britto (2005), entretanto, o movimento paredista foi em decorrência da insensibilidade do Diretor em não abonar a falta dos estudantes que foram recepcionar uma liderança estudantil que, três dias antes, foi para o Rio de Janeiro em missão oficial da organização discente da época.

O líder era o aluno **Alvim Martins Horcades** que, como já referido, foi protagonista também na guerra de Canudos, tendo sido voluntário ainda no 1º ano do curso. Em 04

de junho de 1901, como importante liderança da “corporação acadêmica”, ele participou na capital federal de “um protesto da classe discente contra a reforma de ensino”, no Congresso Nacional. Em 1º de janeiro daquele ano, pelo decreto n. 3890, tinha sido publicado o Código dos Institutos Oficiais do Ensino Secundário e Superior. Essa reforma no ensino encontrou resistências tanto do corpo docente quanto discente nas faculdades do ensino superior do país. Ela não eliminava as deficiências dos códigos e regulamentos anteriores, favorecia a admissão de alunos mal preparados, feria a autonomia das instituições de ensino e fomentava o favoritismo e o arbítrio nas nomeações para cargos técnicos e na docência (BRITTO, 2005).

O movimento desencadeou um processo de revisão. O Senado Federal aprovou, em primeira discussão, a suspensão da execução do código. Porém, só no ano seguinte a reforma foi revista e o ministro Epitácio Pessoa foi obrigado a deixar o Ministério da Justiça e Negócios Interiores do governo Campos Sales, órgão responsável pela elaboração do ‘Código’. Sobre essa polêmica legislação do Ministro e futuro presidente da república (1919-1922) Epitácio Pessoa, o professor Pacífico Pereira (1923), em sua *Memória sobre a Medicina na Bahia*, com elegância, diz: “não lhes valeu a luz alviçareira do novo século” (p.101).

Na Faculdade de Medicina da Bahia, a situação foi agravada pela relação da direção da escola com a ‘corporação acadêmica’. O diretor deu falta aos estudantes que foram ao porto de Salvador recepcionar a chegada do colega Alvim Horcades. Os alunos foram coletivamente, segundo o diretor, “em tumulto vozerios”, solicitar o abono da falta. Já segundo os alunos, o dirigente “ultrajou ostensivamente a mocidade, (...), batendo-lhe brutal e grosseiramente as portas da secretaria” (*apud* BRITTO, 2005).

Desse acontecimento, resultou um agravamento local da crise nacional. Os estudantes de medicina e farmácia da FAMEB organizaram um movimento social forte, com campanha na rua e na imprensa. O ministro Epitácio Pessoa mandou fechar as portas da Faculdade e o diretor José Olympio obedeceu, sem sequer consultar a Congregação, nem comunicar aos professores da escola. Alguns foram dar aula e encontraram as portas cerradas.

Em 15 de junho, foi publicada no *Jornal da Bahia* uma nota, datada de 13 do mesmo mês, com a manifestação de volta às aulas, liderada pelos sextanistas, que contou com o apoio de cerca de sessenta alunos de medicina, farmácia e odontologia. Entre os signatários destaca-se o nome de **Antônio Prado Valladares**, aluno laureado com o Prêmio Manoel Victorino da turma de 1902. Catedrático de Propedêutica Médica e o

60º memorialista da Fameb. Mais preocupados com a formatura e, sobretudo e a vida profissional que se avizinham, historicamente, os alunos do sexto ano são adversos a qualquer movimento que ameace a data de formatura. Por outro lado, sempre existem aqueles que colocam de lado os seus interesses pessoais, assumindo às vezes algum prejuízo em prol da causa coletiva. Não foi o caso do brilhante mestre Prado Valladares e de muitos dos seus colegas do 6º ano. Seguindo a orientação de Bloch (1997), esta Memória busca fazer não o elogio ou a condenação, mas a descrição e análise dos acontecimentos, identificados sob o rigor metodológico da autenticidade e veracidade, em geral obtidos em mais de uma fonte.

A maioria dos estudantes, entretanto, reagiu àquela manifestação e publicou um alentado manifesto que foi publicado no jornal *O Tempo*, em 17 de junho (BRITTO, 2005). Este documento merece ficar na memória histórica desta Faculdade, pela clareza na apresentação dos dados e na argumentação e pela firmeza na crítica à direção. Entre os signatários, além de **Alvim Horcades**, destacamos alguns acadêmicos: **Oscar Freire de Carvalho** (formado em 1902); **Albino Arthur da Silva Leitão, Álvaro Madureira de Pinho, Antônio Bastos de Freitas Borja, Clementino Rocha Fraga Júnior, Virgílio Diniz de Senna** (formados em 1903); **Cellestino Bourroul** (1904); **Arthur Lavigne de Lemos** (1905); **Durvalércio Bolívar de Aguiar, Antônio Ignácio de Menezes** (1907); e **Joaquim Martagão Gesteira** (1908).

Desses manifestantes, **Cellestino Bourroul** foi aluno laureado com o Prêmio Manoel Victorino e vários deles se tornaram docentes da Fameb (OLIVEIRA, 1992):

- **Oscar Freire de Carvalho** (1882-1922), formado em 1902, foi Professor Catedrático de Medicina Legal e na Escola Politécnica da Bahia, Professor Catedrático de História Natural e de Química; 1º Diretor do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues (1911). Em 1918 assumiu a cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina de São Paulo;
- **Albino Leitão** (1886-1960), formado em 1903, foi Professor Catedrático de Dermatologia (“Clínica Dermatológica e Sifilográfica”);
- **Antônio Borja** (30/12/1878 – 24/5/1933), formado em 1903, Prof. Assistente em 1907, Catedrático de Patologia Cirúrgica (1915), depois de Clínica Cirúrgica (1917). “*Querido e admirado pelos discípulos, que lhe reconhecia, ao lado da proficiência magisterial, o desassombro cívico, exerceu grande influência na mocidade que o tomava por modelo e guia*” (SOUZA, 1973, p.254);

- **Clementino Fraga** (15-9-1880 – 8-1-1971), formado pela FMB em 1903. Professor Assistente, em 1904, Substituto de Clínica Médica, em 1910, transferiu-se para a Faculdade Nacional de Medicina (Rio de Janeiro) em 1925. Foi secretário de Saúde do Distrito Federal. Vasta obra científica e literária, entre as quais destacamos “Medicina e Humanismo” (1942), tendo sido membro da Academia Brasileira de Letras (SOUZA, 1973) (ver **cap.1** deste vol III);
- **Antônio Ignácio de Menezes** (1878-1961), formado em 1907, foi Prof. Catedrático de Cirurgia (“Técnica Operatória e Cirurgia Experimental”) (ver **cap.1** deste vol III);
- **Matargão Gesteira** (1884–1954), formado em 1908, Catedrático de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil. “*Aliava à condição de médico as qualidades de orador, polemista, administrador*” (SOUZA, 1973, p.280). Fundador da Liga Baiana contra a Mortalidade Infantil, ele criou, no Rio de Janeiro, o Instituto de Puericultura, em 1937(ver **cap.1**, v. III).

Em 1º de agosto o Prof. José Olympio pediu exoneração do cargo de diretor, sendo nomeado o Prof. Alfredo Britto. No dia 6 de agosto os estudantes saíram em passeata para celebrar a exoneração do diretor da FAMEB e a demissão do ministro Epiácio Pessoa, substituído por Sabino Barrozo Jr. O acadêmico **Alvim Horcades**, da janela do periódico *Regeneração*, usou “palavras eloqüentes e patrióticas” em defesa dos estudantes das escolas superiores do país (BRITTO, 2005, p.21).

No dia 21 de agosto, Alfredo Britto tomou posse no cargo de Diretor e, só em 5 de fevereiro de 1902, a FAMEB foi reaberta, iniciando o curso em 17 de maio daquele ano. Em sua apresentação no X Congresso Brasileiro de História da Medicina, assim se expressou o historiador da medicina Antônio Carlos Nogueira Britto:

“As longas dobras do manto do tempo e a história com a majestade dos seus ensinamentos inconfundíveis testemunharam os juramentos solenes da mocidade acadêmica da venerável Faculdade de Medicina da Bahia de irem até aos maiores sacrifícios pelo ensino correto e pelos ideais que mais calorosamente defendiam” (BRITTO, 2005, p.23)

O historiador que melhor narrou aquele acontecimento celebrava nesse trecho mais um momento de protagonismo dos estudantes nesses 200 anos da FAMEB.

As ações estudantis, muitas vezes, envolvem riscos. Em 23 de junho de 1903, estudantes de Medicina, de Direito e da Escola Politécnica promoveram, na gestão do governo de Severino Vieira (1900-1904), uma reunião de apoio à candidatura de Ruy

Barbosa no Teatro Politeama, que tinha também o apoio do governador anterior, Luis Viana. Os estudantes tomaram as ruas com o retrato de Ruy levantado e, quando seguiam pela Rua das Mercês, foram atacados pela Cavalaria da Polícia Militar com as “espadas desembainhadas. Até hoje não se sabe se houve mortos” (TAVARES, 2001, p.315).

3.3.5. O devastador incêndio da Fameb em 1905 e a ação solidária de sua comunidade, em especial dos acadêmicos da escola mater

Na noite da quinta-feira festiva que antecedia o tríduo de Momo, em 2 de março de 1905, “labaredas raivosas” devoraram o “majestoso edifício da Faculdade de Medicina da Bahia” (BRITTO, 2002d, p.312).

Segundo testemunhas, o incêndio começou no pavilhão da biblioteca (ver **cap.2**), em uma sala destinada ao arquivo de teses. “*A mocidade das três escolas superiores da cidade da Bahia resgatou valiosas alfaias [utensílios, ornamentos], documentos raros e preciosas relíquias e, coadjuvada por praças do exército, caixeiros, funcionários municipais e populares, salvou os retratos dos provectoros e venerados lentes da Faculdade*”(BRITTO, 2002d, p.312; grifo nosso).

Da importante biblioteca não escapou praticamente nada, sendo incineradas 14 mil obras, em 22 mil volumes, a maioria, preciosos e raros. Houve danos em vários gabinetes, sendo pequenos na galeria Abbott, no salão nobre e no anfiteatro. O fogo consumiu os gabinetes de anatomia patológica, de bacteriologia, de química e de medicina legal, que estava devidamente equipado (Ibidem).

O alemão Julius Von Uslor salvou a valiosa galeria dos retratos dos lentes falecidos, auxiliado pelo Dr. Francisco Dummond “e por muitos estudantes”(Ibid., p.313).

Além das autoridades que estiveram presentes, como Dr. Victorio Falcão, intendente municipal, Aurelino Leal, chefe de polícia, Innocêncio Cavalcante, diretor de Higiene Municipal, e Carneiro da Rocha, diretor da Faculdade de Direito, estavam presentes também os Professores Braz do Amaral, Aurélio Vianna, Frederico Koch, Julio Calasans, bem como o acadêmico de Direito Ernesto Simões Filho e o doutorando **Demosthenes Drummond de Magalhães**, que penetrou na sala do *Pantheon* e salvou o estandarte da Faculdade. Demosthenes, formado na 89ª turma, foi também o presidente da *Comissão Acadêmica* pela reconstrução da biblioteca da Fameb (CAMPOS, 1907), destruída nesse incêndio. **João Baptista Gomes da Luz**, formado também em 1905

(TAVARES-NETO, 2008), foi ferido e medicado, o mesmo acontecendo com o cirurgião dentista Augusto Carigé, que se contundiu com uma queda de um armário.

O diretor Alfredo Britto, que se encontrava de férias, e só soube do sinistro no outro dia, 3 de março, pela manhã já estava lá “para laborar até o ressurgimento do novo templo da Medicina” (BRITTO, 2002d, p.313).

Em 31 de janeiro de 1909, graças aos esforços do diretor da Fameb, e do apoio efetivo de Augusto Vianna, do engenheiro Theodoro Fernandes Sampaio e do baiano José Joaquim Seabra, ministro do Interior, foi reinaugurado o magnífico prédio, inclusive com o novo anfiteatro, que depois foi justamente nomeado de Alfredo Britto.

3.3.6. A FAMEB e a revolução constitucionalista de 1932: uma vitória da solidariedade contra a ditadura em 22 de agosto de 1932

De início, merece registro a participação na Bahia de um acadêmico de medicina na Revolução de 30. O historiador Luis Henrique dias Tavares, em sua “História da Bahia” (TAVARES, 2001), comenta as articulações para a criação do pólo revolucionário no Nordeste, sob o comando de Juarez Távora. Embora preso, Távora fez contato com o tenente Juracy Magalhães, que tinha se deslocado para a Paraíba. Juracy nessa passagem conversou com o núcleo revolucionário baiano: “os tenentes Joaquim Ribeiro Monteiro e [Geminiano] Hanequim Dantas e os aspirantes a tenente Humberto de Melo e João Costa formaram, com o *jovem médico Eduardo Bizzaria Mamede*, irmão do tenente Mamede [Jurandir Bizzarria], o núcleo de conspiradores que se ampliou com as adesões do *médico Átila do Amaral* e dos engenheiros Alípio Viana e Leopoldo Amaral” (p.380; grifos nossos). O historiador informa ainda que Eduardo Mamede viajou para a Paraíba mais de uma vez para levar pessoalmente ao capitão Juarez Távora e o tenente Juracy Magalhães informações sobre o núcleo baiano.

De acordo com os dados sobre os formandos existentes no arquivo geral da FAMEB, **Eduardo Bizzarria Mamede** se formou em 1931 (TAVARES-NETO, 2008), tendo sido colega de Afrânio Coutinho (ver **cap. 2**), dos futuros catedráticos Alexandre Leal Costa, Edgar Pires da Veiga e Jones Seabra e da formanda Maria José Salgado Lages (**cap.1**). Portanto, foi como acadêmico que ele participou do movimento revolucionário de 1930. Mais tarde, ele se tornou Secretário de Educação e Cultura do governo do Estado da Bahia.

O médico Áttila Barreira do Amaral, também revolucionário de 30, formou-se em 1921 (TAVARES-NETO, 2008).

Os acadêmicos da Fameb e o Movimento constitucionalista

A “Revolução Constitucionalista”, movimento armado iniciado em São Paulo no dia 9 de julho de 1932, teve entre seus objetivos a luta contra o governo provisório de Getúlio Vargas, que extinguiu a 1ª Constituição republicana de 1891, e a instalação de um regime democrático e constitucional.

Esse movimento de 1932, qual o deus romano *Junus*, teve duas faces: uma voltada para o passado, daqueles que esperavam retroceder ao Estado liberal-oligárquico da República Velha; e outra, para o futuro, dos que esperam construir um Estado democrático de direito.

O levante militar paulista, chefiado pelo general Bertholdo Klinger, contou com o apoio de outros estados da federação - Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. A luta se travou em três frentes: o Vale da Paraíba, o Sul Paulista e o Leste Paulista (CALMON, 1963; SILVA & CARNEIRO, 1998). O levante foi sufocado em 2 de outubro de 1932, na cidade de Cruzeiro, pelas tropas do general Góes Monteiro, mas o movimento teve entre seus efeitos a realização de eleições nacionais, em 3 de maio de 1933, para a Assembleia Constituinte Nacional. Pela vez primeira a mulher teve os seus direitos políticos de votar e de ser votada proclamados na nova Constituição. Outra novidade foi o direito à educação, entre outros direitos sociais, inscritos na nova carta magna brasileira. Enfim, como consequência dessa luta, houve um hiato democrático de 1934 a 1937, no populismo autoritário brasileiro, de 1930 a 1945.

Vale aqui uma digressão: num estudo sobre o Hospital Juliano Moreira, pudemos constatar como a democracia, neste hiato de 1934-1937, foi fundamental para a saúde, no caso, a saúde dos internados no manicômio estatal da Bahia (JACOBINA, 2001). A imprensa, como protagonista importante de um regime democrático e componente da sociedade civil, denunciou as condições de atendimento no hospital. O parlamento convocou o diretor do manicômio. Desse modo, um dirigente do poder executivo teve que prestar esclarecimentos ao poder legislativo. Um rábula, Cosme de Farias, através de *habeas corpus*, retirou do manicômio mais de uma dezena de pessoas internadas indevidamente. Ou seja, o judiciário garantiu o direito dos cidadãos. Enfim, como

muitos anos mais tarde foi proclamado pela VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), “Democracia é Saúde”.

De volta à “Revolução Constitucionalista”, um pouco mais de um mês de iniciado o conflito, no dia 13 de agosto de 1932, houve uma sessão no Anfiteatro Alfredo Britto, da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, de professores e alunos, que teve também a participação de acadêmicos de Direito e Engenharia, além de numerosos “alunos” do “Gymnasio da Bahia”.

Presidiu a assembleia o professor Adolpho Diniz Gonçalves, que historiou a luta fratricida. Falaram também o professor Aloysio de Carvalho Filho e o professor de Direito Dr. Jayme Junqueira Ayres em apoio ao movimento constitucionalista. Entre os alunos destacaram-se as falas dos acadêmicos **Emilio Diniz**, Aloysio Netto, Portella Filho e Demosthenes Berbert, os quais, em nome dos discentes das Faculdades de Medicina, Engenharia e Direito, ratificaram o apoio dos seus colegas, pela causa que os reunia na luta pela “reconstitucionalização imediata” do País e retorno ao regime legal (BRITTO, s/d). Outras falas estudantis foram as de **Isnard Duarte Ferreira** (turma de 1935), Hermes Tavares e Pedro Bomfim, bem como do acadêmico de engenharia Syndoro de Souza. Maria Julieta Diniz Gonçalves Costa, filha do Prof. Adolpho Diniz, em depoimento (BRITTO, s/d) confirma a fala de **Emilio Diniz**, pela Fameb, e dos Acadêmicos: Aloysio Netto, de Direito; Hermes Tavares, Pedro Bomfim e Syndoro de Souza, de Engenharia. **Emilio Diniz da Silva** (TAVARES-NETO, 2008, p.83) se graduou pela Fameb naquele mesmo ano (1932).

O professor Aristides Novis, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, enalteceu a postura ordeira e disciplinada da manifestação, além de tecer comentários sobre a tradição democrática daquela instituição de ensino médico, que abrigava aquele ato.

Dois dias depois, houve um movimento grevista dos alunos do Ginásio da Bahia, aparentemente sem relação direta com aquele ato político na Fameb. Era uma luta contra a realização de provas parciais, em que os alunos discordavam de sua realização. No dia 18 de agosto, uma comissão dos grevistas chegou a ter uma audiência com o interventor federal na Bahia, o Tenente Juracy Magalhães. O impasse continuou e houve denúncias de agressão policial aos estudantes do Ginásio da Bahia.

O Prof. Aristides Maltez (1882-1943), catedrático de Ginecologia e também professor do Ginásio (OLIVEIRA, 1992, p.361-62), que estava como examinador das provas parciais, testemunhou as agressões dos policiais aos alunos, tendo ele intermediado para evitar maiores incidentes. Negociou uma solução pacífica, mas o

chefe de policia voltou atrás e mandou buscar a cavalaria. Surpreso com o retrocesso, “quando só esperava ideias de paz”, disse:

Capitão, acho que é preciso termos mais moderação. Os meninos já estão todos recolhidos e, além do mais, nós é que temos o dever de pensar pelas crianças. Ao que me respondeu: ‘não, doutor, hontem fallei-lhes fraternalmente, não me quizeram ouvir e portanto *estou disposto a tratá-los com a maxima violencia*’. Diante disto compreendi nada mais ter que ouvir. Respondi: ‘Bem, capitão Facó, desde que é esta a ultima palavra que devo ouvir, dê-me licença porque vou dizer aos meus soldados reunidos no meu quartel general, o que penso: Nesse momento, o doutor director me diz: quaes são esses soldados, doutor Maltez? eu lhe respondi: os meninos que me esperam no salão Ruy Barbosa. Retirei-me. Longe de dizer uma só de minhas palavras da minha conferencia com o capitão Facó, procurei fallar sobre as grandes forças naturaes escravizadas á intelligencia do homem e fiz vêr que na natureza as cousas que mais nos encantam se fazem em silencio, embora as traduzam depois de maneira altissonante. Pedi-lhes, então, que em silencio se retirassem, sem um gesto só que traduzisse desrespeito, sem uma só palavra que revelasse descontentamento. (...) Riram-se todos e todos se apartaram sem que se verificasse o menor incidente (FMB. Livro de Atas da Congregação, 9/12/1932; grifo nosso).

O movimento grevista (a “paredê”) do Ginásio continuou e, no dia 18 de agosto, os estudantes de medicina “*declararam-se sympathicos ao movimento paulista de reconstitucionalização imediata do Paiz*” (Novis, 1932 *apud* FMB. Ata de 09/12/1932). O diretor Novis conseguiu dissuadi-los de fazer uma passeata pelo centro da cidade naquele mesmo dia. Os estudantes, mesmo conscientes que essas manifestações coletivas e democráticas estavam proibidas pelo regime discricionário, remarcaram-na para o dia seguinte. Mais uma vez o diretor negociou a não realização, porém os estudantes continuaram a fazer manifestações pró-Constituinte.

Na manhã de 22 de agosto, queixando-se de perseguições e agressões por parte da Polícia, os alunos do Ginásio da Bahia recorreram ao edifício da Escola médica como refúgio. Os ânimos ficaram exaltados e, por volta do meio-dia, foi hasteada na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, uma bandeira branca, com os seguintes dizeres em azul: “Faculdade Livre”.

Pela tarde, houve uma reunião extraordinária da Congregação, convocada pelo Diretor Prof. Aristides Novis, naquele mesmo dia. Nessa reunião, o Prof. Gonçalo Muniz ressaltou **a atitude de solidariedade dos acadêmicos de medicina aos alunos e alunas do Ginásio da Bahia**. Conforme a ata da Congregação, o Prof. Muniz declara:

antes de tudo, estar francamente ao lado da mocidade academica na defesa briosa e justa attitude, por ella assumida, adherindo a corrente, que agita toda a população brasileira - de anceios pela volta do paiz ao regimen da lei e da liberdade. Si, a respeito dessas louvaveis *manifestações das classes discentes* da Bahia, tal já era até então o seu sentimento, mais vivo, se tornou este após os injustificaveis actos de violencia perpetrados pela força publica contra os alumnos e alumnas do Gymnasio da Bahia, que correram a buscar amparo em edificio desta Faculdade, onde, como era de esperar, *foram recebidos, de*

braços abertos, pelos estudantes de medicina e dos outros cursos aqui professados, os quaes lhes hypothecaram plena solidariedade (FMB. Livro de Actas da Congregação, 22/08/1932; grifos nossos).

Na sacada da fachada principal do edifício da Faculdade discursaram algumas lideranças estudantis, quando disparos de armas de fogo “violentaram o ambiente em frente à Catedral de paz silente” (BRITTO, s/d).

Segundo o historiador Luis Henrique Dias Tavares (2001), policiais dispararam tiros em direção às janelas da Faculdade de Medicina da Bahia. “Foram respondidos, saindo desse tiroteio pessoas feridas e um morto” (p. 391). A sessão da Congregação na FAMEB foi interrompida com o tiroteio. Os disparos resultaram na morte de João Ferreira Santos, ex-empregado de hotel, e feriram outros populares, além do aluno da Faculdade de Medicina da Bahia, no curso de Odontologia, **João Falcão Brandão**, com um tiro na coxa. Os estudantes prenderam um guarda civil, acusado de ter dado o disparo, mas, por solicitação do Prof. Eduardo de Moraes, eles o libertaram.

Houve dentro da Faculdade um grande sentimento de indignação pela violência praticada. No final da tarde, o prédio da FAMEB estava totalmente sitiado pela Força Pública, com participação dos Bombeiros e da Guarda Civil, coadjuvados pelos membros da Legião Revolucionária. As entradas e saídas das ruas e ruelas das cercanias foram submetidas a controle, cerradas e interdita a afluência de pessoas e veículos na Praça 15 de Novembro, o Terreiro de Jesus.

A Congregação manteve-se em sessão permanente e resolveu enviar uma comissão de professores ao palácio do Governo, para um entendimento com o Interventor Federal, ficando a mesma constituída pelos professores Joaquim Martagão Gesteira, Eduardo Rodrigues de Moraes, Fernando Luz, Estacio Luiz Valente de Lima e o Director, Professor Aristides Novis. Ao anoitecer, a comissão regressou do Palácio e o Director, “*em linguagem repassada de funda e amarga commoção*”, comunicou aos alunos, das condições propostas pelo Interventor:

“1.º - os individuos que não pertencem á Faculdade e que aqui estivessem, seriam presos; 2.º - os que se confessassem responsaveis: a) entregando-se, seriam presos com todas as garantias; b) os que desejassem resistir, ficariam no edificio da Faculdade; 3.º - os innocentes, caso os responsaveis se apresentassem, seriam postos em liberdade, com todas as garantias. Ao mesmo passo, foi-lhes notificado que em caso de resistencia, o Interventor viria tomar as posições para ocupar, em seguida, militarmente, a Faculdade dentro em um praso fatal” (FMB. Livro de Atas da Congregação, 22/08/1932).

As atas (22/08 e 9/12/1932) e os documentos transcritos nelas não fazem referência, porém, numa matéria de jornal (*A Nação*, do Rio de Janeiro), Aloysio de Carvalho Filho

refere que, no confronto de rua, um estudante teria atingido mortalmente o João Santos referido acima (BRITO, s/d) e o interventor queria que os estudantes entregassem o autor do disparo.

O Prof. Prado Valladares foi ao Palácio solicitar do Interventor que lhe fosse dado acesso à Faculdade, pois tinha sido impedido pela força policial que fazia o cerco do prédio. Esse episódio serve para ilustrar a intolerância de um regime discricionário:

Então travou-se entre o Interventor e o Professor Valladares o áspero dialogo: Interventor: - O Snr. sabe o que vai fazer a Faculdade? - Prof. Valladares: - Sei. É o meu dever a solidariedade com os collegas que lá se acham reunidos, sem que essa minha attitude nada tenha que ver com os acontecimentos revolucionarios do Sul. - Interventor: - Pois si o Snr. tiver dignidade [sic] pegue de um fuzil e vá lutar com os seus companheiros. - Prof. Valladares: - Dignidade eu tenho, Snr. Interventor, mas esta não está presa á boca de um fuzil até porque eu nem sei atirar. Dignidade não será saber atirar, será antes saber quando se deve atirar ... e isto eu sei. O Interventor assoma-se de incontida palidez, grita várias vezes, retire-se: faz sinal a um miliciano que leva o Prof. Valladares quase aos empurrões até ao grande portão de saida, onde lhe diz com rudeza isso ou cousa sobrevalente em grosseria: ora, vá-se ... (FMB. Livro de Ata da Congregação, 22/08/1932).

O Governo tornou pública nota oficial dando conta que o edifício da Faculdade de Medicina da Bahia seria ocupado dentro de pouco tempo. Por volta das 22 horas e sob prenúncio de ocupação militar da Faculdade de Medicina da Bahia, renderam-se os ocupantes do “venerando edificio”, que foram presos. Nesse momento, houve um exemplo de solidariedade, que significou uma bela lição de ética dada pelos acadêmicos de medicina, num protagonismo coletivo em resposta às condições do Interventor:

“todos os estudantes haviam resolvido, nemine discrepanti [por unanimidade], assumir a inteira responsabilidade do movimento, ao tempo em que se rendiam”.

O Prof. Aristides Novis, como bom mestre, naquele momento difícil, não só aprendeu a lição com os acadêmicos, como teve a consciência que vivia um momento marcante da Faculdade, conforme o registro na ata da sessão da Congregação de 22 de agosto de 1932:

O Director, ainda uma vez, com a palavra, e após haver communicado aos alumnos a resolução acima tomada pelo Governo, termina por affirmar-lhes, possuido nas mesmas e cruciantes emoções impostas pelo momento, que as dissidencias por ventura sustentadas naquelle dia entre elles e a Directoria, sentia para sempre dissipadas na dôr por que passava a sua gloriosa Faculdade, se não naquelle *mesmo gesto de renuncia colectiva*, de edificante *belleza moral*, com que *todos acabavam de encampar a responsabilidade do movimento*" (grifo nosso).

A sessão da Congregação só foi encerrada às 23 horas e 30 minutos, depois dos professores terem assistido à rendição de todos os alunos. **514 estudantes** foram detidos

e conduzidos em “auto-ônibus” (“marinetes”) para a Penitenciária do estado. Posteriormente foram presos, fora da faculdade, e encarcerados sete professores: Euvaldo Diniz Gonçalves, Mario Andréa dos Santos e Álvaro Campos de Carvalho, Leôncio Pinto, na 2ª Delegacia; Eduardo Diniz Gonçalves na 1ª Delegacia; e Mario Carvalho da Silva Leal e Adolpho Diniz Gonçalves, na Penitenciária. Os dois primeiros eram membros do Conselho Técnico e Administrativo da Fameb.

O historiador Dias Tavares (2001), registra também a prisão do professor Clóvis Borja, dos advogados e jornalistas Luis Vianna Filho e Nelson de Sousa Carneiro, de Pedro Gordilho e Lauro Vilas Boas. Eles teriam sido logo libertados após interrogatório feito pelo auditor militar, capitão Roberto Heskect (p. 392)

O interventor Juracy Magalhães comunicou ao ditador Getúlio Vargas a respeito de “uma tentativa de rebelião dos estudantes da Bahia” (SILVA & CARNEIRO, 1998, p.12).

No dia 23 de agosto, como protesto contra a violência sofrida pela comunidade da Fameb, deu-se o pedido coletivo de renúncia dos dirigentes da escola médica: Diretor e todos os membros do Conselho acima referido (FMB. Livro de Atas da Congregação, 9/12/1932). Nesse pedido dirigido ao Diretor do Departamento Nacional de Ensino, Aloysio de Castro, que, juntamente com o Ministro da Educação Francisco Campos, solicitou a revisão de posição da direção da escola, o prof. Novis assinalou:

á credito do meu mais comovido apreço o gesto magnánimo daquelles que se conservaram até os ultimos instantes no recinto da Faculdade, - *meus nobres collegas de Congregação, alguns assistentes, o secretario, o bibliothecario e funcionarios* outros, até o mais humilde, participantes que o foram, todos, *dos mesmos riscos que passavam sobre a mocidade*, em admiravel renuncia de si mesmos, por ella exposto abnegadamente a propria vida, presa, aquella hora de incertezas, ao azar de circunstancias impenetraveis e ingratas (Novis, 1932 *apud* FMB. Ata 09/12/1932; grifos nossos).

O diretor recebeu apoio de políticos baianos, na capital Federal, como J.J. Seabra, Pedro Lago, João Mangabeira, Simões Filho e de personalidades, como do mestre Clementino Fraga. As ‘agremiações médicas’ (Sociedade de Medicina da Bahia e Sociedade Médica dos Hospitais) reuniram-se no dia seguinte da agressão à FAMEB, em duas manifestações de solidariedade aos professores e estudantes. Uma, à tarde, no Hospital Santa Isabel, e a outra na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Uma comissão escolhida na assembleia da tarde teve uma audiência com o Interventor Juracy Magalhães e ele disse que só ordenaria a soltura após o inquérito regular dos prisioneiros. O Interventor alegou que ocupou militarmente o edifício da Faculdade, em virtude de acreditar que “*o movimento academico estava articulado a um*

levantar militar, que, tivera denúncia, explodiria naquela mesmo dia” (22 de agosto). Comprometeu-se em apressar os interrogatórios para identificar os implicados e, então, libertar os demais detidos. Outra comissão foi feita para prestar assistência moral e material aos detidos e, na própria assembleia, foi feita a arrecadação de fundos para tal fim (FMB. Ata da Congregação, 09/12/1932). Essa Comissão visitou os estudantes na penitenciária e assim descreveu os testemunhos dos alunos em detalhado relatório:

Nesse momento foram narrados á Comissão, por alguns dos academicos, os vexames indescritíveis e os crueis soffrimentos por que passaram muitos delles, atirados, sem ar, nem luz, em cubiculos infectos e mal cheirosos, ha muito deshabitados pelos proprios presidiarios, taes as condições anti-hygienicas dos mesmos. Em varios delles não havia um só colchão, nem uma esteira ao menos, que assegurasse alguns minutos de repouso ao grupo de 6, 8 a 10 estudantes, ahi encerrados, sobre o cimento ou a lage fria, e entre as quatro paredes humildes do cubiculo! (Seabra, “Humilhação e Devastação na Bahia”, p. 49. *Apud* BRITTO, s/d)

No dia seguinte, mais duas comissões, uma da Faculdade de Direito e outra da Escola Politécnica (Engenharia), participaram de audiência com o Interventor. Este último assumiu colocar os professores em prisão domiciliar e liberar os estudantes que assinassem um documento afirmando não estar envolvidos no complô para derrubar o governo.

Naquele dia 24 de agosto, o Comitê Pró Reorganização do Proletariado Bahiano, organização composta de varias associações trabalhistas desta Capital, vinculada ao populismo, veio a público declarar que nada tinha a ver com o movimento ocorrido nesta cidade, em 22 do corrente, “entre academicos que pretendiam prestar o seu apoio ao movimento paulista” (BRITTO, s/d). No mesmo documento, refere que: “Como tal, fica não só o publico, como as autoridades sabendo que o proletariado bahiano jamais se insurgirá contra a *Dictadura*, que vem trabalhando honestamente para a salvação da nossa Patria” (idem; grifo nosso). Portanto, a natureza ditatorial do regime era reconhecida e saudada por uma entidade sindical atrelada à interventoria federal e ao governo Vargas.

O Prof. Antônio Carlos Nogueira Britto (s/d), em seu estudo histórico sobre este acontecimento em foco, levantou um número expressivo de documentos. Entre eles, destacamos um que refere um trecho que transcrevemos pela sua concisa lucidez sobre o episódio. Era do jornal de Buenos Aires, *La Prensa*, que diz textualmente: “*Duvidamos da mentalidade jurídica de um povo que prende professores e estudantes em Penitenciária. Em taes casos, o povo que tem brio levanta-se e fulmina a tyrannia.*”

O brio de alguns setores da sociedade baiana e brasileira não fulminou a tirania mas, ao menos, obrigou a ditadura a soltar inicialmente todos os estudantes e depois os professores, sem que eles cumprissem aquelas exigências humilhantes exigidas pelo interventor.

No dia 17 de setembro, com a recusa da Congregação para se reunir e escolher um novo diretor diante da renúncia do prof. Aristides Novis, a ditadura, ferindo uma prerrogativa garantida em lei à Congregação, nomeou o Prof. Augusto Vianna (FMB. Ata da Congregação, 09/12/1932).

O Prof. Luiz Pinto de Carvalho diz que, quando o Interventor deu o ultimato, um dos estudantes se levantara para assumir, sozinho, a responsabilidade do ocorrido e **todos, coletivamente, declararam-se responsáveis pelos acontecimentos**. Ele destacou no episódio os alunos e, tomando de empréstimo as palavras do Prof. Alcântara Machado, da Escola de Direito de S. Paulo, disse: *‘eu saúdo não os meus discípulos, mas os meus mestres: nós estamos aprendendo com elles’* (Novis, 1932 *apud* FMB. Ata da Congregação, 09/12/1932).

O catedrático de Neurologia não refere o nome do acadêmico que ia assumir a responsabilidade, o passado não nos legou esta informação, mas, por outro lado, deixou inúmeros testemunhos do protagonismo dos **Quinhentos e catorze (514) estudantes de medicina** que coletivamente mantiveram sua posição em defesa da liberdade e em repúdio à ditadura.

O Prof. *José Eugênio Mendes Figueiredo*, formado pela Fameb em 1927 e Professor de Patologia Geral, em repúdio a essa agressão sofrida pela Faculdade, em especial a violência para com seus alunos, recusava-se a dar aulas no dia 22 de agosto de cada ano até seu falecimento, em 1956, e registrava em caderneta as razões do seu gesto (TAVARES-NETO, 2008, nota 657, p.181). Em 2007, a Congregação aprovou proposta da diretoria da Fameb para que essa data, 22 de agosto, passe a ser lembrada como o *Dia de Resistência Cívica da Faculdade de Medicina da Bahia* (nota 687, p.182).

De 1832, quando a Escola de Cirurgia (e depois Colégio Médico-Cirúrgico) passou a ser denominada de Faculdade de Medicina da Bahia até 1932, a Fameb celebrou seu centenário num momento de agressão sofrida, mas com grandeza de seus membros, em especial os estudantes.

3.4. AS ENTIDADES ESTUDANTIS NA FAMEB

Esse protagonismo estudantil se constituiu num movimento social, como já referido, desde os anos 50 do século XIX, com a *Sociedade Abolicionista Dois de Julho*. Ele ampliou sua ação, como se nota na criação da *Sociedade Beneficência Acadêmica*, que recebia contribuição dos alunos-sócios, como se pode testemunhar no registro em muitas das teses inaugurais dos formandos de medicina: “Sócio efetivo da Sociedade Beneficência Acadêmica”. Com esses recursos, a SBA apoiava os alunos carentes. Como já analisamos o papel da *Sociedade Abolicionista Dois de Julho*, descreveremos a seguir a *Beneficência Acadêmica*, criada ainda no século XIX, e outras duas entidades estudantis também voltadas para os interesses dos estudantes: a *Sociedade Acadêmica Alfredo Britto*, de caráter mais científico-cultural e o *Diretório Acadêmico* da Fameb, de funções mais amplas, principalmente político-sociais, analisado aqui, sobretudo, nos seus primeiros anos.

3.4.1. *Sociedade de Beneficência Acadêmica*

O jornal dos acadêmicos *Lábaro* registrou, em exemplar de 1939, a importância da criação da **Sociedade de Beneficência Acadêmica (SBA)**, referida como “a primeira agremiação acadêmica brasileira, fundada a 15 de Setembro de 1872” (SOCIEDADE, 1939, p.123). Referia que a entidade da sociedade civil era “mais um passo dado pelos Acadêmicos da Faculdade de Medicina da Baía em prol do alevantamento moral e social da Classe” (Ibidem).

O artigo referia que por ela passaram todos os atuais professores da Fameb, como Alfredo Britto, Augusto Vianna, ambos ex-diretores; Manoel Victorino, Nina Rodrigues, entre outros (SOCIEDADE, 1939).

Há registro da *Revista da Sociedade Beneficência Acadêmica*, de julho de 1884 a 1885, editado pela *Typ. dos Dous Mundos*. Era uma publicação mensal e o redator-gerente era o acadêmico **Braz Hermenegildo do Amaral** (CARVALHO, 2007, p.132), formado em 1886. Os outros redatores eram: **Alfredo Brito**, formado em 1885, **Ezequiel Cândido de Souza Brito** e **Servílio Mario da Silva**, os dois últimos formados em 1887, entre outros acadêmicos.

Em sua Memória Histórica de 1909, o Prof. **José Eduardo Freire de Carvalho Filho**, formado em 1876, afirma que, estando no 2º ano, foi também um dos fundadores da *Beneficência Acadêmica*, junto com **Manoel Carlos Devoto**, o primeiro presidente,

Manoel Victorino Pereira, João Cândido da Silva Lopes, Aureliano Teixeira Garcia, formados também em 1876; **Adalardo Zeno Ribeiro da Silva**, da turma de 1877, entre outros. Naquele ano da MH do Prof. Freire de Carvalho Filho (1909), a data de criação da Faculdade de Medicina da Bahia (3 de outubro de 1832) foi celebrada pela *Beneficência Acadêmica*. O autor faz com clareza a distinção entre 18 de fevereiro de 1808, data da fundação do ensino médico no Brasil e 3 de outubro de 1832, data da criação das Faculdades de Medicina no país, Bahia e Rio de Janeiro (CARVALHO FILHO, 1913, p.44).

Manoel Devoto se tornou destacado educador, como outros médicos na Bahia: Abílio Cesár Borges, o Barão de Macaúbas, formado em 1847 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Ernesto Carneiro Ribeiro, formado em 1864 pela Fameb; e João Florêncio Gomes, formado pela Fameb em 1870. Manoel Devoto foi diretor do famoso Ginásio da Bahia de 1898 a 1918 (SOUZA, 1973).

Em 30 de Julho de 1919, a **Sociedade de Beneficência Acadêmica** foi reconhecida de utilidade pública pela lei n. 1331 (SBA, 1925). Em 1925, os estatutos da Sociedade foram reformados por uma Comissão composta pelos acadêmicos **Hosannah de Oliveira** (relator), e **Gildasio Amado** e **Luiz Rogério de Souza** e aprovados em assembleia de 30 de setembro de 1925 (Ibidem). Eram dirigentes na época da reformulação (1925-1926): **Vivaldo Palma Lima Filho** - Presidente, **Cleto Velloso** – Vice, **Bráulio Xavier Pereira Filho** - 1º Secretário e **Gildásio Amado** - 2º Secretário, **Luiz Rogério de Souza** – Thesoureiro, **Luiz Albano de Burgos Rodrigues** – Orador, **Joaquim Pinheiro Filho** - Bibliotecário (Ibidem, p.15 e 17). Formado pela turma de 1927, Luiz Rogério foi o 5º Presidente da Associação Bahiana de Medicina – ABM (1952-1953). **Hosannah de Oliveira, Bráulio Filho, Vivaldo Filho** e **Luiz Albano** foram da turma de 1927. **Cleto de Almeida Seabra Velloso** graduou-se em 1928 e **Joaquim Filho** em 1929. Não localizamos a formatura de **Gildásio Amado**.

Eram sócios da SBA os efetivos, os honorários e os beneméritos. Os efetivos tinham de ser os alunos matriculados na Fameb, “ser de moralidade reconhecida” e ser apresentado por proposta escrita de um sócio efetivo e obter maioria dos votos na sessão da diretoria (Art. 3º e parágrafos). O honorário era para todo aquele que, não estando em condições de ser admitido como efetivo, “possa contribuir para o engrandecimento da Sociedade” (Art. 9º). O benemérito era para toda pessoa “de idoneidade moral reconhecida que prestar relevantes auxílios á Sociedade ou contribuir de uma só vez com a quantia de quinhentos mil réis” (Art. 10).

As finalidades da SBA eram: auxiliar os sócios no pagamento de taxas de matrícula, de frequência e de exame; conceder uma pensão mensal aos que, sendo pobres e achando-se enfermos, pedirem o seu auxílio; e manter uma biblioteca para uso dos sócios (Art. 2º e parágrafos). Uma norma interessante é o parágrafo 4º do Art. 14, que penalizava o sócio que divulgasse o nome dos beneficiados (Ibidem, p.7).

Em 1922, a *Gazeta Médica da Bahia* noticiou que a *Beneficência Acadêmica* comemorou as bodas de ouro (1872-1922). A *Gazeta Médica* elogiou o “bem” que vem sendo praticado “por toda essa linda sucessão de jovens”. A solenidade consistiu numa missa na Catedral, inauguração da nova biblioteca e, à noite, sessão solene no salão nobre da FAMEB. Esteve presente o primeiro presidente, Dr. **Manoel Carlos Devoto**, da gestão de 1872. Depois da “oração” do prof. Aristides Novis, falou o acadêmico **Orlando de Calasans Ribeiro** (SOCIEDADE BENEFICÊNCIA, 1922, p.110), formado em 1924.

Na notícia do *Lábaro*, de 1939, assumia uma nova diretoria de caráter provisório, possivelmente para reerguer a entidade que deveria estar desativada (“uma sociedade que revive” era o título da matéria). Os dirigentes estudantis eram os seguintes: Presidente – **José Conrado Guerra**, Vice – **Cláudio Medeiros**, Secretário – **José Soares Vasconcellos**, Tesoureiro – **Hélio de Sá Carneiro**, Bibliotecário – **Ângelo Mário Brandão** e o Representante junto ao Diretório Acadêmico – **Antônio Garcia Filho** (SOCIEDADE, 1939, p.123). **José Guerra e Hélio Carneiro** graduaram-se em 1940; **Ângelo Mário Moura Costa Brandão** e **Antônio Filho**, em 1941. Não encontramos o registro de **José Soares Vasconcellos**, mas o de **José Silva de Vasconcellos**, também da turma de 1940. É mais um dado para ser verificado.

Na composição da diretoria, com um dirigente da Sociedade de Beneficência Acadêmica (SBA) para ser “representante junto ao DA”, já confirmava o dado de que a denominação de “Diretório Acadêmico” para a organização dos estudantes de medicina é anterior a 1939. No entanto, para dar “fisionomia às datas”, como destaca o filósofo alemão Walter Benjamin, entre as funções da História, obtivemos com mais precisão a data de criação dos Diretórios Acadêmicos no país. Através dos Estatutos do Diretório Acadêmico da FAMEB e das Escolas Anexas (Farmácia e Odontologia), aprovados em 5 de maio de 1941, verificamos o registro da criação desse órgão oficial de representação dos estudantes, feita através do Decreto Federal n. 19.851, é de 11 de

abril de 1931 (ESTATUTOS, 1941, p.3; grifo nosso). Mais adiante, quando analisarmos a história do Diretório Acadêmico, retomaremos esta questão.

Outra conclusão é que as duas entidades estudantis tinham funções diferentes. O DA com papel claro de representação política dos acadêmicos e a Sociedade de Beneficência, como o nome já refere (*Beneficência* = ação de fazer o bem a alguém), de apoio aos acadêmicos, em especial aos alunos com dificuldades socioeconômicas. Observe-se que há um diretor que tem a função de “bibliotecário”, pois livros eram adquiridos por doação ou mesmo compra para possibilitar o acesso à leitura dos colegas menos abastados. O texto do *Lábaro* registra ainda que se elevou o número de sócios e a sede passou a abrir todos os dias, tornando-se um ponto de encontro para os acadêmicos (SOCIEDADE, 1939).

3.4.2. Sociedade Acadêmica Alfredo Britto

Em 11 de maio de 1924, na reunião da “Sociedade Médica dos Hospitais” é lido um ofício da **Sociedade Acadêmica Alfredo Britto (SAAB)** comunicando a eleição e posse da nova diretoria. O presidente em 1925 era **Clemente Guimarães** (DANTAS, 2011, p.1), formado em 1926. Não conseguimos obter a data de criação da SAAB.

Em agosto de 1929, foi realizada uma conferência do Dr. José Silveira, formado em 1927, com o tema ‘Radiologia vascular no Brasil’, baseado em sua tese inaugural, promovida pela Sociedade Acadêmica “Alfredo Britto” (DANTAS, 2011, p.1).

No *Diário da Tarde* de Ilhéus, ano II, n. 457, de 9 de setembro de 1929, há referência à SAAB: “Terá início hoje, sob o patrocínio da Sociedade Acadêmica Alfredo Britto, a semana do Doutorando na Bahia, na qual se realizará a festa do estetoscópio” (SEMANA, 1929). Ver **Figura 9**, sobre a *Semana dos Doutorandos* da famosa turma de 1927.

O Lábaro, publicação oficial do Diretório Acadêmico (D.A.) da FAMEB e Escolas anexas de Farmácia e Odontologia, criado em 1937, tem uma seção “Sociedade Acadêmica ‘Alfredo Britto’”. Na publicação de setembro-novembro de 1939, há o registro que “a gloriosa Sociedade Acadêmica Alfredo Brito (sic) que vem seguindo uma vida de trabalho *em prol da cultura e desenvolvimento do estudante de medicina*, tem seu valor firmado em vistas das suas grandes realizações no seio da classe” (SOCIEDADE ACADÊMICA, 1939, p.126; grifo nosso). Como se verifica, havia um

relacionamento harmonioso entre as duas entidades, ficando claro que a SAAB tinha um perfil claramente científico-cultural.

Nessa mesma publicação, há o informe da nova diretoria da Sociedade Acadêmica, tendo sido eleito o acadêmico **Walter Britto**, formado em 1940, reconhecido como uma pessoa adequada ao cargo “pelas suas qualidades intelectuais e morais, pelo seu valor e prestígio no meio da classe em que é um estudante muito querido e festejado” (SOCIEDADE ACADÊMICA, 1939, p.126-127). Ao final da matéria, há ‘um apelo’ dos redatores do *Lábaro*, órgão oficial do DA, para que a nova diretoria da Alfredo Britto “siga, como tem seguido, lutando pela cultura do estudante de medicina” (Ibidem, p.127). Aqui os militantes do Diretório Acadêmico demarcam claramente o campo de ação da Sociedade Acadêmica. Essa demarcação tornava harmoniosa a relação das duas entidades.

3.4.3. Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia

No art. 1º de seus estatutos, aprovado em 5 de maio de 1941, há o registro da data de criação dos diretórios acadêmicos no país: “O Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia e Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia, *creado pelo Decreto Federal n.19.851, de 11/4/1931*, Órgão da legítima representação, para todos os efeitos, dos corpos discentes da mesma, com sede na Faculdade de Medicina” (ESTATUTOS, 1941, p.3; grifo nosso). Em 11 de abril de 1931 foi criada juridicamente no país a organização estudantil denominada de Diretório Acadêmico (D.A). Fica para investigações futuras saber se o movimento estudantil já se denominava D.A. antes, naquele momento ou foi depois dessa formalização legal.

Entre suas finalidades (Art. 1º) destacamos: a) criar e desenvolver o “espírito de classe”; defender os interesses dos corpos discentes e de cada aluno em particular perante os órgãos da direção técnico-administrativa das referidas Escolas; (...) f) prestar auxílio aos estudantes pobres; (...) i) pugnar pela gratuidade do ensino, pela abolição do limite de matrículas e por todas as medidas que conduzem a uma ampla democracia escolar; j) procurar, em comunhão de vistas com os outros Diretórios e Associações, melhorar a situação do estudante brasileiro (Ibidem, p. 3-4)

Para realizar suas finalidades (Art. 2º), uma das competências do D.A era a de “promover e coordenar, em união de vistas com as *associações acadêmicas*, palestras literárias, reuniões sociais e competições desportivas” (Ibid., p.5, alínea g, grifo nosso).

Outra finalidade é: “desenvolver os órgãos que visem uma larga expansão cultural, cooperando na formação do espírito universitário e repelindo todas as formas de opressão do pensamento” (alínea m).

Entre as Comissões do Diretório Acadêmico previstas nos Estatutos de 1941, estava a *Comissão Científica e de Intercâmbio Cultural*. Dentre suas atribuições, a Comissão cuidaria da realização das “Tertúlias Acadêmicas”, evento com premiação criado pelo D.A. para o melhor trabalho escrito de qualquer uma das matérias dos respectivos cursos (Medicina, Farmácia e Odontologia). A comissão examinadora seria composta por três docentes, convidados pela comissão. O autor do melhor trabalho teria sua matrícula gratuita (p.32-33). Outra comissão era a *Comissão Social*, que tinha entre suas competências a de patrocinar, junto com a Sociedade Acadêmica ‘Alfredo Britto’, a “Festa do Estetoscópio”, além de promover a “Festa da Saudade”, para os acadêmicos que vão deixar a Faculdade. (p.33)

A *Comissão de Publicidade e Informações* era responsável pela publicação da revista *Lábaro*, órgão oficial do Diretório, com periodicidade, pelo menos, trimestral.

A *Comissão de Beneficência e Previdência* tinha função de “prestar auxílio material aos estudantes de Medicina, Farmácia e Odontologia, realmente necessitados” (Art. 57, seção VI, p.39). Como não encontramos mais nenhum registro sobre a Sociedade “Beneficência Acadêmica” (SBA) depois de 1939, deduzimos que essa Sociedade, enquanto tal, desapareceu e suas funções foram absorvidas pelo D.A., que reformulou seus estatutos em 1941. Essa absorção pelo D.A. fica clara na leitura, principalmente, da Seção VI, da Comissão de Beneficência e Previdência (as competências da comissão são idênticas às da SBA, criada em 1872) e do Capítulo VIII da Biblioteca do Diretório (ESTATUTOS, 1941, p. 41-43), que adquiria livros e assinaturas de revistas científicas, para serem colocados em disposição de todos os estudantes.

Observe-se que a Comissão Social patrocinava a *Festa do Estetoscópio*, juntamente com a Sociedade Acadêmica Alfredo Britto (alínea a, Art. 51, Seção II, p.33) que, naquele momento (1941), estava mantida como entidade autônoma ao D.A. Sobre essa entidade cultural, até o momento, não obtivemos a data de seu desaparecimento.

Encontramos no *Lábaro*, revista do D.A., a descrição da *Festa do Estetoscópio* de 31 de Outubro de 1939. Patrocinada pelo D.A. juntamente com a Sociedade Acadêmica Alfredo Britto, foi realizada no Salão Nobre da Fameb. A sessão foi aberta pelo diretor,

Prof. Edgard Santos. Falou em nome do Diretório o acadêmico **Clarival Valladares**. O aluno do sexto ano **Newton Câmara**, da turma de 1939 passou, em gesto simbólico, o estetoscópio aos quintanistas. O aluno **Mário Torres**, da 5ª série médica, falou em nome dos colegas (FESTA, 1939, p.127).

Newton Leopoldo da Câmara formou-se em 1939, 123ª turma da Fameb. **Mário Brandão Torres** se graduou em 1940. **Clarival do Prado Valladares**, formado também em 1940, foi professor da Fameb, depois se transferiu para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (TAVARES-NETO, 2008).

Encontramos também referência a *Festa da Saudade*, realizada “na sede luminosa do Clube ‘Fantoches da Euterpe’ ” (FESTA DA SAUDADE, 1939, p.127), em 25 de novembro de 1939, “celebrada tradicionalmente todos os anos, em meio às efusões sentidas, de corações que partem, saudosos dos que ficam, de corações que ficam, saudosos dos que partem...”(Ibidem). O paraninfo foi o Prof. Estácio de Lima (ver na galeria, **cap. 1** deste volume). Falou também, o Prof. Edgard Pires da Veiga (também na galeria) e, pelo Diretório, o acadêmico **Arlindo Amado**. O acadêmico **João Savastano** leu uma crônica intitulada ‘Saudade’ (Ibid.) **Arlindo Amado** se formou na turma de 1940. **João Gilbert Savastano** é da turma de 1942 (TAVARES-NETO, 2008).

Neste número do *Lábaro*, há um registro triste: o falecimento do acadêmico de medicina **Almino Araújo**, do 6º ano. Ele foi um dos idealizadores do jornal “Lábor”, depois denominado *Lábaro*. Lutou também como Tesoureiro do D.A. na campanha exitosa da “classe acadêmica” pela redução em 50%, ou seja, a meia passagem nos bondes e meia-entrada nos cinemas e teatros (ALMINO, 1939, p.126). Como aprendemos com o acadêmico de medicina e, depois, médico e escritor Guimarães Rosa: ‘as pessoas não morrem, ficam encantadas’, registremos nesta página, para que fique encantado e, desse modo, seja conhecido pelos leitores das novas gerações, o militante que, “nesta Faculdade soube cedo impor o seu caráter reto e a sua inteligente privilegiada” (Ibidem).

Nos anos 70, quando entramos na faculdade o *Diretório Acadêmico* da Faculdade de Medicina da Bahia já se denominava *DAMED - Diretório Acadêmico de Medicina*. Desse modo, nos anos 70, era o DAMED que exercia plenamente o seu protagonismo coletivo.

3.5. UMA PESQUISA HISTÓRICA PARA SER FEITA

A partir daqui, então, caberá um estudo mais detalhado dos acontecimentos que envolvam o protagonismo destacado do alunado e isso não significa que os períodos precedentes estão adequadamente estudados. A força da ciência da história é essa: novas pesquisas podem detalhar fatos já narrados e retificar as informações analisadas, com novas descobertas e interpretações.

A seguir, vamos enumerar os momentos de protagonismos acadêmicos para futuras pesquisas, com mais profundidade no estudo, sobretudo das fontes primárias e, nos momentos mais recentes, com depoimentos dos testemunhos.

3.5.1. *A luta pela criação do hospital-escola.*

O Hospital da Caridade São Cristovão (1808-1896) e depois o Hospital Santa Izabel, ambos da Santa Casa de Misericórdia, foram os hospitais-escola da Faculdade de Medicina da Bahia. Mas a comunidade da Fameb - professores, alunos e funcionários - sempre desejou um hospital diretamente vinculado à faculdade. Essa foi uma luta do prof. Edgard Santos (ver “galeria dos encantados” **cap 1, v. III**) e outros professores, como Fernando Luz, José de Aguiar da Costa Pinto, Fernando São Paulo e Flaviano Silva, entre outros. Nessa luta, a escola sempre contou com o apoio decisivo dos acadêmicos de medicina. Esse protagonismo está descrito no livro *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)*, da Prof^a. Eliane Azevêdo (2008).

Em 1933, quando da vinda de Getúlio Vargas a Salvador, os **doutorandos** conseguiram apresentar ao presidente o pedido de apoio à construção do Hospital das Clínicas. Eles contaram com o apoio destacado e presença do Prof. Fernando São Paulo (ver na galeria dos encantados), além da intermediação do Interventor na Bahia, Juracy Magalhães, que buscava melhorar sua imagem perante a Faculdade, depois de desastrosa ação em 1932, já descrita.

O movimento estudantil criou, em 1936, o **Núcleo Acadêmico Pró-Hospital das Clínicas**, com a participação decisiva dos alunos da **5º série do curso médico**. Essa ação teve entre seus principais articuladores o acadêmico **Humberto Fernando Forte**, formado em 1935. “O Núcleo traçou amplo programa de ações que se iniciava com o lançamento de manifesto pela imprensa e pelo rádio. Dentre as ações de mobilização,

destaca-se a ida, por conta própria, de uma comissão ao Rio de Janeiro que, sendo recebida em audiência especial pelo Presidente Getúlio Vargas, obteve deste o compromisso de apoio à construção do Hospital desde que lhe fosse apresentado um projeto” (AZEVEDO, 2008, p.158)

Esta foi uma luta vitoriosa pois, em outubro de 1938, foi lançada a pedra fundamental do Hospital das Clínicas pelo Diretor da Fameb, Prof. Edgard Santos. No entanto, o hospital só foi inaugurado uma década depois, em 21 de novembro de 1948, quando já estava criada a Universidade da Bahia, em 8 de abril de 1946, e instalada na data simbólica do *Dois de Julho* daquele mesmo ano, no Salão Nobre da FAMEB. Numa homenagem justa o hospital recebeu, posteriormente, o nome de Hospital Universitário Prof. Edgar Santos (HUPES) e, mais recentemente, tornou-se Complexo-HUPES, envolvendo o Ambulatório Magalhães Neto e o Centro Pediátrico Prof. Hosannah de Oliveira.

3.5.2. Os estudantes e o movimento contra o nazifascismo

No início dos anos quarenta do século passado, houve uma série de manifestações nas ruas e praças nos maiores centros urbanos do país, inclusive Salvador, pressionando o governo brasileiro a declarar guerra ao nazi-nipo-fascismo.

As organizações estudantis, com destaque para a dos estudantes de medicina, participaram dessas manifestações. A União Nacional dos Estudantes, criada em 12 de agosto de 1932, que de início aprovou uma proposta do DCE de Minas Gerais, “proibindo, expressamente, a discussão de temas políticos” (BEVILAQUA, 2004, p.23), no ano seguinte, já apresentava teses políticas (POERNER, 2004), como as de apoio à delegação brasileira na 8ª Conferência Pan-Americana, em defesa dos “princípios invioláveis da democracia, da paz e da liberdade” (BEVILAQUA, 2004, p. 24). Em 1942, no dia 4 de julho, dia da independência dos EUA, a UNE participou ativamente da histórica passeata, pedindo a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados e pela democratização nacional (Ibidem).

Com a morte de 600 brasileiros, entre passageiros e tripulantes de navios mercantes em águas territoriais brasileiras, vítimas de submarinos alemães, houve a declaração em 20 de agosto de 1942. Essas organizações patrióticas e antifascistas não aceitavam uma simples declaração formal do governo Vargas, queriam uma participação efetiva do país na guerra ao lado dos aliados. Em 2 de abril de 1943, houve um grande comício, sendo

a primeira manifestação pública unindo autoridades estadonovistas com lideranças da sociedade civil na Bahia. Entre estas, estavam a *Legião dos Médicos para a Vitória* e a União dos Estudantes da Bahia, cujo presidente era o estudante de medicina **Álvaro Rubim de Pinho**, formado em 1945 (ver **cap. 1** deste volume), que discursou nesse histórico comício, como registra o historiador Luis Henrique Dias Tavares (2001, p.432).

A *Legião dos Médicos para a Vitória*, com participação de professores, profissionais médicos e maciça participação dos alunos de medicina, criada em 1942, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, foi uma organização da sociedade civil que teve destacada atuação na luta pela participação efetiva do país na guerra. A Legião teve como presidente o prof. Eduardo César Rodrigues de Moraes e, entre as lideranças estudantis, destacou-se o acadêmico **Antônio Jesuíno dos Santos Netto**, formado em 1944. Formado, torna-se Professor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, tendo sido Professor Titular. Foi também o terceiro Presidente (1953-1955) do Instituto Bahiano de História da Medicina e das Ciências Afins (TAVARES-NETO, 2008). Este memorialista testemunhou a sua efetiva liderança nas entidades médicas (associação, conselho e sindicato) e sua atuação profissional, em particular nos órgãos da Previdência Social.

No pós-guerra, lideranças de medicina continuavam a se destacar no movimento estudantil. **Humberto Luís da Trindade (Fig. 10)** já tinha se destacado como líder estudantil secundarista, integrando a Associação dos Estudantes Secundaristas da Bahia (AESB), de 1945 a 1947, participando na luta pelo *Petróleo é Nosso*, “um dos maiores movimentos de opinião pública da história do Brasil” (POERNER, 2004, p. 42), pela anistia e pela democratização do país e da Bahia. Segundo o testemunho de seu contemporâneo Hermano Gouveia Neto (1977), **Humberto Trindade**, formado em 1952, “foi figura de destaque na política universitária, presidindo o diretório acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia”.

Entre 1946 e 1950, os primeiros anos da Universidade da Bahia, os estudantes se dividiam entre “juracistas” e “mangaberistas”, além de um contingente menor, mas bem organizado, de “socialistas”, segundo o estudioso Waldir Freitas Oliveira (1999, p.320). Os mangaberistas, aliados aos socialistas, foram hegemônicos na **UEB – União dos Estudantes da Bahia**. Em 1947 foi eleito para a presidência da UEB o estudante de medicina **Antônio Carlos [de Andrade] Barbosa**, formado em 1951; e, em 1950, também de medicina, o acadêmico **Carlos Alberto Kruschewski**, formado em 1953.

Um desafio aqui se impõe para os próximos memorialistas ou mesmo estudiosos da História; o de realizar um maior detalhamento desses movimentos sociais na medicina e na saúde como um todo.

Nos anos 50, destaca-se entre as ações coletivas dos estudantes a paralisação de 1956 pelo descontentamento do alunado com a atuação didática do prof. José Coelho dos Santos, Professor Catedrático de Anatomia Patológica (ver na galeria dos professores falecidos). Segundo a memorialista Eliane Azevêdo (2008), na época estudante da 1ª série do curso: “Não obstante a longa duração dessa greve, o Professor permaneceu inatingível” (AZEVEDO, 2008, p.145). A professora Eliane compara esta luta com a paralisação de 1901, quando, por um ato de grosseria por parte do diretor, os estudantes obtiveram êxito com a renúncia e imediata substituição do mesmo (ver análise em item anterior). Tavares-Neto (2008) identifica nisso o poder ilimitado do Professor Catedrático e o malefício de um corporativismo contrário ao bem comum, em vez da defesa dos legítimos direitos da corporação. Nos anos 60 continuaram os protestos e paralisações discentes, inclusive depois do golpe militar de 1964, quando as lutas estudantis foram reprimidas. A razão dessa insatisfação eram as aulas proferidas com baixíssimo tom de voz, às vezes com duração de duas a três horas e, o mais grave, eram meramente teóricas, com escassas lâminas para o estudo da anatomia patológica. Embora tenha sido suspenso pela Congregação duas vezes, ambas por 30 dias, uma em dezembro de 1951 e outra em junho de 1959, ele continuou a ensinar até se aposentar nos anos 70 (PROF. DR. JOSÉ, s/d).

3.5.3. As lutas estudantis no regime militar (1964-1985) e no período pós-ditadura

Examinando as atas das sessões da Congregação nos primeiros meses de 1964, constatamos que eram representantes estudantis os estudantes **Carlos Mangiere** e **Sebastião Antônio Loureiro de Souza e Silva** (FMB.UFBA. Ata da Congregação, 04/02/1964), formados respectivamente em 1965 e 1964 (TAVARES-NETO, 2008).

Foi apresentado pelos representantes estudantis um ofício da UNE, assinado por Lauro Morhy, 1º secretário da entidade, em nome do Presidente, o estudante José Serra, comunicando a decisão da “classe de pugnar no corrente ano, mais uma vez, pela ampliação do número de matrícula e preenchimento de todas as vagas nas Escolas Superiores”. O segundo representante estudantil, o acadêmico **Sebastião Loureiro**, ressalta o esforço do Ministro do MEC pelo aumento de vagas e a visão que tem do

“problema médico social no Brasil” e destacou, o acadêmico, a necessidade de maior número de médicos, sendo apoiado pelos professores Roberto Santos e Jones Seabra.

Na reunião seguinte, em 31 de março de 1964, apareceu o velho problema de Anatomia Patológica, cátedra regida pelo prof. José Coelho dos Santos (ver no **cap. 1** deste volume). O “segundo representante da classe estudantil”, acadêmico **Sebastião Loureiro**, deu notícia da insatisfação da 3ª série com o ensino na citada cadeira, referindo a “incapacidade didática, física e de relações humanas do professor” (FMB.UFBA. Ata da Congregação, 31/03/1964, p. 4). Declarações críticas ao professor de Anatomia Patológica foram feitas também pelos docentes Augusto Mascarenhas e Nelson Soares Pires (ver ambos na galeria dos encantados, no **cap. 1** deste volume). Verifica-se que, efetivamente, o golpe militar que destituiu o presidente João Goulart foi um 1º de abril pela normalidade do dia 31 de março nessa sessão.

Na sessão da congregação seguinte, em 29 de abril de 1964, o clima já era outro. **Carlos Mangieri**, Presidente do DAMED, e **Sebastião Loureiro**, não aparecem mais como representantes da “classe estudantil” e sim o novo presidente do DAMED, *Adelmar Pereira da Silva* e o 2º representante da classe, o acadêmico *Aurélio Assis Filho* (FMB.UBA. Ata da Congregação, 29/04/1964, p. 1).

O diretor da FAMEB, prof. Carlos Geraldo de Oliveira, comunicou na sessão que “os Sns. Acadêmicos, após o movimento das Forças Armadas no restabelecimento das instituições democráticas do País [sic], lançaram uma Proclamação, cujo teor se acha anexo, por cópia, aos dirigentes da classe.” (Ibidem). Em seguida, como presidente da sessão, deu as boas vindas aos novos representantes, dizendo esperar “um trabalho sadio e disciplinado”. Vale registra também que o diretor pôs em relevo “a maneira educada e respeitosa como se conduziram os últimos representantes” e declarou que renovava “o voto de respeito, acatamento e congratulações feitas pela Diretoria às Forças Armadas, na pessoa do Gen. Manoel Mendes Pereira, Comandante da 6ª Região Militar” (Ibid.).

Cabe aqui deixar registrado nesta memória a “proclamação” anexa, um documento supostamente dos estudantes, sem data e sem assinatura pois, como disse o diretor Carlos Geraldo, é uma cópia e como tal foi anexada à ata. Ela tem o seguinte teor:

“OS ALUNOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, APLAUDINDO A ATITUDE TOMADA PELAS FÔRÇAS ARMADAS NA DEFESA DOS IDEAIS DEMOCRÁTICOS DO POVO BRASILEIRO E PROFUNDAMENTE CONSTERNADOS COM A EXISTÊNCIA DE MATERIAL SUBVERSIVO NAS SEDES DAS ENTIDADES ESTUDANTIS, RESOLVEM SEJAM CONSIDERADOS VAGOS OS

CARGOS DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DESDE QUANDO SEUS OCUPANTES JÁ NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DOS ESTUDANTES DESTA CASA. ASSIM SENDO, CONVOCAM A ASSEMBLÉIA GERAL DOS ESTUDANTES, EM DIA E HORA A SEREM MARCADOS, NESTA FACULDADE, PARA ELEGER OS NOVOS DIRIGENTES DO SEU DIRETÓRIO”.

Como o prof. José Tavares-Neto (2008, p.188-189) ressalta, nessa reunião de abril, além da ausência dos representantes estudantis até março, **Carlos Mangieri e Sebastião Loureiro**, estava ausente também o prof. Nelson Pires, que havia fugido do país, ante a ordem de prisão expedida pelo comandante da 6ª região militar. Nessa sessão, o diretor Carlos Geraldo de Oliveira, que declarou ser “essa a primeira reunião da Congregação após o vitorioso movimento militar pela restauração das instituições democráticas do país” [*sic* mais uma vez], negou o pedido do prof. Nelson Pires de licença especial, alegando, além de uma “severa acusação” do Comandante da 6ª Região Militar, o indispensável comparecimento do professor (Ibid.).

Ainda durante a ditadura, nos anos 70, a própria Justiça Militar inocentou o prof. Nelson Pires de todas as acusações e ele foi reintegrado aos quadros do serviço público. Em 2008, a Congregação aprovou uma *Moção de Desagravo*, que foi entregue à família do professor (Ver a breve biografia do prof. Nelson Pires no **cap. 1** deste volume).

Por fim, na avaliação deste memorialista, lendo a sessão de abril, não houve uma fala memorável. Mas não deixaram de serem dignas as manifestações dos professores Hosannah de Oliveira, que relembrou o episódio do concurso do Prof. Nelson Pires, no qual ele se recusou a dar às forças armadas o atestado ideológico do então candidato, do Prof. José Silveira, que apoiou a fala de Hosannah, e de Fernando Freire de Carvalho Luz, que separou a questão em dois pontos. O 1º ponto, referente à atividade subversiva, afirmando que “a Congregação não deveria se imiscuir”, apoiando também a fala do prof. Hosannah, e o 2º ponto, sobre a questão moral, pela denúncia de “baixa moral” insinuada pelo comandante em ofício ao diretor, que, sendo uma denúncia, cabia um competente inquérito. Lamentáveis foram os pronunciamentos dos Professores Jorge Novis, Rodrigo Argollo, Magalhães Neto e, principalmente, do diretor, prof. Carlos Geraldo de Oliveira.

- A sede do DAMED depredada em 1971

Os movimentos grevistas nas instituições públicas foram reprimidos no início do golpe militar de 1964, mas logo renasceram com as revoltas de 1968, que tinha um

caráter mundial, mas teve aqui uma cor local. O movimento estudantil voltou a ser duramente reprimido, sobretudo depois do Decreto n 477, de 1969.

Em 1971, a sede do DAMED, na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, foi depredada pela Polícia do Exército e praticamente todo o acervo de documentos destruído ou levado pelas forças militares (Ver no **cap. 2** deste volume o protagonismo do barbeiro da Fameb, *Seo Bina*, nesse episódio).

Naquele momento, foram presos vários estudantes, inclusive o Coordenador do Diretório, o acadêmico **Edilson Bittencourt Martins (Fig. 11)**, formado em 1973 (TAVARES-NETO, 2008, p.190).

- As lutas estudantis no processo de redemocratização da sociedade brasileira e o protagonismo na conjuntura mais recente: uma história por fazer

Após 1974, com o regime militar em crise e a consequente “distensão lenta e gradual” do governo do General Ernesto Geisel e, depois, com a “abertura política” do General Figueiredo, as lutas da sociedade civil pela redemocratização do país, sobretudo a partir da segunda metade da década de 70 do século XX, retomaram com todo o fôlego. Esse processo de luta resultou no movimento das “diretas já” e no fim do regime militar em 1985.

Como esse memorialista entrou na FAMEB-UFBA em 1973, testemunhou a luta dos estudantes de medicina contra o regime militar e pela redemocratização do país, com destaque para a paralização de 1975, pela manutenção do caráter público do “Hospital das Clínicas”, e a greve de 1978, que recuperou o prédio do antigo IBIT, construindo no lugar o Complexo Pediátrico Prof. Hosannah de Oliveira. Estas duas lutas, pelo efetivo protagonismo estudantil, precisam ser contadas com detalhes, como as lutas pela redemocratização do país e pela autonomia universitária dos anos 80.

Todo esse período da metade da década de 60 até o momento atual fica como tarefa para um futuro memorialista. Já extrapolamos todos os prazos.

Do período da pós-ditadura (de 1985 até o momento atual), fica como registro para ser estudado o protagonismo do movimento estudantil em medicina, aqui representados pelos Coordenadores do **Diretório Acadêmico de Medicina (DAMED)** da Faculdade de Medicina da Bahia de 1996 a 2010 (**Quadro 3.7**).

QUADRO 3.7**- COORDENADORES DO DAMED - DIRETÓRIO ACADÊMICO DE MEDICINA**

ANO	COORDENADOR DO DAMED	FORMATURA
1996	Marchus Alessandro Silva de Lima	Turma 2000.1
1997	Eduardo Freire Melo	Turma 2001.1
1998	Andrés Castro Alonso Filho	Turma 1999.1
1999	Sílvio Roberto Medicina Lopes	Turma 2002.1
2000	Humberto Torreão Herrera	Turma 2003.2
2001	Gion Alessio Rocha Brunn	Turma 2006.2
2002	Moisés de Melo Sampaio	Turma 2005.2
2003	Lívia Maria Bomfim Mendes Moisés de Melo Sampaio Rosse Carneiro Osório	Turma 2006.2 Turma 2005.2 Turma 2007.2
2004	Marcos Antonio Trajano Ferreira	Turma 2007.2
2005	José Santos Sousa Santana	Turma 2007.2
2006	Diego Espinheira da Costa Bomfim	Turma 2009.2
2007	Luamorena Leoni Silva	Turma 2012.1
2008	Gabriel Schnitman	Turma 2011.2
2009	Fernanda Fernandes Fonseca	Turma 2012.1
2010	Marta Teixeira Rocha	-

Fonte: Convites de Formaturas recebidos pelo memorialista.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Da conjuntura mais recente, deixemos o registro do principal protagonista da FAMEB, os **Estudantes**, em algumas de suas ações coletivas relevantes:

- na luta contra o processo perverso de privatização no hospital-escola (HUPES) pela Fundação Baiana de Cardiologia (FBC); e a vitória no Conselho Universitário da UFBA que resultou na denúncia do convênio e no afastamento da FBC da universidade pública e gratuita;
- no movimento pela atual *transformação curricular* (ver **cap.1, 2 e 3**, do vol 1);
- mais recentemente ainda, na manutenção pela FAMEB da sede do Terreiro de Jesus e, sobretudo, do Prédio do Canela, ameaçados e, este último, quase perdido, por manobras e atos urdidos contra a escola *mater* da medicina brasileira;
- e, com o corajoso boicote ao Enade, na conquista de recursos para a reforma do reconquistado Pavilhão de Aulas e Projetos da FAMEB, no Vale do Canela, e para a criação do Laboratório de Habilidades, entre outras reivindicações atendidas.

Mas, estes acontecimentos pertencem a outra história...

CAPÍTULO 3 - FIGURAS 1 – ALGUNS DOS ALUNOS PROTAGONISTAS



Figura 1 - José Alves de Melo (1847-1901). Acadêmico condecorado na guerra do Paraguai. Formado pela FAMEB em 1871 e depois Professor Opositor em 1873 e Lente de Química (1875) e de Física Médica (1877).



Figura 2 - Sátyro Dias. Acadêmico condecorado na guerra do Paraguai. Formado pela FAMEB em 1870. Deputado Provincial, em 1878-1879, tornando-se um político influente. Como Presidente da **Província do Ceará** (1883-1884) assinou a emancipação completa de seus escravos, em 25 de abril de 1884, quatro anos antes da abolição.

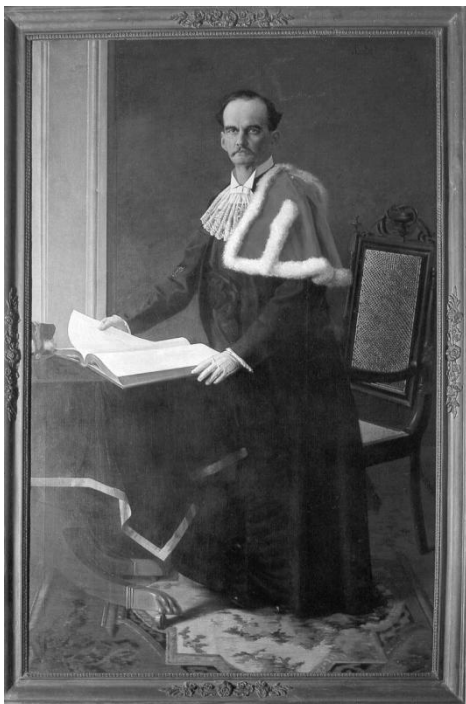


Figura 3 - Antônio Pacífico Pereira (1846-1922).

Acadêmico formado e laureado pela FAMEB em 1867. Membro fundador da Escola Tropicalista da Bahia ainda como estudante da FAMEB. Opositor de Cirurgia em 1871, Lente de Anatomia e depois de Histologia, a partir de 1882. Diretor da FAMEB de 1895 a 1898.



Figura 4.1 - Rita Lobato Velho Lopes, a primeira estudante a se formar em Medicina na FAMEB em 10 de dezembro de 1887, o que lhe conferiu um título maior, o da “primeira médica” formada numa Faculdade de Medicina do país.



Figura 4.2 - Maria Odília Teixeira, foi a primeira mulher negra a se graduar em Medicina na FAMEB (em 1909).



Figura 5 - Sérgio Cardozo, nasceu em 7 de outubro de 1858 em Berimbau, município de Santo Amaro da Purificação, Bahia. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1876 e cursou até o 5º ano, quando abandonou o curso para se dedicar à luta abolicionista.



Figura 6 - O jovem formando de 19 anos Juliano Moreira, que escreveu sua tese doutoral *Etiologia da Syphilis Maligna Precoce*, aos 18 anos, aprovada com *Distinção*. Segundo seu discípulo Afrânio Peixoto, mereceu referências elogiosas de estudiosos estrangeiros.

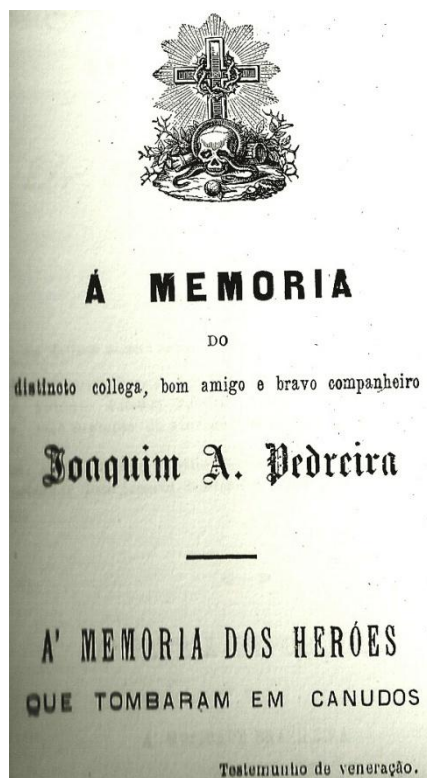


Figura 7 – Dedicatória de **Alvim Horcades** em seu livro “Descrição de uma viagem a Canudos” ao colega **Joaquim Pedreira**, falecido na campanha de Canudos por uma ‘moléstia grave’.

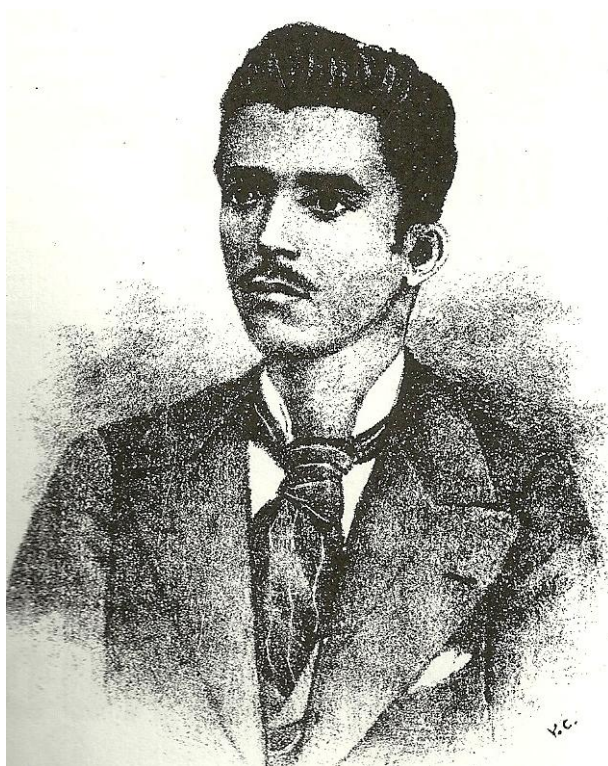


Figura 8 – **Alvim Martins Horcades**, autor do livro “Descrição de uma Viagem a Canudos” de 1899, ainda acadêmico de Fameb voluntário na Assistência aos doentes e feridos da guerra de Canudos.

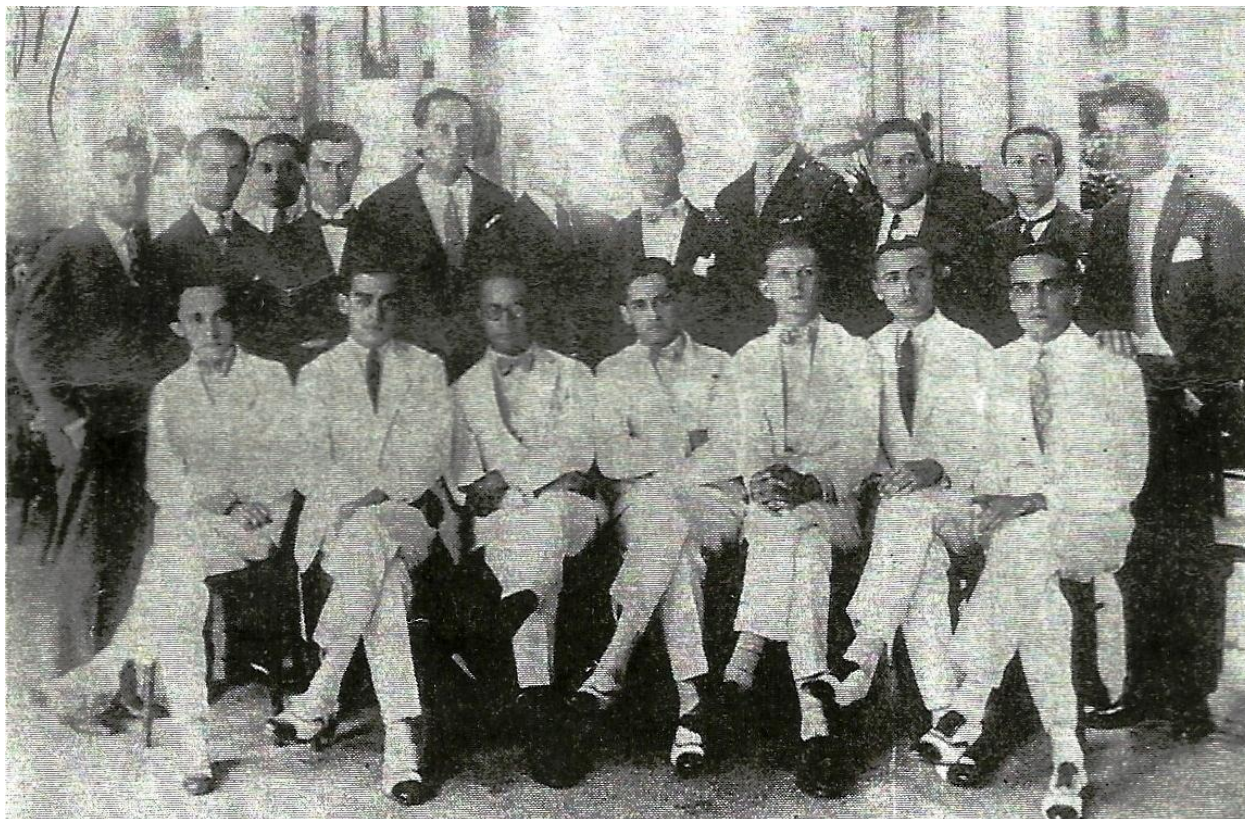


Fig. 9 – Semana dos Doutorandos sessenta anos depois (1867-1927).

De pé (da esquerda para a direita): Walter Costa, Vivaldo Palma Lima, Menandro (Secretário da Sociedade Acadêmica Alfredo Britto), Thales de Azevedo, Oscar Gordilho (Presidente da Sociedade Acadêmica Alfredo Britto), vulto sem identificação, Jorge Valente, Washington Landulfo, Diógenes Vinhaes, Luís Rogério, José Figueiredo.

Sentados: Manoel Guimarães, Carlos Moraes, Arnaldo Tavares, Octacílio Lopes, José Silveira, Benjamim Carvalho e Hosannah de Oliveira.

Walter Lucas Costa, Vivaldo Palma Lima Filho, Menandro [Martins Dantas], Secretário da SAAB, não é da turma, mas da entidade estudantil que promove a Semana; **Thales Olympio Góes de Azevedo**, emintente historiador e antropólogo, Prof. Catedrático da Faculdade de Filosofia da Bahia, depois FFCH-UFBA; **Oscar Velloso Gordilho**, da turma de 1929, aluno laureado com Prêmio Manoel Victorino; o vulto com a face apagada, não tem registro também na matéria de jornal de onde foi feita a cópia; **Jorge Valente**, ver na *galeria dos encantados*, cap. 1 deste volume; **Antonio Washington Landulfo, Diógenes Gomes da Costa Vinhaes**, pai de cinco médicos e professores da Fameb (Almira Maria, Lycia Adelaide, formadas em 1956, Antonio Francisco e Diógenes, da turma de 1966, e Alcina Maria Junquilha Vinhaes, da turma de 1970); **Luís Rogério de Souza**, presidente da ABM, de 1952-1953; **José Eugênio Mendes Figueiredo**, professor de Patologia Geral; **Manoel Guimarães Correia; Carlos Rodrigues de Moraes**, ver na galeria, **Arnaldo de Assis Tavares, Octacílio de Carvalho Lopes; José Silveira**, ver na galeria; **Benjamim Alves de Carvalho e Hosannah de Oliveira**, este último também na *galeria dos encantados*.



Figura 10 – Acadêmico **Humberto Luís da Trindade**, formado em 1952, líder estudantil desde o movimento secundarista, integrando a Associação dos Estudantes Secundaristas da Bahia (AESB), de 1945 a 1946 e o DAMED de 1947 a 1952, tendo sido presidente do D.A.. Foi médico e diretor da Fundação SESP no Pará. O seu encantamento se deu em abril de 1977 (GOUVEIA, 1977)



Figura 11 – Acadêmico **Edilson Bittencourt Martins**, na formatura de 1973. Coordenador do DAMED em 1971, quando foi preso pelas forças repressivas da ditadura Militar. Professor do Departamento de Pediatria em 2008, foi Diretor eleito em 2001 do Complexo Hupes

ANEXO I

100 ANOS DE PERIÓDICOS ACADÊMICOS DA FAMEB

Os estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia têm entre suas práticas uma de antiga tradição: a redação de periódicos acadêmicos. A maioria é de natureza científica ou científico-literária, mas existiram também os de caráter político-estudantil, críticos, satíricos, bem como os informativos e noticiosos.

O primeiro periódico acadêmico publicado na Bahia, de caráter literário, foi *A Borboleta*, que tinha uma quadra como divisa: *Vai borboletinha, vai / Cumprir a tua missão, / Dá por festa aos brasileiros / Puro amor, pura afeição* (CARVALHO & TORRES, 2007). Ele apareceu quarenta anos após a criação da escola médica e foi editado durante o biênio 1848-49 (PASSOS, 1971). As edições eram dominicais e em papel de cores diversas, redigido pelo seu fundador, o quintanista **Firmino Coelho do Amaral**, com a colaboração do colega de turma **Augusto Victorino Alves do Sacramento Black**.

Firmino do Amaral, ao encerrar a publicação desse primeiro periódico, lançou na companhia do colega **José Cândido da Costa**, em agosto de 1849, o periódico mensal *O Horizonte*, de letras e ciências. Prosador e poeta, **Firmino Amaral** se graduou junto com os outros dois colegas, **Sacramento Black** e **José Cândido da Costa**, em 1849 (TAVARES-NETO, 2008) e, lamentavelmente, faleceu aos 24 anos de idade, em 1851 (PASSOS, 1971).

O segundo periódico acadêmico criado pelo estudante **Augusto Victorino Alves do Sacramento Black** foi *O Atheneu*, que circulou de abril de 1849 a 1850, tendo como divisa um dístico do padre José Agostinho de Macedo (*Oh! Doce amor das artes, das ciências / Como viver sem ti!*). Era mensal, em fascículos de vinte páginas, com um corpo de colaboradores que incluía estudantes e professores. Alexandre Passos (1971) afirma que o leitor atual não se decepcionaria com este mensário. Em 15 de abril de 1850, trazia uma declaração que foi o seu canto de cisne:

A todas as pessoas que tiveram a bondade de concorrer com suas luzes, escritos, que com suas assinaturas para o brilhantismo e sustentação d'O Atheneu, muitos cordiais agradecimentos tributamos (...). E, por último, ainda um prazer nos fica, é de declarar, em muito alto e bom som (...) que a redação do Atheneu nada deve a alguém absolutamente, e que pretende ter desempenhado o que prometeu.

Formado em 1849, **Sacramento Black** se dedicou à profissão e escreveu uma obra importante: *Dicionário Bibliográfico Brasileiro - 1883-1902*, de sete volumes (Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1902), reeditado pelo Conselho Federal de Cultura, em 1970 (SOUZA, 1973; 2008).

A análise da apresentação cronológica dos periódicos acadêmicos permite constatar que estudantes que foram atores em destacados momentos históricos e foram também protagonistas na história da imprensa estudantil não só da FAMEB, mas da Bahia e do país (**Quadro 7**).

O acadêmico **Jerônimo Sodré Pereira** foi redator de *O Estudante*, em 1860, formou-se no ano seguinte, e como médico e professor, como já descrito, foi destaque na assistência aos feridos na guerra do Paraguai e estrela de primeira grandeza na luta abolicionista.

O estudante **Antônio Pacífico Pereira** foi redator da *Revista Acadêmica* de 1865. Vale lembrar que ele, enquanto acadêmico, já atuava junto à associação de facultativos, denominada por Pedro Nava de “Escola Tropicalista da Bahia” (JACOBINA et al., 2008). Essa experiência estudantil em periódico deve ter sido importante para ele ter sido escolhido pelos membros daquela “escola”, em dezembro de 1867, com apenas um mês de formado, diretor da *Gazeta Médica da Bahia*.

Os estudantes **Aprígio de Menezes**, **Rosendo Moniz Barreto** e **Sátiro Dias**, também redatores da *Revista Acadêmica* de 1865, como alunos, participaram do corpo de Saúde na Guerra do Paraguai. Sátiro Dias foi condecorado por esta participação. Depois de formado, foi outro abolicionista de primeira hora, conforme análise anterior. Ele se formou em 1870, quando defendeu a tese “Do emprego da sangria na congestão cerebral e na apoplexia” (MEIRELLES et al., 2004). **José Alves de Mello**, também condecorado como estudante por participar do corpo de saúde na guerra do Paraguai, foi colaborador de *O Instituto*, de 1866 (PASSOS, 1971)

Na participação estudantil na luta abolicionista já tínhamos destacado a atuação de Sérgio Cardozo. Cabe aqui ressaltar sua participação na imprensa estudantil, pois ele foi o criador, no início de 1883, do jornal semanal *O Mephisto*, que tinha como lema a frase do abolicionista baiano Luís Gama: ‘Todo escravo tem o direito de matar o seu senhor e aquele que não o faz é miserável’ (JACOBINA, 2008b). Ainda estudante, Cardozo participou como redator de *Gazeta da Tarde*, folha diária abolicionista criada por Pamphilo da Santa Cruz, em 3 de maio de 1880 (CARVALHO & TORRES, 2007).

A dedicação a este trabalho de imprensa acadêmica é verificada na atuação de **Alfredo Pompílio da Silva Gonçalves**, formado em 1871, com a tese “Reumatismo articular agudo” (MEIRELLES et al., 2004). Em 1870, ele participa com **Frederico Augusto da Silva Lisboa** e outros colegas da redação de *Ensaio*, depois ele redige o *Instituto Acadêmico* com a colaboração de **Eutíquio Soledade** (PASSOS, 1971), orador da turma de 1871, que teve o discurso reprovado pela Congregação.

São vários estudantes redatores dos periódicos que depois se tornaram docentes da FAMEB. Além de Jerônimo Sodré (Lente de Fisiologia), José Alves (Física Médica) e Pacífico Pereira (Histologia), já citados, destacamos: Manuel Dantas (Clínica Propedêutica), Frederico de Castro Rebelo (Pediatria), Guilherme Rebelo (Anatomia Patológica), Climério de Oliveira (Obstetrícia), Manuel Victorino Pereira (Clínica Cirúrgica), Alfredo Brito (Clínica propedêutica), Dantas Bião (Fisiologia), Costa Pinto (Higiene) e Egas Moniz. Como Juliano Moreira, **Egas Moniz Barreto de Aragão** foi professor substituto, não tendo sido, portanto, professor catedrático. Ainda estudante se destacou como poeta com o pseudônimo de **Pethion de Vilar**. Redator da *Revista Acadêmica*, escreveu, em 1891, o texto “A Gênese das espécies segundo Haeckel”. Na revista *A Renascença*, escreveu “A psicologia em Bach” (1894). Formou-se em 1895, com a tese “Synthese da Medicina”. Poliglota, publicou trabalhos em alemão e francês e foi Professor Substituto da cadeira de “História natural médica” (OLIVEIRA, 1992).

No final desses primeiros cem anos (1808-1908), destaca-se o nome de **Ulisses Paranhos**, formado em 1902, redator da *Revista do Grêmio dos Internos*. Nessa revista, Juliano Moreira publicou vários artigos com relatos não só das participações em congressos internacionais, mas também de suas visitas aos serviços psiquiátricos europeus, em especial, Alemanha e França.

Na descrição dos primeiros anos do *Diretório Acadêmico*, identificamos a criação do jornal *Lábaro*, inicialmente denominado *Lábor*, em 1937, publicação oficial da entidade estudantil da FAMEB e Escolas anexas de Farmácia e Odontologia.

Este levantamento incompleto é um ponto de partida para que os historiadores realizem o estudo dos periódicos no 2º centenário da FAMEB e acompanhem o 3º, agora em seu início. Esperamos que sejam corrigidos os erros e novos dados acrescentados ao período analisado.

No **capítulo 2** deste volume III, a preciosa entrevista de *Half* (João Francisco do Sacramento) foi ao pasquim estudantil, o **Capuco**, em 1971, que tinha entre os redatores

o acadêmico **Fernando Martins Carvalho**, atual Professor Titular de Medicina Preventiva e Social.

O periódico acadêmico existente no estrito período desta memória histórica (ago.2007- dez.2008) foi o “**Sinais Vitais**” do DAMED, que ainda existe e teve entre seus redatores o aluno **Lucas Nonato Nunes** (turma 2009.1), de 2004 a 2007, e a aluna **Luamorena Leoni Silva** (turma 2012.1).

QUADRO 3.8
PERIÓDICOS ACADÊMICOS DA FAMEB – 1848 – 1907

Nome do periódico	Ano	Periodicidade	Tipo de periódico	Responsável	Colaborador(es)
A Borboleta	1848-49	Semanal	Literário (L)	Firmino Coelho do Amaral	Augusto V.A. Sacramento Black
O Atheneu	Abr.1849-1850	Mensal	Científico e Literário (C&L)	Augusto Victorino Alves do Sacramento Black	José Cândido da Costa
O Horizonte	Ago.1849-1850	Mensal	C&L	Firmino Coelho do Amaral	
Época Literária	Set.1849-1850	-	C&L	Associação não especificada <i>Constantino José Gomes de Souza</i>	
O Prisma	Maio1853 - 1856	Mensal	C&L	Luiz Miguel Quadros	Alunos do 3º e 4º anos
O Acadêmico	Maio 1853	-	C&L	Joaquim Esteves da Silveira	
O Estudante	Maio 1856-1857	Semanal		Luiz Miguel Quadros	
O Maribondo	Ago.180-1871		Crítico, Satírico	Álvaro Reis	
O Estudante (II)	1860			Jerônimo Sodré Pereira	
O Echo Literário	Ago-dez.1861	Semanal	C&L		
Jornal do Instituto Acadêmico	1861	-	C&L		
Revista Acadêmica	1864	Mensal	C&L		
Revista Acadêmica (II)	Maio-jun.1865	Mensal	C&L	Pacheco Pereira	Sátiro Dias, A. Pacífico Pereira, Aprígio de Menezes, Rozendo Moniz Barreto
O Instituto	Set. 1866	-	C&L	Eugênio Guimarães Rebello	José Alves de Mello

Nome do periódico	Ano	Periodicidade	Tipo de periódico	Responsável	Colaborador(es)
Novo Maribondo	Set. 1866-1867		Crítico, Satírico	-	
Revista dos Estudantes	1868	-	Literário e Noticioso	Epifânio Rebelo Vieira	José Ramos Napier
Ensaíos	1870	Quinzenal		Frederico Lisboa	Alfredo Pompílio, Manuel Dantas e Paula Guimarães
Microcosmo	Maio - Jun.1870	-	C&L		Alunos do 1º ano
Instituto Acadêmico	Maio 1871		C&L	Eutíquio Soledade	Alfredo Pompílio
O Acadêmico (II)	Ago. 1872		C&L	Ascendino Reis	Ribeiro da Cunha, Moura Júnior e Ára Leão
Instituto Acadêmico	Ago. 1873-1874		C&L	Romualdo A. Seixas Filho (Sociedade Instituto Acadêmico)	Climério Cardoso de Oliveira, JC Baltazar da Silveira, Frederico de Castro Rebello, Guilherme Pereira Rebello
O Incentivo	Ago.1874 - 1875	Mensal	C&L	Climério Cardoso de Oliveira	Romualdo A. Seixas Filho
Jornal Acadêmico	Set.1874		C&L	Sociedade Acadêmica Ciências e Letras	
A Mocidade	Jun. 1875			Bellarmino Dorea	
Norte Acadêmico	1875 - 1876		C&L	Manoel Vitorino Pereira	Ferreira de Campos e Aureliano Garcia
A Evolução	Jul. 1879-1880			Joaquim Climério Dantas Bião	Bráulio Pereira e Cruz Cordeiro
O Mephisto	1883	Semanal	Político-literário (abolicionista)	Sérgio Cardozo	
Revista da SBA	1884 – 1885	Mensal		Sociedade “Beneficência Acadêmica” – Braz Amaral	Alfredo Brito, Ezequiel Brito e Servílio Mário
A Pena	1885		Literário/reativo	Agnelo Tourinho	João Pedro da Cunha Valle
Gazeta Acadêmica	1885		C&L e político	Ezequiel Brito	Alfredo Brito, Constâncio Alves, José Altino
Revista Acadêmica	1891-92			Egas Moniz Barreto de Aragão (<i>Pethion de Villar</i>)	

Nome do periódico	Ano	Periodicidade	Tipo de periódico	Responsável	Colaborador(es)
Gazeta Acadêmica	Maio 1891			Santos Silva	Duarte Gameleira
Revista do Grêmio dos Internos	1900-03		Científico	Grêmio dos Internos da Faculdade de Medicina da Bahia Ulisses Paranhos	José de Aguiar Costa Pinto, Joaquim Moreira Samphaio, Álvaro Tourinho, Aristarco Dantas
A Regeneração	Jul.1901-02			Associação dos estudantes não especificada	
Pequeno Jornal Médico	Jul 1905			Grêmio dos Internos Ezequiel Antunes	E. Leal Ferreira, Eduardo Alves Dias
Bahia Médica	1906-1907	Mensal		Raul de Medeiros, J. Matargão Gesteira e A. Inácio de Menezes	Antônio Aleixo, Fernando São Paulo, Aristides Pereira Maltez, Eduardo Vidal da Cunha, Pedro Augusto de Melo, Zeferino do Amaral

ANEXO II

OS PRÊMIOS DA FAMEB E OS ACADÊMICOS LAUREADOS

Desde a Academia ou, de modo mais preciso na Bahia, o Colégio Médico-cirúrgico, em 1817, foram criadas as primeiras lãureas aos acadêmicos de medicina com melhor rendimento nos estudos. Naquele ano, foram laureados com ofertas de livros os acadêmicos **Francisco de Paula de Araújo e Almeida, Fortunato Cândido da Costa Dormund**, ambos do 3º ano do curso; **Francisco Marcellino Gesteira, Jonathas Abbott** e **Manoel Antônio Pires**, ambos do 2º ano. Novamente em 1818, foram laureados **Francisco de Paula e Almeida, Fortunato Cândido Dormund**, ambos no 4º ano; e **Jonathas Abbott** e **Manoel Antônio Pires**, agora no 3º ano.

Os acadêmicos Francisco de Paula de Araújo e Almeida, Fortunato Cândido da Costa Dormund e Francisco Marcellino Gesteira se formaram em 1819; Jonathas Abbott e Manoel Antônio Pires, na turma de 1820 (ver o item **1.2** deste capítulo; sobre os dois últimos ver também o **cap. 2**).

Os alunos com melhor rendimento escolar de cada turma continuaram a ser laureados, havendo indícios de recursos para uma viagem a Europa para estudos, como ilustram o registro da premiação de **José Pedro de Souza Braga**, em 1866, e **Antônio Pacífico Pereira**, no ano seguinte. Em 1907, há registro que o doutorando **Aristides Novis** recebeu como prêmio viagem de estudos ao exterior (naquele momento ainda era à Europa a referência das escolas médicas brasileiras).

Em 1892, foi denominado **Prêmio Professor Manoel Victorino** à lãurea ao concluinte da Fameb, de cada ano, com o maior desempenho escolar. Em 1902, inaugurou-se o Pantheon, um local escolhido na sede da Fameb no Terreiro de Jesus para a colocação dos retratos dos alunos laureados, tendo sido iniciado pelo formando Antônio Prado Valladares. Está muito incompleta essa galeria, com menos de duas dezenas de retratos.

Em 2002.2, na gestão do prof. Manoel Barral, foram regulamentados os Prêmios acadêmicos pela Congregação, sendo este o mais simples, pois ele resulta do melhor coeficiente de rendimento, que o Colegiado informa à Direção (Ver **Quadro 3.9-I**).

Somente no século XX, em 1922, vinte anos depois de criado o do ensino, foi criado o **Prêmio Professor Alfredo Thomé Britto**, oferecido ao concluinte de cada ano com maior produção científica (Ver **Quadro 3.9-II**).

Por solicitação do prof. Manoel Barral, Diretor da Fameb no período, este memorialista elaborou em 2002 as duas propostas de Regulamentação das premiações existentes: Prêmio Professor Manoel Victorino e Prêmio Prof. Alfredo Britto, que foram aprovadas na Congregação (Portaria n. 05/2002).

O **Prêmio Prof. Alfredo Britto** é uma láurea acadêmica destinada a incentivar, entre os estudantes, o desenvolvimento de atividades de pesquisa, sendo atribuído ao formando que, além de destacada produção científica, obtenção de bolsa de incentivo à pesquisa e divulgação dos achados em encontros científicos, tivesse feito o curso no prazo máximo de sete anos e sem registro de reprovação. O julgamento é feito por uma comissão de docentes, de diferentes departamentos da Fameb, que avaliam o *curriculum vitae* devidamente comprovado do candidato. A premiação aos alunos laureados se dá na solenidade de formatura.

Do mesmo modo que aconteceu com o Prêmio Manoel Victorino, até 1995 os dados são precários, porém, a partir de 1996, os registros estão adequados e disponíveis. Vale destacar que, no ano seguinte, a premiação passou a ser semestral com a semestralização do curso e, conseqüentemente, da formatura.

Na memória histórica da Profa. Eliane Azevêdo (2008), tanto os prêmios de ensino quanto de pesquisa (p.148-149) precisam ser retificados a partir de 2003.1, cujo aluno premiado está registrado equivocadamente no semestre seguinte.

Em dezembro de 2002, no mesmo momento em que este memorialista elaborou as propostas de regulamentação dos prêmios anteriores, coerente com as atividades fins da instituição universitária, sugeriu - e a Congregação aprovou por unanimidade - a concessão do **Prêmio de Extensão Prof. Juliano Moreira**, com critérios em parte semelhantes aos de pesquisa, como o perfil do candidato ao prêmio, atuando em projetos de extensão, atualmente nas “Atividades Curriculares em Comunidade” (ACC), obtendo bolsas de extensão e divulgando os achados em encontros de extensão universitária. Mas, diferentemente do anterior, não há limite para o prazo do curso, desde que o aluno não seja jubilado, e garante também ao aluno o direito de recuperação, podendo ter sido reprovado, desde que obtenha o coeficiente de rendimento mínimo exigido pela UFBA.

Outra característica específica é a valorização das atividades nas organizações estudantis, sobretudo as atividades extensionistas do Diretório Acadêmico (DAMED) e outras, como as das Ligas e Núcleos Acadêmicos, da *Academética* (Núcleo acadêmico voltado para Ética Médica e Bioética). São priorizadas as ações dirigidas às populações

em situação de exclusão social. Este memorialista se inspirou numa sugestão do grande Mestre Prof. Zilton Andrade, quando juntos, na companhia de outro venerável Mestre, agora encantado, Prof. Heonir Rocha, examinavam os candidatos ao prêmio de pesquisa (Ver Quadro 3.9-III).

**QUADRO 3.9 - ACADÊMICOS LAUREADOS COM PRÊMIOS
EM ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (1817-2012)**

I – PRÊMIO DE ENSINO

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
1817	PRÊMIO PARA ALUNOS COM MELHOR RENDIMENTO – “Oferta de Livros”	
1817	Fortunato Cândido da Costa Dormund – 3º ano	Lente de Farmácia e Matéria Médica
	Francisco de Paula de Araújo de Almeida – 3º ano	Lente de Fisiologia
	Francisco Marcellino Gesteira – 2º ano	Lente de Partos
	Jonathas Abbott – 2º ano	Lente de anatomia Descritiva
	Manoel Antônio Pires – 2º ano	Foi porteiro da Fameb
1818	Fortunato Cândido da Costa Dormund – 4º ano	Ver acima
	Francisco de Paula de Araújo de Almeida – 4º ano	Ver acima
	Jonathas Abbott – 3º ano	Ver acima
	Manoel Antônio Pires – 3º ano	Ver acima
(...)		
	ALUNOS LAUREADOS com melhor rendimento escolar em todo o curso	
1866	José Pedro de Souza Braga	Aluno da 50ª turma. Lente de Pat. Cirúrgica
1867	Antônio Pacífico Pereira	12º Diretor. Desde aluno na ETB
(...)		
1892	PRÊMIO PROFESSOR MANOEL VICTORINO – Estudante com melhor rendimento em todo o curso (Maior Média em todas as disciplinas e atividades)	
(...)		
1902	Antonio Prado Valladares	Inaugura o Pantheon (retratos dos alunos laureados). Catedrático Propedêutica Médica (Ver Figuras a seguir).
(...)		
1904	Celestino Bourroul	Ver Figuras a seguir.

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
1905	Oswaldo Ferreira Barbosa	Ver Figuras a seguir.
1906	Edmundo de Carvalho	Ver Figuras a seguir.
1907	Aristides Novis	Prêmio viagem de estudo à Europa. Foi Professor Catedrático de Fisiologia
1908	Dionysio da Silva Lima Pereira	Ver Figuras a seguir.
	Enjolras Vamprè	Ver Figuras a seguir.
1909	Almir Sá Cardoso de Oliveira	Foi Prof. Catedrático de Obstetrícia.
	Octávio Torres	Foi prof. Catedrático de Patologia Geral.
1910	Mário Andréa dos Santos	Laureado com viagem à Europa. Foi Professor catedrático de Anatomia Patológica e depois de Histologia.
1911	Euvaldo Diniz Gonçalves (prêmio viagem)	Foi Professor Catedrático de Química Médica
1912	João Caminha de Sá Leitão	Ver Figuras a seguir.
1913	Álvaro Campos de Carvalho	Ver Figuras a seguir.
(...)		
1916	Afrânio Pompilio Bastos do Amaral	Ver Figuras a seguir.
1917	Arlindo Raymundo de Assis	
1918	Antonio Bezerra Rodrigues Lopes	Professor catedrático de Farmacologia
	Theófilo de Cerqueira Falcão	Ver Figuras a seguir.
1919	Sabino Silva	Professor catedrático de Cl. Médica. Ver Figuras a seguir.
1920	César Augusto de Araújo	Professor catedrático de Pneumologia. Ver Figuras a seguir.
1921	Aristóteles Ananias Maurício Garcia	Ver Figuras a seguir.
1922	Heitor Prager Fróes	Professor Catedrático de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas. Figuras.
1923	Adriano de Azevedo Ponde	Catedrático de Cl. Propedêutica Médica. Ver Figuras a seguir.
(...)		
1925	Edgar de Cerqueira Falcão	O mais importante biógrafo de Manuel Pirajá da Silva. Ver Figuras a seguir.
(...)		
1927	Hosannah de Oliveira	Catedrático de Pediatria. Ver Figuras.
(...)		
1929	Oscar Velloso Gordilho	
1930	Carmen Mesquita	1ª aluna a receber o prêmio; professora da FAMEB (SILVA, 1954). Ver Figuras.

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
1931	João José de Almeida Seabra	Catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica/Neuroanatomia. Ver Figuras.
(...)		
1947	Dulce Sampaio Tavares	2ª aluna laureada da Fameb (Silva, 1954)
(...)		
1949	Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa	7º Reitor da UFBA (1979-1983)
1950	Geraldo Rocha	
(...)		
1953	Meire Reis Laranjeira (atual Meire Sampaio)	
1954	Heonir de Jesus Pereira da Rocha	Catedrático/Titular de Terapêutica Clínica. Ver Figuras a seguir.
(...)		
1959	José Duarte de Araújo	Professor Titular de Medicina Preventiva
(...)		
1970	Mário Sérgio de Carvalho Bacellar	Ver Figuras a seguir.
(...)		
1973	Vera Lúcia Almeida Formigli	Professora (aposentada) do Deptº de Medicina Preventiva e Social. Diploma.
(...)		
1993	Leopoldo Alves Ribeiro Filho	Ver Figuras a seguir.
(...)		
1996	Marco Antônio Vaz Sampaio Ribeiro	Ver Figuras a seguir.
1997	FORMANDOS DO CURSO SEMESTRALIZADO	
1997.1	Roberta Maria de Oliveira Moraes	
1997.2	Guilherme Urpia Monte	
1998.1	Karla Luiza Matos Pedrosa	
1998.2	Andréia Peltier de Queirós Urbano de Souza	
1999.1	Lívia Nery Franco Guerreiro Costa	
1999.2	Rodrigo Leal Alves	
2000.1	Pedro Augusto de Santana Júnior	
2000.2	Luiz Serra Azul Neto	
2001.1	Milena Fonseca de Oliveira	
2001.2	Marcelo Gottschald Ferreira	
2002.1	Arthur Orlando d'Almeida Ramos Filho	

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
2002.2	PRÊMIO MANOEL VICTORINO (ENSINO) –	REGULAMENTADO PELA CONGREGAÇÃO
2002.2	Candice Seabra de Oliveira Machado	
2003.1	Estela Cristina Martins Lima Rocha	
2003.2	Akanar Freire de Carvalho Calabrick	
2004.1	Silvana Sampaio Asfora	
2004.2	Marcony Queiroz Andrade	
2005.1	Eduardo Araújo Santana Nunes	
2005.2	Rodrigo Abensur Athanázio	
2006.1	Não houve diplomados pela greve coletiva de 2004.2	
2006.2	Larissa Nunes Santana	
2007.1	Guilherme Fonteles Ritt	
2007.2	Tiago Almeida de Sousa	
2008.1	Isabelle Malbouisson Menezes Rodolfo Casimiro Reis	
2008.2	-	
2009.1	Maria Clara Dias Mansur Carolina Cincurá Silva Santos	
2009.2	Laura Maria Andrade Silva Paula Andrade de Andrade	
2010.1	Tamara Carvalho dos Santos	
2010.2	André Macedo Serafim da Silva	
2011.1	Valter Ribeiro dos Santos Junior	
2011.2	José Fernandes Neto Paula Myllane Fernandes dos Santos Silva	
2012.1	Thais Carneiro Lima	
2012.2	Aline Rocha Donato, Luana Sarmento Neves da Rocha; Luiz Fernando Bazzo Catto, Marcus Vinícius Cardoso Pinheiro	Os quatro estudantes tiveram a mesma média

II – PRÊMIO DE PESQUISA

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
1922	Prêmio Prof. Alfredo Thomé de Brito – Pesquisa (produção científica no curso)	
1922	Heitor Prager Fróes Paulo Rocha Pirajá da Silva	Ver cap.1
(...)		
1926	João Ignácio de Mendonça	Professor de FFCH, Escola Belas Artes.
1927	José Silveira	Medalha de Ouro – Melhor monografia
(...)		
1931	Catão Newton Costa Pinto Dias João José de Almeida Seabra Maria José Salgado Lages	- Ver cap. 1 - Ver cap.1 (CHALITA & MEIRELLES, s/d)
(...)		
1996	Marco Antônio Vaz Sampaio Ribeiro	
1997	Formandos do Curso semestralizado	
1997.1	Caroline Bulcão Souza	
1997.2	Ricardo Soeiro Moreira	
1998.1	Augusto Modesto de Souza Neto	
1998.2	Clarissa Almeida Sarmento	
1999.1	Rogério Santos de Jesus	
1999.2	Bruno Gil de Carvalho Lima	
2000.1	Pedro Augustto de Santana Júnior	
2000.2	Ana Karina Souza de Lima	
2001.1	Fábio Solano de Freitas Souza	
2001.2	Marcelo Gottschald Ferreira	
2002.1	Alessandra Peltier de Queirós Urbano de Souza	
2002	Prêmio Alfredo Britto (Pesquisa) Regulamentação pela Congregação	
2002.2	Igor Lima Maldonado	
2003.1	Júlio Henrique Rosa Croda	
2003.2	Juliana Dumêt Fernandes	
2004.1	Bruno Wagner Varjão	
2004.2	Marcony Queiroz Andrade	
2005.1	Fabrizio Ney Silva Oliveira	
2005.2	Daniel Rui Diniz Santos	

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
2006.1	Não houve diplomados pela greve coletiva de 2004.2	
2006.2	-	Não houve concessão do prêmio
2007.1	Almir Galvão Vieira Bittencourt	
2007.2	-	
2008.1	Rodolfo Casimiro Reis	
2008.2	-	
2009.1	Carolina Cincurá Silva Santos	
2009.2	-	
2010.1	-	Não houve Laureado
2010.2	Adriana Reis Brandão Matutino	
2011.1	Elton Pereira de Sá Barreto Junior	
2011.2	Rogério Rafael da Silva Mendes	
2012.1	Priscila Lima Fatal	
2012.2	-	Não houve Laureado

III – PRÊMIO DE EXTENSÃO

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
2002.1	Prêmio Professor Juliano Moreira (Extensão)	Ano de Criação
2002.2 - 2004.1	Nenhum candidato preencheu os requisitos	
2004.2	Carlos Adriano Souza Cirino Danyella da Silva Barreto Tarcyô Antônio Silva Bonfim	A Comissão excepcionalmente premiou três alunos que apresentavam o perfil adequado para o novo Prêmio.
2005.1	-	Nenhum candidato preencheu os requisitos
2005.2	Douglas Nascimento Santana	
2006.1	Não houve diplomados pela greve coletiva de 2004.2	
2006.2	Ricardo Souza Heinzelmann	
2007.1	-	Não houve concessão do prêmio.
2007.2	-	Não houve nenhum candidato inscrito
2008.1	Allana Moreira Silva	
2008.2	-	Não houve nenhum candidato inscrito

ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
2009.1	Gustavo Andrade Tedesqui	
2009.2	Diego Espinheira da Costa Bomfim	Coordenador do DAMED 2006.
2010.1	Lua Sá Dultra	
2010.2	Emília Nunes De Melo	
2011.1	Joana Carvalho Ribeiro De Jesus	
2011.2	Victor Hugo Maia Valois Costa	
2012.1	Giorgio Vagner Silva Nogueira Luamorena Leoni Silva	Coordenadora do DAMED 2007
2012.2	Marcos Vinícius Cardoso Pinheiro	

PRÊMIO PROFESSOR RAYMUNDO NINA RODRIGUES

Em 18 de julho de 2006 foi criado e regulamentado pela Congregação da Fameb o Prêmio Professor Nina Rodrigues, sugerido pelo prof. José Tavares Neto, no ano do falecimento do insigne e polêmico mestre. Se o leitor tiver interesse em conhecer este personagem na sua complexidade, como porta de entrada para outros textos, ver as referências dos discípulos e dos críticos, mas, sobretudo, as do próprio autor, que estão no final de nossos trabalhos (JACOBINA & CARVALHO, 2001; JACOBINA, 2008).

Esta láurea destina-se ao aluno com maior coeficiente de rendimento (média das disciplinas de todo o curso), mas que tenha desempenhado atividades de pesquisa e extensão com qualidade, sendo uma excelência conjunta de seu desempenho acadêmico. Ele tem que ser indicado por no mínimo cinco docentes da Faculdade, tendo o coeficiente mínimo igual ou acima de nove (9,0).

Embora criado em 2006, só em 2008.1, no período desta memória histórica, o primeiro aluno foi laureado, o concluinte **Rodolfo Casemiro Reis**, (Ver **Quadro X.IV** abaixo), que obteve também os prêmios de ensino e pesquisa.

IV – PRÊMIO ESPECIAL ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO

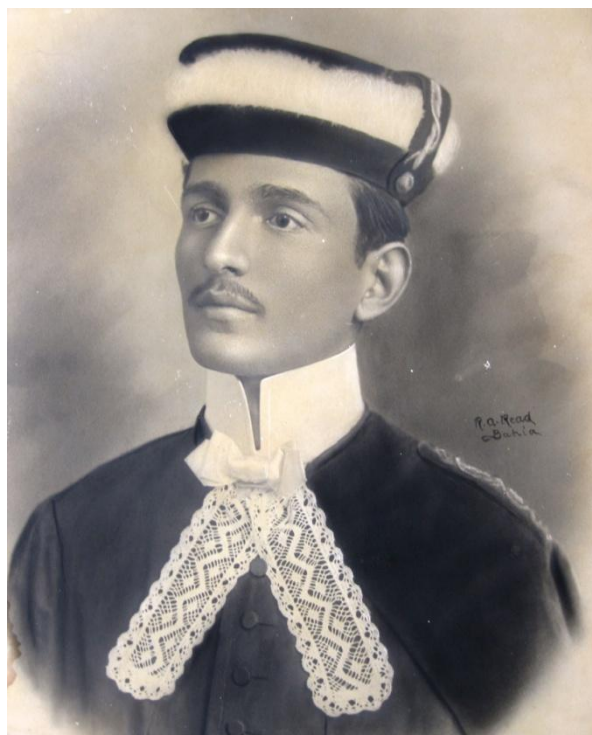
ANO	PRÊMIOS / ESTUDANTES	OBSERVAÇÕES
2006.1	Criação do Prêmio Professor Raymundo Nina Rodrigues	
2006.2 – 2007.2	Não houve concessão do prêmio. O aluno tem que ter média global igual ou acima de 9.0 (nove) e ser destaque em pesquisa e extensão.	
2008.1	Rodolfo Casimiro Reis	
2008.2	-	
2009.1	Carolina Cincurá Silva Santos	
2009.2	-	
2010.1	-	
2010.2	Carolina Candeias da Silva	
2011.1	Valter Ribeiro dos Santos Júnior	
2011.2	-	Não houve candidatos
2012.1	-	Não houve candidatos
2012.2	-	Não houve laureado

FIGURAS 2- ALGUNS ALUNOS LAUREADOS DA FAMEB (1902 -2010)

ANTONIO DO PRADO VALLADARES – Prêmio Manoel Victorino de 1902.
Professor Catedrático de Propedêutica Médica. Memorialista da Fameb de 1913.



CELLESTINO BOURROUL – Prêmio Manoel Victorino de 1904.



OSWALDO FERREIRA BARBOSA - Prêmio Manoel Victorino de 1905



EDMUNDO DE CARVALHO - Prêmio Manoel Victorino de 1906



DIONYSIO DA SILVA LIMA PEREIRA - Prêmio Manoel Victorino de 1908



ENJOLRAS VAMPRÉ - Prêmio Manoel Victorino de 1908



JOÃO CAMINHA DE SÁ LEITÃO - Prêmio Manoel Victorino de 1912



ALVARO CAMPOS DE CARVALHO - Prêmio Manoel Victorino de 1913



AFRÂNIO POMPÍLIO BASTOS DO AMARAL - Prêmio Manoel Victorino de 1916



ANTÔNIO BEZERRA RODRIGUES LOPES - Prêmio Manoel Victorino de 1918.
Professor Catedrático de Farmacologia.



THEOPHILO DE CERQUEIRA FALCÃO - Prêmio Manoel Victorino de 1918



SABINO SILVA - Prêmio Manoel Victorino de 1919.
Professor Catedrático de Clínica Médica.



CÉSAR AUGUSTO DE ARAÚJO - Prêmio Manoel Victorino de 1920.
Professor Catedrático de Tisiologia/Pneumologia..



ARISTÓTELES ANANIAS MAURÍCIO GARCIA - Prêmio Manoel Victorino de
1921



HEITOR PRAGUER FRÓES *– Prêmio de Pesquisa Prof. Alfredo Britto de 1922.

Professor Catedrático de *Doenças Tropicais e Infectuosas*



PAULO ROCHA PIRAJÁ DA SILVA *- Prêmio de Pesquisa Prof. Alfredo Britto de 1922.

* Primeiros alunos laureados com o Prêmio de Pesquisa Prof. Alfredo Britto em 1922.



ADRIANO DE AZEVÊDO PONDÉ - Prêmio Manoel Victorino de 1923

Professor Catedrático de Clínica Propedêutica Médica.



EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO - Prêmio Manoel Victorino de 1925.

Destacado biógrafo da vida e obra do prof. Manoel Augusto Pirajá da Silva.



HOSANNAH DE OLIVEIRA - Prêmio Manoel Victorino de 1927.

Professor Catedrático de Clínica Pediátrica.



OSCAR VELLOSO GORDILHO - Prêmio Manoel Victorino de 1929.



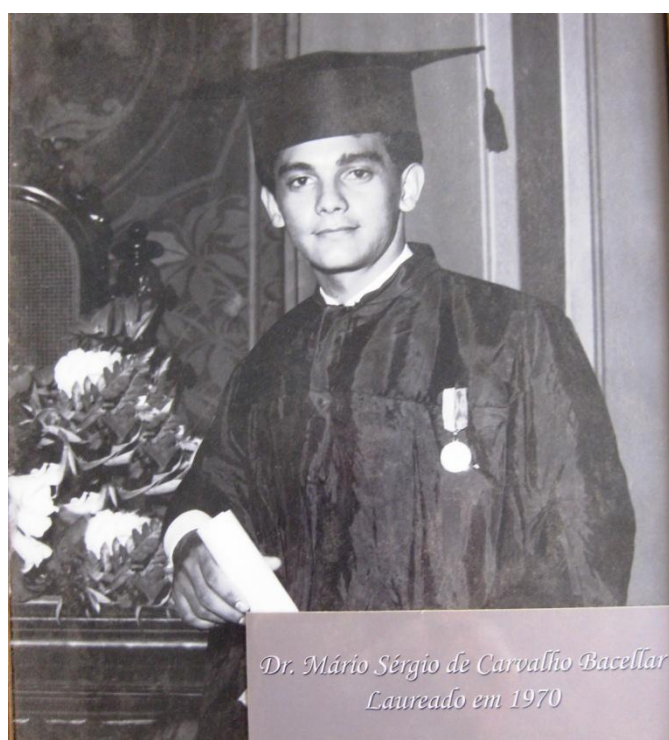
CARMEM MESQUITA - Prêmio Manoel Victorino de 1930.
1ª aluna laureada e foi a 2ª professora da Fameb.



JOÃO JOSÉ DE ALMEIDA SEABRA (Jones Seabra) - Prêmio Manoel Victorino de 1931 e também Prêmio Prof. Alfredo Britto, juntamente com Catão Newton Costa Pinto Dias.
Professor Catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica/Neuroanatomia



HEONIR DE JESUS PEREIRA DA ROCHA
Prêmio Manoel Victorino de 1954.
Professor Catedrático de Terapêutica Clínica

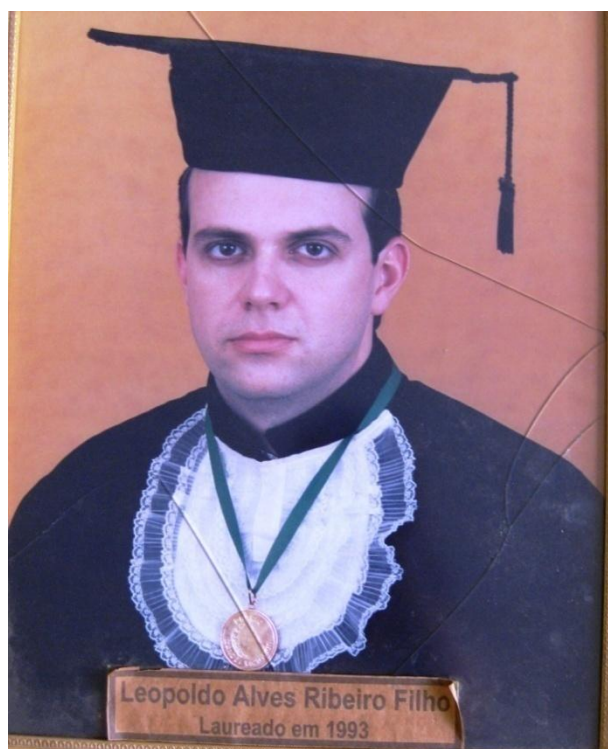


*Dr. Mário Sérgio de Carvalho Bacellar
Laureado em 1970*

MÁRIO SÉRGIO DE CARVALHO BACELLAR - Prêmio Manoel Victorino de 1970.



VERA LÚCIA ALMEIDA FORMIGLI. Diploma do Prêmio Manoel Victorino para a formanda da turma de 1973. Professora (aposentada) do Departamento de Medicina Preventiva e Social.



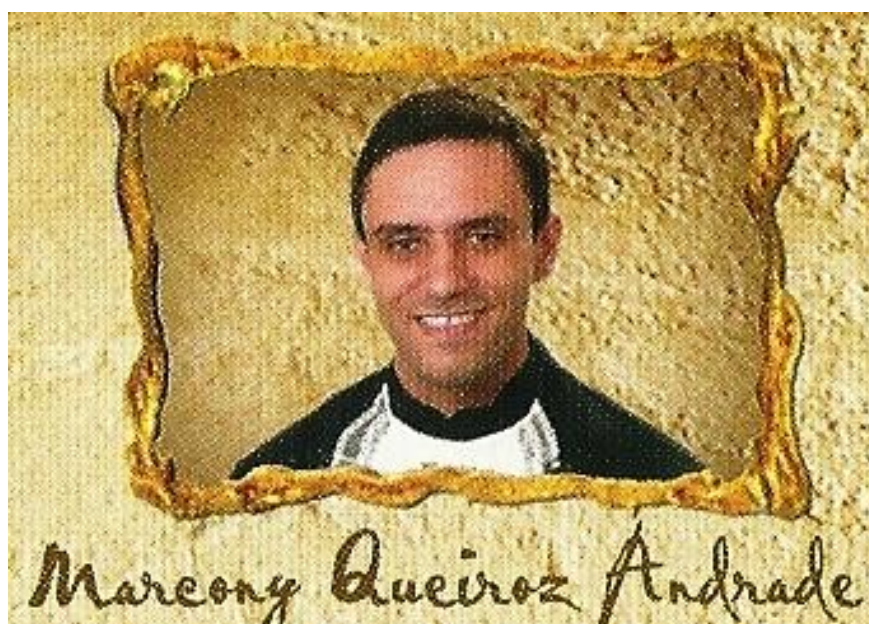
LEOPOLDO ALVES RIBEIRO - Prêmio Manoel Victorino de 1993. Professor da FAMED da Universidade de São Paulo. Faz parte da equipe introdutora da pioneira técnica cirúrgica de transplante da matriz acelular (TAVARES-NETO, 2008).



PEDRO AUGUSTTO DE SANTANA JÚNIOR - Prêmio Prof. Manoel Victorino de 2000.1.
Foi também laureado com o Prêmio de Pesquisa Prof. Alfredo Britto.



O aluno laureado **Pedro Augusto de Santana Jr.**, em 1997, sob a supervisão do prof Ronaldo Ribeiro Jacobina da disciplina *Introdução à Medicina Social* (3º semestre), desenvolvendo um trabalho educativo em saúde numa escolinha do bairro de Alto das Pombas.



MARCONY QUEIROZ ANDRADE

Aluno laureado com os Prêmios Manoel Victorino e Alfredo Brito da turma de 2004.2



DANYELLA DA SILVA BARRETO

Aluna laureada com o Prêmio de Extensão Prof. Juliano Moreira de 2004.2



RODRIGO ABENSUR ATHANÁSIO
Prêmio Prof. Manoel Victorino de 2005.2.



DANIEL RUY DINIZ SANTOS
Prêmio de Pesquisa Prof. Alfredo Britto de 2005.2



DOUGLAS NASCIMENTO SANTANA
Aluno laureado com o Prêmio de Extensão Prof. Juliano Moreira de 2005.2



LARISSA NUNES SANTANA

Aluna laureada com o Prêmio de ensino Prof. Manoel Victorino -2006.2

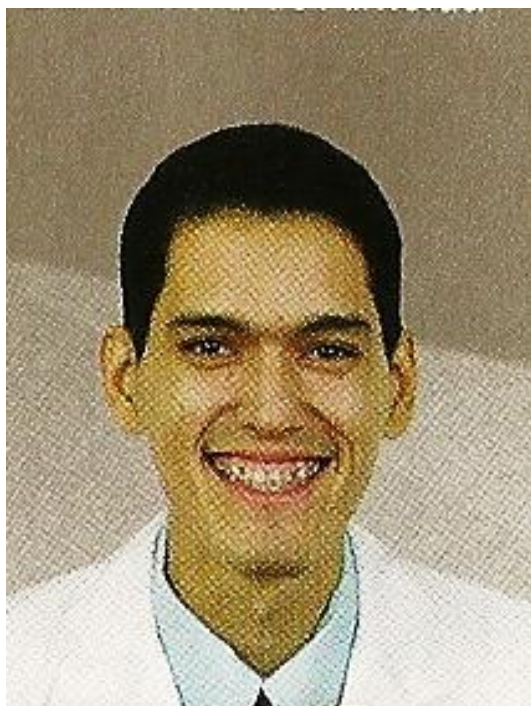


RICARDO SOUZA HEINZELMANN

Aluno laureado com o Prêmio de Extensão Prof. Juliano Moreira de 2006.2



O aluno laureado **Ricardo Heinzelmann** no Povoado de Oitis, Esplanada-BA, na prática da Atividade Curricular em Comunidade, 2002. A Comunidade de Oitis recebe os troféus pelo Prêmio Saúde Brasil (3º lugar), o único fora do eixo sul-sudeste e o 1º lugar no Prêmio de Extensão do XXXII ECEM. 2002

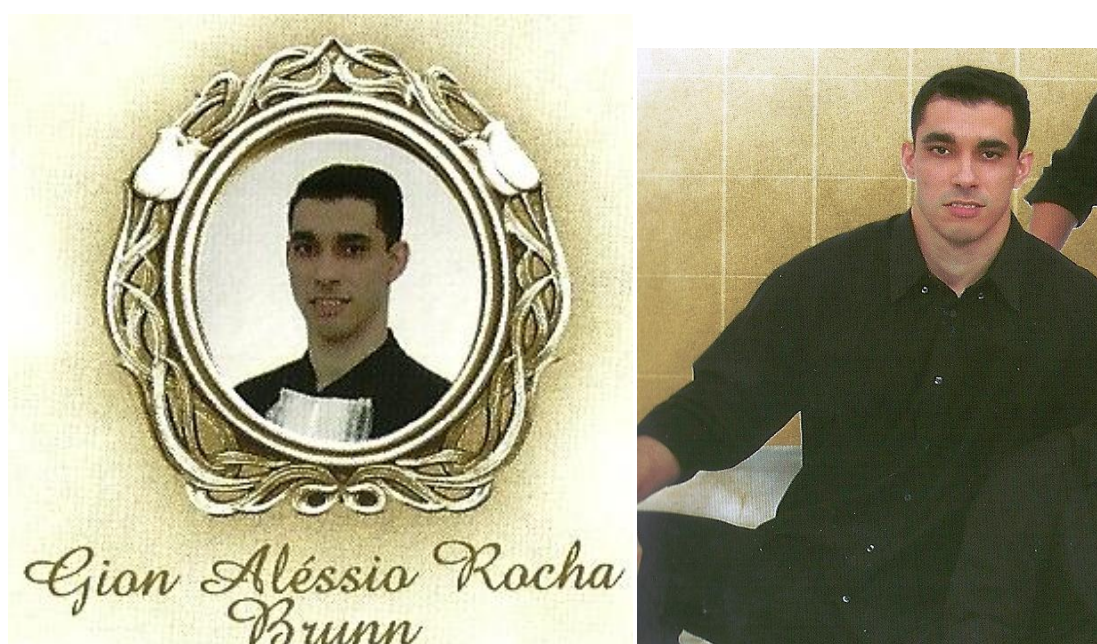
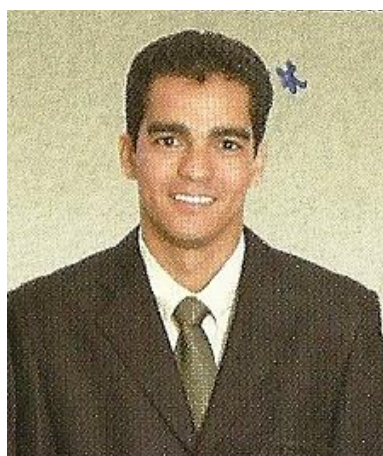


TIAGO ALMEIDA DE SOUSA

Aluno laureado com o Prêmio de Ensino Prof. Manoel Victorino -2007.2
(Período desta Memória Histórica)



DIEGO ESPINHEIRA DA COSTA BOMFIM e LUA SÁ DULTRA;
Alunos laureados com o Prêmio de Extensão Prof. Juliano Moreira de 2009.2 e 2010.1

FIGURAS 3- ALGUNS DOS COORDENADORES DO DAMED**SÍLVIO ROBERTO MEDINA LOPES** - Coordenador do DAMED em 1999**GION ALESSIO ROCHA BRUNN** - Coordenador do DAMED em 2001.**MOISÉS DE MELO SAMPAIO** - Coordenador do DAMED em 2002 e 2003



MARCOS ANTONIO TRAJANO FERREIRA - Coordenador do DAMED em 2004



JOSÉ SANTOS SOUSA SANTANA - Coordenador do DAMED em 2005



DIEGO ESPINHEIRA DA COSTA BOMFIM - Coordenador do DAMED em 2006



LUAMORENA LEONI SILVA - Coordenadora do DAMED em 2007 e Aluna laureada com o Prêmio de Extensão Prof. Juliano Moreira de 2012.1




GABRIEL SCHNITMAN - Coordenador do DAMED em 2008



FERNANDA FERNANDES FONSECA

Coordenadora do DAMED em 2009

Outubro
 DE MÃOS DADAS 2010 2011
 NOVEMBRO 2010



 DAMED

Enade: Por que NÃO boicotar?

Como todo mundo já sabe, o nosso curso de Medicina está entre os 17 que apresentaram baixo rendimento na avaliação feita pelo ENADE em 2007. Atingimos a nota 2 no exame e, conseqüentemente, um diagnóstico das razões que levaram a esse resultado teve que ser apresentado.

Essa nota baixa foi o reflexo de um ato político de protesto ao ENADE, um boicote, porque nós vimos a necessidade de chamar a atenção para um modelo de avaliação que ranqueia e não avalia, dando apoio a um movimento nacional de boicote.

Com o boicote, a comissão do Ministério da Educação (MEC) veio à FAMEB para avaliar a instituição estruturalmente, o que deveria ocorrer sempre que o ENADE fosse aplicado. Houve liberação da verba à Faculdade de Medicina e os projetos de reestruturação foram elaborados. Antes tarde do que nunca! Hoje, esperamos a licitação para dar início à obra.

Sim, o boicote nos rendeu bons frutos. No entanto, isso deveria acontecer naturalmente com a avaliação completa que o próprio ENADE propõe e com responsabilidade do governo com as Universidades Públicas. É por isso que esse sistema de avaliação PRECISA ser mudado.

Mesmo não concordando com o sistema de avaliação aplicado através do ENADE, este ano decidimos que seria melhor não boicotá-lo, isso porque temos de mostrar que o que aconteceu em 2007 foi um boicote. E se temos problemas (e sérios!)

na nossa faculdade, nós não constituímos um deles.

Mesmo parecendo ir de encontro aos objetivos ideais contra o ENADE (e somos a favor do movimento pró-boicote nacional), nossa faculdade precisa dar uma resposta com boas notas para mostrar que, só com o boicote, conseguimos que o objetivo do SINAIS para o ENADE fosse contemplado, mostrando que não é avaliando

Conseqüeremos com isso a maior prova do sistema falho de avaliação que tem sido aplicado: uma nota boa dos alunos com condições estruturais ainda deficientes! O dinheiro nem foi aplicado ainda...

Vamos provar, então, queridos colegas, que uma avaliação para ser correta não pode abranger apenas notas dos alunos, mas uma ampla gama de variáveis que constituem um sistema de ensino, uma faculdade. Com essa nota, falaremos em alto e bom tom que uma boa nota dos alunos não exclui a existência de deficiências em uma instituição. E que se continuamos provando que somos bons estudantes (só olhar nossos resultados nas nossas provas de residência), o nosso curso "come várias moscas" na nossa formação e não vamos ficar calados vendo isso acontecer! E provaremos, finalmente, que o instrumento que caracteriza nosso povo, o berimbau, como diria o Professor Jacobina, "é simples, mas não é simplório"!

Precisamos contrastar com boas notas todos os problemas que o MEC admitiu através do TSD (Termo de Sanamento de Deficiências) da Faculdade de Medicina: necessitamos de campos de prática, de uma biblioteca atualizada, de um laboratório de habilidades, do melhoramento da copa e da construção de um espaço de convivência. Além de toda nossa deficiência em campos de prática e desresponsabilização progressiva com nosso curso.

Nenhum não concordando com o sistema de avaliação aplicado através do ENADE, este ano decidimos que seria melhor não boicotá-lo.

somente os alunos que se avaliaram em uma instituição.

O DAMED, em seu jornal "Sinais Vitais", de nov. 2010, propôs não boicotar o Enade, como fizeram em 2007, quando obtiveram verbas do MEC. Ainda sem nenhuma das melhorias obtidas (o Prédio do Canela em reformas, sem o Laboratório de Habilidades etc.) os alunos dobraram a nota de 2 para 4 (numa escala de 0 a 5).



Gustavo Mota, Mariana Luz, Tássia de Andrade, Raphael Bandeira de Melo, Luamorena Leoni Silva, Fernanda Fonseca e Cláudio Brito (da esq. para a direita). Alguns dos principais protagonistas acadêmicos na luta contra a tentativa da Reitoria de 2006-2010 de tomar o Prédio do Vale do Canela da FAMEB-UFBA.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. O enigma da permanência. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, v.4, n.47, p.18-22, 2009.

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de. Notas Biographicas (Prof. Juliano Moreira). *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 63, n.10-12, p. 817-819, 1933.

ALCALÁ, Guido R. Herói ou tirano?, *Nossa História*, n.2, p. 34-37, 2004.

ALENCAR. Gualter Martiniano Pereira da. *O protagonismo feminino na Faculdade de Medicina da Bahia*. [Monografia de conclusão de curso]. Salvador: FMB-UFBA, 2012.

ALMINO Araújo. *Lábaro*, v.2, n. 5, p.126, set.-nov. 1939.

AZEVÊDO, Eliane Elisa de Souza e. *Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia - Terreiro de Jesus: Memória Histórica 1996-2007*. Feira de Santana-BA: Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

AZEVÊDO, Eliane Elisa de Souza e; FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. Exercício de docência por mulheres na FMB – Curso de Medicina (1893-1938). Salvador: FMB-UFBA, 2012. 27p. (manuscrito)

BARRETO, Luiz Antônio. *Tobias Barreto*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

BEVILAQUA, General Pery Constant. Prefácio da 1ª Edição. In: POERNER, Arthur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 5. ed. ilustrada, rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

BLOCH, Marc. *Introdução à história. (Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien)*. ed. crítica, Mem Martins-Portugal, Publicações Europa-América, 1997

BONALUME NETO, Ricardo. Sangue no Prata. *Nossa História* n. 2, p. 24-26, 2004.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. A impetuosidade dos Jovens Acadêmicos de Medicina na Bahia do Século XIX. In: BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, p. 275-281, 2002a.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. A polêmica suscitada pela Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia ao reprovar o discurso do orador dos Doutorandos de 1871. In: BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, p. 291-296, 2002b.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. De Porteiro a Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. In: BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, p. 63-138, 2002c.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. O Incêndio da Faculdade de Medicina da Bahia. In: BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, p. 301-310, 2002d.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. O cerco e invasão da Faculdade de Medicina da Bahia em 22 de agosto de 1932 pelas tropas do interventor Federal Juracy Montenegro Magalhães. BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *História da Medicina*. Salvador, s/d. Extraído de: <http://www.fameb.ufba.br/historia.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história*. 2. ed.rev. São Paulo: Ática, 2003.

CABRAL, Domingos Guedes. *Qual o tratamento da Febre Amarela?* These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Typographia do Diário, 1875.

CALASANS, José. Introdução de Memorial de Canudos. In: GAUDENZI, Trípole Francisco Britto. *Memorial de Canudos – The Canudos Memorial*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia-Bahiatursa,, p.17-20, 1993.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

CAMPOS, José Carneiro de. *Memória Histórica dos acontecimentos mais notáveis relativo ao anno de 1905*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. *Anais da Imprensa da Bahia. 1º centenário: 1811-1911*. 2ed. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.

CARVALHO FILHO, Aloísio de. Jornalismo na Bahia: 1875-1960. In: TAVARES, Luiz Guilherme Pontes (org.) *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia* . 2ed. ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, p.79-100, 2008.

CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, no anno de 1909 a 1910*. Rio de Janeiro, 1913.

CARVALHO, José Murilo de. *Dom Pedro II- Ser ou Não Ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHIACHIO Carlos. Sergio Cardoso – 1858-1933. (Homens & Obras). *A Tarde*, Salvador, maio 13; p.3, 1936.

CHIAVENNATO, JJ. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CONDECORAÇÕES na classe médica. *Gazeta Médica da Bahia*, v.1, p. 62, 1866.

CONCESSÕES e garantias aos professores, opositores e alunos das faculdades de Medicina em serviço no exército. *Gazeta Médica da Bahia*, v.1, p. 61-62, 1866.

CONI, Antônio Carlos. *Escola Tropicalista Bahiana*. Salvador: Livraria Progresso, 1952.

CONSEGLIERE, Eneida Isabel Chinelatto. Luís Gama. In: JANCSÓ, István; ARBEX JR, José; VESPUCCI, Ricardo; SOUZA, Sérgio de (org.). *Rebeldes Brasileiros*. São Paulo: Casa Amarela Ed; Caros Amigos, p., s/d.

CORPO DE SAÚDE do Exército em Operações no Paraguai. Correspondência científica. *Gazeta Médica da Bahia*, v.2, p. 246-248, 1868a.

CORPO DE SAÚDE do Exército em campanha. Estatística trimestral. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 3, p. 43-45, 1868b.

COSTA, Paulo Segundo da. *Hospital de Caridade São Cristovão/Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia: 450 anos de funcionamento: 1549-1999*. Salvador: contexto & Arte Editorial, 2000.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. [1901]. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 443p.

DAMAZIO, Virgílio C. Bahia 30 de dezembro [Editorial]. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 2, p. 133, 1867.

DANTAS, Almira Vinhaes. Sociedade Acadêmica Alfredo Britto. Salvador, 2011 (impresso).

DANTAS, Manoel Ladislau A. *Memória histórica dos acontecimentos notáveis do anno de 1855 apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia*. Bahia: Typographia e Livraria de E. Pedroza, 1856.

DAVID, Onildo R. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX*. Salvador: EDUFBA/Sarah Letras, 1996.

DESAPARECERAM os ossos de Sérgio Cardozo. *Tribuna da Bahia*, Salvador, julho 1º; p.17, 1971.

DIRETÓRIO Acadêmico. Estatutos do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia e Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia. Bahia: Imprensa Oficial, 1941. 48p.

DORATIOTO, Francisco. Diplomacia de guerra. *Nossa História*, n.2, p. 18-23, 2004.

ENERGIA Elétrica no Brasil, 500 anos. Rio de Janeiro: Centro de Memória da eletricidade no Brasil, 2000.

FESTA DO ESTETOSCÓPIO. *Lábaro*, v.2, n. 5, p.127, set.-nov. 1939.

FESTA DA SAUDADE. *Lábaro*, v.2, n. 5, p.127, set.-nov. 1939.

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FMB.UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Acta da Sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador., 18 de dezembro de 1871.

FMB.UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Acta da Sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador., 01 de março de 1872.

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Actas da Congregação, 1865-1882.

FMB.UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Ata da Sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador., 07 de junho de 1901.

FMB.UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Ata da Sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador., 22 de agosto de 1932.

FMB.UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia. Ata da Sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador., 09 de dezembro de 1932.

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia.. Caixa 326 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1876.

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia.. Caixa 329 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1878.

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia.. Caixa 330 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1879.

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia.. Caixa 332 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1880

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia.. Caixa 332 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1880

FMB-UFBA. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia.. Caixa 338 [Matrículas dos estudantes]. Ano 1887

FONSECA, Luis Anselmo. Dr. Pacífico Pereira. *Gazeta Médica da Bahia*, v.30, p. 251-260, 1898.

FONSECA, Luis Anselmo da. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1891*. Bahia: Diário da Bahia, 1893.

FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. *Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia relativas aos nanos de 1916 a 1923*. Salvador: FMB-UFBA, 2010.

GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007.

GOUVEIA NETO, Hernane. Humberto Trindade. *Jornal Tribuna da Bahia*, Salvador, 20 de abril de 1977.

HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Salvador: Litho-Typografia Tourinho, 1899; 2a ed., Salvador: Egba/Edufba, 1996.

IZECKSOHN, V. Recrutadas da pátria. *Nossa História*, n.2, p. 31, 2004.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. 481f.

JACOBINA, Ronaldo R. Da Dermatologia à Psiquiatria: Vida e obra de Juliano Moreira na Bahia, p.126-136. In: Pondé, Milena P.; Assis-Filho, Bernardo; Lima, Manuela G. (Orgs.). *Saúde Mental: a tensão na atenção. Anais da XII Jornada Nordestina de Psiquiatria*. — Salvador: Associação Psiquiátrica da Bahia. 2008a.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Sérgio Cardozo: um estudante de medicina abolicionista e republicano (1853-1933). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 78, n.2, p. 86-93, jul.-dez. 2008b.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; CASTELLUCCI, José Geraldo; PINTO, Emerson; MELO, Eliane Maria N. Os Acadêmicos de Medicina e os 200 anos da Faculdade de Medicina da Bahia (I): Da criação da Escola em 1808 à participação na Guerra do Paraguai (1864-70). *Gazeta Médica da Bahia*, v. 78, n.1, p. 11-23, 2008.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; CHAVES, Leandra; BARROS, Rodolfo. A “Escola Tropicalista” e a Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 78, n.2, p.86-93, jul.-dez. 2008.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n.4, p.1077-1097, out.-dez. 2008.

JUNQUEIRA, Pedro C; ROSENBLIT, Jacob; HAMERSCHLAK, Nelson. História da hemoterapia no Brasil. *Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia*; 27(3): 201-7; 2005

LIMA JÚNIOR, Francisco P; CASTRO, Dinorah d’Araujo B. *Histórias das ideias filosóficas da Bahia. (século XVI a XIX)*. Salvador: CDPM, 2006.

MAGALHÃES-JÚNIOR, Raymundo. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.

MAGNOLI, Demétrio. No Espelho da Guerra. In: Magnoli, Demétrio (org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAIO, Mário Chor. Afrânio Peixoto; notas sobre uma trajetória médica. *Revista SBPC*, n. 11, p.75-81, 1994.

MARCONI, Maria de A. & LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. 3ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MATTOSO, Kátia. *Bahia, Século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MEIRELLES, Nevolanda Sampaio; Santos, Francisca da Cunha; Oliveira, Vilma Lima Nonato de; Lemos-Júnior, Laudenor P.; Tavares-Neto, José. Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. *Gazeta Médica da Bahia*, v.74, n.1, p. 9-101, jan.-jun. 2004.

MEMÓRIAS Históricas das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. *Gazeta Médica da Bahia*, v.3, p. 277-278, 1869.

MOREIRA Juliano. *Disquinesias Arsenicais (nova contribuição e estado atual da questão)*. [Tese de Concurso para o lugar de Lente Substituto da 12ª seção] Salvador: Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, 1896.

MOREIRA Juliano. *Etiologia da Syphilis maligna precoce*. Salvador-Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1891. (*These para o Doutorado em Ciências Médico-cirúrgicas*). Bahia: Litho-Typographia Lignori, 1891. 158p.

MOURA, Caio Octávio Ferreira de. *Memória Histórica dos acontecimentos mais notáveis relativos ao ano de 1914*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1914.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005. 198p.

NAVA, Pedro. *Capítulos da História da Medicina do Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro, 2003.[1ª edição, 1949].

NICSA - Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro. Arquivo da Biblioteca. Santo Amaro da Purificação - BA, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

OLIVEIRA, Francisco Xavier de. *Beatos e Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Tip. Revista dos Tribunais, 1920.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. Nos primeiros anos da Universidade. In: BOAVENTURA, Edivaldo (Org.). *UFBA – Trajetória de uma universidade: do centenário de Edgard Santos ao cinquentenário da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Ed. do Autor, p. 318-321, 1999.

OSÓRIO, Antônio José. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia do anno de 1866*. Salvador [s.n.t.].

PARTIDA de médicos para o exército. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 1, p. 13-14, 1866.

PASSOS, Alexandre. *Um século de imprensa universitária, 1831-1931*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (Vida e Obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. 56p.

PASTORA, Maria. *Reminiscências...* 2 ed. Salvador, Editoração Avelino Dias, 1999.

PEDRO II. Imperador do Brasil. *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas [Diário da Viagem ao norte do Brasil]*. Rio de Janeiro: Bom Tempo; Letras& Expressões, 2003.

PEIXOTO, Afrânio. Um sábio, mestre e amigo. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, v.23, p. 179-196, 1933.

PEREIRA, Antônio Pacífico. *Memória sobre a Medicina da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

PEREIRA, Jerônimo S. *Memória histórica dos acontecimentos mais notáveis da Faculdade de Medicina da Bahia no anno de 1865*. [s.n.t.].

POERNER, Arthur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 5. ed. ilustrada, rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

PONDÉ, Edístio. *Ligeiras considerações em torno do Espasmo de Torção. Contribuição ao estudo das syndromes extra-piramidais*. Bahia: Typographia Social, 1925.

PROF. DR. JOSÉ Coelho dos Santos. [Ficha do docente com dados biográficos]. Arquivo Geral da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, s/d.

PUPO, Débora. Doutor Sabino. Baiano, período de ação: 1797-1846. In: JANCSÓ, István; ARBEX JR, José; VESPUCCI, Ricardo; SOUZA, Sérgio de (org.). *Rebeldes Brasileiros*. São Paulo: Casa Amarela Ed; Caros Amigos, p.144-159, s/d.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia de Letras, 1991.

RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, Carlos de Araujo. *A Fundação do Brasil - testemunhos 1500-1700*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. *A Faculdade de Medicina na visão de seus memorialistas (1854-1924)*. Salvador: EDUFBA, 1997.

SALLES, Ricardo. Um tiro na escravidão. *Nossa História*, n. 2, p. 27-33, 2004.

SANTOS, Malaquias A. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1854*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

SANTANA, Andreia. Dom Quixote do recôncavo. Jornalista, juiz e médico, Sérgio Cardozo dava fuga a escravos e defendia publicamente a abolição. Memória. *Correio da Bahia*, Salvador, outubro 27, 2002.

SBA. Sociedade Beneficência Acadêmica. *Estatutos da Sociedade Beneficência Acadêmica*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1925. 19p.

SEMANA do Doutorando na Bahia, A. diário da Tarde, Ilheus, v. 2, n. 457, p. 8, 9 de setembro de 1929.

SILVA, Alberto Martins da. *Médicos em Canudos*. Rio de Janeiro, 2009. 38p.

SILVA, Alberto. *A Primeira Médica do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Pongetti, 1954.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília R. *História da República Brasileira. Vol. 2 – O Poder Civil*. São Paulo: Editora Três, 1975.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília R. *A Revolução paulista. História da República Brasileira. Vol. 8*. São Paulo: Editora Três, 1998.

SOCIEDADE ACADÊMICA “Alfredo Britto”. *Lábaro*, v.2, n. 5, p.126-127, set.-nov. 1939.

SOCIEDADE BENEFICÊNCIA Acadêmica. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 53, n.3, p.110, set. 1922.

SOCIEDADE que revive, Uma. *Lábaro*, v.2, n. 5, p.123, set.-nov. 1939.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Apontamentos para a história da Imprensa na Bahia. In: TAVARES, Luiz Guilherme Pontes (org.) *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2ed. ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, p.101-126, 2008.

SOUZA, Antônio Loureiro de. *Baianos ilustres (1564-1925)*. 2.ed. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura-Governo do Estado da Bahia, 1973.

SOUZA, Antônio Loureiro de. Resumo biográfico de Sérgio Cardozo. *A Tarde*, Salvador, janeiro 11; p.4, 1969.

TAUNAY, Alfredo M. A. d'Escragolle. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes Torres (org.) *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2ed. ampl. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. 10 ed. São Paulo: UNESP; Salvador: EDUFBA, 2001. 542p.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *Independência do Brasil na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005. 242p

TAVARES-NETO, José. *Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia*. Feira de Santana-BA: Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.

TEIXEIRA Cid. *História da energia elétrica na Bahia*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2005.

TORRES, Álvaro Lemos. Os grandes clínicos brasileiros do segundo reinado (I) – Da cidade de Salvador, Bahia. *Folha médica*, 80 (5), p. 709-713, 1980.

TORRES, Octávio. *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)*. Salvador: Imprensa Vitória, 1946.

TOURINHO, Demétrio C. *Memória histórica dos acontecimentos mais notáveis ocorridos no anno de 1870 na Faculdade de Medicina da Bahia*. Salvador, s/d [s.n.t.].

VALLE, João R do. Subsídios a História da ‘Gazeta Médica da Bahia’. *Brasiliensia Documenta*, v. 9, p.9-14, 1974.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Aforismo 7. Tratado Lógico-Filosófico (*Tractatus Logico-Philosophicus*). São Paulo: Companhia Editora Nacional-Editora da USP, 1968.

MEMÓRIA HISTÓRICA DO BICENTENÁRIO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, NO PERÍODO DE 2007 A 2008, REDIGIDA PELO PROFESSOR RONALDO RIBEIRO JACOBINA

PARECER DO RELATOR ANTONIO CARLOS NOGUEIRA BRITTO APRESENTADO À CONGREGAÇÃO DA MESMA FACULDADE EM SESSÃO DE 05 DE MARÇO DE 2013

Antonio Carlos Nogueira Britto

Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia - Universidade Federal da Bahia; ex-Secretário Geral, ex-Presidente e atual Vice-Presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, fundado em 29 de novembro de 1946; atual membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de História da Medicina; ex- membro da Comissão Científica para a Região Nordeste, da mesma Sociedade; representante da FMB/UFBA, por iniciativa da Sociedade Brasileira de História da Medicina, em 2008, quando foi designado pelo sodalício nacional para orador oficial, sendo condecorado com a Medalha Jozé Correa Picanço, ao lado de luzeiros da Medicina do País, em sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Conferencista e participante de mesas-redondas e simpósios versando sobre a história da Medicina em diversos eventos na Bahia e em outros estados da Federação; Redator de 68 (sessenta e oito) artigos sobre História da Medicina postados no *link* do *site* da FMB/UFBA <http://www.medicina.ufba.br/História da Medicina>; *Guest Editor* da Gazeta Médica da Bahia, vol. 76. suplemento 2, - Centenário de falecimento do Professor Raymundo Nina Rodrigues - edição *online*, 79p., 2006; colaborador da GMBahia, com vários trabalhos historiográficos levados à estampa.

"O meu vocabulário diminuto se esgotou, se eu continuar, vou cair em redundância. Desse modo, termino, aqui, esta redação, que não tem pretensões literárias. O interesse é mais elevado, espiritual: o de ser um documento de reconhecimento do valor dessa vida que está entrelaçada na minha em muitos nós."

Ronaldo Ribeiro Jacobina, aos 17 anos, ao "Velho Titã", seu ilustre Pai, senhor Deraldo in No Baú da Cafua. p. 73.

EXÓRDIO

Ilustríssima e ilustradíssima Professora LORENE LOUISE SILVA PINTO, muito digna Diretora da Faculdade de Medicina da Bahia - Universidade Federal da Bahia, insignes membros desta colenda Corporação de professores.

Congratulo-me com o júbilo e esperança dos meus pares no azo da exibição de Parecer de minha lavra em derredor da crônica historiográfica redigida pelo Prof. RONALDO RIBEIRO JACOBINA, atinente aos sucessos mais relevantes ocorridos na *Alma Parens - Mãe Criadora* - do ensino médico nacional, no período de 01 de agosto de 2007 a 31 de dezembro de 2008, em observância à indicação e aprovação do seu nome, por unanimidade da Congregação, na sessão de terça-feira, 11 de setembro de 2007.

Estou plenamente convencido de que outro membro desta egrégia Congregação e não um obscuro e desautorizado contador *da* História, deveria ficar à testa de tão distinto encargo e dever. Todavia, eis-me aqui em obediência à extremada benevolência dos meus notáveis pares, ao aprovarem o meu nome, *nemine discrepante*, para cumprir o honroso múnus de Relator da Memória Histórica do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (2008), pela qual docentes, alunos e zelosos e operosos servidores técnico-administrativos laboram com tanto amor e dedicações.

O Memorialista em evidência é dono de admirável facúndia ao ministrar suas magistrais e aclamadas lições à mocidade acadêmica de Medicina desta Faculdade. Professor de Medicina Preventiva e Social da FMB/UFBA, Doutor em Saúde Pública, psiquiatra, bardo, escritor e historiador. Ademais, é bom doutor do vocábulo escrito e hábil na maneira mais requintada, elegante, científica e sobretudo historiográfica ao valer-se da sua destreza mental e perspicácia, para projetar luzernas nos seus escritos da Medicina e da sua fascinante História.

Desde há muito, li, enlevado e impressionado, nos Arquivos Históricos da Casa da Santa Misericórdia, ainda instalados na Rua da Misericórdia, as cópias reprográficas dos originais da tese de Doutorado de Saúde Pública, sustentada pelo Prof. RONALDO RIBEIRO JACOBINA. Amparado pela moderna heurística concernente à História da Medicina, que determina os mais didáticos, importantes e adequados conjuntos de regras e métodos que visam coadjuvar a elaboração das narrativas da *Ars Medicina* da Bahia, o Doutor escreveu com sua pena, digna de nota, a portentosa tese intitulada *A PRÁTICA PSIQUIÁTRICA NA BAHIA (1874-1947) / Estudo histórico do Asilo São João de Deus / Hospital Juliano Moreira / Volume I, levada a lume no Rio de Janeiro por meio do Ministério da Saúde / FIOCRUZ / Fundação Oswaldo Cruz / Escola Nacional de Saúde Pública / Rio de Janeiro / 2001.*

Portanto, pelas qualidades meritórias do Memorialista, acima referidas, ao debruçar-me sobre os originais da obra historiográfica, já previa que a Memória Histórica do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (2008) prometia ser extraordinária.

Não obstante a minha cabeça já se encontrar coifada pelo alvor de argêntas cãs, sinal de longa peregrinação pela vida, e já estando a descer as suas estreitas e tortuosas sendas, tais circunstâncias me concedem a mercê de ser destro em lobrigar através das brumas do tempo que passou, as esmaecidas e ancianas imagens do passado da Faculdade de Medicina da Bahia, moldadas de tradições e saudades.

Em tais condições, a honrosa, azafamada e assaz difícil missão de Relator enche-me de inefável sentimento de orgulho, porquanto tem como escopo o subido dever de emitir Parecer, após, preliminarmente, desdobrar e ler, cuidadosa e judiciosamente, as fulgentes e formidandas páginas que ornam a "*magnum opus*", atopetada de catadupas de considerações, cópias e transcrição de documentos, que narram o Bicentenário da saga da existência épica e prestante deste Templo notável - a Escola *mater* da Medicina do Brasil.

PROLEGÔMENOS

Nos originais da Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernentes ao ano de 2010, de autoria deste Relator e Memorialista, está exarado: "Corria o trigésimo ano da Independência e do Império do Brasil, em uma quarta-feira, 28 de abril de 1854, quando foi lavrado o Decreto N.º 1.387, que dava novos Estatutos para as Faculdades de Medicina, da Corte, no Rio de Janeiro, e a da Bahia, que estava exarado nos termos seguintes: "*Usando da autorização pelo Decreto N.º 714, de 19 de Setembro de 1853: Hei por bem que nas Escolas de Medicina do Imperio se observem os Estatutos, que com este baixão, assignados por Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, que assim o*

tenha entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em vinte e oito de Abril de mil oitocentos cincoenta e quatro, trigesimo terceiro da Independencia e do Imperio

*Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.
Luiz Pedreira do Coutto Ferraz" ⁽¹⁾*

No Título III – "Dos empregados academicos – CAPITULO UNICO – Art. 197", estava estabelecido: "Na Sessão de encerramento a Congregação encarregará a hum dos seus membros de apresentar, na primeira Sessão do anno seguinte, huma memoria historica em que se relatem os acontecimentos notaveis do anno findo".

Nessa memoria será especificado o gráo de desenvolvimento a que for levada, nesse mesmo periodo, a exposição das doutrinas, tanto nos Cursos publicos, como nos particulares.

*Lido o trabalho e approved, será recolhido á Bibliotheca para servir de Chronica da Faculdade" **

Pelo exposto, *ut supra*, as crônicas historiográficas deveriam ser lidas perante a Congregação pelo professor memorialista, para a necessária aprovação ou rejeição ou a reformulação da escrita da história da FMB, que relatam os sucessos mais relevantes do findo ano letivo; o trabalho, se aprovado pela Assembleia de Professores, ficaria custodiado na Biblioteca da Escola Primaz de Medicina, para servir de narração histórica da Faculdade. Não se faz referência a indicação de Relator para exhibir Parecer, perante a Congregação, sobre as Memória Históricas da lavra de avoengos cronistas.

⁽¹⁾ Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz (1818-1886), ao depois 1.º visconde do Bom Retiro, título criado por D. Pedro II por decreto de 19 de outubro de 1867 (N. M - MH-FMB - 2010).

** Cf. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano 2010 - Originais).*

SOBRE A FIGURA DO RELATOR E A RESPEITO DO RITO AO APRESENTAR À CONGREGAÇÃO PARECER RELATIVO A MEMÓRIA HISTÓRICA

O Professor GONÇALO MONIZ SODRÉ DE ARAGÃO (1870-1939), Catedrático de Patologia Geral, autor da celebrada Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1924, deixa consignada na página 344 a seguinte apreciação: *"Os historiadores da nossa Faculdade, como aliás das congeneres do paiz, já gosam, portanto, há muito, de plena liberdade na manifestação do seu juizo critico, dos conceitos e ponderações que lhes aprouver formular ácerca das occorrencias e actos referidos. As suas opiniões sobre os mesmos não constituem objecto de julgamento da Congregação, e, como corollario, - ainda que approveda a memoria - a responsabilidade daquelas lhes cabe exclusivamente."*

O primeiro Memorialista da Faculdade de Medicina da Bahia referente ao ano de 1854, foi o Lente de Medicina Legal, Professor MALAQUIAS ALVARES DOS SANTOS (1810 -1856), ou (1816- 1856), segundo o Dr. AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE (1827-1903), médico baiano, biógrafo, poeta e historiador.

Terça-Feira, 19 de dezembro de 1854, Congregou-se a Faculdade de Medicina da Bahia, sob a presidência do diretor do Estabelecimento de ensino médico, Prof. JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA e secretariada pelo Dr. PRUDÊNCIO JOZÉ DE SOUZA BRITTO COTIGIPE** "Abriu-se a sessão e lida a acta da antecedente foi aprovada". "Na sequência de apreciações dos assuntos apresentados na sessão, "o Doutor Director fazendo ver que tendo se encerrado a Faculdade hoje, e devendo a Congregação de conformidade com o art.º 197 encarregar a um dos seus membros de apresentar na primeira sessão do ano seguinte uma memoria historica em que se relate os acontecimentos notaveis do anno findo, procedeo-se a votação e foi nomeado o D.º Malaquias com nove votos, tendo-se tido dous cada um dos D.ºs Baptista e Aranha, e em cada um os D.ºs Director, Gomes, Antunes, e Souto. Levantou-se a sessão. Do que para constar Eu Prudencio Jozé de Souza Britto Cotigipe, Secretario, lavrei e assignei com todos os Lentes presentes."*

Observa-se na Ata da sessão da Congregação, em uma quinta-feira, 1.º de março de 1855 - " ... O D.º Malaquias apresentou a memoria historica sobre os acontecim.^{tos} notaveis do anno findo em conformid.^e do art.º 197 dos Estatutos, cuja leitura ficou adiada para a primeira sessão por estar adiantada a hora."

Ata da sessão da Congregação em uma sexta-feira, 16 de março de 1855 -- "*Prezentes todos os Lentes, o D.º Director abriu a sessão, e lida a acta da antecedente foi aprovada. O D.º Malaquias começou a leitura da memoria historica á seo cargo, que ficou addiada para a primeira sessão por estar adiantada a hora. Levantou-se a sessão.*"

Ata da sessão da Congregação em uma quarta-feira, 21 de março de 1855 – "*Prezentes todos os Lentes, a excepção do D.º Ozório, certamente por não ter recebido avizo, o D.º Director abriu a sessão ...*" "*... Por estar adiantada a hora o D.º Director addiou para amanhã 22 do corrente a continuação da leitura da memória histórica á seo cargo, digo, á cargo do D.º Malaquias. Levantou-se a sessão.*"

Ata da sessão da Congregação em uma quinta-feira, 22 de março de 1855 – Termo de posse do Dr. JOÃO FRANCISCO d'ALMEIDA como diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. Não constou da pauta da sessão a continuação da leitura da memória histórica pelo Dr. Malaquias.

Ata da sessão da Congregação em quarta-feira, 28 de março de 1855 – "*... O D.º Malaquias continuou a leitura da memória histórica a seo cargo, a qual terminando, e pondo o D.º Director em votação, o D.º Cabral propôs que devia ter lido segunda vez para poder votar; e assim se resolveo, contra os votos dos D.ºs Jonathas, Aranha e Queiroz, declarando por esta ocasião o D.º Gomes, que votava somente sobre a parte relativa aos acontecimentos notaveis do anno findo, como manda a Lei, e não sobre todo o trabalho apresentado pelo D.º Malaquias."* Cf. *Memória Histórica concernente ao ano de 2010.*

Estão disponíveis para pesquisa as crônicas levadas a lume e narradas pelos Memorialistas Professores GONÇALO MONIZ SODRÉ DE ARAGÃO (1924), EDUARDO DE SÁ OLIVEIRA (1942), RODOLFO DOS SANTOS TEIXEIRA (1943-1995) e ELIANE ELISA DE SOUZA e AZEVÊDO (1996).

Os originais das Memórias Históricas escritas pela DR.^a CRISTINA MARIA MASCARENHAS FORTUNA (1916-1923) e as de minha autoria (2010) foram primorosamente encadernadas pelos cuidados e presteza do Diretor Professor JOSÉ TAVARES-NETO e estão custodiados no Arquivo Geral da FMB/UFBA.

O Memorialista Prof. RODOLFO DOS SANTOS TEIXEIRA, autor da Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1994) apresentou sua admirável crônica historiográfica à Congregação, sendo aprovada por aclamação na sessão de 30 de dezembro de 1997. Cf. *MH / 1996-2007*, p. 226.

Perlustradas e lidas pelo Relator por parte das Memórias Históricas oferecidas aos estudiosos na FMB/UFBA, não foram encontradas, em nenhuma delas, salvo engano, a figura do Relator no rito acadêmico para a avaliação das crônicas historiográficas pela Congregação, com exceção da celebrada Memória Histórica redigida pela Professora ELIANE ELISA DE SOUZA AZEVÊDO, atinente ao período de 1996 a 2007, cujo Relator à Congregação foi o Professor FERNANDO MARTINS CARVALHO, titular de Medicina Preventiva da FMB.

A história recente da nossa Faculdade de Medicina revela que o diretor da FMB/UFBA Professor JOSÉ TAVARES CARNEIRO NETO (2003-2011), fixou a forma do *Relator da MH*, com aprovação da Congregação, ao estatuir normas por meio de Portaria FAMEB nº 028/2007, quando exara: " ... e cumprindo deliberações anteriores da Congregação de 1854, de 1999 e de 11 de setembro de 2007", resolve: "... Art. 2º, § 1º: de posse da cópia impressa da Memória Histórica da FAMEB e da versão eletrônica da mesma, cabe à Direção determinar a abertura de processo e nomear Relator(a), membro da Congregação e sem vínculo departamental com o(a) Memorialista, para apresentar parecer indicando à Congregação: a aprovação, a rejeição ou a reformulação da Memória". ***

* João Francisco de Almeida, Diretor da FMB (1844 a 1855), Lente Jubilado de Medicina Legal.

**Prudencio José de Souza Britto Cotigipe, Bacharel em Medicina e Cirurgia" "*p.^{ta} Universid.^e de Coimbra*", foi nomeado secretário interino da Faculdade de Medicina da Bahia, " em cujo exercício já se acha," no dia 21 de março de 1833, em observância dos Arts. 8.º 10.º da lei de 3 de 8br.º do anno proximo passado. "*" (N. M. - MH-FMB - 2010)

***Cf . *MH / 1996-2007* - Memorialista Prof.^a Eliane Elisa de Souza e Azevêdo. p. 230.

Ao depois, sabiamente inspirado, o Professor JOSÉ TAVARES-NETO, reconsiderou algumas resoluções normativas expedidas na sobredita Portaria, e, no azo do intróito da supra-referida crônica historiografia referente ao período de 1996-2007, sob o título *RUMO AO BICENTENÁRIO*, assim opinava: " ... o Memorialista não deve ser gestor, nem dirigente e também não deve qualquer satisfação hierárquica; desse modo, só tem como limites exclusivamente aqueles impostos pelos fatos, a Ética e a Constituição do Brasil. Sendo assim, tem a liberdade da expressão e essa deve ser a propulsora de uma Memória, até por ser obra autoral e onde é de direito a livre expressão. Por isso mesmo, para as próximas memórias, irei propor à Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia outro rito administrativo: em lugar de relator e submissão à aprovação da Congregação, o(a) Memorialista apresenta seu trabalho à Congregação, não cabendo o julgamento do mesmo e como tal será publicado. Além de ser essa a forma mais democrática, evitar-se-á fato semelhante ao de conhecido e de triste passado: da Memória do Prof. Raymundo Nina Rodrigues concernente ao ano de 1896, a qual não foi aprovada pela Congregação e na atualidade é reconhecida como sendo uma das mais originais Memórias da Faculdade de Medicina da Bahia."... ". Cf. *Opus cit.* - páginas iniciais - *RUMO AO BICENTENÁRIO*, s/n e referência. Nota de rodapé nº 2.

Por conseguinte, foi grande a minha surpresa no que diz respeito a utilização do rito preciso para a apresentação da Memória Histórica do Bicentenário a Faculdade de Medicina da Bahia (2008), levada a efeito na sessão de terça-feira, 8 de janeiro de 2013, com a aprovação unânime do meu nome pela Congregação, para desempenhar a função de Relator da referida crônica historiográfica, pois estava a imaginar que o procedimento acadêmico seria o mesmo posto em prática em relação a Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 2010, de minha autoria, quando os originais e versão eletrônica foram por mim deixados aos cuidados do Prof. JOSÉ TAVARES-NETO, no azo da reunião ordinária da Congregação, na terça-feira, 28 de março de 2011 e, ao depois, em solenização de investidura no cargo de Diretora da FMB/UFBA, a Professora LORENE LOUISE SILVA PINTO, levada a efeito na quarta-feira, 13 de julho de 2011, ocasião em que os originais, encadernados por iniciativa do Diretor da FMB/UFBA, atinentes a Memória Histórica de 2010, foram passados à posse da nova Diretora.

Da mesma forma, a infatigável pesquisadora da historiografia da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, atenta observadora de fontes manuscritas primárias, originais, Dr.^a CRISTINA MARIA MASCARENHAS FORTUNA, mediante entrega ao protocolo da Secretaria, em 20 de dezembro de 2010, fez chegar aos cuidados do Diretor Prof. JOSÉ TAVARES-NETO, a primeira parte da Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, correspondente ao período de 1916-1923. A memorialista DR.^a CRISTINA MARIA MASCARENHAS FORTUNA foi aprovada pela Congregação, em sessão de 09 de outubro de 2007, para o mister de ser a cronista referente aos períodos de 1916 a 1923 e de 1925 a 1941. A MH concernente ao último espaço de tempo - 1925 a 1941 -, está sob os cuidados azafamados e ingentes da pesquisadora, para ser posta a termo. Destarte, nesse caso, também não houve observância e exigência do rito de Relator apresentando parecer à Congregação, em derredor da supra-referida crônica historiográfica redigida pela historiadora do Arquivo Geral da FMB.

Na sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, às 09:00 horas, na terça-feira, 08 de janeiro do ano fluente, realizada na sede *mater*, *sita ao Terreiro dos meninos da Casa de Jesus* - denominação de antanho - e atual Terreiro de Jesus, foi aprovada, por unanimidade, a indicação de minha pessoa para exercer a subida função de Relator da Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, pertinente ao período de agosto de 2007 a dezembro de 2008. O Prof. RONALDO RIBEIRO JACOBINA, redator da sobredita crônica historiográfica, entregou-me dois alentados e ponderosos volumes contendo os originais do estudo histórico e crítico, relativo aos memoráveis e épicos fastos da bicentenária e prestante existência da Escola primaz da medicina nacional.

O Memorialista está a aditar aos dois volumes da sua composição narrativa da História do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia, um outro tomo pertinente à biografia e iconografia de professores falecidos, que avultaram no ensino médico, complementando, na medida do possível, a homenagem prestada aos extintos mestres pelo Memorialista Prof. EDUARDO DE SÁ OLIVEIRA, cronista da memória concernente ao ano de 1942.

MEMÓRIA HISTÓRICA DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (MH) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (AGOSTO DE 2007 A DEZEMBRO DE 2008)

O cronista da Memória Histórica (MH) em tela, experimentado e perspicaz historiador, munuiu-se de modernos e proficientes modos de proceder, coadjuvado por meio de regras e postulados heurísticos, com o escopo de incursionar nas vastíssimas galerias da história da Faculdade de Medicina da Bahia e reconstituir e moldar o luzente cenário da celebração do Bicentenário da primaz escola *da Ars medicina*, instituída no solo pátrio.

Quando os historiadores vislumbram as névoas dos graves óbices, que tornavam sombrosas as galerias da história da Faculdade de Medicina da Bahia, que tendiam e tendem a amortilhar a Instituição, desde os tempos idos até os dias de hoje, os extensos corredores em que se dispõem a épica História de sua existência, ressurgem refulgentes nos aplausos de vitórias adquiridas com honra, coragem e dignidade, coroadas graças aos mais lídimos devotamentos.

O primeiro Instituto de ensino médico entre nós vem acumulando exemplos e dedicações no desdobrar de avelhados manuscritos das pretéritas centúrias, que permitem uma visão retrospectiva ao abeberar no inesgotável manancial de fontes historiográficas. Destarte, a solenização do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia, revivida e reconstituída pelo Memorialista, permite alumiar o tempo que passou e lobrigar os fastos épicos e as tradições, que servem para robustecer o presente e nortear o porvir.

Devidamente analisada, preliminarmente, pelos professores VERA LÚCIA ALMEIDA FORMIGLI e FERNANDO MARTINS CARVALHO, como leitores críticos, a Memória Histórica em análise abrange o 2º semestre de 2007, etapa inicial de preparativos das solenizações do Bicentenário da Faculdade de Medicina e compreendendo, evidentemente, todo o escoar do ano de 2008, período referencial acolhido com festejos, glorificação e atos comemorativos com pompa e magnificência.

Já em 2007, como parte dos eventos preliminares de celebração, foi realizado o ato solene de graduação dos estudantes de Medicina, no outrora esplendoroso, fastuoso e inolvidável *Amphitheatro* - do gr. *amphithearon* - "Alfredo Britto", lídima jóia arquitetônica, na sede *mater* no Terreiro de Jesus, em 15 de dezembro daquele ano. Da mesma forma, quando chegou ao fim as celebrações solenes do Bicentenário, as cerimônias de formatura foram levadas a efeito no vetusto Salão Nobre da FMB, em 15 de dezembro de 2008.

Precatou-se o Memorialista, adremente, sempre aferrado às observâncias de diretrizes e cumprimento rigoroso do conjunto de normas e princípios éticos que norteiam a boa conduta do ser humano, porquanto as fontes de informes abrangem pessoas que foram entrevistadas, pois que os elementos informativos colhidos objetivavam declarações e opiniões, que deverão ser levadas a lume em revista ou livro, em conformidade com o estatuído na Resolução 196/96 - MS/CNS/CONEP. Destarte, foi apresentado, ainda no mês março de 2007, o projeto de Pesquisa respeitante à MH, ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Maternidade Climério de Oliveira, sendo dada a precisa aprovação no 1º semestre de 2007.

Considerando que a MH redigida pela Memorialista Prof.^a ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVÊDO, contém em si o período de 1996-2007 e tem no seu termo a reeleição e posse do Diretor da FMB/UFBA, a 13 de julho de 2007, a MH, ora em análise, deu princípio durante o início da segunda gestão do Prof. JOSÉ TAVARES-NETO.

As considerações sobre a MH em evidência, no volume I, por motivo de preciso estudo a minuciar e apreciação dos sucessos acadêmicos, foi dividida em duas fases definidas: 1º período - de 01 de agosto a 14 de dezembro de 2007; e 2º período - de 15 de dezembro de 2007 a 31 de dezembro de 2008.

A Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (Agosto de 2007 a dezembro de 2008), no volume I, é composta de 5 capítulos.

O capítulo I reporta-se ao período de 01 de agosto a 14 de dezembro de 2007 e trata dos acontecimentos consignados nas atas da Congregação.

O capítulo II registra os sucessos de 15 de dezembro de 2007 a 31 de dezembro de 2008 e aborda as ocorrências lavradas nas atas da Congregação.

O capítulo III discorre sobre o Colegiado de Curso de Graduação em Medicina, no período de 13 de julho de 2007 a 31 de dezembro de 2008.

O capítulo IV versa sobre o Colegiado dos Cursos de Pós-graduação da FAMEB.

O capítulo V tem por objeto os Departamentos da FAMEB e principais acontecimentos no período de julho de 2007 a dezembro de 2008 e discorre em derredor do Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal; Departamento de Apoio Diagnóstico (DAPT); Departamento de Cirurgia (DAC); Departamento de Ginecologia, Obstetrícia e Reprodução Humana (DGORH); Departamento de Medicina; Departamento de Medicina Preventiva e Social (DMPS); Departamento de Neuropsiquiatria/ Neurociências e Saúde Mental; Departamento de Pediatria (DEPPED).

Ao depois, encontram-se consignadas as Referências Bibliográficas (Fontes Primárias e Fontes Secundárias); Figuras (14 Figuras); Gráficos (03 Gráficos); Quadros (10 Quadros) e Tabelas (08 Tabelas).

Da mesma maneira, os ANEXOS entram na composição do volume 2, que exhibe exuberantemente 36 documentos apensos.

Os Anexos discorrem de maneira transparente, meticulosa e judiciosa em derredor dos seguintes assuntos acadêmicos respeitantes ao período abordado pela Memória Histórica do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia- Agosto de 2007 - Dezembro de 2008.

Anexo I - Projeto de Pesquisa "Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia / FAMEB - UFBA (Agosto de 2007 - Dezembro de 2008)", apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Maternidade Climério de Oliveira; **Anexo II** - Parecer da Comissão de Sindicância composta através de Portaria 07/2007, da Faculdade de Medicina, Universidade da Bahia, Universidade Federal da Bahia, para apuração de fatos descritos no Processo 2666.034962/06-35; **Anexo III - 3.1:** Relatório Final da Comissão de Sindicância sobre tais irregularidades na seleção do período 2005/2006 do Curso de Pós-Graduação em Medicina e Saúde - CPGMS Processo nº 23066.007373/06-10; **3.2:** Comissão de Processo Administrativo Disciplinar - Relatório Final; **Anexo IV** - Artigo do prof. Armando Avena "UFBA: tempos estranhos", publicado em "A Tarde" de 01/12/2007; **Anexo V** - O poema "Carta a Luciana"; **Anexo VI** - Ata da Reunião extraordinária da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, realizada em 18/12/2007; **Anexo VII** - Discurso do Professor Homenageado na Solenidade Inicial de Comemoração do Bicentenário da FAMEB - Formatura de medicina de 15/12/2007; **Anexo VIII** - Roteiro dos Atos Comemorativos da FMB-UFBA - 18/02/2008; **Anexo IX** - Roteiro da Sessão Solene da Congregação Comemorativa do Encerramento dos Festejos do Bicentenário da FAMEB-UFBA, 15/12/2008; **Anexo X** - Médicos da Turma de 1958 (Sesquicentenário da FAMEB), da Turma de 1961 (FAMEB como Paraninfa) e formandos de 2008.2; **Anexo XI** - Relatório de 2008 do PET Medicina; **Anexo XII** - Pareceres I e II da Comissão da FAMEB-UFBA para avaliação da adesão ou não ao REUNI; **Anexo XIII** - DAMED que convocou o boicote em 2007 ao ENADE - convoca o não boicote em 2010; **Anexo XIV** - o cordel "A vingança do berimbau"; **Anexo XV** - Nota pública da Faculdade de Medicina da Bahia, 05 de maio de 2008; **Anexo XVI** - Avaliação interna do curso médico da FMB-UFBA; **Anexo XVII** - Grupo de Trabalho (Portaria FAMEB Nº 023/2004), Projeto de transformação Curricular para o curso de graduação da FAMEB; **Anexo XVIII** - Grupo de Trabalho (Portaria FAMEB Nº 039/2006) Projeto de Transformação Curricular para o curso de graduação da FAMEB; **Anexo XIX** - Novo projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Medicina da

FAMEB/UFBA, dezembro 2007; **Anexo XX** - Portarias FMB-UFBA nº 06/2008 e nº e nº 21/2008; **Anexo XXI** - Programa de Pós-Graduação Patologia Humana (PGPH) - Alunos matriculados do Mestrado e Doutorado - 2007-2008; **Anexo XXII** - Pós-Graduação Patologia Humana - Ufba/Fiocruz. Defesas de Dissertação e Teses 2007-2008; **Anexo XXIII** - Mestrandos e Orientadores do PGSAT - Pós-Graduação Saúde Ambiente e Trabalho - 2007 e 2008; **Anexo XXIV** - Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho: Título da dissertação, nome do aluno e banca examinadora - turma ingressa em 2008; **Anexo XXV** - Ata da Instalação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da FAMEB-UFBA; **Anexo XXVI** - Relatórios das atividades do CETAD. Jan-Maio 2008; **Anexo XXVII** - Em Reportagem do Correio da Bahia Reitor insinua Fameb contra o sistema de cotas; **Anexo XXVIII** - Voto da Faculdade de Medicina da Bahia da Ufba sobre o Programa de Ações Afirmativas; **Anexo XXIX** - Docentes Permanentes e Servidores Técnicos-Administrativos no DMPS - 2007-2008; e Professores Substitutos do DMPS - 2007; **Anexo XXX** - Atividades de Ensino do DMPS - Graduação 2007-2008; **Anexo XXXI** - Carga horária semanal dos docentes e técnicos segundo as diferentes atividades (Quadro e Gráfico) - DMPS, 2007; **Anexo XXXII** - Atividades de Pesquisa e Extensão do DMPS -2007; **Anexo XXXIII** - Distribuição dos alunos dos diferentes cursos da UFBA matriculados na ACC-MED 459 por semestres (2001.2-2008.2); **Anexo XXXIV** - Programas de Residência Médica - Disciplinas oferecidas pelo DMPS, 2007-2008; **Anexo XXXV** - Disciplinas do Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho oferecidas DMPS, 2007-2008; **Anexo XXXVI** - Parecer justificando a mudança do nome do Departamento de Neuropsiquiatria para Departamento de Neurociências e Saúde Mental.

Os métodos heurísticos historiográficos visando a composição dessa MH foram implementados ao abeberar o cronista nos opulentos e fecundos mananciais, quando relevantes dados revelaram-se por meio de testemunhos voluntários e involuntários, além de entrevistas com gestores e lideranças no âmbito da Faculdade de Medicina da Bahia / UFBA, e, além do mais, por intermédio de documentos, atas das sessões da Congregação, dos colegiados e departamentos, Portarias da Direção etc.

O Memorialista decidiu apresentar a crônica historiográfica em tela em três partes: A 1ª parte versa sobre os fatos e pessoas proeminentes no período de agosto de 2007 a dezembro de 2008; a 2ª dá conta da continuidade das ações de recuperação da história das atividades e organizações dos estudantes de Medicina; e a 3ª parte salienta de meio ainda que por alto o desempenho dos servidores técnico-administrativos na história da FMB/UFBA.

Estava a conjecturar, ao debruçar-me sobre os originais da Memória Histórica do Bicentenário da FMB/UFBA, se seria imprescindível tecer considerações e formar, se necessário, juízo crítico em derredor da quase totalidade dessa alentadíssima obra historiográfica. Dei-me conta, desalentadíssimo, depois de leitura atenta dos dois volumes, da impossibilidade de extenuante e difícil tenção, pois como poderia tentar lapidar uma pedra preciosa já polida e luzidia? Como poderia pretender aperfeiçoar uma produção intelectual executada com perfeição e esmero? Como poderia tocar com as mãos o inatingível? Como poderia retocar com traços e cores uma inefável obra-prima pictórica? E, mais: como ao pecador, privado da bem-aventurança e da graça santificante, lhe estaria assegurado alcançar a visão beatífica, celestial, da contemplação da majestade e da infinita beleza e do esplendor eterno de Deus?

PARECER:

Por conseguinte, considerando que a Memória Histórica do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (2008) moldada pelo seu autor, Prof. RONALDO RIBEIRO JACOBINA, fundamentou-se na mais atualizada e dinâmica metodologia e incomum estilo da heurística historiográfica;

considerando que o Memorialista serviu-se de fontes documentais, escritos contemporâneos e retrospectivos, testemunhos voluntários e involuntários e entrevista com gestores e lideranças dos diversos segmentos da Faculdade de Medicina da Bahia, que se prestaram de alicerce e estrutura, sobre as quais se assentam a exposição de análise escrita da recente história da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, no azo das solenizações do fulgor do seu Bicentenário;

considerando que a correta abordagem de Fontes Primárias (Atas, Avisos, Ofícios Pareceres, Processos, Relatórios) e Fontes Secundárias (Livros, periódicos, jornais. Impressos e eletrônicos) plasmou portentosa Memória Histórica, ao exibir, exuberantemente, exata pesquisa de técnica qualitativa, que traslada e reconstitui as luzentes e arrebatadoras comoções do Bicentenário da FMB/UFBA.

considerando que a Memória Histórica do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia se constitui, pela sua extraordinária grandeza, em valioso e minucioso documento de escol da História da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, narrado em estilo rico e cintilante;

considerando que a crônica historiográfica em tela atingiu o cume da mais grandiosa produção intelectual e titânico esforço, com a narração da existência prestante e épica da primaz Escola de Medicina nas celebrações do seu Bicentenário, fazendo avultar na fronteira deste Templo da Medicina primaz nacional a glória da sua existência e adornando o frontão do alto com as conquistas do bicentenário da sagração da Medicina do Brasil:

submeto o Parecer de minha autoria, expostas as ponderações *ut supra*, à apreciação da egrégia Congregação, quando rogo que se digne aprovar com a menção de distinção e louvor a Memória Histórica do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia, redigida pelo Prof. RONALDO RIBEIRO JACOBINA.

Post scriptum: Não tivesse o Memorialista Prof. RONALDO RIBEIRO JACOBINA escrito a "*magnum opus*" em tela, certamente os historiadores estariam a inquirir: - *Que justificativa há de dar sobre a omissão da narração historiográfica relativa ao Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia?* Eis a resposta: - "*Vae mihi, quia tacui*" ("*Ai de mim, que me calei*")." (Is 6:5)

"*Dixi*" (Tenho dito).

Cidade do Salvador, Bahia, 05 de março de 2013.